O Lorde Supremo

Quando a aprendiz supera o mestre, é apenas o começo de um grande embate.

TRUDI CANAVAN

A Trilogia do Mago Negro – Livro 3

Editora Novo Conceito

BIBLIOTECA
DO EXILADO

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Parte um

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18

Parte dois

- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23

Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Epílogo

Guia de Lorde Dannyl para as gírias das favelas

Glossário

MAPAS

Trudi Canavan

O Lorde Supremo

A Trilogia do Mago Negro
Livro 3

Tradução
Frank de Oliveira e
Júlio Monteiro de Oliveira

Editora Novo Conceito

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2004 pela Orbit
Copyright © 2003 by Trudi Canavan
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão Digital - 2013

Edição: Edgar Costa Silva
Produção Editorial: Alline Salles, Lívia Fernandes, Tamires Cianci
Revisão de Texto: Lilian Aquino, Elisabete B. Pereira
Diagramação: Vanúcia Santos
Diagramação ePUB: Brendon Wiermann

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Canavan, Trudi

O lorde supremo : a trilogia do mago negro, livro 3 / Trudi Canavan ; [tradução] Frank de Oliveira e Júlio Monteiro de Oliveira. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2012.

Título original: The high lord.
ISBN 978-85-8163-148-6
eISBN 978-85-8163-217-9

1. Ficção inglesa I. Título.

12-14571 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção de fantasia : Literatura australiana 823
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Este livro é dedicado a meus amigos, Yvonne e Paul. Obrigado pela ajuda, honestidade e paciência e por lerem essa história de novo, de novo e de novo...

Agradecimentos

Muitas, muitas pessoas me encorajaram a escrever essa trilogia e me auxiliaram nisso. Além daquelas a quem agradeci em *O Clã dos Magos* e *A Aprendiz*, gostaria de fazer uma menção adicional para as que me ajudaram a escrever este livro:

Mais uma vez, meus revisores, que me deram conselhos valiosos: Mamãe e Papai, Paul Marshall, Paul Ewins, Jenny Powell, Sara Creasy e Anthony Mauricks.

Fran Bryson, meu agente. Obrigado por proporcionar o cenário perfeito para minhas “férias trabalhando”.

Stephanie Smith e a equipe aplicada da HarperCollins, por transformar minhas histórias em livros tão atraentes e refinados. Justin, da Slow Glass Books, Sandy, da Wormhole Books, e os vendedores de livros, que divulgaram essa trilogia com tanto entusiasmo.

E obrigado a todas as pessoas que me escreveram *e-mails* com elogios para *O Clã dos Magos* e *A Aprendiz*. Saber que gostaram das minhas histórias mantém o fogo da inspiração queimando forte.

Parte um

Capítulo 1

A Mensagem

Na poesia antiga kyraliana, a lua é conhecida como o Olho. Quando o Olho está bem aberto, sua presença atenta detém o mal — ou encoraja a loucura naqueles que cometem maldades sob seu olhar. Fechado, com apenas uma fenda branca a marcar sua presença adormecida, o Olho permite que feitos escondidos tanto do bem quanto do mal permaneçam despercebidos.

Olhando para a lua, Cery deu um sorriso irônico. Essa fase do Olho, uma fenda estreita, era a preferida por amantes secretos, mas ele não estava se apressando por entre as sombras da cidade para um encontro desses. Seu propósito era de um tipo mais sinistro.

Se seus feitos se voltavam para o bem ou para o mal, no entanto, era difícil para ele saber. Os homens que ele caçava mereciam seu destino, mas Cery suspeitava que havia um propósito mais profundo para o trabalho que fora encarregado de fazer além de apenas reduzir os assassinatos que haviam atormentado a cidade nos últimos anos. Ele não sabia tudo sobre todo aquele negócio horrível — disso tinha certeza —, mas provavelmente sabia mais do que qualquer outra pessoa na cidade.

Enquanto andava, ele refletiu sobre o que sabia. Havia aprendido que os assassinatos não eram realizados por apenas um homem, mas por uma sucessão deles. Também havia notado que esses homens eram todos da mesma raça: sachakana. E o mais importante, no entanto: sabia que eles eram magos.

Até onde Cery sabia, não havia sachakanos no Clã.

Se os Ladrões estavam cientes de alguma coisa a respeito, eles mantinham o conhecimento bem escondido. Lembrou-se de uma reunião dos Ladrões em que estivera presente dois anos antes. A tênue aliança dos líderes dos grupos do

submundo havia achado graça na oferta de Cery de encontrar e deter o assassino. Aqueles que perguntavam maliciosamente por que Cery não havia sido bem-sucedido após tanto tempo transcorrido deviam estar assumindo que havia apenas um assassino, ou eles poderiam querer que ele *achasse* que era tudo que eles sabiam.

Toda vez que Cery lidava com um dos assassinos, outro começava o trabalho medonho. Infelizmente, isso dava a impressão para os Ladrões de que Cery estava falhando em sua tarefa. Tudo que ele podia fazer era ignorar as perguntas deles e esperar que seu sucesso em outras atividades do submundo compensasse isso.

Do quadrado escuro de uma entrada, a forma de um homem grande surgiu. A luz de lâmpadas distantes revelou um rosto soturno e familiar. Gol acenou com a cabeça uma vez, e então ficou um passo atrás de Cery.

Chegando a uma interseção de cinco ruas, eles se aproximaram de um prédio em forma de cunha. Quando ultrapassaram as portas abertas, Cery cheirou com prazer o forte odor de suor, bol e comida. Era o começo da noite, e a boleria estava cheia. Foi até um assento no balcão, onde Gol pediu dois canecos de bol e um prato de crots salgados.

Gol mastigou metade dos feijões antes de falar.

— Nos fundos. Círculo de fumo. O que me diz, filho?

Cery e Gol com frequência fingiam ser pai e filho quando não queriam que suas verdadeiras identidades fossem conhecidas — vale dizer, a maior parte do tempo que passavam em público naqueles dias. Cery era apenas alguns anos mais novo que Gol, mas, com sua pequena estatura e rosto juvenil, com frequência se via confundido com um jovenzinho. Ele esperou por alguns minutos e então deixou seu olhar mover-se para o fundo da boleria.

Embora a sala estivesse cheia, era fácil achar o homem que Gol havia apontado. Seu característico rosto sachakano, largo e moreno, sobressaía entre os pálidos rostos kyralianos e ele observava a multidão cuidadosamente. Olhando de relance para os dedos do homem, Cery notou o brilho vermelho na prata

embotada de um anel. Desviou o olhar.

— O que acha? — Gol murmurou.

Cery pegou seu caneco e fingiu tomar uma golada de bol.

— Muito incômodo para nós, pai. Vamos deixá-lo para outro.

Grunhindo em resposta, Gol tomou o resto do caneco e colocou-o de lado. Cery o seguiu para fora. A algumas ruas de distância da boleria, enfiou a mão no casaco, tirou três moedas de cobre e as pressionou de encontro à mão grande de Gol. O homenzarrão suspirou e foi embora.

Cery deu um sorriso levado, e então se curvou e abriu uma grade de ferro numa parede próxima. Para qualquer estranho, Gol parecia completamente tranquilo com a situação. Mas Cery conhecia aquele suspiro. Gol estava assustado... e ele tinha motivo para isso. Todo homem, mulher e criança na favela corriam perigo enquanto aqueles assassinos estivessem por ali.

Cery deslizou por trás da grade na passagem abaixo. As três moedas que ele tinha dado a Gol iriam pagar três crianças de rua para entregar uma mensagem... três para o caso de a mensagem ser perdida ou se atrasar. Os recipientes eram artesões de um tipo ou de outro, que iriam passar a mensagem pela guarda da cidade, por um garoto de entregas ou por um animal treinado. Cada homem ou mulher no caminho da mensagem não sabia nada do significado por trás dos objetos ou códigos que recebiam. Apenas o homem no destino final iria entender seu significado.

Quando ele recebesse a mensagem, a caçada iria começar de novo.

Deixando a sala de aula, Sonea percorreu lentamente seu caminho pelo cheio e barulhento corredor principal da Universidade. Ela normalmente prestava pouca atenção no que os outros aprendizes faziam, mas hoje era diferente.

“Um ano hoje desde o Desafio”, ela pensou. “Um ano inteiro desde que ela lutara com Regin na Arena, e tanta coisa mudara.”

A maioria dos aprendizes se juntava em grupos de dois ou mais e estavam

caminhando em direção à escadaria de trás e para o Refeitório. Algumas garotas se demoravam próximas à porta da sala de aula, conversando em murmúrios conspiratórios. Na ponta mais distante do corredor, um professor saiu da sala de aula seguido por dois aprendizes que carregavam grandes caixas.

Sonea observou os rostos de alguns dos aprendizes, que a notaram. Ninguém a encarou nem fez cara feia. Alguns dos alunos do primeiro ano miraram o incal em sua manga, o símbolo que a declarava como aprendiz favorita do Lorde Supremo, e então rapidamente desviaram o olhar.

Chegando ao fim do corredor, ela começou a descer a escadaria delicada e construída por meio de magia do Salão de Entrada. Suas botas fizeram um som suave e semelhante a um sino a cada passada. O salão ecoou conforme mais passos se juntaram aos dela. Levantando o olhar, ela viu que três aprendizes subiam em sua direção e sentiu um calafrio nas costas.

O aprendiz no centro do trio era Regin. Seus dois amigos mais próximos, Kano e Alend, estavam de cada lado dele. Mantendo a expressão neutra, ela continuou a descer. Quando Regin a percebeu, seu sorriso sumiu. Seus olhos se encontraram com os dela, e então se desviaram conforme passavam um pelo outro.

Ela olhou para trás e deixou escapar um pequeno suspiro de alívio. Cada encontro desde o Desafio tinha sido assim. Regin adotara o comportamento de um perdedor cortês e digno, e ela deixou que ele o fizesse. Jogar sua derrota na cara teria sido satisfatório, mas ela tinha certeza de que ele iria inventar formas anônimas e sutis de conseguir sua vingança se ela fizesse isso. Melhor que ignorassem um ao outro.

Derrotar Regin numa luta pública tinha feito mais do que conter as agressões contra ela, no entanto. Parecia que ela havia conquistado o respeito de outros aprendizes e da maioria dos professores. Agora, não era apenas a garota favelada, cujos poderes tinham se manifestado primeiramente num ataque contra o Clã durante a Purificação anual dos sem-teto e malfeitores da cidade. Lembrando-se daquele dia, ela deu um sorriso triste. “Fiquei tão surpresa de ter usado magia quanto eles próprios ficaram”.

Ela também não era mais lembrada como sendo a praticante “ilegal” de magia que escapara de ser capturada fazendo um negócio com os Ladrões. “Parecia uma boa ideia na época”, ela pensou. “Eu achava que o Clã queria me matar. Afinal, eles nunca haviam treinado ninguém de fora das Casas antes. Mas não ajudei os Ladrões em nada. Nunca seria capaz de controlar meus poderes bem o suficiente para ser útil”.

Embora alguns ainda se ressentissem disso, ela não era mais vista como a menina de fora que havia causado a ruína de Lorde Fergun. “Bem, ele não devia ter aprisionado Cery e ameaçado matá-lo para me forçar a cooperar com seus esquemas. Ele queria convencer o Clã de que não se podia confiar em pessoas de classe baixa que mexessem com magia, mas em vez disso provou que certos magos é que não mereciam confiança”.

Pensando de novo nos aprendizes no corredor, Sonea sorriu. Pela sua curiosidade arisca, ela imaginou que a primeira coisa de que tinham se lembrado era quão facilmente ela havia ganho o Desafio. Eles se perguntavam quão forte ela ia se tornar. Ela suspeitava que até alguns dos professores tinham um pouco de medo dela.

Depois de chegar ao fim da escada, Sonea cruzou o Salão de Entrada até as portas abertas da Universidade. Na soleira, olhou para o prédio cinza de dois andares na extremidade do jardim e sentiu seu sorriso se desvanecer.

“Um ano desde o Desafio, mas algumas coisas não mudaram.”

Apesar de ter conquistado o respeito dos aprendizes, ela ainda não tinha amigos próximos. Não que eles estivessem intimidados em relação a ela... ou a seu guardião. Vários aprendizes fizeram um esforço para incluí-la em suas conversas desde o Desafio. Mas embora ela estivesse feliz de falar com eles durante as aulas ou no intervalo, sempre recusava convites para se juntar a eles fora das aulas.

Ela suspirou e começou a descer os degraus da Universidade. Todo amigo que ela fizesse seria outra ferramenta que o Lorde Supremo poderia usar contra ela. Se ela alguma vez encontrasse a oportunidade de revelar os crimes dele para o Clã, todo mundo com quem ela se importava estaria em perigo. Não fazia

sentido dar a Akkarin uma seleção maior de vítimas para ele escolher.

Sonea relembrou aquela noite, agora mais de dois anos e meio atrás, quando ela se esgueirara pelo Clã com seu amigo Cery. Embora acreditasse que o Clã a queria morta, o risco parecia valer a pena. Ela não tinha sido capaz de controlar seus poderes, o que fez com que se tornasse inútil para os Ladrões, e Cery esperava que ela pudesse aprender como fazer isso observando os magos.

Tarde naquela noite, depois de ver muitas coisas que a tinham fascinado, ela se aproximou de um prédio cinza localizado à parte do resto. Espreitando por uma grade de ventilação numa sala subterrânea, observou um mago de túnica negra realizar uma magia estranha...

O mago removeu a adaga reluzente e ergueu o olhar para o criado.

— A luta me enfraqueceu. Preciso de sua força.

O criado ficou de joelhos e ofereceu-lhe o braço. O mago passou a lâmina sobre a pele do homem, depois colocou uma das mãos sobre a ferida...

… e então ela sentiu uma sensação estranha, como a agitação de insetos nos ouvidos.

Sonea tremeu enquanto se lembrava. Ela não havia entendido o que vira naquela noite, e tanta coisa aconteceu depois que ela tentou esquecer. Seus poderes tinham se tornado tão perigosos que os Ladrões a haviam entregado para o Clã e ela descobrira que os magos não queriam matá-la; decidiu que iria se juntar a eles. E então Lorde Fergun capturou Cery e a chantageou para que cooperasse com ele. Os planos do Guerreiro falharam, no entanto, quando Cery foi encontrado aprisionado sob a Universidade e Sonea consentiu com uma leitura da verdade pelo Administrador Lorlen para provar que Fergun a havia manipulado. Foi apenas durante a leitura da mente dela que sua lembrança do mago de túnica negra na sala subterrânea voltou por completo.

Lorlen havia reconhecido o mago como seu amigo Akkarin, o Lorde Supremo do Clã. Ele também reconhecera o ritual proibido de magia negra.

Da mente de Lorlen, Sonea vislumbrou um entendimento do que um mago negro era capaz. Ao usar a arte proibida, Akkarin havia ganhado poder além de

seu limite natural. O Lorde Supremo era conhecido como alguém extraordinariamente poderoso, mas um mago negro poderia ser tão poderoso que Lorlen achava que nem mesmo a força combinada do Clã poderia derrotá-lo.

Lorlen havia, portanto, decidido que um confronto com o Lorde Supremo estava fora de questão. O crime deveria permanecer em segredo até que uma maneira de lidar com Akkarin de forma segura fosse encontrada. Apenas Rothen, o mago que se tornaria guardião de Sonea, poderia saber a verdade — durante o ensino dela, era provável que ele visse sua lembrança de Akkarin e de alguma forma ficasse sabendo da verdade por si mesmo.

A lembrança de Rothen fez com que ela sentisse um ataque de tristeza, seguido por uma raiva opaca. Rothen tinha sido mais do que um guardião e amigo; ele era como um pai. Ela com certeza não teria aguentado as agressões de Regin sem o apoio e a ajuda de Rothen. Por tudo isso, ele tivera de aguentar os efeitos de rumores malignos que Regin criou sugerindo que Rothen havia aceitado ser guardião de Sonea em troca de favores na cama.

E então, logo quando parecia que as fofocas e suspeitas haviam passado, tudo mudou. Akkarin veio ao quarto de Rothen para contar que havia descoberto que sabia seu segredo. Ele leu a mente de Lorlen, e queria ler a deles também. Sabendo que Akkarin era poderoso demais para que pudessem enfrentá-lo, não ousaram recusar. Depois disso, ela lembrou, Akkarin ficou andando de um lado para o outro no quarto.

— Vocês dois me exporiam, se pudessem — ele disse. — Vou reivindicar a guarda de Sonea. Ela será a garantia do seu silêncio. Você jamais contará a ninguém que eu pratico magia negra enquanto ela for minha. — Os olhos dele fitaram os de Sonea. — E o bem-estar de Rothen será a minha garantia de que você vai cooperar.

Sonea começou a dirigir-se para a Residência do Lorde Supremo. Aquele confronto havia acontecido tanto tempo atrás que parecia que ocorrera com outra pessoa, ou com um personagem de uma história que ela havia ouvido contar. Agora, ela já era a favorita de Akkarin havia um ano e meio e não era tão ruim quanto ela temera. Ele não tentara usá-la como fonte de poder extra, nem

buscara envolvê-la em suas práticas malignas. Além dos jantares luxuosos que tinha com ele toda noite de Primeiro Dia, ela mal o via. Quando falavam, era sempre sobre seu treinamento na Universidade.

“Com exceção daquela noite”, ela pensou.

Ela diminuiu o passo enquanto lembrava. Muitos meses atrás, voltando da aula, ela havia ouvido barulhos altos e gritos que vinham de baixo da residência. Descendo a escada para a sala subterrânea, ela observou Akkarin matar um homem com magia negra. Ele afirmou que o homem era um assassino sachakano, enviado para matá-lo.

— Por que você teve que matá-lo? — ela perguntou. — Por que não entregá-lo ao Clã?

— Porque, como você deve sem dúvida ter deduzido, ele e sua laia sabem coisas sobre mim que eu preferia que o Clã não soubesse. Você deve estar se perguntando quem são essas pessoas que me querem morto. Eu só posso lhe dizer isso: os sachakanos ainda odeiam o Clã, mas eles também nos temem. De tempos em tempos, eles mandam um desses para me testar.

Sonea sabia tanto sobre o vizinho de Kyralia quanto qualquer outro aprendiz do terceiro ano. Todos os aprendizes estudavam a guerra entre o Império Sachakano e os magos kyralianos. Eles aprendiam que os kyralianos tinham ganhado a guerra formando o Clã e compartilhando conhecimentos mágicos. Sete séculos mais tarde, o Império Sachakano havia basicamente desaparecido e a maior parte de Sachaka permanecia uma terra desolada.

Quando ela pensou a respeito, viu que não era difícil acreditar que sachakanos ainda odiassem o Clã. Era provavelmente essa a razão, também, pela qual Sachaka não era um membro das Terras Aliadas. Ao contrário de Kyralia, Elyne, Vin, Lonmar e Lan, Sachaka não se sujeitava ao acordo de que todos os magos deveriam ser ensinados e regulados pelo Clã. Era possível que existissem magos em Sachaka, embora ela duvidasse que fossem bem treinados.

Se eles *fossem* uma ameaça, com certeza o Clã saberia a respeito. Sonea franziu a testa. Talvez os magos *soubessem*. Talvez fosse um segredo que apenas

os Magos Superiores e o Rei pudessem saber. O Rei não ia querer que as pessoas comuns se preocupassem com a existência de magos sachakanos — a não ser que os sachakanos se tornassem uma ameaça séria, é claro.

Seriam esses assassinos ameaça suficiente? Ela balançou negativamente a cabeça. O assassino ocasional enviado para matar o Lorde Supremo não era um problema sério se ele podia derrotá-lo tão facilmente.

Ela parou por um momento. Talvez o único motivo pelo qual Akkarin *conseguisse* derrotá-los era porque ele se fortalecia com magia negra. Por um instante, seu coração ficou em suspenso. Isso significaria que os assassinos eram assustadoramente fortes. Akkarin sugeriu que eles sabiam que ele usava magia negra. Eles não iriam atacá-lo sem se assegurar de ter uma chance de matá-lo. Isso significava que também eles usavam magia negra?

Ela tremeu. “E toda noite eu durmo na mesma casa do homem que eles estão tentando matar.”

Talvez fosse por isso que Lorlen não tinha pensado numa forma de se livrar de Akkarin ainda. Talvez ele soubesse que este último tinha um bom motivo para usar magia negra. Talvez ele não tivesse nenhuma intenção de expulsar Akkarin.

“Não”, ela pensou. “Se os motivos de Akkarin fossem honrosos, eu não seria sua refém. Ele seria capaz de provar que seus motivos eram bons, ele teria tentado, em vez de ter dois magos e uma aprendiz constantemente tentando encontrar uma forma de derrotá-lo.

“E se ele estivesse de alguma forma preocupado com meu bem-estar, por que me manter na residência, onde é mais provável que os assassinos ataquem?”

Ela tinha certeza de que Lorlen estava preocupada com seu bem-estar. Ele lhe diria se soubesse que os motivos de Akkarin eram nobres. Não ia querer que ela acreditasse estar numa situação pior do que estava.

Abruptamente, ela se lembrou do anel no dedo de Lorlen. Por mais de um ano, rumores circulavam na cidade sobre um assassino que usava um anel prateado com uma joia vermelha. Igual ao que Lorlen exibia.

Mas isso *tinha* que ser uma coincidência. Ela conhecia um pouco da mente de

Lorlen e não podia imaginá-lo matando *ninguém*.

Chegando à porta da residência, Sonea parou e respirou fundo. E se o homem que Akkarin tinha matado não fosse um assassino? E se fosse um diplomata sachakano que descobrira o crime de Akkarin e este o tivesse atraído para a residência para matá-lo... e então descobrir que o homem era um mago?

“Pare! Chega!”

Ela balançou a cabeça como para limpá-la de todas aquelas especulações infrutíferas. Por meses, considerara as possibilidades, repassando de novo e de novo e de novo o que tinha visto ou o que lhe haviam contado. Toda semana, olhava para Akkarin na mesa de jantar e desejava ter a coragem para perguntar por que ele havia aprendido magia negra, mas permanecia quieta. Se ela não podia ter certeza de que as respostas eram verdadeiras, por que se importar em fazer as perguntas?

Esticando o braço, ela esfregou a maçaneta da porta com os dedos. Como sempre, a porta se abriu ao menor toque. Ela entrou.

Sua figura alta e sombria se levantou de uma das cadeiras de convidados. Ela sentiu uma pontada de medo e a afastou. Um único globo de luz pairava sobre sua cabeça, deixando seus olhos na sombra. Ele ergueu um dos cantos dos lábios, como se estivesse achando um pouco de graça.

— Boa noite, Sonea.

Ela fez uma reverência.

— Lorde Supremo.

Sua mão pálida apontou para a entrada da escadaria. Colocando a caixa de livros e anotações de lado, Sonea entrou na escadaria e começou a subir. O globo de luz de Akkarin flutuou até o centro da escadaria conforme ele a seguia. Chegando ao segundo andar, ela andou pelo corredor e entrou numa sala mobiliada com uma mesa grande e várias cadeiras. Um aroma delicioso preenchia o ar e fez com que seu estômago roncasse baixinho.

O criado de Akkarin, Takan, fez uma reverência enquanto ela se sentava e

depois saiu da sala.

— O que você estudou hoje, Sonea? — Akkarin perguntou.

— Arquitetura — ela respondeu. — Métodos de construção.

Ele levantou uma sobrancelha de leve.

— Moldar pedra com magia?

— Sim.

Ele pareceu pensativo. Takan voltou ao cômodo carregando uma grande bandeja, da qual transferiu várias tigelas pequenas para a mesa e então deixou a sala com rapidez. Sonea esperou até Akkarin começar a se servir, antes de encher seu prato de comida.

— Você achou difícil ou fácil?

Sonea hesitou.

— Difícil de início, e então mais fácil. É parecido... com Cura.

Ele estreitou o olhar.

— De fato. E de que maneira é diferente?

Ela pensou.

— A pedra não tem a barreira natural de resistência que o corpo tem. Ela não tem pele.

— Isso é verdade, mas algo semelhante a uma barreira pode ser criado se...

Ele se calou de repente. Ela levantou os olhos e o observou franzindo a testa, o olhar fixo na parede atrás dela. Seus olhos se encontraram com os dela, e então relaxaram e se voltaram de novo para a mesa.

— Eu tenho uma reunião a que preciso comparecer hoje à noite — ele disse, empurrando a cadeira para trás. — Desfrute o resto da refeição, Sonea.

Surpresa, ela o observou andar a passos largos em direção à porta e então olhou para sua refeição deixada pela metade. De vez em quando, ela chegava para o jantar semanal para encontrar Takan esperando na sala de visitas com a

boa notícia de que o Lorde Supremo não iria participar da refeição. Mas apenas duas vezes antes Akkarin deixara a refeição mais cedo. Ela deu de ombros e continuou comendo.

Quando estava terminando a refeição, Takan reapareceu. Empilhou as tigelas e os pratos na bandeja. Observando-o, ela notou uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

“Ele parece preocupado”, pensou.

Lembrando-se de suas especulações anteriores, ela sentiu um calafrio na espinha. Estava Takan com medo de que outro assassino pudesse entrar na residência procurando por Akkarin?

De repente, ela só queria voltar para a Universidade. Levantou-se e olhou para o criado.

— Não se preocupe com a sobremesa, Takan.

O rosto do homem mudou de forma sutil. Lendo desapontamento nele, ela não teve como evitar uma pontada de culpa. Ele podia ser o criado leal de Akkarin, mas também era um cozinheiro habilidoso. Havia feito algum prato do qual tinha um orgulho especial, e mostrava-se desolado de que tanto ela quanto Akkarin iriam deixá-lo intocado.

— Era algo que vai se manter bom... por algumas horas? — ela perguntou hesitante.

Ela encarou seu olhar brevemente e, não pela primeira vez, captou um vislumbre da inteligência aguçada ali, não completamente escondida por trás de seus modos subservientes.

— Vai, minha *lady*. Devo levá-lo a seu quarto quando você retornar?

— Sim — ela concordou com a cabeça. — Obrigado.

Takan fez uma mesura.

Deixando a sala, Sonea se apressou pelo corredor e começou a descer a escada. Ela se perguntou de novo que papel Takan representava nos segredos de

Akkarin. Ela observara este último tomando a força de Takan, mas obviamente Takan não havia morrido nem se machucado por isso. E, na noite da tentativa de assassinato, Akkarin dissera a ela que Takan era de Sachaka. Isso levantava outra questão: se os sachakanos odiavam o Clã, então por que um deles era criado do Lorde Supremo?

E por que Takan algumas vezes chamava Akkarin de “mestre” em vez de “meu lorde”?

Lorlen estava ditando um pedido de materiais de construção quando um mensageiro chegou. Pegando a tira de papel do homem, Lorlen a leu e então acenou com a cabeça afirmativamente.

— Diga ao Mestre dos Estábulos para preparar uma carruagem para mim.

— Sim, meu lorde. — O mensageiro fez uma reverência, e então saiu apressado da sala.

— Visitando o Capitão Barran de novo? — perguntou Osen.

Lorlen deu um sorriso severo para seu assistente.

— Temo que sim. — Ele olhou para a caneta que Osen estava segurando, parada sobre a folha de papel, e balançou negativamente a cabeça. — Perdi o rumo dos meus pensamentos — acrescentou. — Terminamos isso amanhã.

Osen secou e limpou a caneta.

— Espero que Barran tenha encontrado o assassino dessa vez. — Ele seguiu Lorlen para fora do escritório. — Boa noite, Administrador.

— Boa noite, Osen.

Conforme seu assistente começou a seguir pelo corredor da Universidade em direção ao Alojamento dos Magos, Lorlen refletiu sobre o jovem mago. Osen havia notado as visitas regulares de Lorlen à Casa da Guarda logo depois que elas tinham começado. O jovem era observador e Lorlen achou que era melhor não começar a inventar desculpas complicadas. Algumas vezes, dizer a

quantidade certa de verdade é melhor do que uma mentira total.

Explicou a Osen que Akkarin lhe havia pedido para monitorar os esforços dos Guardas no sentido de encontrar o assassino.

— Por que você? — Osen havia perguntado.

Lorlen estava esperando por isso.

— Oh, eu precisava de algo para fazer no meu tempo livre — ele brincou. — Barran é um amigo da família. Ele já vinha me contando sobre esses assassinatos há algum tempo, então a comunicação entre nós apenas se tornou oficial. Eu posso enviar outra pessoa, mas não quero receber as últimas notícias em terceira mão.

— Posso perguntar se há algum motivo particular para o Clã se interessar por isso? — Osen sondou.

— Você pode perguntar — Lorlen respondeu com um sorriso. — Eu posso não responder. Você acha que há um motivo?

— Eu ouvi dizer que algumas pessoas na cidade acreditam que há magia envolvida.

— E é por isso que o Clã precisa demonstrar que está de olho na situação. As pessoas precisam sentir que não estamos ignorando seus problemas. Devemos tomar cuidado para não mostrar interesse demais, no entanto, ou vão achar que há verdade nos rumores.

Osen havia concordado em manter o conhecimento das visitas de Lorlen à Guarda para si mesmo. Se o resto do Clã ouvisse que Lorlen estava seguindo os progressos do Capitão Barran, eles também poderiam se perguntar se havia magia envolvida.

Lorlen ainda não tinha certeza se *havia* magia envolvida. Ocorrera um incidente, mais de um ano atrás, no qual uma testemunha moribunda tinha afirmado que o assassino o atacara com magia. As queimaduras na testemunha pareciam com aquelas de um ataque de calor, mas desde então Barran não havia encontrado nenhuma outra evidência para confirmar que o assassino, ou os

assassinos, tinham usado magia.

Por enquanto, Barran havia concordado em guardar para si mesmo a possibilidade de que o assassino pudesse ser um mago ilegal. Se as notícias se espalhassem, Lorlen explicara, o Rei e as Casas iriam esperar outra caçada como a que havia sido organizada para Sonea. Eles tinham aprendido com *aquela* experiência que ter magos andando por toda a cidade só iria fazer o mago não autorizado se esconder.

Lorlen andou até o Salão de Entrada num passo tranquilo. Observou a carruagem emergir dos estábulos e seguir pela rua até os degraus da Universidade. Quando ela parou, desceu até o veículo, disse ao cocheiro seu destino e subiu a bordo.

"Então, o *que* sabemos?", ele perguntou a si mesmo.

Por semanas, algumas vezes meses, vítimas haviam sido mortas com o mesmo método ritualizado, um método que de vez em quando parecia um ritual de magia negra. Então, por alguns poucos meses, não houve morte nenhuma, até que uma nova série de assassinatos chamou a atenção da Guarda. Esses também eram assassinatos ritualizados, mas usavam um método ligeiramente diferente do anterior.

Barran havia organizado as possíveis razões para a mudança de método em duas categorias principais. Ou o assassino estava agindo sozinho e continuava mudando seus hábitos ou cada série de assassinatos era realizada por um homem diferente. Um único homem poderia mudar seus hábitos para evitar detecção ou aperfeiçoar o ritual; uma sucessão de assassinos poderia indicar algum tipo de gangue ou culto que exigia assassinatos como uma iniciação ou teste.

Lorlen abaixou o olhar até o anel em sua mão. Algumas testemunhas com sorte o suficiente para ver o assassino e sobreviver relataram ter visto um anel com uma joia vermelha na mão dele. "Um anel como esse?", ele se perguntou. Akkarin havia criado a joia com vidro e com seu próprio sangue na noite em que descobriu que Lorlen, Sonea e Rothen sabiam que ele havia aprendido magia negra e a usava. O anel permitia que Akkarin visse e ouvisse tudo que Lorlen fazia e que se comunicasse mentalmente sem outros magos ouvirem.

Sempre que os assassinatos pareciam um ritual de magia negra, Lorlen não conseguia deixar de pensar na possibilidade de que Akkarin fosse o responsável. Akkarin não usava um anel em público, mas poderia colocar um quando saía do Clã. Por que ele o faria, no entanto? Não precisava espionar a si mesmo.

"E se o anel permite que alguém veja o que o assassino está fazendo?"

Lorlen franziu a testa. Por que Akkarin ia querer que outra pessoa visse o que ele estava fazendo? A não ser que ele estivesse agindo sob as ordens de outro. Isso sim era uma possibilidade assustadora...

Lorlen suspirou. Algumas vezes, ele se via querendo nunca descobrir a verdade. Sabia que, se Akkarin fosse o assassino, ele se sentiria responsável em parte pela morte de suas vítimas. Deveria ter lidado com Akkarin muito tempo atrás, quando primeiro descobrira por intermédio de Sonea que o Lorde Supremo usava magia negra. Mas ele havia temido que o Clã não fosse capaz de derrotar Akkarin numa luta.

Assim, Lorlen tinha mantido o crime do Lorde Supremo em segredo, persuadindo Sonea e Rothen a fazer o mesmo. Então, Akkarin descobriu que seu crime era conhecido e tomou Sonea como refém para garantir que Lorlen e Rothen permanecessem calados. Agora, Lorlen não podia mover-se contra Akkarin sem arriscar a vida *dela*.

"Mas se eu descobrisse que Akkarin era o assassino, e soubesse que o Clã poderia derrotá-lo, não hesitaria. Nem pela nossa velha amizade, nem mesmo pelo bem-estar de Sonea, eu permitiria que ele continuasse."

E Akkarin, por meio do anel, devia saber disso.

É claro, Akkarin poderia *não* ser o assassino. Ele dissera a Lorlen para investigar os assassinatos, mas isso não provava nada. Ele poderia apenas querer saber quão perto a Guarda estava de descobrir seus crimes...

A carruagem parou. Lorlen lançou um olhar pela janela e piscou surpreso quando viu a fachada da Casa da Guarda lá fora. Ele havia ficado tão compenetrado em seus pensamentos que mal prestara atenção no caminho. A carruagem balançou um pouco conforme o cocheiro desceu para abrir a porta.

Lorlen saiu e andou pelo calçamento até a entrada da Casa da Guarda. O Capitão Barran o saudou num corredor estreito por dentro.

— Boa noite, Administrador. Obrigado por vir tão rápido.

Embora Barran ainda fosse jovem, marcas de expressão já surgiam em sua testa. Essas linhas pareciam mais fundas nessa noite.

— Boa noite, Capitão.

— Tenho algumas novidades interessantes e algo para lhe mostrar. Venha até meu escritório.

Lorlen seguiu o homem pelo corredor até uma pequena sala. O resto do prédio estava quieto, embora alguns poucos guardas sempre estivessem presente de noite. Barran indicou um assento para Lorlen e então fechou a porta.

— Você se lembra de eu lhe ter dito que os Ladrões poderiam estar procurando o assassino?

— Sim.

Barran deu um sorriso torto.

— Eu tive uma espécie de confirmação. Era inevitável que, se a Guarda e os Ladrões estivessem ambos investigando os assassinatos, nós cruzaríamos os caminhos. O que acontece é que eles têm espiões aqui há meses.

— Espiões? Na Guarda?

— Sim. Mesmo um homem honrado ficaria tentado a aceitar dinheiro em troca de informações, quando estas pudessem levar a descobrir um homicida, especialmente quando a Guarda não está chegando a lugar nenhum. — Barran deu de ombros. — Não sei quem são todos os espiões, mas por enquanto estou feliz em deixá-los em seus lugares.

Lorlen riu.

— Se quer conselhos para negociar com os Ladrões, eu poderia lhe mandar Lorde Dannyl, mas agora ele é Embaixador do Clã em Elyne.

O Capitão ergueu as sobrancelhas.

— Seriam conselhos interessantes, mesmo que eu nunca tivesse oportunidade de usá-los. Não pretendo negociar um esforço de cooperação com Ladrões, no entanto. As Casas nunca aprovariam isso. Fiz um acordo com um dos espiões para que ele me passe tudo que puder divulgar com segurança para mim. Nenhuma das suas informações foi útil até o momento, mas pode conduzir a algo que seja. — As dobras entre suas sobrancelhas pareceram tornar-se ainda mais fundas. — Agora, tenho algo para lhe mostrar. Você disse que queria examinar a próxima vítima. Uma foi descoberta hoje à noite, então mandei trazerem o corpo até aqui.

Um calafrio passou pela espinha de Lorlen, como se um vento gelado tivesse encontrado o caminho para debaixo do colarinho de sua túnica. Barran apontou para a porta.

— Está no porão. Gostaria de vê-lo agora?

— Sim.

Ele se levantou e seguiu Barran pelo corredor. O homem permaneceu silencioso enquanto eles desciam um lance de escada e continuavam por outro corredor. O ar se tornou notadamente mais frio. Parando diante de uma pesada porta de madeira, Barran a destrancou e a abriu.

Um forte cheiro de remédio soprou no corredor, não mascarando de todo um odor menos agradável. A sala adiante era pouco mobiliada. Paredes nuas de pedra rodeavam três bancadas simples. Numa estava o corpo nu de um homem. Em outro, um conjunto de roupas dobradas de forma arrumada.

Aproximando-se, Lorlen estudou o corpo de forma relutante. Como todos os assassinatos recentes, a vítima havia sido apunhalada no coração, e um corte raso corria por um lado do pescoço. Apesar disso, a expressão era inusitadamente pacífica.

Quando Barran começou a descrever o lugar onde a vítima havia sido encontrada, Lorlen pensou numa conversa que tinha escutado durante uma das reuniões sociais habituais do Clã no Salão da Noite. Lorde Darlen, um jovem Curador, descrevia um paciente para três de seus amigos.

— Ele estava morto quando eu cheguei — Darlen havia dito, balançando a cabeça negativamente. — Mas a mulher queria que eu fizesse algo para ela saber que tínhamos tentado tudo que era possível. Então, chequei.

— E não encontrou nada?

Darlen fez uma careta.

— Há sempre muita energia vital para se detectar depois, uma porção de organismos que ficam ativos durante a decomposição, mas o coração estava parado e a mente silenciosa. No entanto, detectei outro batimento cardíaco. Pequeno e lento, mas definitivamente um batimento cardíaco.

— Como pode ser? Ele tinha dois corações?

— Não. — A voz de Darlen era atormentada. — Ele tinha... ele tinha engasgado com um sevli.

Na mesma hora, os dois Curadores caíram na gargalhada. O terceiro amigo, um Alquimista, parecia confuso.

— O que ele estava fazendo com um sevli na garganta? Eles são venenosos. Alguém o assassinou?

— Não. — Darlen suspirou. — Sua mordida é venenosa, mas sua pele contém uma substância que causa euforia e visões. Algumas pessoas gostam do efeito. Eles chupam os répteis.

— *Chupam* os répteis? — O jovem Alquimista estava incrédulo. — O que você fez?

O rosto de Darlen se ruborizou.

— O sevli estava se sufocando, então o pesquei. Parecia que a esposa não sabia sobre o hábito do marido. Ela ficou histérica. Não queria voltar para casa por medo de que ela estivesse infestada com eles, e que um se enfiasse na sua goela durante a noite.

Isso provocou novos ataques de riso nos dois Curadores mais velhos. Lorlen quase sorriu com a lembrança. Curadores precisavam ter senso de humor,

embora ele fosse com frequência estranho. A conversa havia lhe dado uma ideia, no entanto. Um corpo morto ainda tinha bastante energia vital, mas o corpo de alguém que foi morto por magia negra deveria ser drenado de *toda* energia. Para confirmar se o assassino tinha usado magia negra, Lorlen precisava apenas examinar a vítima com seus sentidos de Cura. Quando Barran terminou a descrição da cena, Lorlen deu um passo à frente. Preparando-se, colocou uma das mãos no braço do homem morto, fechou os olhos e mandou seus sentidos para fora do corpo.

Ele ficou assustado com a facilidade que encontrou para isso, até se lembrar de que a barreira natural das coisas vivas que resistia às interferências mágicas se dissipava no momento da morte. Enviando sua mente adiante, examinou o corpo e encontrou apenas os traços mais fracos de energia vital. O processo de decomposição havia sido interrompido... atrasado... por causa da falta de qualquer coisa viva dentro do corpo para começá-lo.

Abrindo os olhos, Lorlen tirou a mão do braço do homem. Ele encarou o corte raso no pescoço da vítima, certo agora de que aquele fora o ferimento que matara o homem. A punhalada no coração provavelmente fora feita depois, para criar uma causa de morte mais plausível. Olhando para baixo, ele encarou o anel em seu dedo. “Então é verdade”, ele pensou. “O assassino usa magia negra. Mas essa é uma vítima de Akkarin ou temos outro mago negro solto pela cidade?”

Capítulo 2

Ordens do Lorde Supremo

Após pegar a xícara fumegante de sumi da mesa de jantar baixa, Rothen andou até uma das telas de papel que cobriam as janelas de seu quarto de hóspedes. Deslizou-as para o lado e olhou os jardins.

A primavera tinha chegado cedo. As cercas vivas e árvores tinham pequenas florescências, e o novo jardineiro, entusiasmado, havia plantado fileiras de flores de cores brilhantes em torno dos caminhos. Embora fosse cedo, magos e aprendizes andavam pelo jardim.

Rothen ergueu a xícara e tomou um gole. O sumi estava fresco e amargo. Pensou na noite anterior e fez uma careta. Uma vez por semana, ele se encontrava com o amigo idoso Lorde Yaldin e a esposa Ezrille para o jantar. Yaldin tinha sido próximo do falecido mentor de Rothen, Lorde Margen, e ainda considerava sua obrigação manter um olho em Rothen... E fora por isso que, durante a refeição na noite anterior, Yaldin sentira que devia dizer a Rothen para parar de se preocupar com Sonea.

— Sei que ainda a está observando — o velho mago havia dito.

Rothen dera de ombros.

— Estou interessado em seu bem-estar.

Yaldin resfolegou baixinho.

— Ela é a aprendiz do Lorde Supremo. Não precisa de você para monitorar seu bem-estar.

— Ela precisa — Rothen respondeu. — Você acha que o Lorde Supremo se importa se ela é feliz ou não? Ele só está preocupado com seu progresso acadêmico. A vida não é só magia.

Ezrille deu um sorriso triste.

— É claro que não, mas... — Ela hesitou, e então suspirou. — Sonea mal falou com você desde que o Lorde Supremo reivindicou a guarda dela. Você não acha que ela o teria visitado desde então? Faz mais de um ano. Não importa quão ocupada ela esteja com os estudos, com certeza teria encontrado algum tempo para vê-lo.

Rothen estremeceu. Ele não pôde evitar. Com base nas expressões de simpatia deles, percebeu que haviam visto sua reação e tinham achado que ele estava apenas magoado com o aparente abandono dele por Sonea.

— Ela *está* indo bem — Yaldin disse gentilmente. — E aquele absurdo com os outros aprendizes acabou faz tempo. Deixe para lá, Rothen.

Rothen fingiu concordar. Não podia contar os motivos reais que tinha para observar Sonea. Fazer isso colocaria mais do que a vida dela em risco. Mesmo que Yaldin e Ezrille concordassem em manter silêncio para protegê-la, Akkarin dissera que nenhum outro deveria saber. Quebrar aquela "ordem" poderia ser toda a desculpa que Akkarin precisava para... para quê? Usar magia negra para tomar o controle do Clã? Ele já era o Lorde Supremo. Que mais poderia querer?

Mais poder, talvez. Para reinar no lugar do Rei. Para reinar sobre as Terras Aliadas. Para ser livre para se fortalecer com magia negra até ser mais poderoso que qualquer mago que já existira.

Mas, se Akkarin queria alguma dessas coisas, com certeza ele as teria conquistado há muito tempo. Rothen tinha que reconhecer, mesmo com má vontade, que Akkarin não tinha feito nada para machucar Sonea, até onde ele conseguia enxergar. A única vez que ele a tinha visto em companhia de seu guardião fora no dia do Desafio.

Yaldin e Ezrille deixaram o assunto morrer por fim.

— Bem, ao menos você parou de tomar nemmin — Ezrille murmurou antes de perguntar sobre Dorrien, o filho de Rothen.

Rothen sentiu uma pequena pontada de irritação com essa lembrança. Olhou para Tania, sua criada. Ela estava limpando cuidadosamente a poeira da estante

com um pano.

Sabia que Tania, preocupada com a saúde dele, havia contado a Ezrille e Yaldin, mas nunca iria revelar o uso do remédio de sono para qualquer outra pessoa. Ainda assim, ele não podia deixar de se sentir um pouco ressabiado. Mas como ele podia reclamar quando ela de bom grado se fazia de espiã para ele? Tania, por meio de sua amizade com a criada de Sonea, Viola, o mantinha informado da saúde, dos humores e das visitas ocasionais de Sonea para a tia e o tio na favela. Com certeza, Tania não havia contado a Yaldin e a Ezrille sobre sua parte nisso, ou eles teriam mencionado como prova de que ele estava se "preocupando".

Dannyl teria achado graça em toda aquela "espionagem". Tomando outro gole de sumi, Rothen refletiu sobre o que sabia das atividades do amigo no último ano. Pelas cartas, Rothen supunha que Dannyl havia se tornado um amigo íntimo de seu assistente, Tayend. A especulação sobre a orientação sexual de Tayend havia desaparecido poucas semanas depois de começar. Todo mundo sabia como os elynes adoravam uma fofoca, e o único motivo pelo qual os boatos sobre os gostos dos amantes do assistente haviam chamado a atenção dos magos do Clã era porque Dannyl fora acusado de interesse em outros homens na juventude. Aquela acusação nunca havia se provado verdadeira. Quando nenhum outro boato sobre Dannyl ou seu assistente surgiu, a maioria dos magos esqueceu o par.

Rothen estava mais preocupado com a pesquisa que havia pedido a Dannyl para realizar. Ao se perguntar sobre quando Akkarin encontrara a oportunidade de aprender magia negra, Rothen tinha sido levado a especular sobre a viagem que Akkarin fizera, anos atrás, para estudar magia antiga. Parecia provável que Akkarin houvesse descoberto as artes proibidas nessa época. As mesmas fontes de informação poderiam também revelar eventuais fraquezas dos magos negros que pudessem ser exploradas, então Rothen havia pedido a Dannyl para fazer um pouco de pesquisa sobre magia antiga para um "livro" que ele estava escrevendo.

Infelizmente, Dannyl havia produzido pouca coisa útil. Quando, mais de um

ano atrás, ele retornou para o Clã sem avisar, para se reportar a Akkarin, Rothen temeu ter sido descoberto. Mais tarde, Dannyl garantiu a Rothen ter contado a Akkarin que a pesquisa era para seu próprio interesse... e que, para surpresa, de Rothen, Akkarin o encorajara a continuar. Este ainda enviava anotações de pesquisa a cada poucos meses, mas cada entrega era menor. Dannyl ficou frustrado por ter exaurido todas as fontes de conhecimento em Elyne, mas, ainda assim, lembrando quão distante e evasivo ele parecia ser durante sua visita ao Clã, Rothen não podia deixar de se perguntar de vez em quando se seu amigo não estava escondendo alguma coisa. Além disso, Dannyl havia mencionado ter discutido algo confidencial com o Lorde Supremo.

Rothen levou a xícara vazia de volta à mesa de jantar. Dannyl era um Embaixador do Clã e, como tal, era depositário de todo tipo de informação que não podia ser compartilhada com magos comuns. O assunto confidencial poderia ter sido apenas algo político.

Mas Rothen não deixava de se preocupar com a possibilidade de Dannyl, sem saber, estar ajudando Akkarin em alguma trama terrível e sinistra.

Porém, ele não podia fazer nada a respeito. Só lhe restava confiar no bom senso de Dannyl. Seu amigo não seguiria ordens cegamente, em especial se lhe pedissem para fazer algo questionável ou errado.

Não importava quantas vezes Dannyl visitasse a Grande Biblioteca, a visão dela ainda o enchia de assombro. Recortada num grande penhasco, suas enormes portas e janelas eram tão grandes que ficava fácil imaginar que uma raça de homens gigantes a houvesse esculpido na rocha para seu uso. Os corredores e salas que ali se abriam, no entanto, eram feitos para servir às proporções de um homem normal, então nenhuma raça de gigantes os tinham construído. Conforme a carruagem parou em frente à porta maciça, uma porta menor em sua base abriu-se e um jovem atraente saiu por ela.

Dannyl sorriu e sentiu um calor de afeição enquanto descia da carruagem para cumprimentar o amigo e amante. A reverência de Tayend foi respeitosa, mas seguida por um sorriso familiar.

— Você demorou para chegar aqui, Embaixador — ele disse.

— Não me culpe. Vocês, elynes, deveriam ter construído a cidade mais próximo da biblioteca.

— Aí está uma boa ideia. Vou sugerir ao Rei na próxima vez que for à corte.

— Você nunca frequenta a corte.

— É verdade. — Tayend sorriu. — Irand quer falar com você.

Dannyl parou. Será que o Bibliotecário já sabia dos assuntos tratados na carta que Dannyl acabara de receber? Teria ele recebido uma carta semelhante?

— Sobre o quê?

Tayend deu de ombros.

— Acho que só quer conversar.

Eles entraram num corredor, depois subiram um lance de escada até uma longa sala estreita. Janelas com barras de metal entre os vidros dominavam um lado da sala, e grupos de cadeiras estavam arranjados de forma informal ao longo do salão.

Um homem idoso estava sentado numa das cadeiras mais próximas. Quando ele fez menção de se levantar, Dannyl acenou com a mão.

— Não se dê ao trabalho, Bibliotecário. — Ele sentou-se numa cadeira. — Como está?

Os ombros de Irand se ergueram um pouco.

— Bem o suficiente para um homem velho. Bem o suficiente. Como está, Embaixador?

— Bem. Não há muito trabalho na Casa do Clã no momento. Alguns testes, algumas disputas menores, algumas festas pequenas. Nada que consuma muito tempo.

— E Errend?

Dannyl sorriu.

— O Primeiro Embaixador está feliz como sempre — ele respondeu. — E bastante aliviado de me ter fora do caminho durante o dia.

Irand riu.

— Tayend me diz que sua pesquisa não está chegando a lugar nenhum.

Dannyl suspirou e lançou um olhar para Tayend.

— Nós poderíamos ler todos os livros da biblioteca pela possibilidade de encontrar algo novo, mas precisaríamos de várias vidas ou de centenas de assistentes.

Embora Dannyl tivesse primeiro começado a pesquisar magia antiga a pedido de Lorlen, ele acabara intrigado pelo tema. Akkarin iniciara uma busca semelhante, muito antes de se tornar Lorde Supremo, o que o mantivera andando pelas terras por cinco anos. No entanto, ele retornara de mãos vazias, e Dannyl, de início, havia presumido que Lorlen lhe pedira para retraçar os passos de Akkarin a fim de dar de presente ao amigo uma parte da informação que ele havia perdido.

Mas, passados seis meses, depois de Dannyl ter viajado a Lonmar e Vin, Lorlen avisara de maneira abrupta a Dannyl que não mais precisava da informação. Ao mesmo tempo, Rothen ganhou de repente um interesse pelo mesmo assunto. Essa estranha coincidência, e a própria fascinação crescente de Dannyl pelos mistérios da magia antiga, haviam encorajado este último a continuar, junto com Tayend.

Akkarin, por fim, soubera do projeto de Dannyl e lhe ordenara que voltasse para casa a fim de fazer um relato para ele. Para alívio de Dannyl, o Lorde Supremo ficara satisfeito com seu trabalho, embora tivesse mandado Dannyl e Tayend manter em segredo sua estranha descoberta, a Câmara da Punição Definitiva. Essa câmara, que eles encontraram abaixo das ruínas de uma cidade nas montanhas de Elyne, continha um teto de pedras carregadas magicamente que atacaram Dannyl e quase o mataram.

Seu funcionamento era um mistério. Depois que Dannyl voltou para selar novamente a entrada, ele pesquisou em vão na Grande Biblioteca por uma

referência a ela. Era claro que ela usava uma forma de magia desconhecida pelo Clã.

— Suspeito que descobriria mais se fosse para Sachaka — Dannyl acrescentou. — Mas o Lorde Supremo negou meu pedido para viajar para lá.

Irand concordou com a cabeça.

— Uma decisão sábia. Não dá para saber se você será bem recebido. Com certeza, há magos lá. Embora não se espere que sejam tão habilidosos quanto você e seus colegas, eles representariam um perigo para um mago do Clã sozinho. Afinal, o Clã deixou boa parte da terra deles desolada. É certo que deve haver algum ressentimento remanescente por isso. O que vai fazer agora?

Dannyl tirou uma carta dobrada da túnica e entregou a Irand.

— Tenho uma nova tarefa para realizar.

O Bibliotecário hesitou quando viu os restos do selo do Lorde Supremo, então abriu a carta e começou a ler.

— O que é isso? — Tayend perguntou.

— Uma investigação — Dannyl respondeu. — Parece que alguns nobres nesta terra estão tentando montar seu próprio Clã ilegal.

Os olhos do acadêmico se alargaram e sua expressão ficou pensativa. Ele respirou fundo e olhou para Dannyl por sobre a página.

— Então ele sabe.

Dannyl fez que sim com a cabeça.

— É o que parece.

— Sabe o quê? — Tayend perguntou.

Irand entregou a carta para Tayend. O acadêmico começou a ler em voz alta.

— *Tenho observado por alguns anos os esforços de um pequeno grupo de cortesões elynes em aprender magia sem a ajuda ou o conhecimento do Clã. Apenas recentemente eles tiveram algum sucesso. Agora que ao menos um deles*

conseguiu desenvolver seus poderes, o Clã tem o direito e o dever de lidar com eles. Eu incluí informações sobre esse grupo na carta. Você vai achar seu relacionamento com o acadêmico, Tayend de Tremmelin, útil para persuadi-los que é de confiança.

Tayend fez uma pausa e encarou Dannyl.

— O que ele quer dizer com isso? — ele exclamou.

Dannyl acenou com a cabeça em direção à carta.

— Continue lendo.

— É possível que os rebeldes tentem usar essa informação pessoal contra você, *uma vez que você os prenda. Vou garantir que fique claro que pedi a você para dar essas informações a eles a fim de alcançar seu objetivo.*

Tayend encarou Dannyl.

— Você disse que ele não sabia sobre nós. Como ele *pode* saber? Ou ele apenas ouviu os rumores e decidiu arriscar para o caso de eles serem verdade?

— Duvido — Irand respondeu. — Um homem como o Lorde Supremo não se arrisca. Quem mais vocês deixaram saber sobre seu relacionamento?

Tayend balançou negativamente a cabeça.

— Não há ninguém mais. A não ser que nós tenhamos sido ouvidos... — Ele olhou ao redor.

— Antes de começarmos uma caçada por espiões, há mais uma possibilidade que devemos considerar. — Dannyl disse. Ele fez uma careta e esfregou as têmporas. — Akkarin tem algumas habilidades incomuns. Para o resto de nós, há limites para a leitura da mente. Nós não podemos ler uma mente de alguém que não quer que ela seja lida, e mesmo assim precisamos tocar a outra pessoa para ser capaz de lê-la. Akkarin uma vez buscou a mente de um criminoso para confirmar sua culpa. O homem deveria ter sido capaz de bloqueá-lo, mas de alguma forma Akkarin superou suas barreiras mentais. Alguns magos acreditam que Akkarin pode até mesmo ler mentes a distância.

— Então, você suspeita que ele tenha lido sua mente enquanto estava em Kyralia?

— Talvez. Ou talvez ele tenha feito isso quando me ordenou que retornasse ao Clã.

Irand ergueu as sobrancelhas.

— Enquanto vocês estavam nas montanhas? O fato de ele ser capaz de ler mentes a tal distância é algo extraordinário.

— Duvido que ele conseguisse se eu não tivesse atendido seu chamado. Uma vez estabelecido o contato, no entanto, ele pode ter sido capaz de ver mais do que eu queria. — Dannyl acenou com a cabeça para a carta. — Continue lendo, Tayend. Há mais um parágrafo.

Tayend olhou mais a baixo na carta.

— *Seu assistente encontrou esses rebeldes antes. Ele deve ser capaz de conseguir uma apresentação.*

— Como ele poderia saber *isso*?

— Eu esperava que você pudesse me dizer.

O acadêmico franziu a testa enquanto olhava para a carta.

— Todo mundo em Elyne tem um segredo ou dois. De alguns, você fala a respeito, outros você mantém para si mesmo. — Ele olhou para Dannyl e Irand. — Anos atrás fui convidado para uma festa secreta por um homem chamado Royend de Marane. Quando me recusei, ele me assegurou de que não era o que eu pensava, que não haveria nenhuma, ah, indulgência da carne ou da mente. Disse que seria uma reunião acadêmica. Mas sua maneira era furtiva, e eu vi isso como um aviso e não fui.

— Ele não deu nenhuma dica de que estava oferecendo conhecimento mágico? — Irand perguntou.

— Não, mas que interesses acadêmicos precisariam ser mantidos escondidos? Não é segredo que uma vez me ofereceram um lugar no Clã, mas recusei. E

minhas inclinações são bem conhecidas. — Ele lançou um olhar para Dannyl. — Então ele sabe que tenho habilidade mágica e podia adivinhar meus motivos para não aceitar a túnica.

Irand concordou com a cabeça.

— O Lorde Supremo provavelmente sabe disso também. Faz sentido que esses rebeldes abordem todos que se neguem a entrar no Clã, ou tenham sua entrada recusada. — Ele fez uma pausa e olhou para Dannyl. — E embora Akkarin claramente saiba a verdade sobre você, ele não o chamou de volta nem o denunciou. Talvez seja mais tolerante do que um kyraliano médio.

Um calafrio percorreu a espinha de Dannyl.

— Apenas porque sou útil para ele. Ele quer que eu arrisque tudo isso a fim de encontrar esses rebeldes.

— Um homem em sua posição deve estar disposto a usar aqueles que o servem. — Irand disse de maneira severa. — Você escolheu ser um Embaixador do Clã, Dannyl. Seu papel é agir em nome do Lorde Supremo em questões que são do domínio e da responsabilidade do Clã. Algumas vezes realizar esse papel significa assumir riscos. Vamos torcer para que essa tarefa coloque em xeque apenas a sua reputação e não sua vida.

Dannyl suspirou e fez uma reverência com a cabeça.

— Você está certo, é claro.

Tayend riu.

— Irand está sempre certo, exceto quando se trata de métodos de catalogação. — Ele sorriu quando o Bibliotecário se virou para encará-lo. — Então, acho que, se os rebeldes pensarem que Dannyl tem motivo para estar ressentido com o Clã, podem considerá-lo um recruta potencial.

— E professor — Irand acrescentou.

Dannyl concordou com a cabeça.

— E eles acreditariam que, se eu me provar não cooperativo, podem me

chantagear para ficar quieto ameaçando revelar meu relacionamento com Tayend.

— Sim. Você precisa planejar isso com cuidado, no entanto — Irand advertiu.

Eles começaram a discutir maneiras de abordar os rebeldes. Não pela primeira vez, Dannyl estava feliz de ter a confiança do Bibliotecário. Vários meses atrás, Tayend havia insistido para que eles contassem a seu mentor sobre o relacionamento, garantindo a Dannyl que ele afiançaria Irand com sua vida. Para consternação de Danny, o velho homem não ficou de forma alguma surpreso.

Até onde Dannyl e Tayend podiam dizer, o resto da corte de Elyne ainda acreditava que Dannyl não havia percebido e com certeza não compartilhava da atração de Tayend por homens. Rothen disse a Dannyl que rumores semelhantes haviam circulado no Clã, mas tinham sido rapidamente esquecidos. Apesar disso, Dannyl ainda temia que a verdade sobre ele fosse chegar até o Clã, e que ele seria afastado do cargo e mandado de volta para casa.

E era por isso que tinha ficado chocado e enraivecido pelo pedido de Akkarin de que permitisse aos rebeldes descobrir a verdade. Era difícil o suficiente manter seu relacionamento com Tayend em segredo. Deixar os rebeldes saberem sobre ele era um risco que não queria correr.

Era tarde quando soou a batida na porta. Levantando os olhos da mesa, Sonea encarou a porta do quarto. Era sua criada trazendo uma xícara de raka quente tarde da noite? Levantou uma das mãos, e então parou. Lorde Yikmo, o Guerreiro que a treinara na preparação para o Desafio, sempre dizia que um mago deve evitar o hábito de gesticular enquanto usa magia... isso entregava a intenção dele. Com as mãos paradas, usou então sua força de vontade para abrir a porta. Takan se encontrava no corredor além dela.

— Minha Lady — ele disse. — O Lorde Supremo exige sua presença na biblioteca.

Ela o encarou e sentiu o sangue lentamente gelar. O que Akkarin queria com ela àquela hora da noite?

Takan olhou para Sonea e esperou.

Empurrando a cadeira para trás, ela se levantou e se aproximou da entrada. Quando Sonea entrou no corredor, Takan começou a se dirigir à biblioteca. Ao alcançar a porta, espiou lá dentro.

Havia uma grande mesa numa das pontas. As paredes estavam cobertas por estantes. Duas grandes cadeiras e uma mesa pequena estavam dispostas no centro. Akkarin ocupava uma das cadeiras. Depois de ela fazer uma reverência, ele apontou para a outra cadeira, onde um pequeno livro se encontrava.

— Esse livro é para você ler — ele disse. — Ele vai ajudá-la com seus estudos na construção de prédios com magia.

Sonea entrou na sala e se aproximou da cadeira. O livro era pequeno, com uma capa de couro e bastante surrado. Ela o pegou e abriu. As páginas estavam cobertas por uma caligrafia desbotada. Ela leu as primeiras linhas e respirou rápido. Era o diário de Lorde Coren, o arquiteto que projetara a maioria dos prédios do Clã e que havia descoberto como moldar pedra com magia.

— Não acho que preciso lhe dizer quão valioso esse livro é — Akkarin disse baixinho. — Ele é raro e insubstituível... — sua voz ficou mais grave — e não deve deixar essa sala.

Sonea olhou para ele e concordou com a cabeça. A expressão dele era séria, e seus olhos escuros pareciam perfurar os dela.

— Você não vai falar disso com ninguém — ele acrescentou num tom suave. — Apenas algumas pessoas sabem que esse livro existe, e eu prefiro que permaneça assim.

Ela deu um passo para trás quando ele afastou a cadeira e caminhou até a porta. Enquanto ele ia até o corredor, ela percebeu que Takan a estava observando de uma maneira direta não costumeira, como se a avaliasse de perto. Os olhos dela se encontraram com os dele. Ele acenou com a cabeça, como se para si mesmo, e então se afastou. Dois conjuntos de passadas sumiram na distância. Ela olhou o livro em suas mãos.

Sentando-se, abriu a capa e começou a ler:

Sou Coren de Emarin, Casa Velan, e este deve ser um registro do meu trabalho e de minhas descobertas.

*N*ão *sou dos que escrevem um relato sobre si mesmo por orgulho ou hábito ou por qualquer necessidade de outros conhecerem minha vida. Há pouco no meu passado que não possa discutir com meus amigos ou minha irmã. Hoje, no entanto, descobri uma necessidade de transcrever meus pensamentos para o papel. Encontrei algo que devo manter num segredo solene, mas ao mesmo tempo sinto uma necessidade de falar disso que não pode ser negada.*

Sonea olhou para o alto da página e notou a data. Ela percebeu, devido a seus estudos recentes, que na época em que escrevera o diário, Lorde Coren era jovem, inquieto e não tinha o apoio dos companheiros mais velhos, pois bebia demais e projetava prédios estranhos e não práticos.

Mandei trazerem um baú para meus aposentos hoje. Levou algum tempo para abrir. Removi as travas mágicas com facilidade, mas a tampa havia enferrujado. Eu não queria arriscar danificar nada dentro, então tomei bastante cuidado. Quando finalmente o abri, fiquei tanto desapontado quanto feliz. Ele estava cheio de caixas, então minha primeira visão do conteúdo foi bastante excitante. Mas, conforme abri cada caixa, só encontrei livros dentro. Quando abri *a última, fiquei bastante desapontado. Não havia encontrado nenhum tesouro enterrado. Apenas livros.*

Pelo que pude ver são registros de algum tipo. Eu os li até tarde da noite e muito do que vi me deixa confuso. Amanhã, vou ler mais.

Sonea sorriu ao imaginar o jovem mago trancado no quarto lendo. As entradas seguintes eram aleatórias, com frequência pulando vários dias. Então apareceu um texto curto, sublinhado várias vezes.

Eu sei o que encontrei! Esses são registros perdidos!

Ele nomeou alguns dos livros, mas Sonea não reconheceu nenhum deles. Os volumes perdidos eram “cheios de conhecimento proibido” e Coren estava relutante em descrever seu conteúdo. Depois de um intervalo de várias semanas, havia um longo texto que descrevia um experimento, cuja conclusão dizia:

Finalmente fui bem-sucedido! Levou tanto tempo. Sinto tanto o triunfo quanto o medo que devia ter sentido antes. Não tenho certeza por quê. Enquanto fracassava em descobrir maneiras de usar esse poder, eu ainda estava de alguma forma não corrompido. Agora, realmente não posso negar que eu havia alguma vez usado magia negra. Eu quebrei meu voto. Não percebi quão mal eu me sentiria com isso.

Mas isso não o deteve. Sonea se descobriu lutando para entender por que o jovem continuara a fazer algo que claramente via como errado. Ele parecia incapaz de parar, impulsionado para fosse qual fosse o final que aquela descoberta o estivesse levando, mesmo que fosse à descoberta de seu crime.

Mas levou a outra coisa...

Todos que me conhecem também conhecem meu amor pela pedra. É a bela carne da terra. Ela tem sulcos e dobras como a pele, tem veias e poros. Ela pode ser dura, macia, quebradiça ou flexível. Quando a terra faz jorrar seu centro derretido, ela é vermelha como sangue.

Depois de aprender magia negra, eu esperava poder ser capaz de colocar as mãos na pedra e sentir uma tremenda fonte de energia vital dentro, mas fiquei desapontado. Não senti nada; menos do que o tilintar da água. Queria que ela estivesse cheia de vida. Foi então que isso aconteceu. Como um curador querendo trazer um homem moribundo de volta à *saúde, comecei a infundir energia na pedra. Usei minha vontade para que ela vivesse. Então, uma coisa incrível começou a acontecer.*

Sonea segurou com força o pequeno livro, incapaz de tirar os olhos das linhas de texto. Essa era a descoberta que tornara Coren famoso e influenciara a arquitetura do Clã pelos séculos seguintes. Dizem que foi o maior desenvolvimento de conhecimento mágico por séculos. Embora o que ele tivesse feito não fosse realmente magia negra, as artes proibidas o tinham levado à descoberta.

Sonea fechou os olhos e balançou a cabeça negativamente. Lorde Larkin, o professor de arquitetura, daria toda sua riqueza por aquele diário, mas ficaria desolado se descobrisse a verdade sobre seu ídolo. Ela suspirou, olhou para as

páginas e continuou a ler.

Capítulo 3

Velhos Amigos, Novos Aliados

Cery assinou a carta com um floreado e então encarou seu trabalho com satisfação. Sua escrita era organizada e elegante. O papel era de qualidade e a tinta escura e preta. Apesar dos termos de gíria espalhados na carta (ele havia pedido que Serin o ensinasse a ler e escrever, não a fazê-lo parecer com um membro das Casas) e apesar de se tratar de um pedido de execução para um homem que o havia enganado e fugido para o Lado Sul, tratava-se de uma carta bela e bem escrita.

Ele sorriu ao se lembrar de quando perguntara a Faren, o Ladrão que havia escondido Sonea do Clã, se podia “tomar emprestado” o escriba de Faren por um tempo. Pela reação mista de relutância e gratidão de Faren, Cery sabia que o Ladrão teria recusado se não precisasse desesperadamente do estímulo para sua posição que tal arranjo traria.

A capacidade de Faren de manter seu status como Ladrão tinha sido precária durante o primeiro ano depois de ele ter entregado Sonea para o Clã. A capacidade de um Ladrão fazer negócios dependia de uma rede de pessoas dispostas a trabalhar para ele. Embora alguns trabalhassem por dinheiro, a maioria preferia “ajudar” e ser paga da mesma forma mais tarde. Favores eram a segunda moeda do submundo.

Faren havia usado muitos favores que lhe eram devidos enquanto mantinha Sonea fora das mãos do Clã, mas isso não o prejudicaria por muito tempo. As pessoas sabiam que ele tinha feito um acordo com Sonea para escondê-la do Clã em troca de ela usar magia para ele... um acordo que ele quebrou. Os outros Ladrões, preocupados com os avisos do Clã de que os poderes dela se tornariam perigosos se não fosse treinada para controlá-los, haviam “pedido” a ele para entregá-la. Embora ele realmente não pudesse ter recusado o pedido dos outros

líderes do submundo, um acordo *havia* sido quebrado. Os Ladrões precisavam que as pessoas acreditassem que tinham ao menos um *pouco* de integridade, ou só aquelas desesperadas e tolas fariam negócios com eles. Apenas o fato de Sonea nunca ter usado magia de alguma maneira útil, falhando em cumprir sua parte do negócio, havia salvado Faren da ruína completa.

Serin permanecera leal, no entanto. Ele tinha fornecido poucas informações sobre os negócios de Faren durante as lições de leitura e escrita, nada que Cery já não soubesse, de qualquer forma. Este havia aprendido rápido, embora atribuísse isso em parte ao fato de ter assistido a algumas das lições de Sonea com o escriba.

E ao mostrar que ele, o amigo de Sonea, estava disposto a lidar com Faren, o "traidor" de Sonea, Cery garantiu às pessoas que o Ladrão ainda era confiável.

Pegando um tubo fino de junco seco da gaveta da escrivaninha, Cery enrolou a carta e a colocou dentro dele. Tampou o tubo e o selou com cera. Pegando um yerim, ferramenta de metal fina com uma ponta semelhante a uma agulha, riscou um nome na lateral.

Colocando o tubo de lado, Cery equilibrou o yerim numa das mãos e, então, com um movimento rápido do pulso, jogou-o para o outro lado da sala. Ele deu um pequeno suspiro de satisfação. Mandara fazer seu yerim bem equilibrado, de forma que ficasse bom para o arremesso. Olhando para os três remanescentes na gaveta, esticou a mão para pegar outro, mas parou ao ouvir uma batida na porta.

Levantando, Cery cruzou a sala para pegar o yerim do painel, voltando depois para a mesa.

— Entre — falou.

A porta se abriu e Gol entrou. A expressão do homem era respeitosa. Cery olhou com mais atenção. Nos olhos de Gol havia um indício de... expectativa, talvez?

— Uma mulher esta aí para vê-lo, Ceryni.

Cery sorriu com o uso de seu nome inteiro por Gol. Essa devia ser uma mulher incomum, a julgar pelo jeito de Gol. Como ela seria: fogosa, bela ou

importante?

— Nome?

— Savara.

Ninguém que Cery conhecesse, a não ser que o nome fosse falso. Não era um típico nome kyraliano, no entanto. Parecia mais um nome lonmar.

— Ocupação?

— Ela não quis dizer.

“Então talvez seu nome *seja* Savara”, Cery pensou. Se ela tivesse mentido sobre o nome, por que não inventar uma ocupação também?

— Por que ela veio?

— Ela diz que pode ajudá-lo com um problema, mas não quis dizer qual era ele.

Cery ficou pensativo. “Então, ela acha que eu tenho um problema. Interessante.”

— Mande-a entrar, então.

Gol concordou com a cabeça e saiu da sala. Cery fechou a gaveta da escrivaninha e então se reclinou na cadeira para esperar. Depois de alguns minutos, a porta se abriu de novo.

Ele e a recém-chegada encararam um ao outro com surpresa.

Ela tinha o rosto mais estranho que ele já havia visto. Testa larga e maçãs do rosto altas que desciam angulosas até o queixo fino. Os cabelos pretos grossos pendiam pesados e retos para além dos ombros, mas sua característica mais impressionante eram os olhos: grandes e curvados para cima nos cantos externos, eles tinham o mesmo castanho dourado claro da pele. Olhos estranhos, exóticos... e eles o examinavam com um deleite mal disfarçado.

Ele estava acostumado com essa reação. Muitos clientes hesitavam na primeira vez que o viam, pois notavam sua estatura e seu nome, que também era o de um pequeno roedor comum na favela. Então, lembravam-se da importância

de Cery e das prováveis consequências se rissem em voz alta.

— Ceryni — a mulher disse. — Você é Ceryni? — Sua voz era rica e grave, e ela falava com um sotaque que ele não sabia dizer de onde. Com certeza, não era lonmar.

— Sim. Você é Savara. — Ele não formulou isso como uma pergunta. Se ela tivesse mentido sobre o nome, ele duvidava que fosse declinar o nome real agora só pelo fato de ele perguntar.

— Sou.

Ela deu um passo para mais perto da mesa, o olhar movendo-se para observar as características da sala e então detendo-se de novo nele.

— Você afirma que tenho um problema que pode resolver — ele disse para começar a conversa.

Um indício de sorriso cruzou o rosto dela, e ele segurou a respiração. “Se ela desse um sorriso inteiro, poderia mostrar ser incrivelmente bonita.” Sem dúvida, essa era a causa do entusiasmo contido de Gol.

— Eu posso. — Ela franziu a testa. — Você tem. — Seu olhar se desviou dele, deslocando-se para o alto enquanto pensava em algo, e então voltou a encará-lo. — Os outros Ladrões dizem que você é o Ladrão que caça os assassinos.

“Assassinos?” Cery estreitou os olhos. “Então, ela sabe que há mais de um.”

— Como planeja me ajudar?

Ela sorriu e a suspeita de Cery se confirmou.... *era* incrivelmente bonita. No entanto, ele não havia antecipado o ar de desafio e confiança que vinha com o sorriso. Ela era alguém que sabia usar a aparência para conseguir seus desejos.

— Posso ajudá-lo a encontrá-los e matá-los.

O coração de Cery começou a acelerar. Se ela sabia quem eram esses assassinos e acreditava que podia matá-los...

— E como pretende fazer isso? — ele perguntou.

O sorriso sumiu. Ela deu outro passo mais perto.

— Encontrar ou matar?

— Ambos.

— Não vou dizer nada sobre meus métodos para matar hoje. Quanto a encontrá-los — uma ruga apareceu entre as sobrancelhas —, isso é mais difícil, mas mais fácil para mim do que para você. Tenho meios de reconhecê-los.

— Eu também — Cery destacou. — Por que os seus são melhores?

Ela sorriu de novo.

— Eu sei mais sobre eles. Por enquanto, vou lhe dizer que o próximo entrou na cidade hoje. Ele provavelmente vai levar um dia ou dois para juntar coragem e então você vai ouvir falar sobre sua primeira vítima.

Ele considerou sua resposta com cuidado. Se ela não soubesse de algo, por que oferecer essa prova? A não ser que tivesse a intenção de fabricar a "prova" matando alguém ela mesma. Ele a olhou de perto e seu coração gelou quando reconheceu tardiamente as características faciais gerais e aquele tom particular de pele castanho-dourada. Como ele não tinha percebido antes? Mas ele nunca tinha visto uma *mulher* sachakana...

Ele não tinha dúvida agora que ela era perigosa. Se era perigosa para ele ou para os assassinos da terra natal dela, ele ainda não sabia. Quanto mais ele pudesse fazê-la revelar sobre si mesma, melhor.

— Então, você tem observadores na sua terra natal — ele sugeriu. — Que lhe dizem quando um assassino entrou em Kyralia.

Ela fez uma pausa.

— Sim.

Cery concordou com a cabeça.

— Ou... — ele disse lentamente — você vai esperar alguns dias e matar alguém você mesma.

Ela lançou-lhe um olhar grave.

— Então, mande seus vigias me observarem. Vou permanecer no meu quarto e

mandar trazerem comida para mim.

— Nós ambos precisamos provar que somos gente direita — ele disse. — Você veio a mim, então prove primeiro. Vou colocar uma pessoa para observá-la, e vamos ter essa conversa de novo depois que esse homem tiver cometido seu crime. Tudo bem assim?

Ela balançou a cabeça uma vez, concordando.

— Sim.

— Espere na primeira sala. Vou arranjar as coisas, e mandar um amigo levá-la de volta para o lugar onde você está.

Ele observou, tentando capturar o máximo de detalhes possíveis, enquanto ela se dirigia até a porta. Suas roupas eram simples, nem surradas nem caras. A camisa e as calças pesadas eram típicas de kyralianos comuns, mas, pela maneira como ela andava, ele duvidou que houvesse recebido muitas ordens na vida. Não, ela era quem mandava.

Gol voltou à sala logo depois de ela ter saído, o rosto rígido com o esforço para esconder a curiosidade.

— Coloque quatro homens para vigiá-la — Cery disse a ele. — Quero ficar sabendo de cada movimento. Mantenha um olho em quem quer que traga algo para ela, seja comida, seja qualquer outra coisa. Ela sabe que está sendo observada, então deixe-a ver dois dos vigias.

Gol concordou com a cabeça.

— Quer ver o que ela estava carregando?

Ele segurava uma trouxa de pano. Cery o encarou com uma leve surpresa. “Ela *havia* se oferecido para matar os assassinos”, ele pensou. “E duvido que planeje fazer isso de mãos vazias.” Ele concordou com a cabeça.

Gol cuidadosamente desenrolou o pano na mesa. Cery riu quando viu a série de facas e adagas. Pegou-as uma por uma, sentindo-lhes o peso. Algumas eram entalhadas com desenhos e símbolos incomuns, outras com joias incrustadas no metal. Ele ficou sério. Sachakanas, provavelmente. Separou a maior das que

tinham joias de lado, então acenou para Gol.

— Devolva para ela.

Gol fez que sim com a cabeça, enrolou o pano e levou embora o pacote. Quando a porta se fechou, Cery reclinou-se na cadeira e ficou pensando na estranha mulher. Se tudo que dissera se provasse verdade, ela poderia ser tão útil quanto afirmava ser.

E se estivesse mentindo? Ele franziu a testa. Era possível que um Ladrão a houvesse enviado? Ela mencionara falar com os “outros Ladrões”. Ele não podia pensar num bom motivo para um deles interferir, no entanto. Era preciso dedicar tempo para examinar todas as possibilidades. Ele iria questionar seus vigias com atenção.

“E eu deveria contar a *ele*?”, Cery pensou. Comunicar algo além das mensagens em código combinadas exigiria um encontro, e ele não iria arranjar um, a não ser que fosse absolutamente necessário. Isso era importante o suficiente?

Uma mulher sachakana que tinha contatos em sua terra natal. É claro que era.

Mas algo fez Cery se deter. Talvez ele devesse esperar e primeiro ver se ela se provava útil. E ele tinha de admitir, não gostava de consultar outra pessoa toda vez que mudava ligeiramente de tática. Mesmo que tivesse uma grande dívida com essa pessoa.

Era hora de ele pensar em algumas estratégias próprias.

Enquanto esperava a aula de Artes Guerreiras começar, Sonea fechou os olhos e esfregou-os, então lutou contra a vontade de bocejar. Ela havia terminado o diário de Coren tarde da noite, atraída pelas memórias do arquiteto e meio temerosa de que, se o deixasse por terminar, poderia voltar na noite seguinte e descobrir que ele sumira e nunca saber como a história acabava.

Quando a noite atingiu as primeiras horas da manhã, ela leu a última anotação:

Eu decidi. Quando as fundações da Universidade estiverem completas, vou

enterrar o baú, com todos os seus conteúdos, no solo embaixo dele. A essas terríveis verdades vão se juntar as minhas, na forma física deste livro. Talvez, ao realizar esse ato de ocultação, eu finalmente consiga esmagar essa culpa torturante sobre o que aprendi e usei.

Se eu tivesse a coragem, destruiria o baú e seu conteúdo, mas tenho medo de usar um julgamento diferente daqueles que o colocaram debaixo do solo na primeira vez. Eles eram com certeza homens mais sábios do que eu.

O baú devia ter sido redescoberto, no entanto, ou ela não teria o diário de Coren em suas mãos. O que havia acontecido com o resto dos livros? Será que Akkarin estava com eles?

Ou o diário era falso, criado por Akkarin para persuadir o Clã de que a magia negra não era tão ruim quanto achavam? Ele podia estar testando-a, para ver se conseguia convencê-la.

Se fosse isso, então ele cometera um engano. Coren acreditava que a magia negra era errada. Ler o relato, quer ele fosse ficcional ou não, não iria persuadir ninguém do contrário.

Se ele era real, por que Akkarin o dera a ela? Sonea fez uma careta para seu caderno de anotações. Ele não iria permitir que ela soubesse da sua existência só por um capricho. Devia ter um motivo.

O que ele revelara a ela? Que Coren havia usado magia negra e isso o levara a descobrir como manipular pedra. Que outro mago, um mago famoso, havia cometido o mesmo crime que ele. Talvez Akkarin quisesse que ela pensasse que ele também poderia ter aprendido isso contra seu melhor juízo. Talvez ele quisesse sua compaixão e compreensão.

No entanto, Coren não tinha mantido uma aprendiz refém para preservar o segredo de seus crimes.

Ou ele teria feito isso, se tivesse encarado a possibilidade de perder seus poderes, seu cargo ou mesmo sua vida, como punição? Sonea balançou a cabeça negativamente. Talvez Akkarin apenas quisesse destruir quaisquer ilusões que ela tivesse da figura famosa de Coren.

A aparição súbita de Lorde Makin interrompeu seus pensamentos. O professor colocou uma caixa grande na mesa da frente e então encarou a sala.

— Hoje, vou ensinar sobre ilusão — o Guerreiro disse. — E como ela pode ser usada em batalhas. A coisa mais importante a lembrar sobre ilusões é: elas são uma total enganação. Uma ilusão não pode machucá-los, mas pode colocá-los em perigo. Vou demonstrar com uma história.

Makin andou até sua cadeira e se sentou, colocando as mãos sobre a mesa, uma envolvendo a outra. Todos os sons de botas se arrastando no chão ou de aprendizes se ajeitando no assento pararam. As histórias de Lorde Makin eram sempre interessantes.

— Nossas histórias nos dizem que, cinco séculos atrás, dois irmãos viviam nas montanhas de Elyne. Grind e Lond eram ambos magos habilidosos na batalha. Um dia, uma caravana de viajantes passou, guiada por um mercador chamado Kamaka. Sua filha, uma mulher jovem e bela, viajava com ele. Os dois irmãos viram a caravana e desceram de sua casa na montanha para comprar coisas. Quando seus olhos pousaram sobre a filha de Kamaka, ambos se apaixonaram instantaneamente.

Makin deu um suspiro e balançou a cabeça negativamente, de maneira triste, conquistando sorrisos dos aprendizes.

— Uma discussão se iniciou entre eles sobre quem ficaria com a garota. Os dois irmãos não podiam resolver sua disputa com palavras, então começaram a lutar um contra o outro. Dizem que a batalha continuou por dias (o que é improvável) e os irmãos se descobriram igualmente equilibrados em força e habilidade. Foi Grind que quebrou o empate. Vendo que o irmão se encontrava parado do lado de um penhasco no qual se pendurava uma grande rocha, planejou para que essa rocha caísse, mas precedeu essa queda com a de outra rocha, ilusória.

— Lond viu o irmão encarar algo acima de sua cabeça. Olhou e viu uma rocha caindo sobre ele e, imediatamente, a ignorou como a ilusão que ela era. É claro que ele não viu a segunda rocha, que estava escondida atrás da rocha ilusória.

— Grind esperava que ele detectasse o engodo. Quando percebeu que havia matado o irmão, foi tomado pelo pesar. A caravana continuou seu caminho, levando a filha de Kamaka com eles. Então vocês veem — Makin terminou —, embora ilusões não possam machucá-los, permitir a si mesmos ser enganados por elas pode.

O Guerreiro se levantou.

— Como vocês podem criar ilusões? É isso que vou lhes ensinar hoje. Vamos começar copiando objetos que eu trouxe. Seno, venha para a frente da sala.

Sonea ouviu quando o mago explicou diferentes formas de criar uma imagem de algo com magia, e observou enquanto Seno seguia as instruções do professor. Quando a demonstração se encerrou, Seno passou pela carteira de Sonea no caminho para sua. Olhou para ela e sorriu. Ele havia sido particularmente gentil com ela desde uma sessão de prática de Artes Guerreiras algumas semanas atrás, na qual ela lhe havia ensinado um truque que magos mais jovens podiam usar contra magos mais fortes.

Conforme a aula continuou, ela voltou sua mente para aprender técnicas de ilusão. Bem quando havia conseguido formar uma ilusão de uma fruta pachi, algo apareceu no ar à frente dela.

Era uma flor, as pétalas feitas de folhas de um laranja brilhante outonal. Ela esticou a mão e seus dedos passaram pela estranha floração. Esta se estilhaçou em milhares de fagulhas de luz que giraram numa rápida dança antes de desaparecerem.

— Muito bem! — Trassia exclamou.

— Não fui eu. — Sonea se virou e viu Seno sorrindo para ela, uma folha laranja descansando sobre a carteira diante dele.

Na frente da sala, Lorde Makin pigarreou alto. Sonea se virou e viu o professor encarando-a com ar severo. Ela levantou os ombros para protestar inocência. Ele olhou-a firme com a fruta em cima da carteira dela.

Ela se concentrou até uma cópia ilusória ter aparecido ao lado da flor. Era de um tom mais vermelho do que deveria, e a textura da pele parecia de maneira

suspeita com as veias de uma folha. Ela suspirou. Seria mais fácil se não tivesse uma lembrança de folhas de outono tão frescas na mente. Ela afastou sua irritação. Seno não tinha intenção de distraí-la. Apenas estava se exibindo.

Mas por que se gabar de seu sucesso para ela e para ninguém mais? Com certeza, ele não estava tentando impressioná-la.

“Ou estava?”

Ela resistiu à tentação de se virar e ver o que ele estava fazendo. Seno era um garoto alegre, falante e fácil de gostar, e ela era provavelmente a única garota kyraliana que não era maior que ele...

“O que estou pensando?” Ela fez uma careta quando percebeu que sua ilusão havia se transformado numa bola brilhante sem forma. “Mesmo que eu não tivesse Akkarin para me preocupar, e quanto a Dorrien?”

Uma lembrança do filho de Rothen parado perto da fonte atrás do Clã passou voando por sua mente. Ele se inclinando para beijá-la. Ela então a afastou.

Ela não via Dorrien há mais de um ano. Sempre que se pegava pensando nele, forçava-se a se concentrar em outra coisa. Não havia nada a ganhar com o arrependimento — não quando teria sido um relacionamento impossível de qualquer forma, com ela presa no Clã até se formar e ele vivendo o tempo todo — com exceção de algumas semanas todos os anos — bem longe, num vilarejo no pé das montanhas.

Suspirando, ela se concentrou na fruta, e começou a restaurar sua ilusão.

Quando chegou à porta de seu escritório, Lorlen ouviu uma voz familiar chamar seu nome. Olhando para trás, ele sorriu ao perceber seu assistente andando a passos largos para alcançá-lo.

— Boa noite, Lorde Osen.

A fechadura mágica destravou com o uso de sua vontade, e a porta se abriu com um clique. Lorlen avançou um passo e gesticulou para Osen entrar, mas o assistente hesitou quando olhou para a sala, a expressão mudando de surpresa

para uma carranca. Seguindo o olhar de Osen, Lorlen viu o homem de túnica preta que estava relaxando em uma das cadeiras confortáveis da sala.

Akkarin tinha um jeito de aparecer em salas trancadas, ou em lugares inesperados, mas isso não explicava a carranca de Osen. Lorlen olhou para o assistente de novo. A expressão do jovem mago era respeitosa agora; nenhum sinal da desaprovação momentânea que Lorlen havia vislumbrado.

“Eu não havia percebido sua antipatia por Akkarin antes”, Lorlen pensou enquanto se dirigia a sua mesa. “Eu me pergunto por quanto tempo ela a alimenta.”

— Boa noite, Lorde Supremo. — Lorlen disse.

— Administrador — Akkarin respondeu. — Lorde Osen.

— Lorde Supremo — Osen respondeu, acenando com a cabeça.

Lorlen sentou-se em sua mesa e olhou para Osen.

— Havia algo que...?

— Sim — Osen respondeu. — Encontrei um mensageiro esperando na porta cerca de meia hora atrás. O Capitão Barran diz que ele tem algo interessante para lhe mostrar se você estiver livre.

“Outra vítima?”

Lorlen reprimiu um calafrio.

— Então é melhor eu ver o que é, a não ser que o Lorde Supremo tenha motivo para me reter. — Ele olhou para Akkarin.

Rugas profundas haviam se formado entre as sobrancelhas de Akkarin. “Ele parece genuinamente preocupado”, Lorlen pensou. “Muito preocupado.”

— Não — Akkarin disse. — O pedido do Capitão Barran é mais importante do que as questões que vim discutir.

Um silêncio curto e constrangedor se seguiu quando Osen permaneceu próximo da mesa e Akkarin continuou em sua cadeira. Lorlen olhou de um para outro, então se levantou.

— Obrigado, Osen. Você poderia mandar chamar uma carruagem para mim?

— Sim, Administrador. — O jovem mago fez uma mesura com a cabeça para Akkarin e então saiu da sala. Lorlen olhou para Akkarin com atenção, perguntando-se se a antipatia de Osen havia sido comunicada para Akkarin.

“O que estou pensando? É claro que Akkarin sabe.”

Akkarin havia prestado pouca atenção à partida de Osen, no entanto. Ele ainda estava franzindo a testa quando se levantou e seguiu Lorlen até a porta.

— Você não estava pensando isso? — Lorlen aventurou-se quando eles chegaram ao Salão da Entrada. Chovia lá fora, então ele parou antes da porta para esperar a carruagem.

Akkarin estreitou os olhos.

— Não.

— Você pode vir comigo.

— É melhor você tomar conta disso.

“Ele vai estar assistindo, aposto”. Lorlen olhou para o anel em seu dedo.

— Boa noite, então — Lorlen arriscou.

A expressão de Akkarin se suavizou um pouco.

— Boa noite. Aguardo ansioso para saber sua opinião sobre isso. — Os cantos de sua boca se contorceram para cima, então ele se virou e começou a descer a escada, a chuva sibilando ao se encontrar com o escudo invisível ao seu redor.

Lorlen balançou a cabeça negativamente com a piadinha de Akkarin. Uma carruagem saiu dos estábulos e começou a percorrer o caminho para a Universidade. Ela parou no fim da escada e o cocheiro pulou do assento para abrir a porta. Lorlen se apressou e subiu a bordo.

A jornada pela cidade até a Casa da Guarda pareceu mais longa do que de costume. As nuvens de chuva bloqueavam a luz das estrelas, mas a rua molhada refletia a luz das lamparinas em direção aos prédios. As poucas pessoas que vagueavam pelas ruas andavam apressadas, vestidas com capas e com capuzes

sobre a cabeça. Apenas um garoto de entregas parou para encarar enquanto a carruagem passava.

Esta finalmente se deteve em frente à Casa da Guarda. Lorlen desceu e andou até a porta. Foi cumprimentado pelo Capitão Barran.

— Desculpe por chamá-lo numa noite tão horrível, Administrador. — Barran disse enquanto guiava Lorlen pelo corredor até seu escritório. — Pensei em adiar minha mensagem até amanhã, mas isso não tornaria o que quero que você veja menos agradável.

Barran não parou em seu escritório, descendo para a mesma sala no porão para a qual havia levado Lorlen antes. Quando eles entraram pela porta, um forte cheiro de podridão os envolveu. Lorlen viu com consternação que algo com uma forma humana se encontrava sob um pano pesado em uma das mesas.

— Aqui. — O Capitão se moveu rapidamente para um armário e tirou uma jarra e dois quadrados de pano. Abriu a jarra e despejou algumas gotas de óleo amarelo nos panos, então entregou um para Lorlen. — Mantenha isso sobre seu nariz.

Conforme Lorlen fez isso, um cheiro intenso e familiar de remédio sobrepujou o odor da sala. Mantendo o outro pano sobre o rosto, Barran se aproximou da mesa.

— Este homem foi encontrado flutuando no rio hoje — ele disse, a voz abafada. — Está morto há alguns dias. — Levantou o pano que cobria a face, revelando um rosto pálido. Os olhos do cadáver estavam cobertos por pequenos quadrados de tecido. Conforme mais do corpo era revelado, Lorlen se forçou a ignorar os sinais de decomposição e o que ele imaginava fossem mordiscadas de peixes. Em vez disso, notou o ferimento no coração e um longo corte no pescoço do homem.

— Outra vítima.

— Não. — Barran olhou para Lorlen. — Ele foi identificado por duas testemunhas. Este parece ser o assassino.

Lorlen encarou Barran e depois o cadáver.

— Mas ele foi morto da mesma forma.

— Sim. Em vingança, talvez. Veja aqui. — O guarda apontou para a mão esquerda do cadáver. Um dedo estava faltando. — Ele estava usando um anel. Tivemos que cortá-lo. — Barran colocou o pano de volta e então se dirigiu até um prato coberto numa bancada próxima. O guarda tirou a capa e revelou um anel de prata sujo.

— Ele tinha uma pedra, mas não foi removida. Nosso investigador encontrou estilhaços de vidro cravados na pele, e as hastes na montagem da pedra estavam dobradas de maneira a sugerir que o anel fora esmagado. Ele acha que a pedra era de vidro.

Lorlen resistiu a abaixar os olhos para o próprio anel. O anel de Akkarin. “Então minhas suspeitas sobre o anel do assassino devem ser verdadeiras. Eu me pergunto...”

Ele voltou a encarar o cadáver coberto.

— Você tem certeza que esse é o assassino?

— As testemunhas foram bastante convincentes.

Lorlen foi até o cadáver e descobriu um dos braços. Preparando-se mentalmente, colocou dois dedos na pele e enviou seus sentidos para ele. Na mesma hora, detectou energia dentro dele, e sentiu alívio. Alguma coisa estava estranha, no entanto. Ele examinou o corpo e então o largou quando percebeu qual era a estranheza. A vida dentro do corpo estava concentrada no estômago, no pulmão, na pele e nas feridas. O resto estava praticamente vazio.

“É claro”, ele pensou. Esse homem provavelmente estava flutuando no rio há alguns dias. Tempo suficiente para pequenos organismos invadirem. Mais um dia ou dois e a verdadeira causa da morte seria impossível de detectar.

Lorlen afastou-se da mesa.

— Viu o suficiente? — Barran perguntou.

— Sim. — Lorlen parou para limpar os dedos no pano antes de entregá-lo a

Barran. Segurou a respiração até estar de volta no corredor e a porta estar fechada bem firme atrás dele.

— E o que vai acontecer agora? — Lorlen se perguntou em voz alta.

Barran suspirou.

— Nós vamos esperar. Se os assassinatos começaram de novo, saberemos com certeza que há uma gangue de assassinos que temos de encontrar.

— Eu preferiria que os assassinatos simplesmente acabassem agora. — Lorlen respondeu.

— Como prefeririam a maioria dos imardianos — concordou Barran. — Mas eu ainda tenho o matador do assassino para encontrar.

O matador do assassino. Outro mago negro. Akkarin, talvez? Ele olhou de relance para a porta pela qual haviam acabado de passar. O cadáver era a prova de que existiam — ou tinham existido —magos negros na cidade além de Akkarin. Estaria a cidade cheia deles? Agora *isso* não era um pensamento reconfortante. De repente, tudo que Lorlen queria era voltar para o Clã, para a segurança de seus aposentos, e tentar entender todas as implicações.

Mas Barran obviamente precisava conversar mais sobre a descoberta. Reprimindo um suspiro, Lorlen seguiu o guarda de volta a seu escritório.

Capítulo 4

A Próxima Parada

Rothen sentou-se em sua cadeira favorita num lado do Salão da Noite e observou os colegas magos. Toda semana, membros do Clã vinham àquela sala para conversar e compartilhar fofocas. Alguns permaneciam em pares ou em pequenos círculos, reunidos por amizade ou familiaridade com outros da mesma disciplina. Outros eram atraídos por laços de família ou de Casa; embora magos supostamente devessem colocar de lado tais lealdades quando se juntavam ao Clã, a inclinação de confiar e desconfiar de acordo com a tradição e as alianças políticas permanecia forte.

No outro lado da sala, estavam sentados três magos que com certeza não pareciam estar de conversa fiada. Lorde Balkan, usando a túnica vermelha e o cinturão negro do Chefe dos Guerreiros, era o mais jovem deles. Lady Vinara, a Chefe dos Curadores, era uma mulher de meia-idade, severa. Lorde Sarrin, de cabelos brancos, Chefe dos Alquimistas, usava o manto roxo.

Rothen queria poder ouvir a conversa. Os três estavam conversando animadamente há uma hora. Sempre que algo era debatido entre os Magos Superiores, esses três eram os oradores mais loquazes e influentes. Entre o raciocínio direto de Balkan, a compaixão e o discernimento de Vinara e as opiniões conservadores de Sarrin, eles normalmente conseguiam cobrir todos os lados de um problema.

Mas Rothen sabia que nunca chegaria perto o suficiente do trio para ouvir sem ser notado. Em vez disso, voltou a atenção para os magos mais próximos. No mesmo instante, seu coração acelerou quando reconheceu uma voz familiar. Administrador Lorlen... vinda de algum lugar atrás de sua cadeira. Fechou os olhos e se concentrou na voz.

— ... eu entendo que muitos dos Alquimistas têm estado envolvidos em

projetos de longo prazo que relutam em deixar de lado — Lorlen disse. — Todos terão oportunidade de opor-se a seu envolvimento na construção da nova Torre de Observação, mas precisam provar que seu trabalho será prejudicado de forma irremediável pelo atraso.

— Mas...

— Sim?

Alguém suspirou.

— Não consigo entender por que estamos gastando o tempo dos Alquimistas nessa... nessa bobagem. Monitoramento do *clima*, de todas as coisas! Davin não podia construir uma cabaninha naquela colina? Por que uma torre? — O mago que se opunha ao projeto era Lorde Peakin, Chefe de Estudos Alquímicos. — E não vejo a necessidade do envolvimento dos Guerreiros. Essa estrutura vai ser para uso alquímico ou militar?

— Ambos — Lorlen disse a ele. — O Lorde Supremo decidiu que seria falta de visão construir um prédio desse tipo sem considerar seu potencial defensivo. Ele também observou que seria improvável que o prédio fosse aprovado pelo Rei se seu único uso fosse monitorar o clima.

— Então, quem vai projetar a estrutura?

— Isso ainda não foi decidido.

Rothen sorriu. Lorde Davin havia sido considerado um excêntrico por anos, mas recentemente seu estudo dos padrões e de previsão do clima havia conquistado certo respeito e interesse. Lorde Peakin, no entanto, sempre achara o entusiasmo efusivo e a peculiar obsessão de Davin irritantes.

A discussão sobre a torre acabou quando uma nova voz se juntou às outras.

— Boa noite, Administrador, Lorde Peakin.

— Diretor Jerrik — Peakin disse. — Ouvi dizer que Sonea não vai mais frequentar aulas noturnas. É verdade?

Ao ouvir o nome de Sonea, Rothen ficou tenso e alerta no mesmo instante. E

Jerrik, como Diretor da Universidade, supervisionava todas as questões relacionadas ao treinamento dos aprendizes. Com base nessa conversa, Rothen poderia ficar sabendo sobre o progresso dela.

— Sim. — Jerrik respondeu. — O Lorde Supremo falou comigo ontem. Alguns dos seus professores comentaram que ela parece cansada e se distrai com facilidade. Akkarin fez a mesma observação e concordou em deixá-la ter as noites livres pelo resto do ano.

— E quanto às matérias que ela já começou a estudar?

— Ela vai ter que começá-las de novo no ano que vem, embora ela não vá precisar repetir nenhum projeto se não houver necessidade. Seus professores vão levar em conta o que ela já aprendeu.

As vozes começaram a ficar mais difíceis de ouvir. Rothen resistiu à vontade de olhar ao redor.

— Ela vai favorecer uma disciplina? — Peakin perguntou. — Isso tornará ainda mais necessário que ela concentre seus esforços numa delas logo, ou não será proficiente em nenhuma quando se formar.

— Akkarin não decidiu ainda — Lorlen respondeu.

— *Akkarin* não decidiu? — Jerrik repetiu. — A escolha é de Sonea.

Houve uma pausa.

— É claro — Lorlen concordou. — O que eu quis dizer é que Akkarin não indicou a mim o que preferia que ela escolhesse, então estou assumindo que ele não decidiu o que recomendar.

— Talvez ele não queira influenciá-la de nenhuma maneira — disse Peakin — E é por isso que ele... uma boa base... antes...

As vozes desapareceram na distância. Adivinhando que os magos se afastavam, Rothen suspirou e tomou o resto do conteúdo do copo.

Então Sonea tinha as noites para si mesma. Seu humor se fechou com a ideia dela presa em seu quarto na Residência do Lorde Supremo, próximo de Akkarin

e de seus hábitos malignos. Então, ele se lembrou de que ela sempre passava seu tempo livre na Biblioteca dos Aprendizes. Sem dúvida, simplesmente iria lá todas as noites agora que estava livre das aulas.

Sentindo-se um pouco melhor, Rothen se levantou, entregou o copo vazio a um criado e saiu em busca de Yaldin.

Desde que Irand havia alocado uma sala de estudo para eles, Dannyl e Tayend tinham gradualmente acrescentado móveis a ela até que ficasse tão confortável como qualquer sala de visita de um nobre. Além da grande mesa que uma vez dominara a sala, havia cadeiras e um sofá confortável, um armário de vinhos bem suprido e lamparinas de óleo para leitura. As lamparinas também eram a única fonte de calor quando Dannyl não estava lá. Hoje, no entanto, ele havia estabelecido um globo de magia numa alcova de uma das paredes, e o calor rapidamente espantara o gelo das paredes de pedra.

Tayend estava ausente quando Dannyl chegou à biblioteca. Depois de falar com Irand por uma hora, ele havia seguido para a sala de estudo para esperar pelo amigo. Ele estava se esforçando para ler registros de uma propriedade à beira-mar na vaga esperança de encontrar uma referência a magia antiga quando Tayend finalmente chegou.

O acadêmico parou na metade da sala e oscilou, claramente um pouco bêbado.

— Parece que estava se divertindo — observou Dannyl.

Tayend suspirou de maneira dramática.

— Ah, sim. Havia bons vinhos. Havia bela música. Havia até alguns acrobatas bonitões para se admirar... Mas eu me arrastei para fora dali, sabendo que só poderia escapar por algumas poucas doces horas do trabalho duro na biblioteca para meu incansavelmente exigente Embaixador do Clã.

Dannyl cruzou os braços e sorriu.

— Trabalho duro, francamente. Você nunca teve um dia de trabalho honrado na vida.

— Uma porção de dias desonrados, no entanto — Tayend sorriu. — E, além disso, fiz um pouco de trabalho para nós nessa festa. O Dem Marane estava lá, o homem que pode ser um rebelde.

— Verdade? — Dannyl descruzou os braços. — Isso é que é coincidência.

— Na verdade, não. — Tayend deu de ombros. — Eu o vi ocasionalmente em festas, mas não tive muita conversa com ele desde que ele primeiro se apresentou. De qualquer forma, decidi bater um papo e dar a ele uma indicação de que estávamos interessados em frequentar suas festas.

Dannyl sentiu uma pontada de alarme.

— O que você disse?

Tayend acenou com a mão indicando a falta de interesse.

— Nada específico. Só comentei que seus convites tinham parado quando comecei a ajudá-lo, então mostrei um ar cauteloso, mas interessado.

— Você não deveria... — Dannyl franziu a testa. — Quantas vezes recebeu esses convites?

O acadêmico riu.

— Você parece estar com ciúme, Dannyl. Só uma ou duas vezes por ano. E não eram convites, na verdade. Ele só insinuava que eu ainda era bem-vindo em suas festas.

— E essas insinuações pararam quando você começou a me ajudar?

— Obviamente ele tem um medo enorme de você.

Dannyl andou de um lado para o outro na sala.

— Você acabou de indicar que adivinhamos o que ele e seus amigos estão fazendo. Se eles tiverem ido tão fundo quanto Akkarin diz, vão tomar a menor sugestão de perigo a sério. *Muito* a sério.

Tayend arregalou os olhos.

— Eu só... tentei parecer interessado.

— Isso provavelmente é suficiente para deixar Marane em pânico. Ele deve estar pensando no que fazer sobre nós nesse exato instante.

— O que ele vai fazer?

Dannyl suspirou.

— Duvido que ele espere para ver se o Clã vai aparecer para mandá-lo para a prisão. Ele provavelmente está pensando em maneiras de nos silenciar. Chantagem. Assassinato.

— Assassinato! Mas... com certeza ele sabe que eu não o abordaria se fosse entregá-lo? Se eu fosse entregá-lo, eu apenas... o entregaria.

— Porque você só suspeita que ele é um rebelde — Dannyl respondeu. — Ele vai esperar que nós façamos exatamente o que estávamos planejando fazer... fingir querer se juntar a eles a fim de confirmar nossas suspeitas. É por isso que Akkarin sugeriu que nós déssemos a eles algo para nos chantagear.

Tayend sentou-se e esfregou a testa.

— Você acha que ele realmente vai tentar me matar? — Ele praguejou. — Eu só vi uma oportunidade e...

— Não. Se tem algum bom senso, ele não vai arriscar tentar matá-lo. — Dannyl se encostou na mesa. — Ele vai descobrir tanto quanto possível sobre nós, pensando sobre o que é precioso para nós. O que ele pode ameaçar. Família. Riqueza. Honra.

— Nós?

Dannyl balançou negativamente a cabeça.

— Mesmo que ele tenha ouvido rumores, não vai confiar neles. Ele quer algo de que tenha certeza. Se tivéssemos arranjado para nosso segredo cair nas mãos dele antes disso, poderíamos esperar que preferisse isso.

— Nós ainda temos tempo?

O entusiasmo alegre nos olhos do acadêmico havia sumido. Dannyl não tinha certeza do que ele queria fazer mais: dar um abraço para confortá-lo ou

chacoalhá-lo para ver se conseguia colocar bom senso na cabeça dele. Ao buscar aprender magia por si mesmos, os cortesões de Elyne haviam quebrado uma das leis mais importantes das Terras Aliadas. A punição para quebrá-las, dependendo das circunstâncias, era prisão perpétua ou mesmo a execução. Os rebeldes iriam levar a ameaça de serem descobertos muito a sério.

Pela cara infeliz de Tayend, Dannyl sabia que, se não havia entendido o perigo antes, ele agora o fizera. Suspirando, ele cruzou a sala e descansou as mãos nos ombros de Tayend.

— Não se preocupe, Tayend. Você colocou as coisas em ação um pouco adiantado, só isso. Vamos encontrar Irand e contar a ele que precisamos agir agora mesmo.

Tayend concordou com a cabeça, levantou-se e o seguiu até a porta.

Era tarde quando Sonea ouviu uma batida no quarto da porta. Ela suspirou aliviada. Sua criada, Viola, estava atrasada e Sonea queria sua xícara de raka noturna.

— Entre. — Sem olhar, ela mandou um pensamento em direção à porta e a abriu. Quando a criada não entrou na sala, Sonea ergueu o olhar e sentiu o sangue congelar.

Akkarin estava parado na porta, imerso na passagem coberta de sombras, com exceção de seu rosto pálido. Ele se moveu e ela viu que ele carregava dois livros grandes e pesados. A capa de um estava manchada e esfarrapada.

Com o coração acelerado, ela se levantou e se aproximou de forma relutante do quarto, parando depois de alguns passos para fazer uma reverência.

— Você terminou o diário? — ele perguntou.

Ela afirmou com a cabeça.

— Sim, Lorde Supremo.

— E o que achou dele?

O que ela deveria dizer?

— Ele... ele respondeu a muitas perguntas — disse maneira evasiva.

— Tais como?

— Como Lorde Coren descobriu como manipular pedra.

— Algo mais?

“Que ele aprendeu magia negra.” Ela não queria dizer isso, mas Akkarin obviamente queria algum tipo de reconhecimento do fato. O que ele faria se ela se recusasse a falar sobre isso? Ele provavelmente continuaria pressionando-a. Ela estava cansada demais para imaginar uma maneira de escapar de tal conversa.

— Ele usou magia negra. E viu que era errada — ela disse de maneira sucinta. — Ele parou.

O canto da boca de Akkarin se ergueu num meio sorriso.

— De fato. Eu não acho que o Clã gostaria de descobrir isso. O Coren real não é uma figura que eles gostariam que jovens aprendizes idolatrassem, mesmo que ele tenha se redimido no final. — Ele estendeu os livros para ela. — Este é um registro bem mais antigo. Eu trouxe o original, bem como uma cópia. O original está se deteriorando, então mexa nele só o quanto for preciso para confirmar que a cópia é verdadeira.

— Por que está me mostrando esses livros?

A pergunta saiu antes que ela pudesse impedir. Ela estremeceu pensando na insolência e na suspeita contidas em sua voz. Os olhos de Akkarin se encontraram de maneira penetrante com os dela e ela desviou o olhar.

— Você quer saber a verdade — ele disse. Não era uma pergunta.

Ele estava certo. Ela queria saber. Uma parte dela queria ignorar os livros, recusar-se a lê-los só porque ele desejava que ela o fizesse. Mas, em vez disso, ela deu um passo à frente e pegou os livros dele. Ela não o encarou, embora soubesse que ele a estava observando com atenção.

— Assim como o diário, você não deve deixar ninguém saber sobre esses

registros — ele disse num tom baixo. — Não deixe nem sua criada vê-los.

Ela deu um passo para trás e olhou para a capa do livro mais velho. “Registro do Ano 235”, a capa declarava. O livro tinha mais de quinhentos anos de idade! Impressionada, ela lançou um olhar para Akkarin. Ele acenou com a cabeça afirmativamente uma vez, de maneira intencional, e então foi embora. Seus passos ecoaram pelo corredor, então ela ouviu o som suave da porta do quarto dele se fechando.

Os livros eram pesados. Ela fechou a porta com um pequeno pulso de magia e foi até a mesa. Afastando suas anotações, colocou os dois livros lado a lado.

Abriu o original e virou as primeiras páginas com cuidado.

A escrita era desbotada e ilegível em alguns pontos. Abrindo a cópia, sentiu um estranho *frisson* quando as linhas de caligrafia elegante apareceram. A caligrafia de Akkarin.

Depois de ler algumas linhas do original, ela conferiu de novo com a cópia e confirmou que as duas eram idênticas. Akkarin havia deixado notas onde o texto havia desbotado, descrevendo o que ele achava que eram as palavras faltantes. Ela virou mais páginas, conferiu de novo, e então escolheu outra página do centro do livro e uma próxima do fim. Todas pareciam combinar perfeitamente com a cópia. Mais tarde, ela decidiu, iria conferir todas as páginas e todas as palavras.

Colocando o original de lado, voltou para a primeira página da cópia e começou a ler.

Era um registro do dia a dia de um Clã muito mais jovem e menor do que o atual. Depois de várias páginas, ela havia se afeiçoado ao arquivista, que claramente admirava as pessoas sobre quem estava escrevendo. O Clã que ele conhecia era bem diferente do que ela entendia. Magos aceitavam aprendizes em troca de dinheiro ou de ajuda. Então, um comentário feito pelo autor deixou claro o que era essa ajuda, e ela parou, horrorizada.

Esses primeiros magos fortaleciam a si mesmos extraindo magia de seus aprendizes. Eles usavam magia negra.

Ela leu e releu a passagem repetidas vezes, mas o significado era claro. Eles a chamavam de “magia superior”

Ela olhou para a lombada e viu que tinha lido um quarto do livro. Continuando, viu que os registros gradualmente se concentravam sobre as atividades de um aprendiz voluntarioso, Tagin. Foi descoberto que o jovem havia ensinado a si mesmo magia superior contra os desejos de seu mestre. Abusos vieram à tona. Tagin havia tirado a força de pessoas comuns, o que nunca era feito, com exceção de tempos de grande necessidade. O arquivista expressou desaprovação e raiva, então seu tom mudou de maneira abrupta para medo. Tagin havia usado magia superior para matar seu mestre.

A situação se tornou cada vez pior. Os magos do Clã buscaram puni-lo. Tagin matou de maneira indiscriminada para conseguir a força para resistir a eles. Magos relataram o massacre de homens, mulheres e crianças. Vilarejos inteiros foram praticamente destruídos, com apenas alguns sobreviventes para narrar a natureza maliciosa de seu atacante.

Quando ouviu uma batida na porta, ela pulou assustada. Fechou rapidamente os livros, colocou-os com a lombada pressionada contra a parede e empilhou vários livros comuns de estudo em cima deles. Colocando suas anotações diante dela, arrumou a mesa para parecer que estava estudando.

Quando ela usou sua vontade para abrir a porta, Takan entrou gracioso com sua raka. Ela lhe agradeceu, mas sentiu-se confusa demais para perguntar onde estava Viola. Depois que ele saiu, tomou alguns goles e então pegou os registros de novo e voltou a ler:

É difícil acreditar que qualquer homem pudesse ser capaz de tais atos de violência desnecessária. A tentativa de ontem de subjugá-lo parece tê-lo deixado irado. Os últimos relatórios dizem que ele realizou chacinas em todos os vilarejos em Tenker e Forei. Ele está além de qualquer controle e temo pelo futuro de todos nós. Estou surpreso que ele ainda não tenha se voltado contra nós... mas talvez essa seja sua preparação para esse ataque final.

Sonea se reclinou na cadeira e balançou a cabeça negativamente, incrédula. Voltou para a página anterior e releu a última parte. Cinquenta e dois magos,

fortalecidos por seus aprendizes e pelos animais de criação doados por camponeses assustados, não tinham sido capazes de derrotar Tagin. Os registros seguintes relatavam o caminho aparentemente aleatório de Tagin por Kyralia. Então, vieram as palavras que Sonea estava temendo:

Meus piores medos ganharam vida. Hoje, Tagin matou Lorde Gerin, Lorde Dirron, Lorde Winnel e Lady Ella. Isso vai acabar quando todos os magos estiverem mortos, ou ele não vai descansar até toda vida ser drenada do mundo? A vista da minha janela é horripilante. Milhares de gorins, enkas e rebers apodrecem nos campos, sua força tomada na defesa de Kyralia. Animais demais para se comer...

Desse ponto, a situação piorou até metade dos magos no Clã estarem mortos. Outro quarto já havia pegado seus pertences e fugido. O resto fez um esforço valente para salvar depósitos de livros e remédios.

"E se isso acontecesse hoje?" O Clã era maior, mas cada mago detinha apenas uma fração minúscula da força de seus predecessores há muito tempo mortos. Se Akkarin fizesse como Tagin fizera... ela tremeu e continuou a ler. O próximo registro a pegou de surpresa.

Acabou. Quando Alyk me contou a notícia, não ousei acreditar, mas uma hora atrás subi a escada da Torre de Observação e vi a verdade com meus próprios olhos. É verdade. Tagin está morto. Apenas ele poderia ter criado tal destruição em seus momentos finais.

Lorde Eland nos reuniu e leu uma carta enviada por Indria, a irmã de Tagin. Ela contou sobre sua intenção de envenená-lo. Nós só podemos supor que foi bem-sucedida.

O arquivista relatou uma restauração lenta. Os magos que haviam partido retornaram. Os depósitos e as bibliotecas foram organizados de novo. Sonea refletiu sobre os longos registros que falavam sobre as perdas e a recuperação das pessoas comuns. Parecia que o Clã certa vez tinha se preocupado com o bem-estar das pessoas normais.

Realmente o velho Clã havia sido destruído com Tagin. Eu ouvi alguns

dizerem que um novo Clã nasceu hoje. A primeira das mudanças ocorreu nesta manhã, quando cinco rapazes juntaram-se a nós. Eles são nossos primeiros "aprendizes", estudantes de todos e não só de um de nós. Eles não vão receber instrução sobre as magias superiores até que provem ser de confiança. Se Lorde Karron convencer os outros, eles não as aprenderão nunca.

O apoio para o banimento do que Lorde Karron começou a chamar de magia "negra" aumentou. Sonea virou uma página e descobriu um último registro, seguido por páginas em branco.

Eu não tenho o dom da previsão, nem finjo saber o suficiente sobre os homens e a magia para adivinhar o futuro, mas depois que tomamos nossa decisão fui tomado por um medo de que os sachakanos pudessem se levantar contra nós no futuro, e o Clã se encontrasse despreparado. Propus um depósito secreto de conhecimento, para ser aberto apenas se o Clã se deparasse com destruição certa. Meus companheiros concordaram, pois muitos tinham o mesmo medo secreto.

Foi decidido que a existência de uma arma secreta seria conhecida apenas pelo Chefe dos Guerreiros. Ele não saberia sua natureza, mas passaria o local para seu sucessor. Eu agora termino esse registro aqui. Amanhã começarei um novo. Sinceramente espero que ninguém jamais abra este livro e leia essas palavras.

Abaixo deste último registro estava uma nota:

Setenta anos depois, Lorde Koril, Chefe dos Guerreiros, morreu durante uma luta de treino aos vinte e oito anos. É provável que ele não tenha tido a oportunidade de passar o conhecimento da "arma" secreta.

Sonea encarou o pós-escrito de Akkarin. Lorde Coren havia descoberto um baú cheio de livros. Era esse o depósito secreto de conhecimento?

Ela suspirou e fechou o livro. Quanto mais aprendia, mais perguntas surgiam. Ela se levantou e cambaleou, percebendo tardiamente que estava lendo havia horas. Bocejando, cobriu os livros de Akkarin com suas anotações e então colocou sua roupa de dormir, enfiou-se debaixo do cobertor e caiu num sono

cheio de cenas de pesadelos, com magos sedentos por poder atacando gado e aldeões.

Capítulo 5

Especulação

Embora tivesse recebido notícias sobre um assassino que citavam todos os indicadores que fora instruído a procurar, Cery esperou passar uma semana desde sua reunião com Savara antes de informá-la que estava certa. Ele queria saber quanto tempo ela iria aguentar seu aprisionamento autoimposto no quarto alugado. Quando ele ouviu dizer que ela havia sugerido praticar luta com um dos "guardas", ele viu que a paciência dela estava se esgotando. E a curiosidade o venceu quando o homem admitiu ter perdido todas as lutas.

Ele ficou andando inquieto de um lado para o outro enquanto a esperava chegar. Suas investigações tinham revelado pouco. Tudo o que o dono sabia era que Savara alugara o quarto poucos dias antes de sua visita a Cery. Apenas dois dos vendedores de armas da cidade haviam reconhecido a faca como sachakana. Os *canaletas* da cidade afirmaram todos, depois de propinas e outros meios de garantir que falassem a verdade, nunca ter vendido uma arma como aquela antes. Ele duvidava que fosse encontrar alguém na cidade que pudesse dizer mais.

Uma batida na porta o fez parar de andar. Ele voltou sentar-se e pigarreou.

— Entre.

Ela deu um sorriso caloroso quando entrou no quarto. "Ah, ela sabe que é bonita, e também sabe como usar isso para conseguir o que quer", ele pensou. Manteve a expressão neutra.

— Ceryni — ela disse.

— Savara. Ouvi dizer que meu vigia rendeu um bom exercício para você.

Uma minúscula dobra apareceu entre suas sobrancelhas.

— Sim, ele era vigoroso, mas precisa da prática mais do que eu. — Ela fez

uma pausa. — Os outros teriam se mostrado mais desafiadores.

Cery se conteve para não sorrir. Ela havia notado mais do que um vigia. Muito observadora.

— Tarde demais para descobrimos — ele disse, dando de ombros. — Dei a eles outra coisa para fazer.

A dobra entre suas sobrancelhas se aprofundou.

— E quanto ao escravo? Ele o matou?

— Escravo? — Cery repetiu.

— O homem que substituiu o último assassino.

“Interessante.” Escravos de propriedade de quem?

— Ele o matou, como você disse — Cery confirmou.

Seus olhos brilharam em triunfo com a notícia.

— Então, você vai aceitar minha ajuda?

— Você pode nos levar a ele?

— Sim — ela respondeu sem hesitação.

— O que quer em troca?

Ela se aproximou da mesa.

— Que você não fale nada sobre mim para seu mestre.

Um calafrio lhe percorreu o corpo.

— Meu *mestre?*

— O que mandou você matar esses homens — ela disse calma.

Ela não deveria saber sobre *ele*. Ela não deveria nem saber que Cery estava agindo sob ordens de outro.

Isso mudava tudo. Cery cruzou os braços e a avaliou cuidadosamente. Investigar sua utilidade sem consultar aquele que havia providenciado a caçada

parecia um pequeno risco. Agora, ele se tornava maior do que pensara.

Ela sabia demais. Ele deveria mandar sua melhor *faca* dar um fim nela. Ou matá-la ele mesmo. Agora.

Na mesma hora em que pensou isso, ele teve certeza que não o faria. “E não só porque a acho interessante”, ele disse a si mesmo. “Preciso descobrir como ela soube tanto sobre o arranjo. Vou esperar, mandar que a vigiem, e ver aonde isso leva.”

— Você contou sobre mim para ele? — ela perguntou.

— Por que não quer que ele saiba sobre você?

Ela fechou o rosto.

— Dois motivos. Esses escravos sabem que apenas um inimigo os caça. Será mais fácil para mim ajudá-lo se eles não souberem que estou aqui. E há pessoas no meu país que sofreriam se os mestres dos escravos descobrissem que vim para cá.

— E você acha que esses escravos descobririam se meu “mestre”, como você o chama, soubesse?

— Talvez. Talvez não. Prefiro não arriscar.

— Você só está pedindo isso agora. Eu posso já ter contado sobre você ao meu cliente.

— Você fez isso?

Ele balançou a cabeça em negativo. Ela sorriu, claramente aliviada.

— Não achei que fosse fazer isso. Não antes de saber se eu podia fazer o que disse que podia. Então, temos um acordo, como vocês Ladrões dizem?

Cery abriu a gaveta de sua mesa e tirou a faca dela. Ele a ouviu respirar fundo. As joias no cabo brilhavam à luz da lamparina. Ele a deslizou pela mesa.

— Hoje, quero que aponte esse homem para nós. Só isso. Sem matar. Quero ter certeza que ele é quem você diz que é antes de dar um fim nele. Em troca, mantenho minha matraca calada sobre você. Por enquanto.

Ela sorriu, os olhos brilhando de entusiasmo.

— Vou voltar ao meu quarto até isso acontecer.

Observando-a saracotear em direção à porta, Cery sentiu o coração acelerar. “Quantos homens tinham perdido o juízo por causa daquele rebolado... ou daquele sorriso?”, ele se perguntou. “Ah, mas aposto que alguns perderam mais do que o juízo.”

“Não eu”, ele pensou. “Vou observá-la com *muita* atenção.”

Sonea fechou o livro que vinha tentando ler e olhou ao redor da biblioteca. Estava muito difícil se concentrar. Sua mente não parava de voltar a Akkarin e aos registros.

Fazia uma semana que ele os tinha dado a ela, e não havia voltado para pegá-los. A ideia deles em cima da mesa do seu quarto, escondidos sob uma pilha de anotações, era como uma coceira que, não importava o quanto fosse coçada, não sumia. Ela não seria capaz de relaxar até ele pegá-los de volta.

Mas ela temia encarar Akkarin de novo. Temia a conversa que se seguiria. Ele traria mais livros? O que eles conteriam? Até o momento, ele só havia mostrado peças de história esquecida. Não havia instruções sobre como usar magia negra, mas o baú secreto que o arquivista havia enterrado, provavelmente o mesmo que o arquiteto Lorde Coren tinha descoberto e enterrado de novo, devia conter informações suficientes sobre a “arma secreta” da magia negra para um mago aprendê-la. O que ela faria se Akkarin lhe desse um *desses* livros para ler?

Aprender magia negra era quebrar uma lei do Clã. Se ela se descobrisse lendo instruções sobre seu uso, pararia e se recusaria a ler mais.

— Olhe, lá está Lorde Larkin!

A voz era feminina e próxima. Olhando ao redor, Sonea viu um movimento no final de uma estante. Uma garota podia ser vista com certa dificuldade, parada em frente a uma das janelas da Biblioteca dos Aprendizes.

— O professor de Edificação e Construção? — outra voz de garota respondeu. — Eu nunca tinha prestado atenção nele antes, mas é bem bonitão, eu acho.

— E ainda solteiro.

— E não mostra muito interesse em casar, pelo que eu ouvi dizer.

Houve uma risadinha. Inclinando-se na cadeira, Sonea reconheceu a primeira garota como uma das aprendizes do quinto ano.

— Ah, olhe! Ali está Lorde Darlen. Ele é legal.

A outra garota fez um ruído de apreciação.

— Pena que ele é casado.

— É — a primeira concordou. — O que você acha de Lorde Vorel?

— Vorel! Você está brincando!

— Guerreiros fortes não são seu tipo, então?

Sonea supôs que as garotas estavam observando magos indo em direção ao Salão da Noite. Ela ouviu, achando graça, enquanto elas avaliavam os méritos de muitos dos magos mais jovens.

— Não... olhe lá... agora *esse* eu não ia recusar.

— Oh, sim — a outra concordou numa voz abafada. — Olha, ele parou para falar com o Diretor Jerrik.

— Ele é meio... frio, no entanto.

— Ah, tenho certeza que dá para esquentá-lo.

As garotas deram uma risada travessa. Quando se aquietaram de novo, uma delas deu um suspiro de anseio.

— Ele é tão bonito. Pena que é velho demais para nós.

— Eu não sei — a outra respondeu. — Ele não é *tão* velho. Minha prima casou com um homem bem mais velho. Pode não parecer, mas o Lorde Supremo não tem mais do que trinta e três ou quatro anos.

Sonea ficou rija de surpresa e incredulidade. Elas estavam falando de *Akkarin!*

Mas, é claro, elas não sabiam como ele era. Apenas viam um homem solteiro

que era misterioso, poderoso e...

— A biblioteca está fechando.

Sonea pulou de susto e se virou para descobrir Tya, a bibliotecária, andando pelo corredor entre as estantes. Tya sorriu para Sonea quando passou. As garotas na janela deram um último suspiro e partiram.

Levantando-se, Sonea empilhou os livros e as notas. Pegou-os nos braços, então parou e olhou de novo para a janela. Ele ainda estava lá.

Foi até o vidro e espiou. De fato, Akkarin estava parado com Jerrik. Sulcos marcavam-lhe a testa. Embora sua expressão fosse atenta, ela não entregava nada dos seus pensamentos.

“Como essas garotas podem achá-lo atraente?”, ela se perguntou. Ele era áspero e indiferente. Não uma pessoa entusiasmada e calorosa como Dorrien, ou mesmo alguém elegante e esperto como Lorde Fergun.

Se as garotas que ela tinha ouvido conversando não tivessem se juntado ao Clã, elas teriam casado para fortalecer alianças de família. Talvez ainda buscassem poder e influência em homens por hábito ou pela longa tradição. Ela deu um sorriso amargo.

“Se soubessem a verdade”, ela pensou, “não o achariam atraente de jeito nenhum.”

À meia-noite, três horas de viagem de carruagem de distância das luzes de Capia, a escuridão era pesada e impenetrável. Apenas os pequenos círculos de luz lançados pelas lamparinas da carruagem iluminavam a passagem adiante na estrada. Encarando a escuridão, Dannyl se perguntava como a carruagem parecia para os ocupantes das casas de campo não vistas; provavelmente um grupo de luzes em movimento, visível por quilômetros ao redor. O veículo passou sobre uma elevação e um ponto de luz apareceu na estrada à frente. Conforme eles se aproximavam, Dannyl viu que era uma lamparina, a luz fraca iluminando a frente de um prédio. A carruagem começou a diminuir a velocidade.

— Chegamos — Dannyl murmurou.

Ele ouviu Tayend se ajeitar no assento para olhar pela janela. O acadêmico bocejou à medida que a carruagem se aproximava do prédio e balançava enquanto parava. A placa na estalagem dizia: “Descanso do Rio: Camas, Refeições & Bebidas”.

O cocheiro murmurou para si mesmo quando descia da carruagem para abrir a porta. Dannyl entregou uma moeda ao homem.

— Espere por nós lá dentro — ele instruiu. — Vamos viajar em uma hora.

O homem fez uma reverência, e então bateu na porta para eles. Houve uma curta pausa e uma escotilha no meio da porta se abriu. Dannyl ouviu uma respiração ofegante além dela.

— O que posso fazer por você, meu lorde? — uma voz abafada perguntou.

— Um drinque — Dannyl respondeu. — Uma hora de descanso.

Não houve resposta, mas um tinido metálico se seguiu e a porta se abriu. Um pequeno homem enrugado fez uma referência e depois os guiou para uma grande sala cheia de mesas e cadeiras. O cheiro forte e doce de bol pairava no ar. Dannyl sorriu melancólico quando as lembranças de sua busca por Sonea, ocorridas havia tanto tempo, retornaram. Há muito ele não provava bol.

— Meu nome é Urrend. O que gostaria de beber? — o homem perguntou.

Dannyl suspirou.

— Você tem Porreni rumia?

O homem riu.

— Você mostra ter bom gosto em vinho. Mas é claro que seria assim, dois homens de linhagem importante como vocês. Disponho de uma boa sala de hóspedes para pessoas ricas lá em cima. Siga-me.

O cocheiro foi cambaleando até o balcão onde o bol era servido. Dannyl se perguntou tardiamente se deveria ter dado a moeda ao homem... ele não queria se ver numa carruagem virada de cabeça para baixo na metade do caminho para

a casa da irmã de Tayend.

Seguiu o dono da estalagem por um lance estreito de escada até um corredor. Parou em frente a uma porta.

— Essa é minha melhor sala. Espero que a ache confortável.

Ele deu um puxão, e a porta se abriu. Dannyl entrou lentamente, observando a mobília bem gasta, a segunda porta e o homem sentado perto dela.

— Boa noite, Embaixador. — O homem se levantou e fez uma reverência graciosa. — Sou Royend de Marane.

— Estou honrado em conhecê-lo — Dannyl respondeu. — Acredito que já conhece Tayend de Tremmelin?

O homem concordou.

— De fato, o conheço. Pedi vinho. Estão servidos?

— Um pouco, obrigado — Dannyl respondeu. — Vamos seguir viagem em uma hora.

Dannyl e Tayend se acomodaram em duas das cadeiras. O Dem passeou pela sala, inspecionando a mobília e fazendo uma careta de desgosto, então passou a olhar para fora da janela. Ele era mais alto do que o Elyne médio, e seu cabelo era preto. Dannyl soube por Errend que a avó do Dem Marane tinha sido kyraliana. Ele era um homem de meia-idade, casado, pai de dois filhos e muito, muito rico.

— Então, o que acha de Elyne, Embaixador.

— Acabei gostando daqui — Dannyl respondeu.

— De início não gostava?

— Não é que eu gostasse ou não do país. Só levei tempo para me acostumar com as diferenças. Algumas, achei atraentes, outras me soaram estranhas.

O Dem levantou as sobrancelhas.

— O que achou estranho em nós?

Dannyl riu.

— Elynes falam o que pensam, embora nem sempre de maneira aberta.

Um sorriso vincou o rosto do homem, mas desapareceu ao se ouvir uma batida na porta. Quando ele começou a andar em direção a ela, Dannyl fez um aceno com a mão e exerceu sua vontade. A porta se abriu. O Dem parou e, ao perceber que Dannyl havia usado magia, um olhar de fome e desejo frustrado cruzou-lhe o rosto. Ele sumiu um momento depois quando o dono da estalagem entrou na sala com uma garrafa e três taças de vinho.

Nenhuma palavra foi dita enquanto a garrafa era aberta e o vinho servido. Quando o dono da estalagem se foi, o Dem pegou uma taça e se acomodou numa cadeira.

— Então, o que achou atraente em Elyne?

— Vocês têm excelentes vinhos. — Dannyl levantou a taça e sorriu. — E suas mentes são abertas e receptivas. Muita coisa que é tolerada aqui iria chocar e escandalizar os kyralianos.

Royend lançou um olhar para Tayend.

— Você deve estar ciente desses acontecimentos chocantes e escandalosos, ou não iria listá-los entre as diferenças que acha atraentes em nós.

— Eu seria um Embaixador do Clã adequado se fosse tão desatento a tais questões... como a corte de Elyne acredita que eu seja?

O Dem sorriu, mas seus olhos permaneceram duros.

— Você se provou mais bem informado do *eu* acreditava que fosse. Isso me faz pensar. Você tem uma mente tão aberta e tolerante quanto nós? Ou possui as mesmas opiniões rígidas dos outros magos kyralianos?

Dannyl olhou para Tayend.

— Não sou um típico mago kyraliano. — O acadêmico deu um sorriso maroto e balançou negativamente a cabeça. — Embora tenha aprendido a fingir que sou — Dannyl continuou. — Penso que, se meus colegas me conhecessem melhor,

eles de forma alguma me achariam um representante adequado do Clã.

— Ah — Tayend interrompeu baixinho. — Mas é você que não é adequado para o Clã ou o Clã que não é adequado para você?

Royend riu com o comentário.

— E mesmo assim eles lhe ofereceram o cargo de Embaixador.

Dannyl deu de ombros.

— E ele me trouxe aqui. Sempre quis que o Clã tivesse se formado numa cultura menos rígida. Diferenças de ponto de vista estimulam o debate, o que melhora a compreensão. Recentemente, tenho mais motivos para desejar que fosse assim. Tayend tem grande potencial. É uma pena que não possa desenvolvê-lo apenas porque os kyralianos não conseguem tolerar homens de sua natureza. Há algumas coisas que posso ensinar a ele, sem quebrar as leis do Clã, mas não o suficiente para fazer justiça a seus talentos.

O Dem estreitou o olhar.

— Você ensinou?

— Não — Dannyl balançou a cabeça negativamente. — Mas não sou avesso a contornar um pouco as regras do Clã para seu benefício. Eu matei um homem uma ocasião para salvar a vida de Tayend. Da próxima vez, posso não estar próximo para ajudá-lo. Gostaria de ensiná-lo a Curar, mas aí uma linha teria sido cruzada, e posso colocá-lo ainda mais em perigo.

— Em relação ao Clã?

— Sim.

O Dem sorriu.

— Só se ele for descoberto. É um risco, mas vale a pena assumi-lo?

Dannyl franziu a testa.

— Eu não assumiria um risco desses sem primeiro me preparar para o pior. Se fosse descoberto que Tayend aprendera magia, ele precisaria ser capaz de fugir do Clã. Ele não tem ninguém para se voltar, exceto sua família e os amigos na

biblioteca... e temo que eles possam fazer pouco.

— E quanto a você?

— Não há nada que assuste mais o Clã do que um mago completamente treinado virando um renegado. Se eu desaparecesse, eles ficariam ainda mais determinados a encontrar nós dois. Eu permaneceria em Capia e faria o que pudesse para ajudar Tayend a evitar a captura.

— Parece que você precisa de outros para protegê-lo. Pessoas que saibam como esconder um fugitivo.

Dannyl concordou com a cabeça.

— E o que estaria propenso a dar em troca?

Estreitando os olhos, Dannyl encarou o homem.

— Nada que possa ser usado para machucar outros. Nem mesmo o Clã. Eu conheço Tayend. Teria de estar certo das intenções dos outros antes de confiar neles como confio nele.

O Dem fez que sim com a cabeça lentamente.

— É claro.

— Então — Dannyl continuou —, o que você acha que a proteção de Tayend iria custar?

Dem Marane pegou a garrafa e encheu de novo sua taça.

— Não sei ao certo. É uma pergunta interessante. Teria de perguntar a alguns dos meus colegas.

— É claro — Dannyl disse tranquilo. Ele se levantou e olhou para o homem. — Aguardo ansioso pelas opiniões deles. Acho que temos de ir agora. A família de Tayend está nos esperando.

O Dem se levantou e fez uma reverência.

— Gostei da nossa conversa, Embaixador Dannyl, Tayend de Tremmelin. Espero ter muito mais oportunidades para conhecê-lo melhor no futuro.

Dannyl inclinou a cabeça educadamente. Fez uma pausa e passou a mão sobre a taça do Dem, esquentando o vinho com um pouco de calor mágico. Sorrindo com a inspiração rápida do Dem, ele se virou e andou até a porta, com Tayend o seguindo.

Quando eles entraram no corredor, Dannyl olhou para trás. O Dem estava segurando a taça com ambas as mãos, com a expressão pensativa.

Capítulo 6

O Espião

Como sempre, a porta da Residência do Lorde Supremo abriu ao menor toque. Entrando, Sonea ficou aliviada e surpresa em encontrar apenas Takan esperando por ela. Ele fez uma reverência.

— O Lorde Supremo deseja lhe falar, minha *lady*.

A ansiedade tomou o lugar do alívio. Ele ia lhe dar outro livro para ler? Seria esse o livro que ela temia: o que continha informações sobre magia negra?

Sonea respirou fundo.

— Então, é melhor me levar até ele.

— Por aqui — ele disse. Virou-se e começou a seguir em direção à escadaria da direita.

Sonea sentiu o coração disparar. Essa escadaria levava à sala subterrânea onde Akkarin realizava sua magia secreta e proibida. E também, como a escadaria da esquerda, levava ao andar de cima, onde ficavam a biblioteca e a sala de banquetes.

Ela seguiu Takan até a porta. A escadaria estava escura, e ela não conseguiu ver que caminho ele havia escolhido até criar um globo de luz.

Ele estava descendo para a sala subterrânea.

Ela fez uma pausa, o coração disparado, e o observou continuar a descer. Na porta para a sala abaixo, ele parou e olhou para ela.

— Ele não vai machucá-la, minha *lady* — ele a tranquilizou. Abrindo a porta, fez um gesto para que ela entrasse.

Ela o encarou. De todos os lugares do Clã... de toda a cidade... esse era o que

ela mais temia. Ela olhou de volta para a sala de visitas. “Eu podia correr. Não fica longe da porta da sala de visitas...”

— Venha aqui, Sonea.

A voz era de Akkarin. Era cheia de comando e continha um aviso. Ela pensou em Rothen, nos tios Jonna e Ranel e nos primos; a segurança deles dependia de sua cooperação. Ela se forçou a se mover.

Takan saiu da frente quando ela chegou à entrada. O interior da sala subterrânea parecia muito com o que ela tinha visto nas vezes anteriores. Duas mesas velhas e pesadas haviam sido colocadas de encontro à parede do lado esquerdo. Uma lanterna e uma trouxa de pano escura se encontravam sobre a mesa mais próxima. Havia estantes e armários colocados contra as outras paredes. Alguns mostravam sinais de reparo, lembrando a ela o dano que o “assassino” havia feito. Num canto, estava um baú velho e gasto. Era esse baú que continha os livros sobre magia negra?

— Boa noite, Sonea.

Akkarin estava reclinado contra uma parede, os braços cruzados. Ela fez uma reverência.

— Lorde Sup...

Ela piscou surpresa quando percebeu que ele estava usando roupas simples e de uma costura grosseira. Sua calça e casaco eram surrados, até mesmo puídos em alguns lugares.

— Tenho algo para lhe mostrar — ele disse. — Na cidade.

Ela deu um passo para trás, ficando desconfiada no mesmo instante.

— O quê?

— Se eu lhe contar, você não vai acreditar em mim. A única forma de você saber a verdade é ver por si mesma.

Ela leu o desafio em seus olhos. Examinando suas roupas simples, lembrou-se do dia em que usara roupas semelhantes, cobertas de sangue.

— Eu não tenho certeza se quero ver sua verdade.

A boca de Akkarin se dobrou para cima em um dos cantos.

— Você tem se perguntado por que eu faço o que faço desde que descobriu isso. Embora eu não vá lhe mostrar *como*, posso lhe mostrar o *porquê*. Alguém deve saber, além de Takan e de mim mesmo.

— Por que eu?

— Isso vai ficar claro com o tempo. — Ele esticou a mão para trás e pegou a trouxa escura da mesa. — Vista isso.

"Eu deveria recusar-me a ir", ela pensou. "Mas ele deixaria?" Ela encarou a trouxa nas mãos dele. "E, se for, posso aprender algo que vá usar contra ele mais tarde."

"E se ele me mostrar algo proibido? Algo que me faria ser expulsa do Clã?"

"Se chegar a tanto, vou contar a eles a verdade. Assumi o risco na esperança de salvar a mim mesma e ao Clã."

Ela se forçou a se aproximar dele e a pegar a trouxa. Quando ele a soltou, a trouxa se desenrolou e ela se descobriu segurando uma longa capa preta. Achando o fecho, fez deslizar a vestimenta sobre os ombros e a ajustou.

— Mantenha sua túnica bem coberta — ele instruiu. Ele pegou a lanterna e andou em direção a uma parede. Uma seção deslizou para o lado, e o ar frio dos túneis subterrâneos se espalhou pela sala.

"É claro", ela pensou. Lembrou-se das noites que havia passado explorando as passagens sob o Clã, até Akkarin encontrá-la e mandá-la ficar fora. Ela havia seguido uma passagem até essa sala. O choque de se encontrar na soleira desse domínio secreto a havia feito sair dali rapidinho, e ela nunca retornara para explorar mais além aquela passagem.

"Ela deve levar à cidade, se o que Akkarin diz é verdade."

Akkarin entrou na passagem, virou-se e fez um gesto para que ela o seguisse. Sonea respirou fundo e soltou o ar lentamente. Andando até a abertura, seguiu-o

na escuridão.

O pavio da lanterna crepitou e uma chama apareceu. Ela se perguntou brevemente por que ele se preocupara em arranjar uma fonte de luz comum, e então percebeu que, se ele não estava usando a túnica, pretendia se disfarçar como um não mago. Nenhuma pessoa que não fosse um mago iria seguir um globo de luz.

“Se é importante que ninguém o reconheça, então tenho algo que posso usar contra ele hoje, se for necessário.”

Como esperava, ela foi guiada para a direção oposta da Universidade. Ele continuou por duzentas passadas, então diminuiu o ritmo até parar. Ela sentiu a vibração de uma barreira bloqueando o caminho. Uma onda de luz tênue relampejou pela passagem quando a barreira se dissipou. Ele continuou sem falar uma palavra.

Ele parou mais três vezes para desmantelar barreiras. Depois de ter passado a quarta, Akkarin se virou e as recriou atrás dele. Sonea olhou para trás. Se ela tivesse ousado continuar além da sala subterrânea de Akkarin durante sua exploração anterior, teria encontrado essas barreiras.

A passagem se curvou ligeiramente para a direita. Passagens laterais apareceram. Akkarin virou numa delas sem hesitação e seu caminho serpenteou por várias salas em ruínas. Quando ele parou de novo, eles se depararam com um deslizamento de pedra e terra onde o teto havia desmoronado. Ela olhou para ele com expressão interrogativa.

Seus olhos brilharam à luz da lanterna. Ele encarou o bloqueio com atenção. Um som de raspagem seca encheu a passagem conforme as pedras se dobraram para formar uma escada grosseira. Um buraco apareceu no topo. Akkarin colocou o pé no primeiro degrau e começou a subir.

Sonea seguiu. No alto estava outra passagem. A luz da lanterna revelou paredes rústicas feitas de uma mistura desigual de tijolos de baixa qualidade. O ar tinha um cheiro úmido e familiar. O lugar a lembrou bastante da... da...

“Estrada dos Ladrões.”

Eles tinham entrado nos túneis sob a cidade usados pelo submundo criminoso. Akkarin se virou e olhou de novo para a escada. Os degraus deslizaram para a frente de modo a bloquear a escadaria. Quando eles ficaram no lugar, Akkarin começou a seguir a passagem.

Perguntas passaram a inundar os pensamentos de Sonea: os Ladrões sabiam que o Lorde Supremo do Clã usava suas passagens, e que havia túneis sob o Clã que se ligavam aos deles? Ela sabia que eles guardavam seu domínio de forma cuidadosa, então duvidava que Akkarin fosse capaz de evitar ser percebido. Ele havia conseguido autorização para usar a estrada, então? Ela pensou na roupa grosseira dele. Talvez ele a tivesse conseguido usando uma identidade falsa.

Várias centenas de passos depois, um homem magro com olhos turvos saiu de uma alcova e fez um aceno de cabeça para Akkarin. Ele parou para encarar Sonea, obviamente surpreso com sua presença, mas não disse nada. Dando as costas, começou a seguir a passagem à frente deles.

Seu guia silencioso estabeleceu um ritmo rápido, levando-os numa longa jornada por um sinuoso e complexo labirinto de passagens. Lentamente, Sonea notou um odor que ela conhecia, mas a que não conseguia dar nome. Ele mudava tanto quanto as paredes, mas algo sobre a mutabilidade do cheiro também era familiar. Foi só quando Akkarin parou e bateu numa porta que Sonea percebeu qual era o cheiro que estava sentindo.

Era a favela. O cheiro era uma mistura de dejetos humanos e animais, suor, lixo, fumaça e bol. Sonea cambaleou quando as lembranças passaram feito uma torrente por ela: trabalhar com seus tios, dar uma escapada para se juntar a Cery e à gangue de trombadinhas com que eles andavam.

A porta se abriu e ela voltou ao presente.

Um homem grande preenchia a entrada, a camisa grosseira esticada sobre o peito largo. Ele fez um aceno respeitoso de cabeça para Akkarin e, então, quando olhou para ela, franziu a testa como se reconhecesse o rosto, mas não tivesse certeza do motivo pelo qual o fazia. Depois de um momento, deu de ombros e saiu da frente da porta.

— Entrem.

Sonea seguiu Akkarin até uma sala minúscula, grande apenas o suficiente para encaixar os três e um armário estreito. No lado oposto, havia uma porta pesada. Sonea detectou uma vibração nela e percebeu que havia sido fortalecida por uma forte barreira mágica. Sua pele tilintou. O que, na favela, poderia precisar de uma blindagem tão potente?

O homem se voltou para encarar Akkarin. A partir de sua maneira hesitante e cheia de ansiedade, Sonea supôs que ele soubesse quem era seu visitante, ou ao menos tivesse informação suficiente para se dar conta de que estava diante de alguém importante e poderoso.

— Ele está acordado — ele rugiu, lançando um olhar temeroso para a porta.

— Obrigado por tomar conta dele, Morren — Akkarin disse tranquilo.

— Sem galho.

— Você encontrou uma joia vermelha nele.

— Não. Procurei bem. Não encontrei nada.

Akkarin franziu a testa.

— Muito bem. Fique aqui. Esta é Sonea. Vou mandá-la sair daqui a pouco.

Os olhos de Morren buscaram os dela no mesmo instante.

— *A* Sonea?

— Sim, a lenda viva em carne e osso — Akkarin respondeu seco.

Morren sorriu para ela.

— É uma honra conhecê-la, minha *lady*.

— A honra é minha, Morren — ela respondeu, a estupefação sobrepujando a ansiedade por um instante. *Lenda* viva em carne osso?

Tirando uma chave do bolso, Morren a inseriu na fechadura da porta e girou. Deu um passo para trás, permitindo que Akkarin se aproximasse. Sonea piscou quando sentiu a magia envolvendo-a. Akkarin havia criado um escudo ao redor

dos dois. Ela espiou por cima do ombro, tensa com a curiosidade. Lentamente, a porta se fechou.

A sala adiante era pequena. Uma bancada de pedra constituía a única mobília. Na bancada, estava deitado um homem, as pernas e os braços algemados.

Quando o homem viu Akkarin, seus olhos se encheram de terror. Ele começou a se debater na mesa, sem força. Sonea o encarou horrorizada. Ele era jovem, provavelmente não mais velho do que ela. O rosto era largo e a pele exibia um tom amarronzado doentio. Os braços finos eram cobertos de cicatrizes e um corte recente rodeado por sangue seco desenhava-se no antebraço. Ele não parecia ser capaz de machucar ninguém.

Colocando-se ao lado do homem, Akkarin colocou uma das mãos em sua testa. Os olhos do prisioneiro se arregalaram. Sonea tremeu quando percebeu que Akkarin estava lendo a mente do homem.

Sua mão se moveu de forma abrupta e agarrou a mandíbula do prisioneiro. Na mesma hora, o homem fechou a boca com força e começou a se debater. Akkarin abriu a boca do homem. Sonea captou um vislumbre de ouro, então Akkarin jogou algo no chão.

Um dente de ouro. Sonea deu um passo para trás, chocada, e então pulou de susto quando o homem começou a rir.

— Elesss viram sua mulher agora — ele disse numa voz com um sotaque bem forte, prejudicado pelo dente faltando. — Kariko dizz que ela vai ssser dele depoisss que ele te matar.

Akkarin sorriu e olhou para ela.

— Que pena que nem você nem eu estaremos vivos para vê-lo tentar isso.

Ele levantou o pé e pisou no dente. Para espanto de Sonea, este foi esmagado sob seus pés. Quando ele deu um passo atrás, ela ficou surpresa de ver que o ouro havia rachado e minúsculos fragmentos vermelhos se espalhavam pelo chão.

Sonea franziu a testa olhando para a protuberância entortada que tinha sido o

dente, tentando entender a conversa. O que o homem quisera dizer? “Eles viram sua mulher”. Quem eram “eles”? Como eles a haviam visto? Era claro que tinha algo a ver com o dente. Por que colocar uma joia dentro de um dente? E obviamente não era uma joia. Parecia mais com vidro. Enquanto ela avaliava os fragmentos, lembrou que Akkarin havia perguntado se Morren encontrara uma joia vermelha. O assassino famoso usava um anel com uma joia vermelha. Assim como Lorlen.

Ela olhou para o prisioneiro. Ele estava completamente flácido agora. Encarou Akkarin com medo.

— Sonea.

Ela virou-se para Akkarin. Os olhos dele eram frios e firmes.

— Eu lhe trouxe aqui para responder a algumas de suas perguntas — ele lhe disse. — Sei que não vai acreditar em mim, a não ser que veja a verdade por si mesma, então resolvi lhe ensinar algo que eu não pretendia ensinar a ninguém. É uma habilidade fácil demais de se abusar dela, mas se você...

— Não! — ela aprumou as costas. — Eu não vou aprender...

— Eu não quis dizer magia negra. — Os olhos de Akkarin brilharam. — Não lhe ensinaria isso, mesmo que você estivesse disposta. Quero lhe ensinar a ler mentes.

— Mas... — Ela respirou rápido quando percebeu o que ele queria dizer. Ele, de todos os magos do Clã, era o único capaz de ler a mente de outra pessoa quer ela quisesse ou não. Ela havia presenciado essas habilidades de leitura da mente por ela mesma, quando Akkarin descobrira que ela, Lorlen e Rothen sabiam que ele praticava magia negra.

E agora ele queria ensinar a ela como fazer.

— Por quê? — ela deixou escapar.

— Como eu disse, quero que saiba a verdade por si mesma. Você não vai acreditar em mim se eu contar. — Seus olhos se estreitaram. — Eu não lhe confiaria esse segredo se não soubesse que tem um forte senso de honra e

moralidade. Mesmo assim, você precisa jurar nunca usar esse método de leitura da mente em alguém que não consinta isso, a não ser que Kyralia esteja em grande perigo e não haja outra forma de agir.

Sonea engoliu em seco e manteve o olhar firme.

— Você está dizendo que espera que eu restrinja meu uso disso, quando na verdade não o fez?

Os olhos dele ficaram sombrios, mas a boca se alargou num sorriso sem humor.

— Sim. Você vai fazer esse juramento? Ou vamos voltar para o Clã agora?

Ela olhou para o prisioneiro. Obviamente, Akkarin pretendia que ela lesse a mente do homem. Ele não faria isso se o que ela visse fosse deixá-lo em perigo. Mas ela poderia ver algo que a deixaria em risco?

Era impossível para a mente mentir. Esconder a verdade, talvez, mas isso era difícil... e impossível com o método de leitura da mente de Akkarin. No entanto, se ele tivesse arranjado para que o homem acreditasse que certas mentiras eram verdade, ela ainda podia ser enganada.

Mas se ela mantivesse isso em mente e considerasse com cuidado tudo que descobrisse...

Saber como ler mentes seria uma habilidade útil. Mesmo que ela fizesse esse juramento, isso não a impediria de usar isso na luta contra ele. Kyralia já estava em grande perigo só por ter um mago negro no cerne do Clã dos Magos.

O prisioneiro a encarou.

— Você quer que eu jure nunca ler uma mente a não ser que Kyralia esteja em perigo — ela disse. — Mas mesmo assim quer que eu leia a dele. Com certeza, ele não é uma ameaça para Kyralia.

Akkarin sorriu. Ele parecia feliz com a pergunta.

— Ele não é agora. Mas ele era. E sua afirmação de que o mestre dele vai escravizar você depois que me matar deve provar que há uma ameaça futura

possível. Como você pode saber do que o mestre dele é capaz se não ler sua mente?

— Com esse raciocínio, você pode justificar ler a mente de qualquer um que fizer uma ameaça.

Seu sorriso se alargou.

— E é por isso que eu preciso que você faça esse juramento. Você não vai usar essa habilidade, a não ser que não haja outra escolha. — Sua expressão ficou séria. — Não há outra maneira de eu lhe mostrar a verdade... não sem colocar sua vida em risco. Você vai fazer o juramento?

Ela hesitou, então concordou com a cabeça. Ele cruzou os braços e esperou. Ela respirou fundo.

— Juro nunca ler a mente de uma pessoa que não o consinta, a não ser que Kyralia esteja em grande perigo e não haja outra maneira de evitar esse perigo.

Ele concordou com a cabeça.

— Bom. Se eu descobrir que quebrou esse juramento, vou garantir que se arrependa. — Ele se virou para encarar o prisioneiro. O homem os estava observando com atenção.

— Você vai me deixar partir agora? — o homem disse, implorando. — Você ssabe que eu tive que fazer o que fizz. Eles me fizzeram fzer. Agora a pedra se foi, eles não podem me encontrar. Eu não vou...

— Silêncio.

O homem se encolheu de medo ao ouvir o comando, então choramingou conforme Akkarin se agachou ao seu lado.

— Coloque a mão na testa dele.

Sonea deixou de lado a relutância e se agachou ao lado do prisioneiro. Descansou a mão na testa dele. Seu coração disparou quando Akkarin pressionou a mão sobre a dela. Seu toque era frio de início, mas esquentou rapidamente.

— Vou mostrar como lê-lo, mas, quando você tiver dominado a habilidade, vou deixá-la explorar como desejar.

Ela sentiu sua presença na fronteira de seus pensamentos. Fechando os olhos, visualizou sua mente como uma sala, como Rothen lhe havia ensinado. Deu um passo em direção às portas, com a intenção de abrir para recebê-lo, mas pulou de volta surpresa quando Akkarin apareceu dentro da sala. Ele apontou para as paredes.

— Esqueça isso. Esqueça tudo que lhe foi ensinado. A visualização a torna mais lenta e restringe sua mente. Usando-a, você só será capaz de entender o que puder traduzir como imagens.

A sala se desintegrou ao seu redor. E também a imagem dele. Mas a sensação de sua presença permaneceu. Antes, quando ele havia lido sua mente, ela havia sentido muito pouca presença. Agora, detectava um indício da personalidade e um poder que era mais forte do qualquer coisa que havia encontrado antes.

— Siga-me...

Sua presença se afastou. Perseguindo-a, ela sentiu se aproximar de uma terceira mente. Medo emanava dessa mente, e ela encontrou resistência.

— Ele só pode impedi-la se puder senti-la. Para evitar que a sinta, coloque de lado toda vontade e intenção com exceção do propósito único de se infiltrar em sua mente sem perturbá-la. Desse jeito...

Para sua surpresa, a presença de Akkarin *mudou*. Em vez de exercer sua vontade sobre a mente do homem, ele pareceu desistir.

Apenas o traço mais tênue permanecia, um desejo vago de deslizar para os pensamentos do outro. Então, sua presença se fortaleceu de novo.

— Agora você.

Ela tinha uma percepção remanescente do que ele tinha feito. Parecia fácil, mas toda vez que tentava imitá-lo, chocava-se contra a mente do prisioneiro. Então, ela sentiu a mente de Akkarin deslizar para a dela. Antes que ela pudesse sentir qualquer alarme, ele enviou algo, um conceito, para a mente dela. Em vez

de tentar separar e perder todas as intenções com exceção de uma, ela deveria se concentrar naquela da qual precisava.

De repente, ela sabia exatamente como se infiltrar além da resistência do prisioneiro. Em menos de um batimento do coração, havia deslizado para dentro da mente dele.

— Bom. Agora mantenha esse toque leve. Observe os pensamentos dele. Quando notar uma lembrança que deseja explorar, use sua vontade sobre a mente dele. Isso é mais difícil. Observe-me.

O homem estava pensando sobre o dente, perguntando-se se seu mestre o estava observando quando a garota tinha aparecido.

— Quem é você? — Akkarin perguntou.

— Tavaka.

De maneira abrupta, Sonea se tornou ciente de que ele tinha sido um escravo, até recentemente.

— Quem é seu mestre?

— Harikava. Um ichani poderoso. — Um rosto, claramente sachakano, relampejou pela mente dele. Era um rosto cruel, duro e esperto.

— Quem são os ichanis?

— Magos poderosos.

— Por que eles mantêm escravos?

— Para magia.

Uma lembrança de múltiplas camadas passou pela mente de Sonea. Ela teve a impressão de memórias incontáveis do mesmo incidente: a ligeira dor de um corte raso, a extração de força...

Os ichanis, ela entendeu de repente, usavam magia negra para extrair força de seus escravos, fortalecendo-se constantemente.

— Não mais! Não sou mais escravo. Harikava me libertou.

— *Mostre-me*.

A lembrança relampejou pela mente de Tavaka. Harikava sentado numa tenda. Ele falou, dizendo que iria libertar Tavaka se este realizasse uma missão perigosa. Sonea sentiu Akkarin tomar controle da lembrança. A missão era entrar em Kyralia e descobrir se as palavras de Kariko eram verdade. O Clã era fraco? Eles haviam abandonado o uso da magia superior? Muitos escravos haviam falhado. Se fosse bem-sucedido, ele seria aceito entre os ichanis. Se não, iriam caçá-lo.

Harikava abriu uma caixa de madeira ornamentada com ouro e joias. Tirando uma lasca de algo claro e duro, ele a jogou no ar. Ela flutuou ali, lentamente derretendo diante dos olhos de Tavaka. Harikava esticou a mão até o cinto e puxou uma adaga curva elaborada com um cabo de joias. Sonea reconheceu o formato. Era semelhante àquela que ela tinha visto Akkarin usar em Takan, tanto tempo atrás.

Fazendo um corte em sua mão, Harikava derramou sangue sobre o glóbulo derretido. Este ficou vermelho e se solidificou. Tirando um anel fino de ouro dentre os muitos que cobriam seus dedos, ele o moldou ao redor da gema para que o brilho vermelho minúsculo não pudesse ser visto. Ela entendeu o que essa gema podia fazer. Cada visão, cada som e cada pensamento que ele tivesse poderia ser sentido por seu mestre.

Os olhos do homem se ergueram para encontrar os de Tavaka. Ela sentiu um eco do medo e da esperança do escravo. O mestre indicou com a mão para que ele se aproximasse e, com a mão ensanguentada, pegou a faca de novo.

A lembrança terminou abruptamente.

— *Agora, tente você, Sonea.*

Por um instante, ela pensou que imagem usar para estimular o homem. Num impulso, enviou uma lembrança de Akkarin em sua túnica preta.

Ela não estava preparada para o ódio e o medo que preencheram a mente do homem. Vislumbres de uma batalha mágica recente se seguiram. Akkarin o encontrou antes que ele pudesse se fortalecer o suficiente. Harikava ficaria

desapontado e bravo. Kariko também ficaria. Uma imagem de vários homens e mulheres sentados num círculo ao redor do fogo apareceu: uma lembrança que Tavaka não queria que ela visse. Ele a forçou para longe com a habilidade de alguém bastante experiente em esconder lembranças de mentes inquisidoras. Ela percebeu que havia esquecido de tomar o controle dela.

— Tente de novo. Você precisa pegar a lembrança e protegê-la.

Ela enviou a Takava uma imagem do círculo de estranhos como ela lembrava. Os rostos estavam errados, ele pensou. O rosto de Harikava apareceu em sua mente. Exercendo sua vontade, ela "capturou" a lembrança e bloqueou seus esforços de pará-la.

— Isso mesmo. Agora, explore o quanto quiser.

Ela examinou os rostos com cuidado.

— Quem são esses ichanis?

Nomes e rostos se seguiram, mas um se destacou.

— Kariko. O homem que quer matar Akkarin.

— Por quê?

— Akkarin matou seu irmão. Qualquer escravo que se volta contra seu mestre precisa ser caçado e punido.

Ela quase perdeu o controle da lembrança com isso. Akkarin tinha sido um *escravo!* Tavaka devia ter sentido sua surpresa. Ela percebeu uma onda de exultação selvagem.

— Por causa de Akkarin, por que o irmão de Kariko capturou Akkarin e leu sua mente, nós sabemos que o Clã é fraco. Kariko diz que o Clã não sabe usar a magia superior. Ele diz que vai invadir Kyralia e derrotar o Clã com facilidade. Será uma boa vingança para o que o Clã fez conosco depois da guerra.

O sangue de Sonea gelou. Esse grupo de magos negros extremamente poderosos queria invadir Kyralia!

— Quando essa invasão vai ocorrer? — Akkarin disse de repente.

Dúvidas entraram na mente do homem.

— Não sei. Outros temem o Clã. Nenhum escravo volta. Nem eu vou... não quero morrer!

Abruptamente, uma pequena casa apareceu, acompanhada de uma culpa terrível. Uma mulher rechonchuda, a mãe de Tavaka. Um homem fino e musculoso com uma pele parecendo couro. Uma garota bonita com grandes olhos, sua irmã. O corpo de sua irmã depois que Harikava veio e...

Foi preciso todo o controle de Sonea para resistir à vontade de fugir da mente do homem. Ela havia ouvido e visto o resultado de alguns ataques cruéis por criminosos enquanto vivia na favela. A família de Tavaka havia morrido por causa dele. Seus pais poderiam produzir mais filhos dotados. A irmã poderia desenvolver poderes também. O mestre ichani não queria ter que levar toda a família com ele só para se precaver, e não iria deixar livre nenhuma fonte de força em potencial, pois não queria que seus inimigos a encontrassem e usassem.

Pena e medo se digladiaram dentro dela. Tavaka tinha vivido uma vida terrível. Ainda assim, ela também sentia sua ambição. Se tivesse a oportunidade, ele voltaria a sua terra natal para se tornar um desses monstruosos ichanis.

— O que você fez desde que entrou em Imardin? — perguntou Akkarin.

Lembranças de um quarto de dormir pobre numa boleria se seguiram, e depois o salão de beber lotado. Sentado num lugar onde ele poderia tocar brevemente outras pessoas e buscar por potencial mágico. Não havia sentido em desperdiçar tempo caçando uma vítima, a não ser que ela tivesse uma forte magia latente. Se ele fosse cuidadoso, ficaria forte o suficiente para derrotar Akkarin. Então, voltaria para Sachaka, ajudaria Kariko a juntar os ichanis, e eles invadiriam Kyralia.

Um homem foi escolhido e seguido. Uma faca, um presente de Harikava, desembainhada e...

— Hora de partir, Sonea.

Ela sentiu a mão de Akkarin se apertar sobre a dela. Quando a puxou da testa de Tavaka, a mente do homem imediatamente se desvencilhou da dela. Ela fez

uma careta para Akkarin ao mesmo tempo que suas suspeitas aumentavam.

— Por que fiz isso? — ele deu um sorriso severo. — Você estava prestes a aprender o que não quer aprender. — Ele se levantou e olhou para Tavaka. O homem estava respirando acelerado.

— Deixe-nos, Sonea.

Ela encarou Akkarin. Não era difícil saber o que ele pretendia fazer. Ela pensou em protestar, mas sabia que não iria detê-lo mesmo que pudesse. Libertar Tavaka seria deixar solto um assassino. Ele iria continuar atacando kyralianos. Com magia negra.

Ela se forçou a se virar de costas, abrir a porta e sair da sala. A porta bateu e se fechou atrás dela. Morren levantou os olhos, e a expressão dele se suavizou. Estendeu um caneco para ela.

Reconhecendo o doce aroma de bol, ela aceitou o caneco e tomou vários goles. Um calor começou a se espalhar por ela. Quando terminou a bebida, devolveu o caneco para Morren.

— Melhor?

Ela concordou com a cabeça.

A porta se abriu com um clique atrás dela. Ela se virou para encarar Akkarin. Eles se olharam em silêncio. Ela pensou no que ele revelara para ela. Os ichanis. Seus planos de invadir Kyralia. Que ele havia sido um escravo... coisas elaboradas demais para serem mentira. Akkarin não poderia ter inventado aquilo.

— Você tem muito em que pensar — ele disse calmo. — Venha. Vamos voltar ao Clã. Ele deu um passo à frente dela. — Obrigado, Morren. Disponha dele da maneira de costume.

— Sim, meu lorde. Você descobriu algo útil?

— Talvez — Akkarin olhou de novo para Sonea. — Vamos ver.

— Eles estão aparecendo com mais frequência agora, não é? — perguntou Morren.

Sonea captou uma hesitação mínima na resposta de Akkarin.

— Sim, mas seu empregador também os está encontrando mais rápido. Mande meus agradecimentos, certo?

O homem concordou com a cabeça e entregou a Akkarin sua lanterna.

— Farei isso.

Akkarin abriu a porta e saiu. Quando começou a andar pela passagem, Sonea o seguiu, sua mente ainda zonza com tudo que ficara sabendo.

Capítulo 7

A História de Akkarin

O som de metal batendo contra metal ecoou pela passagem, seguido por um suspiro de dor. Cery parou e olhou para Gol alarmado. O homenzarrão franziu a testa.

Cery virou bruscamente a cabeça para a entrada à frente. Tirando uma faca longa e de aparência sinistra do cinto, Gol se adiantou apressadamente. Chegou à porta e espiou a sala. As rugas de preocupação em sua testa se desfizeram.

Olhou para Cery e sorriu. Aliviado, e agora mais curioso do que perturbado, Cery deu um passo à frente e olhou para dentro.

Duas figuras estavam congeladas na mesma posição, uma agachada de forma desajeitada e a outra segurando uma faca junto à sua garganta. Cery reconheceu o perdedor como Krinn, o assassino e habilidoso lutador que ele normalmente contratava para missões importantes. Os olhos de Krinn se voltaram por um instante em direção a Cery. Sua expressão mudou de surpresa para embaraço.

— Você se rende? — Savara perguntou.

— Sim — Krinn respondeu numa voz tensa.

Savara retirou a faca e se afastou num mesmo movimento fluido. Krinn se levantou e a olhou com ar cauteloso. Ele era ao menos uma cabeça mais alta que ela, Cery notou achando graça.

— Usando um de meus homens de novo para praticar, Savara?

Ela deu um sorriso travesso.

— Só quando convidam, Ceryni.

Ele a avaliou cuidadosamente. E se ele...? Haveria algum risco, mas era de

esperar. Lançou um olhar para Krinn, que se esgueirava em direção à saída.

— Pode ir, Krinn. Feche a porta ao sair. — O assassino se apressou. Quando a porta se fechou, Cery deu um passo em direção a Savara. — Eu a convido para me testar.

Ele ouviu Gol inspirar forte.

O sorriso dela se alargou.

— Aceito.

Cery tirou um par de adagas da capa. Os cabos tinham laços de couro para evitar que elas escapassem de sua mão e para permitir a ele agarrá-las e puxá-las. As sobrancelhas dela se levantaram quando ele deslizou as mãos por entre os laços.

— Duas quase nunca são melhores do que uma — ela comentou.

— Eu sei — Cery respondeu ao mesmo tempo que se aproximava dela.

— Mas você *parece* que sabe o que está fazendo — ela observou. — Imagino que isso intimida as pessoas comuns.

— Sim, intimida.

Ela deu alguns passos para a esquerda, aproximando-se um pouco mais.

— Não sou uma pessoa comum, Ceryni.

— Não. Dá pra ver.

Ele sorriu. Se o motivo dela ao oferecer-se para ajudá-lo era ganhar sua confiança pelo tempo suficiente para conseguir uma chance de matá-lo, ele provavelmente estava lhe dando uma oportunidade perfeita. No entanto, ela iria morrer por esse gesto. Gol estava ali para garantir isso.

Ela disparou em sua direção. Ele escapou de seu alcance, em seguida se aproximou e mirou o ombro dela. Ela girou para longe.

Eles continuaram dessa maneira por alguns minutos, ambos testando os reflexos e o alcance do outro. Ela então se aproximou e ele a bloqueou,

realizando vários ataques rápidos em resposta. Nenhum conseguiu de fato romper a guarda do outro. Eles se afastaram, ambos respirando com esforço.

— O que você fez com o escravo? — ela perguntou.

— Ele está morto.

Ele observou seu rosto com atenção. Ela não parecia surpresa, apenas irritada.

— *Ele* o matou?

— É claro.

— Eu poderia ter feito isso para você.

Ele franziu as sobrancelhas. Ela parecia muito confiante. Confiante demais. Ela avançou, a lâmina brilhando à luz da Lamparina. Cery afastou o braço dela com o cotovelo. Uma luta rápida e frenética se seguiu e ele sorriu em triunfo quando conseguiu imobilizar o braço direito dela afastando-o e deslizar sua faca até a axila esquerda dela.

Ela congelou, também sorrindo.

— Você se rende? — ela perguntou.

Uma ponta afiada pressionou contra o estômago dele. Olhando para baixo, ele viu uma faca diferente na mão esquerda dela. A outra ainda segurava a faca original. Ele sorriu, então pressionou sua faca um pouco mais forte de encontro à axila.

— Há uma veia aqui que vai direto ao coração. Se eu cortá-la, você vai sangrar tão rápido que não vai viver o suficiente para decidir como me amaldiçoar.

Ele ficou satisfeito em ver seus olhos se arregalarem com a surpresa e seu sorriso desaparecer.

— Empate, então?

Eles estavam muito próximos. Ela tinha um cheiro incrível, uma mistura de suor fresco e algo picante. Seus olhos reluziam de deleite, mas a boca estava apertada numa linha fina.

— Empate — ele concordou. Deu um passo para trás e para o lado, de forma que a lâmina dela deixou seu estômago antes de ele remover a dele da axila. Seu coração batia acelerado. Não era uma sensação desagradável.

— Você sabe que esses escravos são magos? — ele perguntou.

— Sim.

— Como planeja matá-los?

— Tenho meus meios.

Cery deu um sorriso severo.

— Se eu disser a meu cliente que não preciso dele para fazer os assassinatos, ele vai fazer algumas perguntas difíceis. Por exemplo, de que maneira estou resolvendo isso?

— Se não souber que você encontrou um escravo, ele não vai saber quem o matou.

— Mas ele sabe que eles estão por aí. A guarda lhe conta sobre as vítimas. Se eles pararem de encontrar vítimas, sem matar o assassino, ele vai se perguntar por quê.

Ela deu de ombros.

— Isso não vai importar. Eles não estão mandando os escravos um por um agora. Posso matar alguns deles e ele não vai perceber.

Isso era novidade. Uma novidade ruim.

— Quem são “eles”?

As sobrancelhas dela se levantaram.

— Ele não lhe contou?

Cery sorriu, ao mesmo tempo que se xingava silenciosamente por revelar sua ignorância.

— Talvez tenha contado, talvez não —respondeu. — Eu quero ouvir o que você tem a dizer.

Sua expressão ficou sombria.

— Eles são os ichanis. Párias. O Rei de Sachaka envia aqueles que conquistam sua desaprovação para as terras desoladas.

— Por que estão enviando seus escravos para cá?

— Eles buscam reconquistar poder e status derrotando o velho inimigo de Sachaka, o Clã.

Isso também era novidade. Ele deslizou os laços de suas facas das mãos. “Provavelmente nada para se preocupar”, pensou. “Nós estamos matando esses ‘escravos’ com facilidade.”

— Você vai me deixar matar alguns desses escravos? — ela perguntou.

— Por que você precisa pedir? Se pode encontrá-los e matá-los, não precisa trabalhar comigo.

— Ah, mas se eu não fizesse isso, você poderia me confundir com um deles.

Ele riu.

— Isso podia ser rui...

Uma batida na porta o interrompeu. Ele olhou com expectativa para Gol. O homenzarrão foi até a porta. Um homem ainda maior entrou, os olhos vagueando nervosos de Gol para Cery e de Cery para Savara.

— Morren. — Cery franziu a testa. O homem havia enviado sua mensagem de uma só palavra tarde da noite para confirmar que havia se livrado do corpo do assassino. Ele não deveria visitar Cery pessoalmente a não ser que tivesse algo importante para reportar.

— Ceryni — Morren respondeu. Olhou para Savara de novo, a expressão desconfiada.

Cery se voltou para a mulher sachakana.

— Obrigado pelo treino — ele disse.

Ela concordou com a cabeça.

— Obrigado, Ceryni. Vou informá-lo quando encontrar o próximo. Não deve levar muito tempo.

Cery a observou sair. Quando a porta se fechou atrás dela, virou-se para Morren.

— O que foi?

O homem grande fez uma carranca.

— Pode não ser nada, mas achei que você ia querer saber. Ele não matou o assassino na mesma hora. Ele o amarrou, então saiu. Quando voltou, trouxe alguém com ele.

— Quem?

— A garota da favela que se juntou ao Clã.

Cery encarou o homem.

— Sonea?

— Sim.

Um sentimento de culpa tomou conta de Cery. Ele pensou na maneira como Savara fizera seu coração disparar. Como ele poderia se permitir admirar uma mulher estranha, em quem provavelmente não podia confiar, quando ainda amava Sonea? Mas Sonea estava além de seu alcance. E, de qualquer forma, ela nunca o havia amado. Não da maneira como ele a amava. Por que ele não podia pensar em outra?

Então, as implicações do que Morren estava dizendo entraram em sua cabeça, e ele começou a andar de um lado para o outro na sala. Sonea havia sido levada para ver o assassino. Ela havia sido levada para a presença de um homem perigoso. Embora soubesse que ela provavelmente estava bem segura junto de Akkarin, ele ainda sentia uma raiva protetora. Não queria que ela se envolvesse com aquilo.

Mas tinha ela estado ciente, o tempo todo, da batalha secreta que ocorria nos pontos mais sombrios de Imardin? Ela estava sendo preparada para se juntar à

luta?

Ele tinha de saber. Virando-se apoiado no calcanhar, caminhou em direção à porta.

— Gol, mande uma mensagem ao Lorde Supremo. Nós precisamos conversar.

Lorlen pisou no Salão de Entrada da Universidade e parou quando viu Akkarin passar entre as enormes portas.

— Lorlen — Akkarin disse. — Você está ocupado?

— Estou sempre ocupado — Lorlen respondeu.

Akkarin curvou a boca num sorriso irônico.

— Isso só deve levar alguns minutos.

— Pois bem.

Akkarin gesticulou em direção ao escritório de Lorlen. “Algo privado, então”, Lorlen pensou. Ele andou pelo Salão de volta ao corredor, mas, quando faltavam apenas alguns passos para chegar ao escritório, ouviu uma voz chamando.

— Lorde Supremo.

Um Alquimista estava parado do lado de fora de uma sala de aula mais à frente no corredor.

Akkarin parou.

— Sim, Lorde Halvin?

O professor se apressou em direção a eles.

— Sonea não apareceu para a aula esta manhã. Ela está bem?

Lorlen viu um olhar de preocupação cruzar o rosto de Akkarin, mas ele não podia dizer se era pelo bem-estar de Sonea ou porque ela não estava onde deveria estar.

— A criada dela não me informou de nenhuma doença — respondeu Akkarin.

— Tenho certeza de que há um bom motivo. Só achei bastante incomum. Normalmente, ela é muito pontual. — Halvin lançou um olhar para a sala de aula que ele tinha deixado. — É melhor eu voltar, antes que eles virem animais selvagens.

— Obrigado por me informar — disse Akkarin. Halvin acenou com a cabeça e afastou-se apressadamente. Akkarin se virou para encarar Lorlen. — Esse outro assunto vai ter que esperar. É melhor eu descobrir o que minha aprendiz está fazendo.

Observando-o ir embora, Lorlen lutou para reprimir uma sensação crescente de mau presságio. Com certeza, se ela estivesse doente, a criada teria informado Akkarin. Por que ela iria faltar às aulas de maneira deliberada? Seu sangue gelou. Teriam ela e Rothen decidido agir contra Akkarin? Em caso positivo, com certeza haveriam contado a ele primeiro.

Ou não?

Voltando ao Salão da Entrada, ele olhou para as escadas. Se ambos estivessem planejando algo juntos, ambos estariam desaparecidos. Ele só tinha de checar a sala de aula de Rothen.

Indo até a escada, subiu-as apressado.

O sol do meio-dia criava listras pela floresta, tocando o verde brilhante das folhas novas. Seu calor ainda irradiava contra a grande plataforma de pedra onde Sonea estava sentada, e se demorava sobre a rocha na qual ela descansava as costas.

Distante, o sinal tocou. Os aprendizes estariam se apressando para desfrutar do clima de outono. Ela deveria voltar e fingir que sua ausência tinha sido devido a uma dor de cabeça súbita ou outro mal-estar sem importância.

Mas ela não conseguia forçar a si mesma a se mexer.

Havia subido até a fonte no começo da manhã, esperando que a caminhada limpasse sua cabeça. Mas isso não acontecera. Tudo que ela ficara sabendo

continuava se remoendo em sua mente numa bagunça confusa. Talvez fosse por isso que ela não havia dormido nem um pouco. Estava cansada demais para entender tudo... e cansada demais para voltar à aula e se comportar como se nada houvesse mudado.

“Mas tudo mudou. Tenho que parar para pensar sobre o que fiquei sabendo”, ela disse a si mesma. “Tenho de entender o que isso significa antes de encarar Akkarin de novo.”

Fechou os olhos e usou um pouco de poder de Cura para eliminar a fadiga.

“O que fiquei sabendo?”

O Clã — e toda a Kyralia — estava em perigo de ser invadida pelos magos negros sachakanos.

Por que Akkarin não contara para ninguém? Se o Clã soubesse que encarava uma possível invasão, poderia se preparar para ela. Ele não poderia se defender se não soubesse da ameaça.

Sim, se Akkarin lhes contasse, ele teria que admitir ter aprendido magia negra. O motivo para seu silêncio era tão simples e egoísta? Talvez houvesse outro.

Ela ainda não sabia por que ele havia aprendido magia negra. Tavaka acreditava que apenas os ichanis tinham esse conhecimento. Só lhe haviam ensinado isso para que pudesse matar Akkarin.

E Akkarin tinha sido um escravo.

Era impossível imaginar o indiferente, digníssimo e poderoso Lorde Supremo vivendo como um *escravo*.

Mas ele tinha sido um, disso ela estava certa. Ele havia escapado de alguma maneira e voltado para Kyralia. Tornara-se o Lorde Supremo. Agora, secretamente e sozinho, estava mantendo esses ichanis longe, matando seus espiões.

Ele não era a pessoa que ela achava que ele era.

Ele podia até ser uma boa pessoa.

Ela franziu as sobrancelhas. “Não vamos tão longe. Ele aprendeu magia negra de alguma forma, e eu ainda sou sua refém.”

Sem magia negra, no entanto, como ele poderia derrotar todos aqueles espiões. E se houvesse um bom motivo para manter tudo aquilo em segredo, ele não teria escolha a não ser garantir que ela, Rothen e Lorlen permanecessem calados.

— Sonea.

Ela estremeceu de susto, então se virou em direção à voz. Akkarin estava à sombra de uma grande árvore, os braços cruzados. Ela se levantou apressada e fez uma reverência.

— Lorde Supremo.

Ele ficou parado olhando-a por um momento, então descruzou os braços e começou a andar na direção dela. Quando pisou na plataforma de pedra, seu olhar se desviou para aquela onde ela antes estivera encostada. Agachou-se e examinou a superfície cuidadosamente. Ouviu o arranhar de pedra contra pedra e piscou surpreso quando uma parte deslizou para a frente, revelando um buraco de formato irregular.

— Ah, ainda está aqui — ele disse baixinho. Colocando de lado a placa de pedra que havia removido, ele enfiou a mão dentro do buraco e tirou uma pequena caixa surrada de madeira. Vários buracos haviam sido furados na tampa na forma de uma grade. A tampa se abriu. Ele inclinou a caixa para que Sonea pudesse ver o conteúdo dela com clareza.

Dentro se encontrava um conjunto de peças de jogo, cada uma com um pequeno pino para encaixar nos buracos na tampa.

— Lorlen e eu costumávamos vir aqui para escapar das lições de Lorde Margen. — Ele tirou da caixa uma das peças e a examinou.

Sonea piscou surpresa.

— Lorde Margen? O mentor de Rothen?

— Sim. Ele era um professor rigoroso. Nós o chamávamos de “o monstro”.

Rothen se tornou responsável pelas aulas dele no ano seguinte àquele em que me formei.

Era tão difícil imaginar Akkarin como um jovem aprendiz quanto era imaginá-lo como um escravo. Ela sabia que ele era apenas alguns anos mais velho que Dannyl, mas Dannyl parecia bem mais novo. Não é que Akkarin *parecesse* mais velho, ela pensou, era simplesmente seu jeito e o cargo que davam uma impressão de maior maturidade.

Colocando de volta as peças de jogo, Akkarin fechou a caixa e a devolveu a seu esconderijo. Sentou-se, apoiando as costas contra a rocha. Sonea sentiu um estranho desconforto. Sumira o nobre e ameaçador Lorde Supremo que havia tomado sua guarda de Rothen para garantir que seus crimes permanecessem não descobertos. Ela não estava certa de como reagir a seu jeito informal. Sentando-se alguns passos mais além, observou-o olhar ao redor da fonte como se checasse se tudo ainda era como ele se lembrava.

— Eu não era mais velho do que você quando deixei o Clã — ele disse. — Tinha vinte anos, e havia escolhido a disciplina de Artes Guerreiras por uma fome de desafio e excitação. Mas não havia aventura para se encontrar aqui no Clã. Eu tinha de fugir dele por um tempo. Daí, decidi escrever um livro sobre magia antiga como desculpa para viajar e ver o mundo.

Ela o encarou surpresa. Seu olhar havia se tornado distante, como se ele estivesse vendo uma antiga lembrança, em vez das árvores ao redor da fonte. Parecia que tinha intenção de contar sua história.

— Durante minha pesquisa, encontrei algumas referências estranhas à magia antiga que me intrigaram. Essas referências me levaram a Sachaka. — Ele balançou negativamente a cabeça. — Se eu tivesse me conservado na estrada principal, poderia ter me mantido seguro. Alguns negociantes kyralianos entram em Sachaka em busca de bens exóticos. O Rei envia diplomatas para lá a cada poucos anos, na companhia de magos. Mas Sachaka é um país enorme e cheio de segredos. O Clã sabe que há magos lá, mas entende pouco sobre eles.

— Porém, entrei em Sachaka vindo de Elyne. Direto para a terra desolada. Eu estava lá fazia um mês até que encontrei um dos ichanis. Vi tendas e animais e

pensei em me apresentar para esse viajante rico e importante. Ele me deu boas-vindas calorosas e se apresentou como Dakova. Senti que era um mago e fiquei intrigado. Ele apontou para minha túnica e perguntou se eu era do Clã. Eu disse que sim.

Akkarin fez uma pausa.

— Achei que, sendo um dos magos mais fortes do Clã, seria capaz de me defender contra qualquer coisa. Os sachakanos que havia encontrado eram fazendeiros pobres, assustados por visitantes. Eu devia ter encarado isso como um aviso. Quando Dakova me atacou, fiquei surpreso. Perguntei se o havia ofendido, mas ele não me respondeu. Seus ataques eram incrivelmente fortes e mal tive tempo de perceber que ia perder antes de chegar ao fim das minhas forças. Disse a ele que magos mais fortes iriam procurar por mim se eu não retornasse ao Clã. Isso deve tê-lo deixado preocupado. Ele parou. Eu estava tão exausto que mal podia ficar de pé e pensei que esse fosse o motivo pelo qual ele conseguira ler minha mente com tanta eficiência. Por alguns dias, achei que havia traído o Clã. Mas, mais tarde, quando conversei com os escravos de Dakova, soube que os ichanis eram capazes de superar as barreiras da mente em qualquer ocasião.

Quando ele fez uma pausa, Sonea segurou a respiração. Ele iria contar para ela como tinha sido ser um escravo. Ela sentiu uma mistura de temor e expectativa.

Akkarin olhou para a poça embaixo deles.

— Dakova descobriu por meio da minha mente que o Clã havia banido a magia negra, e era bem mais fraco do que os sachakanos acreditavam. Ele achou tanta graça no que viu na minha mente que decidiu que outros ichanis tinham de ver aquilo. Eu estava exaurido demais para resistir. Escravos tiraram minha túnica e me deram trapos para vestir. De início, eu não conseguia entender que aquelas pessoas fossem escravos e que agora eu fizesse parte deles. Então, quando entendi, não consegui aceitar. Tentei escapar, mas Dakova me encontrava com facilidade. Parecia gostar da caçada... e da punição que aplicava depois dela.

Akkarin estreitou os olhos. Virou a cabeça um pouco em direção a Sonea e ela abaixou os olhos, com medo de encarar os dele.

— Eu estava mortificado pela minha situação — ele continuou baixinho. — Dakova me chamava de seu "mago do Clã de estimação". Eu era um troféu, conservado para entreter seus convidados. Manter-me, no entanto, era um risco. Ao contrário de seus outros escravos, eu era um mago treinado. Então, toda noite ele lia minha mente e, para impedir que me tornasse perigoso, tirava a força que eu tinha reconquistado naquele dia.

Akkarin puxou uma manga. Centenas de linhas finas e brilhantes cobriam seu braço. Cicatrizes. Sonea sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Essa evidência de seu passado estivera diante dela tantas vezes, escondida por uma mera camada de pano.

— O resto dos seus escravos era composto daqueles que ele havia tomado de ichanis com quem tinha lutado e a quem derrotara, e jovens homens e mulheres com potencial mágico latente que ele havia encontrado entre os fazendeiros e mineradores sachakanos da região. Todo dia, ele tomava força mágica deles. Ele era poderoso, mas ao mesmo tempo estranhamente isolado. Com o tempo, entendi que Dakova e os outros ichanis que vivem nas terras desoladas eram párias. Por um motivo ou outro — por envolvimento falho em tramas, por incapacidade de pagar propina ou impostos ou por terem cometido crimes —, eles tinham caído em desgraça com o Rei Sachakano. Este havia ordenado que fossem confinados às terras desoladas e proibido que outros os contatassem.

— Você pode pensar que eles se uniriam nessa situação, mas eles alimentavam ressentimento e ambição demais para isso. Tramavam constantemente um contra o outro, esperando aumentar sua riqueza e força ou se vingar de insultos passados, ou simplesmente roubar os suprimentos de comida. Um pária ichani só consegue alimentar um tanto de escravos. As terras desoladas produziam pouca comida, e aterrorizar e matar fazendeiros com certeza não ajudava a aumentar a produtividade.

Ele fez uma pausa e respirou fundo.

— A mulher que explicou tudo para mim no começo era uma forte maga em

potencial. Poderia ter sido uma poderosa Curadora se tivesse nascido kyraliana. Em vez disso, Dakova a mantinha como uma escrava de cama. — Akkarin fez uma careta.

— Dakova atacou outro ichani um dia, e se descobriu perdendo. Em desespero, tomou toda a força de cada um dos escravos, matando-os. Deixou os mais fortes de nós por último e conseguiu superar seu adversário antes de nos matar a todos. Apenas eu e Takan sobrevivemos.

Sonea piscou. “Takan? O criado de Akkarin?”

— Dakova ficou vulnerável por várias semanas enquanto recuperava a força que havia perdido — Akkarin continuou. — No entanto, ele estava menos preocupado que outro tomasse vantagem disso do que deveria estar. Todos os ichanis sabiam que ele tinha um irmão, Kariko. O par tinha espalhado que, se um deles fosse morto, o outro vingaria sua morte. Nenhum ichani nas terras desoladas poderia derrotar um dos irmãos e reconquistar sua força a tempo de sobreviver a um ataque por outro. Logo depois da quase derrota de Dakova, Kariko chegou e deu vários escravos ao irmão para ajudá-lo a recuperar sua força.

— A maioria dos escravos que encontrei sonhavam que Dakova ou um de seus inimigos fosse liberar seus poderes e ensiná-los a usar magia negra, para poderem ser livres. Eles olhavam para mim com inveja; eu só precisava aprender magia negra para poder escapar. Eles não sabiam que o Clã proibia magia negra.

— Mas quanto mais eu via do que Dakova era capaz, menos me importava com o que o Clã permitia e não permitia. Ele não precisava de magia negra para fazer o mal. Eu o vi fazer coisas com as mãos nuas que nunca vou esquecer.

O olhar de Akkarin estava assombrado. Fechou os olhos e, quando os abriu, eles estavam duros e frios.

Por cinco anos, fiquei preso em Sachaka. Então, um dia, não muito depois de receber o presente de novos escravos de seu irmão, Dakova ficou sabendo que um ichani que ele desprezava estava se escondendo numa mina depois de se exaurir numa luta. Resolveu encontrar e matar esse homem.

— Quando Dakova chegou, a mina parecia estar deserta. Ele, eu e outros escravos entramos nos túneis em busca de seu inimigo. Depois de centenas de passos, o chão ruiu sob mim. Eu senti ter sido pego por magia e colocado numa superfície dura.

Akkarin deu um sorriso severo.

— Eu tinha sido salvo por outro ichani. Achei que ele fosse me matar ou me tomar para si. Em vez disso, ele me guiou pelos túneis até uma pequena sala escondida. Ali, me fez uma oferta. Ele me ensinaria magia negra se eu voltasse até Dakova e o matasse.

— Vi que era um arranjo que provavelmente iria terminar com minha morte. Eu falharia e morreria, ou teria sucesso e seria caçado por Kariko. Mas naquele ponto eu me importava pouco com minha vida, ou com a proibição da magia negra pelo Clã. Então, concordei.

— Dakova vinha juntando forças havia muitas semanas. Eu podia aprender o segredo da magia negra, mas não tinha tempo de me tornar forte. O homem entendia isso e me disse o que eu precisava fazer.

— Eu fiz como os ichanis instruíram. Voltando a Dakova, disse-lhe que havia ficado inconsciente na queda, mas que encontrara um depósito cheio de comidas e tesouros no caminho da saída. Embora irritado por seu inimigo ter escapado, Dakova ficou feliz com a descoberta. Deixou que eu e os outros escravos transportássemos os tesouros das minas até sua tenda. Fiquei aliviado. Se Dakova sentisse o menor pensamento superficial de traição, leria minha mente e descobriria o plano. Enviei um escravo com uma caixa de vinho de Elyne. O pó que cobria as garrafas tranquilizou Dakova de que ele não havia sido adulterado, e ele começou a beber. O vinho estava misturado com myk, uma droga que confunde a mente e distorce os sentidos. Quando deixei a mina, ele estava deitado, num estado como se estivesse sonhando.

Akkarin ficou em silêncio. Encarou as árvores, o olhar fixo em algum lugar distante. Conforme o silêncio se estendia, Sonea começou a se preocupar achando que ele não fosse prosseguir. “Conte-me”, ela pensou. “Você não pode parar agora!”

Akkarin respirou fundo e suspirou. Olhou para o chão de pedra, com expressão lúgubre.

— Fiz uma coisa terrível, então. Matei todos os novos escravos de Dakova. Precisava da força deles. Não consegui matar Takan. Não só porque éramos amigos, mas porque ele estava lá desde o começo e tínhamos o hábito de ajudar um ao outro.

— Dakova estava confuso demais por causa da droga e do vinho para notar muita coisa. Acordou quando o cortei, mas, uma vez que a drenagem de poder começa, é quase impossível para a pessoa usar sua própria força.

A voz de Akkarin era baixa e tranquila.

— Embora eu agora fosse mais forte do que imaginava poder ser, sabia que Kariko não estava longe. Ele logo tentaria contatar Dakova, então iria buscar uma explicação para o silêncio do irmão. Tudo que eu podia pensar era em deixar Sachaka. Nem me preocupei em pegar comida. Eu não esperava sobreviver. Depois de um dia, percebi Takan me seguindo. Ele tinha uma mochila cheia de suprimentos. Disse a ele para me deixar, ou Kariko iria matá-lo também, mas ele insistiu em permanecer e me tratar como um mestre ichani. Andamos por semanas, embora algumas vezes nas montanhas parecesse que passávamos mais tempo escalando do que andando. Finalmente, nós nos descobrimos no pé da Cadeia de Montanhas do Cinturão do Aço. Percebi que tínhamos escapado de Kariko e chegado em casa.

Pela primeira vez, Akkarin levantou os olhos para encontrar os dela.

— Eu só conseguia pensar em retornar para a segurança do Clã. Queria esquecer tudo e jurei nunca usar magia negra de novo. Takan se recusava a me deixar, mas, ao torná-lo meu criado, sinto que o libertei da melhor maneira que pude. — Ele olhou em direção aos prédios do Clã escondidos atrás das árvores. — Fui recebido calorosamente e bem acolhido. Quando me perguntaram sobre meu desaparecimento, por onde eu tinha andado, relatei minhas experiências nos países aliados e inventei uma história de me recolher para as montanhas para estudar em isolamento.

— Logo depois do meu retorno, o Lorde Supremo morreu. O costume ditava que o mago mais forte tomasse a posição. Nunca pensei que poderia ser um candidato. Afinal, só tinha vinte e cinco anos. Mas acidentalmente deixei Lorde Balkan sentir minha força. Eu me surpreendi quando ele propôs que pensassem em mim para o cargo e fiquei impressionado pelo apoio que a ideia conquistou. É interessante o quanto as pessoas costumam fazer vista grossa quando querem desesperadamente evitar a eleição de um homem de que não gostam.

Intrigada, Sonea abriu a boca para perguntar de quem se tratava, mas Akkarin continuou.

— Balkan disse que minhas viagens haviam me amadurecido, e que eu tinha experiência em lidar com outras culturas. — Akkarin deu um risinho. — Se ele soubesse a verdade, provavelmente não teria sido tão insistente. Embora a ideia parecesse absurda, comecei a ver as possibilidades que ela continha. Eu precisava me distrair das lembranças dos cinco anos anteriores. E tinha começado a me preocupar com os ichanis. Dakova e seu irmão haviam falado muitas vezes sobre como seria fácil invadir Kyralia. Embora Kariko estivesse só agora, e provavelmente nunca fosse convencer outros ichanis a se juntar a ele, uma invasão não era impossível. E se ele reconquistasse as boas graças do Rei e o convencesse a invadir? Resolvi manter um olho nos sachakanos, e seria mais fácil fazer isso se tivesse os recursos de um Lorde Supremo. E não foi difícil convencer o Clã a me eleger, uma vez que os deixei testarem minha força.

— Depois de alguns anos, ouvi falar sobre assassinatos na cidade que pareciam de maneira suspeita com magia negra. Investiguei e achei o primeiro espião. Dele, aprendi que Kariko vinha provocando os outros ichanis com ideias de saquear Imardin, vingar-se pela Guerra Sachakana e forçar o Rei Sachakano a aceitá-los de novo. Ele primeiro tinha de convencê-los de que o Clã não usa magia negra. Eu os venho convencendo do contrário desde então. — Ele sorriu, então virou-se para encará-la. — Você é boa ouvinte, Sonea. Não me interrompeu nenhuma vez. Deve ter algumas perguntas agora.

Ela concordou lentamente com a cabeça. Por onde começar? Repensou as perguntas que tomavam conta de seus pensamentos.

— Por que você não contou ao Clã sobre os ichanis?

Akkarin ergueu as sobrancelhas.

— Você acha que eles acreditariam em mim?

— Lorlen poderia acreditar.

Ele desviou o olhar.

— Não tenho certeza disso.

Ela pensou no horror de Lorlen quando viu a lembrança dela de Akkarin usando magia negra. Quando lera *a mente dela*, Akkarin devia ter visto essa indignação. Ela sentiu uma pontada de compaixão. Provavelmente, ele tinha ficado magoado a ter a amizade estragada por um segredo que não ousava contar.

— Acho que Lorlen teria acreditado em você — ela disse. — Se não, você poderia tê-lo deixado realizar uma leitura da verdade. — Ela estremeceu após dizer isso. Depois de toda a leitura da verdade feita por Dakova, Akkarin provavelmente não queria nenhuma outra pessoa sondando suas lembranças de novo.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Não posso arriscar isso. Qualquer um que lesse minha mente poderia facilmente aprender o segredo da magia negra. É por isso que parei sua leitura da mente de Tavaka ontem à noite.

— Então... o Clã poderia mandar vários magos para Sachaka para confirmar sua história.

— Se eles entrassem em grande número e começassem a fazer perguntas perigosas, seriam considerados uma ameaça. Isso poderia começar o conflito que tememos. Lembre-se também de que eu sabia que não havia uma ameaça imediata de Sachaka logo que cheguei aqui. Eu me sentia muito aliviado por estar em casa, e não parecia fazer sentido revelar que quebrara os juramentos dos magos, a não ser que tivesse que fazê-lo.

— Mas agora há uma ameaça.

Seu olhar tremeluziu.

— Não até Kariko convencer os outros ichanis a se juntar a ele.

— Mas quanto mais cedo o Clã souber, mais bem preparado vai estar.

A expressão de Akkarin se endureceu.

— Eu sou o único capaz de confrontar esses espiões. Você acha que o Clã vai me permitir continuar como Lorde Supremo se souberem que aprendi magia negra? Se eu contar a eles agora, perderão toda a confiança que têm em mim. Seu medo vai cegá-los para a ameaça real. Até eu ter encontrado uma forma de eles lutarem com os ichanis sem magia negra, é melhor que não saibam nada.

Ela concordou com a cabeça, embora não achasse que o Clã fosse puni-lo se ouvisse o que ele havia acabado de lhe contar.

— *Há* alguma outra forma?

— Não encontrei uma ainda.

— Então, o que vai fazer?

— Continuar caçando espiões. Meus aliados entre os Ladrões estão se mostrando mais eficientes do que aqueles que contratei anteriormente para localizá-los.

— Os Ladrões. — Sonea sorriu. — Pensei que fosse isso. Há quanto tempo vem trabalhando com eles?

— Cerca de dois anos.

— Quanto eles sabem?

— Apenas que estão caçando magos renegados com o terrível hábito de matar pessoas, e que por acaso todos esses renegados vêm de Sachaka. Eles os localizam, me informam e se livram dos corpos.

Pela mente dela, passou uma lembrança de Tavaka implorando pela vida. Prometendo ser bom, ao mesmo tempo que tencionava matar tantos kyralianos

quanto pudesse para retornar a Sachaka e se juntar aos ichanis. Se não fosse por Akkarin, Tavaka estaria fazendo exatamente isso agora.

Ela franziu a testa. Tanta coisa dependia de Akkarin. E se ele morresse? Quem iria deter os espiões? Apenas Takan e ela saberiam o que realmente estava acontecendo, mas nenhum dos dois sabia magia negra. Nenhum deles poderia fazer algo para parar os ichanis.

Sonea congelou quando a implicação disso caiu sobre ela como um balde de água gelada.

— Por que me contou isso?

Ele deu um sorriso sério.

— Alguém mais precisava saber.

— Mas por que eu?

— Você já sabia muita coisa.

Ela fez uma pausa.

— Então... podemos contar para Rothen? Sei que ele manteria em silêncio se entendesse a ameaça.

Ele franziu a testa.

— Não. A não ser que precisemos revelar tudo para o Clã.

— Mas ele ainda acredita que eu... e se ele tentar fazer algo? Quanto a mim.

— Ah, eu estou observando Rothen com cuidado.

Distante, o sinal tocou. Akkarin se colocou em pé. A bainha de sua túnica preta resvalou pela mão dela. Sonea levantou os olhos para ele e sentiu uma estranha mistura de medo e respeito. Ele havia matado muitas vezes. Ele havia aprendido e usado a magia mais sombria. Mas tinha feito isso para escapar da escravidão e manter o Clã seguro. E ninguém além dela e Takan sabia.

Akkarin cruzou os braços e sorriu.

— Volte para suas lições agora, Sonea. Minha favorita não cabula aulas.

Sonea abaixou os olhos e concordou com a cabeça.

— Sim, Lorde Supremo.

Capítulo 8

Refletindo sobre Cometer um Crime

O corredor da Universidade ecoou com as vozes dos aprendizes. Os dois que seguiam Rothen, carregando caixas de instrumentos de química e substâncias usadas na aula anterior, estavam tendo uma conversa fascinante em voz baixa. Eles haviam notado que uma garota ficara observando-os nas corridas de cavalo no último Dia Livre e não conseguiam decidir em qual dos dois ela poderia estar interessada.

Rothen estava tendo dificuldade em manter a expressão séria. Mas seu humor ficou sombrio quando uma figura frágil apareceu no alto da escada. A expressão de Sonea estava carregada de irritação. Uma grande pilha de livros pesados enchia seus braços. Ela virou na passagem lateral que levava à Biblioteca dos Aprendizes.

Os garotos atrás de Rothen pararam de falar e assobiaram demonstrando pena.

— Acho que ela pediu isso — um disse. — Mas temos que admirar a coragem dela. Eu não ousaria cabular aulas se *ele* fosse meu guardião.

Rothen olhou para trás.

— Quem cabulou aula?

O garoto corou quando percebeu que tinha sido ouvido.

— Sonea — ele disse.

— O Lorde Supremo a puniu com uma semana de trabalho na biblioteca — o outro garoto acrescentou.

Rothen não pôde deixar de sorrir.

— Ela ia gostar disso.

— Ah, não. A Biblioteca dos *Magos*. Lorde Jullen garante que a punição dela é mesmo uma punição.

Então, Sonea *tinha* cabulado uma aula, como Tania dissera. Ele se perguntava por que e onde ela tinha ido em vez da sala de aula. Ela não tinha amigos para sair por aí, assim como nenhum outro hobby ou interesse que pudessem tentá-la a escapar das aulas. Ela sabia que ele e Lorlen ficariam rapidamente desconfiados se desaparecesse. Se se arriscara a alarmá-los, devia ter um motivo melhor para cabular aula do que um ímpeto rebelde.

Quanto mais ele pensava a respeito, mais ficava preocupado. Ele ouviu enquanto os garotos continuavam a conversa, esperando vislumbrar mais informações.

— Ela vai rejeitá-lo. Ela rejeitou Seno.

— Talvez ela tenha rejeitado Seno porque ela não gosta dele.

— Talvez. E não importa de qualquer forma. A punição era por uma semana. Isso provavelmente inclui o Dia Livre. Ela não vai poder ir conosco.

Rothen resistiu ao impulso de se virar e encará-los de surpresa. Eles ainda estavam falando sobre Sonea. O que significava que eles, e outro garoto chamado Seno, haviam pensado em convidá-la para as corridas. Ele sentiu seu humor se alegrar um pouco. Havia torcido para que os outros aprendizes com o tempo a aceitassem. Agora, parecia que alguns podiam estar interessados em mais do que apenas amizade.

Então, Rothen suspirou. Ela havia rejeitado esse garoto chamado Seno e ele sabia que provavelmente iria rejeitar outras ofertas também. Era uma ironia cruel que agora que os aprendizes começavam a aceitá-la, ela não ousasse fazer amizade com nenhum por medo de complicar a situação com Akkarin.

Quando a carruagem parou em frente à mansão, Dannyl e Tayend encararam um ao outro inseguros.

— Nervoso? — Tayend perguntou.

— Não — Dannyl lhe garantiu.

Tayend riu.

— Mentiroso.

A porta da carruagem se abriu e o cocheiro fez uma reverência quando eles saíram. Como muitas mansões de Elyne, a frente da casa do Dem Marane ficava ao ar livre. Entradas arqueadas davam acesso a uma sala ladrilhada decorada com esculturas e plantas.

Dannyl e Tayend atravessaram uma passagem com arcos e cruzaram a sala. Uma grande porta de madeira barrava a entrada para a parte fechada da sala. Tayend puxou uma corda pendurada ao lado da porta. Um som distante de sino soou em algum lugar acima.

Eles ouviram passos abafados dentro da casa, então a porta se abriu e o Dem Marane os cumprimentou com uma reverência.

— Embaixador Dannyl. Tayend de Tremmelin. Sejam muito bem-vindos a minha casa.

— Estamos honrados com seu convite, Dem Marane — Dannyl respondeu.

O Dem os conduziu por uma sala ricamente mobiliada. Continuou por duas mais, até chegar a outra porta aberta. Arcadas davam vista para o mar e para o jardim cuidado com esmero que caía em camadas até a praia abaixo. Na parede oposta, bancos cobertos de almofadas forneciam assento para seis outros homens. Uma mulher sentava-se, reservada, num pequeno sofá no centro da sala.

Os estranhos encararam Dannyl. Pareciam tensos e com medo. Ele sabia que a combinação de sua altura e de sua túnica o tornavam uma figura imponente.

— Apresento-lhe o Segundo Embaixador do Clã em Elyne, Lorde Dannyl — Royend anunciou. — E alguns de vocês já conhecem seu companheiro, Tayend de Tremmelin.

Um dos homens ficou de pé e fez uma reverência, e os outros o imitaram de

maneira hesitante. Dannyl acenou educadamente com a cabeça em resposta. Esse era todo o grupo? Ele duvidava. Alguns não iriam se revelar até terem certeza de que ele era confiável.

O Dem os apresentou um a um. Royend era o mais velho, Dannyl adivinhou. Todos eram aristocratas de Elyne, pertencentes a uma ou outra família rica. A mulher era a esposa do Dem, Kaslie. Quando ele terminou, ela convidou todos para sentar-se enquanto buscava refrescos. Dannyl escolheu um banco vazio e Tayend sentou-se ao lado dele. Dannyl não pôde evitar uma pontada de ansiedade quando viu os outros tomando nota desse fato.

A isso se seguiu uma conversa sem importância. Fizeram as perguntas de costume para Dannyl: o que ele achava de Elyne, se já havia conhecido certas pessoas famosas e importantes. Alguns demonstraram que haviam reunido informações sobre ele ao perguntar sobre sua jornada para Lonmar e Vin.

Kaslie voltou com os criados carregando vinho e pratos de comida. Depois de todos receberem uma bebida, o Dem mandou os criados embora e inspecionou a sala.

— É hora de falar do negócio que nos trouxe aqui. Nós nos juntamos por causa de uma perda comum. A perda de oportunidade. — O Dem olhou para Tayend. — Alguns de nós recebemos essa oportunidade e fomos forçados pelas circunstâncias a recusá-la. Outros nunca receberam essa escolha, ou a receberam e depois ela lhes foi retirada. Ainda outros anseiam por uma oportunidade que não exija ficar acorrentado a uma instituição com cujos princípios não concordam, baseada num país ao qual não pertencem. — O Dem fez uma pausa para olhar ao redor da sala. — Nós todos sabemos de que oportunidade falo. A oportunidade de aprender magia.

Ele olhou para Dannyl.

— Pelos últimos dois séculos a única maneira legal de um homem ou mulher poder aprender magia era se juntar ao Clã. Para aprendermos a usar magia fora da influência do Clã, precisamos primeiro quebrar uma lei. O Embaixador Dannyl tem cumprido essa lei. Mas ele também lamenta a perda da oportunidade. Seu companheiro, Tayend de Tremmelin, tem talento mágico. O

Embaixador Dannyl deseja ensiná-lo como se proteger ou se Curar. Um desejo razoável; não, um desejo honrado.

O Dem olhou para os outros, que concordavam com a cabeça.

— Mas se o Clã vier a descobrir isso, Tayend vai precisar de pessoas que o escondam e o protejam. Nós temos as conexões e os arranjos adequados. Podemos ajudá-lo.

Ele virou para encarar Dannyl.

— Então, Embaixador, o que nos dará em troca da proteção a seu amigo?

A sala se quedou silenciosa. Dannyl sorriu e olhou para os rostos.

— Eu posso lhes oferecer a oportunidade que perderam. Posso lhes ensinar um pouco de magia.

— Um pouco?

— Sim. Há coisas que não vou lhes ensinar e algumas que não posso lhes ensinar.

— Tais como?

— Eu não ensinaria as Artes Guerreiras de ataque para ninguém em quem não confiasse. Elas são perigosas nas mãos erradas. E eu sou um Alquimista, então meu conhecimento de Cura é limitado ao básico.

— Isso faz sentido.

— E tenho de ter certeza de que vocês serão capazes de proteger Tayend, antes de lhes ensinar algo.

O Dem sorriu.

— E nós, é claro, não queremos entregar nenhum dos nossos segredos até termos certeza de que você vai cumprir seu lado da barganha. Por enquanto, posso apenas jurar por nossa honra que temos condições de proteger seu amigo. Não vou mostrar como isso pode ser feito ainda. Não até ter demonstrado a nós que é confiável.

— Como posso saber se *vocês* são confiáveis? — Dannyl perguntou, apontando com um gesto o conjunto da sala.

— Você não sabe — o Dem disse simplesmente. — Mas acho que tem uma grande vantagem sobre nós hoje à noite. Um mago que pensa em ensinar um amigo não é um risco tão grande quanto um grupo de não magos se juntando com o propósito de aprender magia. Nós nos comprometemos com esse propósito, você apenas pensou na ideia. É improvável que o Clã o execute por isso, enquanto nós encaramos essa penalidade só por fazermos uma reunião como essa.

Dannyl concordou com a cabeça lentamente.

— Se vocês evitaram serem notados pelo Clã por tanto tempo, talvez *possam* manter Tayend longe deles. E vocês não me convidariam aqui se não tivessem um plano para escapar caso eu provasse ser um espião do Clã.

Os olhos do Dem brilharam.

— Exato.

— Então, o que *eu* preciso fazer para conquistar a *sua* confiança? — perguntou Dannyl.

— Precisa nos ajudar.

Kaslie havia falado. Dannyl a olhou com surpresa. Sua voz traía urgência e preocupação. Ela encarou Dannyl, os olhos cheios de uma esperança desesperada.

Uma suspeita lentamente tomou conta de Dannyl. Ele se lembrou da carta de Akkarin. “Apenas recentemente eles tiveram algum sucesso. Agora que ao menos um deles conseguiu desenvolver seus poderes, o Clã tem o direito e o dever de lidar com eles.”

Desenvolveu seus poderes, mas não aprendeu a controlá-los. Refletindo rapidamente, Dannyl contou as semanas desde que recebera a carta, e acrescentou duas para ela chegar até ele. Olhou para o Dem.

— Ajudar com o quê?

A expressão do homem era séria.

— Eu vou lhe mostrar.

Quando Dannyl se levantou, Tayend o seguiu. Royend balançou negativamente a cabeça.

— Fique, jovem Tremmelin. Para sua segurança, é melhor que só o Embaixador venha.

Dannyl hesitou, então fez que sim com a cabeça para Tayend. O acadêmico se refestelou no assento de novo, franzindo a testa.

O Dem gesticulou para que Dannyl o seguisse. Ele começou a segui-lo por um corredor. No final, havia uma escadaria que descia até outro corredor. Eles pararam diante de uma porta de madeira pesada. Um fraco cheiro de fumaça marcava o ar.

— Ele o está esperando, mas não tenho ideia do que vai fazer quando o vir — o Dem avisou.

Dannyl concordou com a cabeça. O Dem bateu na porta. Depois de uma longa pausa, levantou a mão para bater de novo, mas se deteve quando a maçaneta se virou e a porta se abriu.

Um jovem espiou para fora. Seus olhos deslizaram até Dannyl e se arregalaram.

Um estrondo soou dentro da sala. O jovem olhou para dentro e xingou. Quando virou-se para olhar Dannyl de novo, sua expressão era de ansiedade.

— Esse é o Embaixador Dannyl — o Dem falou ao jovem, olhando em seguida para Dannyl. — Esse é o irmão da minha esposa, Farand de Darellas.

— Estou honrado em conhecê-lo — Dannyl falou ao homem. Farand resmungou uma resposta.

— Vai nos convidar para entrar? — o Dem disse pacientemente.

— Ah. Sim — o jovem respondeu. — Entrem. — Puxou a porta para abri-la por inteiro e esboçou uma reverência desajeitada.

Dannyl entrou num grande quarto com paredes de pedra. Talvez tivesse sido uma adega antes, mas agora abrigava uma cama e outros móveis, todos parecendo surrados e queimados. Uma pilha de madeira num lado do quarto tinha uma aparência suspeita, assim como os restos de outros móveis. No chão, havia pedaços de uma grande urna, rodeada por uma poça d'água que se espalhava rapidamente. Dannyl supôs que era isso que ele tinha ouvido se quebrar.

Um mago sem controle costumava soltar a magia quando reagia a fortes emoções. Para Farand, o medo era seu principal inimigo: medo da magia que ele empunhava e medo do Clã. Dannyl precisava tranquilizar o homem, antes que ele fizesse alguma outra coisa.

Ele se permitiu um pequeno sorriso. Uma situação como aquela aparecia tão raramente, e no entanto ele agora a encontrava pela segunda vez num punhado de anos. Rothen tinha conseguido ensinar controle para Sonea, apesar de sua profunda desconfiança em relação ao Clã. Ensinar Farand só poderia ser mais fácil. E iria ajudar se Farand soubesse que outra pessoa havia sobrevivido à mesma situação.

— Pelo que posso ver, seus poderes vieram à tona, mas você não tem controle sobre eles — Dannyl disse. — Isso é bem raro, mas encontramos outra pessoa como você há apenas alguns anos. Ela aprendeu o Controle em poucas semanas e é uma aprendiz agora. Diga-me, você estava tentando trazê-los à tona ou isso apenas aconteceu?

O homem abaixou seu olhar.

— Acho que fiz isso acontecer.

Dannyl se sentou em uma das cadeiras. Quanto menos intimidante ele parecesse, melhor.

— Posso perguntar como?

Farand engoliu em seco e desviou o olhar.

— Sempre fui capaz de escutar as conversas em pensamento que os magos têm. Costumava escutá-las todos os dias na esperança de descobrir como usar

magia. Alguns meses atrás, captei uma conversa sobre liberar o potencial mágico. Tentei fazer o que eles disseram várias vezes, mas não achei que tivesse funcionado. Então, comecei a fazer coisas sem querer.

Dannyl concordou com a cabeça.

— Você liberou seu poder, mas não sabe como controlá-lo. O Clã ensina as duas coisas ao mesmo tempo. Não preciso lhe dizer como é perigoso ter magia sem nenhum controle sobre ela. Você tem sorte de que Royend haja encontrado um mago disposto a lhe ensinar.

— Você vai me ensinar? — Farand sussurrou.

Dannyl sorriu.

— Sim.

Farand afundou na cama com alívio.

— Eu tinha tanto medo de que eles fossem me mandar para o Clã, e todo mundo acabasse descoberto por minha causa. — Ele se aprumou e alinhou os ombros. — Quando podemos começar?

— Não vejo por que não começar agora — Dannyl disse, dando de ombros.

Um pouco de medo surgiu de novo nos olhos do homem. Ele engoliu em seco e então concordou com a cabeça.

— Diga-me o que fazer.

Dannyl se levantou e olhou ao redor. Ele apontou para a cadeira.

— Sente-se.

Farand piscou na direção da cadeira, então caminhou hesitante até ela e se sentou. Dannyl cruzou os braços e o encarou pensativo. Ele estava ciente do efeito que essa mudança de posição — de Farand de pé com ele sentado, para ele de pé olhando para Farand — teria. Agora que ele concordara em cooperar, Farand precisava sentir que Dannyl estava no comando e que sabia o que estava fazendo.

— Feche os olhos — Dannyl instruiu. — Concentre-se em sua respiração. —

Ele orientou Farand nos exercícios padrão de respiração, mantendo a voz baixa e firme. Quando julgou que o homem havia conquistado uma certa calma, colocou-se atrás da cadeira e tocou levemente as têmporas dele. Mas antes que pudesse enviar sua mente, o homem se desgrudou dele com uma sacudida.

— Você vai ler minha mente! — ele exclamou.

— Não — Dannyl o tranquilizou. — Não é possível ler uma mente que não permita isso. Mas preciso guiá-lo para o local na sua mente onde você acessa seu poder. A única maneira de eu fazer isso é você me permitir mostrar o caminho.

— Essa é a única maneira? — o Dem perguntou. Dannyl olhou para Royend.

— Sim.

— E é possível de alguma forma que você veja coisas... coisas que preciso manter em segredo? — Farand perguntou.

Dannyl o encarou sério. Ele não podia negar isso. Uma vez na mente de Farand, os segredos provavelmente iriam se destacar para ele. Segredos tinham o hábito de fazer isso.

— É possível — Dannyl lhe contou. — Para ser honesto, se você está preocupado em esconder algo, então isso vai surgir em primeiro lugar nos seus pensamentos. É por isso que o Clã prefere treinar aprendizes tão jovens quanto possível. Quanto mais jovem você é, menos segredos tem.

Farand enfiou o rosto entre as mãos.

— Nãããão — ele grunhiu. — Ninguém pode me ensinar. Vou ficar desse jeito para sempre.

As cobertas da cama começaram a soltar fumaça. O Dem respirou fundo e deu um passo à frente.

— Talvez Lorde Dannyl possa jurar que vai manter tudo que enxergar para si mesmo — ele sugeriu.

Farand deu um riso amargo.

— Como posso confiar nele para manter uma promessa quando ele está

prestes a quebrar uma lei?

— Quer saber? — Dannyl disse, num tom seco. — Você tem minha promessa de que não vou passar adiante nenhuma informação que eu descobrir. Se isso não for aceitável, sugiro que coloque seus assuntos em ordem e vá embora daqui. Vá para o mais longe de qualquer pessoa ou coisa que você não quiser destruir, pois quando seus poderes forem completamente liberados eles vão consumir não apenas você, mas tudo ao seu redor.

O homem empalideceu.

— Não há realmente nenhuma escolha, há? — ele disse numa voz baixa. — Eu vou morrer se não fizer isso. Então é morte ou... — Seus olhos relampejaram com uma raiva súbita, e ele respirou fundo, aprumando-se. — Se essa é a única escolha, então simplesmente vou ter que confiar que não vai contar para ninguém.

Espantado com essa mudança abrupta, Dannyl orientou Farand nos exercícios de relaxamento mais uma vez. Quando ele descansou os dedos nas têmporas de Farand, este permaneceu parado. Dannyl fechou os olhos e enviou sua mente para a dele.

O Controle normalmente era ensinado aos aprendizes por seus professores, e Dannyl nunca havia sido um professor. Não tinha a habilidade de Rothen, mas, depois de várias tentativas, conseguiu fazer com que Farand visualizasse uma sala e o convidasse para entrar nela. Dicas tentadoras do segredo apareceram, mas Dannyl se concentrou em ensinar Farand a escondê-los atrás de portas. Eles encontraram a porta para o poder do homem, mas perderam sua localização quando os segredos que Farand estava lutando para esconder vazaram das portas em que ele os havia armazenado.

— Nós ambos sabemos que eu vou descobrir isso de qualquer forma. Mostre-me e podemos prosseguir com as lições de Controle — Dannyl sugeriu.

Farand parecia aliviado de poder contar a alguém seu segredo. Ele mostrou a Dannyl suas lembranças de escutar conversas mentais quando saiu da infância. Isso era incomum, mas não desconhecido naqueles com potencial mágico.

Farand teve suas habilidades testadas e lhe disseram que ele podia se candidatar para se juntar ao Clã quando fosse mais velho. Enquanto isso, o Rei Elyne soube de sua habilidade de escutar conversas mentais de magos, e ele foi convocado à corte, onde mantinha o Rei informado de tudo que escutava.

Um dia, no entanto, Farand observou acidentalmente o Rei fazendo um acordo com um dos Dens poderosos para que o rival político do Dem fosse assassinado, e ao descobrir isso, o Rei extraiu um juramento de silêncio dele. Mais tarde, quando Farand se candidatou para se juntar ao Clã, foi recusado. Só depois ele descobriria que o Rei sabia que o acordo secreto seria revelado durante as lições de leitura da mente e, portanto, o havia impedido de se tornar um mago.

Era uma situação infeliz, e que destruiu os sonhos de Farand. Dannyl sentiu uma compaixão genuína por ele. Agora que havia contado o segredo, Farand não estava tão distraído. Ele encontrou a fonte de seu poder com facilidade. Depois de algumas tentativas para mostrar a Farand como influenciá-lo, Dannyl deixou a sala da mente do homem e abriu seus olhos.

— Isso é tudo? — Farand perguntou. — Eu tenho o controle?

— Não. — Dannyl deu uma risada curta e moveu-se em volta da cadeira para encará-lo. — Isso leva algumas sessões.

— Quando vamos tentar de novo? — havia uma ponta de pânico na voz do homem.

Dannyl olhou para o Dem Marane.

— Eu vou tentar voltar amanhã, se for conveniente.

— É — o Dem confirmou.

Dannyl balançou a cabeça positivamente para Farand.

— Não beba vinho nem tome nenhuma substância que afete a mente. Aprendizes normalmente aprendem o Controle em uma semana ou duas. Se permanecer calmo e evitar usar magia, você vai estar seguro.

Farand parecia aliviado, e havia um brilho de excitação nos olhos de Royend. O Dem se deslocou até a porta e puxou uma corrente que estava pendurada num

pequeno buraco no teto.

— Vamos voltar para os outros, Embaixador? Eles ficarão felizes de saber sobre nosso progresso.

— Se assim desejar...

O Dem não levou Dannyl de volta à sala prévia, mas a outra seção da mansão. Eles entraram numa pequena biblioteca, onde Tayend e outros membros do grupo estavam sentados em cadeiras confortáveis. Royend acenou positivamente com a cabeça para Kaslie, e a mulher fechou os olhos e suspirou aliviada.

Tayend estava lendo um livro grande e bastante surrado. Olhou para Dannyl, os olhos brilhando de entusiasmo.

— Olhe — ele disse, acenando para uma das prateleiras. — Livros sobre magia. Podemos encontrar algo aqui que nos ajude com nossa pesquisa.

Dannyl não pôde deixar de sorrir.

— Tudo correu bem. Obrigado por perguntar.

— O quê? — Tayend levantou os olhos do livro. — Ah, isso. Eu sabia que você podia cuidar de si mesmo. O que ele lhe mostrou? — Antes que Dannyl pudesse responder, Tayend olhou para o Dem. — Posso pegar este livro emprestado algum dia?

Royend sorriu.

— Você pode levá-lo para casa hoje à noite, se quiser. O Embaixador vai voltar amanhã. Você é bem-vindo para vir também.

— Obrigado. — Tayend se voltou para a esposa do Dem, que estava sentada do lado dele. — Você já ouviu falar sobre o Rei Chakan?

Dannyl não ouviu a resposta murmurada por ela. Ele olhou ao redor da sala para os rostos empolgados do Dem e de seus amigos. Eles não iriam confiar nele ainda. Não até Farand ser capaz de demonstrar uma melhora no seu controle de magia. No entanto, quando Farand mostrasse, seria um homem perigoso. Seria capaz de liberar a habilidade mágica em outros e ensiná-los a controlá-la. O

grupo não iria mais precisar de Dannyl. Eles poderiam concluir que era mais seguro desaparecer do que continuar se associando com um mago do Clã.

Ele poderia esticar as lições por algumas semanas, mas não mais. No momento em que Farand alcançasse o Controle, Dannyl deveria prendê-lo e aos outros. Mas ele podia não conseguir pegar o grupo todo. Quanto mais permanecesse com eles, mais identidades poderia descobrir. Ele gostaria de consultar o Lorde Supremo. Mas a capacidade de Farand de ouvir comunicações mentais impedia isso, e Dannyl não tinha tempo de contatar Akkarin por carta.

Dannyl aceitou uma taça de vinho fresco. Como o Dem começou a interrogá-lo sobre o que ele estava disposto a lhes ensinar, Dannyl empurrou todos os pensamentos de prender essas pessoas para o fundo da mente e se concentrou no seu papel de mago rebelde do Clã.

Sonea estava parada em frente à janela do seu quarto e observou enquanto filetes cinza de nuvens se deslocavam pelo céu da noite. As estrelas como que piscavam, aparecendo e desaparecendo, e a lua estava rodeada por uma névoa pálida. O terreno ao redor mostrava-se vazio e silencioso.

Ela se sentia totalmente cansada. Apesar de uma noite sem sono e de carregar livros de um lado para o outro para Lorde Jullen por várias horas depois das aulas, ela não conseguia dormir. Ainda tinha muitas perguntas, mas, ao listá-las em sua mente preparando-se para o próximo encontro com Akkarin, descobriu que podia tirá-las de seus pensamentos. Uma, no entanto, se recusava a sair da cabeça.

“Por que ele me contou?”

Ele dissera que alguém mais precisava saber. Uma resposta razoável, mas algo ainda a incomodava. Ele poderia ter escrito sua história e deixado para Lorlen encontrá-la se ele fosse morto. Por que contar a ela, uma simples aprendiz, sem nenhuma condição de tomar decisões ou de agir em seu lugar?

Tinha de haver outro motivo. O único em que ela podia pensar era um que lhe causava calafrios.

Ele queria que ela assumisse a luta se ele morresse. Queria que ela aprendesse magia negra.

Deixando a janela, ela começou a andar de um lado para o outro no quarto. Ele havia dito várias vezes que não iria ensinar magia negra para ela. Só estava tentando tranquilizá-la? Será que ele estava esperando ela ficar mais velha, talvez depois de ter se formado, quando ficaria claro para qualquer um que ela tomara tal decisão por si mesma?

Ela mordeu o lábio de leve. Seria algo terrível de se pedir a alguém. Aprender algo que a maioria dos magos acreditava ser maligno. Quebrar uma lei do Clã.

E quebrar essa lei não era um assunto sem importância que a faria ter de realizar uma tarefa doméstica ou perder alguns luxos ou favores. Não, a punição para isso provavelmente seria muito, muito pior. Expulsão talvez, com seus poderes trancados, ou quem sabe prisão.

“Só se o crime fosse descoberto.”

Akkarin havia conseguido esconder seu segredo por anos. Mas ele era o Lorde Supremo. Isso lhe dava bastante espaço para ser misterioso e cheio de segredos. O que significava que não seria difícil ela se juntar a ele.

Mas o que aconteceria se ele morresse? Ela franziu as sobrancelhas. Lorlen e Rothen iriam revelar o crime de Akkarin, e que sua guarda havia sido a única maneira de conquistar seu silêncio. Se ela não consentisse numa leitura da verdade, não haveria motivo para qualquer pessoa descobrir que ela aprendera magia negra. Ela podia fazer o papel de vítima infeliz e não atrair suspeitas.

Depois disso, seria dispensada e ignorada. Não mais a favorita do Lorde Supremo, ela poderia se esconder na sua normalidade. Poderia se esgueirar para as passagens escondidas à noite. Akkarin havia arranjado para ter a ajuda dos Ladrões. Eles iriam encontrar os espiões por ela...

Ela parou e sentou-se na ponta da cama.

“Não acredito que estou pensando em fazer isso. Há um motivo pelo qual a magia negra é banida. Ela é maligna.”

Era mesmo? Anos atrás, Rothen havia comentado com ela que a magia não era boa nem ruim; era só o que o usuário dela fazia que importava.

Magia negra envolvia tomar poder de outra pessoa. Não necessariamente envolvia o ato de matar. Mesmo os ichanis não matavam seus escravos, a não ser que tivessem de fazê-lo. Na primeira vez que ela viu Akkarin usando-a, ele estava tomando poder de Takan. Poder que obviamente fora dado de forma voluntária.

Ela relembrou os registros que Akkarin lhe havia mostrado. A magia negra já tinha sido usada normalmente pelo Clã. Aprendizes estavam dispostos a ceder força para seus mestres em busca de conhecimento. Quando se achava que estavam preparados, aprendiam o segredo da “magia superior” e se tornavam eles próprios mestres. Era um acordo que encorajava cooperação e paz. Ninguém era morto. Ninguém era escravizado.

Foi preciso apenas um homem com um desejo insano de poder para mudar isso. E os ichanis usavam magia negra para manter uma cultura de escravidão. Quando ela pensou nessas coisas, entendeu por que o Clã havia banido a magia negra. Ela podia facilmente ser usada de forma abusiva.

Mas Akkarin não havia abusado dela. Ou havia?

“Akkarin a usou para matar. Não é esse o pior abuso de poder?”

Akkarin havia empregado magia negra para se libertar, e apenas matara os espiões para manter Kyralia segura. Isso não era um abuso de poder. Era sensato matar para proteger a si mesmo e aos outros... não era?

Quando era uma criança sobrevivendo na favela, ela havia decidido que não iria hesitar em matar para se defender. Se pudesse evitar machucar alguém, ela o faria, mas não ia permitir que fosse transformada numa vítima. Essa determinação rendeu frutos alguns anos depois, quando ela se defendeu de um atacante com sua faca. Ela não sabia se ele tinha sobrevivido, mas não perdeu muito tempo se perguntando sobre isso.

Os Guerreiros aprendiam a lutar com magia. O Clã continuava a passar esse conhecimento para o caso de as Terras Aliadas algum dia serem atacadas. Ela

nunca ouvira Lorde Balkan se atormentando para definir se a magia deveria ser usada para matar a fim de se defender.

Ela deitou-se na cama. Talvez Akkarin estivesse errado sobre o Clã. Talvez, quando sem escolha, eles fossem aceitar o uso de magia negra desde que para se defender.

Os magos respeitariam essa restrição? Ela tremeu quando imaginou o que Lorde Fergun poderia fazer com esse conhecimento. Fergun *tinha* sido punido, no entanto. Como um todo, o Clã provavelmente podia manter controle sobre seus magos.

Então, ela se lembrou da Purificação. Se o Rei não hesitava em usar o Clã para expulsar os pobres da cidade para manter as Casas felizes, o que ele faria com magos negros cumprindo suas ordens?

O Clã sempre seria cauteloso quanto às formas de usar a magia negra. Se leis fossem estabelecidas, se apenas aqueles considerados merecedores fossem ensinados — a partir de uma leitura da verdade para testar o caráter e a integridade moral do candidato...

“Quem sou eu para pensar que tenho a sabedoria para reformar o Clã? Eu provavelmente nem seria levada em consideração como candidata se esse sistema estivesse em funcionamento.”

Ela era a garota da favela. Naturalmente, não tinha integridade moral. Ninguém sequer a levaria em consideração.

“Eu estou me levando em consideração.”

Levantando-se, foi até a janela.

“As pessoas com quem eu me importo estão em perigo. Tenho que fazer algo. Com certeza, o Clã não vai me executar por violar a lei tentando protegê-las. Eles podem me expulsar, mas se eu tiver que perder esse luxo chamado magia em troca da vida daqueles que eu amo, que seja.”

Ela tremeu, sentindo um calafrio por essa revelação, mas ainda assim certa de sua retidão.

“Pronto, está decidido. Vou aprender magia negra”.

Ela se virou para encarar a porta do quarto. Akkarin provavelmente estava na cama. Ela não podia acordá-lo só para contar essa decisão. Isso podia esperar até a manhã seguinte.

Suspirando, ela se enfiou embaixo das cobertas da cama. Fechou os olhos, torcendo para finalmente ser capaz de dormir, agora que havia tomado sua decisão.

“Eu estou sendo enganada? Uma vez que eu aprenda isso, não posso desaprender.”

Ela pensou nos livros que Akkarin havia lhe dado para ler. Eles pareciam genuínos, mas podiam ser cópias falsas bem feitas. Ela não sabia o suficiente sobre falsificação para ser capaz de dizer.

O espião podia ter sido manipulado para acreditar em certas coisas de forma que ela fosse enganada, mas ela tinha certeza de que Akkarin não podia ter inventado tudo. A mente de Tavaka continha uma vida inteira de lembranças dos ichanis e da escravidão que não podiam ser forjadas pelo Lorde Supremo.

E a história de Akkarin?

Se ele queria enganá-la para que aprendesse magia negra a fim de poder chantageá-la, só precisava convencê-la de que o Clã estava em grande perigo. Por que admitir ter sido um escravo?

Ela bocejou. Precisava dormir um pouco. Precisava de uma cabeça descansada.

No dia seguinte, ia violar uma das leis mais estritas do Clã.

Capítulo 9

Ajudante de Akkarin

A sala era pequena demais para se ficar andando de um lado para o outro. Uma única lamparina pendia do teto, lançando uma luz amarela sobre as paredes grosseiras de tijolo, Cery cruzou os braços e xingou a si mesmo em silêncio. Akkarin dissera a ele que deviam evitar uma reunião, a não ser que tivessem de discutir algo de grande importância que só pudesse ser resolvido face a face.

“O bem-estar de Sonea é de grande importância”, Cery justificou. “E isso só pode ser resolvido face a face.”

Mas era improvável que o Lorde Supremo fosse concordar. Cery sentiu outra pontada de ansiedade. Até então, ele não havia se arrependido em nada do trabalho que fizera em troca por ter sido resgatado de Lorde Fergun, e pelo auxílio que recebera de Akkarin para estabelecer seu lugar entre os Ladrões. Rastrear os assassinos era bem fácil. Uma vez que você soubesse o que procurar, eles se destacavam como um guarda no meio do covil de um contrabandista. Livrar-se dos corpos depois era trabalho padrão, embora jogá-los no rio estivesse fora de questão agora que a Guarda estava de olho.

Mas colocar Sonea no meio daquilo? Não, era demais. Não que Cery pudesse tomar a decisão no lugar dela. Mas, no mínimo, ele queria se assegurar de que Akkarin sabia que ele desaprovava.

O Lorde Supremo precisava dele. Ele tinha certeza disso. Talvez hoje ele fosse descobrir quanto.

Cery tamborilou os dedos contra a manga. “Se o Lorde Supremo vier.” Havia poucos homens na cidade que ousariam se atrasar para uma reunião com um Ladrão. Nenhum além... do Rei, a maioria das Casas, o Clã inteiro...

Ele suspirou, então considerou mais uma vez a única outra informação que

tinha para o líder do Clã: que outro sachakano havia sido visto entrando na cidade. Talvez essa pequena notícia acalmasse Akkarin quando ele descobrisse o motivo real de Cery para pedir uma reunião. Não pela primeira vez, Cery se perguntou qual seria a reação de Akkarin se soubesse a fonte da informação. Ele riu quando pensou em Savara. Aquele sorriso. A maneira como ela andava. Ela com certeza não era uma pessoa segura para se estar por perto.

Mas, naqueles dias, ele também não era.

Uma batida na porta o trouxe de volta ao presente. Ele espiou pelo visor. Uma figura alta estava ao lado de Gol, o rosto escondido pelo capuz da capa. Este fez um sinal para confirmar que o visitante era o Lorde Supremo.

Após respirar fundo, Cery abriu a porta. Akkarin entrou na sala altivo. A capa caiu ligeiramente para revelar a túnica negra por baixo dela. Um calafrio percorreu a espinha de Cery. Akkarin normalmente usava roupas comuns quando estava na Estrada dos Ladrões. Era esse um ato deliberado para lembrar Cery com quem ele estava lidando?

— Ceryni — Akkarin disse, puxando com facilidade o capuz da cabeça.

— Lorde Supremo.

— Não tenho muito tempo sobrando. O que precisava falar comigo?

Cery hesitou.

— Eu acho que temos outro... assassino, na cidade. — Ele estava prestes a dizer “escravo”, mas se conteve a tempo. Usar esse termo sem dúvida revelaria que estivera em contato com alguém de Sachaka.

Akkarin franziu a testa, os olhos quase desaparecendo nas sombras das sobrancelhas.

— Você *acha?*

— Sim. — Cery sorriu. — Não houve um assassinato ainda, mas o último assassino chegou tão rápido após o anterior que estou pagando pessoas que normalmente eu não pago para falarem. Os rumores são de que ela se destaca. Deve ser fácil de capturar.

— Ela? — Akkarin repetiu. — Uma mulher. Então... se os Ladrões ouvirem isso vão saber que há mais de um assassino. Isso será um problema para você?

Cery deu de ombros.

— Não vai mudar nada. Eles podem até aumentar o respeito por mim. No entanto, será melhor se a capturarmos rápido, para eles não descobrirem.

Akkarin concordou com a cabeça.

— Isso é tudo?

Cery hesitou. Ele respirou fundo e afastou as dúvidas de sua cabeça.

— Você trouxe Sonea.

Akkarin se aprumou. A luz da lamparina alcançou seus olhos. Ele parecia entretido.

— Sim.

— Por quê?

— Tive minhas razões.

— Boas, eu espero. — Cery disse, forçando a si mesmo a encontrar e encarar o olhar de Akkarin.

O olhar do Lorde Supremo não oscilou.

— Sim. Ela não estava em nenhum grande perigo.

— Você vai colocá-la no meio disso?

— Um pouco. Não do jeito que você teme, no entanto. Preciso que alguém no Clã saiba o que eu estou fazendo.

Cery teve dificuldade em expressar a pergunta seguinte. O simples ato de pensar em fazê-la lhe causava sentimentos difíceis e contrários.

— Você vai trazê-la de novo?

— Não, não tenho a intenção.

Ele deu um curto suspiro de alívio.

— Ela... ela sabe sobre mim?

— Não.

Cery sentiu um desapontamento melancólico. Ele não teria se importado de exibir um pouco seu sucesso. Havia ido longe nos últimos anos. Mas sabia que ela não tinha muito respeito pelos Ladrões...

— Isso é tudo? — Akkarin perguntou. Havia um indício de respeito em sua voz... ou era apenas tolerância?

Cery concordou com a cabeça.

— Sim. Obrigado.

Ele observou o Lorde Supremo se virar para a porta e abri-la. “Tome conta dela”, ele pensou. Akkarin olhou de volta, fez que sim com a cabeça uma vez, depois saiu para a passagem com a capa balançando em volta dos joelhos.

“Bem, isso foi melhor do que eu esperava”, refletiu Cery.

Os aposentos de Dannyl na Casa do Clã em Capia eram grandes e luxuosos. Ele dispunha de um quarto, de um escritório e de uma sala de visitas só para ele, e tinha apenas que fazer soar um dos muitos pequenos sinos espalhados pelo lugar para chamar a atenção de um criado.

Um deles havia acabado de trazer uma xícara fumegante de sumi quando outro entrou no escritório para lhe dizer que tinha um visitante.

— Tayend de Tremmelin está aqui para vê-lo — o criado informou.

Dannyl colocou a xícara na mesa, surpreso. Tayend raramente o visitava ali. Eles preferiam a privacidade da Grande Biblioteca, onde não tinham que se preocupar com a possibilidade de os criados perceberem algo no comportamento em relação um ao outro.

— Mande-o entrar.

Tayend estava vestido de maneira apropriada para uma reunião com uma pessoa importante. Embora Dannyl tivesse se acostumado com as vestimentas

berrantes da corte de Elyne, ele ainda as achava engraçadas. No entanto, as roupas bem justas, que pareciam tão ridículas em cortesões mais velhos, ficavam muito bem em Tayend.

— Embaixador Dannyl — Tayend disse, fazendo uma reverência graciosa. — Tenho lido o livro do Dem Marane e ele contém algumas informações interessantes.

Dannyl apontou para uma das cadeiras diante de sua mesa.

— Por favor, sente-se. Apenas... me dê um momento. — Tayend o havia lembrado de algo. Ele pegou uma folha limpa de papel e começou a compor uma carta curta.

— O que está escrevendo? — Tayend perguntou.

— Uma carta para o Dem Marane expressando meu profundo pesar por não poder ir a seu jantar de gala hoje devido a um trabalho inesperado que preciso realizar sem demora.

— E quanto a Farand?

— Ele vai sobreviver. Realmente, tenho trabalho para fazer, mas também quero fazê-los esperar um pouco. Tão logo eu termine de ensinar o Controle para Farand, eles não vão mais precisar de mim e podemos descobrir que nossos amigos realizaram uma viagem inesperada para o exterior.

— Eles seriam tolos então. Eles acham que todos esses anos de treinamento pelos quais você passou foram para nada?

— Eles não conseguem apreciar o valor do que não entendem.

— Então, você vai prendê-los assim que Farand estiver preparado?

— Não sei. Não decidi ainda. Pode valer a pena assumir o risco de eles desaparecerem. Tenho certeza de que não conhecemos todos os envolvidos. Se eu esperar, posso ser apresentado a mais pessoas do grupo.

— Tem certeza que não quer que eu vá com você para Kyralia depois de mandá-los para a prisão? O Clã pode precisar de outra testemunha.

— Eles não precisam de mais prova do que Farand. — Dannyl ergueu o olhar e balançou o dedo fazendo não para o acadêmico. — Você só quer ver o Clã pessoalmente. Mas quando nossos novos amigos retaliarem espalhando rumores sobre nós, não vai ajudar sermos vistos juntos.

— Mas nós não vamos ficar juntos o tempo todo. Eu não preciso ficar no Clã. Tenho parentes distantes em Imardin. E você disse que Akkarin iria contar a todos que isso era só um truque.

Dannyl suspirou. Ele não queria deixar Tayend. Nem mesmo por algumas semanas. Se tivesse certeza que conseguiria voltar para o Clã junto com o acadêmico sem ter problemas, faria arranjos para levá-lo. Poderia até mesmo ajudar a refutar os rumores de uma vez por todas se eles fossem vistos se comportando “normalmente”. Mas ele sabia que bastava um pequeno indício de verdade para colocar ideias em mentes suspeitas... e ele já sabia que havia várias dessas no Clã.

— Eu vou voltar pelo mar — ele lembrou Tayend. — Achei que ia querer evitar isso.

O rosto ficou perturbado, mas só por um instante.

— Eu aguento um pouco de enjoo do mar, se ele vier com boa companhia.

— Não dessa vez — Dannyl disse firme. — Um dia, vamos viajar de carruagem para Imardin. Então, *você será* boa companhia também. — Ele sorriu para o olhar de indignação de Tayend, em seguida assinou a carta e a colocou de lado. — E, agora, o que descobriu?

— Você se lembra de como a escrita na tumba da mulher nas Tumbas das Lágrimas Brancas dizia que ela usava “magia superior”?

Dannyl concordou com a cabeça. Agora, a visita a Vin em busca de evidências de magia antiga parecia não ter acontecido tanto tempo atrás.

— As palavras “magia superior” eram representadas por um hieróglifo contendo uma lua crescente e uma mão — Tayend abriu o livro do Dem e o deslizou pela mesa até Dannyl. — Essa é uma cópia de um livro escrito dois séculos atrás, quando a Aliança foi feita e se estabeleceu a lei segundo a qual

todos os magos seriam ensinados e controlados pelo Clã. A maior parte dos magos fora de Kyralia era composta por membros do Clã, mas alguns não. Isso pertencia a um que não era.

Puxando o livro para si, Dannyl viu que o topo da página tinha o mesmo hieróglifo que ele vinha tentando decifrar havia um ano. Começou a ler o texto abaixo dele:

O termo "magia superior" abrange várias habilidades que já foram de uso comum por todas as terras. Habilidades menores incluem a habilidade de criar "pedras de sangue" ou "joias de sangue" que amplificam a capacidade de falar pela mente com outra pessoa a distância e "pedras de armazenamento" ou "joias de armazenamento", que podem reter e liberar magia de maneiras específicas.

A principal forma de magia superior é aquisitiva. Se um mago tem o conhecimento, ele pode extrair poder de coisas vivas para aumentar seu suprimento de força.

Dannyl segurou a respiração e encarou a página com horror. Isso estava descrevendo algo semelhante a... Um calafrio se espalhou lentamente pela espinha de Dannyl. Seus olhos continuaram a seguir as palavras, atraídos para elas como se forçados pela vontade de outro.

Para fazer isso, a barreira natural que protege a criatura ou planta precisa ser quebrada ou reduzida. Isso é feito simplesmente cortando-se a pele fundo o suficiente para extrair sangue ou seiva. Outros meios envolvem a redução voluntária ou involuntária da barreira. Com prática, a barreira natural pode ser removida voluntariamente. Durante o auge do prazer sexual, a barreira tende a "oscilar", permitindo uma oportunidade momentânea para a extração de poder.

Dannyl gelou por inteiro. Em preparação para seu cargo, ele havia recebido informações que eram escondidas de magos normais. Algumas eram políticas; outras, mágicas. Entre os sinais mágicos de aviso que fora ensinado a reconhecer estavam os de magia negra.

E ali estava ele, segurando um livro que continha *instruções* sobre seu uso. Só

por lê-lo, ele já estava violando uma lei.

— Dannyl? Você está bem?

Ele olhou para Tayend, mas não conseguiu falar. Tayend o encarou de volta, franzindo a testa com preocupação.

— Você ficou completamente branco. Eu achei... bem... se esse livro está certo, nós descobrimos o que é magia superior.

Dannyl abriu a boca, então a fechou de novo e olhou para o livro. Ele encarou o hieróglifo da lua crescente e da mão. Não uma lua crescente, ele percebeu. Uma lâmina. A magia superior era magia negra.

Akkarin estava pesquisando magia negra.

“Não. Ele não saberia. Ele não chegara tão longe”, Dannyl lembrou a si mesmo. “Ele provavelmente ainda não sabe. Senão, ele não teria me encorajado a continuar minha pesquisa.” Ele inspirou fundo e soltou devagar.

— Tayend, acho que é hora de contar a Errend sobre os rebeldes. Posso ter de fazer essa viagem antes do que eu pensava.

O coração de Sonea bateu mais rápido quando ela se aproximou da Residência do Lorde Supremo. O dia todo esperara por aquele momento. Tinha sido difícil se concentrar durantes as aulas, ainda mais difícil aguentar as tentativas de Jullen de tornar sua punição na biblioteca tão tediosa quanto possível.

O prédio de pedra cinza agigantava-se diante dela na escuridão. Ela parou para respirar fundo e juntar coragem, depois caminhou até a porta e tocou a maçaneta com os dedos. Ela se abriu com um clique.

Como sempre, Akkarin estava sentado numa das cadeiras da sala de visita. Seus longos dedos envolviam uma taça cheia de vinho tinto escuro.

— Boa noite, Sonea. Como foram as aulas hoje?

Sua boca estava seca. Ela respirou fundo de novo, entrou na sala e ouviu a porta se fechar atrás de si.

— Eu quero ajudar — disse a ele.

Ele abaixou as sobrancelhas e a encarou com seriedade. Ela se esforçou para não desviar o olhar, mas logo se descobriu olhando para o chão. O silêncio se prolongou entre eles, então num movimento, ele se levantou e colocou a taça de lado.

— Muito bem. Venha comigo.

Ele avançou até a porta da escadaria que dava para a sala subterrânea. Abrindo-a, gesticulou para que ela entrasse. As pernas dela estavam bambas, mas ela se forçou a movê-las.

Quando ela chegou até ele, houve uma batida na porta principal, e ambos congelaram.

— Prossiga — ele murmurou para ela. — É Lorlen. Vou mandar Takan falar com ele.

Por um instante, ela se perguntou como ele sabia que era Lorlen. Então, a compreensão veio num jato. O anel que Lorlen usava *realmente* continha uma joia como a do dente do espião.

Ao descer a escada, ela ouviu um novo conjunto de passos na sala de visitas acima. Akkarin fechou com cuidado a porta da escadaria e a seguiu até embaixo. Ela parou diante da porta da sala subterrânea, saindo da frente quando Akkarin a alcançou. A porta abriu com um toque da mão dele.

A sala além estava escura, mas se iluminou quando dois globos de luz apareceram. Ela olhou para as duas mesas, o baú surrado e as estantes e armários. Realmente, não havia nada de ameaçador ali.

Akkarin parecia estar esperando ela entrar. Ela deu alguns passos para dentro e virou-se para encará-lo. Ele olhou para o teto e fez uma carranca.

— Ele se foi. Tenho algo para dizer a ele, mas pode esperar.

— Você... devemos fazer isso mais tarde? — ela arriscou, torcendo para ele concordar.

O olhar que ele deu a ela era tão direto e *predatório* que ela deu um passo para trás.

— Não — ele disse. — Isso é mais importante. Ele cruzou os braços e o canto da sua boca se ergueu num meio sorriso. — Muito bem. Como pretende me ajudar?

— Eu... você... — Ela de repente estava sem ar. — Aprendendo magia negra — ela finalmente conseguiu dizer.

Seu sorriso sumiu.

— Não. — Ele descruzou os braços. — Não posso lhe ensinar isso, Sonea.

Ela o encarou, atônita.

— Então... por que você me mostrou a verdade? Por que me contou sobre os ichanis se não queria que eu me juntasse a você?

— Eu nunca quis lhe ensinar magia negra — ele disse firme. — Não iria colocar em perigo seu futuro no Clã. Mesmo se eu não me importasse com isso, não iria passar esse conhecimento para ninguém.

— Então... como eu posso lhe ajudar?

— Eu pretendia... — ele hesitou, então suspirou e desviou o olhar. — Pretendia que você fosse uma fonte voluntária de poder, como Takan é.

Um calafrio passou por ela, mas sumiu rapidamente. “É claro”, ela pensou. “Era para aquilo que a situação estava levando.”

— Os ichanis podem nunca invadir — ele disse. — Se você aprender magia negra, terá arriscado seu futuro por nada.

— É um risco que estou disposta a correr — ela respondeu, sua voz pequena na sala grande.

Levantando os olhos, ele a encarou com um olhar de desaprovação.

— Você quebraria seu juramento com tanta facilidade?

Ela encarou seu olhar de volta.

— Se for a única maneira de eu poder proteger Kyralia.

O olhar dele perdeu a ferocidade. Ela não conseguia definir a expressão que ele usava agora.

— Ensine-a, mestre.

Ambos viraram-se para essa nova voz. Takan estava parado na entrada da sala, encarando Akkarin com uma expressão séria.

— Ensine-a — ele repetiu. — Você precisa de um aliado.

— Não — Akkarin respondeu. — De que me servirá Sonea se eu o fizer? Se eu tomar sua força, ela não será útil como maga negra. Se ela for uma maga negra, de quem vai extrair força? De você? Não. Você já carrega demais esse fardo.

O olhar de Takan não vacilou.

— Alguém precisa saber o segredo além de você, mestre. Sonea não precisa usá-lo, apenas estar lá para tomar seu lugar se você morrer.

Akkarin encarou de volta o criado. Por muito tempo, eles se olharam em silêncio.

— Não — Akkarin disse por fim. — Mas... voltarei a pensar no assunto se eles atacarem Kyralia.

— Aí será tarde demais — Takan respondeu calmamente. — Eles só vão atacar quando o tiverem eliminado.

— Ele está certo — Sonea se intrometeu, a voz trêmula. — Ensine-me e use-me como uma fonte. Não vou usar magia negra, a não ser que não tenha outra escolha.

Ele a encarou friamente.

— Você sabe qual é a punição para aprender e usar magia negra?

Depois de hesitar, ela balançou negativamente a cabeça.

— Execução. Nenhum outro crime ganha tal punição. Só tentar aprender

sobre magia negra já a fará ser expulsa do Clã.

Um calafrio lhe percorreu a pele. A boca dele se contorceu num sorriso severo.

— Mas você pode ser útil para mim sem cometer um crime. Não há lei contra ceder poder para outro mago. Na verdade, você já aprendeu isso nas aulas de Artes Guerreiras. A única diferença é que posso armazenar o poder que você me fornece.

Ela piscou surpresa. Sem faca? Nada de corte da pele. Mas, estava claro, não havia necessidade.

— Uma noite de sono foi tudo que você precisou para recuperar a maior parte da sua força depois de encarar Regin e seus seguidores — ele continuou. — Devemos tomar cuidado para você não me dar poder demais quando for ter aulas de Artes Guerreiras no dia seguinte, no entanto. Se pretende ser capaz de lutar contra esses espiões no meu lugar, então devo tomar parte no seu treinamento.

Sonea sentiu uma onda de tontura tomar conta dela. “Aulas de Artes Guerreiras? Com Akkarin?”

— Você tem certeza que quer fazer isso? — ele perguntou.

Ela respirou fundo de novo.

— Sim.

Ele franziu as sobrancelhas e a examinou por um instante.

— Eu vou tomar um pouco da sua força hoje à noite. Amanhã, vamos ver se ainda quer ajudar.

Ele fez um gesto para que ela se aproximasse.

Ela avançou e ofereceu as mãos. Tremeu quando os longos dedos dele se enlaçaram nos dela.

— Envie seu poder, como aprendeu nas aulas de Artes Guerreiras quando canalizava seu poder para outro.

Invocando o poder, ela o enviou, fazendo-o fluir pelas mãos. A expressão de

Akkarin mudou ligeiramente quando ele percebeu a energia e a levou para dentro de si. Ela se perguntou onde ele a armazenava. Embora ela tivesse sido ensinada a receber poder de outros aprendizes, ela sempre a canalizava para ataques ou acrescentava a seu escudo.

— Deixe alguma energia para suas aulas — ele murmurou.

Ela deu de ombros.

— Eu quase não uso nada. Nem mesmo nas aulas de Artes Guerreiras.

— Você vai usar em breve. — Ele afrouxou o aperto de mãos. — Isso basta.

Ela parou de mandar poder. Quando ele soltou-lhe mãos, ela deu um passo para trás. Ele olhou para Takan e depois balançou a cabeça positivamente para ela.

— Obrigado, Sonea. Agora, vou descansar. Dê uma cópia de seus horários de aula para Takan para podermos pensar nas suas aulas de Artes Guerreiras. Se estiver disposta, vamos continuar isso amanhã à noite.

Sonea concordou com a cabeça. Deu um passo em direção à porta, parou e fez uma reverência.

— Boa noite, Lorde Supremo.

Seu olhar era firme.

— Boa noite, Sonea.

Seu coração estava disparado de novo. Quando subiu a escada, percebeu que não sentia mais medo. Ele estava acelerado com um tipo estranho de excitação.

“Posso não o estar ajudando da maneira que esperava”, ela pensou, “mas estou ajudando.”

Então, deu uma risada de arrependimento. “Mas talvez não me sinta tão feliz com isso quando ele começar a me ajudar nas aulas de Artes Guerreiras!”

Capítulo 10

Um Adversário Inesperado

Enquanto esperava pela chegada do último de seus pupilos, Rothen olhava pela janela. Dias mais longos e mais quentes estavam transformando os jardins em labirintos verdes. Até mesmo a cinzenta Residência do Lorde Supremo parecia receptiva na brilhante luz matinal.

Enquanto observava, a porta da residência se abriu. Ele sentiu o coração parar enquanto Sonea saía. Ela estava saindo tarde, deu-se conta. De acordo com Tania, ela ainda se levantava ao amanhecer.

Então, uma figura mais alta emergiu, e Rothen sentiu todo o corpo ficar tenso. Os vincos da túnica negra de Akkarin eram quase cinzentos sob a forte luz do dia. O Lorde Supremo se virou para Sonea e falou. Os lábios dela se curvaram em um pequeno sorriso. Em seguida, o par se aprumou e caminhou em direção à Universidade, as expressões novamente sérias. Rothen os observou até que sumissem de vista.

Afastando-se da janela, tremeu. Um calafrio tomou conta dele, e não o abandonava.

Ela havia *sorrido* para Akkarin.

Não fora um sorriso polido e forçado. Nem um sorriso aberto e irrefletido. Havia sido furtivo e secreto.

“Não”, disse a si mesmo. “Estou apenas vendo o que mais temo porque é o que estou sempre buscando. Ela provavelmente sorrira para enganar ou apaziguar Akkarin. Ou talvez ela tivesse achado algum comentário dele divertido, e estava se divertindo às suas custas...”

“Mas e se ela não estivesse? E se houvesse outra razão?”

— Lorde Rothen?

Virando-se, viu que o resto da turma havia chegado e aguardava pacientemente que ele começasse. Deu um sorriso forçado e foi para sua mesa.

Ele não podia abandonar a sala e ir exigir uma explicação de Sonea. Não, por enquanto ele precisava mantê-la fora de seus pensamentos e se concentrar em dar aulas. Mas mais tarde iria refletir com cuidado sobre o que tinha visto.

E observá-la com mais atenção.

Enquanto a carruagem se afastava, Dannyl caminhou a passos largos até a porta da casa do Dem Marane e puxou a corda da campainha.

Ele bocejou, então invocou um pouco de magia para afastar o cansaço. Uma semana havia se passado desde que Tayend lhe mostrara o livro, e muitas reuniões secretas haviam sido realizadas com o Embaixador Errend e outros magos de Elyne em preparação para essa noite. Agora, eles saberiam se seus planos seriam bem-sucedidos.

O som de passos se aproximou da porta, em seguida ela se abriu e o mestre da casa fez uma reverência gentil.

— Embaixador Dannyl. É um prazer revê-lo. Entre, por favor.

— Obrigado. — Dannyl entrou.

— Onde está o jovem Tremmelin? — o Dem perguntou.

— Com o pai dele — Dannyl respondeu. —Eles tinham uma questão familiar para discutir. Ele manda seus cumprimentos e me pediu para lhe dizer que o livro é esclarecedor e que vai terminá-lo esta noite. Sei que ele preferiria estar conversando com você e seus amigos do que lidar com assuntos de família.

Royend concordou e sorriu, mas seus olhos expressavam cautela.

— Vou sentir falta da companhia dele.

— Como está Farand? Nenhum uso de magia involuntário? — Dannyl perguntou, deixando uma sugestão de ansiedade penetrar seu tom de voz.

— Não. — O Dem hesitou. — Um intencional, porém. Sendo jovem e impaciente, ele não conseguiu resistir a tentar fazer algo.

Dannyl deixou seu rosto transparecer inquietação.

— O que aconteceu?

— Apenas outro pequeno incêndio. — O Dem deu um sorriso torto. — Tive de comprar uma nova cama para seu anfitrião.

— Os mesmos anfitriões da última vez?

— Não. Mais uma vez, mudei Farand de lugar. Achei que seria prudente, pelo nosso bem, deslocá-lo para longe da cidade, no caso de seus pequenos acidentes se tornarem dramáticos a ponto de começarem a chamar atenção indesejada.

— Isso foi sábio, apesar de provavelmente desnecessário. Espero que ele não esteja distante demais. Posso ficar apenas por algumas horas.

— Não, distante não — o Dem assegurou.

Eles alcançaram a entrada para o cômodo seguinte. A esposa de Royend, Kaslie, levantou-se para cumprimentar Dannyl.

— Saudações, Embaixador. É bom vê-lo novamente. Acha que meu irmão vai aprender o Controle em breve?

— Sim — Dannyl respondeu gravemente. — Nesta noite ou numa próxima vez. Não demorará muito agora.

Ela concordou com a cabeça, obviamente aliviada.

— Não sei como agradecer-lhe o suficiente por sua ajuda. — Ela se virou para Royend. — É melhor tomarem o caminho, marido.

Havia um indício de ressentimento na voz dela. A boca do Dem se torceu em um sorriso torto.

— Farand estará em segurança em breve, minha querida.

Ela franziu ainda mais as sobrancelhas. Dannyl manteve a expressão polidamente neutra. Tayend reparara que Kaslie raramente aparentava estar feliz

e algumas vezes parecia estar aborrecida com seu marido. Ele havia deduzido que ela culpava Royend pela situação do irmão, porque encorajara o rapaz a desenvolver suas habilidades.

O Dem conduziu Dannyl para fora da casa até uma carruagem que aguardava. Ela começou a se mover antes mesmo de eles se ajeitarem nos assentos. As janelas estavam cobertas.

— Pela proteção dos anfitriões de Farand — o Dem explicou. — Eu posso estar disposto a consentir que você conheça a *minha* identidade e residência, mas há outros no grupo que são menos confiantes. Permitiram que Farand ficasse com eles apenas se eu tomasse essas precauções. — Ele fez uma pausa. — Você pensa que sou tolo por confiar em você?

Dannyl piscou surpreso. Refletiu sobre a pergunta e depois encolheu os ombros.

— Eu esperava que você desse passos menores. Planejasse alguns testes para minha honestidade, talvez. Mas você não podia; Farand precisava de ajuda. Correu um risco, mas tenho certeza de que ele foi calculado. — Riu com escárnio. — Você teria algumas rotas de fuga preparadas, e provavelmente ainda tem.

— E você tem Tayend para proteger.

— Sim. — Dannyl sorriu afavelmente. — O que estou esperando descobrir é se ainda serei bem-vindo ou não em sua casa uma vez que ensinar o Controle a Farand.

O Dem riu baixinho.

— Você só precisará esperar e descobrir.

— E eu espero não precisar lembrá-lo de todas as coisas maravilhosas que posso ensinar a Farand, uma vez que ele tenha aprendido o Controle.

O olhar de Royend brilhou.

— Por favor, recorde-me.

Pela hora seguinte, discutiram usos da magia. Dannyl tomou o cuidado de descrever apenas o que era possível, não como era feito, e o Dem, é claro, estava consciente de que ele mostrava-se deliberadamente evasivo. Por fim, a carruagem desacelerou até uma parada.

O Dem esperou até que a porta se abrisse, então gesticulou para que Dannyl saísse. Estava escuro do lado de fora, e Dannyl automaticamente criou um globo de luz. O globo iluminou um túnel, a parede de tijolos resplandecia com umidade.

— Apague isso, por favor — o Dem pediu.

Dannyl apagou a luz.

— Desculpe — disse. — É um hábito.

Depois da claridade da luz, tudo ficou completamente escuro. Uma mão tocou seu ombro e o empurrou para a frente. Ampliando seus sentidos, detectou uma fenda na parede. Eles se moveram em direção a ela.

— Cuidado — Royend murmurou. — Há uma escada aqui.

O bico da bota de Dannyl encontrou uma ponta dura. Ele subiu cuidadosamente uma escadaria íngreme, depois foi guiado por uma passagem com muitas espirais, voltas e entradas laterais. Então, percebeu um cômodo grande e uma presença familiar, e a mão deslizou de seu ombro.

Uma lamparina se acendeu com um estalo, revelando várias peças de mobília em um quarto esculpido em rocha sólida. Em uma das paredes, água gotejava de uma fenda em uma bacia. O ar era frio, e Farand vestia um grande casaco de gola de pele.

O rapaz fez uma reverência, seus movimentos mais confiantes agora que estava prestes a escapar de seu apuro.

— Embaixador Dannyl — ele disse —, bem-vindo a meu esconderijo mais recente.

— É um pouco frio — Dannyl observou. Ele produziu um brilho de magia para aquecer o ar. Farand abriu um sorriso largo e removeu o casaco.

— Eu costumava sonhar em fazer coisas grandiosas e dramáticas com mágica. Agora, acho que ficarei feliz se tudo o que puder fazer for algo como isso.

Dannyl passou os olhos intencionalmente por Royend. O Dem sorriu e encolheu os ombros.

— Não é o ponto de vista de todos, eu lhe asseguro. Estou certo de que Farand quer aprender mais do que o básico.

Ele estava em pé ao lado de uma corda que pendia de um buraco no teto. A outra ponta estava provavelmente ligada a um sino, Dannyl supôs. Ele quis saber quem aguardava do outro lado.

— Bem — Dannyl disse. — É melhor começarmos, então. Não faz sentido mantê-lo em esconderijos gelados por mais do que o necessário.

Farand foi até uma cadeira e sentou-se. Respirou fundo, fechou os olhos e começou o exercício para acalmar-se que havia aprendido. Quando a face do homem havia relaxado, Dannyl aproximou-se.

— Esta pode ser sua última lição — disse, mantendo a voz baixa e calma. — Ou pode não ser. O Controle precisa se tornar um hábito bem compreendido, para que possa mantê-lo tanto de dia quanto de noite. É melhor aprendê-lo no seu ritmo do que apressar o processo. — Ele tocou levemente as têmporas de Farand, em seguida fechou seus olhos.

Era impossível mentir com eficácia durante comunicações mentais, mas a verdade podia ser escondida. Até agora, Dannyl havia mantido sua missão e seu plano final de trair os rebeldes escondido com segurança. Cada vez que Dannyl havia guiado Farand mentalmente, no entanto, este se tornara mais habituado ao método de comunicação. Ele estava começando a aprender mais sobre Dannyl.

E agora que havia chegado o momento de prender os rebeldes, Dannyl não conseguia esconder um sentimento de tensão e expectativa. Farand percebeu isto e ficou curioso.

— *O que você está esperando que aconteça esta noite?* — perguntou.

— *Você provavelmente vai dominar o Controle* — Dannyl respondeu.

Isso era verdade, e parte do que Dannyl sabia que viria. Era um evento importante o suficiente para que o rapaz viesse a aceitar que era essa a razão da excitação de Dannyl. Mas a consciência das consequências de aprender magia ilegalmente de Farand deixaram-no mais desconfiado do que o usual.

— Há mais. Você está escondendo algo de mim.

— *É claro* — Dannyl respondeu. — *Esconderei muito de você, até eu saber que seu povo não vai desaparecer assim que você aprender o Controle.*

— *O Dem é honrado. Ele prometeu proteger Tayend em troca de sua ajuda. Não vai quebrar essa promessa.*

Dannyl sentiu uma compaixão momentânea por aquele rapaz inocente. Afastou o sentimento, lembrando-se de que Farand podia ser jovem, mas não tolo.

— *Veremos. Agora, leve-me àquele lugar onde seu poder está.*

Levou menos tempo para Farand compreender as nuances mais refinadas do Controle do que Dannyl esperava. Enquanto Farand contemplava sua conquista, Dannyl fortaleceu-se para o que viria a seguir. Inseriu-se nos pensamentos felizes de Farand com uma pergunta.

— *Onde estamos?*

A imagem de um túnel apareceu, depois dela o cômodo onde estavam. Farand não tinha mais ideia de sua localização do que Dannyl.

— *Quem é seu anfitrião?*

Novamente, Farand não sabia.

Royend teria desconfiado que Dannyl seria capaz de ler essa informação na mente do rapaz, então se assegurara de que Farand não soubesse de nada. Com sorte, descobrir sua localização envolveria unicamente encontrar a saída pelas passagens e ver onde o túnel emergiria.

Farand captou o suficiente dos pensamentos de Dannyl para se inquietar.

— *O que você...?*

Dannyl removeu sua mão das têmporas de Farand e quebrou a conexão. Ao mesmo tempo, criou um escudo fraco no caso de Farand tentar usar sua magia. O rapaz o estava encarando.

— Foi um truque — Farand ofegou. — Virou-se para Royend. — Ele pretende nos trair.

Royend passou a encarar Dannyl, endurecendo a expressão. Enquanto o Dem alcançava a corda do sino, Dannyl manifestou sua vontade. O homem recolheu depressa sua mão de uma dolorosa barreira.

Dannyl concentrou sua mente além do cômodo.

— Errend?

Os olhos de Farand arregalaram-se enquanto ele ouvia a comunicação.

— Dannyl. Você está com o renegado?

— Sim.

De uma só vez, os limites dos sentidos de Dannyl zuniram com as comunicações de uma dúzia de magos, os olhos de Farand percorrendo as paredes enquanto ele os ouvia.

— Eles estão capturando os outros — disse. — Não! Isso é tudo por minha causa!

— Não, não é — disse-lhe Dannyl. — É o resultado de seu Rei fazer mal uso das habilidades de um mago em potencial, e de o marido de sua irmã tirar vantagem da situação na esperança de atingir seus próprios objetivos. Suspeito que sua irmã saiba disso, apesar de acreditar que ela não trairia nenhum de vocês dois.

Farand olhou para Royend, e Dannyl viu pelo olhar acusador do rapaz que estava certo.

— Não tente nos colocar um contra o outro, Embaixador — Royend disse. — Não vai funcionar.

— Onde você está? — perguntou Errend.

— *Não sei exatamente. A uma hora de carruagem da cidade.* — Ele enviou uma imagem do túnel. — *Parece familiar?*

— Não.

Farand olhou de relance para Dannyl, então de volta para Royend.

— Ele ainda não sabe onde nós estamos — disse esperançoso.

— Descobrir não será difícil — Dannyl assegurou-lhe. — E você já deveria saber, Farand, que é considerado rude um mago ouvir a conversa alheia.

— Nós não seguimos suas regras — repreendeu Royend.

Dannyl se virou para encarar o Dem.

— Eu percebi.

O olhar do homem vacilou, então ele endireitou os ombros.

— Eles vão nos executar por isto. Consegue viver com essa ideia?

Dannyl sustentou o olhar atento do Dem.

— Você sabia o que arriscava, a cada passo. Se tudo o que tivesse feito e planejado tivesse sido motivado pela necessidade de proteger e poupar Farand, talvez fosse perdoado. Não acredito que seus motivos fossem tão honrados, no entanto.

— Não — o Dem murmurou. — Não foi apenas por Farand. Foi a injustiça de tudo isso. Por que deveria o Clã decidir quem pode usar e ensinar magia? Há tantos cujo potencial é desperdiçado, quem...

— O Clã não decide quem aprende a usar magia — corrigiu Dannyl. — Em Kyralia, é deixada para cada família a decisão de os filhos ou filhas irem se juntar ao Clã. Em Elyne, o Rei decide quem será ensinado. Cada país possui seu próprio sistema para escolher candidatos. Nós apenas recusamos aqueles cujas mentes são instáveis ou os que cometeram crimes.

Os olhos de Royend faiscaram com raiva.

— Mas e se Farand, ou qualquer outro homem, não quiser aprender no Clã?

Por que ele não pode aprender em outro lugar?

— Onde? Em seu próprio Clã?

— Sim.

— E a quem vocês se reportariam?

O Dem abriu a boca, mas fechou-a novamente sem dizer nada. Olhou para Farand e suspirou.

— Eu não sou um monstro — disse. — Encorajei, sim, Farand, mas não o teria feito se soubesse o quão perigoso era. — Olhou para Dannyl. — Você percebe que o Rei provavelmente preferiria matá-lo a deixar o Clã descobrir seja lá o que ele saiba.

— Então, ele terá de me matar também — Dannyl respondeu. — E não acho que ousará tentar isso. Levaria apenas um breve chamado mental para que todos os magos na região conhecessem seu segredo. E agora que Farand aprendeu o Controle, ele é um mago, e o Rei quebraria o tratado das Terras Aliadas se tentasse causar-lhe mal. Farand é interesse do Clã agora. Uma vez lá, deve ficar a salvo de assassinos.

— O Clã — Farand disse em voz baixa. — Vou ver o Clã.

Royend ignorou-o.

— E o que aconteceria então?

Dannyl acenou negativamente.

— Não posso dizer. Não lhe daria falsas esperanças tentando adivinhar qual será o desfecho disto.

Royend ficou sério.

— É claro que não.

— Então. Vão cooperar? Ou devo arrastar ambos comigo enquanto descubro a saída daqui?

Um lampejo de revolta agitou-se nos olhos do Dem. Dannyl sorriu diante da

expressão do homem, supondo os pensamentos por trás daquilo.

— *Errend?*

— *Dannyl.*

— *Prendeu os outros?*

— *Todos eles. Já pode nos dizer sua localização?*

— *Não, mas a terei em breve.*

Dannyl olhou para Royend.

— Atrasar não dará tempo a seus amigos de escapar. Farand pode confirmar isso.

O jovem desviou o olhar e confirmou.

— Ele está certo. — Seu olhar vagueou até a corda do sino. Dannyl olhou para o teto, imaginando quem se postava acima. O anfitrião de Farand, sem dúvida, com algum método a postos para advertir outros do grupo. Haveria uma oportunidade de prender também esse rebelde? Provavelmente não. Errend concordara que a primeira prioridade de Dannyl deveria ser capturar Farand e o Dem Marane. Se ele identificasse ou prendesse qualquer outra pessoa, não deveria ser à custa de perder o renegado.

Royend seguiu o olhar atento de Dannyl, então endireitou os ombros.

— Muito bem. Vou lhe mostrar a saída.

O dia havia sido claro e quente, mas a escuridão trouxera um frio que Sonea não era capaz de banir, mesmo aquecendo o ar em seu quarto com magia. Ela havia dormido bem nas últimas noites, mas essa era diferente e ela não conseguia compreender a razão.

Talvez fosse porque Akkarin não estivesse estado presente a noite toda. Takan havia se encontrado com ela à porta quando ela retornara das aulas para avisar que o Lorde Supremo fora convocado. Ela jantou sozinha.

Ele provavelmente estava executando obrigações oficiais na corte. Ainda assim, sua imaginação continuava posicionando-o em partes mais sombrias da cidade, cuidando de seus arranjos com os Ladrões ou enfrentando outro espião.

Sonea parou em frente à sua mesa e encarou seus livros. “Se não consigo dormir”, disse a si mesma, “posso ao menos estudar. Pelo menos, assim terei algo com que ocupar a mente.”

Então, escutou um barulho fora de seu quarto.

Deslizando até a porta, abriu uma fresta. Passos lentos ecoaram suavemente na distante escadaria, cada vez mais sonoros. Ouviu-os pararem no corredor, depois escutou o ferrolho de uma porta.

“Ele está de volta.”

Alguma coisa afrouxou dentro dela e suspirou com alívio. Então, quase gargalhou. “Certamente, não estou me preocupando com Akkarin.”

Mas era isso tão estranho? Ele era tudo que estava no caminho entre os ichanis e Kyralia. Preocupar-se com ele estar vivo e bem era perfeitamente razoável se considerado sob esse ponto de vista.

Estava prestes a fechar a porta quando um novo conjunto de passos preencheu o corredor.

— Mestre?

Takan soou surpreso e alarmado. Sonea sentiu um calafrio percorrer sua pele.

— Takan — a voz de Akkarin era quase inaudível. — Fique e lhe darei isto para jogar fora.

— O que aconteceu?

O choque na voz do servo era claro. Antes de conseguir pensar duas vezes, Sonea abriu a porta e caminhou silenciosamente pelo corredor. Takan estava diante da entrada do quarto de Akkarin. Virou-se enquanto ela se aproximava, a expressão indistinta.

— Sonea. — A voz de Akkarin era baixa e calma.

Um pequeno e fraco globo de luz iluminava seu quarto. Ele estava sentado no final de uma grande cama. Na luz tênue, suas vestes pareciam recolher-se na escuridão, deixando apenas o rosto e as mãos visíveis... e um antebraço.

Sonea tomou fôlego. A manga esquerda da roupa dele pendia de forma estranha, e ela reparou que havia sido cortada. Uma marca vermelha percorria seu braço do cotovelo ao pulso. Sua pele pálida estava manchada com riscos e borrões de sangue.

— O que aconteceu? — respirou e então acrescentou: — Lorde Supremo?

Akkarin olhou dela para Takan e deu uma risadinha fraca.

— Posso ver que não terei descanso enquanto vocês dois não tiverem ouvido tudo. Entrem e sentem-se.

Takan entrou no quarto. Sonea hesitou, mas depois o seguiu. Ela nunca havia visto o interior de seu quarto antes. Uma semana antes, pensar em adentrá-lo a teria aterrorizado. Enquanto olhava ao redor, sentiu um desapontamento estranho. A mobília era similar à dela. As telas de papel que cobriam as janelas eram de um azul escuro, combinando com a borda do grande tapete que cobria a maior parte do piso. A porta do closet estava aberta. Continha apenas algumas túnicas, poucas capas e um sobretudo.

Enquanto voltava-se para olhar novamente para Akkarin, descobriu que ele a observava, com um sorriso tênue nos lábios. Ele gesticulou em direção a uma cadeira.

Takan pegou um jarro de água do armário ao lado da cama. Extraiu um pedaço de tecido de dentro de seu uniforme, molhou-o e estendeu-o em direção ao braço de Akkarin. O Lorde Supremo arrancou o pano de sua mão.

— Temos outro espião na cidade — disse, limpando o sangue do braço. — Mas ela não é uma espiã comum, acredito.

— Ela? — Sonea interrompeu.

— Sim. Uma mulher. — Akkarin devolveu o pedaço de pano a Takan. — Esta não é a única diferença entre ela e os espiões anteriores. Ela é notavelmente forte

para uma ex-escrava. Não está aqui há muito tempo e não poderia ter se tornado tão forte matando imardianos. Teríamos ouvido, se houvesse assassinado gente.

— Eles a prepararam? — sugeriu Takan. Suas mãos apertaram com força o tecido manchado. — Deixaram que tirasse sua força de seus escravos antes de partir?

— Talvez. Qualquer que tenha sido a razão, ela estava pronta para a luta. Deixou que eu pensasse que estava exausta, então me cortou quando me aproximei. Não foi rápida o suficiente para agarrar meu ferimento e drenar meu poder, no entanto. Depois disso, tentou chamar a atenção para nossa luta.

— Então, você a deixou escapar — concluiu Takan.

— Sim. Ela deve ter pensado que eu a deixaria ir em vez de colocar em perigo a vida de outras pessoas.

— Ou ela sabe que preferiria isso a deixar o Clã saber sobre batalhas mágicas na favela. — Os lábios de Takan estreitaram-se. — Ela matará de novo para se fortalecer.

Akkarin sorriu com pesar.

— Não duvido disso.

— E você está mais fraco agora. Teve pouco tempo para se fortalecer depois da última vez.

— Isto não será um problema. — Ele olhou para Sonea. — Tenho alguém que está entre os mais poderosos magos do Clã para me ajudar.

Sonea olhou para o outro lado, sentindo o rosto ficar quente. Takan discordava com a cabeça.

— Isto soa estranho para mim. Ela é diferente demais. Uma mulher. Nenhum ichani libertaria uma escrava. E ela é forte. Esperta. Nem um pouco parecida com um escravo.

Akkarin observou cuidadosamente seu servo.

— Você acha que ela é uma ichani?

— Possivelmente. Você deve se preparar como se ela fosse. Deve... — olhou para Sonea. — Deve levar um aliado.

Sonea piscou surpresa para o servo. Teria ele dito que ela deveria ir com Akkarin quando ele fosse enfrentar novamente essa mulher?

— Nós já discutimos isso — Akkarin começou.

— E você disse que pensaria no assunto se eles atacassem Kyralia — respondeu Takan. — Se essa mulher for ichani, eles já estão aqui. E se ela for forte demais para você? Não pode arriscar perder sua vida e deixar o Clã sem defesas.

Sonea sentiu o coração acelerar.

— E dois pares de olhos são melhores do que um — ela disse rapidamente. — Se eu tivesse ido com você esta noite...

— Você poderia ter ficado no meu caminho.

Aquilo a feriu. Sonea sentiu uma explosão de raiva.

— Você acha mesmo, não é? Sou apenas uma iniciante molenga como o resto. Não sei meu caminho nas favelas ou como me esconder de magos.

Ele a encarou, então deixou os ombros caírem e começou a rir baixinho.

— Vocês dois estão determinados a me vencer pelo cansaço nesse assunto.

Esfregou o braço distraidamente. Sonea olhou para baixo e piscou surpresa. Os ferimentos vermelhos estavam agora apenas rosados. Ele vinha se curando enquanto conversavam.

— Ensinarei Sonea apenas se essa mulher for ichani. Então, saberemos que eles se tornaram uma ameaça real.

— Se ela for ichani, você pode acabar morto — Takan disse bruscamente. — Esteja preparado, mestre.

Akkarin procurou Sonea. Seus olhos estavam sombrios, a expressão distante e pensativa.

— O que acha, Sonea? Isto não é algo com que deva concordar sem refletir com bastante cuidado.

Ela deu um suspiro profundo.

— Eu considerei tudo isso. Se não houver outro meio, então correrei o risco e aprenderei magia negra. Afinal, qual o sentido de ser uma boa e obediente aprendiz se não há Clã? Se você morrer, o resto de nós provavelmente morrerá também.

Lentamente, Akkarin concordou.

— Muito bem. Não gosto disso. Se houvesse outro meio, eu o escolheria. — Suspirou. — Mas não há. Vamos começar amanhã.

Capítulo 11

Conhecimento Proibido

Três yerins se fincaram na porta do escritório de Cery. Levantando-se da cadeira, ele removeu as ferramentas de escrita e voltou a seu assento. Mirou a porta e arremessou os yerins, um depois do outro.

Eles aterrissaram onde ele queria, nas pontas de um triângulo imaginário. Levantando-se de novo, caminhou pela sala para recuperá-los. Pensando no mercador que o esperava atrás da porta, Cery sorriu. O que o homem pensaria dessas batidas constantes na porta do Ladrão?

Então, suspirou. Ele deveria ver o mercador e acabar logo com aquilo, mas não se encontrava num estado de espírito generoso, e o homem normalmente o visitava para implorar mais tempo para pagar as dívidas. Cery ainda não tinha certeza se o homem estava ou não testando o mais novo e mais jovem Ladrão para ver até onde ele podia ser enrolado. Uma dívida paga lentamente era melhor do que uma nunca paga, mas um Ladrão com reputação de paciência infinita era um Ladrão sem respeito.

Algumas vezes, ele precisava mostrar que estava disposto a usar uma mão firme.

Cery olhou para os yerins, as pontas enfiadas fundo na madeira da porta. Ele tinha que admitir. O mercador não era o motivo real para ele estar taciturno.

“Ela escapou”, Morren havia reportado. “Ele a deixou fugir.”

Pressionado a contar detalhes, Morren descreveu uma batalha feroz. Era claro, a mulher tinha sido mais forte do que Akkarin esperava. Ele não fora capaz de conter os poderes dela. A magia havia devastado o quarto em que ela estava na boleria.

Vários outros clientes tinham visto mais do que deveriam, embora Cery

houvesse providenciado para que a maioria deles estivesse bem bêbada antes de a batalha começar, mandando para isso alguns homens ao bar da boleria com muitos “ganhos” das corridas para compartilhar com os outros. Aqueles que não ficaram bêbados, ou que estavam fora da boleria, haviam sido pagos para ficar quietos... embora isso raramente segurasse as fofocas por muito tempo. Não quando a coisa envolvia uma mulher flutuando até o chão, vinda de uma janela do terceiro andar.

“Não é o fim do mundo”, Cery disse a si mesmo pela centésima vez. “Vamos encontrá-la de novo. Akkarin vai se preparar melhor.” Ele caminhou mais uma vez até a mesa e se sentou, então abriu a gaveta e colocou os yerins nela.

Como esperava, uma batida incerta na porta ocorreu depois de alguns minutos de silêncio.

— Entre, Gol — Cery chamou. Ele abaixou os olhos e alisou as roupas quando a porta se abriu e o homenzarrão entrou. — Melhor mandar Hem entrar. — Ele levantou os olhos. — Vamos terminar com isso... o que deu em você?

Gol estava com um sorriso largo no rosto.

— Savara está aqui.

Cery sentiu o pulso acelerar. Quanto ela sabia? Quanto ele deveria contar a ela? Aprumou os ombros.

— Mande-a entrar.

Gol saiu. Quando a porta se abriu em seguida, Savara entrou. Ela foi até a mesa, com um ar de presunção.

— Ouvi dizer que seu Lorde Supremo encontrou alguém à sua altura ontem à noite.

— Como soube disso? — perguntou Cery.

Ela deu de ombros.

— As pessoas costumam me contar coisas, se eu pergunto com educação. — Embora seu tom fosse petulante, havia uma dobra entre as sobrancelhas.

— Não duvido — Cery respondeu. — O que mais você soube?

— Ela escapou. O que não teria acontecido se você me tivesse deixado eliminá-la.

Ele não pôde evitar sorrir.

— Como se você fosse fazer melhor.

Seus olhos relampejaram.

— Oh, eu teria.

— Como?

— Tenho meu jeito. — Ela cruzou os braços. — Eu gostaria de ter matado essa mulher, mas, agora que Akkarin sabe sobre ela, não posso fazê-lo. Preferia que você não tivesse contado a ele. — Ela lançou um olhar direto a ele. — Quando você vai confiar em mim?

— Confiar em você? — ele riu. — Nunca. Deixar você matar um desses assassinos? — Ele franziu os lábios, como se estivesse pensando. — Na próxima vez.

Ela o encarou séria.

— Tenho sua palavra quanto a isso?

Ele devolveu o olhar e concordou com a cabeça.

— Sim, tem minha palavra. Encontre essa mulher e, se não me der motivo para mudar de ideia, você poderá matar o próximo escravo.

Savara franziu as sobrancelhas, mas não protestou.

— Temos um acordo. Quando ele matar essa mulher, eu vou estar lá quer você aprove ou não. Quero ver a morte dela, pelo menos.

— O que ela fez para você?

— Eu ajudei essa mulher muito tempo atrás e ela me fez me arrepender disso. — Ela o encarou de maneira séria. — Você acha que é durão e implacável, Ladrão. Se você é cruel, é só para manter a ordem e o respeito. Assassinato e

crueldade são um jogo para os ichanis.

Cery franziu a testa.

— O que ela fez?

Savara hesitou, depois balançou a cabeça negativamente.

— Não posso contar mais.

— Mas há mais, não há? — Cery suspirou. — E você quer que eu confie em você?

Ela sorriu.

— Tanto quanto quer que eu confie em você. Você não me conta dos detalhes de seu acordo com o Lorde Supremo, mas espera que eu confie que está mantendo minha existência em segredo.

— Então, você precisa confiar em mim se eu disser que você pode ou não matar um dos assassinos... ou assassinas. — Cery se permitiu um sorriso. — Mas se pretende assistir a essa luta, então também vou estar lá. Odeio perder sempre o show.

Ela sorriu e concordou com a cabeça.

— É justo. — Fez uma pausa, então deu um passo para trás. — Devo começar a procurar essa mulher.

— Penso que você deve.

— Acho que sim.

Virando-se, ela caminhou até a porta. Depois que se foi, ele sentiu um desapontamento vago e começou a considerar as maneiras pelas quais poderia tê-la mantido ali um pouco mais. A porta se abriu de novo, mas era Gol.

— Pronto para ver Hem agora?

Cery fez uma careta.

— Mande-o entrar.

Ele abriu a gaveta, pegou um dos yerins e uma pedra de amolar. Quando o

mercador entrou com seu andar afetado na sala, Cery começou a afiar a ponta da ferramenta de escrita.

— Então, Hem, diga-me por que eu não devo ver quantos buracos tenho de fazer antes de você começar a vazar dinheiro.

Do teto da Universidade, era possível ver, com dificuldade, o que restava da velha e meio desmantelada Torre de Observação. Em algum lugar atrás das árvores, novas pedras estavam sendo trazidas pelos carros puxados por gorins pela longa estrada sinuosa até o cume.

— A construção pode ter que esperar até depois das férias de verão — Lorde Sarrin disse.

— Atrasar a construção? — Lorlen se virou para o mago ao seu lado. — Eu esperava que esse projeto não fosse se arrastar por mais de três meses. Já estou cansado de reclamações sobre projetos atrasados e falta de tempo livre.

— Tenho certeza de que muitos iriam concordar com você — Lorde Sarrin respondeu. — No entanto, não podemos dizer a todos os envolvidos que eles não poderão visitar suas famílias este ano. O problema com prédios fortalecidos magicamente é que não são estruturalmente seguros até a pedra ser fundida, e nós não fazemos isso até tudo estar em seu lugar. Enquanto isso, nós o mantemos em pé pela força da vontade. Atrasos não são apreciados.

Ao contrário de Lorde Peakin, Lorde Sarrin havia falado pouco no debate sobre a nova Torre de Observação. Lorlen não estava certo se era porque o velho Chefe dos Alquimistas não tinha uma opinião forte sobre o tema, ou se era pelo fato de ele ter visto que lado ia ganhar e ter se mantido calado por prudência. Talvez fosse uma boa hora para perguntar.

— O que você acha realmente sobre esse projeto, Sarrin?

O velho mago deu de ombros.

— Concordo que o Clã deve fazer algo grandioso e desafiador de vez em quando, mas me pergunto se, talvez, nós devêssemos estar fazendo alguma outra

coisa que não construir mais um prédio.

— Ouvi dizer que Peakin queria usar uma das plantas não utilizadas de Lorde Coren.

— Lorde Coren! — Sarrin rolou os olhos. — Como estou cansado de ouvir esse nome! Gosto de uma parte do que o arquiteto projetou em seu tempo, mas temos magos vivos hoje que são tão capazes de projetar prédios atraentes e funcionais quanto ele era.

— Sim — Lorlen concordou. — Eu ouvi dizer que Balkan quase teve um ataque quando viu as plantas de Coren.

— Ele as chamou de um “pesadelo de futilidade”.

Lorlen suspirou.

— Eu não acho que são só as férias de verão que vão atrasar esse projeto.

Sarrin franziu os lábios.

— Uma pequena pressão externa pode acelerar as coisas. O Rei está com pressa?

— O Rei alguma vez *não* está com pressa?

Sarrin riu.

— Vou pedir a Akkarin para perguntar por nós — Lorlen disse. — Eu tenho certeza...

— Administrador? — uma voz chamou.

Lorlen se virou. Osen seguia apressado pelo telhado em direção a ele.

— Sim?

— O Capitão Barran da Guarda está aqui para vê-lo.

Lorlen se voltou para Sarrin.

— É melhor eu cuidar disso.

— É claro. — Sarrin acenou com a cabeça em despedida. Quando Lorlen

começou a andar em direção a Osen, o jovem mago parou e esperou por ele.

— O Capitão disse por que veio? — Lorlen perguntou.

— Não — Osen respondeu, andando ao lado de Lorlen no mesmo ritmo. — Mas parecia agitado.

Eles atravessaram a porta para o teto e se dirigiram até a Universidade. Quando Lorlen chegou ao Salão da Entrada, notou Barran parado em frente à porta de seu escritório. O guarda pareceu aliviado quando viu Lorlen se aproximar.

— Boa tarde, Capitão — Lorlen disse.

Barran fez uma reverência.

— Administrador.

— Venha até meu escritório. — Lorlen segurou a porta aberta para Barran e Osen, então indicou um assento a seu convidado. Sentando-se atrás da mesa, encarou o Capitão com seriedade.

— Então, o que o traz ao Clã? Espero que não seja outro assassinato.

— Temo que sim. E não só um assassinato — a voz de Barran estava tensa. — Houve o que só posso chamar de um massacre.

Lorlen sentiu o sangue gelar.

— Prossiga.

— Catorze vítimas, todas mortas da mesma maneira, encontradas no Bairro Norte ontem à noite. A maioria delas foi achada na rua, algumas em casas — Barran balançou a cabeça negativamente. — Era como se um louco tivesse vagueado pela favela, matando todo mundo que via.

— Com certeza, houve testemunhas nesse caso.

Barran fez que não com a cabeça.

— Nada útil. Algumas pessoas acham que viram uma mulher, outras disseram que era um homem. Ninguém viu o rosto do assassino. Estava escuro.

— E sobre a forma como se deu a morte? — Lorlen se forçou a perguntar.

— Cortes rasos. Nenhum deles deveria ser fatal. Nenhum sinal de veneno. Nem impressões digitais nas feridas. É por isso que vim até você. É a única semelhança com os casos anteriores que discutimos. — Ele fez uma pausa. — Há outra coisa.

— Sim?

— Um dos investigadores ouviu do marido de uma vítima que estavam circulando histórias sobre uma luta numa boleria ontem à noite. Uma luta entre magos.

Lorlen conseguiu parecer cético.

— Magos?

— Sim. Um aparentemente flutuou para o chão de uma janela do terceiro andar. Achei que provavelmente era uma ilusão criada pelo escuro, exceto que os assassinatos todos ocorrem numa linha que aponta diretamente para essa boleria. Ou para longe dela.

— E você investigou a boleria?

— Sim. Um dos quartos estava bastante estourado, então algo realmente aconteceu lá ontem à noite. Se é magia ou não... — ele deu de ombros. — Quem pode dizer?

— Nós podemos dizer — Osen falou.

Lorlen olhou para o assistente. Osen estava certo; alguém do Clã deveria examinar a boleria. “Akkarin vai querer que eu faça isso”, Lorlen pensou.

— Eu gostaria de ver esse quarto.

Barran concordou com a cabeça.

— Eu posso levá-lo lá agora. Estou com uma carruagem da Guarda esperando lá fora.

— Eu vou no seu lugar — Osen se ofereceu.

— Não — Lorlen respondeu. — Deixe isso comigo. Sei mais sobre esses casos do que você. Permaneça aqui e cuide das coisas.

— Outros magos podem ouvir falar sobre isso — Osen disse. — Eles vão ficar preocupados. O que devo dizer a eles?

— Apenas que houve outra série perturbadora de assassinatos e que a história da boleria é provavelmente um exagero. Não queremos pessoas tirando conclusões precipitadas ou causando pânico. — Ele se levantou e Barran fez o mesmo em seguida.

— E se você encontrar evidências de magia? — acrescentou Osen.

— Vamos lidar com isso se for o caso.

Osen permaneceu de pé ao lado da mesa enquanto Lorlen e Barran se dirigiam para a porta. Olhando para trás, Lorlen viu que seu assistente franzia a testa, preocupado.

— Não se preocupe — Lorlen o tranquilizou. Ele conseguiu dar um sorriso seco. — Provavelmente só é tão sinistro quanto todos os outros casos de assassinato.

Osen deu um sorriso fraco e concordou com a cabeça.

Fechando a porta do escritório, Lorlen se dirigiu ao Salão da Entrada e depois para as portas da Universidade.

— Você devia interrogar o Capitão Barran sozinho, meu amigo.

Lorlen lançou um olhar em direção à Residência do Lorde Supremo.

— Osen é um homem sensato.

— Homens sensatos podem ficar bastante irracionais quando suas suspeitas tomam o controle deles.

— Ele deveria ficar desconfiado? O que aconteceu ontem à noite?

— Um monte de favelados bêbados observou a tentativa fracassada dos Ladrões de tentar capturar um assassino.

— *Foi isso que realmente aconteceu?*

— Administrador?

Lorlen piscou, então percebeu que estava parado na frente da porta aberta da carruagem. Barran o estava encarando com um ar de interrogação.

— Desculpe-me. — Lorlen sorriu. — Apenas consultando um colega.

Os olhos de Barran se arregalaram um pouco quando percebeu o que Lorlen quisera dizer.

— Deve ser uma habilidade útil, essa.

— Ela é — Lorlen concordou. E subiu na carruagem. — Mas tem suas limitações.

"Ou deveria ter", ele acrescentou silenciosamente.

O estômago de Sonea se agitou quando ela entrou na sala subterrânea; ele vinha fazendo isso sempre que ela pensava na aula vindoura de magia negra, o que acontecia a cada poucos minutos. Dúvidas haviam penetrado seus pensamentos, e algumas vezes ela quase pensou em dizer a Akkarin que havia mudado de ideia. Mas ela se sentava calma e pensava bastante, e sua decisão permanecia forte. Aprender era um risco para ela, mas a alternativa era colocar o Clã e Kyralia em maior risco.

Akkarin se virou para encará-la e ela fez uma reverência.

— Sente-se, Sonea.

— Sim, Lorde Supremo.

Ela sentou-se e olhou para a mesa. Ela estava coberta por uma estranha coleção de itens: uma tigela d'água, uma planta simples num pequeno vaso, uma jaula com um harrel bisbilhotando dentro dela, pequenas toalhas, livros e uma caixa de madeira polida e sem adornos. Akkarin estava lendo um dos livros.

— Para que tudo isso? — ela perguntou.

— Seu treinamento — ele disse, fechando o livro. — Não ensinei a ninguém mais o que vou lhe ensinar hoje. Meu próprio aprendizado não veio com uma explicação. Descobri mais apenas quando encontrei os velhos livros que Lorde Coren havia reenterrado sob o Clã.

Ela concordou com a cabeça.

— Como os encontrou?

— Coren sabia que os magos que originalmente haviam enterrado o baú estavam certos em preservar o conhecimento da magia negra para o caso de o Clã enfrentar um inimigo mais forte um dia. Mas não era de uso para ninguém se ele não pudesse ser encontrado de novo. Ele escreveu uma carta para o Lorde Supremo, para ser entregue depois de sua morte, explicando que havia enterrado um depósito secreto de conhecimento sob a Universidade, o qual poderia salvar o Clã se ele se defrontasse com um inimigo terrível. — Akkarin olhou para o teto. — Encontrei a carta enfiada num livro de registros quando a biblioteca foi movida depois das renovações que fiz. As instruções de Coren para encontrar esse segredo eram tão obscuras que nenhum dos meus predecessores teve a paciência para decifrá-las. Com o tempo, a existência da carta foi esquecida. Eu adivinhei qual era o segredo de Coren, no entanto.

— E conseguiu entender as instruções?

— Não. — Akkarin riu. — Passei cada noite nos últimos cinco meses explorando as passagens subterrâneas até encontrar o baú.

Sonea sorriu.

— Que ruim seria se o Clã *tivesse* encarado um inimigo terrível. — Ela ficou séria. — Bem, ele o enfrenta agora.

A expressão de Akkarin ficou séria. Ele olhou para os itens na mesa.

— Muito do que vou lhe dizer você já sabe. Ensinaram-lhe que todas as coisas vivas contêm energia e que cada um de nós tem uma barreira na pele que nos protege de influências mágicas externas. Se não tivéssemos, um mago poderia matá-la a distância, digamos, entrando no seu corpo com a mente e esmagando seu coração. Essa barreira permite que certos tipos de magia a penetrem, como a

magia de Cura, mas só por contato com a pele.

Ele se afastou da mesa e deu um passo mais para perto de Sonea.

— Se você quebra a pele, você quebra a barreira. Extrair energia por esse intervalo pode ser algo demorado. Nas aulas de Alquimia, você aprendeu que a magia viaja mais rapidamente pela água do que pelo ar ou pela pedra. Nas aulas de Cura, você aprendeu que o sistema sanguíneo chega a todas as partes do corpo. Quando você corta fundo o suficiente para tirar sangue, pode extrair energia de todas as partes do corpo com bastante rapidez.

— A habilidade de extrair magia não é difícil de aprender — Akkarin prosseguiu. — Eu posso explicar para você como ela é descrita nesses livros, e depois deixá-la experimentar em animais, mas isso levaria muitos dias, até semanas, antes de você aprender a extraí-la com algum controle. — Ele sorriu. — E trazer todos os animais necessários às escondidas pode ser tão trabalhoso que não vá valer a pena.

Ele ficou sério de novo.

— Mas há outro motivo. Na noite em que me observou extraindo poder de Takan, você sentiu algo. Eu tinha lido que, como a magia comum, o uso de magia negra podia ser sentido por outros magos, em especial aqueles próximos. Da mesma maneira que a magia comum, esse efeito pode ser escondido. Eu não sabia que eu era detectável até ler sua mente. Depois disso, experimentei até ter certeza de que não podia ser detectado. Preciso lhe ensinar isso rapidamente para reduzir o risco de descoberta.

Ele olhou para o teto.

— Vou guiá-la mentalmente e vamos usar Takan como nossa primeira fonte. Quando ele chegar, tome cuidado com o que falar. Ele não quer aprender essas coisas por motivos complicados e pessoais demais para explicar.

O som de passos abafados veio da escadaria, então a porta se abriu e Takan entrou na sala. Ele fez uma reverência.

— Chamou, mestre?

— É hora de ensinar magia negra a Sonea — disse Akkarin.

Takan assentiu com a cabeça. Ele foi até a mesa e abriu a caixa. Dentro, aninhada num leito de pano negro de boa qualidade, encontrava-se a faca que Akkarin havia usado para matar o espião sachakano. Takan a tirou com cuidado, manuseando-a com reverência.

Então, num movimento fluido que demonstrava prática, Takan colocou a faca sobre os pulsos e se aproximou de Sonea, com a cabeça curvada. Os olhos de Akkarin se estreitaram.

— Basta disso, Takan... e nada de se ajoelhar. — Akkarin balançou negativamente a cabeça. — Somos um povo civilizado. Não escravizamos outras pessoas.

Um sorriso leve apareceu na boca de Takan. Ele olhou para Akkarin, com olhos vivazes. Akkarin deu uma risadinha fraca e acenou com a cabeça para Sonea.

— Essa é uma lâmina sachakana, usada apenas por magos — ele disse. — Suas facas são forjadas e afiadas com magia. Tem muitos séculos de idade e foi passada de pai para filho. Seu último dono foi Dakova. Eu a teria deixado para trás, mas Takan a recuperou e trouxe com ele. Pegue a faca, Sonea.

Sonea aceitou a lâmina com cautela. Quantas pessoas haviam sido mortas com aquela faca. Centenas? Milhares? Ela tremeu.

— Takan vai precisar dessa cadeira também.

Ela se levantou. Takan tomou seu lugar e então começou a enrolar a manga.

— Faça um corte raso. Pressione sem força. Ela é bem afiada.

Ela olhou para o criado e sentiu a boca secar. Este sorriu para ela e levantou o braço. Sua pele estava cheia de linhas cruzadas de cicatrizes. Como a de Akkarin.

— Viu? — Takan disse. — Já fiz isso antes.

A lâmina balançou um pouco quando ela a pressionou contra a pele de Takan.

Removendo-a, ela viu gotas vermelhas se formarem pelo corte. Engoliu em seco com força. “Eu estou realmente fazendo isso.” Levantou os olhos e descobriu Akkarin a observando de perto.

— Você não tem que aprender isso, Sonea — ele disse, tomando a faca dela.

Ela respirou fundo.

— Sim, eu tenho — ela respondeu. — O que vem em seguida.

— Coloque sua mão sobre o ferimento.

Takan ainda estava sorrindo. Ela pressionou a palma da mão gentilmente sobre o corte. Akkarin esticou as mãos e as colocou sobre as têmporas dela.

— Concentre-se como você fez quando aprendeu o Controle. A visualização vai ajudar no começo. Mostre-me o quarto de sua mente.

Ela fechou os olhos e conjurou uma imagem do quarto, colocando-se dentro dela. As paredes estavam cobertas de rostos e cenas familiares, mas ela os ignorou.

— Abra a porta para seu poder.

Na mesma hora, uma pintura se expandiu na forma de uma porta e uma maçaneta cresceu dela. Ela estendeu a mão para a maçaneta e a girou. A porta girou e desapareceu. Um abismo de escuridão se espalhou diante dela, e dentro dele pairava a esfera de luz que era seu poder.

— Agora, entre no seu poder.

Sonea parou. Dar um passo no abismo?

— Não, entre no seu poder. Entre no seu centro.

— Mas ele está tão longe! Eu não alcanço tão longe.

— É claro que alcança. É seu poder. Ele está tão longe quanto você desejar, e você pode alcançar onde quiser.

— Mas e se ele me queimar?

— Não vai. É seu poder.

Sonea pairou na beira da entrada, então juntou coragem e deu um passo adentro.

Houve uma sensação de se esticar, em seguida a esfera branca se inchou e ela sentiu um arrepio passar por ela quando a penetrou. De repente, estava se sentindo sem peso, flutuando numa névoa branca de luz. Energia correu por dentro dela.

— Viu?

— Eu vejo. É incrível. Por que Rothen não me mostrou isso?

— Você vai saber por que logo. Quero que você se expanda. Estique-se e sinta todo o poder que é você. A visualização é uma ferramenta útil, mas você precisa ir além disso agora. Precisa conhecer seu poder com todos os seus sentidos.

Sonea sentiu que estava obedecendo antes de ele terminar de falar. Quando se está rodeada por nada além de brancura, é fácil esticar os sentidos para fora.

Conforme ela se tornou mais consciente de seu poder, uma sensação do seu corpo se juntou a ele. De início, ela se preocupou com a possibilidade de que se tornar consciente do físico significasse que estava perdendo a concentração.

Então, teve a percepção de que seu poder *era* seu corpo. Ele não existia em algum abismo na sua mente. Ele fluía por cada membro, osso e veia dentro dela.

— Sim. Agora, concentre-se na sua mão direita e no que se encontra além dela.

Ela não viu de início, mas então algo capturou sua atenção. Era uma abertura, um vislumbre de algo além dela mesma. Concentrando-se nisso, sentiu que uma diversidade se encontrava além.

— Concentre-se nessa diversidade e então faça isso.

Ele enviou para ela um pensamento muito estranho para ser expresso em palavras. Era como se ela entrasse no corpo de Takan, exceto pelo fato de que ainda permanecia no dela. Ela estava ciente de ambos.

— Perceba a energia dentro do corpo dele. Pegue um pouco dela para o seu.

Abruptamente, ela se deu conta de que Takan tinha uma grande reserva de energia. Ele era forte, ela percebeu, quase tão forte quanto ela. Ainda assim, sua mente não parecia estar ligada a essa reserva, como se não estivesse ciente do poder dentro dele.

Mas ela estava. E, por meio da abertura na pele dele, ela conseguia se conectar com isso. Era fácil dirigir a energia para fora do corpo dele e para dentro do dela. Ela sentiu-se crescer um pouco mais forte.

O entendimento surgiu de súbito em sua mente. Ela estava extraindo poder.

— *Agora pare*.

Ela relaxou a vontade e sentiu a corrente de energia cessar.

— *Comece de novo.*

Ela puxou o poder pela abertura, de novo. Apenas um lento vazamento de magia. Perguntou-se como seria acrescentar todo o poder dele ao dela e dobrar sua força. Revigorante, talvez.

Mas o que ela faria com isso? Ela com certeza não precisava ser duas vezes mais forte. Ela nem usava toda sua força durante as aulas da Universidade.

— *Pare*.

Ela obedeceu. Quando Akkarin removeu as mãos das têmporas dela, ela abriu os olhos de novo.

— Bom — ele disse. — Você pode curar Takan agora.

Sonea olhou para o braço de Takan e então se concentrou. O corte foi curado com rapidez, e a percepção dela do corpo e do poder dele se dissipou. O criado fez uma careta e seu coração parou um instante.

— Você está bem?

Ele deu um sorriso largo.

— Sim, *Lady* Sonea. Você é bem gentil. É só que a Cura coça. — Ele olhou para Akkarin e sua expressão ficou séria. — Ela vai ser uma aliada de valor, mestre.

Akkarin não respondeu. Virando-se, Sonea viu que ele tinha caminhado até o armário de livros e estava de pé com os braços cruzados e franzindo a testa. Sentindo o olhar dela, ele se virou para retribuí-lo. Sua expressão era impossível de decifrar.

— Parabéns, Sonea — ele disse num tom calmo. — Você agora é uma maga negra.

Ela piscou em surpresa.

— Isso é tudo? É *tão* fácil assim?

Ele balançou a cabeça positivamente.

— Sim. — O conhecimento de como matar em um instante, ensinado em um instante. Desse dia em diante, você não deve deixar ninguém entrar na sua mente. Bastaria um pensamento desgarrado para você revelar esse segredo para outro mago.

Ela olhou para a minúscula mancha de sangue em sua mão e sentiu um calafrio tomar conta dela.

“Eu acabei de usar magia negra”, ela pensou. “Não há retorno. Não agora. Não nunca.”

Takan a encarou com atenção.

— Algum arrependimento, *Lady* Sonea?

Ela inspirou fundo e depois soltou o ar.

— Não tanto quanto eu teria se o Clã fosse destruído e eu pudesse evitar isso. Mas eu... eu espero nunca ter que usar isso. — Ela deu um sorriso torto e olhou para Akkarin. — Isso significaria que o Lorde Supremo morreu, e eu só comecei a parar de desejar que isso acontecesse recentemente.

Akkarin levantou as sobrancelhas. Então, Takan deixou escapar uma risada aguda.

— Eu gosto dessa aí, mestre — ele disse. — Você a escolheu bem quando assumiu sua guarda.

Akkarin deu uma risadinha baixa e descruzou os braços.

— Você sabe muito bem que eu não escolhi nada, Takan. — Ele se aproximou da mesa e encarou os itens em cima dela.

— Agora, Sonea, eu quero que examine cada uma das coisas vivas na mesa e considere como a habilidade que eu lhe ensinei pode ser aplicada nelas. Então, terei mais alguns livros para você ler.

Capítulo 12

O Preço de Manter Segredos Fatais

Levantando-se da cama, Rothen deslizou uma das telas da janela e suspirou. Uma luz tênue brilhava num lado do céu. O amanhecer se aproximava, e ele já estava completamente acordado.

Olhou para a Residência do Lorde Supremo escondida na extremidade da floresta. Logo Sonea iria se levantar e se dirigir aos Banhos.

Ele a havia observado de perto durante a última semana. Embora não a tivesse visto com Akkarin de novo, algo em seu jeito de agir sem dúvida mudara.

Havia um novo ar de segurança na maneira como ela andava. No intervalo, ela se sentava no jardim e estudava, dando a ele uma oportunidade de observá-la das janelas da Universidade. Durante a última semana, ela tinha se distraído com facilidade. Com frequência, parava e olhava ao redor do Clã com um ar de preocupação. De vez em quando, encarava o nada, com expressão severa. Nessas ocasiões, ela parecia tão madura que ele mal a reconhecia.

Mas era quando olhava para a Residência do Lorde Supremo que ela lhe dava mais motivo para temer. Havia uma expressão pensativa em seu rosto nessas ocasiões, porém o que faltava em sua expressão era o que mais o assustava. Não havia desgosto nem medo nela.

Ele tremeu. Como ela podia encarar a casa de Akkarin sem mostrar ao menos algum desconforto? Ela fazia isso antes. Por que não agora?

Rothen tamborilou os dedos no peitoril da janela. Por um ano e meio, ele havia obedecido à ordem de Akkarin de permanecer longe de Sonea. As únicas vezes em que havia falado com ela tinham sido situações nas quais havia outros

observando e poderia parecer estranho se ele não o fizesse.

“Tenho cooperado por tanto tempo. Com certeza, ele não vai machucá-la se eu tentar falar com ela sozinho apenas uma vez.”

O céu mostrava-se um pouco mais iluminado agora. Os jardins estavam ficando mais claros. Tudo que ele tinha a fazer era descer e se encontrar com ela a caminho dos Banhos.

Ele se afastou da janela e começou a se vestir. Apenas quando chegou à porta, ele fez uma pausa e reconsiderou. “Algumas perguntas”, ele pensou. “Isso é tudo. Ele provavelmente não vai nos notar.”

O corredor do Alojamento dos Magos estava vazio e silencioso. As botas de Rothen batiam contra o chão num ritmo rápido enquanto ele se apressava pela escada até a saída. Entrou no pátio e se virou para os jardins.

Ele escolheu esperar em um dos pequenos recantos do jardim próximos do caminho principal. Era bem escondido da Residência do Lorde Supremo. A maior parte do jardim podia ser vista do andar de cima da Universidade, mas ainda era muito cedo para qualquer mago estar andando por lá.

Meia hora mais tarde, ele ouviu passos leves se aproximando. Olhou por entre as árvores e suspirou aliviado. Ela estava atrasada, mas cumpria sua rotina. Então, seu coração começou a disparar. E se ela se recusasse a falar com ele? Ele se levantou e alcançou a entrada do recanto bem quando ela passou por ele.

— Sonea.

Ela deu um pulo de susto, então virou-se para encará-lo.

— Rothen! — ela sussurrou. — O que está fazendo aqui tão cedo?

— Tentando encontrar você, é claro.

Ela quase sorriu, mas um sentimento familiar de cautela retornou à sua expressão e ela lançou um olhar para a Universidade.

— Por quê?

— Eu queria saber como você está indo.

Ela levantou os ombros.

— Bem o suficiente. Estamos nessa há um bom tempo. Eu me acostumei com a situação... e fiquei boa nessa história de evitá-lo.

— Você passa todas as noites lá agora.

Seu olhar vagueou.

— Sim. — Ela hesitou, depois deu um sorriso frouxo. — É bom saber que você continua de olho em mim, Rothen.

— Não tão de olho quanto gostaria — Rothen respirou fundo. — Tenho de lhe perguntar algo. Ele... ele fez você fazer alguma coisa que não queria, Sonea?

Ela piscou, franziu a testa e abaixou os olhos.

— Não. Nada além de me tornar sua favorita e me fazer estudar bastante.

Ele esperou até ela levantar os olhos para encarar seu olhar de novo. Havia algo na expressão da sua boca que lhe soava familiar. Fazia tanto tempo, mas isso lembrou a ele como ela...

"...como ela quase sorria quando estava dizendo a verdade, mas sabia que não era toda a verdade!"

Ele repensou a pergunta rapidamente.

— Ele pediu para você fazer algo que eu não gostaria que você fizesse?

Um dos cantos da boca dela se levantou de novo.

— Não, Rothen. Ele não pediu.

Rothen concordou com a cabeça, embora sua resposta não o tivesse tranquilizado. Ele não podia continuar reformulando a pergunta indefinidamente. "Talvez Ezrille esteja certa", ele pensou. "Talvez eu esteja me preocupando demais."

Sonea deu um sorriso triste.

— Eu também estou sempre achando que algo ruim vai acontecer — ela disse. — Mas todos os dias aprendo mais. Se houver uma luta, não vou ser fácil de

derrotar. Ela olhou para a direção da Residência do Lorde Supremo, então deu um passo para longe dele. — Mas não vamos dar motivo para ninguém começar uma luta ainda.

— Não — ele concordou. — Cuide-se, Sonea.

— Eu vou. — Ela se virou para ir embora, depois hesitou e disse por cima do ombro: — Cuide-se também, Rothen. Não se preocupe comigo. Bem, quero dizer, não se preocupe *demais* comigo.

Ele conseguiu dar um sorriso. Observando-a se afastar, balançou a cabeça negativamente e suspirou. Ela pedira o impossível.

Chegando ao centro da Arena, Sonea notou a posição baixa do sol. Tinha sido um longo dia, mas logo as aulas iam terminar. Só mais aquela luta.

Ela esperou enquanto os aprendizes que Balkan havia escolhido tomavam seus lugares. Um anel de doze aprendizes se formou ao seu redor, como ponteiros de uma bússola. Ela deu uma volta completa, olhando um por um nos olhos. Eles devolveram seu olhar com confiança, sem dúvida sentindo-se confiantes devido a seu número. Ela queria se sentir muito segura de si mesma. Seus adversários eram todos das classes do Quarto e Quinto Ano, e a maioria deles preferia a disciplina de Artes Guerreiras.

— Comecem — Balkan clamou.

Todos os doze aprendizes atacaram de uma vez. Sonea formou um forte escudo e enviou uma chuva de ataques de força em resposta. Os aprendizes combinaram seus escudos em um.

Isso não iria acontecer se eles fossem ichanis. Ela franziu a testa quando se lembrou das aulas de Akkarin.

“Os ichanis não lutam bem juntos. Eles enfrentaram um aos outros por anos e alimentaram uma desconfiança mútua. Poucos sabem como canalizar poder para outro, como construir uma barreira com o poder de vários magos ou lutar de maneira cooperativa.”

Com sorte, ela nunca teria de lutar contra nenhum ichani. Só teria de encarar seus espiões, e apenas se Akkarin morresse. A não ser que essa última, a mulher, *fosse* uma ichani. Mas Akkarin ia lidar com ela.

“Esses espiões têm um medo profundo dos magos do Clã, apesar do que Kariko diz a eles. Quando eles matam, é de maneira cuidadosamente planejada e realizada de forma a não atrair a atenção do Clã. Eles fortalecem a si mesmos lentamente. Se você encarar um e estiver preparada, vai ser capaz de derrotá-lo de maneira rápida e silenciosa.”

Os aprendizes aumentaram seu ataque, forçando Sonea a se concentrar na luta de novo. Ela respondeu ao ataque. Individualmente, eles não eram páreo para ela. Juntos, poderiam acabar ganhando. Mas ela só tinha de acertar o escudo interno de um aprendiz para vencer a luta.

Porém, havia mais em jogo do que seu orgulho. Ela tinha de vencer, e rápido, a fim de conservar sua força.

Todas as noites na última semana, ela vinha doando a maior parte de sua força para Akkarin. As conversas sobre os assassinatos na cidade aumentavam conforme novas vítimas eram encontradas todos os dias. Era difícil dizer quanta força a mulher sachakana havia recuperado nesse tempo. Akkarin, no entanto, só tinha Sonea e Takan para tomar energia todas as noites.

Ela não podia se exaurir nessa luta.

Isso não ia ser fácil, no entanto. Seus adversários obviamente tinham bastante prática em combinar escudos. Ela lembrou-se das primeiras tentativas que sua própria classe havia feito nesse tipo de luta. Até que todos conhecessem as respostas adequadas para os vários tipos de ataques e aprendessem a agir como um, era fácil ficar confuso.

“Então, devo fazer algo inesperado para confundi-los. Algo que eles nunca viram antes.”

Como ela tinha feito na noite em que Regin e seus amigos a haviam atacado na floresta, tanto tempo atrás. Porém, ela não podia cegar esses aprendizes com uma luz brilhante durante o dia. Mas se pudesse fazer algo semelhante para que

eles não soubessem onde ela estava, podia se esgueirar para trás de alguém e...

Ela abafou um sorriso. Seu escudo não *tinha* que ser transparente.

Só foi preciso uma mudança de vontade para seu escudo se tornar um globo de luz branca. A desvantagem disso, ela percebeu tardiamente, era que ela não podia *vê-los* também.

“E agora, hora de enganá-los.” Criando vários outros escudos como o seu primeiro, ela os enviou em direções diferentes. Ao mesmo tempo, começou a andar, levando seu escudo com ela.

Ela sentiu o ataque dos aprendizes fraquejar e teve de cobrir a boca para evitar rir enquanto imaginava como a Arena deveria parecer, com várias grandes bolhas brancas flutuando ao redor dela. Ela não podia atacar em resposta, no entanto, ou eles saberiam dentro de qual escudo estava.

Quando os escudos se aproximaram dos seus adversários, ela os deixou colidirem com a barreira dos aprendizes. Parou e permitiu que todos recuassem, com exceção de um. Os aprendizes começaram a atacar o escudo que ainda estava avançando. Ela deixou um dos escudos parados tremular e desaparecer: outra distração.

Revertendo o escudo ao redor dela para um escudo transparente, ela se encontrou parada próxima de três aprendizes. Juntando seu poder, soltou uma rajada intensa de ataques de força contra um deles. Ele pulou, e seus vizinhos giraram para encará-la, mas o resto dos aprendizes estava distraído demais com os outros escudos para perceber que seus aliados precisavam de ajuda.

O escudo combinado oscilou e se rompeu diante dela.

— Parem!

Sonea se virou para encarar Balkan. Ela piscou surpresa quando viu que ele estava sorrindo.

— Uma estratégia interessante, Sonea — ele disse. — Não uma que você provavelmente vá usar em combate de verdade, mas com certeza eficaz na Arena. Você ganhou a luta.

Sonea fez uma reverência. Ela sabia que da próxima vez que tivesse uma aula, sua ideia de escudos múltiplos se mostraria completamente ineficaz. O sinal da Universidade tocou, sinalizando o fim das aulas, e Sonea ouviu alguns suspiros entre os aprendizes. Ela sorriu, mais por ter encerrado a luta sem ter usado muita força do que pelo óbvio alívio deles.

— Acabou a aula — Balkan anunciou. — Podem ir embora.

Os aprendizes fizeram uma reverência e começaram a sair da Arena. Sonea viu dois magos parados logo na entrada. Seu coração parou por um instante quando ela os reconheceu: Akkarin e Lorlen.

Ela seguiu os outros aprendizes que saíam da Arena. Fez uma reverência para os Magos superiores quando eles passaram. Akkarin os ignorou e chamou Sonea com um gesto.

— Lorde Supremo — ela fez uma reverência. — Administrador.

— Você foi bem, Sonea — Akkarin disse. — Avaliou suas forças, reconheceu suas fraquezas e pensou numa resposta original.

Ela piscou surpresa, então sentiu o rosto se aquecer.

— Obrigada.

— Eu não levaria o comentário de Balkan muito a sério, no entanto — ele acrescentou. — Num combate de verdade, um mago usa qualquer estratégia que funcione.

Lorlen lançou um olhar penetrante para Akkarin. Ele parecia querer desesperadamente fazer uma pergunta, mas não ousava. “Ou talvez uma dúzia de perguntas”, Sonea pensou. Ela sentiu uma pontada de compaixão pelo Administrador, em seguida lembrou-se do anel que ele usava.

Ele permitia que Akkarin sentisse tudo que Lorlen via, sentia e pensava. Estava Lorlen ciente do poder do anel? Se ele estava, devia se sentir completamente traído pelo amigo. Ela sentiu um calafrio. Se pelo menos Akkarin pudesse contar a verdade a Lorlen.

Mas então, se ele o fizesse, iria ele também contar a Lorlen que ela havia

aprendido magia negra voluntariamente? Pensar nisso a fez se sentir muito desconfortável.

Akkarin começou a andar em direção à Universidade. Sonea e Lorlen o seguiram.

— O Clã vai perder interesse no assassino assim que o Embaixador Dannyl chegar com o renegado, Lorlen — disse Akkarin.

Sonea tinha ouvido falar dos rebeldes que Dannyl havia capturado. As notícias sobre o mago renegado que ele estava trazendo ao Clã haviam se espalhado entre os aprendizes mais rápido do que tosse no inverno.

— Talvez — Lorlen respondeu. — Mas eles não vão esquecer. Ninguém esquece uma série de assassinatos como essa. Não ficarei surpreso se alguém exigir que o Clã faça algo a respeito.

Akkarin suspirou.

— Como se ter magia tornasse mais fácil para qualquer um de nós encontrar uma pessoa numa cidade de milhares.

Lorlen abriu a boca para dizer algo, mas olhou para Sonea e pareceu pensar melhor. Ele permaneceu em silêncio até eles chegarem aos degraus da Universidade, então lhes disse um boa-noite e foi embora apressado. Akkarin começou a caminhar em direção à residência.

— Então, os Ladrões não encontraram o espião ainda? — Sonea perguntou silenciosa.

Akkarin fez que não com a cabeça.

— Normalmente leva todo esse tempo?

Ele olhou para ela, uma sobrancelha levantada.

— Você está ansiosa em nos ver lutar, então?

— Ansiosa? — ela balançou a cabeça negativamente. — Não, não estou ansiosa. Não posso evitar pensar que quanto mais tempo ela estiver por aí, mais gente vai matar. — Ela fez uma pausa. — Minha família vive no Bairro Norte.

Sua expressão se suavizou um pouco.

— Sim. Há muitos milhares de pessoas na favela, no entanto. As chances de ela tirar a vida de um dos seus parentes é pequena, em especial se eles ficam dentro de casa de noite.

— Eles ficam. — Ela suspirou. — Eu me preocupo com Cery e meus velhos amigos, no entanto.

— Tenho certeza de que seu amigo ladrão pode tomar conta de si mesmo.

Ela concordou com a cabeça.

— Você provavelmente está certo. — Quando eles passaram os jardins, ela pensou em seu encontro cedo de manhã com Rothen. Sentiu outra pontada de culpa. Ela não havia *mentido* para ele, por assim dizer. Akkarin nunca havia *pedido* para ela aprender magia negra.

Mas ela se sentia péssima quando pensava em como Rothen teria se sentido péssimo se tivesse sabido a verdade. Ele tinha feito tanto por ela, e algumas vezes parecia que ela só havia lhe trazido problemas. Talvez fosse bom que eles tivessem sido separados.

E ela tinha que admitir, a contragosto, que Akkarin havia feito mais do que Rothen poderia para garantir que ela tivesse o melhor treinamento. Ela nunca seria muito boa em Artes Guerreiras se ele não tivesse pressionado. Agora, parecia que ela ia precisar dessas habilidades para lutar contra os espiões.

Quando eles chegaram à residência e a porta se abriu, Akkarin parou por um instante e olhou para cima.

— Acho que Takan está esperando por nós. — Ele entrou e se aproximou do armário dos vinhos. — Pode subir.

Enquanto subia a escada, ela pensou de novo em seu comentário na Arena. Tinha havido um indício de orgulho na sua voz? Ele estava realmente feliz em tê-la como aprendiz? A ideia era estranhamente atraente. Talvez ela de fato tivesse conquistado o título: a favorita do Lorde Supremo.

Ela. A garota da favela.

Ela diminuiu o ritmo. Relembrando, ela não podia se lembrar de uma só vez que ele tivesse expressado desdém por suas origens. Ele *tinha* sido ameaçador, manipulativo e cruel, mas nem uma vez a havia lembrado de que ela tinha vindo da parte mais pobre da cidade.

“Mas como ele poderia encarar outra pessoa com desprezo?”, ela pensou de repente. “Ele tinha sido escravo uma vez.”

O navio pertencia à frota do Rei de Elyne e era maior do que as embarcações dos vindos em que Dannyl já tinha viajado. Feito apenas para transportar pessoas importantes em vez de carga, possuía várias salas pequenas, porém luxuosas. Embora tivesse conseguido dormir a maior parte do dia, Dannyl achou difícil parar de bocejar enquanto se levantava, tomava banho e se vestia. Um criado trouxe um prato de harrel assado e alguns legumes preparados de maneira elaborada. Ele se sentiu melhor depois de comer, e uma xícara de sumi ajudou a acordá-lo completamente.

Pelas janelas pequenas do navio, ele podia ver as velas dos outros navios brilhando douradas na luz do sol poente. Deixou seu quarto e andou pelo longo corredor até a cela de Farand.

Não era uma cela, na verdade. Embora fosse o menor e mais simples quarto no navio, era confortavelmente mobiliado. Dannyl bateu na porta. Um mago baixinho com um rosto redondo o cumprimentou.

— Sua vez, Embaixador — Lorde Barene disse, obviamente aliviado por seu turno ter acabado. Ele encarou Dannyl, balançou a cabeça negativamente, murmurou algo inaudível e partiu.

Farand estava deitado na cama. Olhou para Dannyl e deu um sorriso frouxo. Dois pratos repousavam sobre uma pequena mesa. Pelos ossos de harrel deixados neles, Dannyl supôs que eles tinham tido a mesma refeição que ele.

— Como está se sentindo, Farand?

O jovem bocejou.

— Cansado.

Dannyl se sentou em uma das cadeiras acolchoadas. Ele sabia que Farand não estava dormindo muito bem. “Nem eu dormiria”, ele pensou, “se achasse que poderia encarar a morte em uma semana.”

Ele não acreditava que o Clã fosse executar Farand. No entanto, um mago renegado não era descoberto havia mais de um século, e ele era forçado a admitir que não tinha ideia do que ia acontecer. A parte mais difícil era que ele queria tranquilizar Farand, mas não podia. Seria cruel se a opinião dele se mostrasse errada.

— O que você andou fazendo?

— Conversando com Barene. Ou ele estava conversando comigo. Sobre você.

— Verdade?

Farand suspirou.

— Royend está contando para todo mundo sobre você e seu amante.

Dannyl sentiu um calafrio. Então, havia começado.

— Lamento — Farand acrescentou.

Dannyl piscou surpreso.

— Não se lamente, Farand. Era parte da enganação. Uma maneira de convencê-los a confiar em nós.

Farand franziu a testa.

— Eu não acredito.

— Não? — Dannyl se forçou a sorrir. — Quando chegarmos a Kyralia, o Lorde Supremo vai confirmar isso. Foi ideia dele que eu fingisse ser amante de Tayend, para que os rebeldes sentissem que tinham algo com que nos chantagear.

— Mas o que ele está contando a eles é verdade — Farand falou gentilmente. — Quando vimos vocês dois juntos, era óbvio. Não se preocupe. Não partilhei com ninguém minha opinião sobre isso. — Ele bocejou de novo. — Eu não vou

fazê-lo. Mas não deixo de achar que você estava errado quanto ao Clã.

— Como assim?

— Você não para de dizer que o Clã é sempre justo e razoável. Mas pela maneira como os outros magos estão reagindo a essa notícia sobre você, começo a achar que não é. E não é justo seu Lorde Supremo fazer você revelar algo assim se ele sabia que era dessa forma que os outros magos iriam reagir. — Ele fechou as pálpebras, depois abriu-as novamente e piscou. — Estou muito cansado. Não me sinto muito bem.

— Descanse, então.

O jovem fechou os olhos. Sua respiração imediatamente ficou mais lenta e Dannyl supôs que ele havia caído no sono. “Nada de conversa hoje”, ele pensou. “Essa noite vai ser longa.”

Olhou pela janela para os outros navios. Então, Royend estava se vingando. “Não importa se Farand acredita que é verdade”, ele disse a si mesmo. “Quando Akkarin confirmar que foi tudo um engodo, ninguém vai acreditar no Dem.”

Mas estaria Farand certo? Era injusto Akkarin ter usado a ele e a Tayend daquela maneira? Dannyl não podia mais fingir que não sabia que Tayend era um moço. As pessoas iriam esperar que ele evitasse Tayend dali por diante? O que diriam se não fizesse isso?

Ele suspirou. Odiava viver com esse medo. Odiava fingir que Tayend não significava mais para ele do que um assistente útil deveria significar. No entanto, ele não tinha ilusões de que pudesse corajosamente admitir a verdade, e de alguma forma mudar as atitudes kyralianas. E ele já sentia falta de Tayend, como se uma parte dele tivesse ficado para trás em Elyne.

“Pense em outra coisa”, ele disse a si mesmo.

Seus pensamentos vaguearam até o livro que Tayend havia pegado “emprestado” do Dem, agora armazenado nos pertences de Dannyl. Ele não o havia mencionado para ninguém, nem mesmo para Errend. Embora encontrar o livro o tivesse ajudado a decidir que era hora de prender os rebeldes, não havia sido necessário revelar sua existência. E ele não queria fazê-lo. Ao ler aquelas

passagens, Dannyl havia quebrado uma lei contrária a se aprender magia negra. As palavras ainda estavam em sua memória...

Habilidades menores incluem a habilidade de criar "pedras de sangue" ou "joias de sangue" que ampliam a capacidade de falar mentalmente com outra pessoa a distância...

Ele pensou no excêntrico Dem que ele e Tayend tinham visitado nas montanhas um ano atrás, durante sua segunda jornada para buscar informações sobre magia antiga. Na coleção impressionante de livros e artefatos do Dem Ladeiri havia um anel, o símbolo relativo à magia superior entalhado na "joia" de vidro vermelho cravada no anel. Um anel que, de acordo com o Dem, permitia ao usuário comunicar-se com outro mago sem a conversa ser ouvida. Seria a joia naquele anel uma dessas joias de sangue?

Dannyl tremeu. Ele tinha lidado com um objeto de magia negra? A ideia o congelou. Ele tinha até colocado o anel.

... e "pedras de armazenamento" ou "joias de armazenamento" que podem reter e liberar magia de maneiras específicas.

Ele e Tayend haviam escalado as montanhas acima da casa de Ladeiri para as ruínas de uma cidade antiga. Eles encontraram um túnel escondido que levava, de acordo com a tradução de Tayend do que estava escrito nela, à "Câmara da Punição Definitiva". Dannyl havia seguido o túnel para uma grande sala com um teto em domo coberto de pedras reluzentes. Essas pedras haviam investido contra ele com ataques mágicos, e ele quase não escapara vivo.

Sua pele formigou. O teto da Câmara da Punição Definitiva seria feito dessas pedras de armazenamento? Era isso que Akkarin queria dizer quando falara que havia motivos políticos para manter a existência da câmara um segredo? Era uma sala cheia de joias de magia negra.

Akkarin havia dito que a câmara estava perdendo força também. Com certeza, ele entendia o que ela era. Saber como reconhecer tal magia e como lidar com ela seria a responsabilidade do Lorde Supremo. O que ainda era um motivo a mais para que o livro precisasse permanecer escondido agora. Ele o entregaria a

Akkarin quando chegasse.

Farand fez um pequeno barulho demonstrando sofrimento em seu sono. Levantando os olhos, Dannyl franziu a testa. O jovem estava pálido e com ar doentio. A aflição da captura o devia estar afetando bastante. Então, Dannyl olhou mais de perto. Os lábios de Farand estavam mais escuros. Estavam quase azuis...

Dannyl foi até a cama. Agarrou o ombro de Farand e o balançou. Os olhos do homem se abriram, mas eles não tinham foco.

Colocando a mão na testa do homem, Dannyl fechou os olhos e mandou sua mente para fora. Puxou o ar forte quando sentiu o caos dentro do corpo do homem.

Alguém o havia envenenado.

Invocando seu poder, Dannyl enviou a energia de Cura para Farand, mas era difícil saber onde começar. Ele a aplicou nos órgãos mais afetados primeiro. Porém, a deterioração continuava conforme o veneno se espalhava gradualmente pelo corpo.

“Isso está além de mim”, Dannyl pensou desesperado. “Preciso de um Curador”.

Ele pensou nos dois outros magos no navio. Nenhum deles era Curador. Ambos eram Elynes. Ele pensou no aviso do Dem Marane.

“Você percebe que o Rei vai matá-lo em vez de deixar o Clã descobrir o que quer que ele saiba.”

Barene tinha estado lá quando a refeição foi servida. Tinha sido ele que dera o veneno para Farand? Melhor não chamá-lo, só para garantir. O outro mago, Lorde Hemend, era próximo do Rei Elyne. Dannyl não confiava nele também.

Só havia outra escolha. Dannyl fechou os olhos.

— *Vinara!*

— *Dannyl?*

— Preciso de sua ajuda. Alguém envenenou o renegado.

Os outros dois magos iriam ouvir esse chamado, mas Dannyl não podia evitar isso. Ele colocou uma trava mágica na porta. Embora não fosse manter um mago fora do quarto por muito tempo, isso iria evitar intrusões de surpresa ou outras interrupções de não magos.

A percepção da personalidade de *Lady* Vinara ficou mais forte, cheia de preocupação e urgência.

— Descreva os sintomas.

Dannyl mostrou a ela uma imagem de Farand, agora com a pele bem branca e a respiração pesada. Então, ela enviou sua mente de volta para o corpo do homem e retratou suas impressões para ela.

— Você precisa eliminar o veneno, e depois cuidar do dano.

Seguindo suas instruções, Dannyl começou um processo dolorosamente complicado. Primeiro, fez Farand vomitar. Então, pegou uma das facas usadas para refeição, limpou-a e a afiou com magia, abrindo uma veia no braço do homem. Vinara explicou como fazer os órgãos em falência continuarem funcionando, lutar contra os efeitos do veneno e encorajar o corpo a fabricar mais sangue conforme o fluido contaminado era lentamente drenado.

Isso custou caro para o corpo de Farand. A magia de cura não podia substituir os nutrientes necessários para fazer sangue e tecido. Reservas de gordura e um pouco de tecido muscular foram esgotados. Quando ele acordasse... se ele acordasse, Farand mal teria forças para respirar.

Quando Dannyl fez tudo que podia, abriu os olhos e, conforme voltou a ficar consciente da sala de novo, percebeu que havia alguém batendo na porta.

— Você sabe quem fez isso? — Vinara perguntou.

— Não. Mas tenho uma ideia dos motivos. Eu poderia investigar...

— Deixe os outros investigarem. Você precisa ficar e tomar conta do paciente.

— Não confio neles. — Pronto. Ele havia dito.

— Mesmo assim, Farand é sua responsabilidade. Você não pode protegê-lo e procurar o envenenador ao mesmo tempo. Seja vigilante, Dannyl.

Ela estava certa, é claro. Levantando da cama, Dannyl aprumou os ombros e se preparou para encarar quem quer que estivesse batendo na porta.

Capítulo 13

A Assassina

Quando entrou na sala subterrânea, Sonea observou os objetos na mesa. Um prato com alguns pedaços de vidro quebrado. Ao lado dele, um garfo de prata partido, uma tigela e um pano. Junto com esses itens, a caixa de madeira que continha a faca de Akkarin.

Por duas semanas, ela vinha praticando magia negra. Tinha aumentado a habilidade e agora era capaz de tomar bastante poder rapidamente, ou um pouco de poder por meio da menor picada de agulha. Havia extraído energia de pequenos animais, de plantas e até de água. Os objetos na mesa eram diferentes hoje à noite, e ela parou para se perguntar o que Akkarin pretendia lhe ensinar em seguida.

— Boa noite, Sonea.

Ela levantou os olhos. Akkarin estava inclinado sobre o baú. Aberto, este revelava vários livros velhos. Ele examinava um deles. Ela fez uma reverência.

— Boa noite, Lorde Supremo.

Ele fechou o livro, atravessou a sala e o colocou ao lado de outros objetos na mesa.

— Você terminou os registros da guerra sachakana?

— Quase. É difícil acreditar que o Clã conseguiu perder tanto de sua história.

— Eles não perderam — ele corrigiu. — Eles eliminaram. Os livros de história que não foram destruídos acabaram reescritos de forma que não tivessem nenhuma menção à magia superior.

Sonea balançou negativamente a cabeça. Quando pensava em quanto esforço o Clã havia gasto para se livrar de todas as menções à magia negra, ela entendia

por que Akkarin não queria arriscar contar ao Clã atual a verdade sobre seu passado. Mas mesmo assim, ela não conseguia imaginar Lorlen e os Magos Superiores reagindo de maneira tão cega à magia negra se soubessem o motivo pelo qual Akkarin a havia aprendido, ou se entendessem a ameaça dos ichanis.

"Seria a mim que eles condenariam", ela pensou de repente, "porque *escolhi* aprendê-la."

— Hoje à noite, vou lhe mostrar como fazer joias de sangue — Akkarin lhe disse.

Joias de sangue? Seu coração pulou quando ela percebeu ao que ele estava se referindo. — Ela seria capaz de fazer uma joia como a do dente do espião e a do anel de Lorlen.

— Uma joia de sangue permite a um mago ver e ouvir o que quer que o usuário veja e ouça... ou pense — Akkarin lhe disse. — Se o usuário não pode ver, a pessoa que fez a joia também não pode. A joia também concentra a comunicação mental em quem a fez, de forma que ninguém pode ouvir conversas entre o criador e o usuário dela.

— Ela tem suas limitações, no entanto — ele avisou. — O criador está constantemente conectado à joia. Uma parte da mente do criador está sempre recebendo imagens e pensamentos do usuário, e isso pode distrair muito. Depois de um tempo, você aprende a bloquear isso.

— Uma vez criada, a conexão com o criador não pode ser quebrada, a não ser que a joia seja destruída. Então, se uma joia é perdida por seu usuário e outra pessoa a encontra e a usa, o criador terá de aguentar a distração de uma mente indesejada conectada à sua. — Ele deu um sorriso frouxo. — Takan uma vez me contou a história de um ichani que havia amarrado um escravo para que fosse comido vivo por limeks selvagens, e colocou uma joia no homem para poder assistir. Um dos animais comeu a joia, e o ichani passou vários dias sendo distraído pelos pensamentos da criatura.

Seu sorriso se desvaneceu e o olhar ficou distante.

— Mas os ichanis são habilidosos em usar a magia de maneira cruel. Dakova

uma vez criou uma joia a partir do sangue de um homem, então o obrigou a assistir enquanto seu irmão era torturado. — Ele fez uma carranca. — Felizmente, joias de sangue de vidro são fáceis de destruir. O irmão conseguiu esmagar a joia.

Ele esfregou a testa e franziu as sobrancelhas.

— Como essa conexão para outra mente pode distrair, não é uma boa ideia fazer joias de sangue demais. Eu tenho três, no momento. Você sabe quem as carrega?

Sonea fez que sim com a cabeça.

— Lorlen.

— Sim.

— E... Takan? — ela franziu a testa. — Ele não usa um anel, no entanto.

— Não, ele não usa. A joia de Takan está escondida.

— Quem tem a terceira?

— Um amigo num lugar útil.

Ela deu de ombros.

— Não acho que conseguiria adivinhar. Por que Lorlen?

Akkarin levantou as sobrancelhas com a pergunta.

— Eu precisava ficar de olho nele. Rothen nunca faria algo que pudesse machucá-la. Lorlen, no entanto, a sacrificaria se isso significasse salvar o Clã.

“Sacrificar-me? Mas é claro que ele faria.” Ela tremeu. “Eu provavelmente faria isso também, se estivesse em seu lugar.” Sabendo disso, ela desejou ainda mais que Akkarin pudesse contar a verdade a Lorlen.

— Ele se provou útil, no entanto — Akkarin acrescentou. — Está em contato com o Capitão na Guarda encarregado de investigar os assassinatos. Tenho sido capaz de estimar quão forte cada um dos espiões é com base no número de corpos encontrados.

— Ele sabe o que é a joia?

— Ele sabe o que ela faz.

“Pobre Lorlen”, ela pensou. “Ele acredita que seu amigo se voltou para uma magia maligna, e sabe que Akkarin pode ler qualquer um de seus pensamentos.” Ela franziu a testa. “Mas quão duro é para Akkarin sempre estar consciente de como seu amigo o teme e desaprova?”

Akkarin se virou para encarar a mesa.

— Venha aqui.

Ela foi até o outro lado da mesa e Akkarin abriu a caixa. Tirou a faca e a entregou a ela.

— Na primeira vez em que vi Dakova fazer uma joia de sangue, achei que devia haver algo mágico no sangue. Somente anos depois descobri que isso não era verdade. O sangue meramente imprime a identidade do criador no vidro.

— Você aprendeu a fazê-las nos livros?

— Não. Boa parte da magia eu aprendi estudando um exemplar ancestral que encontrei durante o primeiro ano da minha pesquisa. Não sabia o que era na época, mas mais tarde o tomei emprestado por um tempo para estudá-lo. Embora seu criador estivesse morto havia muito tempo, e ele não funcionasse mais, ainda tinha magia suficiente impressa no vidro para eu ter uma ideia de como o anel funcionava.

— Você ainda o tem?

— Não, eu o devolvi a seu dono. Infelizmente, ele morreu pouco depois, e não sei o que aconteceu com sua coleção de joias antigas.

Ela concordou com a cabeça e olhou para os itens na mesa.

— Qualquer parte viva sua pode ser usada — Akkarin lhe falou. — O cabelo funciona, mas não muito bem, porque a maior parte dele está morta. Há um conto popular sachakano no qual lágrimas são usadas, mas suspeito que isso seja só fantasia romântica. Você pode cortar um pedaço da pele, mas não seria

agradável ou conveniente. O sangue é o mais fácil. — Ele bateu na tigela. — Você só vai precisar de algumas gotas.

Sonea olhou para a tigela e depois para a lâmina. Akkarin a observou silencioso. Ela olhou o braço esquerdo. Onde deveria cortar? Virando a mão, percebeu uma velha cicatriz esmaecida na palma de quando havia se cortado num cano quando criança. Tocou a palma com a ponta da faca. Para sua surpresa, não sentiu nenhuma dor quando a lâmina cortou-lhe a pele.

Então, o sangue brotou do corte e uma dor aguda começou a atingir seus sentidos. Deixou o sangue pingar na tigela.

— Cure-se — Akkarin instruiu. — Sempre se cure sem atraso. Mesmo cortes semicurados são uma quebra na sua barreira.

Ela se concentrou na ferida. O sangue parou de fluir, então as pontas do corte lentamente se juntaram, selando-se. Akkarin passou-lhe um pano, e ela limpou o sangue da mão.

Akkarin lhe entregou um pedaço de vidro.

— Segure isso no ar e o derreta. Ele vai manter a forma com mais facilidade se o fizer girar.

Sonea concentrou sua vontade no fragmento de vidro e o levantou. Ela enviou calor ao seu redor e o fez girar. Ele começou a brilhar nas pontas, então lentamente se encolheu na forma de uma pequena esfera.

— Finalmente! — Akkarin bradou.

Assustada, ela perdeu o controle da esfera. Esta caiu na mesa, onde fez uma pequena marca de queimado.

— Oops.

Akkarin não havia percebido, no entanto. Seus olhos estavam concentrados muito além da sala. Enquanto ela observava, o olhar dele se afiou. Ele deu um sorriso severo, depois pegou a faca.

— Takan acabou de receber uma mensagem. Os ladrões encontraram a espiã.

O coração de Sonea disparou.

— Sua aula vai ter que esperar até retornarmos. — Indo até o armário, Akkarin tirou o cinto de couro com a bainha da faca que ela o tinha visto usar na noite em que o espionara, muito tempo atrás. Ele limpou a lâmina da faca no pano, em seguida a enfiou na bainha. Sonea piscou surpresa quando ele então soltou o cinturão da túnica e removeu a roupa. Por baixo, usava uma veste negra.

Ele apertou o cinto em volta da cintura, depois foi até outro armário e tirou um longo casaco surrado para si mesmo, uma capa para Sonea e uma lanterna.

— Mantenha a túnica bem coberta — ele disse, enquanto ela vestia a capa. Esta tinha muitos botões pequenos na frente e duas aberturas laterais para as mãos.

Ele fez uma pausa para encará-la e franziu a sobrancelha.

— Eu não a levaria comigo se pudesse evitar, mas, se vou prepará-la para encarar esses espiões, preciso lhe mostrar como isso é feito. Você deve fazer *exatamente* como eu a instruir.

Ela concordou com a cabeça.

— Sim, Lorde Supremo.

Akkarin foi até a parede e a porta escondida para as passagens se abriu. Sonea o seguiu. A lanterna se acendeu com um estalo.

— Não podemos deixar essa mulher vê-la — ele disse seguindo pela passagem. — O mestre de Tavaka provavelmente a viu por sua joia antes de eu tê-la destruído. Se algum dos ichanis a vir comigo de novo, eles vão adivinhar que a estou treinando. Vão tentar matá-la enquanto você é ainda fraca demais e sem habilidades suficientes para se defender.

Ele se quedou silencioso quando chegaram à primeira barreira e não falou de novo até ter avançado pelo labirinto de passagens e alcançado o túnel bloqueado. Akkarin fez um gesto em direção aos escombros.

— Dê uma boa olhada com a mente, depois coloque a escada no lugar.

Projetando seus sentidos, Sonea examinou o arranjo das pedras. De início, parecia uma porção de escombros aleatórios, mas ela começou a enxergar um padrão neles. Era como uma versão grande dos quebra-cabeças de madeira vendidos nos mercados. Empurre um escombro num lugar em especial, e as peças deslizam umas contra as outras para adquirir uma nova forma... ou para se desmancharem. Ela usou um pouco de magia e começou a mover as pedras. A passagem se encheu com o som de pedra deslizando contra pedra conforme a escada era montada.

— Muito bem — Akkarin murmurou. Ele foi em frente, subindo dois degraus por vez. Sonea o seguiu. No alto, ela se virou e usou a vontade para que as pedras voltassem às posições anteriores.

A luz da lanterna iluminava as paredes de tijolos familiares da Estrada dos Ladrões. Akkarin começou a andar. Depois de várias centenas de passos, eles chegaram ao lugar em que o guia os havia encontrado antes. Uma sombra menor apareceu na luz para cumprimentá-los.

O garoto tinha uns doze anos, Sonea supôs. Seus olhos eram duros e cautelosos, no entanto... eram os olhos de uma pessoa bem mais velha. Ele encarou ambos, então olhou para as botas de Akkarin e fez que sim com a cabeça. Sem uma palavra, indicou que deveriam segui-lo e começou a andar pelas passagens.

Embora o caminho se tornasse sinuoso de tempos em tempos, ele os levava a uma direção geral. Seu guia finalmente parou ao lado de uma escada e apontou para um alçapão. Akkarin apagou a lanterna e a passagem foi preenchida pela escuridão. Sonea o ouviu colocar as botas no degrau da escada e começar a escalar. Uma luz fraca encheu a passagem quando ele levantou o alçapão de forma cautelosa e apareceu. Ele acenou chamando-a e, quando ela começou a subir a escada, abriu o alçapão por inteiro e saiu.

Seguindo, Sonea se descobriu num beco. As casas ao redor dela eram feitas de maneira grosseira de todo tipo de material catado e reutilizado. Algumas pareciam que iam cair a qualquer momento. O cheiro de lixo e esgoto era forte. Ela sentiu uma compaixão e uma cautela há muito esquecidas. Essa era a parte

externa da favela, onde os favelados mais pobres viviam com muita dificuldade. Era um lugar triste e perigoso.

Um homem bem musculoso saiu de uma entrada próxima e caminhou até eles. Sonea deixou escapar um pequeno suspiro de alívio quando o reconheceu como o homem que tinha vigiado o espião anterior. Ele a encarou e então se virou para Akkarin.

— Ela acabou de sair — o homem disse. — Nós a estamos vigiando há duas horas. O pessoal da região diz que ela tem ficado na dela aqui embaixo faz duas noites. — Ele apontou para uma porta próxima.

— Como sabe que ela vai voltar hoje? — Akkarin perguntou.

— Dei uma olhada no lugar depois que ela saiu. Ela tem algumas coisas aí. Vai voltar.

— O resto do lugar está vazio?

— Alguns mendigos e prostitutas o usam, mas nós falamos para eles arranjarem algo para fazer hoje à noite.

Akkarin concordou com a cabeça.

— Temos que dar uma olhada lá dentro e ver se é um lugar adequado para uma emboscada. Assegure-se de que ninguém entre.

O homem balançou a cabeça positivamente.

— O quarto dela é o último da direita.

Sonea seguiu Akkarin rumo à porta. Esta rangeu em protesto quando foi puxada para se abrir. Eles desceram os degraus de terra compactada que ruía apoiada por vigas de madeira apodrecida e começaram a andar por um corredor.

Estava escuro lá dentro, e o chão de terra era irregular. Akkarin acendeu a lanterna de forma a apenas iluminar o caminho. As entradas das salas não tinham portas. Algumas estavam cobertas por um pano de saco áspero. As paredes eram forradas com madeira, mas as tábuas haviam caído aqui e ali, e a terra atrás delas formava montes no chão.

A maioria dos quartos estava vazia. A última entrada na direita estava coberta com pano de saco. Akkarin encarou a cobertura com um olhar intenso, então a empurrou para o lado e aumentou a claridade da lanterna.

O quarto adiante era surpreendentemente grande. Algumas caixas de madeira e uma tábua torta formavam uma mesa. Uma prateleira tinha sido esculpida num lado da sala e num canto havia um colchão fino e alguns cobertores.

Akkarin começou a andar ao redor do quarto, examinando tudo com atenção. Revirou o colchão e a roupa de cama, em seguida balançou negativamente a cabeça.

— Morren falou sobre itens valiosos. Com certeza, não estava se referindo a isso.

Sonea conteve um sorriso. Caminhou até a parede mais próxima e começou a cutucar com o dedo os espaços entre as tábuas. Akkarin observou enquanto ela andava pela sala. Perto do colchão, ela sentiu algo esponjoso e revelador.

As tábuas saíram com facilidade. O pano que havia entre elas estava sujo de lama seca, mas aqui e ali um fio aparecia. Ela levantou um dos cantos com cuidado. Dentro havia uma alcova grande o suficiente para uma criança se sentar, o teto apoiado por mais tábuas de madeira apodrecida. Um pequeno feixe de pano se encontrava no centro.

Akkarin foi até ela e riu.

— Bem, bem. Você *provou* que pode ser útil.

Sonea deu de ombros.

— Eu vivi num lugar como esse, uma vez. Os favelados os chamam de Buracos.

Ele fez uma pausa.

— Por quanto tempo?

Ela olhou-o e percebeu que ele a avaliava.

— Por um inverno. Foi há muito tempo, quando eu era bem pequena. — Ela

se voltou para a alcova. — Lembro que era lotada e fria.

— Mas há poucas pessoas vivendo aqui agora. Por que isso?

— A Purificação. Ela não acontece até começar a nevar no ano. É para cá que todas as pessoas que o Clã expulsa da cidade vêm. As pessoas das Casas dizem que são ladrões perigosos, quando a verdade é que elas não gostam de mendigos feios e aleijados fazendo a cidade parecer suja, enquanto os Ladrões reais não são perturbados pela Purificação...

De trás deles, veio o rangido fraco e distante de uma porta. Akkarin girou o corpo para trás.

— É ela.

— Como você...

— Morren teria detido qualquer outra pessoa — Ele diminuiu quase por inteiro a luz da lanterna e olhou ao redor da sala. — Nenhuma outra saída — murmurou. Levantou o canto do pano ao redor da alcova. — Você consegue se encaixar aí?

Ela não se deu ao trabalho de responder. Virando-se, sentou-se na beirada da alcova e se projetou para trás. Quando dobrou as pernas no pequeno espaço, Akkarin deixou o pano cair e pressionou as tábuas de volta no lugar.

A escuridão completa se seguiu. Os batimentos de seu coração eram altos no silêncio. Então, Sonea se descobriu encarando linhas de estrelas brilhantes.

— Você de novo — uma mulher disse numa voz com um sotaque estranho. — Eu me perguntei quando você me daria outra chance de matá-lo.

As estrelas brilharam e Sonea sentiu a vibração da magia. Percebendo que os pontos de luz eram buracos no pano sujo de lama, Sonea se inclinou para a frente, esperando ver o quarto além.

— Você veio preparado — a mulher observou.

— É claro — Akkarin disse.

— Eu também vim — ela disse. — Sua cidade suja é um pouco menor agora.

E seu Clã logo terá um homem a menos.

Por um lugar no qual a lama seca que cobria o pano era fina e estava esfarelando, Sonea podia ver formas em movimento iluminadas por centelhas de luz. Ela arranhou o pano para soltar mais do tecido áspero.

— O que seu Clã vai dizer quando seu governante for encontrado morto? Eles vão descobrir o que o matou? Acho que não.

Sonea podia perceber uma silhueta agora. Uma mulher de camisa e calça de cores opacas estava parada num dos lados do quarto. Sonea não conseguia ver Akkarin, no entanto. Ela continuou raspando a cobertura de lama do pano, tentando conseguir uma visão melhor. Como ia aprender algo sobre lutar contra esses espiões se não podia ver a batalha?

— Eles não vão saber quem os está caçando — a sachakana continuou. — Eu estava pensando em entrar no Clã e enfrentá-los todos de uma vez, mas agora acho que vai ser mais divertido atraí-los e matá-los um por um.

— Recomendo a segunda opção — Akkarin respondeu. — Você não vai chegar longe, de outra forma.

A mulher riu.

— Não vou? — ela zombou. — Mas eu sei que Kariko está certo. Seu Clã não conhece a magia superior. São fracos e estúpidos... tão estúpidos que você precisa esconder deles o que sabe ou eles o matariam.

O quarto brilhou com luz decorrente dos ataques que se chocavam contra o escudo da mulher. Esta respondeu na mesma moeda. Um rangido veio de cima. Sonea viu a mulher andar para o alto, então dar um passo para o lado, em direção à alcova.

— Só porque não abusamos do nosso conhecimento de magia, não significa que somos ignorantes — Akkarin disse com calma. Ele apareceu no campo de visão de Sonea, mantendo uma posição oposta à da mulher.

— Mas eu vi a verdade nas mentes de seu povo — a mulher respondeu. — Sei por que você escolheu me caçar sozinho, por que você não deixa ninguém nos

ver lutando. Deixe-os ver isso então.

De repente, a sala foi preenchida pelo barulho ensurdecedor de madeira explodindo. Uma chuva de tábuas de madeira e tijolos de teto caiu do telhado, enchendo o ar de poeira. A mulher riu e se aproximou da alcova e de Sonea.

Então, parou quando outra queda fez os escombros despencarem bloqueando seu caminho. A sachakana foi jogada para trás contra uma parede lateral. Sonea sentiu o impacto do ataque de força de Akkarin pelo chão da alcova, e uma chuva de pó se despejou sobre suas costas.

A mulher se projetou para longe da parede, resmungou algo, então caminhou até os escombros... e os atravessou. Sonea piscou surpresa quando percebeu que tinha sido uma ilusão, depois seu coração disparou quando viu a mulher andando direto na direção dela.

Akkarin atacou a mulher, forçando-a a diminuir a velocidade. Quando esta parou em frente de seu depósito secreto, Sonea se descobriu encarando o ataque de Akkarin. Perturbada, colocou apressadamente um forte escudo em volta de si.

A sala vibrou conforme os dois magos atacaram um ao outro. Mais poeira caiu sobre as costas de Sonea. Esticando a mão, ela sentiu as vigas que sustentavam o teto da alcova começando a rachar e ceder. Alarmada, expandiu o escudo para dar apoio a elas.

Uma risada trouxe sua atenção de volta ao quarto. Espiando pelo pano, viu que Akkarin se afastava. Seus ataques não pareciam tão fortes. Ele deu um passo de lado em direção à porta.

“Ele está perdendo força”, ela percebeu de repente. Ela sentiu um frio no estômago enquanto ele se aproximava cada vez mais da porta.

— Você não vai fugir de mim dessa vez — a mulher disse.

Uma barreira preencheu a entrada. A expressão de Akkarin escureceu. A mulher parecia ficar mais ereta e alta. Em vez de avançar, ela deu alguns passos para trás e se virou em direção a Sonea.

Observando Akkarin, Sonea viu sua expressão mudar para horror e

preocupação. A mulher esticou o braço em direção à alcova, então parou quando ele jogou um poderoso ataque contra ela.

“Ele estava fingindo”, Sonea pensou de repente. “Ele estava tentando afastá-la de mim.” Mas, em vez de segui-lo, a mulher se aproximou da alcova. “Por quê? Ela sabe que estou aqui? Ou é outra coisa?”

Tateando, Sonea encontrou uma trouxa de pano. Mesmo no escuro, podia perceber que o material era de boa qualidade.

Ela criou um globo de luz fraca, minúsculo. Abrindo a trouxa, viu que era um xale de mulher. Quando ela o levantou, um pequeno objeto caiu das dobras. Um anel de prata.

Ela o pegou. Era um anel de homem, do tipo que os anciões de uma Casa usavam para indicar seu status. Um quadrado liso num lado tinha o incal da Casa Saril.

Então, a alcova explodiu numa tempestade de poeira e barulho.

Sonea sentiu que era jogada para trás. Encolhendo-se numa bola, ela se concentrou em sustentar o escudo ao redor dela. O peso que a empurrava para baixo aumentou, depois se tornou constante.

Então, tudo ficou parado. Abrindo os olhos, ela criou outro globo de luz minúsculo. Tudo ao seu redor era terra. Seu escudo estava amparando-a, formando um vazio esférico ao seu redor. Ela saiu da posição encolhida, rolou para ficar agachada e refletiu sobre sua situação.

Ela estava enterrada. Embora pudesse manter o escudo por um tempo, o ar dentro dele não ia durar muito. Não seria difícil abrir um caminho para fora. Mas, uma vez que o fizesse, não estaria mais escondida.

“Então, devo permanecer aqui tanto quanto possível”, ela decidiu. “Não vou conseguir ver mais da luta, mas isso não dá para evitar.”

Pensando no que havia observado, ela balançou negativamente a cabeça. A batalha não havia sido nada como Akkarin previra. A mulher era mais forte do que o espião costumeiro. Sua atitude não era de uma escrava e ela se referia aos

ichanis como “nós”, não “meus mestres”, como o espião anterior havia feito. Era habilidosa na luta. Os ex-escravos enviados para Kyralia não tinham tempo de ganhar habilidades de luta.

Se essa mulher não era uma escrava, então só havia uma outra coisa que ela podia ser.

“Ichani”.

O estômago de Sonea se contraiu com essa percepção. Akkarin estava lutando contra uma ichani. Ela se concentrou e descobriu que podia sentir a vibração de sua magia em algum lugar próximo. A batalha ainda estava acontecendo.

A pressão sobre seu escudo começou a diminuir. Olhando para cima, viu um pequeno buraco aparecer onde o solo estava caindo de cima de seu escudo. O buraco se alargou enquanto ela observava que mais terra caía.

Uma vista da sala começou a emergir. Ela se aprumou e prendeu a respiração horrorizada. A mulher sachakana estava parada a apenas alguns passos de distância.

Alarmada, Sonea reduziu o tamanho de seu escudo, mas isso só fez com que a terra caísse mais rápido. Quando isso aconteceu, ela conseguiu ver Akkarin. Seus olhos acompanhavam os dela, mas sua expressão não mudou. Ele começou a seguir em frente.

Sonea se curvou dentro de seu escudo, observando sem poder fazer nada as costas da mulher sachakana conforme a terra continuou a cair para os lados. Ela não ousava se mover para o caso de a mulher ouvir algo e se virar. A sachakana deu um passo para trás conforme Akkarin se aproximou. Seu corpo estava rígido de concentração.

Sonea sentiu a magia de Akkarin resvalar contra seu escudo quando ele circundou a mulher com uma barreira e tentou puxá-la para a frente. Mas a mulher quebrou seu domínio e deu outro passo para trás. Conforme o escudo da mulher se aproximou, Sonea puxou o seu para dentro, a fim de evitar contato. O escudo da mulher agora zunia a uma mão de distância de Sonea. Mais um passo e ela iria descobri-la.

“Ela pode me detectar”, Sonea pensou. “Se eu eliminar meu escudo, o dela deve deslizar sobre mim sem ela perceber.”

O escudo da mulher consistia num globo, que era a forma mais fácil de manter. Um escudo em forma de globo protegia os pés de um mago mergulhando-o um pouco abaixo do solo, mas, para ser forte o suficiente para aguentar um ataque subterrâneo, ele não poderia se mover pelo chão. A todos os aprendizes ensinava-se como enfraquecer a parte do escudo que cobria um obstáculo ou o terreno conforme se moviam, e então fortalecê-lo assim que estivessem parados de novo.

Se essa mulher tivesse o mesmo hábito, ela poderia deixar o escudo deslizar sobre Sonea, achando que esta era um mero obstáculo, quando ela se movesse para trás de novo.

“Mas ela *vai* me notar. Ela vai sentir minha presença.”

Sonea prendeu a respiração. “Mas eu vou estar *dentro* do escudo dela! Por um instante, antes de ela perceber o que aconteceu, ela vai estar indefesa. Só preciso de algo para...”

Os olhos de Sonea percorreram o chão. Uma lasca de madeira da alcova estava meio enterrada próximo. Enquanto ela pensava no que pretendia fazer, seu coração acelerou ainda mais. Ela respirou fundo silenciosamente e esperou a mulher dar um passo para trás de novo. Não teve que aguardar muito.

Quando o escudo passou sobre ela, Sonea agarrou o pedaço de madeira, levantou-se e fez um corte na parte de trás do pescoço da mulher. A mulher começou a se virar, mas Sonea havia antecipado isso. Ela pressionou a outra mão contra a ferida e concentrou toda a vontade em extrair energia para dentro de si tão rápido quanto possível.

A mulher arregalou os olhos com uma percepção aterrorizada. Seu escudo desapareceu e os joelhos ficaram bambos. Sonea quase a soltou, mas rapidamente enrolou o braço livre ao redor da cintura dela. A sachakana era pesada demais no entanto, e Sonea deixou-a afundar no chão.

Poder despejou-se sobre Sonea, que então parou de forma abrupta. Ela tirou a

mão do pescoço da mulher e esta caiu de bruços. Os olhos da sachakana encararam, vazios, o nada.

“Morta.” Uma onda de alívio tomou conta de Sonea. “Funcionou”, ela pensou. “Realmente funcionou.”

Então ela olhou para sua mão. À luz da lua que atravessava o teto arruinado, o sangue que cobria sua palma pareceu negro. Um horror gelado tomou conta dela. Ela cambaleou, pondo-se de pé.

“Acabei de matar alguém com magia negra.”

Tonta de repente, ela cambaleou para trás. Sabia que estava respirando rápido demais, mas não podia evitar. Mãos agarraram seus ombros e a impediram de cair.

— Sonea — uma voz disse. — Respire fundo. Segure o ar. Deixe sair.

Akkarin. Ela tentou fazer como ele dissera. Foram necessárias algumas tentativas. De algum lugar, ele tirou um pano e limpou sua mão.

— Não é agradável, é?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Não é para ser.

Ela balançou a cabeça de novo. Sua mente girava com pensamentos contraditórios.

“Ela teria me matado. Se eu não a tivesse matado. Ela teria matado outros. Por que eu me sinto tão mal de saber que fiz isso?”

“Talvez porque isso me faz um pouco mais como eles.”

“E se não houver mais espiões para matar e Takan não for suficiente, e eu tiver de procurar outras formas para me fortalecer para lutar contra os ichanis? Vou começar a assolar as ruas, matando ladrões e trombadinhas ocasionais? Vou usar a defesa de Kyralia como desculpa para atacar os inocentes?”

Sonea balançou a cabeça negativamente para a mistura confusa de emoções que sentia. Ela nunca tinha tido tantas dúvidas antes.

— Olhe para mim, Sonea.

Ele a virou. Ela correspondeu a seu olhar de forma relutante. Ele esticou o braço e ela o sentiu puxar algo de maneira delicada de seu cabelo. Um pedaço de pano caiu de sua mão para o chão.

— Não é uma escolha fácil a que você fez — ele disse. — Mas você precisa aprender a confiar em si mesma. — Ele olhou para cima. Seguindo seu olhar, ela notou que a lua cheia podia ser vista no meio do buraco no teto.

“O Olho”, Sonea pensou. “Está aberto. Ou ele me deixou fazer isso porque isso não é maligno, ou eu vou me afundar na loucura.”

“Mas eu não acredito em superstições tolas”, ela lembrou a si mesma.

— Precisamos sair daqui rápido — ele disse. — Os Ladrões vão se livrar do corpo.

Sonea concordou com a cabeça. Quando Akkarin se afastou, ela esticou a mão para alisar o cabelo. O couro cabeludo formigou onde ele a havia tocado. Desviando os olhos do corpo da mulher morta, ela o seguiu para fora da sala.

Capítulo 14

A Testemunha

Alguma coisa pressionava gentilmente as costas de Cery. Algo quente. Uma mão.

A mão de Savara, ele percebeu.

O toque o trouxe de volta para o presente. Ele percebeu que tinha permanecido num estado de estupefação. No momento em que Sonea matara a mulher sachakana, o mundo virara de cabeça para baixo para ele. Ele não conseguia pensar em mais nada além do que ela tinha feito.

Bem, quase nada. Savara havia dito algo. Ele franziu as sobrancelhas. Algo sobre Akkarin ter uma aprendiz. Ele se voltou para olhar a mulher ao seu lado.

Ela deu um sorriso torto.

— Você não vai me agradecer?

Ele olhou para baixo. Eles estavam sentados numa seção do teto que ainda permanecia intacta. O topo do Buraco parecia um bom lugar de onde observar a batalha. O telhado era feito de pedaços de madeira e um ou outro pedaço de tijolo rachado, deixando várias lacunas. Contanto que mantivessem seu peso nas vigas, estariam bem seguros.

Infelizmente, nem Cery nem Savara consideraram a possibilidade de os combatentes destruírem o local onde eles estavam empoleirados.

Quando o teto ruiu, no entanto, algo impediu Cery de cair. Antes de ele poder entender como era possível que ele e Savara pudessem estar flutuando no ar, eles passaram para a área restante do teto, fora da vista dos lutadores abaixo.

Tudo sobre Savara agora de repente fazia sentido: como ela sabia quando um novo assassino chegara, como ela sabia tanto sobre as pessoas com quem o

Lorde Supremo estava lutando e por que ela era tão confiante de que podia ela mesma matar esses assassinos.

— Quando você ia me contar? — ele perguntou.

Ela deu de ombros.

— Quando você confiasse em mim o suficiente. Eu poderia acabar como ela se tivesse lhe contado no início. — Olhou para o cadáver que Gol e seus assistentes estavam arrastando.

— Você ainda pode — ele disse. — *Está* ficando difícil saber a diferença entre vocês, sachakanos.

Os olhos dela faiscaram de raiva, mas a voz estava calma quando respondeu.

— Nem todos os magos no meu país são como os ichanis, Ladrão. Nossa sociedade tem muitos grupos... facções... — Ela balançou a cabeça negativamente demonstrando frustração. — Vocês não têm uma palavra que realmente sirva para designar isso. Os ichanis são párias, enviados para a terra desolada como punição. São o pior do meu país. Não julgue todos nós por eles.

— Meu próprio povo sempre temeu que os ichanis se juntassem um dia, mas não temos influência sobre o Rei e não podemos persuadi-lo a parar com essa tradição de banimento para a terra desolada como punição. Nós os vigiamos por muitas centenas de anos e matamos aqueles que têm mais probabilidade de controlar outros. Tentamos evitar o que está acontecendo aqui, mas precisamos tomar cuidado para não sermos descobertos, pois muitos em Sachaka só precisam de uma pequena desculpa para nos atacar.

— O que está acontecendo aqui?

Ela hesitou.

— Não sei ao certo quanto posso lhe contar. — Para a diversão de Cery, ela começou a morder os lábios como uma criança questionada por seu pai. Com o riso dele, ela o olhou e franziu a testa. — O quê?

— Você não me parece o tipo que pede a autorização de alguém.

Ela devolveu o olhar dele com firmeza, então olhou para baixo. Seguindo seu olhar, Cery viu que Gol e o corpo haviam desaparecido.

— Você não esperava vê-la, não é? — ela disse suavemente. — Não lhe perturba ver seu amor perdido matar outra pessoa?

Ele a encarou, de repente incomodado.

— Como sabia disso?

Ela sorriu.

— Está no seu rosto, quando você a vê ou fala dela.

Ele olhou para o quarto. Uma imagem de Sonea saltando por cima da mulher passou em um instante por sua mente. O rosto dela estava cheio de determinação. Ela havia percorrido um longo caminho desde os tempos da garota insegura que ficara tão consternada por ter habilidades mágicas.

Ele então se lembrou de como a expressão no rosto dela havia mudado quando Akkarin sacudira algo de seu cabelo.

— Ela era uma paixão de infância — ele disse a Savara. — Eu sabia há um bom tempo que ela não era para mim.

— Não, você não sabia — ela disse, fazendo o teto ranger quando colocou seu peso em outra perna. — Só descobriu isso hoje à noite.

Ele se virou para encará-la.

— Como você pode...

Para sua surpresa, ela se aproximou mais dele. Quando ele se virou para olhá-la, ela colocou uma das mãos atrás de sua cabeça, puxou-o mais para perto e o beijou.

Seus lábios eram quentes e fortes. Ele sentiu o calor percorrer-lhe o corpo. Esticando o braço, tentou puxá-la para mais perto, mas o pedaço de madeira em que ele estava sentado deslizou de lado e ele sentiu que estava perdendo o equilíbrio. Seus lábios se separaram quando ele começou a cair para trás.

Algo o aprumou. Ele reconheceu o toque da magia. Savara deu um sorriso

levado, inclinou-se para a frente e agarrou-lhe a camisa. Ela deixou o ombro cair sobre o teto e o puxou sobre ela, os apoios rangendo de maneira alarmante enquanto eles rolavam para mais longe da área danificada. Quando pararam, ela estava de pé em cima dele. Ela sorriu, o sorriso sensual de tirar o fôlego que sempre fazia o pulso dele disparar.

— Bem — ele disse. — Isso é bom.

Ela riu baixinho, então inclinou-se para beijá-lo de novo. Ele hesitou apenas por um instante, conforme um sentimento, como uma premonição, tocou a fronteira de seus pensamentos.

“O dia em que Sonea descobriu sua magia, ela pertencia a outro lugar. Savara tem magia também. E ela já pertence a outro lugar...”

Mas naquele momento, ele não se importava com isso.

Lorlen franziu a testa e piscou os olhos. Seu quarto estava quase todo escuro. A luz da lua cheia se refletia nas telas de proteção da janela, de maneira que elas brilhavam de leve, fazendo os símbolos dourados do Clã aparecerem como nítidas formas negras no papel fino.

Então ele percebeu por que ele estava acordado. Alguém batia com força na porta.

“Que horas são?”, pensou. Sentando-se, esfregou os olhos numa tentativa de afastar o sono. As batidas continuaram. Ele suspirou, levantou-se, e andou cambaleante do quarto até a porta principal de seus aposentos.

Lorde Osen estava parado lá fora, parecendo desgrenhado e desvairado.

— Administrador — ele suspirou. — Lorde Jolen e sua família foram assassinados.

Lorlen encarou o assistente. Lorde Jolen. Um dos Curadores. Um homem jovem, recentemente casado. “Assassinados?”

— Lorde Balkan mandou chamar os Magos Superiores — Osen disse num

tom urgente. — Deve encontrá-los no Salão do Dia. Gostaria que eu voltasse, enquanto se veste, e dizer que está a caminho?

Lorlen olhou para suas roupas de dormir.

— É claro.

Osen concordou com a cabeça, depois se apressou em sair. Lorlen fechou a porta e caminhou de volta ao quarto. Tirou uma túnica azul do armário e começou a se trocar.

Jolen estava morto. E sua família também. Assassinados, de acordo com Osen. Lorlen franziu as sobrancelhas conforme sua mente se enchia de perguntas. *Como* era possível? Magos não eram fáceis de matar. O assassino era bem instruído ou esperto, ou era outro mago. "Ou pior", ele pensou. "Um mago negro."

Olhou para seu anel quando as possibilidades horríveis começaram a se formar em sua mente.

"Não", ele disse a si mesmo. "Espere até ouvir os detalhes."

Ele ajeitou o cinturão da túnica, depois saiu apressado. Uma vez fora dos Aposentos dos Magos, andou pelo pátio até o prédio chamado de Os Sete Arcos. A sala mais à esquerda desse prédio era o Salão da Noite, onde se realizava a reunião social semanal dos magos. A sala no centro era o Salão do Banquete. No lado direito do prédio, ficava o Salão do Dia, lugar criado para receber e entreter convidados importantes.

Ao entrar, Lorlen piscou devido ao brilho súbito. O Salão da Noite era todo azul-escuro e prata, mas, em contraste, o Salão do Dia era decorado em tons de branco e dourado, agora iluminados por vários globos de luz. O efeito era forte.

Sete homens se encontravam no centro da sala. Lorde Balkan e Lorde Sarrin acenaram com a cabeça para Lorlen. O Diretor Jerrik conversava com os dois Chefes de Estudos, Peakin e Telano. Lorde Osen estava parado perto do único homem que não usava túnica.

Quando Lorlen reconheceu o Capitão Barran, seu coração parou. Um mago

estava morto e o capitão que investigava os assassinatos estranhos estava ali. Talvez a situação fosse mesmo tão ruim quanto ele temia.

Balkan deu um passo à frente para cumprimentá-lo.

— Administrador.

— Lorde Balkan — Lorlen respondeu. — Imagino que vai querer que eu guarde minhas perguntas até que *Lady* Vinara, o Administrador Kito e o Lorde Supremo cheguem.

Balkan hesitou.

— Sim. Mas não convoquei o Lorde Supremo. Meus motivos serão explicados logo.

Lorlen esforçou-se em parecer surpreso.

— Não convocou Akkarin?

— Não ainda.

Eles se viraram quando a porta se abriu. Um mago pertencente ao povo vindo entrou. O papel de Kito como Administrador Expatriado o mantinha fora do Clã e de Kyralia na maior parte do tempo. Ele havia retornado de Vin apenas alguns dias atrás para lidar com o mago renegado que Dannyl estava trazendo para julgamento.

Lorlen relembrou a previsão de Akkarin: “O Clã vai perder interesse no assassino assim que o Embaixador Dannyl chegar com o renegado, Lorlen”.

“Se for tão ruim quanto eu temo”, Lorlen pensou, “acho que vai acontecer exatamente o inverso.”

Enquanto Balkan cumprimentava Kito, o Capitão Barran se aproximou de Lorlen. O jovem guarda conseguiu dar um sorriso severo.

“Boa noite, Administrador. Essa é a primeira vez que o Clã traz um assassinato à minha atenção, em vez do contrário.”

— Verdade? — Lorlen respondeu. — Quem o informou?

— Lorde Balkan. Parece que Lorde Jolen conseguiu se comunicar com ele brevemente antes de morrer.

O coração de Lorlen disparou. Será que Balkan sabia quem era o assassino, então? Quando se virou para encarar o Guerreiro, a porta do Salão do Dia se abriu de novo e *Lady* Vinara entrou a passos largos na sala.

Ela olhou para os rostos ao redor, notando quem estava presente, então fez um aceno com a cabeça para si mesma.

— Vocês estão todos aqui. Bom. Eu acho que seria bom sentarmos. Temos uma situação séria e chocante para enfrentar.

Cadeiras nas laterais da sala flutuaram para o centro. A expressão do Capitão Barran era uma mistura de fascinação e assombro enquanto ele observava as cadeiras arrumarem-se sozinhas num círculo. Depois que todos se sentaram, Vinara olhou para Balkan.

— Acho que Lorde Balkan deveria começar — ela disse. — Pois ele foi o primeiro a ser alertado dos assassinatos.

Balkan acenou com a cabeça concordando. Olhou ao redor do círculo.

— Duas horas atrás minha atenção foi capturada por um chamado mental de Lorde Jolen. Era muito tênue, mas ouvi meu nome e detectei grande medo. Quando me concentrei nele, no entanto, tudo que captei foi a identidade de quem estava chamando e uma sensação de ele estar sendo machucado por outro, com magia, antes de a comunicação se encerrar de forma abrupta. Tentei chamar Lorde Jolen, mas não recebi nenhuma resposta. Informei *Lady* Vinara dessa comunicação, e ela me contou que Lorde Jolen estava ficando com sua família na cidade. Ela também não conseguiu contatá-lo, então resolvi visitar a casa da família. Quando cheguei, nenhum criado veio abrir a porta. Eu a destravei e me deparei com uma terrível cena lá dentro.

A expressão de Balkan tornou-se sombria.

— Todos os moradores haviam sido mortos. Procurei pela casa, encontrando os corpos da família de Jolen e dos servos durante a busca. Examinei as vítimas, mas não consegui encontrar nada além de arranhões e feridas. Então, achei o

corpo de Jolen.

Ele parou, e Lorde Telano fez um barulho expressando sua confusão.

— Seu *corpo*? Como ele podia ainda estar inteiro? Ele exauriu sua energia?

Vinara, Lorlen viu, estava encarando o chão, balançando a cabeça negativamente.

— Chamei, então, Vinara para pedir que ela viesse e examinasse as vítimas — Balkan continuou. — Depois de ela chegar, corri até a Casa da Guarda para ver se tinham recebido algum relatório de atividade estranha na área. O Capitão Barran estava lá, tendo acabado de interrogar uma testemunha. — Balkan fez uma pausa. — Capitão, acho que você deveria relatar sua história para nós.

O jovem guarda olhou ao redor do círculo, depois pigarreou.

— Sim, meus lordes... e *lady*. — Ele pressionou uma das mãos contra a outra. — Com o aumento dos assassinatos, entrevistei muitas testemunhas recentemente, mas poucas tinham visto algo útil. Algumas pessoas vinham na esperança de que algo que elas tivessem visto... digamos, um estranho andando em sua rua à noite... pudesse ser relevante. A história dessa mulher era muito parecida com essas, mas havia um elemento que se destacava. Ela estava andando tarde da noite depois de entregar frutas e verduras para uma das casas no Círculo Interno. Na metade do caminho, ouviu gritos dentro de uma casa... a residência da família de Lorde Jolen. Ela decidiu se apressar, mas, quando estava chegando à casa seguinte, ouviu um barulho atrás dela. Ela ficou assustada e se enfiou na sombra de uma entrada. Olhando para trás, viu um homem emergir da entrada dos criados da casa que ela havia acabado de passar.

Barran fez uma pausa e olhou ao redor do círculo.

— Ela disse que esse homem usava a túnica de um mago. Uma túnica negra de mago.

Os Magos Superiores franziram a testa e trocaram olhares. Todos, com exceção de Balkan e Osen, pareciam em dúvida, Lorlen notou. Vinara não se mostrava surpresa.

— Ela tinha certeza que era negra? — Sarrin perguntou. — Qualquer cor pode parecer negra na escuridão.

Barran concordou.

— Fiz a ela a mesma pergunta. Ela tinha certeza. Ele passou em frente à entrada em que ela estava se escondendo. Ela descreveu uma túnica negra, com um incal na manga.

As expressões mudaram de ceticismo para alarme. Lorlen encarou Barran. Ele mal podia respirar.

— Com certeza n... — Sarrin começou, mas se quedou silencioso quando Balkan gesticulou para que ele esperasse.

— Prossiga, Capitão — Balkan disse num tom calmo. — Conte-nos o resto.

Barran concordou com a cabeça.

— Ela disse que suas mãos estavam cobertas de sangue, e ele estava carregando uma faca. Ela a descreveu bem. Uma lâmina curvada, com pedras preciosas no cabo.

Uma longa pausa se seguiu, então Sarrin respirou fundo.

— Até que ponto essa testemunha é confiável? Você pode trazê-la aqui?

Barran fez um movimento com os ombros.

— Peguei seu nome e anotei o local de trabalho no seu passe. Para dizer a verdade, não tinha dado nenhum crédito à história dela até ter ouvido falar do que Lorde Balkan descobriu na casa. Agora, eu gostaria de ter feito mais perguntas, ou de tê-la mantido na Casa da Guarda por mais tempo.

Balkan balançou a cabeça positivamente.

— Ela vai ser encontrada de novo. Agora... — Ele se virou para Vinara. — Talvez seja hora de ouvir o que *Lady* Vinara descobriu.

A Curadora se aprumou.

— Sim, temo que seja. Lorde Jolen estava vivendo com sua família para poder

cuidar da irmã, que vinha tendo uma gravidez difícil. Investiguei seu corpo primeiro e fiz duas descobertas perturbadoras. A primeira... — ela enfiou a mão na túnica e tirou um pedaço de pano preto bordado com um fio dourado — ... foi isso, que ele estava segurando com a mão direita.

Quando ela levantou o pano, Lorlen gelou completamente. O bordado formava parte de um símbolo que era familiar demais para ele: o incal do Lorde Supremo. Os olhos de Vinara piscaram em direção aos dele e ela franziu a testa com preocupação e compaixão.

— Qual foi a segunda descoberta? — Balkan perguntou, com voz baixa.

Vinara hesitou, então respirou fundo.

— O motivo pelo qual o corpo de Lorde Jolen ainda existe é porque ele foi completamente drenado de energia. A única ferida em seu corpo foi um corte raso num lado do pescoço. Os outros corpos tinham indicadores semelhantes. Fui ensinada por meu predecessor a reconhecer esses indicadores. — Ela fez uma pausa e olhou ao redor do círculo. — Lorde Jolen, sua família e seus criados foram mortos com magia negra.

Suspiros e exclamações se seguiram, depois houve um longo silêncio, conforme as implicações começavam a passar pela cabeça dos presentes. Lorlen quase conseguia ouvi-los pensando sobre a força de Akkarin e pesando as chances de o Clã derrotá-lo em batalha. Ele viu medo e pânico em seus rostos.

Ele se sentiu estranhamente calmo e... aliviado. Por mais de dois anos, tinha carregado o fardo do segredo do crime de Akkarin. Agora, para melhor ou para a pior, o Clã havia descoberto o segredo por si mesmo. Ele olhou ao redor para os Magos Superiores. Deveria admitir que conhecia o crime de Akkarin? “Só se eu tiver que fazer isso”, pensou.

Então, o que deveria fazer? O Clã não estava mais forte, e Akkarin, se fosse culpado desse crime, com certeza não estava mais fraco. Ele sentiu um medo familiar afastar seu alívio.

“Para proteger o Clã, devo fazer qualquer coisa para evitar um confronto entre o Clã e Akkarin. Mas se Akkarin fez isso... Não, ele pode não ter feito. Sei que

outros magos negros estão matando kyralianos.”

— O que vamos fazer? — Telano perguntou numa voz débil.

Todos se voltaram para encarar Balkan. Lorlen sentiu uma minúscula pontada de indignação com isso. Não era ele o líder do Clã, na ausência de Akkarin? Então, Balkan olhou para ele ansioso, e ele sentiu um desgosto amargo quando o peso familiar de seu cargo se estabeleceu sobre ele.

— O que sugere, Administrador? Você o conhece melhor.

Lorlen se forçou a sentar um pouco mais ereto. Ele havia ensaiado por muitas vezes o que ia dizer a eles nessa situação .

— Precisamos tomar cuidado — ele avisou. — Se Akkarin é o assassino, estará ainda mais forte agora. Sugiro que consideremos isso com bastante cuidado antes de confrontá-lo.

— Quão forte ele é? — perguntou Telano.

— Ele facilmente superou vinte dos nossos magos mais fortes quando o testamos para o cargo de Lorde Supremo — respondeu Balkan. — Com magia negra, não há maneira de sabermos quão forte ele é como mago.

— Por quanto tempo ele a vem praticando, eu me pergunto? — disse Vinara num tom sombrio. Ela olhou para Lorlen. — Você alguma vez percebeu algo estranho em relação à Akkarin, Administrador?

Lorlen não precisou fingir que achava a pergunta curiosa.

— Estranho? Akkarin? Ele sempre foi muito misterioso e reservado, mesmo para mim.

— Ele pode estar praticando há anos — Sarrin murmurou. — Quão forte isso o torna?

— O que me incomoda é como ele conseguiu esse conhecimento — Kito acrescentou num tom baixo. — Ele aprendeu durante suas viagens?

Lorlen suspirou quando eles começaram a discutir todas as possibilidades que ele havia considerado desde que descobrira a verdade por si mesmo. Deu a eles

algum tempo e, então, bem quando estava pensando em interromper, Balkan levantou a voz.

— Por enquanto, não importa como ou onde ele aprendeu magia negra. O que importa é se podemos derrotá-lo num confronto.

Lorlen concordou com a cabeça.

— Tenho dúvidas sobre nossas chances. Eu acho, talvez, que seria melhor mantermos isso para nós mesmos...

— Você está sugerindo que ignoremos isso? — Peakin exclamou. — Deixar um mago negro como chefe de nosso Clã?

— Não. — Lorlen balançou negativamente a cabeça. — Mas precisamos de tempo para pensar em como podemos removê-lo de maneira segura se, de fato, ele for o assassino.

— Nós não estamos ficando mais fortes — Vinara destacou. — Ele está.

— Lorlen está certo. Um planejamento cuidadoso é essencial — Balkan retrucou. — Fui ensinado por meu predecessor sobre a maneira certa de enfrentar um mago negro. Não é fácil, mas também não é impossível.

Lorlen sentiu uma pontada de interesse e esperança. Se pelo menos ele tivesse sido capaz de consultar o Guerreiro antes de Akkarin ter descoberto que sabia seu segredo. Talvez eles tivessem uma chance de eliminar Akkarin no final das contas.

Ele se segurou, então. Realmente queria Akkarin morto? “E se ele *realmente* tivesse matado Jolen e os moradores de sua casa? Não merecia ser punido por isso?”

“Sim, mas tínhamos que ter certeza que fora ele”.

— Nós também devemos considerar a possibilidade de que ele possa não ser o assassino. — Lorlen disse, olhando em seguida para Balkan. — Temos o relato de uma testemunha e um pedaço de pano. Poderia outro mago ter se vestido como Akkarin? Poderia ele ter colocado esse pedaço de tecido na mão de Jolen? — Algo ocorreu a Lorlen então. — Deixe-me vê-lo de novo.

Vinara entregou o retalho. Lorlen balançou a cabeça positivamente enquanto o examinava.

— Olhe, ele foi cortado, não rasgado. Se Jolen foi capaz de fazer isso, teria de ter uma lâmina de algum tipo. Por que não apenas golpear seu atacante em vez disso? E é estranho, vocês não acham, que o assassino não tenha percebido que sua manga havia sido cortada? Um assassino inteligente não deixaria tal evidência para trás... nem vaguearia pela rua carregando a arma que usara.

— Então você acha que pode ter sido outro mago do Clã, tentando nos convencer de que Akkarin é culpado de seus crimes? — Vinara perguntou, franzindo a testa. — Imagino que seja possível.

— Ou um mago que não é do Clã — Lorlen acrescentou. — Se Dannyl pôde encontrar um renegado em Elyne, é possível que existam outros.

— Não vemos nenhuma outra evidência de um mago renegado em Kyralia — Sarrin protestou. — E renegados costumam ser destreinados e ignorantes. Como um renegado aprenderia magia negra?

Lorlen deu de ombros.

— Como qualquer mago aprende magia negra? Em segredo, obviamente. Podemos não gostar da ideia, mas quer o assassino seja Akkarin, quer seja outra pessoa, ele aprendeu magia negra de algum jeito.

Os outros fizeram uma pausa para pensar nisso.

— Então, talvez Akkarin não seja o assassino — disse Sarrin. — Se ele não for, sabe que precisamos investigar da maneira costumeira, e vai cooperar conosco.

— Mas, se ele for, pode nos atacar — Peakin acrescentou.

— O que devemos fazer?

Balkan se levantou e começou a andar pela sala.

— Sarrin está certo. Se ele for inocente, vai cooperar. Se for culpado, no entanto, acredito que devemos agir agora. O número de mortes que ocorreram

hoje à noite, sem esforço para esconder as evidências, tem o jeito das preparações de um mago negro que está planejando uma luta. Precisamos confrontá-lo agora, ou pode ser tarde demais.

O coração de Lorlen disparou.

— Mas você disse que precisava de tempo para planejar.

Balkan deu um sorriso sério.

— Eu disse que planejamento cuidadoso faz toda a diferença. É parte das minhas obrigações como Chefe dos Guerreiros me assegurar de que sempre estamos prontos para encarar tal perigo. A chave para o sucesso, de acordo com meu predecessor, é pegar o inimigo de surpresa, quando ele está isolado de seus aliados. Meu servo me informou que apenas três pessoas permanecem na Residência do Lorde Supremo à noite. Akkarin, seu criado e Sonea.

— Sonea! — Vinara exclamou. — Qual é o papel dela nisso?

— Ela não gosta dele — Osen disse. — Eu até diria que ela o odeia.

Lorlen olhou surpreso para seu assistente.

— Como assim? — perguntou Vinara.

Osen deu de ombros.

— Observei isso quando ela se tornou sua favorita. Mesmo agora, ela não gosta de estar em sua companhia.

Vinara parecia pensativa.

— Eu me pergunto se ela sabe algo. Ela pode ser uma testemunha valiosa.

— E aliada — Balkan acrescentou. — Contanto que ele não a mate para tomar sua força.

Vinara estremeceu.

— Então, como vamos separá-los?

Balkan sorriu.

— Eu tenho um plano.

O guia para a viagem de retorno por meio de passagens subterrâneas era o mesmo garoto de olhar duro. Enquanto o seguiam, Sonea sentiu o turbilhão de seus pensamentos se assentar numa calma razoável. Quando o guia os deixou, estava cheia de novas perguntas.

— Ela era ichani, não era?

Akkarin lançou-lhe um olhar.

— Sim, uma mais fraca. Não consigo imaginar como Kariko a persuadiu a vir aqui. Uma propina, talvez, ou chantagem.

— Eles vão mandar outros como ela?

Ele pensou.

— Talvez. Eu queria ter tido a oportunidade de ler sua mente.

— Desculpe por isso.

Sua boca se curvou para cima num dos lados.

— Não peça desculpas. Prefiro que esteja viva.

Ela sorriu. Durante a jornada de volta, ele parecia estar distante e pensativo. Agora, ele mostrava-se ansioso em retornar. Ela o seguiu pela passagem. Eles alcançaram a alcova preenchida com pedras. Quando Akkarin as encarou, as pedras começaram a formar uma escada. Sonea esperou até que o ranger de pedra contra pedra acabasse antes de fazer sua próxima pergunta.

— Por que ela tinha um anel da Casa Saril e uma manta cara na alcova?

— Ela tinha? Eu...

Seu olhar se virou para um lugar além dela. A mesma cara pensativa que ele tinha usado durante a última hora retornou. Então, sua expressão se fechou.

— O que foi? — ela perguntou.

Ele levantou uma das mãos para silenciá-la. Enquanto Sonea observava, respirou fundo e seus olhos se arregalaram. Ele então disse um xingamento que

ela achava que só moradores da favela conheciam.

— O que foi? — ela repetiu.

— Os Magos Superiores estão em minha residência. Na sala subterrânea.

A respiração dela ficou presa na garganta. Um frio tomou conta de seu corpo.

— Por quê?

O olhar de Akkarin estava fixo em algum lugar além das paredes da passagem

— Lorlen...

Sonea sentiu o estômago dar um nó. Lorlen não podia ter decidido juntar o Clã contra Akkarin.

Algo na expressão de Akkarin manteve todas as perguntas de Sonea travadas na garganta. Ele estava se esforçando para pensar, ela imaginou. Fazendo escolhas difíceis. Por fim, depois de um longo silêncio, inspirou fundo e soltou o ar lentamente.

— Tudo muda a partir daqui — ele disse, olhando para ela. — Você precisa fazer o que eu disser, não importa quão difícil ache isso.

Sua voz estava baixa e tensa. Ela concordou com a cabeça e tentou conter um medo crescente.

Akkarin subiu a escada até eles ficarem face a face.

— Lorde Jolen foi assassinado hoje à noite, com sua família e criados, provavelmente pela mulher que você acabou de matar. É por isso que ela estava com um xale e um anel da Casa Saril, troféus, eu suspeito. Vinara encontrou um retalho da minha túnica na mão de Jolen... sem dúvida cortada da minha manga pela ichani durante nosso primeiro confronto, e ela reconheceu que as mortes foram causadas por magia negra. Uma testemunha viu alguém vestido como eu deixar a casa carregando uma faca. — Ele desviou o olhar. — Eu me pergunto onde a ichani conseguiu a túnica e onde a colocou...

Sonea o encarou.

— Então, o Clã acha que você é o assassino.

— Eles estão considerando a possibilidade, sim. Balkan decidiu corretamente que, se eu for inocente, vou cooperar, e, se for culpado, devo ser confrontado sem demora. Eu estava considerando como iria lidar com isso, e o que você deveria fazer e dizer, quando a situação acabou de mudar.

Ele fez uma pausa e deu um suspiro profundo.

— Balkan sabiamente planejava me isolar de você e de Takan. Ele enviou um mensageiro com notícias da morte de Jolen e uma convocação para reunir os Magos Superiores. Quando soube que eu não estava na residência, chamou você. Ele não havia discutido com os outros o que faria se você não estivesse lá também, então presumi que faria isso em seguida, e eu ouviria suas intenções por meio de Lorlen. Mas ele devia já ter formado um plano. — Akkarin franziu a testa. — É claro que ele tinha.

Sonea balançou negativamente a cabeça.

— Isso vem ocorrendo há um tempo no nosso caminho de volta, não?

Akkarin concordou com a cabeça.

— Eu não podia dizer nada com nosso guia presente.

— O que Balkan fez?

— Ele voltou para a residência e fez uma busca nela.

Sonea gelou quando pensou nos livros e objetos que Balkan poderia encontrar na sala subterrânea.

— Oh.

—Sim. Oh. Eles não invadiram a sala subterrânea de início. Mas depois que encontraram os livros sobre magia negra no seu quarto, ficaram ainda mais determinados a vasculhar cada canto.

O sangue de Sonea virou gelo. Livros sobre magia negra. No quarto dela.

“Eles sabem.”

O futuro que ela havia imaginado passou em um instante diante de seus olhos. Mais dois anos de treinamento, formatura, escolher uma disciplina, talvez

persuadir os Curadores a ajudar os pobres, talvez até convencer o Rei a parar a Purificação.

Nada disso ia acontecer. Nunca.

O Clã sabia que ela havia buscado conhecimento de magia negra. A punição para esse crime seria a expulsão. Se eles soubessem que ela havia aprendido magia negra e a usado para matar...

Mas ela tinha feito isso, e arriscado seu futuro, por um bom motivo. De qualquer forma, se os ichanis invadissem Kyralia, a formatura ou o fim da Purificação nunca iriam acontecer mesmo.

“Rothen vai ficar muito, muito desapontado.”

Com esforço, ela afastou esse pensamento. Precisava refletir. Agora que o Clã sabia, o que eles deviam fazer? Como ela e Akkarin iriam continuar a luta contra os ichanis?

Estava claro que não podiam retornar ao Clã. Eles teriam que se esconder na cidade. Evitar serem descobertos pelos do Clã iria tornar tudo mais difícil, mas não impossível. Akkarin conhecia os Ladrões. Ela tinha algumas conexões úteis também. Ela olhou para Akkarin.

— O que vamos fazer agora?

Ele olhou para a escadaria.

— Vamos voltar.

Ela o encarou.

— Para o Clã?

— Sim. Temos de contar a eles sobre os ichanis.

Seu coração disparou.

— Você disse que não achava que eles fossem acreditar em você.

— Não acredito. Mas tenho que lhes dar a oportunidade.

— E se eles não acreditarem em você?

O olhar de Akkarin vacilou. Ele olhou para baixo.

— Lamento tê-la envolvido nisso, Sonea. Vou protegê-la do pior disso, se puder.

Ela segurou a respiração, então xingou a si mesma em silêncio.

— Não peça desculpas — ela lhe disse firme. — Foi minha decisão. Eu conhecia os riscos. Diga-me o que devo fazer, e o farei.

Os olhos dele se arregalaram um pouco. Ele abriu a boca, então seu olhar ficou distante de novo.

— Eles estão levando Takan embora. Temos de nos apressar.

Ele desapareceu descendo a escada. Sonea correu atrás dele. Enquanto entravam no labirinto de passagens, ela olhou de volta.

— A escada?

— Deixe-a.

Ela começou a correr e o alcançou. Manter o ritmo com os passos longos dele era difícil, e ela conteve um comentário sobre ele ter um pouco de consideração com pessoas com pernas mais curtas.

— Duas pessoas precisam ser protegidas por tudo isso — ele disse. — Takan e Lorlen. Não mencione nada sobre o anel de Lorlen, nem sobre o conhecimento anterior dele sobre qualquer coisa em relação a isso. Podemos precisar dele no futuro.

Logo ele diminuiu o passo e parou diante da porta da sala subterrânea. Tirou a capa, dobrou-a e a pôs do lado da porta. Desafivelou então a bainha da faca e a colocou em cima. Um globo de luz surgiu numa faísca acima de suas cabeças. Akkarin apagou a lanterna e depositou-a ao lado da capa.

Por um longo tempo, ficou parado encarando a porta para a sala subterrânea, os braços desnudos cruzados sobre a veste negra. Sonea esperou silenciosa a seu lado.

Era difícil acreditar que aquilo havia acontecido. No dia seguinte, ela deveria

estudar como curar costelas quebradas. Em algumas semanas, os exames de meio de ano iriam começar. Ela sentiu uma atração em direção à porta, um estranho sentimento de que só precisava encontrar o caminho até sua cama e quando acordasse tudo estaria como sempre foi.

Mas a sala adiante provavelmente estava cheia de magos esperando pelo retorno de Akkarin. Eles sabiam que ela havia aprendido sobre magia negra. Suspeitavam que Akkarin houvesse matado Jolen. Estariam prontos para uma luta.

Ainda assim Akkarin permanecia parado. Ela estava começando a se perguntar se ele ia mudar de ideia quando ele se virou para encará-la.

— Permaneça aqui até eu chamá-la.

Então, ele estreitou os olhos para a porta e ela se abriu silenciosamente.

As costas dos dois magos bloquearam o caminho para a sala. Além deles, Sonea podia ver Lorde Balkan andando de um lado para outro da sala lentamente. Lorde Sarrin estava sentado na mesa, encarando os itens que havia sobre ela com uma expressão desconcertada.

Eles não perceberam a porta se abrir. Então, um dos magos parados na frente da porta tremeu e olhou por sobre o ombro. Vendo Akkarin, respirou fundo e deu um passo para trás, arrastando seu companheiro com ele.

Todas as cabeças se viraram para observar Akkarin entrar na sala. Mesmo sem a parte superior da túnica, ele ainda parecia imponente.

— Minha nossa, quantos visitantes — ele disse. — O que os traz à minha residência tão tarde da noite?

Balkan ergueu as sobrancelhas. Ele olhou em direção à escadaria. Era possível ouvir passos apressados, então Lorlen surgiu no campo de visão. O Administrador virou-se para encarar Akkarin, a expressão inesperadamente contida.

— Lorde Jolen e os moradores de sua casa foram assassinados hoje à noite. — A voz de Lorlen era calma e controlada. — Foram encontradas evidências que

nos deram motivo para suspeitar que você é o assassino.

— Entendo — Akkarin disse calmo. — Esse é um problema sério. Eu não matei Lorde Jolen, mas vocês terão que descobrir isso por si mesmos. — Ele fez uma pausa. — Vocês vão me explicar como Jolen morreu?

— Com magia negra — Lorlen disse. — E como encontramos livros sobre magia negra na sua casa, incluindo o quarto de Sonea, temos ainda mais razão para suspeitar de você.

Akkarin concordou com a cabeça lentamente.

— De fato, vocês têm. — O canto de sua boca contorceu-se para cima. — E vocês devem estar assustados para valer por essa descoberta. Muito bem. Não é preciso isso. Eu vou me explicar.

— Você vai cooperar? — Lorlen perguntou.

— É claro.

O alívio em todos os rostos era visível.

— Mas tenho uma condição — acrescentou Akkarin.

— Qual é? — Lorlen respondeu cauteloso. Balkan olhou para ele.

— Meu criado — Akkarin respondeu. — Eu lhe fiz uma promessa uma vez de que nunca lhe tomariam novamente sua liberdade. Traga-o aqui.

— E se nós não fizermos? — Lorlen perguntou.

Akkarin deu um passo para o lado.

— Sonea vai no lugar dele.

Sonea sentiu a pele formigar quando os magos a notaram parada na passagem. Ela tremeu quando considerou o que deviam estar pensando. Ela havia aprendido magia negra? Ela era perigosa? Apenas Lorlen poderia esperar que ela se rebelasse contra Akkarin; o resto não sabia o motivo real pelo qual ela havia se tornado a aprendiz do Lorde Supremo.

— Traga os dois aqui, e ele terá dois aliados à mão — Sarrin advertiu.

— Takan não é um mago — Balkan disse calmamente. — Contanto que ele permaneça fora do alcance de Akkarin, não é ameaça para nós. — Ele olhou para os outros Magos Superiores. — A pergunta é: vocês preferem ter Sonea em custódia ou o criado?

— Sonea — Vinara respondeu sem hesitação. Os outros concordaram com a cabeça.

— Muito bem — Lorlen disse. Seu olhar se voltou para um lugar distante, e então retornou. — Ordenei que ele seja trazido.

Um silêncio longo e tenso se seguiu. Por fim, eles ouviram passos vindos da escada. Takan apareceu, com um Guerreiro segurando seus braços com firmeza. Estava pálido e ansioso.

— Perdoe-me, mestre — ele disse. — Não pude impedi-los.

— Eu sei — Akkarin disse a ele. — Você devia saber que era melhor nem tentar, meu amigo. — Ele deu vários passos para longe da entrada da passagem, parando do lado da mesa numa ponta da sala. — As barreiras foram removidas e eu deixei as escadas no seu lugar. Você vai encontrar tudo que precisa logo depois da porta.

Takan concordou com a cabeça. Eles encararam um ao outro, então o criado fez que sim com a cabeça de novo. Akkarin se virou em direção à passagem.

— Venha, Sonea. Quando Takan for libertado, vá para Lorlen.

Respirando fundo, Sonea deu um passo para dentro da sala. Ela olhou para o Guerreiro que segurava Takan e depois para Lorlen. O Administrador concordou com a cabeça.

— Deixe-o ir.

Quando Takan se afastou de seu captor, Sonea começou a andar em direção a Lorlen. O criado parou quando a alcançou e fez uma reverência.

— Tome conta de meu mestre, *Lady* Sonea.

— Vou fazer o que puder — ela prometeu.

De repente, sentiu um aperto na garganta. Quando alcançou Lorlen, ela se virou para observar o criado partir. Ele fez uma reverência para Akkarin, então entrou na passagem. Quando desapareceu na escuridão, o painel voltou a seu lugar.

Akkarin se virou para encarar Lorlen e em seguida olhou para a mesa e as cadeiras ao lado dele. A parte de cima de sua túnica ainda estava dobrada sobre as costas de uma cadeira. Pegou a roupa negra e encolheu os ombros para vesti-la.

— Então, Administrador, como Sonea e eu podemos ajudar em suas investigações?

Capítulo 15

Más Notícias

Rothen havia acabado de vestir uma túnica limpa quando ouviu a porta de seu quarto se abrir.

— Lorde Rothen? — Tania chamou.

Percebendo a urgência na voz da criada, ele dirigiu-se apressadamente até a porta do quarto. Tania estava parada no meio da sala, esfregando uma mão na outra.

— O que é? — ele perguntou.

Ela se virou para encará-lo, a expressão aflita.

— O Lorde Supremo e Sonea foram presos ontem à noite.

Respirando fundo, sentiu a esperança e o alívio tomarem conta dele. Akkarin preso finalmente! O Clã devia ter descoberto seu crime... devia tê-lo confrontado... e vencido!

Mas por que o Clã iria prender Sonea também?

“Realmente, por quê?”

Sua excitação murchou e foi substituída por um medo familiar e incômodo.

— Por que eles foram presos? — ele se forçou a perguntar.

Tania hesitou.

— Só ouvi a história de quarta ou quinta mão, Rothen. A história pode estar errada.

— Por quê? — ele repetiu.

Ela fez uma careta.

— O Lorde Supremo foi preso pelo assassinato de Lorde Jolen e dos moradores de sua casa. E por aprender algum tipo de magia. Magia negra, acho. O que é isso?

— A mais maligna das magias — Rothen respondeu pesadamente. — E Sonea? Por que foi presa?

Tania abriu os braços, num gesto amplo

— Não tenho certeza. Como sua cúmplice, talvez.

Rothen sentou-se numa das cadeiras da sala de visita. Puxou o ar profunda e demoradamente. O Clã teria de considerar a possibilidade de Sonea estar envolvida. Isso não significava que ela fosse culpada das acusações.

— Eu não trouxe nenhuma comida — Tania disse num tom de desculpas. — Sabia que ia querer saber tão logo quanto possível.

— Não tem problema — ele disse. — De qualquer forma, pelo jeito não vou ter tempo de comer esta manhã. — Ele se levantou e deu um passo em direção à porta. — Acho que é melhor eu ter uma pequena conversa com Sonea.

O sorriso de Tania era tenso.

— Eu acho que você deve. Depois me conte o que ela disser

O jovem sentado do lado oposto de Dannyl na carruagem estava terrivelmente magro. Embora Farand tivesse se recuperado bem o suficiente para andar durante a semana que se seguiu a seu envenenamento, ainda seria preciso algum tempo para ele recuperar a força total. Mas ele estava vivo e muito grato por isso.

Dannyl havia cuidado do jovem noite e dia por toda a viagem. Fora fácil segurar o sono e o cansaço com seus poderes de Cura, mas fazer isso sempre tinha seu preço. Depois de uma semana, ele se sentia tão mal quanto Farand parecia estar.

A carruagem virou nos portões do Clã. Farand respirou rápido quando a

Universidade entrou no seu campo de visão.

— É lindo — ele suspirou.

— Sim. — Dannyl sorriu e olhou pela janela. Três magos estavam parados no alto da escada: o Administrador Lorlen, o Administrador Expatriado Kito e *Lady* Vinara.

Dannyl sentiu uma pequena pontada de ansiedade e desapontamento. Ele tinha esperado que o Lorde Supremo fosse encontrá-lo. “Mas ele provavelmente queria discutir tudo em particular.”

A carruagem parou na frente da escada e Dannyl desceu. Quando Farand o seguiu, os três Magos Superiores o encararam com cautelosa curiosidade.

— Embaixador Dannyl — Lorlen disse. — Bem-vindo de volta.

— Obrigado, Administrador Lorlen. Administrador Kito, *Lady* Vinara — Dannyl respondeu, inclinando a cabeça. — Esse é Farand de Darellas.

— Bem-vindo, jovem Darellas — Lorlen disse. — Temo que vá nos encontrar um tanto preocupados com outro assunto nos próximos dias. Vamos deixá-lo tão confortável quanto possível, e lidaremos com sua situação tão logo esse outro assunto seja resolvido.

— Obrigado, Administrador — Farand respondeu incerto.

Lorlen concordou, então se virou e começou a seguir rumo às escadas da Universidade. Dannyl franziu a testa. Havia algo estranho no jeito de Lorlen. Ele parecia ainda mais fatigado do que de costume.

— Venha comigo, Farand — Vinara disse ao jovem. Ela olhou para Dannyl e sua expressão ficou séria. — Durma um pouco, Embaixador. Precisa compensar o que perdeu.

— Sim, *Lady* Vinara — Dannyl concordou. Enquanto ela levava Farand para longe, ele olhou para Kito com uma expressão questionadora.

— O que foi esse outro assunto que o Administrador Lorlen falou?

Kito suspirou pesadamente.

— Lorde Jolen foi assassinado ontem à noite.

— Assassinado? — Dannyl o encarou. — Como?

O mago fez uma carranca.

— Com magia negra.

Dannyl sentiu o rosto gelar. Olhou para a carruagem onde o livro descansava dentro de seu baú de viagem.

— Magia negra? Quem...?

— O Lorde Supremo foi preso — Kito acrescentou.

— Akkarin! — Dannyl sentiu um calafrio se espalhar por seu corpo. — Não ele!

— Temo que sim. As evidências são bastante condenatórias. Ele concordou em nos auxiliar nas investigações. Haverá uma Audiência amanhã.

Dannyl mal o ouviu. Coincidências e ocorrências estranhas estavam se deslocando para novos lugares em sua mente. Ele pensou na pesquisa que Lorlen havia pedido para ele começar. Pensou no interesse súbito de Rothen pela mesma informação, logo depois que Sonea se tornara a favorita de Akkarin. Pensou no que o livro do Dem havia revelado. A magia antiga, a magia superior, era magia negra.

Ele havia assumido que a busca de Akkarin acabara sem essa descoberta.

Parecia que estava errado.

Havia Lorlen suspeitado disso? Rothen o tinha feito? Era esse o motivo para sua pesquisa?

“E eu ia entregar esse livro para Akkarin!”

— Vamos discutir o caso do renegado depois da Audiência — disse Kito.

Dannyl piscou, concordando com a cabeça.

— É claro. Bem, é melhor eu obedecer às ordens de *Lady* Vinara.

O mago vindo sorriu.

— Durma bem, então.

Dannyl concordou com a cabeça e se dirigiu aos Aposentos dos Magos. Dormir? Quem iria dormir depois de ficar sabendo daquilo?

“Continuei essa pesquisa com a bênção de Akkarin, e tenho um livro sobre magia negra no meu baú. Será que isso seria suficiente para eu parecer culpado dos mesmos crimes? Posso esconder o livro. Com certeza, não vou entregá-lo a Akkarin... nem discutir qualquer coisa com ele.”

Ele teve de retomar o fôlego quando percebeu o que isso significava para ele pessoalmente. Quem ia acreditar em Akkarin agora, quando ele explicasse que o relacionamento de Dannyl e Tayend era apenas uma farsa para capturar os rebeldes?

***

A última vez em que Sonea tinha estado dentro do Domo fora durante seu treinamento para o Desafio. Era uma esfera gigantesca e oca, que funcionara como sala de exercícios dos Guerreiros. O Clã o havia abandonado depois de a Arena ter sido construída, mas ela o usara durante sua preparação para a luta com Regin, para que suas aulas não fossem observadas por ele e seus partidários. Akkarin havia fortalecido as paredes para garantir que ela não as danificasse. Ironicamente, a magia dele estava agora ajudando a mantê-la aprisionada.

Não que ela pretendesse fugir. Ela havia dito a Akkarin que faria o que quer que ele a instruísse a fazer. Ele apenas dissera que eles precisavam proteger Takan e Lorlen. Então, ele a trocara por Takan. Isso significava que pretendia que ela ficasse ali.

Ou era isso, ou ele estava disposto a sacrificá-la a fim de manter a promessa que havia feito ao criado.

“Não”, ela pensou, “ele precisa que eu apoie sua história.” Takan era muito próximo de Akkarin. Ninguém acreditaria nele.

Ela andou inquieta de um lado para o outro do interior do Domo. A porta semelhante a uma rolha permanecia aberta para permitir que o ar entrasse na

sala. Um par de magos estava parado além dela, observando Sonea sempre que estava sozinha.

Mas ela não tinha ficado sozinha muito tempo. Vinara, Balkan e Sarrin, todos a haviam questionado sobre as atividades de Akkarin. Ela não queria arriscar revelar nada antes de Akkarin estar pronto. Por isso, recusou-se a responder. Eles acabaram por desistir.

Agora que ela estava finalmente sozinha, havia descoberto que não gostava disso. Ela não parava de se perguntar onde Akkarin estava e se ela estaria fazendo o que ele queria ao ficar quieta. Era impossível saber as horas, mas ela achava que já tinha passado do amanhecer. Ela não dormira durante toda a noite, mas duvidava que o tivesse feito mesmo que houvesse uma cama macia em vez do chão de areia.

Um movimento além da porta chamou sua atenção. Levantando os olhos, ela sentiu o coração se apertar dolorosamente.

Rothen.

Ele entrou no Domo, o rosto marcado de preocupação. Quando ela o encarou, ele tentou sorrir e ela sentiu um mal-estar no estômago, decorrente da culpa.

— Sonea — ele disse. — Como você está?

Ela balançou negativamente a cabeça.

— Essa é uma pergunta boba, Rothen.

Ele olhou para o Domo e concordou com a cabeça.

— Sim. Imagino que seja. — Ele suspirou e olhou para ela de novo. — Eles não decidiram o que fazer com você ainda. — Lorlen me contou que encontraram livros de magia negra no seu quarto. Eles foram plantados lá por Akkarin ou por seu criado?

Ela suspirou.

— Não. Eu os estava lendo.

— Por quê?

— Para entender meu inimigo.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Você sabe que o mero fato de ler sobre magia negra já é um crime.

— Sim, eu sei.

— E mesmo assim você os leu?

Ela o fitou nos olhos.

— Às vezes, vale a pena correr alguns riscos.

— Na esperança de que pudéssemos usar essa informação para derrotá-lo?

Ela balançou a cabeça em negativo.

— Não exatamente.

— Então, por que, Sonea?

— Não posso lhe contar. Não ainda.

Rothen deu um passo à frente.

— Por que não? O que ele lhe disse para torná-la uma cúmplice? Nós encontramos sua tia Jonna e seu tio Ranel. Eles estão seguros e bem, assim como os filhos deles. Dorrien está vivo e bem. Há mais alguém que você esteja protegendo?

Ela suspirou. “Toda a Kyralia”.

— Não posso lhe contar, Rothen. Não ainda. Não sei o que Akkarin disse a alguém ou o que ele quer que eu revele. Vamos ter que esperar até a Audiência.

Os olhos de Rothen faiscaram de raiva.

— Desde quando você se importa com o que ele quer?

Ela devolveu seu olhar.

— Desde que conheci os motivos pelos quais ele procede assim. Mas essa história é dele, não minha. Você vai entender o motivo quando ele contá-la.

Ele a encarou duvidoso.

— Acho difícil acreditar. Mas vou tentar. Há algo mais que eu possa fazer por você?

Ela balançou a cabeça negativamente, então hesitou. Rothen sabia que Lorlen estava ciente do crime de Akkarin havia mais de dois anos. O que aconteceria se ele contasse isso ao Clã? Ela olhou para ele.

— Sim — ela disse baixinho. — Proteja Lorlen.

Savara passou a mão sobre os lençóis e sorriu.

— Legal.

Cery riu.

— Um Ladrão tinha que fazer seus convidados se sentirem bem-vindos.

— Você não é como os outros Ladrões — ela observou. — Ele teve um dedo nisso, não teve?

— Quem?

— O Lorde Supremo.

Cery pigarreou com indignação.

— Não foi *tudo* ele.

— Não?

— Parte disso foi por causa de Sonea. Faren concordou em escondê-la do Clã, mas os outros Ladrões o fizeram entregá-la. Alguns dizem que Faren não honrou seu lado do acordo.

— E aí?

— Se eu estivesse disposto a fazer negócios com Faren, outras pessoas estariam também. Ele me ajudou com algumas coisas.

— Então, Akkarin não teve nada a ver com isso?

— Bem, um pouco — Cery admitiu. — Talvez eu não tivesse tido a coragem se ele não tivesse me dado um empurrão. Talvez se ele não tivesse me dado todas as informações certas sobre cada um dos Ladrões, para eles não tentarem me deter. É difícil dizer não para alguém que sabe segredos demais sobre você.

Ela pareceu pensativa.

— Parece que ele planejou isso por um longo tempo.

— Foi o que pensei. — Cery deu de ombros. — Quando o assassino começou a deixar os outros Ladrões ouriçados, eu me ofereci para encontrá-lo. Eles gostaram disso. Não sabem que eu estava nisso há meses. No entanto, acham estranho que eu ainda não o tenha encontrado... Mas nenhum deles teve sorte com isso também.

— Mas você os *encontra*.

— Eles acham que é um só.

— Ah.

— Ou ao menos eu acho que eles achavam — ele acrescentou.

— E agora eles sabem que não, porque o último foi uma mulher.

— Provavelmente.

Ele olhou em volta para a mobília. Peças de qualidade, mas nada extravagante. Ele não gostava de pensar que era *tudo* devido à ajuda de Akkarin.

— Tentei cavar um nicho em outros lugares — ele disse. — Se o mercado de encontrar assassinos para magos desaparecer, quero permanecer vivo e em operação.

Ela deu um sorriso levado e deslizou um dedo lentamente pelo meio do peito dele.

— Eu com certeza prefiro você vivo e em operação.

Ele pegou sua mão e a puxou para mais perto.

— Você prefere? Em que tipo de negócio você trabalha?

— Fazer contato com aliados em potencial — ela disse, enroscando o braço em volta dele. — De preferência, um contato bem próximo com um aliado em particular.

Seus beijos eram firmes e sedutores. Ele sentiu o coração começar a acelerar de novo.

Então, alguém bateu na porta. Ele se afastou e fez uma cara de desculpas.

— Tenho que atender isso.

Ela fez biquinho.

— Precisa mesmo?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Gol não bateria na porta a não ser que fosse importante.

— É melhor que seja.

Ele se levantou, vestiu as calças e uma camisa e saiu do quarto em seguida. Gol estava andando ansioso pela sala de visitas de Cery, a expressão muito diferente do sorriso boboca que este estava esperando.

— O Lorde Supremo foi preso pelo Clã — Gol disse. — E Sonea também.

Cery encarou-o após ouvir a segunda informação.

— Por quê?

— Um mago do Clã foi morto ontem à noite. E um monte de pessoas na casa dele. Acham que o Lorde Supremo é o responsável por isso. — Fez uma pausa. — Toda a cidade está sabendo.

Indo para a cadeira mais próxima, Cery sentou-se. Akkarin *preso*? Por *assassinato*? E Sonea também? Ele ouviu a porta do quarto se abrir. Savara surgiu, agora inteiramente vestida. Quando encontrou seus olhos, ela franziu a testa.

— Você pode me contar?

Ele sorriu brevemente, achando graça em sua pergunta.

— O Lorde Supremo foi preso. O Clã acha que ele assassinou um mago do Clã ontem à noite.

Seus olhos se arregalaram. Ela entrou na sala.

— Quando?

Gol deu de ombros.

— Não sei. Todo mundo na casa desse mago foi morto também. Com algum tipo de magia ruim. Magia negra. Sim, foi isso.

Ela tomou o fôlego.

— Então, é verdade.

— O que é verdade? — Cery perguntou.

— Alguns dos ichanis afirmam que o Clã não conhece magia superior e dizem que ela é maligna. Akkarin a usa, então achávamos que isso não podia ser verdade. — Ela fez uma pausa. — Então é por isso que ele trabalha em segredo. Eu achava que ele não quisesse saber que suas ações passadas tinham contribuído para essa situação.

Cery piscou.

— Que ações passadas?

Ela olhou para ele e sorriu.

— Oh, há mais sobre seu Lorde Supremo do que você sabe.

— Como assim?

— Isso não é para eu contar — ela falou. — Mas posso dizer que...

Ela parou ao ouvir uma batida na parede. Cery acenou com a cabeça para Gol. O homenzarrão se aproximou da parede, checou pelo olho espião, então colocou uma pintura de lado. Um dos garotos que Cery empregava para serviços diversos aparecera ali.

— Há um homem que quer vê-lo, Ceryni. Ele deu uma senha enorme e afirmou que tem más notícias sobre um amigo seu. Diz que é urgente.

Cery concordou com a cabeça e se voltou para olhar para Savara.

— É melhor eu ver o que é isso.

Ela deu de ombros e voltou para o quarto.

— Eu vou tomar um banho, então.

Virando-se, Cery encontrou Gol sorrindo.

— Pode tirar esse sorrisinho da sua cara — Cery avisou.

— Sim, Ceryni — o homem respondeu humilde, mas o sorriso permaneceu enquanto ele precedia Cery na passagem.

O escritório de Cery estava próximo. Havia várias maneiras de entrar nele e de sair. Gol escolheu a rota padrão, dando a Cery um momento para observar o visitante na sala de espera pelo olho espião.

O homem era sachakano, Cery viu com consternação. Ele então reconheceu a capa e seu coração disparou.

Por que o homem estava usando a capa que Akkarin havia usado na noite anterior?

Quando o homem se virou, a capa se abriu para revelar o uniforme de um criado do Clã.

— Eu acho que sei quem ele é — Cery sussurrou. Foi até a porta do escritório. — Mande-o entrar assim que eu me sentar.

Alguns minutos depois, Cery estava sentado à sua mesa. A porta do escritório se abriu e o homem entrou.

— Então — Cery disse. — Você diz que tem más notícias sobre um amigo meu.

— Sim — o homem respondeu. — Sou Takan, criado do Lorde Supremo. Ele foi preso pelo assassinato de um mago do Clã. Ele me enviou para ajudá-lo.

— Para me ajudar? Como?

— Eu posso comunicar-me mentalmente com ele — Takan explicou, tocando

a testa.

— Você é um mago?

Takan balançou negativamente a cabeça.

— Nós temos um elo, feito por ele muito tempo atrás.

Cery concordou com a cabeça.

— Então, diga algo que apenas eu e ele sabemos.

O olhar de Takan se deslocou para um ponto distante.

— Na última vez em que vocês se encontraram, ele disse que não traria Sonea com ele de novo.

— Isso está certo.

— Ele lamenta não ter podido cumprir isso.

— Imagino que Sonea também lamente. Por que ela foi presa?

Takan suspirou.

— Aprender magia negra. Eles encontraram livros no quarto dela.

— E essa magia negra é...?

— Proibida — Takan disse. — Ela enfrenta a expulsão pelo Clã.

— E o Lorde Supremo?

Takan parecia genuinamente perturbado.

— Ele foi acusado de praticar assassinato e de usar magia negra. Se for considerado culpado de qualquer uma dessas acusações, a punição será a execução.

Cery concordou com a cabeça lentamente.

— Quando o Clã vai tomar uma decisão?

— Eles vão realizar uma Audiência amanhã para examinar as evidências e julgar se ele é culpado ou não.

— Ele é?

Takan olhou para cima, e seus olhos faiscaram de raiva.

— Ele não matou Lorde Jolen.

— E quanto à acusação de magia negra?

O servo balançou a cabeça afirmativamente.

— Sim, ele é culpado disso. Se ele não a tivesse usado, não teria sido capaz de derrotar os assassinos.

— E Sonea. Ela é culpada?

Takan concordou de novo.

— O Clã apenas a acusou de aprender magia negra. É por isso que ela enfrenta uma punição menor. Se soubessem a verdade, ela encararia as mesmas acusações de Akkarin.

— Ela usou magia negra para matar a mulher, não?

Takan pareceu surpreso.

— Sim. Como você sabia?

— Um palpite ao acaso. Devo ir a essa Audiência como testemunha?

O homem fez uma pausa e seu olhar voltou a ficar distante.

— Não. Ele agradece sua oferta. Você não deve revelar seu envolvimento. Se tudo for bem, ele pode precisar de sua ajuda no futuro. Por enquanto, ele tem apenas um favor a lhe pedir.

— Sim?

— Que você garanta que a Guarda encontre o corpo da assassina. E se assegure de que ela está usando a faca dela.

Cery sorriu.

— Eu posso fazer isso.

Olhando pela janela do escritório, Lorlen viu que Akkarin ainda estava na mesma posição de antes. Ele balançou a cabeça negativamente.

De alguma forma, Akkarin conseguia parecer digno e seguro de si, mesmo quando sentado no chão da Arena, com as costas contra um dos apoios, e com vinte magos parados ao redor da Arena o observando.

Virando-se, Lorlen inspecionou seu escritório. Balkan andava inquieto no meio dele. Lorlen nunca tinha visto o Guerreiro tão agitado. Ele ouvira Balkan murmurar algo sobre traição antes. Isso era compreensível. Lorlen sabia que o Guerreiro tinha Akkarin em alta estima.

Sarrin estava sentado em uma das cadeiras, folheando um dos livros do baú de Akkarin. Eles haviam decidido que um deles devia ter permissão para lê-los, mesmo que fazer isso fosse um crime. A expressão de Sarrin era uma mistura de horror e fascinação. De vez em quando, até murmurava baixinho para si mesmo.

Vinara estava parada, em silêncio, próxima das estantes. Antes, ela havia chamado Akkarin de monstro. Balkan a havia lembrado que eles não podiam ter certeza de que Akkarin houvesse feito mais do que ler sobre magia negra. Ela não se convencera.

Quando o assunto era Sonea, no entanto, ela parecia perturbada e incerta.

Lorlen olhou para os objetos em sua mesa: fragmentos de vidro quebrado, um garfo de prata parcialmente derretido e um prato coberto de sangue seco. Os outros ainda estavam confusos quanto a esses itens. O pequeno globo de vidro que eles encontraram na mesa havia confirmado o palpite de Lorlen. Akkarin estava criando outro anel como o de Lorlen ou estava ensinando Sonea a fazê-los?

Da mesma forma que Sonea, Akkarin recusava-se a responder a quaisquer perguntas. Estava determinado a esperar até que o Clã tivesse se reunido para a Audiência antes de explicar-se. A cooperação prometida não fora muito longe.

“Isso é injusto”, Lorlen pensou. Ele levou em consideração o anel em seu bolso. Akkarin havia dito para Lorlen tirá-lo e mantê-lo à mão. Se Sarrin continuasse a ler os livros, iria aprender sobre os tais anéis e reconhecer o que

Lorlen estava usando. Lorlen havia pensado em jogar o anel fora, mas ele conseguia enxergar vantagens em manter esse elo com Akkarin. Seu ex-amigo parecia inclinado a lhe contar seus segredos. A única desvantagem era que Akkarin podia bisbilhotar as conversas quando Lorlen o estava usando, mas isso era um problema menor agora. Lorlen podia evitar que Akkarin o espionasse simplesmente tirando o anel.

Akkarin queria manter em segredo o conhecimento anterior de Lorlen sobre o interesse dele por magia negra.

— *O Clã precisa de um líder em que eles confiem* — Akkarin havia enviado mentalmente. — *Mudanças e incertezas demais vão enfraquecê-lo.*

Rothen e Sonea eram as únicas outras pessoas que sabiam. Sonea havia permanecido quieta e Rothen concordara em manter o envolvimento de Lorlen para si mesmo contanto que não trouxesse mais nenhum dano. Em troca, Lorlen permitira ao mago visitar Sonea.

Houve uma batida educada na porta e todos levantaram os olhos. Lorlen usou sua vontade para abrir a porta e o Capitão Barran entrou, seguido por Lorde Osen. O guarda fez uma reverência e os cumprimentou formalmente, então voltou-se para encarar Lorlen.

— Visitei a loja onde a testemunha trabalha — ele disse. — Seus empregadores disseram que ela não apareceu nesta manhã. Verificamos o endereço de residência e sua família nos disse que ela não havia voltado para casa ontem à noite.

Os Chefes das Disciplinas trocaram olhares.

— Obrigado, Capitão — Lorlen disse. — Alguma outra coisa?

O jovem fez que não com a cabeça.

— Não. Vou voltar amanhã de manhã, como solicitado, a não ser que mais informações cheguem até mim.

— Obrigado. Pode ir.

Quando a porta se fechou, Vinara suspirou.

— Sem dúvida, o guarda vai encontrar seu corpo nos próximos dias. Ele com certeza estava ocupado ontem à noite.

Balkan balançou negativamente a cabeça.

— Mas isso não faz sentido. Como ele sabia sobre ela? Se ele tivesse percebido que ela o estava observando, teria dado um jeito para ela não chegar à Casa da Guarda.

Sarrin deu de ombros.

— A não ser que ele não tenha conseguido alcançá-la. Então, quando ela deixou a Casa da Guarda, ele procurou se certificar de que ela fosse incapaz de fornecer qualquer outra prova contra ele.

Balkan suspirou.

— Isso não é um comportamento que eu esperaria de um mago negro. Se ele se importasse em esconder evidências, por que ser tão descuidado antes na noite? Por que não se disfarçar? Por que...

Ele parou com o som de outra batida na porta. Lorlen suspirou e fez com que se abrisse. Para sua surpresa, Dannyl entrou no escritório. O Embaixador exibia olheiras bem pronunciadas.

— Administrador — Dannyl disse. — Posso ter uma palavra com você? Em particular?

Lorlen franziu a testa irritado.

— Isso é sobre o renegado, Embaixador?

— Em parte. — Dannyl olhou em volta da sala para os outros e pareceu escolher as palavras com cuidado. — Mas não inteiramente. Não viria até aqui se não achasse que tenho assuntos urgentes para discutirmos.

Vinara se levantou.

— De qualquer forma, estou completamente cansada de especulações — ela declarou. Deu a Sarrin e Balkan olhares diretos e cheios de significado. — Se precisar de nós, Administrador, é só chamar.

Dannyl deu um passo para o lado e inclinou a cabeça educadamente quando os três magos deixaram a sala. Depois que a porta se fechou, foi até sua mesa e se sentou.

— Que assunto urgente é esse?

Dannyl se aproximou da mesa.

— Não sei bem por onde começar, Administrador. Estou numa situação complicada. Duas situações complicadas, se é que isso é possível. — Fez uma pausa. — Embora você tenha dito que minha ajuda não era mais necessária, continuei a pesquisar magia antiga por interesse próprio. O Lorde Supremo, quando descobriu isso, me encorajou a continuar, mas havia pouco para se descobrir ainda em Elyne. Ou assim eu pensava.

Lorlen franziu a testa. Akkarin havia *encorajado* Dannyl a continuar?

— Então, quando meu assistente e eu estávamos ganhando a confiança dos rebeldes, descobrimos um livro em posse do Dem Marane. — Dannyl enfiou a mão na túnica e retirou um livro velho. Colocou-o na mesa de Lorlen. — Ele respondeu a muitas perguntas que tínhamos sobre magia antiga. Parece que a forma de magia antiga conhecida como magia superior é na verdade magia negra. Esse livro contém instruções sobre seu uso.

Lorlen encarou o livro. Era uma coincidência ou Akkarin sabia que os rebeldes tinham o livro? Ou ele estava trabalhando *com* os rebeldes? Ele tomou o fôlego. Foi assim que ele aprendeu magia negra?

Se era assim, então por que denunciá-los?

— Como pode ver — Dannyl disse —, estou numa situação complicada. Alguns talvez achem que pesquisei magia negra com a permissão do Lorde Supremo e que as ordens para capturar os rebeldes eram uma tentativa de ganhar mais conhecimento. — Ele fez uma careta. — Na verdade, li parte do livro, o que significa que quebrei a lei de não aprender sobre magia negra. Mas eu não sabia o que ele continha até começar a lê-lo.

Lorlen balançou a cabeça negativamente. Não era de estranhar que Dannyl estivesse preocupado.

— Entendo sua preocupação. Você não podia saber a que sua pesquisa ia levar. E eu também não sabia a que a pesquisa ia levar. Se alguém pensar em suspeitar de você, terá que suspeitar de mim igualmente.

— Devo explicar tudo isso na Audiência?

— Vou discutir isso com os Magos Superiores, mas acho que não será necessário — Lorlen respondeu.

Dannyl parecia aliviado.

— Há outro assunto — ele acrescentou baixinho.

Mais? Lorlen reprimiu um gemido de queixa.

— Sim?

Dannyl olhou para o chão.

— Quando o Lorde Supremo pediu que eu encontrasse os rebeldes, ele sugeriu que meu assistente e eu os deixássemos saber de algo que poderiam usar para nos chantagear de modo a nos fazer cooperar. Akkarin disse que ia garantir que o Clã soubesse que a informação era meramente uma enganação criada para ganhar a confiança dos rebeldes. — Dannyl levantou os olhos. — Mas é claro que Akkarin não está mais em posição de fazer isso.

De repente, Lorlen lembrou-se de uma conversa com Akkarin ao lado da Arena, enquanto eles observavam Sonea lutar.

“O Clã vai perder interesse no assassino assim que o Embaixador Dannyl chegar com o renegado, Lorlen.”

Ele estava se referindo a algo além da existência dos rebeldes? Qual era a informação que Dannyl havia criado para ganhar a confiança deles?

Ele olhou para Dannyl; o homem desviou o olhar, claramente embaraçado. Aos poucos, Lorlen começou a juntar fragmentos de fofocas que tinha ouvido até adivinhar em que Dannyl havia deixado os rebeldes acreditarem.

“Interessante”, ele pensou. “E um ato corajoso, considerando os problemas que Dannyl encarara como aprendiz.”

O que ele deveria fazer? Lorlen esfregou as têmporas. Akkarin era muito melhor nesse tipo de coisa.

— Então, você teme que ninguém vá acreditar no que Akkarin diz a seu respeito, porque a integridade dele está em questão.

— Sim.

— E a integridade desses rebeldes é de alguma forma mais forte? — Lorlen fez que não com a cabeça. — Eu duvido. Se você está preocupado que ninguém vá acreditar em Akkarin, então deixe as pessoas acreditarem que foi ideia sua.

Dannyl arregalou os olhos. Ele se aprumou e concordou com a cabeça.

— É claro. Obrigado, Administrador.

Lorlen deu de ombros, depois examinou Dannyl mais de perto.

— Parece que você não dorme há uma semana.

— Eu não dormi mesmo. Não queria que alguém desfizesse todo o trabalho duro que eu realizei para salvar a vida de Farand.

Lorlen franziu a testa.

— Então, é melhor voltar a seus aposentos e descansar. Podemos precisar de você amanhã.

O jovem mago conseguiu dar um sorriso cansado. Ele acenou com a cabeça para o livro na mesa de Lorlen.

— Agora que tirei *isso* das minhas mãos, o sono não vai mais ser um problema. Obrigado de novo, Administrador.

Quando ele partiu, Lorlen suspirou. “Ao menos alguém vai conseguir dormir um pouco.”

Capítulo 16

A Audiência

O primeiro pensamento de Sonea quando começou a acordar era que Viola não a tinha vindo despertar e que ia se atrasar para a aula. Ela piscou para afastar a confusão do sono. Então, sentiu areia entre os dedos, viu a parede de pedra suavemente iluminada do Domo ao redor dela e se lembrou de tudo.

Ficou impressionada por ter conseguido dormir, ainda que um pouco. A última coisa de que conseguiu se lembrar da noite anterior foi a de ter se deitado na escuridão, os pensamentos do dia correndo em círculos pela mente. Precisara de toda sua vontade para resistir a chamar Akkarin mentalmente e perguntar se deveria contar ao Clã alguma coisa, ou para simplesmente saber onde ele estava, se estava sendo bem tratado... ou se ainda estava vivo.

Em seus piores momentos de dúvida, ela não conseguia evitar a ideia de que o Clã podia já tê-lo julgado, sem contar a ela. O Clã do passado havia sido assustadoramente meticuloso em seus esforços para livrar as Terras Aliadas da magia negra. Aqueles magos mortos havia muito tempo teriam executado Akkarin sem demora.

“E eu”, ela pensou, sentindo um calafrio.

Desejou poder falar novamente com ele. Ele havia dito que ia contar ao Clã sobre os ichanis. Mas tencionava admitir que havia aprendido magia negra? Queria que soubessem que ela também tinha aprendido?

Ou ia negar que usava magia negra? Ou, ainda, admitir que a empregava, mas afirmar que ela não tinha feito nada errado?

Mas ela *tinha feito*. Uma imagem indesejada da mulher ichani morta passou-lhe pela mente. Com ela vieram sentimentos intensos e contraditórios.

“Você é uma assassina”, uma voz em sua mente acusou.

“Eu tive que matá-la”, ela pensou como resposta. “Não havia escolha. Ela teria me matado.”

“Mas você teria feito de qualquer forma”, sua consciência respondeu, “mesmo que houvesse uma escolha.”

“Sim. Para proteger o Clã. Para proteger Kyralia.” Ela então franziu a testa. “Seja como for, desde quando eu me preocupo tanto em ter matado? Eu teria matado sem hesitação se tivesse sido atacada na favela. Na verdade, talvez já tenha matado. Não sei se aquele criminoso que me arrastou para fora da rua sobreviveu depois que o esfaqueei.”

“Isso é diferente. Você não tinha magia então”, sua consciência apontou.

Ela suspirou. Não deixou de pensar que, com todas as vantagens que tinha por possuir habilidades mágicas, ela tinha de ser capaz de evitar matar alguém. Mas os ichanis também usavam magia.

“Ela tinha que ser detida. Aconteceu de eu estar em posição de detê-la. Não lamento por tê-la matado, apenas que tive que fazê-lo”.

Sua consciência silenciou.

“Continue me importunando”, ela disse. “Prefiro isso do que matar e não me sentir mal a respeito.”

Ainda nada.

“Que ótimo.” Ela balançou a cabeça negativamente. “Talvez a velha superstição sobre o Olho seja verdade. Não apenas eu estou tendo conversas comigo mesma, mas agora estou me recusando a falar comigo. Isso tem que ser um dos primeiros sinais da loucura.”

Um som vindo de fora chamou sua atenção de volta à sala. Sentando-se, ela viu os guardas Guerreiros saírem da frente quando Lorde Osen chegou à entrada. Um globo de luz reluziu acima da cabeça dele, enchendo a sala esférica com luz.

— A Audiência está prestes a começar, Sonea. Vim para escoltá-la para o Salão do Clã.

De repente, seu coração disparou. Ela se levantou, sacudiu a areia da túnica e caminhou em direção à porta. Osen deu um passo atrás e permitiu sua passagem.

Um lance curto de escada a levou para outra porta aberta. Ela fez uma pausa quando viu o círculo de magos a esperá-la adiante. Sua escolta era um conjunto de Curadores e Alquimistas. Os Guerreiros e magos mais fortes do Clã estariam guardando Akkarin, ela imaginou.

Eles a observaram com atenção quando entrou no meio do círculo. Notando a suspeita e a desaprovação em suas expressões, ela sentiu o rosto se aquecer. Virou-se e viu que os dois guardas Guerreiros haviam completado o círculo. Osen entrou por um intervalo momentâneo na barreira que eles tinham estabelecido ao redor dela.

— Sonea — ele disse —, seu guardião está sendo acusado de assassinato e de praticar magia negra. Como sua aprendiz, você será questionada quanto a seu conhecimento sobre esse assunto. Entende?

Ela engoliu para umedecer a garganta.

— Sim, meu lorde.

Ele fez uma pausa.

— Devido à descoberta de livros sobre magia negra em seu quarto, você também será acusada de aprender sobre magia negra.

Então, ela também seria julgada.

— Compreendo — ela respondeu.

Osen concordou com a cabeça. Virou-se para encarar os jardins além da Universidade.

— Para o Salão do Clã, então.

A escolta manteve o ritmo, enquanto Osen a guiava pelo caminho junto à Universidade. O terreno estava vazio e num silêncio sinistro. Apenas o som de seus passos e o gorjear ocasional de um pássaro rompiam o silêncio. Ela pensou nas famílias dos magos e nos criados que costumavam ocupar a área. Eles

haviam sido mandados para longe, para o caso de Akkarin tentar atacar o Clã?

Quando a escolta tinha quase chegado à frente da Universidade, Osen parou de repente. Os magos que os rodeavam trocaram olhares de preocupação. Percebendo que estavam ouvindo uma comunicação mental, ela concentrou seus sentidos.

— ... *diz que não irá entrar até Sonea estar aqui* — Lorlen enviou.

— *O que devemos fazer?* — Osen perguntou.

— *Espere. Vamos decidir.*

Sonea sentiu o coração se aliviar um pouco. Akkarin se recusava a entrar no Salão do Clã sem ela. Ele a queria ali.

Osen e a escolta estavam tensos e ansiosos, no entanto, obviamente temendo o que Akkarin poderia fazer se Lorlen se recusasse. Não tinham ideia de quão forte Akkarin era.

Ela ficou séria. “E nem eu sei”.

Enquanto eles esperavam, ela tentou estimar a força dele. Ele havia tomado energia dela e de Takan por duas semanas antes da luta com a ichani. Sonea não tinha ideia de quão forte ele era antes, mas a luta teria diminuído seu suprimento de magia de forma considerável. Ele podia ser ainda várias vezes mais forte do que um mago do Clã, mas ela duvidava que fosse poderoso o suficiente para lutar contra o Clã inteiro.

“E eu?”

Ela estava ciente de um grande aumento na sua força desde que havia tomado a energia da mulher ichani, mas não podia imaginar quão mais poderosa isso a tornava. Não tão poderosa quanto Akkarin, ela supôs. Ele estava ganhando a luta com a ichani antes de Sonea interferir, então a mulher devia ser mais fraca. O poder que Sonea havia tomado dela não podia ser tanto quanto o que ele tinha.

A não ser que a ichani estivesse fingindo ser mais fraca por algum motivo...

— *Traga-a.*

Lorlen não parecia feliz. Osen fez um pequeno barulho de repulsa, então começou a andar de novo. A escolta o seguiu. Quando se aproximaram da frente da Universidade, o coração de Sonea disparou de novo, mas dessa vez de ansiedade.

Uma multidão de magos vagueava pela frente do prédio. Eles se viraram para olhar quando a escolta de Sonea apareceu, então abriram espaço para que eles pudessem subir a escada.

Akkarin estava parado no centro do Salão de Entrada. Ela se emocionou ao vê-lo. O canto da boca dele se curvou no seu costumeiro meio sorriso quando a percebeu.

O Salão de Entrada estava lotado. A escolta de Akkarin era composta de mais de cinquenta magos, a maioria deles Guerreiros. Quase todos os Magos Superiores estavam presentes, parecendo nervosos e bravos. A expressão de Lorde Balkan era sombria.

Lorlen deu um passo à frente para encarar Akkarin.

— Vocês podem entrar juntos — ele disse, a voz cheia de alerta — Mas devem permanecer longe um do outro.

Akkarin concordou com a cabeça, então se virou e a chamou com um gesto. Ela piscou surpresa quando sua escolta deu um passo para trás para lhe abrir passagem.

Murmúrios preencheram o Salão da Entrada quando ela entrou no círculo de magos que rodeavam Akkarin. Ela parou ao seu lado, mas longe o suficiente para que não pudessem alcançar a mão um do outro. Akkarin olhou para Lorlen e sorriu.

— Agora, Administrador, vamos ver se podemos explicar esse desentendimento.

Ele se virou e começou a avançar pela passagem para o Salão do Clã.

Rothen nunca tinha se sentido tão mal. O último dia fora um dos mais longos

de sua vida. Ele temia a Audiência, mas ao mesmo tempo estava impaciente para que ela começasse. Precisava ouvir as desculpas de Akkarin e saber o que havia levado Sonea a quebrar uma lei. Queria ver Akkarin punido pelo que fizera a ela. Mas também temia o momento em que a punição de Sonea seria anunciada.

Duas grandes fileiras de magos se formaram ao longo do comprimento do Salão do Clã. Atrás delas, estavam duas fileiras de aprendizes, prontos a ceder sua força se necessário. Um baixo zunido de vozes enchia a sala enquanto todos esperavam a Audiência começar.

— Aí vêm eles — Dannyl murmurou.

Duas figuras entraram no salão. Uma usava uma túnica negra, a outra o marrom de um aprendiz. Akkarin andava confiante como sempre. Sonea... Rothen sentiu uma pontada de compaixão quando viu que ela mantinha o olhar voltado para o chão, a expressão temerosa e constrangida.

Os Magos Superiores se seguiram, as expressões cautelosas e soturnas. Akkarin e Sonea pararam ao chegar ao final do salão. Rothen estava feliz de ver que Sonea mantinha distância do Lorde Supremo. Os Magos Superiores se colocaram ao redor do par e formaram uma fileira diante dos assentos em andares na frente do salão. Os magos restantes que escoltavam o par formaram um grande círculo em volta dos dois acusados.

Rothen e Dannyl seguiram quando todos os outros magos e aprendizes passaram para os assentos nas laterais. Depois que todo mundo se instalou, Lorlen fez soar um pequeno gongo.

— Todos se ajoelhem para o Rei Merin, governante de Kyralia — ele proferiu.

Sonea olhou surpresa. Ela encarou a camada superior dos assentos em andares onde o Rei aparecia com dois magos. Uma capa laranja escuro e vibrante de tecido reluzente rodeava seus ombros, com o mullook real costurado em dourado sobre ela. Uma enorme meia-lua dourada pendia de seu peito: o pingente real.

Ao mesmo tempo que todos do Clã faziam uma reverência apoiados em um joelho, Rothen observou Sonea com cuidado. Ela olhou para Akkarin e, quando viu que ele ia se ajoelhar também, o acompanhou. Então, olhou para o Rei de

novo.

Ele podia imaginar o que ela estava pensando. Ali estava o homem que ordenava a Purificação todos os anos, o homem que, dois anos e meio atrás, havia determinado que sua família e seus vizinhos fossem expulsos de suas casas.

O Rei inspecionou a sala com o olhar, então encarou Akkarin, a expressão indecifrável. Seus olhos pousaram sobre Sonea, e ela mirou o chão. Satisfeito, ele deu um passo para trás e sentou-se em sua cadeira.

Depois de uma pausa, os magos começaram a se levantar de novo. Os Magos Superiores subiram até seus lugares entre os assentos em andares na frente. Akkarin continuou ajoelhado até todos ficarem em silêncio de novo, então se pôs de pé.

Lorlen olhou ao redor do salão e em seguida acenou com a cabeça.

— Convocamos essa Audiência hoje para julgar Akkarin da família Delvon, da Casa Velan, Lorde Supremo do Clã dos Magos, e Sonea, sua aprendiz. Akkarin é acusado de assassinar Lorde Jolen da Casa Saril e sua família e criados, e de buscar o conhecimento sobre magia negra, aprendê-la e praticá-la. Sonea é acusada de buscar conhecimento sobre magia negra.

— Esses crimes são da mais séria espécie. As evidências para apoiá-los serão apresentadas para julgarmos. Chamo o primeiro orador, Lorde Balkan, Chefe de Artes Guerreiras.

Balkan se levantou e desceu os degraus. Ele primeiro se virou para encarar o Rei, depois se quedou em um joelho.

— Juro que tudo que vou falar nessa Audiência será a verdade.

O Rei permaneceu sem expressão e não fez nenhum gesto para reconhecer as palavras de Balkan.

O Guerreiro se endireitou e encarou os magos reunidos.

— Duas noites atrás, ouvi um chamado tênue de Lorde Jolen. Era claro que ele estava com algum problema. Quando não consegui contatá-lo, visitei a casa

de sua família.

— Encontrei Lorde Jolen e todos os moradores de sua casa mortos. Cada homem, mulher e criança, seja de sua família ou de seus criados, havia perecido. Numa investigação mais detalhada, descobri evidências de que o assassino havia entrado pela janela da casa de Lorde Jolen, indicando, talvez, que este havia sido sua primeira vítima.

— Não examinei os corpos para buscar a causa da morte. Deixei essa tarefa para *Lady* Vinara. Quando ela chegou, encaminhei-me para a Casa da Guarda. Lá, descobri que o Capitão Barran, o guarda que investiga a recente onda de assassinatos na cidade, havia acabado de interrogar uma testemunha do crime.

Balkan fez uma pausa e olhou para Lorlen.

— Mas, antes de convocar o Capitão Barran, recomendo que ouçamos o que *Lady* Vinara encontrou em suas investigações.

Lorlen concordou com a cabeça.

— Convoco *Lady* Vinara, Chefe dos Curadores.

Lady Vinara se levantou e desceu graciosamente até o chão. Virou-se, ajoelhou diante do Rei e fez um juramento de dizer a verdade. Levantou-se e encarou os ouvintes com seriedade.

— Quando cheguei à casa da família de Lorde Jolen, examinei os corpos de vinte e nove vítimas. Todas tinham alguns poucos arranhões e feridas ao redor do pescoço, e nenhum outro ferimento. Elas não haviam sido estranguladas, sufocadas nem envenenadas. O corpo de Lorde Jolen ainda estava intacto, o que foi o primeiro sinal que me alertou para a causa da morte. Ao examiná-lo, descobri que seu corpo havia sido inteiramente drenado de energia, o que me fez concluir que ou Lorde Jolen havia expelido toda sua força quando morrera, ou ela havia sido tomada dele. O exame dos outros corpos confirmou o segundo caso. Todos os membros da casa haviam sido drenados de energia, e, já que nenhum além de Lorde Jolen podia se exaurir deliberadamente, restou-me apenas uma explicação. — Ela fez uma pausa, a expressão severa. — Lorde Jolen, sua família e seus criados tinham sido mortos com magia negra.

O salão se encheu com os comentários em voz baixa sobre essa revelação. Rothen estremeceu. Era fácil demais imaginar Akkarin entrando na casa, perseguindo as vítimas e matando-as. Ele olhou para o Lorde Supremo. Akkarin observou Vinara sério.

— Um exame atencioso do corpo de Lorde Jolen revelou tênues marcas de sangue deixadas por dedos no pescoço — a Curadora continuou. Ela olhou para Akkarin. — O exame também revelou algo, ainda sendo segurado pela mão da vítima.

Vinara olhou para um lado e fez um gesto chamando. Um mago se aproximou, carregando uma caixa. Ela a abriu e levantou um pedaço de tecido negro.

Um bordado dourado brilhou na luz. O pedaço do incal que restara era suficiente para que fosse reconhecido como do Lorde Supremo. O rangido de madeira e o farfalhar de túnicas preencheu o salão conforme os magos se ajeitavam em seus assentos e o burburinho de vozes ficava mais alto.

Vinara colocou o pano em cima da caixa e devolveu ambos a seu assistente. Este se afastou para ficar na lateral do salão. Vinara olhou para Akkarin, que agora franzia a testa, então olhou sobre o ombro para acenar com a cabeça para Lorlen.

— Convoco o Capitão Barran, investigador da Guarda — Lorlen disse.

O salão se aquietou novamente quando de um dos lados um homem com o uniforme da guarda entrou, ajoelhou diante do rei e prestou juramento. Rothen estimava que o homem tivesse vinte e poucos anos. A patente de capitão era alta para alguém de sua idade, mas tais posições eram ocasionalmente concedidas a jovens das Casas, se eles provassem ser talentosos ou esforçados.

O Capitão pigarreou.

— Meia hora antes de Lorde Balkan vir me ver, uma jovem entrou na Casa da Guarda afirmando ter visto o assassino que estava atacando a cidade nas últimas semanas.

— Ela disse que estava voltando para casa depois de entregar frutas e verduras para uma das casas no Círculo Interno. Ainda carregava a cesta vazia e um passe

de admissão na área. Ao passar diante da casa da família de Lorde Jolen, ela ouviu gritos vindos de dentro. Os gritos pararam e ela se apressou em seguir adiante, mas, ao chegar à casa seguinte, ouviu a porta se abrir atrás dela. Escondeu-se numa reentrância, de onde viu um homem emergir da entrada de criados da casa da família de Lorde Jolen. Esse homem usava uma túnica de mago negra, com um incal na manga. As mãos estavam cobertas de sangue e ele carregava uma lâmina curva com joias incrustadas no cabo.

Exclamações ecoaram pelo salão com as expressões de horror do Clã. Rothen balançou a cabeça positivamente para si mesmo quando se lembrou da faca que, segundo a descrição de Sonea, Akkarin estava usando quando ela o espionara tanto tempo atrás. Lorlen levantou a mão e o barulho gradualmente diminuiu.

— O que você fez então?

— Peguei o nome e anotei o lugar de trabalho que havia no seu passe. A seu pedido, procurei-a no dia seguinte. O empregador me disse que ela não tinha voltado a trabalhar naquela manhã e me deu o endereço da família. Esta estava preocupada, pois ela também não havia retornado para casa naquela noite. Temi que tivesse sido assassinada. Mais tarde, encontramos seu corpo. Como no caso de Lorde Jolen e dos moradores de sua casa, assim como de muitos dos outros assassinatos que investiguei nas últimas semanas, ela não tinha nenhum ferimento, com exceção de um corte raso.

Ele fez uma pausa e seus olhos vaguearam até Akkarin, que aparentemente permanecia calmo e impassível.

— Embora eu tenha sido capaz de identificá-la como a testemunha, nós chamamos a família para a Casa da Guarda para questioná-la. Eles nos disseram que a mulher não era sua filha, mas confirmaram que estava usando as roupas dela. Ficaram perturbados ao saber que outra garota morta que havíamos descoberto, nua e aparentemente estrangulada, *era* sua filha. Outra constatação desconcertante foi que a testemunha portava uma faca exatamente igual àquela que, segundo o que ela declarara, o assassino carregava. Desnecessário dizer que tudo isso lança algumas dúvidas sobre a integridade da testemunha.

Ouvia-se o eco no salão das vozes abafadas. O Capitão olhou de volta para

Lorlen.

— Isso é tudo que tenho para dizer por enquanto.

O administrador se levantou.

— Vamos fazer uma pausa para discutir e examinar as evidências. *Lady* Vinara, Lorde Balkan e Lorde Sarrin vão transmitir suas opiniões para mim.

Na mesma hora, o salão começou a ressoar com as vozes elevadas, conforme os magos se juntavam em grupos para discutir e especular. Yaldin se virou para encarar Dannyl e Rothen.

— A faca pode ter sido plantada na testemunha quando ela foi morta.

Dannyl balançou negativamente a cabeça.

— Talvez, mas por que ela iria mentir sobre quem era? Por que ela estava usando as roupas de outra mulher? Ela foi paga ou subornada para tomar o lugar da outra mulher, sem perceber que seria morta? Mas isso significaria que tudo foi pré-arranjado.

— Isso não faz sentido. Por que Akkarin arranjaria para uma testemunha identificá-lo? — Yaldin perguntou.

Dannyl tomou fôlego.

— Para o caso de haver outras testemunhas. Se a história de uma fosse refutada, quaisquer outras seriam postas em dúvida.

Yaldin riu.

— Ou isso ou há um mago negro por aí tentando fazer Akkarin ser culpado por seus crimes. Akkarin pode ser inocente.

Rothen balançou negativamente a cabeça.

— Você não concorda? — Dannyl perguntou.

— Akkarin usa magia negra — Rothen lhe disse.

— Você não sabe isso. Eles encontraram livros sobre magia negra nos aposentos dele — Dannyl apontou. — Isso não prova que ele na verdade os *usa.*

Rothen franziu a testa. “Mas eu sei que ele usa. Eu tenho provas, eu... eu só não posso *contar* para ninguém. Lorlen me pediu para manter nosso envolvimento secreto e Sonea quer que eu ajude Lorlen.”

De início, Rothen havia presumido que o Administrador estava tentando proteger ambos. Ele percebera mais tarde que a posição de Lorlen no Clã seria enfraquecida se este revelasse que sabia sobre os crimes de Akkarin havia anos. Se o Clã suspeitasse que Lorlen conspirava com Akkarin, ele iria perder a confiança em alguém em quem precisava confiar.

A não ser que... Estaria Lorlen ainda esperando evitar um confronto com Akkarin, permitindo que fosse provado que ele era inocente? Rothen franziu a sobrancelha e balançou negativamente a cabeça. Um crime havia sido provado sem dúvida: Akkarin e Sonea estavam ambos de posse de livros proibidos. E já seria o suficiente para que fossem expulsos do Clã. Lorlen sabia que não podia evitar isso.

Rothen sentiu um aperto no estômago. Toda vez que pensava que Sonea seria expulsa, ele doía. Depois de tudo que ela passara... acreditar que o Clã queria matá-la, quase perder o controle de seus poderes, ser capturada, sofrer chantagem de Fergun, aguentar a importunação de outros aprendizes, suportar o desprezo dos magos, tornar-se refém de Akkarin, desistir da afeição de Dorrien... ela iria perder tudo pelo que tinha trabalhado tão arduamente.

Ele respirou fundo e trouxe à mente a questão das intenções de Lorlen. Talvez Lorlen esperasse que Akkarin fosse aceitar a expulsão e partir. Se Akkarin enfrentasse execução, no entanto, ele poderia não ser tão cooperativo. E se a ameaça de execução impulsionasse Akkarin a lutar contra o Clã, Sonea provavelmente iria ajudá-lo. Ela poderia morrer em batalha. Talvez fosse melhor se o Clã o expulsasse.

Mas se o Clã expulsasse Akkarin, seria necessário bloquear seus poderes primeiro. Rothen duvidava que Akkarin fosse capaz de aceitar isso, no entanto. Não haveria maneira de resolver isso sem terminar numa luta?

Rothen estava vagamente ciente de que Dannyl havia partido para falar com Lorde Sarrin. Yaldin parecia ter percebido que Rothen estava concentrado em

seus pensamentos, e o havia deixado sozinho. Depois de vários minutos, a voz de Lorlen ecoou pelo salão.

— Por favor, retornem a seus assentos.

Dannyl reapareceu, com um ar presunçoso.

— Eu já lhe disse o quanto adoro ser um Embaixador?

Rothen concordou com a cabeça.

— Muitas vezes.

— As pessoas me *escutam* agora.

Conforme os magos tomaram seus assentos, o silêncio voltou ao salão. Lorlen olhou para baixo, para o Chefe dos Guerreiros.

— Convoco Lorde Balkan para continuar.

O Guerreiro se aprumou.

— Duas noites atrás, depois de saber dos assassinatos e das conclusões de Vinara, e de examinar as evidências e a história da testemunha, foi decidido que o Lorde Supremo precisava ser questionado. Logo descobri que a residência estava vazia, com exceção do criado do Lorde Supremo, então ordenei que fosse revistada.

Ele olhou para Sonea.

— A primeira descoberta perturbadora que fizemos foram três livros sobre magia negra no quarto de Sonea. Um tinha pequenos pedaços de papel inseridos entre as páginas, com anotações escritas com sua caligrafia.

Ele fez uma pausa, à qual se seguiu um murmúrio de desaprovação. Rothen se forçou a olhar para Sonea. Ela estava encarando o chão, com a mandíbula firme, demonstrando determinação. Ele pensou na desculpa dela: “Para entender meu inimigo”.

— Continuando nossa busca, descobrimos todas as portas destrancadas, menos uma. Ela estava fechada com uma magia poderosa e parecia levar a uma sala subterrânea. O criado do Lorde Supremo afirmou ser um depósito e disse

não ter acesso a ela. Adivinhando que o homem estava mentindo, Lorde Garrel ordenou-lhe que virasse a maçaneta. Quando o criado recusou, Lorde Garrel tomou-lhe a mão e a colocou sobre a maçaneta.

— A porta se abriu e nós entramos em uma grande sala. Lá, encontramos um baú com mais livros sobre magia negra, muitos deles bem velhos. Alguns desses livros haviam sido copiados pelo Lorde Supremo. Um continha seus próprios registros sobre seus experimentos e uso de magia negra. Na mesa... — Balkan parou quando gritos de ultraje no salão abafaram suas palavras.

Dannyl se virou para Rothen, com olhos arregalados.

— *Uso* de magia negra — ele repetiu. — Você sabe o que isso significa?

Rothen concordou com a cabeça. Ele mal conseguia respirar. O Clã, por lei, tinha que executar Akkarin. Lorlen não ia ser capaz de evitar um confronto agora.

"E eu não tenho nada a perder em tentar evitar que Sonea seja expulsa."

De onde estava, Lorlen podia ver cabeças balançando negativamente e braços se movendo em gestos rápidos e expressivos. Alguns magos ainda estavam parados e silenciosos, obviamente chocados com a revelação.

Akkarin estava parado calmo, observando tudo.

Lorlen pensou em como a Audiência tinha evoluído até então. Como ele esperava, a notícia do Capitão Barran havia feito os magos questionarem as evidências, e a possibilidade de Akkarin ser o assassino. Alguns se perguntaram por que o Lorde Supremo andaria na rua de maneira ousada depois de cometer um crime. Outros propuseram que Akkarin havia arranjado de maneira deliberada que uma testemunha se apresentasse e fosse desacreditada para que qualquer outra também fosse ignorada.

Isso não podia ser provado, no entanto. Mais de um mago havia notado as beiradas nitidamente cortadas do retalho de pano. Com certeza, Akkarin teria notado se Jolen tivesse cortado parte de sua túnica. Ele não deixaria uma peça de

evidência tão condenatória para trás.

Lorlen tinha certeza de que Akkarin não seria considerado culpado de assassinato se os livros de magia negra não tivessem sido descobertos. Mas, agora que o Clã sabia do segredo de Akkarin, o acharia capaz de qualquer coisa. A acusação de assassinato era irrelevante. Se o Clã seguisse sua lei, votaria pela execução.

Lorlen tamborilou com os dedos no braço de sua cadeira. Nos livros de anotações de Akkarin, havia referências preocupantes a um grupo de magos que usava magia negra. Lorde Sarrin estava preocupado com a possibilidade de tal grupo ainda existir. Akkarin dissera que havia boas razões para o que ele fazia.

Agora, finalmente, Lorlen podia perguntar quais eram.

Ficando de pé, ele levantou as mãos pedindo silêncio. O clamor se desfez de maneira surpreendentemente rápida. Os magos estavam ansiosos em ouvir Akkarin ser questionado, Lorlen supôs.

— Alguém mais tem evidências a oferecer a essa Audiência?

Um momento de silêncio se seguiu, então de algum lugar à direita veio uma voz.

— Eu tenho, Administrador.

A voz de Rothen era calma e clara. Todos os rostos do salão se viraram em direção ao Alquimista. Lorlen o encarou consternado.

— Lorde Rothen — ele se forçou a dizer. — Por favor, venha até aqui embaixo.

Rothen desceu para ficar ao lado de Balkan. Olhou para Akkarin e a raiva estava clara em seu rosto. Seguindo seu olhar, Lorlen viu que Akkarin olhava para ele. Ele enfiou a mão no bolso e sentiu a lisura do anel.

— *Eu pedi para que ele permanecesse quieto* — Lorlen disse.

— *Talvez você não tenha pedido com gentileza suficiente.*

Rothen se quedou em um joelho e fez o juramento de dizer a verdade.

Levantando-se de novo, olhou para os Magos Superiores.

— Sonea me contou que o Lorde Supremo praticava magia negra cerca de dois anos atrás.

O salão se encheu com sussurros e murmúrios.

— Ela o observou tirando poder de seu criado. Embora ela não tivesse entendido o que havia visto, eu entendi. Eu... — ele abaixou os olhos. — Eu tinha ouvido falar muito sobre a força do Lorde Supremo e temi o que ele faria se desafiado pelo Clã. Hesitei em falar. Antes que eu pudesse decidir o que fazer, o Lorde Supremo soube que havíamos descoberto seu segredo. Ele tomou a guarda de Sonea e desde então ela foi sua refém, garantindo que eu não revelasse seu crime.

As exclamações de raiva e ultraje preencheram o salão, e Lorlen suspirou com alívio. Rothen havia escondido a participação dele nisso, e não havia arriscado nada ao mencionar a sua. Ele então viu por que Rothen havia falado. Ao revelar que Sonea tinha sido vítima de Akkarin, esperava dar a ela uma esperança de redução de sua pena.

Olhando ao redor do salão, Lorlen reconheceu o choque e a preocupação nos rostos dos magos. Notou que Dannyl estava encarando Rothen com a boca aberta de espanto. Também percebeu que os aprendizes agora a olhavam com compaixão e até admiração. Por muito tempo, eles tinham pensado que ela havia sido favorecida de maneira injusta pelo Lorde Supremo. Em vez disso, ele fizera dela sua prisioneira.

“Ela é prisioneira ainda?”, Lorlen se perguntou.

“Não.”

Lorlen olhou de Akkarin para Sonea. Ele lembrou-se da maneira pela qual ela havia obedecido cada palavra de Akkarin quando eles tinham sido presos na sala subterrânea! Ele lembrou-se de sua expressão quando ela se juntou a Akkarin no Salão da Entrada. *Algo* havia mudado a opinião dela sobre Akkarin. Ele sentiu uma pontada de impaciência.

Lorlen levantou a mão de novo. Os magos se aquietaram com relutância. Ele

olhou para Rothen.

— Tem algo mais a nos dizer, Lorde Rothen?

— Não, Administrador.

Lorlen voltou os olhos para o salão.

— Alguém tem qualquer outra evidência para oferecer a essa Audiência? — Quando ninguém respondeu, ele olhou para Akkarin.

— Akkarin da Casa Velan, você vai responder às nossas perguntas com a verdade?

O canto da boca de Akkarin se contorceu.

— Vou.

— Então, jure.

Akkarin olhou acima da cabeça de Lorlen e então se quedou em um joelho.

— Juro que tudo que eu disser nessa Audiência vai ser a verdade.

O Salão do Clã estava completamente silencioso. Quando Akkarin se pôs de pé, Lorlen voltou a atenção para Sonea.

— Sonea, você vai responder às nossas perguntas com a verdade?

Os olhos dela se arregalaram.

— Vou.

Ela se pôs em um joelho e falou o juramento. Quando se levantou, Lorlen considerou todas as perguntas que queria fazer. “Começarei com as acusações”, ele decidiu.

— Akkarin — ele se virou para o ex-amigo. — Você matou Lorde Jolen?

— Não.

— Você estudou e praticou magia negra?

— Sim.

Um murmúrio se elevou no salão e rapidamente desapareceu.

— Há quanto tempo vem estudando e praticando magia negra?

Akkarin franziu levemente o rosto.

— A primeira vez... foi oito anos atrás, antes de eu retornar ao Clã.

Um silêncio momentâneo se seguiu a essa revelação, e então o salão se encheu com cochichos de especulação.

— Você ensinou a si mesmo ou outro o ensinou?

— Eu aprendi com outro mago.

— Quem era esse mago?

— Eu não soube seu nome. Apenas sei que era sachakano.

— Então, ele não era do Clã?

— Não.

“Sachakano?” Lorlen engoliu em seco quando um mau pressentimento começou a se formar no fundo do seu estômago.

— Explique para nós como você veio a aprender magia negra com um mago sachakano.

Akkarin sorriu.

— Eu estava pensando comigo mesmo se você finalmente ia perguntar isso.

Capítulo 17

A Terrível Verdade

Sonea fechou os olhos quando Akkarin começou sua história. Ele falou brevemente de sua busca por conhecimento mágico antigo e sobre como o que havia desvendado o levara a entrar em Sachaka. Notava-se um tom de escárnio de si mesmo em sua voz, como se achasse que o jovem que havia sido era um tolo.

Ele então descreveu seu encontro com o ichani Dakova. Embora o tivesse ouvido contar isso antes, ela estivera envolvida demais com o que ele falava para perceber o ligeiro indício de desespero e horror relembrado em sua voz. Então, a amargura surgiu na voz dele quando relatou os anos em que fora escravo e as maneiras cruéis dos ichanis.

Ela percebeu que ele provavelmente nunca contara a ninguém sobre essa época da sua vida até o dia em que relatara a história para ela na primavera. Ele havia escondido essa parte de sua vida por anos, e não só porque contá-la iria revelar que ele havia aprendido e usava magia negra. Era doloroso e humilhante para ele narrar o que havia visto e aguentado.

Abrindo os olhos, ela quase esperou ver algum tipo de dor no rosto dele, mas, embora sua expressão fosse séria, não demonstrava nenhuma emoção.

Para os magos no salão, ele parecia calmo e controlado. Eles provavelmente não notavam a tensão em sua voz. Nem ela notaria alguns meses atrás. De alguma forma, ela havia se tornado tão familiarizada com seu jeito que podia ver um pouco do que se encontrava sob ele.

Ela ouviu o arrependimento em sua voz quando ele contou sobre o ichani que havia oferecido lhe ensinar magia negra para que pudesse assassinar seu mestre. Ele explicou que não esperava sobreviver; que, mesmo se ele conseguisse matar

Dakova, o irmão do ichani, Kariko, iria caçá-lo por vingança. Falou sobre ter matado os outros escravos e depois Dakova, com uma simplicidade fria. Em seguida, descreveu a longa jornada para casa em algumas poucas sentenças.

Sua voz se suavizou um pouco quando ele falou do alívio em alcançar o Clã, e de como ele só queria esquecer Sachaka e a magia negra. Ele disse como havia aceitado o cargo de Lorde Supremo para se manter ocupado e para poder manter um olho nos ichanis com mais facilidade. Fez uma pausa nesse momento; o salão estava completamente silencioso.

— Dois anos depois da minha eleição, ouvi rumores sobre assassinatos rituais estranhos na cidade — ele disse. — A Guarda disse que as vítimas eram marcadas de uma certa maneira para indicar que tinham sido punidas pelos Ladrões. Eu sabia que não era isso.

— Acompanhei os casos com atenção e me disfarcei para poder entrar na favela, onde os assassinatos haviam acontecido, para questionar e ouvir. Quando encontrei o assassino, ele era exatamente o que eu suspeitara: um mago negro sachakano.

— Felizmente, ele era fraco e foi fácil dominá-lo. Em sua mente, li que ele era um escravo, a quem tinham libertado e ensinado magia negra em troca da realização de uma missão perigosa. Kariko o enviara para medir a força do Clã e, se a oportunidade surgisse, me assassinar.

— Dakova contara a Kariko muito do que ele aprendera sobre mim, incluindo que o Clã havia banido magia negra e que era bem mais fraco do que uma vez já fora. Mas Kariko não ousava atacar o Clã sozinho. Precisava convencer outros a se juntar a ele. Se pudesse provar que o Clã era tão fraco quanto seu irmão afirmava, ele poderia encontrar com facilidade aliados entre os ichanis.

Akkarin levantou os olhos. Seguindo seu olhar, Sonea viu que ele estava olhando para o Rei. O monarca o observava com atenção. Sonea sentiu uma centelha de esperança. Mesmo que o Rei não acreditasse completamente na história de Akkarin, com certeza acharia prudente checar se era verdadeira. Ele poderia permitir que Akkarin vivesse e permanecesse no Clã até...

O olhar do Rei de repente se desviou para o dela. Ela se descobriu encarando um par de olhos verdes resolutos. Engolindo duro, forçou-se a não se desviar daquele olhar. “É verdade”, ela disse em seus pensamentos para ele. “Acredite nele.”

— O que você fez com o escravo que encontrou na cidade? — perguntou Lorlen.

Sonea olhou de volta para o Administrador, depois para Akkarin.

— Eu não podia libertá-lo para que continuasse atacando as pessoas de Imardin — disse Akkarin. — Nem podia trazê-lo para o Clã. Ele iria transmitir tudo o que visse, incluindo nossas fraquezas, para Kariko. Eu não tinha escolha senão matá-lo.

Lorlen levantou as sobrancelhas. Antes que ele pudesse fazer mais perguntas, Akkarin prosseguiu num tom sombrio de aviso.

— Nos últimos cinco anos, rastreei e matei nove desses espiões. Por meio deles, vi as tentativas de Kariko de unir os ichanis falharem duas vezes. Dessa vez, eu temo, ele será bem-sucedido. — Os olhos de Akkarin se estreitaram. — O último espião que ele enviou não era um escravo. Era uma ichani, e não duvido que ela tivesse lido a mente de Lorde Jolen e descoberto tudo que eu esperava evitar que os sachakanos descobrissem. Se ela tivesse feito a morte de Jolen parecer natural, e deixasse sua família e criados vivos, nenhum de nós pensaria em questioná-la e poderíamos não perceber que os ichanis sabem a verdade sobre o Clã. Em vez disso, ao tentar fazer parecer que eu o matara, ela me forçou a revelar a existência dos ichanis para vocês. — Balançou a cabeça negativamente. — Eu só queria que minha ação fosse vantajosa para vocês.

— Então, você acredita que essa mulher ichani matou Lorde Jolen?

— Sim.

— E esses espiões são o motivo pelo qual você voltou a praticar magia negra de novo?

— Sim.

— E por que não nos contou isso cinco anos atrás?

— A ameaça não era grande até então. Eu esperava que, ao matar os espiões, fosse por fim convencer os outros ichanis de que o Clã não era tão fraco quanto Kariko afirmava. Ou que Kariko acabasse desistindo de conquistar o apoio deles. Ou que um dos ichanis o matasse; ele não tem mais a proteção do irmão.

— Mesmo assim, você deveria ter deixado que decidíssemos.

— O risco era grande demais — Akkarin respondeu. — Se eu fosse acusado publicamente de usar magia nega, os ichanis iriam descobrir isso e saber que Kariko estava certo. Se conseguisse convencê-los da verdade, vocês poderiam concluir que aprender magia negra por si mesmos era a única forma de proteger Kyralia. Eu não queria isso na minha consciência.

Os Magos Superiores trocaram olhares. Lorlen parecia pensativo.

— Você usou magia negra para se fortalecer, para poder lutar contra esses espiões e contra essa mulher ichani — ele disse devagar.

— Sim. — Akkarin concordou. — Mas foi força dada voluntariamente por meu criado e, nos últimos tempos, por Sonea.

Sonea ouviu pessoas inspirando profundamente.

— Você usou magia negra em Sonea? — *Lady* Vinara falou ofegante.

— Não. — Akkarin sorriu. — Não houve necessidade. Ela é uma maga e pode dar força a outra pessoa de formas mais convencionais.

Lorlen franziu a testa e olhou para Sonea.

— Quanto Sonea sabia sobre isso tudo antes de hoje?

— Tudo — Akkarin respondeu. — Ela tinha, como Lorde Rothen apontou, descoberto acidentalmente mais do que deveria, e tomei providências para garantir que ela e seu ex-guardião permanecessem calados. Recentemente, decidi permitir que ela soubesse a verdade.

— Por quê?

— Percebi que alguém além de mim devia saber sobre a ameaça dos ichanis.

Os olhos de Lorlen se estreitaram.

— Então você escolheu uma aprendiz? Não um mago ou um dos Magos Superiores?

— Sim. Ela é forte e seu conhecimento da favela se mostrou útil.

— Como a convenceu?

— Eu a levei para ver um dos espiões e então a ensinei a ler a mente dele. Ela viu mais do que o suficiente para saber que o que eu contara sobre minhas experiências em Sachaka era verdade.

Murmúrios preencheram o salão quando as implicações disso começaram a ser entendidas. Os olhos dos Magos Superiores se voltaram para Sonea. Ela sentiu o rosto se aquecer e desviou o olhar.

— Você me disse que não podia ensinar essa habilidade para outra pessoa — Lorlen falou num tom baixo. — Você mentiu.

— Não, eu não menti — Akkarin sorriu. — Não podia ensinar outra pessoa, na época, ou ela iria perceber que essa habilidade fora ensinada para mim e perguntaria onde eu a havia aprendido.

Lorlen franziu a sobrancelha.

— O que mais você ensinou a Sonea?

Com essa pergunta, Sonea sentiu seu sangue virar gelo.

Akkarin hesitou.

— Dei a ela certos livros para ler, para que pudesse entender melhor nosso inimigo.

— Os livros do baú? Onde os conseguiu?

— Encontrei-os nas passagens embaixo da Universidade. Foram colocados lá pelo Clã depois que a magia negra foi banida, para o caso de tal conhecimento ser necessário de novo. Tenho certeza de que vocês leram o suficiente para saber que isso é verdade.

Lorlen olhou novamente para Sarrin.

O velho Alquimista concordou com a cabeça.

— É verdade, de acordo com os registros que encontrei no baú. Eu os estudei cuidadosamente e parecem ser genuínos. Eles relatam como o uso da magia negra era comum antes de o Clã bani-la cinco séculos atrás. Os magos tinham aprendizes, que davam poder a eles em troca de conhecimento. Um desses aprendizes matou o mestre e massacrou milhares numa tentativa de se tornar governante dessas terras. Depois que ele morreu, o Clã baniu a magia negra.

O salão foi preenchido pelo murmúrio de vozes que rapidamente se elevou num clamor. Ouvindo cuidadosamente, Sonea colheu fragmentos de conversas.

— Como vamos saber se alguma parte dessa história é verdade?

— Por que nunca ouvimos falar sobre esses ichanis?

Lorlen levantou ambos os braços e pediu silêncio. O barulho diminuiu.

— Os Magos Superiores têm alguma pergunta para Akkarin?

— Sim — Balkan retumbou. — Quantos desses magos párias existem?

— Algo entre dez e vinte — Akkarin respondeu. — Um punhado de risadas se seguiu. — Todos os dias eles tomam poder de seus escravos, que têm forte potencial mágico igual a qualquer um de nós. Imagine um mago negro com dez escravos. Se ele tomasse força de metade deles de tantos em tantos dias, dentro de semanas seria centenas de vezes mais forte do que um mago do Clã.

O silêncio se seguiu às suas palavras.

— Mas o poder diminui quando é usado — Balkan falou. — Depois de uma batalha, um mago negro fica mais fraco.

— Sim — respondeu Akkarin.

Balkan pareceu pensativo.

— Um atacante esperto iria matar os escravos primeiro.

— Por que nós não ouvimos falar sobre esses ichanis antes? — a voz do

Administrador Kito ecoou pelo salão. — Mercadores viajam para Sachaka todos os anos. Eles ocasionalmente relatam encontrar magos em Arvice, mas não magos negros.

— Os ichanis são párias. Vivem nas terras desoladas e não se fala deles publicamente em Arvice — Akkarin respondeu. — A corte de Arvice é um campo de batalha política perigoso. Magos sachakanos não permitem que outros saibam os limites de sua habilidade e poder. Eles não vão deixar mercadores e embaixadores kyralianos descobrirem o que escondem de seus compatriotas.

— Por que esses ichanis querem invadir Kyralia? — Balkan perguntou.

Akkarin deu de ombros.

— Por muitos motivos. O principal, suspeito, é para sair das terras desoladas e reconquistar status e poder em Arvice, mas sei que alguns desejam vingança pela Guerra Sachakana.

Balkan franziu a testa.

— Uma expedição para Arvice vai confirmar a verdade disso.

— Qualquer um que possa ser reconhecido como mago do Clã vai ser morto se abordar os ichanis — Akkarin avisou. — E suspeito que poucos em Arvice estão cientes das ambições de Kariko.

— De que outra forma vamos confirmar a verdade? — disse Vinara. — Você vai se submeter a uma leitura da verdade?

— Não.

— Isso dificilmente nos inspira a... confiar em você.

— O leitor pode aprender o segredo da magia negra da minha mente — Akkarin acrescentou. — E não vou correr esse risco.

Os olhos de Vinara se estreitaram. Ela olhou para Sonea.

— Talvez Sonea então?

— Não.

— Ela aprendeu magia negra também?

— Não — ele respondeu. — Mas confiei informações a ela que não devem ser compartilhadas, a não ser em grande necessidade.

O coração de Sonea estava disparado. Ela olhou para o chão. Ele havia mentido sobre ela.

— A história de Rothen é verdade? — Vinara perguntou.

— Ela é.

— Você admite ter reivindicado a guarda dela meramente para forçar Rothen e Sonea a permanecerem calados?

— Não, também reclamei a guarda de Sonea porque ela tem grande potencial. Um potencial que estava sendo negligenciado de maneira vergonhosa. Descobri que ela era nada menos do que honesta, esforçada e excepcionalmente talentosa.

Sonea olhou para ele surpresa. Subitamente, sentiu uma vontade louca de sorrir, mas conseguiu controlá-la.

Então, gelou quando percebeu de repente o que ele estava fazendo.

Ele estava convencendo Vinara a mantê-la no Clã dizendo que ela possuía habilidades e informações de que eles poderiam precisar. Mesmo que não acreditassem nele, eles poderiam ter pena dela. Ela, afinal, apenas havia lido alguns livros, e só por instigação de Akkarin.

Ela franziu a testa. Isso fazia Akkarin parecer pior, no entanto. E ele os estava encorajando a ver as coisas dessa forma. Desde que ela soubera sobre os ichanis, havia alimentado a esperança de que o Clã, se tivesse sabido a verdade, iria perdoá-lo. Mas agora ela se perguntava se Akkarin alguma vez pensara nessa possibilidade.

Se ele não esperava ser perdoado, o que estava planejando? Com certeza, não pretendia deixar que o executassem.

Não, se chegasse a tanto, ele iria lutar para abrir caminho e fugir. Ele conseguiria?

Ela pensou de novo em quanto poder a luta com a mulher ichani devia ter gasto. Seu coração começou a disparar quando ela percebeu que ele poderia facilmente estar fraco demais para fugir do Clã.

A não ser que ela entregasse a ele toda sua força, incluindo a que havia tomado da mulher ichani.

Tudo o que ela tinha a fazer era tocá-lo e enviar seu poder a ele. Os guerreiros que o rodeavam iriam tentar detê-la. Ela teria que lutar com eles.

Na luta, no entanto, eles iriam perceber que ela estava usando mais poder do que deveria possuir.

E então não ficariam muito inclinados a perdoá-la.

Dessa forma, a única maneira de ela salvar Akkarin era revelar seu próprio uso de magia negra.

— Sonea.

Ela levantou os olhos para descobrir Lorlen encarando-a com uma expressão séria.

— Sim, Administrador.

Ele estreitou os olhos.

— Akkarin lhe ensinou como ler uma mente sem a autorização da pessoa?

— Sim.

— E você tem certeza de que o que viu na mente do espião era a verdade?

— Tenho certeza.

— Onde você estava na noite em que Lorde Jolen morreu?

— Estava com o Lorde Supremo.

Lorlen franziu a testa.

— O que estavam fazendo?

Sonea hesitou. Agora era hora de se revelar. Mas Akkarin poderia ter um

motivo para querer que não fizesse isso.

“Ele quer que alguém que saiba a verdade permaneça no Clã.”

“E que uso eu teria, no entanto, com ele morto? Melhor escaparmos juntos. Se o Clã precisar de nossa ajuda, eles podem nos contatar por meio do anel de sangue de Lorlen.”

— Sonea?

“De uma coisa eu tenho certeza. Não posso deixá-los matar Akkarin.”

Respirando fundo, ela levantou os olhos para encarar os de Lorlen.

— Ele estava me ensinando magia negra.

Suspiros e exclamações preencheram o salão. Pelo canto da visão, ela percebeu Akkarin se virar para encará-la, mas ela manteve os olhos em Lorlen. Seu coração estava batendo forte, e ela sentiu-se enjoada, mas se forçou a continuar.

— Pedi a ele para me ensinar. Ele se recusou de início. Foi apenas depois de ele ter sido ferido pela espiã ichani que eu...

— Você aprendeu magia negra *voluntariamente?* — Vinara exclamou.

Sonea balançou a cabeça afirmativamente.

— Sim, minha *lady*. Quando o Lorde Supremo se machucou, percebi que não haveria ninguém com a habilidade de continuar lutando se ele tivesse morrido.

Lorlen olhou para Akkarin.

— E agora não haverá.

As palavras dele fizeram um arrepio percorrer a espinha dela. Era óbvio que Lorlen havia entendido o que Akkarin estava tentando fazer. Saber que estava certa em suas suspeitas apenas dava a ela uma satisfação amarga.

Olhando para Akkarin, ela ficou chocada em ver raiva em seu rosto. Desviou o olhar rapidamente. “Eu disse que faria como ele instruiu.” Ela sentiu as dúvidas começarem a se juntar. “Eu estava errada? Será que apenas arruinei

algum plano que eu não era inteligente o suficiente para ver?”

Mas com certeza Akkarin percebera que ela havia entendido que ele estava se sacrificando para que ela pudesse permanecer no Clã. Ele devia ter pensado que ela poderia se recusar a abandoná-lo.

— Sonea.

O coração ainda batendo forte, ela se forçou a olhar para Lorlen.

— Akkarin matou Lorde Jolen?

— Não.

— Ele matou a testemunha?

Seu estômago se revirou com a pergunta.

— Eu não sei. Não vi essa testemunha, então não posso lhe dizer. Posso dizer que nunca o vi matar uma mulher.

Lorlen concordou com a cabeça e olhou para os Magos Superiores.

— Mais alguma pergunta?

— Sim — Balkan disse. — Quando chegamos à residência de Akkarin, nem você nem Akkarin estavam lá. Vocês chegaram juntos mais tarde. Onde tinham ido?

— Fomos para a cidade.

— Por quê?

— Para lidar com outra espiã.

— Akkarin matou essa espiã?

— Não.

Balkan franziu a sobrancelha, mas permaneceu quieto. Lorlen olhou para os Magos Superiores, então se voltou para encarar o resto do salão.

— Alguém tem mais alguma pergunta?

Ele obteve um silêncio em resposta. Sonea deu um suspiro de alívio. Lorlen

balançou a cabeça positivamente.

— Agora vamos discutir o que temos...

— Espere!

Lorlen se virou para a frente.

— Sim, Lorde Balkan.

— Mais uma pergunta. Para Sonea.

Ela se forçou a encarar o olhar de Balkan.

— *Você* matou essa mulher ichani?

O frio tomou conta dela. Ela olhou para Akkarin. Ele estava encarando o chão, a expressão dura e resignada.

“Que diferença faz contar a eles?”, ela pensou. “Serve apenas para mostrar que eu acredito que o que ele diz é verdade.” Ela levantou o queixo e encarou Balkan.

— Sim.

O salão se encheu de exclamações. Balkan suspirou e esfregou as têmporas.

— Eu disse para não deixá-los ficar um junto do outro — ele murmurou.

Capítulo 18

O Julgamento do Clã

Tão logo Lorlen pediu outra pausa para discussão, Dannyl correu para perto de Rothen. Ele tinha visto o amigo reagir à confissão de Sonea como se tivesse sido acertado por um golpe físico. Agora, Rothen estava parado encarando o chão.

Dannyl aproximou-se de Rothen e colocou a mão em seu ombro.

— Vocês dois nunca param de me surpreender — Dannyl disse de maneira gentil. — Por que não me contou o motivo real pelo qual você perdeu a guarda de Sonea?

Rothen balançou a cabeça negativamente.

— Eu não podia. Ele poderia... bem, eu acho que ele o fez agora. — Ele olhou para Sonea e suspirou. — Isso é minha culpa. Eu a convenci a se juntar ao Clã em primeiro lugar.

— Não, não é. Você não podia saber que isso ia acontecer.

— Não, mas eu a fiz questionar suas crenças quando ela veio para cá. Ensinei-a a olhar além delas, para que aceitasse seu lugar entre nós. Ela provavelmente fez o mesmo para... para...

— E se tudo for verdade? Se for, ela teve boas razões para o que fez.

Rothen levantou os olhos, a expressão lúgubre.

— E o que importa? Ela acabou de garantir sua execução.

Inspecionando a sala com o olhar, Dannyl notou as expressões dos Magos Superiores e depois a do Rei. Eles pareciam desconfiados e ansiosos. Ele então olhou para Sonea e Akkarin. Sonea estava ereta e cheia de determinação, embora ele não conseguisse imaginar quanto disso era forçado. A expressão do Lorde

Supremo era... controlada. Olhando de perto, Dannyl percebeu a raiva expressa na forma como Akkarin pressionava as mandíbulas.

“Ele não pretendia que Sonea revelasse tanto”, Dannyl refletiu.

Mas, apesar disso, ele e Sonea agora estavam parados mais próximos um do outro. Mais alguns passos e estariam lado a lado. Dannyl balançou a cabeça positivamente para si mesmo.

— Eu não sei se ele fez isso, Rothen.

Depois de os Magos Superiores voltarem para seus assentos, eles começaram a relatar o que os membros de suas disciplinas haviam expressado. Lorlen ouviu com atenção.

— Muitos acham difícil acreditar nessa história — falou Vinara. — Mas alguns destacaram que, se ele estava procurando justificar suas ações com uma história inventada, com certeza podia ter pensado em algo mais convincente.

— Meus Guerreiros também acham isso perturbador — Balkan acrescentou. — Eles dizem que não podem ignorar a possibilidade de que ele esteja falando a verdade e que nós venhamos a enfrentar uma ameaça de ataque de Sachaka. Precisamos investigar mais.

Sarrin concordou com a cabeça.

— Sim, meu povo concorda. Muitos se perguntaram se há informações nos livros que possamos usar para nos defender, caso ocorra um ataque. Temo que não haja. Se Akkarin estiver dizendo a verdade, podemos precisar dele.

— Eu também gostaria de questionar mais Akkarin — Balkan disse. — Normalmente, eu iria pedir para que ele fosse detido até sua afirmação ser provada.

— Não podemos aprisioná-lo de maneira eficiente — Vinara lembrou.

— Não. — Balkan apertou os lábios, então levantou os olhos para Lorlen. — Você acha que ele cooperaria?

Lorlen deu de ombros.

— Ele cooperou até agora.

— Isso não significa que vá continuar — disse Vinara. — Até onde sabemos, podemos estar fazendo tudo que ele pretendia nos deixar fazer. Ele pode se tornar bastante não cooperativo se tomarmos um caminho diferente.

Sarrin franziu a testa.

— Se ele quisesse tomar nosso controle pela força, já teria tentado isso.

— É claro que não é isso que ele quer — Balkan concordou. — Embora toda essa história de magos sachakanos possa ser para nos confundir e nos atrasar.

— Nos atrasar para quê? — Sarrin perguntou.

Balkan levantou os ombros.

— Não faço ideia.

— Mas não podemos deixá-lo partir — Vinara disse firme. — Akkarin admitiu abertamente praticar magia negra. Se ele cometeu os assassinatos ou não, não podemos tolerar que alguém de sua posição quebre uma das nossas leis mais sérias. É preciso que vejam a punição de Akkarin.

— A punição apropriada é a execução — Sarrin lembrou. — Você continuaria cooperando se soubesse que essa ia ser sua punição?

— Sem dúvida, ele vai se opor a que tentemos controlar seus poderes também. — Vinara suspirou. — Quão forte ele é, Balkan?

O Guerreiro parou para pensar.

— Isso depende. Ele está falando a verdade? Ele disse que um mago negro com dez escravos pode chegar à força de centenas de magos do Clã em questão de semanas. Ele voltou faz oito anos, embora afirme não ter começado a usá-la de novo até cinco anos atrás. Cinco anos é bastante tempo para se fortalecer, mesmo que apenas com um criado... até recentemente.

— Ele lutou contra nove escravos durante esse tempo — Sarrin acrescentou. — Isso o enfraqueceria também.

Balkan concordou com a cabeça.

— Ele pode não ser tão forte quanto tememos. Se ele não estiver nos dizendo a verdade, no entanto, a situação pode ser bem pior. Ele pode estar se fortalecendo por mais tempo. Pode estar matando pessoas na cidade. E então há Lorde Jolen e os moradores de sua casa. — Balkan suspirou. — Mesmo que pudéssemos ter certeza de sua honestidade e força, há outro fator que torna impossível prever o que vai acontecer se tentarmos usar a força.

— Qual é ele? — Vinara perguntou.

Balkan se voltou para a esquerda.

— Olhe para Sonea com atenção. Você sente?

Eles se viraram para encarar a aprendiz.

— Poder — Sarrin disse.

— Sim — Balkan disse. — Uma quantidade enorme. Ao contrário dele, ela ainda não aprendeu como faz para esconder — Ele fez uma pausa. — Ela disse que ele estava ensinando magia negra a ela duas noites atrás. Eu não sei quanto tempo esse treinamento deveria durar, mas ele afirma que aprendeu a essência disso em uma lição. Sonea não tinha essa aura de força quando estava praticando na Arena uma semana atrás. Estou certo de que teria sentido se ela tivesse. Eu acho que essa mulher que ela admite ter matado foi a fonte de seu aumento súbito de força. Sonea não poderia ter se tornado tão poderosa em uma noite matando uma mulher normal qualquer.

Eles se viraram para encarar a aprendiz num silêncio pensativo.

— Por que Akkarin tentou esconder o envolvimento de Sonea? — Sarrin se perguntou em voz alta.

— E por que ela decidiu revelá-lo? — Vinara acrescentou.

— Talvez ele quisesse garantir que uma pessoa com capacidade de lutar com os sachakanos permanecesse viva — disse Sarrin. Ele franziu as sobrancelhas. — Isso sugere que os livros, sozinhos, não são suficientes.

— Talvez ele só quisesse protegê-la — disse Vinara.

— Lorde Balkan — uma nova voz falou.

O Guerreiro olhou surpreso.

— Sim, Majestade?

Todas as cabeças se viraram para encarar o Rei. Ele estava debruçado nas costas da cadeira vazia do Lorde Supremo, os olhos verdes vivazes e perspicazes.

— Você acredita que o Clã é capaz de expulsar Akkarin das Terras Aliadas?

Balkan hesitou.

— Honestamente, não sei, Majestade. Mesmo que conseguíssemos, isso iria exaurir a maioria de nossos magos. Se esses magos sachakanos existirem, podem ver isso como a oportunidade perfeita para invadir.

O jovem Rei absorveu a informação.

— Administrador Lorlen, você acredita que ele vá obedecer se lhe ordenarmos que deixe as Terras Aliadas?

Lorlen piscou surpreso.

— Você quer dizer... exílio?

— Sim.

Os Magos Superiores olharam uns para os outros, pensativos.

— A terra não aliada mais próxima é Sachaka — Balkan destacou. — Se a história dele é verdadeira...

Lorlen franziu a testa, então enfiou a mão no bolso. Seus dedos tocaram o anel.

— *Akkarin?*

— *Sim?*

— *Você vai aceitar o exílio?*

— *Em vez de lutar para escapar daqui?* — Lorlen captou um pouco de graça nos pensamentos de Akkarin. — *Eu estava esperando algo melhor*.

O silêncio se seguiu.

— *Akkarin? Você sabe para onde eles vão mandá-lo?*

— *Sim.*

— *Devo tentar convencê-los a levá-lo para outro lugar?*

— *Não. Eles teriam que me levar para longe de Kyralia. O Clã precisa dos magos que iria mandar como minha escolta para permanecer aqui e defender Kyralia se os ichanis invadirem.*

Ele se quedou silencioso de novo. Lorlen olhou para os outros magos. Eles o estavam observando ansiosos.

— *Akkarin? O Rei está esperando por uma resposta.*

— *Muito bem. Veja se consegue convencê-los a manter Sonea aqui.*

— *Vou ver o que posso fazer.*

— Acho que podemos apenas tentar convencê-lo a partir de maneira pacífica — Lorlen disse. — A alternativa, se você quer evitar um confronto, é permitir a ele permanecer aqui como prisioneiro.

O Rei concordou com a cabeça.

— Aprisionar um homem que você não pode controlar é tolice, e é preciso que vejam a punição dele, como disse *Lady* Vinara. Essa ameaça de Sachaka deve ser investigada e confirmada, no entanto. Se ficar provado que ele é correto e confiável, podemos encontrá-lo e consultá-lo.

Balkan franziu a testa.

— Eu gostaria de interrogar mais Akkarin.

— Você pode fazer isso no caminho para a fronteira. — Os olhos do Rei eram duros.

Os outros trocaram olhares preocupados, mas nenhum deles protestou.

— Posso falar, Majestade?

Todos se viraram para ver Rothen parado na base da escada.

— Pode — o Rei respondeu.

— Obrigado — Rothen fez uma mesura com a cabeça por um instante, depois olhou para cada um dos Magos Superiores.

— Peço que considerem a juventude e o caráter impressionável de Sonea quando a julgarem. Ela foi sua prisioneira por algum tempo. Não sei como Akkarin a persuadiu a se juntar a ele. Ela é teimosa e tem bom coração, mas quando a persuadi a se juntar ao Clã, encorajei-a a questionar sua desconfiança dos magos. Agora, talvez, isso tenha levado a pôr de lado sua desconfiança em relação a Akkarin. — Ele deu um sorriso frouxo. — Acho que, quando perceber que foi enganada, ela vai se punir melhor do que qualquer um de nós pode fazer.

Lorlen olhou para o Rei. Ele estava concordando com a cabeça.

— Vou considerar suas palavras, Lorde...?

— Rothen.

— Obrigado, Lorde Rothen.

Rothen se quedou em um joelho, se levantou e se afastou. O governante o observou partir e depois tamborilou os dedos nas costas da cadeira do Lorde Supremo.

— Como você acha que a aprendiz do Lorde Supremo vai reagir quando seu guardião for exilado?

Sonea estava em completo silêncio.

Os Guerreiros a rodeavam e Akkarin os havia encapsulado numa barreira que bloqueava todo o barulho no salão. Ela observara os magos se juntarem para debater. Depois de uma longa pausa, os Magos Superiores retornaram a seus assentos e começaram uma discussão intensa.

Akkarin deu um passo para mais perto, mas não olhou para ela.

— Você escolheu uma hora inoportuna para a desobediência, Sonea.

Ela estremeceu com a raiva em sua voz.

— Você realmente acha que eu deixaria que o executassem?

Houve uma longa pausa antes de ele responder.

— Preciso que você permaneça aqui e continue a luta.

— Como posso fazer isso com o Clã observando cada movimento meu?

— Poucas oportunidades são melhor do que nada. E em última instância, eles poderiam recorrer a você para enfrentar os ichanis.

— Se eles tivessem a mim, nunca iam pensar em deixá-lo viver — ela retrucou. — Não vou permitir que me usem como uma desculpa para matá-lo.

Ele começou a se voltar para ela, então parou quando o som voltou de forma abrupta. Lorlen se levantou e fez soar um gongo.

— É hora de julgar se Akkarin da família Delvon, da Casa Velan, Lorde Supremo do Clã dos Magos, e Sonea, sua aprendiz, são culpados dos crimes de que são acusados.

Ele estendeu uma das mãos. Um globo de luz apareceu acima desta, e em seguida flutuou para o teto. Os outros Magos Superiores o seguiram, então centenas de outros globos de luz flutuaram vindos do restante dos magos e o Salão do Clã ficou cheio de brilho.

— Vocês julgam que Akkarin da família Delvon, da Casa Velan, é sem dúvida culpado do assassinato de Lorde Jolen, de sua família e de seus criados?

Vários globos lentamente ficaram vermelhos, mas a maioria permaneceu branca. Os Magos Superiores os encararam por bastante tempo, e Sonea percebeu que eles estavam contando os globos. Quando olharam de novo para Lorlen, cada um balançou a cabeça negativamente uma vez.

— A maioria escolheu o negativo — Lorlen declarou. — Vocês julgam que Akkarin da família Delvon, da Casa Velan, é culpado de buscar conhecimentos sobre magia negra, aprendê-la, praticá-la e, em adição às acusações anteriores,

ter matado com magia negra?

Na mesma hora, todos os globos ficaram vermelhos. Lorlen não esperou os Magos Superiores contarem os globos.

— A maioria escolheu o afirmativo — Lorlen falou. — Vocês julgam que Sonea, a aprendiz do Lorde Supremo, é culpada de buscar conhecimento e, em adição à essa acusação, aprender, praticar e matar com magia negra?

Os globos permaneceram vermelhos. Lorlen concordou com a cabeça lentamente.

— A maioria escolheu o afirmativo. A punição para esse crime é estabelecida por lei como execução. Nós, os Magos Superiores, debatemos quão apropriada seria essa pena à luz das razões dadas para esse crime, se for verdade. Preferiríamos adiar o julgamento até que a validade desses motivos fosse estabelecida, mas, devido à natureza do crime, sentimos que é preciso tomar uma atitude imediata. — Ele fez uma pausa. — Nós escolhemos o exílio como a punição de Akkarin.

O salão se encheu de murmúrios enquanto essa possibilidade era discutida. Sonea ouviu alguns protestos fracos, mas nenhum mago levantou a voz para reclamar.

— Akkarin da família Delvon, da Casa Velan, você não é mais bem-vindo nas Terras Aliadas. Você será escoltado para o país não aliado mais próximo. Você aceita esse julgamento?

Akkarin olhou para o Rei, então se ajoelhou.

— Se o Rei assim desejar.

O governante levantou as sobrancelhas.

— Eu desejo — ele disse.

— Então, irei.

O salão estava silencioso quando Akkarin se pôs de pé de novo.

O suspiro de alívio de Lorlen era audível. Ele se voltou para encarar Sonea.

— Sonea. Nós, os Magos Superiores, decidimos lhe oferecer uma segunda chance. Você vai permanecer aqui conosco sob estas condições: deve jurar nunca usar magia negra de novo, não terá permissão de deixar o terreno do Clã a partir do dia de hoje e nunca poderá ensinar outros. Você aceita esse julgamento?

Sonea encarou Lorlen incrédula. O Clã havia exilado Akkarin, mas a perdoado, embora ambos tivessem cometido o mesmo crime.

Mas não era o mesmo. Akkarin era seu líder e seu crime parecia pior porque ele deveria representar os valores do Clã. Ela era apenas uma jovem sugestionável. A favelada. Fácil de se corromper. Eles acreditavam que ela havia sido guiada para o mau caminho, e que Akkarin havia adotado a magia negra voluntariamente. Na verdade, ela havia escolhido aprendê-la, e *ele* havia sido forçado a isso.

Então, eles iriam permitir que ela permanecesse na segurança e conforto temporários do Clã, enquanto Akkarin era enviado para fora das Terras Aliadas para o país não aliado mais próximo, que era... Ela prendeu a respiração.

Sachaka.

De repente, ela não conseguia respirar. Eles iam mandá-lo para a mão de seus inimigos. Eles deviam saber que, se sua história fosse verdadeira, ele ia morrer.

“Mas, dessa maneira, eles não terão que arriscar uma batalha que podem perder.”

— Sonea — Lorlen repetiu. — Você aceita esse julgamento?

— Não.

Ela estava surpresa pela raiva em sua voz. Lorlen a encarou consternado, então olhou para Akkarin.

— Fique — Akkarin disse a ela. — Não faz sentido ambos irmos.

“Não se vamos para Sachaka”, ela pensou. “Mas talvez juntos possamos sobreviver.” Ela podia ajudá-lo a se fortalecer. Sozinho, ele só ia ficar mais fraco. Ela se agarrou a essa pequena esperança e virou-se para encará-lo.

— Eu fiz uma promessa a Takan de tomar conta de você. Pretendo cumpri-la.

Seus olhos se estreitaram.

— Sonea...

— Não diga que eu vou atrapalhar — ela murmurou, ciente das muitas testemunhas. — Isso não me deteve antes, e não vai me deter agora. Sei para onde eles o estão mandando. Eu vou com você, quer queira, quer não. — Virando-se para frente, levantou a voz para que todos pudessem ouvir. — Se vocês vão mandar o Lorde Supremo Akkarin para o exílio, precisam me mandar também. Assim, quando deixarem desse absurdo, ele pode ainda estar vivo e ser capaz de ajudá-los.

O salão estava silencioso. Lorlen a encarou, então olhou para os Magos Superiores. Sonea podia ver a derrota e a frustração em seus rostos.

— Não, Sonea! Fique aqui.

Sonea sentiu o estômago revirar ao ouvir a voz. Ela se forçou a olhar para Rothen.

— Lamento, Rothen — ela disse. — Mas não vou ficar.

Lorlen respirou fundo.

— Sonea, eu só vou lhe dar mais uma chance. Você aceita esse julgamento?

— Não.

— Então, que fique sabido por todas as Terras Aliadas que Akkarin da família Delvon, Casa Velan, ex-Lorde Supremo do Clã dos Magos, e Sonea, ex-aprendiz do Lorde Supremo, foram exilados por crimes de aprender, praticar e matar com magia negra.

Ele se virou para Lorde Balkan e disse algo numa voz baixa demais para ser ouvida. Ele então desceu de seu assento, andou até o círculo de Guerreiros e parou a um passo de distância de Akkarin. Esticando os braços, agarrou a túnica negra com ambas as mãos. Sonea ouviu o tecido rasgar.

— Eu o expulso, Akkarin. Não entre em minhas terras de novo.

Akkarin encarou Lorlen, mas não falou. O Administrador se afastou dele e se aproximou de Sonea. Seus olhos se encontraram por um instante, e ele então desviou o olhar, agarrou sua manga e a rasgou.

— Eu a expulso, Sonea. Não entre em minhas terras de novo.

Virando-se, ele se afastou a passos largos. Sonea olhou para o rasgo em sua túnica. Era um rasgo pequeno, do tamanho de um dedo. Um gesto pequeno, mas muito definitivo.

Os Magos Superiores se levantaram e começaram a descer as fileiras de assentos. O coração de Sonea parou um instante quando Lorde Balkan entrou no círculo e se aproximou de Akkarin. Enquanto ele rasgava a túnica negra e dizia as palavras rituais, o resto dos Magos Superiores formava uma fila atrás dele, e ela percebeu que eles estavam esperando sua vez.

Quando Balkan se aproximou dela, ela se forçou a observar enquanto o Guerreiro rasgava-lhe a túnica e falava as palavras rituais. Foi preciso toda a determinação, mas ela devolveu seu olhar, e o de cada um dos magos que se seguiu.

Depois de todos os Magos Superiores terem realizado o ritual, Sonea suspirou com alívio. O resto do Clã se levantou dos seus assentos. Em vez de sair pelas portas do Salão do Clã, eles começaram a se aproximar de Akkarin um por um.

Parecia que ela ia ter que aguentar essa cerimônia de rejeição muitas e muitas mais vezes.

Essa percepção a perturbou. Foi preciso toda sua força de vontade para encará-los. Ela se manteve parada enquanto magos que a haviam ensinado pararam para rasgar sua túnica, as expressões de desaprovação ou desapontamento. As palavras rituais de *Lady* Tya mal podiam ser ouvidas, e ela se apressou em se afastar. Lorde Yikmo a olhou com um olhar inquisitivo, então balançou a cabeça negativamente, com tristeza. Por fim, havia apenas alguns magos restantes. Ela olhou quando eles entraram no círculo e sentiu o estômago dar um nó.

Rothen e Dannyl.

Seu ex-guardião se aproximou de Akkarin lentamente. Ele encarou Akkarin, os olhos ardendo de raiva, então os lábios de Akkarin se moveram. Ela não conseguiu ouvir exatamente o que ele disse, mas o fogo nos olhos de Rothen se apagou. Este murmurou uma resposta e Akkarin fez que sim com a cabeça. Franzindo a testa, Rothen esticou a mão para rasgar a túnica de Akkarin. Ele falou as palavras rituais, então manteve os olhos no chão enquanto dava alguns passos em direção a ela.

Ela sentiu a garganta apertar. O rosto de Rothen parecia emaciado e cheio de rugas. Ele olhou para ela e seus pálidos olhos azuis reluziram com as lágrimas que se juntavam neles.

— *Por que*, Sonea? — ele sussurrou roucamente.

Ela sentiu os olhos ficarem úmidos. Fechou-os com força e engoliu em seco.

— Eles o estão mandando para a morte.

— E você?

— Dois podem sobreviver onde um vai falhar em retornar. O Clã tem que descobrir a verdade por si mesmo. Quando ele o fizer, nós vamos retornar.

Ele respirou fundo, então deu um passo à frente e a abraçou.

— Cuide-se Sonea.

— Eu vou me cuidar, Rothen.

Ela ficou sem ar ao ouvir seu nome. Ele deu um passo para trás. Enquanto ele ia embora, ela percebeu que ele não havia rasgado sua túnica. Ela sentiu o fio de uma lágrima escorrer por sua bochecha e rapidamente a limpou enquanto Dannyl se colocava à frente dela.

— Sonea.

Ela se forçou a olhar para ele. Dannyl encarou seu olhar tranquilo.

— Sachakanos, hein?

Ela fez que sim com a cabeça, não confiando em sua voz.

Ele apertou os lábios.

— Vamos ter que ver isso. — Ele deu um tapinha em seu ombro e então se afastou. Ela o observou se juntar a Rothen.

A atenção dela foi atraída quando, um por um, os Guerreiros que rodeavam ela e Akkarin deram um passo à frente para realizar o ritual. Quando eles ficaram prontos, ela olhou em volta e descobriu que os magos haviam formado duas fileiras que levavam às portas do Salão do Clã. Atrás dele, estavam os aprendizes. Ela suspirou com alívio por eles não terem sido incluídos no ritual. Encarar Regin naquela situação teria sido... interessante.

Os Magos Superiores formaram um segundo círculo em volta da guarda de Guerreiros, com Lorlen à frente. Quando o Administrador começou a andar em direção às portas do Salão do Clã, essa escolta dupla o seguiu e passou pelas duas linhas de magos para fora do salão em direção às portas da Universidade.

Fora do prédio, havia um círculo de cavalos, mantidos no lugar por cavalariços. Dois cavalos esperavam no centro. Akkarin se aproximou do par central e Sonea o seguiu. Quando ele subiu na sela de um, ela hesitou e olhou para o outro cavalo com ar duvidoso.

— Você está duvidando de sua decisão? — Sonea se virou e descobriu Lorde Osen parado ao lado dela, segurando as rédeas da montaria.

Sonea balançou a cabeça negativamente.

— Não, é só que... eu nunca cavalguei antes.

Ele olhou para a multidão de magos que transbordava das portas atrás dela, depois virou seu cavalo para bloquear a visão deles.

— Coloque a mão na frente da sela, depois ponha a ponta da sua bota esquerda aqui. — Ele pegou o estribo do cavalo e o segurou para que ficasse parado. Sonea fez como ele disse e, segundo suas instruções posteriores, conseguiu de alguma forma subir na sela.

— Não se preocupe muito em dirigi-lo — ele disse a ela. — Ele vai seguir os outros.

— Obrigada, Lorde Osen.

Ele olhou para ela e balançou uma vez a cabeça positivamente, em seguida afastou-se e subiu em sua montaria.

De seu novo ângulo privilegiado, ela podia ver a multidão de magos reunidos fora do Clã. Os Magos Superiores estavam parados numa fileira no degrau de baixo da Universidade, com exceção de Lorde Balkan, que havia se juntado à guarda de Guerreiros nos cavalos. Sonea procurou pelo Rei, mas ele não podia ser visto.

Lorlen andou para a frente e lentamente se aproximou de Akkarin. Ele olhou para cima, depois balançou a cabeça negativamente.

— Você está tendo uma espécie de segunda chance, Akkarin. Use-a bem.

Akkarin o encarou por um instante.

— E você, meu amigo, embora eu tema que vá encarar problemas piores do que eu irei. Nós nos falaremos de novo.

Lorlen deu um sorriso torto.

— Tenho certeza que sim.

Ele se afastou e voltou a seu lugar entre os Magos Superiores, depois acenou com a cabeça para Balkan. O Guerreiro incitou seu cavalo a andar e o resto da escolta o seguiu.

Quando seu cavalo começou a se mover, Sonea agarrou a sela. Ela olhou para Akkarin, mas os olhos dele estavam fixos nos Portões do Clã. Quando eles passaram pela entrada, ela virou-se cuidadosamente para dar uma última olhada na Universidade, repousando alta e graciosa entre os outros prédios do Clã.

Uma pontada de tristeza e arrependimento a pegou de surpresa.

“Eu não havia percebido o quanto considerava esse lugar meu lar”, ela pensou. “Será que vou sobreviver para retornar e vê-lo de novo?”

“Ou...”, uma voz mais sinistra acrescentou, “...eu vou voltar apenas para encontrar uma pilha de escombros?”

Parte dois

Capítulo 19

Um Pedido

Sonea se ajeitou na sela e flexionou os músculos doloridos da coxa. Embora ela curasse a dor todas as noites, não era preciso cavalgar muito para que seu corpo doesse de novo. Lorde Osen disse a ela que se acostumaria com a sela se não se curasse, mas ela não via razão em se fortalecer para cavalgar quando o cavalo logo seria tomado dela.

Ela suspirou e olhou as montanhas à frente. Elas haviam aparecido pela primeira vez no horizonte um dia atrás. A linha imprecisa ficara lentamente maior e a manhã revelara os declives de pedra irregular e floresta se transformando em altos cumes. As montanhas pareciam selvagens e intransitáveis, mas, agora que a escolta havia alcançado as colinas baixas na base, Sonea podia ver um laço de brancura enrolado entre as árvores em direção a um declive entre dois dos picos. Em algum lugar no final daquela estrada estava o Forte e a entrada para Sachaka.

A paisagem que mudava lentamente a fascinava. Ela nunca tinha vagueado para além dos limites da cidade de Imardin. Viajar era uma nova experiência, e ela poderia ter gostado dela, não fossem as circunstâncias.

De início, a estrada havia corrido junto a campos cobertos com fileiras de diferentes plantas. Os trabalhadores, cavando o solo, plantando ou fazendo a colheita, eram homens ou mulheres, jovens e velhos. Tanto adultos quanto crianças eram vistos pastorando animais domésticos de todos os tamanhos pela estrada. Pequenas casas surgiam solitárias em grandes expansões de terreno. Sonea se perguntava se seus ocupantes eram felizes vivendo de uma forma tão isolada.

De tempos em tempos, a estrada era tomada por grupos de casas. Em alguns desses vilarejos, Lorde Balkan enviava um de seus Guerreiros para comprar

comida. Em cada um dos dias anteriores, ao meio-dia, eles haviam encontrado um mago e vários homens da região esperando com cavalos descansados. Trocavam de montaria para permitir que o grupo continuasse viajando todas as noites. A escolta não fazia paradas nem se detinha para dormir, e ela presumiu que estavam usando Cura para eliminar o cansaço. Quando perguntou por que eles não apenas descansavam os cavalos com poder de Cura, ele disse que os animais não aguentavam a fadiga mental que acompanhava a falta de descanso como o faziam os humanos.

Até o momento, ela sentia que estava lidando muito bem com a falta de sono. A primeira noite havia sido clara, e o caminho fora iluminado pela luz da lua ou das estrelas. Sonea havia cochilado tão bem quanto possível a cavalo. Nuvens haviam coberto o céu na noite seguinte, e eles tinham viajado sob um grupo de globos de luz.

Olhando as montanhas que se agigantavam tão próximas, Sonea se perguntou se eles teriam uma terceira noite em Kyralia.

— Parem!

As batidas de cascos na estrada mudaram para passos arrastados conforme a escolta parava. O cavalo dela se moveu para ficar ao lado do de Akkarin. Sonea sentiu uma faísca de esperança de que Akkarin se virasse para encará-la. Ele não havia falado com ela, nem com qualquer um, desde que partira de Imardin.

Mas ele não falou nada e se virou para observar Lorde Balkan.

O Chefe dos Guerreiros entregou algo a um dos magos. Dinheiro para comprar comida no próximo vilarejo, Sonea imaginou. Ela olhou ao redor e percebeu que estavam parados numa encruzilhada. Uma continuava em direção às montanhas; a outra pista, menor, descia para um vale com poucas árvores, onde havia um grupo de casas, próximas umas das outras, ao lado de um rio estreito.

— Lorde Balkan — Akkarin falou.

Todas as cabeças imediatamente se viraram para encará-lo. Sonea resistiu a um desejo de sorrir com as expressões de alarme e surpresa da escolta. “Então

ele finalmente decidiu falar.”

Balkan encarou Akkarin cauteloso.

— Sim?

— Se entrarmos em Sachaka com essas túnicas, seremos reconhecidos. Você vai nos deixar trocá-las por roupas comuns?

O olhar de Balkan passou para Sonea e então voltou para Akkarin. Ele concordou com a cabeça e se virou para o Guerreiro, que estava esperando.

— Roupas também, então. Nada muito elegante nem brilhante.

O mago concordou com a cabeça, então lançou um olhar para conferir as medidas de Akkarin e Sonea antes de cavalgar para longe.

Sonea sentiu o nó no estômago se apertar. Isso queria dizer que estavam próximos da Passagem? Iriam alcançar a fronteira hoje? Ela olhou para as montanhas e tremeu.

Por muitas vezes, esperara ouvir um chamado mental de Lorlen, ordenando que retornassem, mas não acreditava que viesse. A maneira como haviam partido de Imardin tinha deixado claro que ela e Akkarin não mais eram bem-vindos em Kyralia.

Ela fez uma careta quando se lembrou. Balkan havia escolhido uma rota tortuosa pela cidade que os fazia passar por todos os Bairros. Em cada interseção significativa de ruas, eles haviam parado, interrompendo todas as atividades, enquanto Balkan anunciava os crimes dela e de Akkarin, e a punição do Clã. A expressão de Akkarin tinha se escurecido de raiva. Ela havia chamado os magos de tolos, e se recusado a falar desde então.

A procissão havia atraído grandes multidões, e, quando a escolta chegara ao Portão Norte, uma multidão ansiosa de favelados tinha se reunido. Quando as pedras haviam voado em direção a Sonea, ela apressadamente criara um escudo.

Um sentimento de que fora traída tomou conta dela enquanto os favelados gritavam e jogavam projéteis nela e em Akkarin, mas ele logo sumiu. Os favelados provavelmente viram dois magos ruins de um Clã que já desprezavam,

então tomaram vantagem da oportunidade de jogar pedras e gritar insultos sem represália.

Virando-se em sua sela, Sonea olhou para trás na estrada. Agora, a cidade estava bem longe no horizonte. Os Guerreiros atrás dela a observavam com atenção.

Lorde Osen estava entre eles. Ele franziu ainda mais as sobrancelhas quando seus olhos se encontraram. Ele havia falado com ela em várias ocasiões durante a jornada, na maior parte das vezes para ajudá-la com os cavalos que havia cavalgado.

Algumas vezes, ele indicara que o Clã poderia permitir que ela voltasse a Imardin se ela mudasse de ideia. Ela havia decidido não responder sempre que ele fazia tal sugestão.

Mas o medo, o desconforto e o silêncio de Akkarin haviam minado sua determinação. Dando as costas para Osen, ela pensou em Akkarin de novo. Suas tentativas de falar com ele haviam recebido um silêncio pétreo. Ele parecia disposto a ignorá-la.

Mas mesmo assim, de vez em quando, ela o tinha visto observá-la. Se ela não dava nenhuma indicação de que havia percebido, seu olhar se demorava por um bom tempo, mas, se ela olhava em sua direção, a atenção dele se voltava para outra coisa.

Isso se mostrava tanto enfurecedor quanto intrigante. Não era o fato de ele ficar olhando que a incomodava; era que ele não queria que ela o visse olhando. Sonea deu um sorriso de ironia. Será que ela estava começando a sentir falta dos olhares penetrantes e difíceis de encarar que ela havia evitado por tanto tempo?

Ela ficou séria. Sem dúvida, ele queria que ela não se sentisse bem-vinda, para que ela pudesse virar as costas e correr de volta para o Clã. Ou era algo mais simples? Será que ele realmente não a queria por perto? Ela havia se perguntado muitas vezes se ele a culpava pela descoberta de seu segredo. Teria Balkan invadido a sala subterrânea de Akkarin se ele não tivesse encontrado os livros de magia negra no quarto dela? Akkarin havia dito para mantê-los escondidos. Ela

o fizera, mas obviamente não bem o suficiente.

Talvez ele apenas achasse que estaria melhor sem ela.

“Se for isso, ele está errado”, ela disse a si mesma. Sem um companheiro de quem extrair força, ele só ia ficar mais fraco cada vez que usasse seus poderes. Com ela lá, ele poderia ser capaz de se defender de um ataque de um ichani. “Não importa se ele *gosta* de me ter por perto.”

“Ah, mas seria tão melhor se ele gostasse.”

Será que ele se mostraria mais amigável quando chegassem a Sachaka e não houvesse mais razão para tentar persuadi-la a deixá-lo? Ele aceitaria sua escolha ou continuaria a ficar bravo por ela tê-lo desobedecido? Ela franziu as sobrancelhas. Ele não entendia que ela havia desistido de tudo para salvá-lo?

Ela balançou a cabeça negativamente. Não importava. Ela não queria sua gratidão. Ele podia ser tão silencioso e rabugento quanto quisesse. Ela só queria ter certeza de que sobreviveria, e não só porque isso significava que ele poderia retornar e ajudar a salvar o Clã dos ichanis. Se ela realmente não se importasse com ele, teria ficado em Imardin, mesmo que isso significasse se tornar uma prisioneira do Clã. Não, ela havia vindo com ele porque não podia suportar a ideia de abandoná-lo depois de tudo que ele passara.

“Eu substituí Takan”, ela pensou de repente. O ex-escravo havia seguido Akkarin para fora de Sachaka e se tornado seu criado fiel. Agora, ela estava seguindo Akkarin *para dentro* de Sachaka. O que ele tinha que inspirava tal devoção?

“Eu, devotada à Akkarin?” Ela quase riu em voz alta. “Tanta coisa mudou. Acho que posso até gostar dele agora.”

Então, seu coração parou por um instante.

“Ou é mais que isso?”

Ela avaliou a pergunta com cuidado. Com certeza, se havia mais quanto a isso, ela teria percebido bem antes de agora. De maneira abrupta, lembrou-se da noite em que matara a ichani. Depois disso, Akkarin roçou o cabelo dela com a mão

para tirar algo. O toque a fez se sentir muito estranha. Leve. Exultante.

Mas talvez isso fosse apenas um efeito da batalha. Sobreviver a uma passagem tão próxima da morte com certeza iria gerar sentimentos de júbilo. Isso não significava que ela estava... que ela sentia...

“Tudo que eu tenho a fazer é olhar para ele e eu vou saber.”

De repente, ela estava com medo. E se isso fosse verdade? E se ele devolvesse seu olhar e visse algo bobo em sua expressão? Ele ficaria ainda mais determinado a fazê-la permanecer em Kyralia.

Murmúrios entre a escolta a salvaram. Ela olhou e viu que o Guerreiro que havia cavalgado para o vilarejo estava retornando. Nos joelhos do homem, havia um saco e uma trouxa de roupa. Ele entregou a trouxa para Balkan quando alcançou o grupo.

Balkan abriu a trouxa e tirou dela uma camisa de tecido áspero e um par de calças de pernas estreitas, além de uma longa camisa de lã como as que Sonea tinha visto mulheres dos vilarejos usando. Ele olhou para Akkarin.

Akkarin concordou com a cabeça.

— Elas vão servir.

Balkan enrolou as roupas e as jogou para Akkarin. Sonea hesitou quando Akkarin começou a desmontar e então forçou suas pernas doloridas a se moverem. Quando seus pés tocaram o chão, Akkarin pressionou a camisa comprida e um segundo par de calças nas suas mãos.

— Desviem o olhar — Balkan ordenou.

Sonea olhou ao redor e viu que o resto dos magos estava virando de costas. Ela ouviu um barulho de seda rasgando enquanto Akkarin tirava a parte de cima da túnica e a deixava cair no chão. O material cintilou na luz do sol, as fitas de tecido rasgado sacudindo com o vento batendo. Akkarin fez uma pausa para olhar, a expressão indecifrável, então se aprumou e esticou a mão até a cintura para tirar a calça.

Sonea rapidamente se virou de costas, o rosto de repente quente. Ela olhou

para sua própria túnica e engoliu em seco com força.

“Melhor terminar isso de uma vez.”

Respirando fundo, soltou o cinturão e rapidamente tirou a metade de cima da túnica. Seu cavalo se afastou nervoso quando Sonea derrubou a vestimenta no chão e rapidamente vestiu a camisa pela cabeça.

Enquanto vestia a calça, ela se sentiu grata pelo comprimento generoso da camisa, que a cobria até quase o joelho. Virando-se, descobriu Akkarin inspecionando as rédeas do cavalo com atenção. Ele lançou um olhar para ela e montou no cavalo.

Balkan, ela viu, continuara olhando para eles. “Bem, alguém tinha que manter um olho em nós”, ela pensou com ironia. Ela foi até seu cavalo, colocou a bota no estribo e conseguiu se instalar na sela.

Akkarin parecia estranho com roupas pesadas. Sua camisa pendia esquisita no corpo magro. O queixo mostrava um ponto escuro onde um início de barba havia começado a crescer. Ele não parecia em nada com o Lorde Supremo imponente que havia intimidado a maior parte do Clã por tanto tempo.

Ela olhou para si mesma e riu baixinho. Também não era exatamente a imagem da elegância. A camisa provavelmente era uma roupa velha de uma esposa de fazendeiro. O tecido áspero mostrava-se duro contra sua pele, mas não pior do que as que ela tinha usado antes de entrar para o Clã.

— Com fome?

Sonea se assustou quando percebeu que Lorde Osen havia colocado o cavalo ao lado do dela. Ele estava estendendo a mão para ela com um pão cheio de grãos e uma caneca. Ela pegou agradecida e começou a comer, tomando goles de vinho aguado para ajudar a descer o pão. O vinho era barato e amargo, mas entorpeceu um pouco a dor em seus músculos. Ela devolveu a caneca.

Quando a escolta terminou de comer, eles continuaram a viagem, e o cavalo dela voltou a seu passo sacolejante. Sonea reprimiu um gemido e se resignou a muitas horas mais de cavalgada e músculos doloridos.

Quando Gol entrou na sala de convidados de Cery, seus olhos se dirigiram para Savara. Ele a cumprimentou com a cabeça e então se voltou para Cery.

— Takan diz que eles estão próximos da fronteira — ele relatou. — Chegarão ao Forte amanhã à noite.

Cery concordou com a cabeça. Ele oferecera uma suíte confortável de salas subterrâneas para Takan ficar, mas tinha tido o cuidado de contratar criados que não haviam ouvido falar da mulher estrangeira misteriosa de que Ceryni estava gostando. Savara havia pedido para garantir que Takan não soubesse nada sobre ela. Ela havia adivinhado que Akkarin era capaz de se comunicar com seu criado e se Akkarin fosse capturado pelos ichanis, ela explicou, eles poderiam descobrir por ele sua presença em Kyralia. “Há muito ódio entre meu povo e os ichanis”, ela disse. Ela não falou por que, e Cery sabia que não ia adiantar pressioná-la querendo mais informações.

Gol se sentou e suspirou.

— O que vamos fazer?

— Nada — Cery respondeu.

Gol franziu a testa.

— E se outro assassino chegar à cidade?

Cery olhou para Savara e sorriu.

— Eu acho que podemos dar conta. E eu havia prometido o próximo para Savara.

Para sua surpresa, ela balançou negativamente a cabeça.

— Não posso ajudá-lo agora. Não agora que Akkarin partiu. Os ichanis vão suspeitar que outros estão envolvidos se seus escravos continuarem a morrer.

Cery a encarou sério.

— Isso iria fazê-los evitar mandar mais, não iria?

— Talvez. Mas minhas ordens são as de não chamar atenção para meu povo.

— Então, a responsabilidade é nossa agora. Como você sugere que nós os matemos?

— Não acho que você vai ter que fazer isso. Eles conseguiram aquilo para o que estavam enviando os escravos.

— Então, eles estavam atrás de Akkarin, afinal? — Gol perguntou.

— Sim e não — ela respondeu. — Eles vão matá-lo, se puderem. Mas agora que eles sabem da fraqueza do Clã, ele será seu alvo.

Gol a encarou.

— Eles vão atacar o Clã?

— Sim.

— Quando?

— Logo. — O Clã poderia ter tido algum tempo para se preparar se tivessem mandado Akkarin para longe sem alarde. Mas eles contaram a todas as terras sobre ele.

Cery suspirou e esfregou as têmporas.

— A procissão.

— Não — ela respondeu. — Embora tenha sido tolice da parte deles anunciar o crime e a punição de Akkarin publicamente, levaria dias ou até mesmo uma semana ou duas para os ichanis saberem disso. — Ela balançou a cabeça negativamente. — Os magos do Clã têm discutido sobre Akkarin por comunicação mental há dias. Os ichanis terão ouvido tudo.

— O Clã tem alguma chance? — Gol perguntou.

Ela pareceu triste.

— Não.

Gol arregalou os olhos.

— O *Clã* não pode detê-los?

— Não sem magia superior.

Cery se levantou e começou a andar pela sala.

— Quantos ichanis existem?

— Vinte e oito, mas aqueles com quem você precisa se preocupar formam um bando de no máximo dez.

— Hai! Só *dez*?

— Cada um deles é muitas, muitas vezes mais poderoso do que um mago do Clã. Juntos, podem derrotar o Clã facilmente.

— Oh — Cery cruzou a sala mais algumas vezes. — Você disse que teria matado aquela mulher ichani sozinha. Então, você deve ser mais forte do que um mago do Clã.

Ela sorriu.

— Bem mais forte.

Cery notou que Gol ficou um pouco pálido.

— E quanto ao resto do seu povo?

— Muitos são iguais a mim ou mais fortes.

Ele mastigou o lábio pensando.

— O que seu povo ia querer em troca de ajudar Kyralia?

Ela sorriu.

— Seu povo não ficaria mais feliz com a possibilidade de aceitar a ajuda do meu povo do que ficaria se fosse governado pelos ichanis. Nós também usamos o que o Clã chama de magia negra.

Cery fez um gesto desdenhoso.

— Se os ichanis vierem, eles podem mudar de ideia em relação a isso.

— Eles podem. Mas meu povo não vai se revelar.

— Você disse que eles não queriam os ichanis em Kyralia.

— Sim, isso é verdade. Mas eles não vão interferir se isso os colocar em risco. Somos apenas outra facção em Sachaka, e uma que muitas pessoas poderosas temem e gostariam de destruir. Nós só podemos ajudar até certo ponto.

— *Você* vai nos ajudar? — Gol perguntou.

Ela deu um suspiro profundo.

— Eu gostaria de poder. Mas tenho minhas ordens para ficar de fora desse conflito. Minhas ordens... — ela olhou para Cery — são para voltar para casa.

Cery concordou com a cabeça lentamente. Então ela estava partindo. Ele havia adivinhado que ela iria naquela outra noite, no teto. Não ia ser fácil dizer adeus, mas ele também não podia deixar seu coração reger sua cabeça.

— Quando?

Ela olhou para baixo.

— Imediatamente. — É uma longa jornada. Os ichanis vão estar vigiando a fronteira kyraliana. Vou ter que ir por Elyne. Mas... — ela deu um sorriso levado. — Não vejo como partir hoje à noite ou amanhã de manhã venha a fazer muita diferença.

Gol cobriu a boca com a mão e tossiu.

— Eu não sei — Cery respondeu. — Pode fazer bastante diferença. Pelo bem de Kyralia, devo empreender um bom esforço para tentar fazer você mudar de ideia. Com um pouco de rasook assado e uma garrafa de Anuren escuro...

Ela levantou as sobrancelhas.

— Anuren escuro? Vocês Ladrões ganham melhor do que eu pensava.

— Na verdade, eu tenho um negócio com alguns contrabandistas de vinhos.

Ela sorriu.

— É claro que você tem.

Ao ouvir uma batida na porta principal de seus aposentos, Rothen suspirou e

exerceu sua vontade. Não se preocupou em ver quem era.

— De volta de novo, Dannyl? Você passou mais tempo nos meus aposentos do que nos seus desde que chegou. Não tem rebeldes nem missões secretas para mantê-lo ocupado?

Dannyl riu.

— Não por mais uma semana. Enquanto isso, achei que poderia bater um papo com um velho amigo antes de eles me mandarem para longe de novo. — Ele foi até o meio círculo de cadeiras na sala de visitas e sentou em frente a Rothen. — Imaginei que você não visitaria o Salão da Noite hoje.

Rothen levantou os olhos e viu a compreensão nos olhos de Dannyl.

— Não.

Dannyl suspirou.

— Eu realmente preciso ir. Encarar as fofocas e tudo isso. Mas...

— Não é fácil — Rothen terminou. Dannyl havia dito o que o plano de Akkarin para capturar os rebeldes tinha envolvido. As afirmações do Dem Marane sobre seu captor já haviam chegado a todos os cantos do Clã. Embora a maioria dos magos estivessem dispostos a ignorá-las, Rothen sabia que sempre havia alguns que acreditavam em qualquer escândalo de que tivessem conhecimento.

Rothen havia aguentado os mesmos olhares especuladores e desaprovadores dois anos atrás, quando o Clã questionara se era apropriado Sonea permanecer em seus aposentos. Encarar as fofocas fora difícil, mas importante... E ter Yalding e Ezrille para apoiá-lo também ajudou.

“Eu devia apoiar Dannyl agora.”

Rothen respirou fundo e se levantou.

— Bem, então é melhor irmos logo ou vamos perder toda a diversão.

Dannyl piscou surpreso.

— Eu achei que você não iria...?

— Goste ou não, tenho dois ex-aprendizes para cuidar — Rothen deu de ombros. — Não vou ajudar nenhum deles me lamentando no meu quarto.

Dannyl se levantou.

— Você tem certeza?

— Sim.

— Obrigado.

Rothen sorriu com a gratidão na voz de Dannyl. Ele tinha ficado aliviado em descobrir que, nas interações particulares, ainda era o mesmo homem que sempre fora. Dannyl não parecia consciente disso, mas havia adotado um jeito diferente de se portar em público. Havia confiança e autoridade em como ele se portava, e, junto com sua altura, isso lhe conferia uma presença formidável.

“Incrível o que um pouco de responsabilidade pode fazer”, Rothen pensou.

Dannyl seguiu Rothen pelo corredor e desceu a escada até a entrada dos Aposentos dos Magos. O sol se punha e o pátio lá fora era banhado por uma luz laranja avermelhada. Eles o atravessaram em direção à porta do Salão da Noite.

Dentro estava quente e barulhento. Rothen notou quantos magos se viraram para notar sua chegada e continuaram a observá-los. Não levou muito tempo para que alguns se aproximassem e as perguntas continuassem.

Por mais de uma hora, ele e Dannyl foram abordados por magos que queriam saber mais sobre os rebeldes. Rothen havia notado tanto respeito quanto curiosidade em seus rostos e muito pouca suspeita. Dannyl estava hesitante de início, em seguida ficou mais confiante. Depois que um grupo de Curadores partiu, tendo discutido as instruções de Vinara para salvar o renegado de envenenamento, Dannyl se virou para Rothen e deu um sorriso de remorso.

— Temo que esteja roubando toda sua atenção, meu amigo.

Rothen deu de ombros.

— Que atenção? Ninguém está me importunando com perguntas sobre Sonea.

— Não. Talvez eles o tenham deixado em paz, pelo menos desta vez.

— Não é provável. É só que...

— Embaixador Dannyl.

Eles se viraram para encontrar Lorde Garrel se aproximando. Rothen franziu a testa quando o Guerreiro inclinou a cabeça educadamente. Ele nunca havia gostado de Garrel e sentia que o mago podia ter tentado com mais empenho desencorajar seu favorito, Regin, a provocar Sonea.

— Lorde Garrel — Dannyl respondeu.

— Bem-vindo de volta — o Guerreiro disse. — É bom estar em casa?

Dannyl deu de ombros.

— Sim, é bom ver meus amigos de novo.

Garrel lançou um olhar para Rothen.

— Você realizou mais um grande serviço para nós. Com um grande sacrifício pessoal também, pelo que ouvi dizer. — Ele se inclinou para mais perto. — Admiro sua coragem. Eu não teria corrido tal risco. Mas prefiro ação direta a subterfúgios.

— E você é bem melhor nisso pelo que soube — Dannyl respondeu.

Rothen piscou surpreso, então se virou para esconder o sorriso. Conforme a conversa continuou, ele se descobriu cada vez mais feliz de ter vindo ao Salão da Noite. Estava claro que a corte de Elyne havia ensinado a Dannyl mais do que parecer e soar como alguém de autoridade.

— Lorde Garrel — uma outra voz disse. Um jovem Alquimista apareceu próximo do ombro do Guerreiro. Lorde Larkin, o professor de Edificações e Construção.

— Sim? — respondeu Garrel.

— Achei que você precisava saber: Lorde Harsin expressou um desejo de conversar sobre o progresso de seu aprendiz em Enfermidades.

O Guerreiro fechou a cara.

— É melhor eu procurá-lo então. Boa noite, Lorde Rothen, Embaixador Dannyl.

Quando Garrel se afastou, Larkin fez uma careta.

— Achei que vocês poderiam querer ser resgatados — o jovem mago disse. — Não que você precise, Embaixador. É só que vários de nós percebemos que aqueles com quem Garrel decide conversar costumam desejar uma interrupção cedo ou tarde. Em geral, cedo.

— Obrigado, Lorde Larkin — Dannyl disse. Ele olhou para Rothen e deu um sorriso malicioso. — Achei que só nós havíamos percebido isso.

— Ah, ser tão habilidoso em deixar as pessoas desconfortáveis exige prática. Imaginei que Garrel tinha achado que você seria um bom alvo, depois dessa última tempestade num copo d'água.

Dannyl levantou as sobrancelhas surpreso.

— Você acha isso?

— Bem, certamente é bem menos ruim do que... do que usar magia negra — o jovem mago disse. Ele olhou para Rothen, então corou. — Não que eu acredite no que o rebelde diz, é claro, mas... — Ele olhou ao redor da sala e deu um passo para trás. — Desculpe-me, Embaixador, Lorde Rothen. Lorde Sarrin acabou de indicar que deseja falar comigo.

Larkin acenou com a cabeça para ambos, então se afastou apressado. Dannyl olhou ao redor da sala.

— Que interessante. Sarrin nem está aqui.

— Sim — Rothen respondeu. — É interessante. Em particular, o pedaço sobre você precisar ser resgatado. Está claro que você não precisa, Dannyl. Na verdade, não acredito que precisasse que eu viesse com você de forma alguma. — Ele deu um suspiro exagerado. — É bem desapontador.

Dannyl sorriu e deu um tapinha no ombro de Rothen.

— Deve ser mesmo desapontador sempre ver seus aprendizes alcançando

novos lugares.

Rothen deu de ombros, e seu sorriso virou uma careta.

— Ah, mas se pelo menos esse lugar não fosse Sachaka.

Capítulo 20

A Punição do Clã

Quando alcançou a porta para o escritório do Administrador Lorlen, Dannyl fez uma pausa para respirar fundo e aprumar os ombros. O pedido para encontrar com os Magos Superiores tinha vindo mais rápido do que ele esperava, e ele tinha a sensação incômoda de que deveria estar mais preparado. Olhou para a pasta contendo o relatório, e então deu de ombros. Mesmo que ele pensasse em algo, era tarde demais para fazer mudanças agora.

Bateu na porta. Ela se abriu e Dannyl entrou. Ele cumprimentou com a cabeça os magos sentados nas cadeiras. *Lady* Vinara e Lorde Sarrin estavam presentes, bem como o Administrador Expatriado Kito. Como de costume, Lorlen estava sentado atrás da mesa. O Administrador apontou para uma cadeira vazia.

— Por favor, sente-se, Embaixador Dannyl — Lorlen disse. Ele fez uma pausa enquanto Dannyl tomava o assento oferecido. — Gostaria de ter esperado até Lorde Balkan retornar antes de pedir para você relatar os detalhes completos de seu encontro com os rebeldes, mas a necessidade de investigar as afirmações de Akkarin tão logo quanto possível nos convenceu que é melhor não adiar, e sua história pode lançar um pouco de luz sobre as atividades dele. Então, conte-nos quais foram as ordens de Akkarin para você.

— Recebi uma carta dele há mais de seis semanas. — Dannyl abriu a pasta e tirou a carta. Ele a enviou flutuando para a mesa de Lorlen.

O Administrador a pegou e a leu em voz alta.

— *"Tenho observado por alguns anos os esforços de um pequeno grupo de cortesões elynes em aprender magia sem a ajuda ou o conhecimento do Clã. Apenas recentemente eles tiveram algum sucesso. Agora que ao menos um deles conseguiu desenvolver seus poderes, o Clã tem o direito e o dever de lidar com*

eles. Incluí informações sobre esse grupo na carta. Você vai achar seu relacionamento com o acadêmico Tayend de Tremmelin útil para persuadi-los que você é de confiança. É possível que os rebeldes tentem usar essas informações pessoais contra você uma vez que você os prenda. Vou garantir que seja entendido que pedi a você para dar essas informações a eles a fim de alcançar seu objetivo."

Como Dannyl esperava, os outros magos trocaram olhares de confusão.

— Presumo que ele queria dizer sua relação de trabalho com esse acadêmico? — perguntou Sarrin.

Dannyl abriu os braços num gesto.

— Sim e não. Imagino que ele estava se referindo aos rumores sobre nosso relacionamento pessoal. Tayend é, como os elynes dizem, um moço. — Sarrin levantou as sobrancelhas, mas nem ele nem os Magos Superiores pareciam confusos com o termo, então Dannyl continuou. — Os elynes vêm especulando sobre se há mais quanto à nossa associação do que interesse acadêmico desde que ele começou a ajudar com a minha pesquisa.

— E você permitiu que os rebeldes acreditassem que isso era verdade, para que achassem que podiam chantageá-lo se você se mostrasse problemático? — perguntou Sarrin.

— Sim.

— Akkarin não foi muito específico. Ele poderia querer que você os encorajasse a pensar que você e seu assistente iriam encarar a expulsão e a execução se fossem descobertos ensinando magia.

Dannyl concordou com a cabeça.

— Eu pensei nisso, é claro, e percebi que não seria suficiente para persuadir os rebeldes a confiar em mim. — Para alívio de Dannyl, Kito balançou a cabeça concordando.

— Então, Akkarin ia dizer ao Clã que ele havia pedido para que você fingisse estar envolvido com seu assistente — disse Vinara. — Mas quando você chegou

ele havia sido preso. O Administrador Lorlen sugeriu que você afirmasse que o engodo era sua ideia.

— É isso.

A Curadora levantou as sobrancelhas.

— Isso deu certo?

Dannyl encolheu os ombros.

— De modo geral, eu acredito. Quais são suas impressões?

Ela balançou a cabeça.

— A maioria deve ter aceitado sua história.

— E o resto?

— São conhecidos como espalhadores de boatos.

Dannyl concordou. Recordando-se das perguntas de Lorde Garrel no Salão da Noite, ficou imaginando se Vinara incluiria o Guerreiro entre seus “espalhadores de boatos”.

Lorlen inclinou-se para a frente, pousando os cotovelos sobre a mesa.

— Conte-nos, então, como conseguiu encontrar os rebeldes.

Dannyl continuou a história, descrevendo como tinha promovido um encontro com o Dem Marane e uma ida à casa deste último. Ele descreveu como ensinara Farand e como o livro que Tayend tomara emprestado o havia convencido a prender os rebeldes.

— Eu estava pensando se deveria esperar e ver se eles continuariam a me consultar depois que Farand tivesse aprendido o Controle — contou-lhes Dannyl. — Achei que poderia descobrir os nomes dos outros rebeldes. Entretanto, quando vi o que o livro continha, percebi que o risco era alto demais. Mesmo que o Dem permitisse que eu ficasse com ele, os rebeldes poderiam ter outros livros. Se realmente desaparecessem depois de Farand ter aprendido o Controle, eles poderiam ter ensinado magia negra uns aos outros e nesse caso teríamos coisa pior do que magos perigosos nas mãos. — Dannyl fez uma pausa

e uma careta. — Jamais teria suspeitado que já tivéssemos.

Sarrin remexeu-se na cadeira e franziu o cenho.

— Acha que Akkarin sabia desse livro?

— Não sei — respondeu Dannyl. — E também não sei como ele soube dos rebeldes.

— Talvez ele tenha detectado os poderes de Farand da mesma forma que detectou os de Sonea antes que ela aprendesse o Controle — sugeriu Vinara.

— De um lugar tão distante quanto Elyne? — Sarrin perguntou.

Vinara ergueu os ombros.

— Ele tem habilidades únicas, sem dúvida, adquiridas mediante o uso de magia negra. Por que não mais uma?

Sarrin franziu o cenho.

— Você fala em fazer uma pesquisa com esse acadêmico, Embaixador. Que pesquisa é essa?

— Pesquisa sobre magia antiga — Dannyl respondeu. Ele olhou em torno da sala. Quando seus olhos cruzaram com os de Lorlen, o mago deu um sorriso apagado.

— Eu disse a eles que você a havia iniciado obedecendo a uma instrução minha — disse Lorlen.

Dannyl assentiu.

— Sim, embora eu não saiba por quê.

— Eu queria recuperar um pouco do conhecimento perdido por Akkarin — disse Lorlen. — Mas Akkarin soube da pesquisa e deixou claro que não a aprovava. Eu disse a Lorde Dannyl que sua ajuda não era mais necessária.

— E você não obedeceu a essa ordem? — Sarrin perguntou a Dannyl.

— Não foi uma ordem. — disse Lorlen. — Eu disse apenas que a pesquisa não era mais necessária. Acredito que Dannyl tenha prosseguido com ela por

interesse próprio.

— Sim, de fato — Dannyl confirmou. — Mais tarde, Akkarin soube que eu havia continuado e chamou-me de volta ao Clã. Ele parecia satisfeito com os progressos que eu tinha feito e estimulou-me a continuar. Infelizmente, consegui pouca coisa em seguida. As únicas fontes por explorar estavam em Sachaka e ele deixou claro que eu não deveria ir lá.

Sarrin recostou-se na cadeira.

— Interessante. Ele desestimulou a pesquisa para, em seguida, estimulá-la. Talvez você já tivesse encontrado algo que ele não queria que encontrasse, porém você não tinha entendido o significado. Daí ele ter se sentido seguro para permitir que você fosse adiante.

— Pensei nisso também — concordou Dannyl. — Só depois de ver o livro dos rebeldes é que me dei conta de que a magia antiga que estava procurando era, na verdade, magia negra. Acho que ele não queria que eu soubesse disso.

Sarrin assentiu com a cabeça.

— Não. Se assim fosse, ele não teria querido que você lesse o tal livro. Portanto, ele provavelmente não sabia que o Dem Marane o possuía e a prisão dos rebeldes não foi uma estratégia forjada para trazê-lo para as mãos dele. — Ele franziu o cenho. — E pode conter informações que ele desconhece. Que coisa interessante.

Dannyl olhou para cada um dos magos, enquanto consideravam o assunto.

— Posso fazer uma pergunta?

Lorlen sorriu.

— Claro, Embaixador.

— Descobriram algo que prove que a história de Akkarin é verdadeira?

O Administrador falou em tom sério.

— Ainda não. — Ele hesitou. — Apesar da advertência de Akkarin, não vemos outra forma de saber a verdade se não for pelo envio de espiões a

Sachaka.

Dannyl concordou.

— Suponho que a identidade deles será secreta, mesmo para membros do Clã.

— Sim — respondeu Lorlen. — Mas alguns, como você, terão permissão para saber, porque provavelmente adivinharão a verdadeira razão para a ausência de certos magos.

Dannyl aprumou-se.

— Verdade?

— Um dos espiões será o seu mentor, Lorde Rothen.

A subida pelas montanhas parecia interminável.

O sol da manhã tinha revelado encostas íngremes, densamente arborizadas de ambos os lados. Embora a estrada fosse bem conservada e mostrasse sinais de cuidados recentes, tudo o mais parecia natureza selvagem. Se o cortejo passara por casas durante a noite, estas tinham estado bem escondidas na escuridão.

A estrada seguiu a curva das encostas montanhosas e subiu por barrancos escarpados. Aqui e acolá, Sonea avistava a vegetação por sobre as rochas acima. O ar ficava cada vez mais frio, até que ela se viu forçada a fazer-se envolver por uma barreira de calor permanente para que parasse de tremer.

Ela ansiava pelo fim da viagem, ainda que o temesse. A subida em aclive constante havia alterado bruscamente a postura dela na sela, e um novo feixe de músculos começou a protestar. Além disso, a aspereza do tecido de suas calças arranhava-lhe a pele e ela precisava aplicar uma Cura de tempos em tempos para aplacar a dor.

— Alto!

À ordem de Balkan, Sonea suspirou, aliviada. Não tinham parado desde a manhã. Ela sentiu o cavalo respirar profundamente ao parar e, em seguida, resfolegar de novo.

Vários dos integrantes do cortejo apearam para cuidar dos cavalos. Akkarin fitava ao longe. Acompanhando-lhe o olhar, Sonea percebeu que o terreno abaixo da montanha podia ser visto através do espaço entre as árvores. As elevações se distribuíam à frente, gradualmente se suavizando até virarem uma planície ao longe. Córregos e rios estreitos reluziam nas saliências entre elas. Tudo cintilava com a luz cálida do sol de final de tarde. O horizonte era uma linha enevoada. Em algum lugar para além ficava Imardin. Seu lar.

A cada passo da jornada, ela se afastava de tudo o que um dia conhecera: sua família, os velhos amigos, Cery, Rothen, Dorrien. Os nomes daqueles de quem passara a gostar nos últimos anos vieram-lhe à mente: Tania, Dannyl, Tya e Yikmo — e mesmo alguns dos aprendizes. Talvez jamais voltasse a vê-los. Nem mesmo tinha tido a chance de dizer adeus à maior parte deles. A garganta apertou e ela sentiu que os olhos começavam a marejar.

Fechando os olhos, obrigou-se a respirar devagar e regularmente. “Não é hora ou lugar de começar a chorar. Não agora, com Balkan e os demais magos assistindo... e especialmente Akkarin.” Ela engoliu firme e forçou-se a desviar-se da imagem.

Ao abrir os olhos novamente, ela viu a expressão de Akkarin mudar. Por um momento, antes de a máscara familiar ocupar o rosto dele, ela percebeu de relance um olhar de extrema frustração e amargura. Olhou para baixo, perturbada com o que tinha visto.

Osen começou a distribuir pão, vegetais cozidos frios e nacos de carne salgada. Akkarin aceitou a porção que lhe cabia em silêncio e voltou às suas considerações. Sonea mastigou devagar, determinada a retirar da mente os pensamentos sobre o Clã e a concentrar-se nos dias por vir. Onde achariam comida em Sachaka? A área além da passagem era deserta. Talvez pudessem comprar comida. Será que Balkan lhes daria dinheiro?

Osen voltou para o lado dela e ofereceu-lhe uma caneca cheia de sangria. Ela bebeu rapidamente e devolveu-lhe a xícara. Ele fez uma pausa, como se quisesse dizer algo, e ela aprumou-se e desviou o olhar. Sonea ouviu um suspiro e depois passadas se distanciando à medida que ele se dirigia até o cavalo.

— Em frente — chamou Balkan.

As paradas junto às árvores tornaram-se mais frequentes enquanto avançavam. Nos espaços, grandes rasgos de pedra nua estavam expostos. Um vento frio varreu os rabos dos cavalos. O sol desceu continuadamente em direção ao horizonte, então a estrada se estreitou e passou por entre duas paredes altas de rocha lisa. À frente, manchada de laranja pelo sol poente, erguia-se uma enorme coluna roliça de pedra perfurada por fileiras de pequeninos buracos quadrados.

“O Forte.”

Sonea ergueu o olhar na direção do prédio ao se aproximarem. Nas aulas de História, ela tinha aprendido que o Forte tinha sido construído logo após a Guerra de Sachaka. Era mais alto do que imaginava, provavelmente duas ou três vezes mais alto do que o prédio mais alto da Universidade. O imenso cilindro de pedra preenchia o espaço estreito entre as duas paredes altas de rocha. Nada poderia passar por ali sem atravessar o prédio.

Não havia sinais de rachadura ou de argamassa, ainda que o Forte tivesse sido construído muito antes de Lorde Coren descobrir como fundir rochas. Ela balançou a cabeça, imaginando. Os construtores, há muito falecidos, deviam ter esculpido o Forte na própria montanha.

Duas grandes portas de metal na base do prédio começaram a oscilar e a se abrir à medida que eles foram se aproximando. Duas silhuetas saíram de dentro. Uma delas vestia o uniforme de capitão da guarda, o outro a túnica vermelha de Guerreiro. Sonea piscou surpresa, então fitou o mago sem acreditar.

— Lorde Balkan — disse Fergun enquanto o capitão fazia uma respeitosa reverência —, este é o Capitão Larwen.

“Claro”, ela pensou. “Fergun fora exilado para um Forte distante como punição por me chantagear. Eu não tinha me dado conta de que seria *este* Forte.”

Enquanto o Capitão se dirigia a Lorde Balkan, Sonea baixou o olhar para as mãos e maldisse sua sorte. Sem dúvida alguma, Fergun vinha ansiando por aquele momento. Ele tinha arriscado muito com seus esforços para convencer o Clã de que não deveriam admitir ninguém de fora das Casas. “Agora suas

alegações de que favelados não eram confiáveis mostravam-se verdadeiras” — ela pensou.

Mas isso estava errado. Ela só havia aprendido e usado magia negra para salvar o Clã e Kyralia.

Também ele acreditara que estava salvando o Clã. Ela sentiu uma desconfortável empatia por ele. Havia de fato alguma diferença entre ela e seu antigo inimigo?

“Sim”, ela pensou, “eu estou tentando salvar *todos* de Kyralia. Ele apenas queria evitar que kyralianos de classe inferior aprendessem magia.”

Com o canto do olho, ela viu que ele a fitava.

“Ignore-o”, disse para si mesma. “Ele não vale a pena.”

Mas por que deveria fazê-lo? Ele não era melhor do que ela. Reunindo forças, ergueu a cabeça e encarou-o de volta. Ele retorceu os lábios, comprazendo-se, com olhos faiscantes de satisfação.

“Você pensa que é superior — ela enviou-lhe o pensamento —, mas considere o seguinte: sou mais forte do que você. Mesmo sem a mágica proibida que aprendi, eu poderia derrotá-lo na Arena em qualquer dia, Guerreiro.”

Os olhos dele se estreitaram e a mandíbula enrijeceu-se de ódio. Ela retribuiu-lhe o olhar friamente. “Eu matei uma maga que, como você, se aproveitava dos indefesos. Eu mataria novamente, se fosse a única forma de proteger Kyralia. Você não me amedronta, mago. Você é nada, um pobre idiota, um...”

De repente, Fergun virou-se para olhar o Capitão, como se o homem tivesse dito algo significativo. Ela esperou que ele a encarasse novamente, mas ele não o fez. As formalidades se encerraram e o Capitão deu um passo para o lado e assoviou. O cortejo começou a adentrar o Forte.

À medida que entravam, o corredor largo à frente encheu-se com o eco da batida dos cascos. A escolta prosseguiu, em seguida diminuiu o ritmo ao se aproximar de um muro de pedra que bloqueava metade da passagem. Ultrapassando-o em fila única, pararam, então, ante um par de portas de metal

distante uns cem passos ao longo do corredor. Elas se abriram vagarosamente. Passaram por elas e cruzaram uma parte de piso de madeira que reverberou sob os cascos dos cavalos, e aí passaram por outro muro de pedra.

Sonea sentiu um vento frio no rosto. Olhou para cima e viu duas portas de metal abertas que davam para outra garganta cercada de paredões. Já era noite do outro lado do Forte. Os muros íngremes eram iluminados por duas fileiras de tochas. À frente deles, a estrada adentrava a escuridão.

À medida que a escolta atingiu o exterior, Sonea percebeu que seu coração batia acelerado. Se haviam atravessado o Forte, seu cavalo agora pisava em solo sashakano. Ela olhou para baixo.

“Rochas seriam uma descrição melhor” — ela corrigiu.

Ela se virou sobre a sela e olhou para trás, para o Forte, acima. Luzes acesas por trás das janelas formavam silhuetas dos moradores que observavam.

O som dos cascos desapareceu. O cavalo estancou.

— Apear.

Quando Akkarin desmontou da sela, Sonea se deu conta de que a ordem de Balkan havia sido apenas para ela e ele. Ela deslizou para o chão, recuando ante a rigidez nas pernas. Lorde Osen inclinou-se para pegar as rédeas e levar os cavalos embora.

Depois de Osen partir com os cavalos, apenas ela e Akkarin ficaram de pé dentro do círculo de Guerreiros. Um globo de luz flutuava sobre a cabeça de Balkan, inundando de luminosidade toda a área.

— Lembrem-se dos rostos desses dois magos — Balkan exclamou. — São Akkarin, antigo Lorde Supremo do Clã dos Magos, e Sonea, antiga aprendiz do Lorde Supremo. Eles foram banidos do Clã e exilados das Terras Aliadas pelo crime de prática de magia negra.

Um calafrio percorreu Sonea. Ao menos essa era a última vez que ela teria de ouvir as palavras do ritual. Observou de relance a estrada escurecida além da luz do globo.

— Esperem!

O coração dela saltou. Osen deu um passo à frente.

— Sim, Lorde Osen?

— Eu gostaria de falar com Sonea mais uma vez antes que ela se vá.

Balkan assentiu com calma.

— Muito bem.

Sonea suspirou quando Osen apeou do cavalo. Ele se aproximou dela lentamente, com uma expressão tensa.

— Sonea, esta é sua última oportunidade. — Ele falou baixo, talvez para que a escolta não o ouvisse. — Volte comigo.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

Ele se virou para olhar Akkarin.

— Você concorda que ela recuse essa oportunidade?

Akkarin ergueu as sobrancelhas.

— Não, mas ela parece determinada a descartá-la. Duvido que eu consiga fazê-la mudar de ideia.

Osen franziu o cenho e voltou-se para olhar Sonea novamente. Ele abriu a boca, em seguida pensou melhor e limitou-se a balançar a cabeça. Olhou de novo para Akkarin.

— É melhor tomar conta dela — ele resmungou.

Akkarin fitou o mago, impassível. Osen olhou de cara feia e girou nos calcanhares. Voltou em direção ao seu cavalo e montou na sela.

A um sinal de Balkan, parte da escolta que bloqueava a estrada para Sachaka se afastou.

— Para fora das Terras Aliadas — disse Balkan. — Sua voz não transmitia

raiva nem pesar.

— Venha, Sonea — disse Akkarin em tom baixo. — Temos ainda um caminho a seguir.

Ela olhou para Akkarin. Ele exibia uma expressão distante e difícil de entender. Ao virar-se e começar a caminhar, ela o seguiu a alguns passos de distância.

Uma voz murmurou por trás deles. Ela ouviu, atenta. Era Lorde Osen.

— ... terras novamente. Eu a expulso, Sonea. Não entre em minhas terras novamente.

Ela estremeceu, em seguida vislumbrou a estrada que escurecia à sua frente.

Com os últimos raios de sol deixando o jardim, Lorlen saiu da janela de seu gabinete e começou a andar. O trajeto levou-o pela sala, de cadeira em cadeira e de volta à sua cadeira. Ele parou, olhou para baixo vendo a ruma de papéis e suspirou.

“Por que, dentre todos os lugares, tiveram de mandar Akkarin para Sachaka?”

Ele sabia o porquê. Sabia, com uma certeza fria, que o Rei esperava que Akkarin sucumbisse em Sachaka. Akkarin tinha quebrado uma das leis mais sérias do Clã. Não importava o quanto o Rei gostasse do Lorde Supremo, ele sabia que nada havia de mais perigoso do que um mago que não obedecesse às leis e que fosse muito poderoso para ser controlado. Se o Clã não podia executar Akkarin, então teriam de enviá-lo para os únicos magos capazes disso: os ichanis.

É claro que os ichanis poderiam *não* existir. Caso não existissem, o Clã estava prestes a libertar um mago que tinha aprendido magia negra deliberadamente. Ele poderia retornar, mais forte do que nunca. O que, entretanto, não tinha como ser evitado.

Se os ichanis existissem, parecia estupidez condenar à morte o único mago capaz de lhes falar sobre seu inimigo. Akkarin, porém, não era o único. Havia

Sonea.

Esse era o ponto em que o Rei interpretara terrivelmente mal a situação. Ele partira da premissa de que a moça ex-favelada, que tinha sido guiada e manipulada por mais de um mago, seria facilmente influenciada. Lorlen sorriu de forma irônica ao lembrar-se da ira na recusa dela.

“Se vocês vão mandar o Lorde Supremo Akkarin para o exílio, precisam me mandar também. Assim, quando deixarem desse absurdo, ele pode ainda estar vivo e ser capaz de ajudá-los.”

O Rei ficara enraivecido com a ousadia dela. “O que você espera?”, Lorlen queria ter dito. “Lealdade? De um daqueles que um dia viveu entre os que você bane da cidade, a cada ano, durante a Purificação?” Por fim, o Rei tinha concluído que, se ela não aceitasse o julgamento do Clã e do seu dirigente, então talvez o exílio fosse o melhor.

Lorlen suspirou e recomeçou as passadas. Na verdade, o Clã não precisava que Sonea lhes contasse sobre os ichanis enquanto ele estivesse de posse do anel de Akkarin... e Akkarin estava vivo. Entretanto, se Lorlen começasse a retransmitir as informações de Akkarin para o resto do Clã, ele em algum momento teria de admitir que as estava recebendo e de que forma. O anel era um instrumento de magia negra. Como reagiria o Clã à notícia de que seu Administrador possuía e continuava a usar uma coisa dessas?

“Eu deveria jogá-lo fora”, ele pensou.

Mas ele sabia que não faria isso. Pegou o anel e o observou. Em seguida, colocou-o num dos dedos.

— *Akkarin? Você está aí?*

Nada.

Lorlen tinha tentado entrar em contato com Akkarin através do anel por várias vezes. Aqui e acolá, ele achou que tinha detectado um sutil sentimento de raiva ou medo, mas decidira que era pura imaginação. O silêncio o torturava. Não fosse pelos relatos mentais de Osen sobre a viagem, Lorlen teria se preocupado com a possível morte de Akkarin.

Lorlen terminou sua andança pela sala, então parou em frente a sua mesa e jogou-se na cadeira. Retirou o anel e guardou-o no bolso. Momentos depois, uma forte batida na porta.

— Entre.

— Uma mensagem do Rei, meu lorde.

Um criado entrou, fez uma reverência e colocou um cilindro de madeira sobre a mesa de Lorlen. O incal do Rei estava gravado na tampa e a cera fora pulverizada com ouro.

— Agradecido. Pode ir.

O criado inclinou-se novamente e saiu da sala. Lorlen rompeu o selo e retirou uma folha de papel enrolada.

“Então o Rei quer falar sobre Sachaka”, Lorlen meditou ao ler o texto formal. Deixou que a carta se enrolasse novamente, recolocou-a no cilindro e guardou-o na caixa destinada às mensagens reais.

Um encontro com o Rei pareceu de repente interessante. O que ele ansiava havia muito tempo era poder *fazer* alguma coisa. Fora tempo demais impedido e impossibilitado de agir. Ele se levantou e, em seguida, gelou a ouvir seu nome ecoar nos confins da alma.

— Lorlen!

Osen. Lorlen percebeu as mentes de outros magos, atraídos pelo chamado, se apagarem à medida que desviavam a atenção.

— Sim, Osen?

— Está feito. Sonea e Akkarin estão em Sachaka.

Lorlen sentiu o coração se estreitar.

— Você poderia perguntar a Fergun e ao Capitão se alguém do Forte ou da localidade próxima percebeu algo de estranho acontecendo em Sachaka?

— Vou perguntar a ele e lhe informarei a resposta amanhã. Ele pediu que

alguns magos ficassem por aqui para o caso de Akkarin e Sonea tentarem voltar.

— Explicou a eles que isso não faria diferença?

— Não, não queria deixá-los mais nervosos do que já estão.

Lorlen pensou sobre o pedido do Capitão.

— Vou deixar essa decisão para Balkan.

— Eu direi a ele

Houve uma pausa

— Eu preciso ir.

A imagem de um saguão com uma grande lareira e de magos tomando seus lugares em torno da longa mesa de jantar passou pela mente de Lorlen. Ele sorriu.

— Tenha um bom jantar, Osen. Grato por me informar.

— Grato por me *informar —* outra voz respondeu. Lorlen pestanejou, surpreso.

— Quem era? — perguntou Osen.

— Não sei — respondeu Lorlen. Ele pensou sobre a conversa tida com ele anteriormente e estremeceu. Se havia pessoas à espreita na fronteira, armando uma emboscada para os visitantes, então agora sabiam que Akkarin e Sonea seguiam seu caminho.

Em seguida, ele considerou o que poderia ter sido discutido pelos magos ao longo dos últimos dias e seu coração estreitou-se ainda mais.

“Fomos idiotas”, Lorlen pensou. “Nenhum de nós realmente refletiu sobre a possibilidade de a história de Akkarin ser verdadeira e o que isso poderia significar.”

— Balkan — ele chamou.

— Sim?

— Por favor, diga aos seus homens que toda a comunicação mental deve

cessar daqui por diante. Informarei o resto do Clã.

À medida que a presença de Osen e Balkan foi se desfazendo, Lorlen retirou do bolso o anel de Akkarin. Suas mãos estremeceram quando ele deslizou o anel no dedo.

— *Akkarin?*

O silêncio, porém, foi sua única resposta.

Capítulo 21

Uma Estrada Perigosa

Nono dia do quinto mês

Esta manhã, fomos forçados a parar ao encontrarmos um deslizamento de terra que bloqueava a estrada. Os servos levaram o dia inteiro nas escavações, mas temo que não possamos prosseguir até amanhã. Subi até o topo de uma elevação. As montanhas formam agora uma linha escura ao longo do horizonte. Olhando mais à frente, vejo um relevo enevoado estendendo-se para o norte. Estas terras desoladas parecem intermináveis. Agora compreendo por que os mercadores kyralianos não costumam fazer comércio com Sachaka. É uma jornada impossível, e Riko me diz que é mais fácil para os sachakanos comercializar com as terras do nordeste. E, claro, eles não confiam no Clã...

Rothen foi interrompido por uma batida à porta. Suspirou, baixou o livro e ordenou que a porta abrisse. Dannyl entrou no aposento, o cenho franzido.

— Dannyl — disse Rothen —, quer um pouco de sumi?

Dannyl fechou a porta, caminhou até a cadeira de Rothen e olhou de cima para ele.

— Você se ofereceu *como voluntário* para ir a Sachaka?

— Ah... — Rothen fechou o livro e colocou-o sobre a mesa. — Então, eles contaram a você.

— Sim. — Dannyl parecia lutar para encontrar palavras. — Quero perguntar por que, mas não preciso. Você vai procurar por Sonea, não vai?

Rothen encolheu os ombros.

— De certa forma. — Ele apontou uma cadeira. — Sente-se. Até eu me sinto desconfortável quando você fica de pé assim me olhando.

Dannyl sentou-se e olhou para Rothen do outro lado da mesa.

— Estou surpreso em ver que os Magos Superiores concordaram. Devem ter compreendido que encontrar Sonea poderia se tornar mais importante para você do que descobrir se os ichanis existem.

Rothen sorriu.

— Sim, eles de fato pensaram nisso. Eu disse a eles que, se houvesse escolha entre salvar Sonea e cumprir a missão, escolheria salvar Sonea. Eles aceitaram essa condição porque tenho mais chance de persuadi-la a voltar; e porque não sou o único espião.

— Por que não me falou a respeito?

— Só me ofereci como voluntário hoje pela manhã.

— Mas você devia estar pensando sobre o assunto antes disso.

— Desde ontem à noite, apenas. Depois que o vi lidar com Garrel, cheguei à conclusão de que você realmente não necessita da minha ajuda — Rothen sorriu. — Meu apoio, talvez, mas não a minha ajuda. Sonea, no entanto, precisa. Tenho estado há muito tempo sem condições de fazer algo por ela. Agora, finalmente, eu posso.

Dannyl assentiu, mas não parecia feliz.

— E se a história de Akkarin *for* verdadeira? E se você adentrar uma terra governada por magos negros? Ele disse que qualquer mago do Clã que entrasse em Sachaka seria morto.

Rothen ficou sério. *Ia ser* uma missão perigosa. Não era pouco o medo que tinha de encontrar os magos descritos por Akkarin.

Se, todavia, os ichanis não fossem reais, então Akkarin deveria ter tido uma razão para inventá-los. Talvez tivesse feito isso apenas para garantir que o Clã permitisse que ele vivesse. Talvez isso tivesse sido parte de um golpe maior. Se assim fosse, ele estaria ansioso por esconder a verdade. Ele poderia ser o mago negro que mataria qualquer mago do Clã que entrasse em Sachaka.

Entretanto, ele certamente esperava que o Clã investigasse suas alegações. Ao contar-lhes sua história, tinha assegurado o *envio* de espiões a Sachaka. Rothen franziu o cenho. E se Akkarin tivesse espalhado a história de modo que pudesse capturar os magos que entrassem em Sachaka, matá-los um por um pela força deles?

— Rothen?

Olhando para cima, Rothen esboçou um sorriso sarcástico.

— Sei que vai ser perigoso, Dannyl. Não vamos cometer a tolice de entrar em Sachaka usando túnicas e nos gabando de nossos dotes mágicos. Faremos tudo o que for possível para passarmos despercebidos. — Ele apontou para o livro. — Todos os registros de viagens para Sachaka foram copiados para estudarmos. Vamos fazer perguntas aos mercadores e a seus criados. Seremos treinados por um espião profissional, enviado pelo Rei, que nos ensinará a falar e agir como gente do lugar.

— Sonea acharia isso divertido — disse Dannyl, com um sorriso hesitante na boca.

Rothen sentiu uma ponta de tristeza familiar.

— Sim, ela acharia, antes — ele suspirou. — Bem, então, fale-me sobre seu encontro com os Magos Superiores. Eles fizeram alguma pergunta estranha?

Dannyl pestanejou com a mudança de assunto.

— Algumas. Não creio que aprovem Tayend, mas isso não foi surpresa.

— Não — Rothen concordou. Ele observou Dannyl de perto. — Mas você o aprova.

— Ele é um bom amigo. — Dannyl cruzou o olhar com o de Rothen. Havia um quê de resistência na expressão dele. — Devo evitá-lo agora?

Rothen encolheu os ombros.

— Você sabe o que haverá de fofoca se não o fizer. Mas não pode deixar que as fofocas dirijam sua vida, e Elyne é Elyne. Todos sabem que as regras sociais

são diferentes por lá.

Dannyl ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

— Sim. O que pode ser considerado prudente aqui seria visto como grosseiro lá.

— Agora, você quer uma xícara de sumi?

Dannyl sorriu e concordou.

— Sim, obrigado.

Levantando-se, Rothen deu um passo na direção da saleta onde as folhas e as xícaras de sumi eram guardadas e, aí, gelou.

— *Todos os magos, ouçam-me!*

Rothen piscou, surpreso, ante a voz mental de Lorlen.

— *Toda a comunicação mental está suspensa a partir de agora, salvo em caso de urgência. Caso não tenham condições de evitar conversar dessa forma, estejam atentos quanto ao que revelarem.*

Quando Cery encheu o copo de Savara, ela deu um suspiro e seu olhar ficou distante.

— O que foi? — ele perguntou.

Ela piscou.

— Seu Clã tomou a primeira decisão adequada.

— Ah?

Ela sorriu.

— Ordens para suspender as conversas mentais.

Cery encheu o copo dele.

— Será que isso vai ser benéfico para eles de alguma forma?

— Poderia ser, sim, caso o tivessem feito há uma semana. — Ela encolheu os ombros e pegou o copo. — Mas é bom que os ichanis não saibam dos planos do Clã agora.

— Nem você também.

Ela deu de ombros.

— Não. Mas isso não importa mais.

Cery observou-a. Ela encontrara um magnífico vestido em algum lugar, feito de um tecido macio, num tom de roxo intenso. A cor dava destaque à sua pele.

Ao olhar para ele, parecia haver um brilho cálido nos olhos dela.

Aqueles olhos, entretanto, estavam agora prostrados e sua boca expressiva era um fino traço.

— Savara...

— Não me peça para ficar. — Ela olhou para cima e o encarou de forma direta — Tenho de ir. Tenho de obedecer minha gente.

— Eu só...

— Não posso ficar. — Ela se levantou e começou a andar pelo aposento. — Gostaria de poder. Você iria embora e rumaria para minha terra comigo, sabendo o que seu país vai enfrentar? Não. Você tem seu próprio povo para proteger. Eu tenho...

— Calma! Deixe-me dizer algo!

Ela parou e dirigiu-lhe um sorriso lamentoso.

— Perdão. Prossiga, então.

— Eu ia exatamente dizer-lhe que compreendo o que está falando. Preferiria que ficasse, mas não vou impedi-la de ir — ele sorriu com ironia. — De qualquer forma, aposto que eu nunca teria chance de impedi-la.

As sobrancelhas dela se ergueram. Ela mostrou a mesa.

— Mas você me convidou para jantar para tentar me persuadir a fazê-lo.

Ele assentiu com a cabeça.

— Queria apenas agradecer-lhe pela ajuda e tinha de compensá-la por não lhe dar a chance de pegar um daqueles escravos.

Ela fez um bico.

— Isso exigiria mais do que um jantar.

Ele deu uma risada.

— Mesmo? Hum, nós Ladrões não gostamos de romper um trato, sabe? Você me perdoaria se eu compensasse isso de outra forma?

Os olhos dela flamejaram e o sorriso tornou-se dissimulado.

— Ah, vou pensar em alguma coisa — ela caminhou até ele, inclinando-se e beijando-o.

— Hummm, isso me sugere umas coisas.

Ele sorriu, pegou-a pela cintura e puxou-a para que sentasse sobre os joelhos dele.

— Está certa de que não posso dizer-lhe para ficar? — ele perguntou baixinho.

Ela inclinou a cabeça para o lado e pensou.

— Talvez por mais uma noite, apenas.

A estrada para Sachaka era escura e silenciosa. Akkarin falara apenas uma vez, para alertar Sonea a não criar nenhuma luz e não falar mais alto do que um sussurro. Desde então, o único ruído tinha sido o eco dos passos deles e o uivar do vento em algum lugar bem mais acima.

Sonea olhou para suas botas, os únicos itens restantes de seu uniforme de aprendiz. Será que os ichanis as reconheceriam? Pensou em perguntar a Akkarin se poderia se desfazer delas, mas a ideia de andar descalça por aquele terreno frio e pedregoso não a atraía.

Assim que os olhos se acostumaram com a escuridão, ela começou a vislumbrar melhor a estrada à frente. Dois paredões de pedra se erguiam de cada lado, encurvando-se e dobrando-se como cortinas pesadas. Olhando para cima, ela percebeu que eles se estendiam por centenas de passos em direção ao céu, mas iam ficando progressivamente menores.

Depois de várias voltas, o paredão da esquerda terminou de repente. Surgiu então uma grande extensão escura. Eles pararam e fitaram a terra abaixo.

Uma escuridão negra interminável espalhava-se desde o sopé das montanhas até uma luminosidade intensa no horizonte. Enquanto Sonea observava, a luminosidade começou a cintilar. Uma nesga branca apareceu e começou a se elevar. A luz espalhou-se pela terra à medida que a lua — agora não mais quase cheia — lentamente se afastava do horizonte. Sonea prendeu a respiração. As montanhas agora brilhavam como blocos de prata denteados. As cadeias de montanhas desciam feito garras pela planície abaixo, parecendo raízes grossas de árvore. Onde a rocha terminava, começava uma terra nua e desolada. Em alguns lugares, a água vinda das montanhas havia erodido o solo, criando fissuras ramificadas e tortuosas que se estendiam até o horizonte. Ainda mais ao longe, ela podia ver estranhas elevações em forma de crescente, como ondulações em um lago congelado no tempo.

Essa era a terra desolada de Sachaka.

Ela sentiu uma mão agarrar seu braço. Surpresa, deixou que Akkarin a puxasse para a sombra do paredão.

— Podemos ser vistos — ele murmurou —, precisamos sair da estrada.

Olhando à frente, ela não conseguia ver como isso seria possível. A estrada virava à direita, rente à vertente da montanha. Paredões de rocha íngremes quase verticais se elevavam dos dois lados.

A mão de Akkarin ainda segurava o braço dela. Ela se deu conta de que o coração batia acelerado e não só por medo. A atenção dele, no entanto, voltava-se para o penhasco acima.

— Nossa única esperança é que não existam olheiros lá em cima — disse ele.

Ele a soltou e, retomando a estrada, andou a passos largos. Sonea o seguiu. Ao chegarem a um ponto onde o paredão da esquerda encobria a maior parte do da direita, ele virou-se e pegou-a pelos ombros.

Intuindo o que ele estava prestes a fazer, Sonea firmou as pernas. Em segurança, eles começaram a se elevar, apoiados por um disco mágico sob os pés. Ela forçou o olhar para longe, de repente consciente demais da proximidade de Akkarin.

Ele parou a ascensão próximo ao topo, de modo que pudessem espiar pela beirada do paredão. Satisfeito por ver a área livre, levitou com ela por sobre a borda e pousou na superfície pedregosa.

Sonea olhou em volta apavorada. A encosta não era tão precipitada quanto o paredão de rocha abaixo, mas ainda assim mostrava-se assustadoramente abrupta. Rachaduras e formas denteadas brotavam da superfície e em outros lugares o chão era tão suave que ela não conseguia imaginar como poderiam caminhar por ali sem deslizar montanha abaixo. Como poderiam atravessar aquilo, quando só contavam com a luz da lua para iluminar o caminho?

Akkarin seguiu em frente e começou a escolher o caminho pelo declive. Sonea respirou profundamente e, em seguida, o seguiu. Dali em diante, o que lhe tomou a mente foi escalar ou contornar o relevo denteado, saltar as fendas e manter o equilíbrio na inclinação perigosa. Sonea perdeu completamente a noção de tempo. Era mais fácil apenas ir atrás de Akkarin e pensar somente em avançar até o próximo obstáculo.

A lua estava bem mais alta no céu e Sonea havia curado a musculatura esgotada das pernas por várias vezes, quando Akkarin finalmente parou no topo de uma cadeia. A princípio, ela presumiu que ele tinha encontrado uma rachadura grande demais ou alguma outra dificuldade, mas, ao olhar para cima na direção dele, viu que Akkarin observava por cima do ombro dela.

De repente, ele agarrou os braços dela e puxou-a para baixo para que se agachasse. O coração dela saltou.

— Fique abaixada — ele disse rapidamente, dando uma olhada para trás. —

Podemos ser vistos contra o céu.

Ela se agachou junto dele, o pulso disparando. Ele olhou para trás, na direção de onde tinham vindo e, em seguida, apontou para trás, para além do declive acidentado que tinham atravessado. Ela procurou por algo novo. Sem nada encontrar, balançou a cabeça.

— Onde?

— Ele está por trás daquela rocha em forma de mullook — ele murmurou. — Espere um pouco... lá.

Ela percebeu um movimento talvez a quinhentos ou seiscentos passos dali — uma sombra se movendo. Saltou e caminhou a passos largos pelo declive da montanha com uma segurança treinada.

— Quem é ele?

— Um dos comparsas de Kariko, sem dúvida — Akkarin resmungou.

“Um ichani”, Sonea pensou. “Tão cedo. Não podemos enfrentar um agora. Akkarin ainda não está suficientemente forte.” O coração dela batia muito rápido e ela se sentiu mal com tanto medo.

— Temos de avançar depressa agora — disse Akkarin. — Ele está uma hora atrás de nós. Precisamos aumentar essa distância.

Ainda agachado, ele seguiu pela reentrância até onde uma camada de pedra se sobrepunha a outra, deixando um pequeno intervalo. Deslizando através dele, aprumou-se e tratou de descer correndo pelo outro lado da reentrância. Sonea seguiu-o apressadamente, mantendo o equilíbrio de alguma forma, apesar das pedras que se moviam e rolavam sob as botas.

Foi necessária toda a sua concentração para acompanhá-lo. Correu por entre penedos, andou rápido pelos declives escorregadios cheios de cascalho e mal parou antes de saltar por sobre fendas em seu caminho. Cada passo testava os reflexos e o equilíbrio de Sonea.

Quando Akkarin parou, à sombra de um imenso penedo arredondado, ela quase trombou com ele. Vendo que ele olhava para trás novamente, voltou-se

para procurar pelo perseguidor. Momentos depois, o avistou. O homem não estava muito longe, constatou apavorada.

“Pelo menos não está ainda mais perto”, disse para si mesma.

— É hora de afastá-lo do nosso caminho — murmurou Akkarin. — Ele contornou o penedo. Sonea prendeu a respiração ao ver a fenda profunda aos pés deles. Eram cerca de vinte passadas de onde estavam, mas o vão aumentava formando um imenso desfiladeiro com paredões abruptos que desciam para dentro da escuridão.

— Vou pela esquerda por um quarto de hora e então seguirei até a borda. Ele vai presumir que descemos pelo desfiladeiro. Você vai levitar até o outro lado e, então, tomar o rumo paralelo às montanhas. Fique à sombra tanto quanto possível, mesmo que tenha de ir mais devagar.

Sonea aquiesceu. Akkarin virou-se e adentrou solene pela noite. Por um momento, ela sentiu um medo tremendo por ter sido deixada ali sozinha, mas respirou fundo e colocou-o de lado.

Pondo-se de pé, criou um disco mágico sob os pés e elevou-se no ar. Olhou para baixo ao passar pela imensa fenda. Era muito profunda. Fixou o olhar do outro lado e atravessou. Quando seus pés tocaram no chão firme novamente, ela suspirou aliviada. Nunca tinha tido medo de altura, mas a profundidade do desfiladeiro fazia os edifícios mais altos da cidade parecerem os degraus da Universidade.

Dali, ela se concentrou em singrar a encosta escarpada da montanha. Era extremamente fácil manter-se na sombra. A lua, agora, estava bem acima, mas o declive da montanha tinha se fragmentado ou erodido, formando vários degraus gigantes. O mais próximo parecia ser o mais óbvio a seguir, então ela desceu para o que havia logo abaixo.

No entanto, ficar na sombra significava mais dificuldade para enxergar. Ela quase tropeçou num buraco ou rachadura por mais de uma vez. Depois de uma interminável sequência de saltos e corridas, olhou para cima e viu a lua que já quase atingia os picos acima.

Ela estremeceu de medo novamente ao dar-se conta do lapso de tempo decorrido desde que Akkarin a deixara. Ela pensou naquilo que ele tinha dito que ia fazer. Um quarto de hora descendo para o lado esquerdo do desfiladeiro mais outro quarto de hora de volta ao penedo significava que ele estava a meia hora menos em relação a ela. E se Akkarin tivesse calculado erradamente? E se o perseguidor estivesse apenas meia hora menos do que eles, e não uma hora? Akkarin poderia ter voltado para o desfiladeiro no mesmo tempo que o ichani.

Sonea verificou que ela estava indo mais lentamente e forçou-se a seguir em frente de novo. Akkarin não estava morto. Caso ele tivesse sido capturado, ele a teria chamado para alertá-la no sentido de continuar correndo. Mas e se ele a tivesse enganado fazendo com que o deixasse? “Não seja ridícula”, ela disse consigo mesma. “Ele não a deixaria para os ichanis.”

A não ser... a não ser que ele tivesse deixado o perseguidor de lado, sabendo que seria capturado e morto, para salvá-la.

Ela parou e olhou para trás. A área fazia uma curva em torno da montanha e ela não conseguia enxergar muito além por trás dela. Suspirando, forçou-se a continuar em frente. “Não conjecture”, pensou. “Concentre-se.”

As palavras se repetiam em sua mente e transformaram-se num cântico. Depois de algum tempo, Sonea se pegou entoando-o baixinho. O ritmo conduzia-a adiante, de um degrau para o seguinte. Aí, ela pisou à volta da projeção de uma pedra e viu-se pisando em falso na direção do abismo.

Estirando os braços para fora, conseguiu agarrar o penedo, balançar-se contra ele e impedir a queda.

O coração de Sonea bateu forte quando ela afastou-se da beirada. Um enorme desfiladeiro bloqueava-lhe a passagem. Ofegando de medo e de esforço, fitou o paredão do lado oposto e tentou decidir o que deveria fazer então. Ela poderia levitar sobre o desfiladeiro, mas enquanto o fizesse estaria exposta.

O som de passos apressados logo atrás dela foi o único aviso que teve. Começou a se virar quando algo atingiu suas costas e uma mão tapou-lhe a boca para abafar um grito. Caiu para frente, por sobre a beira do precipício.

Então, uma magia a envolveu e ela sentiu que descia com suavidade. Ao mesmo tempo, Sonea reconheceu uma fragrância familiar.

Akkarin.

Os braços dele apertaram-na com força. Eles rodopiaram no ar e começaram a subir. O paredão enrugado e cheio de rachaduras do desfiladeiro ficou rápido para trás, então surgiu um trecho ainda maior de escuridão. Eles entraram dentro dele.

Os pés de Sonea tocaram um chão irregular e, quando Akkarin a soltou, ela cambaleou e esticou os braços. Uma das mãos encontrou uma parede e ela cuidou de recuperar o equilíbrio. Sentiu a cabeça leve e meio tonta, e lutou contra um estranho ímpeto de rir.

— *Dê-me a sua força.*

Akkarin era uma sombra na escuridão e sua voz era de urgência e comando. Ela lutou para recobrar algum controle sobre a respiração.

— Agora! — ele disse apressado — Os ichanis podem percebê-la. Rápido!

Ela estendeu as mãos. Os dedos dele tocaram levemente os dela e em seguida envolveram suas mãos. Fechando os olhos, Sonea enviou uma corrente contínua de energia. Quando se apercebeu do significado do que Akkarin tinha dito, acelerou o fluxo até que a força emanou dela rapidamente.

— Pare, Sonea.

Abriu os olhos e uma onda de exaustão tomou conta dela.

— Você exagerou — ele disse. — Você se cansou.

— Não preciso dela, disse bocejando.

— Não? Como vai conseguir continuar agora? — ele suspirou. — Eu poderia curá-la, suponho, mas... talvez devêssemos ficar aqui. Se ele tivesse visto por onde fomos, estaria nos seguindo a esta altura. E não dormimos há dias.

Ela estremeceu e ergueu o olhar.

— Ele estava *bem* perto de mim.

— Sim. Eu fiz um caminho diferente do seu e do dele, de modo que podia observá-lo. Reparei que ele a seguia sem hesitar, mas não tomou a minha trilha nem mesmo quando eu cruzei a dele por várias vezes. Então, pude me aproximar o suficiente para observá-lo e compreendi pelo seu comportamento que ele era capaz de senti-la. Olhei melhor e percebi que eu também era. Você não está habituada a carregar força em excesso e estava permitindo que traços dela fugissem ao seu controle.

— Oh!

— Felizmente, a alcancei assim que chegou a este desfiladeiro. Alguns minutos mais e ele a teria encontrado.

— Oh!

— Você pode dormir aqui, enquanto fico vigiando.

Ela suspirou aliviada. Já estava exaurida antes de passar toda a sua força para ele. Apareceu um globo de luz bem pequeno, mostrando que a rachadura se estendia um pouco mais adentro da parede rochosa. A base dela estava repleta de um amontoado de pedras grandes. Embora Sonea desejasse desesperadamente deitar-se e dormir, olhou para o chão em desalento.

Ao encontrar uma área relativamente mais regular, remexeu algumas das pedras, preencheu alguns buracos entre elas com outras pedras menores e se deitou. Não era muito confortável. Ela sorriu com ironia, lembrando-se de como um dia tinha dormido no chão do quarto suplementar de Rothen, por não estar acostumada com camas macias.

Akkarin sentou-se perto da entrada. Quando seu globo de luz piscou novamente, ela ficou pensando de que forma poderia dormir, sabendo que um ichani estava à sua procura lá em cima.

A exaustão, porém, amorteceu as pontas afiadas das pedras e o seu medo, e logo os pensamentos se afastaram de todas as preocupações do momento.

Capítulo 22

Uma Troca de Impressões

Pelo lado de fora, viam-se apenas as torres do Palácio por cima do muro alto arredondado que o cercava. Quando a carruagem do Clã tomou a estrada em curva que acompanhava o muro, Lorlen olhou para cima e sentiu uma pontada de ansiedade. Fazia muitos anos desde que entrara no Palácio. As questões entre o Rei e o Clã eram sempre tratadas com o Lorde Supremo. Embora dois magos — os Conselheiros do Rei — auxiliassem o monarca diariamente, a função deles era proteger e aconselhar, e não receber nem cumprir ordens referentes ao Clã. Agora, com a partida de Akkarin, as responsabilidades do Lorde Supremo haviam recaído sobre o Administrador.

"Como se eu já não tivesse muito que fazer", Lorlen pensou. Entretanto, o Rei havia solicitado que todos os Magos Superiores fossem ter com ele naquele dia. Lorlen olhou para os demais ocupantes da carruagem.

Embora *Lady* Vinara se mostrasse calma, Lorde Sarrin aparentava preocupação. Kito, o Administrador expatriado, tamborilava os dedos de uma das mãos contra os da outra. Lorlen não sabia ao certo se isso significava nervosismo ou impaciência. Aquela não era a primeira vez que ele desejava que as missões de Kito não exigissem que ele ficasse ausente do Clã com tanta frequência. Se tivesse conhecido Kito melhor, teria sido capaz de interpretar o humor do sujeito a partir daquele tique.

A carruagem afrouxou o passo e, em seguida, virou em direção à entrada do Palácio. Os dois enormes portões escuros de ferro se abriram para o lado de dentro, cada um deles guiado por dois guardas. Muitos outros guardas, postados de ambos os lados da entrada, inclinaram-se quando a carruagem de Lorlen adentrou um grande pátio fechado.

Estátuas imponentes de reis anteriores erguiam-se pelo pátio. As carruagens

pararam em frente às grandiosas portas do Palácio. Um guarda adiantou-se e fez uma reverência quando Lorlen desceu da carruagem.

Lorlen observou a segunda carruagem do Clã parando logo atrás da primeira, então seguiu adiante para encontrar o recepcionista às portas do Palácio. A tarefa dos recepcionistas era receber todo visitante do Palácio com a formalidade apropriada e, em seguida, redigir um relatório. Lorlen ficara fascinado ao saber, ainda criança, que os recepcionistas tinham criado uma forma abreviada própria de escrever para acelerar o processo.

O homem curvou-se com elegância.

— Administrador Lorlen. É uma honra conhecê-lo. — Seus olhos vigilantes moviam-se de mago para mago enquanto cumprimentava cada um. — Bem-vindos ao Palácio.

— Obrigado — Lorlen respondeu. — Fomos convocados pelo Rei.

— Fui devidamente informado.

O homem segurava uma pequena prancheta na mão. Sacou um quadrado de papel de uma abertura lateral e fez várias anotações rápidas nele com um bastão de tinta. Um garoto que estava por perto adiantou-se rapidamente, cumprimentou-os e pegou o pedaço de papel.

— Seu guia — o recepcionista disse. — Ele vai levá-los ao Rei Marin agora.

O menino apressou-se até uma das grandes portas do Palácio e a segurou aberta. Em seguida, afastou-se. Lorlen guiou os outros magos para dentro do saguão de entrada do Palácio.

O saguão era baseado no da Universidade e era repleto de escadarias em espiral de aparência frágil. Havia, no entanto, muitas outras, decoradas com ouro e iluminadas por várias tochas suspensas. Um marcador de tempo sofisticado à semelhança de um relógio clicava e zumbia no centro da sala. Eles acompanharam o jovem guia escada acima até o segundo andar.

A partir daí, seguiu-se uma jornada complicada. O guia os levou por grandes portais, por extensos corredores e salões. Depois de uma longa subida por uma

escada estreita, chegaram a uma porta de tamanho normal, bloqueada por dois guardas. O menino pediu a eles que esperassem, então passou pelos guardas. Após uma pequena pausa, ele reapareceu, anunciando que o Rei os receberia.

Quando Lorlen adentrou a sala do outro lado, sua atenção voltou-se de pronto para as janelas altas e estreitas. Delas tinha-se uma vista da cidade inteira e para além dela. Ele concluiu que estavam em uma das torres do Palácio. Ao olhar para a direção norte, quase conseguiu visualizar uma linha escura de montanhas, mas, é claro, a fronteira estava muito além do horizonte.

O Rei estava sentado em uma poltrona larga e confortável do outro lado da sala. Os Conselheiros do Rei postavam-se de pé, um de cada lado, as expressões atentas e sérias. Lorde Mirken era o mais velho dos dois. Lorde Rolden tinha idade mais próxima da do Rei e, Lorlen sabia, era considerado tanto amigo quanto protetor.

— Majestade — disse Lorlen, ajoelhando-se sobre um dos joelhos, e ouviu o farfalhar das túnicas atrás dele enquanto os outros Magos Superiores faziam o mesmo.

— Administrador Lorlen e Magos Superiores do Clã — o Rei respondeu. — Fiquem à vontade.

Lorlen e os demais se levantaram.

— Eu gostaria de discutir com você e seus colegas as alegações do antigo Lorde Supremo — o Rei continuou. Seu olhar passou de um mago para o outro, e ele franziu as sobrancelhas. — Onde está Lorde Balkan?

— O Líder dos Guerreiros está no Forte Norte, Majestade, com os magos que escoltaram Akkarin até a fronteira — Lorlen explicou.

— Quando ele retorna?

— Ele pretende permanecer lá para o caso de Akkarin tentar retornar por aquele caminho ou caso sua história se mostre verdadeira e esses ichanis dos quais ele falou tentem entrar em Kyralia.

A expressão fechada do Rei tornou-se mais intensa.

— Eu preciso dele aqui, onde possa consultá-lo — ele hesitou. — Meus Conselheiros me disseram que você ordenou que toda comunicação mental fosse suspensa. Por que isso?

— Na noite passada, escutei a voz mental de um mago desconhecido para mim. — Lorlen sentiu um calafrio enquanto se lembrava. — Ele parecia estar escutando uma conversa que eu estava tendo com meu assistente.

Os olhos do Rei se estreitaram.

— O que o desconhecido disse?

— Eu agradeci a Lorde Osen por me informar que Akkarin e Sonea tinham adentrado Sachaka. O estranho repetiu o agradecimento.

— Isso foi tudo o que ele disse?

— Sim.

— Entretanto, você não sabe se o estranho é um ichani. — O Rei bateu com os dedos no braço da cadeira. — Mas, se os ichanis realmente existem, e têm escutado suas conversas, eles podem ter sabido de muita coisa nos últimos dias.

— Infelizmente, sim.

— E se eu ordenar que Lorde Balkan volte para casa, eles vão ficar sabendo. Será que os Guerreiros dele serão capazes de defender o Forte contra um ataque caso ele saia e volte?

— Não sei. Eu poderia perguntar a ele, mas, se sua resposta for não e ele partir, qualquer um que estiver escutando saberá que o Forte está vulnerável.

O Rei assentiu.

— Entendo. Fale com ele. Se ele sentir que não pode partir, então precisa ficar.

Lorlen chamou Balkan mentalmente. A resposta foi imediata.

— *Lorlen?*

— *Se você voltar para Imardin, seus homens serão capazes de defender o*

Forte?

— Sim. Ensinei Lorde Makin a coordená-los contra um mago negro.

— Ótimo. Retorne imediatamente. O Rei quer o seu aconselhamento.

— Partirei em uma hora.

Lorlen assentiu e olhou para o Rei.

— Ele confia na capacidade deles para defender o Forte. Ele deve chegar dentro de dois ou três dias.

O Rei assentiu, satisfeito.

— Agora, conte-me sobre suas investigações.

Lorlen cruzou as mãos atrás das costas.

— Nos últimos dias, localizamos alguns mercadores que visitaram Sachaka no passado e um deles se recorda do termo “ichani”. Ele disse que significava “bandido” ou “ladrão”. Sempre se ouviram histórias de mercadores que tinham desaparecido com mercadorias e tudo nas terras desoladas. Concluiu-se que eles haviam se perdido no caminho. Isso é tudo o que sabemos. Estamos enviando três magos a Sachaka para buscar mais informações. Eles partirão em alguns dias.

— E que medidas defensivas você criou para o caso de a história de Akkarin ser verdadeira?

Lorlen virou-se para encarar os colegas magos.

— Se o que ele diz for verdade e esses ichanis forem centenas de vezes mais fortes do que um único mago do Clã, não sei se podemos fazer alguma coisa. Existem mais de trezentos de nós, se incluirmos os magos que moram em outras terras. Akkarin estimou que há entre dez e vinte ichanis. Mesmo que existissem apenas dez, teríamos mais do que triplicar nosso contingente para encarar uma força tão poderosa. Apesar de existir potencial de magia nas subclasses, duvido que encontrássemos setecentos novos magos... e certamente não conseguiríamos treiná-los rápido o suficiente.

O Rei ficou ligeiramente pálido.

— Não há outro jeito?

Lorlen hesitou.

— Existe outro jeito, porém com seus riscos próprios.

O Rei gesticulou para que Lorlen continuasse.

Lorlen virou-se para olhar Lorde Sarrin.

— O Chefe dos Alquimistas tem estudado os livros de Akkarin. O que ele tem aprendido tem sido perturbador e esclarecedor ao mesmo tempo.

— Como assim, Lorde Sarrin?

O velho mago adiantou-se.

— Eles revelam que a magia negra não tinha sido proibida pelo Clã até cinco séculos atrás. Antes disso, era de uso comum e conhecida como “magia superior”. Depois de ter sido banida, os registros foram reescritos ou destruídos para eliminar as referências a ela. Os livros que Akkarin possuía estavam enterrados sob a Universidade como precaução, caso Kyralia enfrentasse um inimigo poderoso mais uma vez.

— Então, seus antecessores pretendiam que o Clã reaprendesse magia negra caso estivesse sob ameaça?

— Parece que sim.

O Rei meditou sobre aquilo. Lorlen ficou agradecido ao ver cautela e temor na expressão do monarca. Nenhum governante gostaria da ideia de conceder aos magos um poder ilimitado em potencial.

— Quanto tempo isso levaria?

Sarrin abriu as mãos.

— Não sei. Mais de um dia. Acredito que Sonea a aprendeu em uma semana, mas sob a orientação de Akkarin. Aprender pelos livros pode ser mais difícil. — Ele fez uma pausa. — Eu não recomendaria uma medida tão drástica, a menos

que não existisse outra maneira.

— Por que não? — o Rei perguntou, apesar de não parecer surpreso.

— Poderíamos nos salvar apenas para acabar combatendo os efeitos corruptores da magia negra sobre nosso próprio povo.

O Rei assentiu.

— Ainda assim, a magia negra não parece ter corrompido Akkarin. Se ele tinha a intenção de dominar o Clã e a mim, poderia ter feito isso a qualquer momento nos últimos oito anos.

— Isso é verdade — Lorlen concordou. — Akkarin era meu amigo mais próximo, desde o dia em que nos conhecemos como aprendizes, e nunca o julguei desonroso. Ambicioso, sim, mas não imoral ou sem compaixão. — Ele sacudiu bem a cabeça. — Entretanto, o Clã é grande e não posso garantir que todos os magos se conteriam caso tivessem acesso a um poder ilimitado.

O Rei concordou.

— Então, talvez apenas alguns devam aprendê-lo, aqueles que forem julgados mais confiáveis... mas apenas se a situação mostrar-se desesperadora, como você diz. As provas são a chave aqui. Você precisa descobrir se a história de Akkarin é verdadeira ou falsa.

Ele olhou para Lorlen.

— Há algo mais que eu devesse saber?

Lorlen passou os olhos pelos outros e balançou a cabeça.

— Gostaria de ter notícias mais significativas ou reconfortantes, Majestade, mas não temos.

— Então, o restante de vocês pode se retirar. Fique comigo ainda um pouco, Administrador. Quero lhe fazer mais algumas perguntas sobre Akkarin e sua aprendiz.

Lorlen pôs-se de lado e fez um sinal com a cabeça para os demais. Eles fizeram uma pequena reverência e saíram do salão. A um aceno do Rei, os

Conselheiros dirigiram-se em silêncio para as cadeiras ao lado da porta. Ele se levantou e atravessou na direção da janela do norte.

Lorlen o acompanhou, mantendo uma distância respeitosa. O monarca recostou-se no peitoril e suspirou.

— Nunca deixei de perceber Akkarin como altamente confiável — ele murmurou. — Pela primeira vez me vejo esperançoso de estar errado quanto a ele e admitir que fui um perfeito idiota.

— Assim como eu, Majestade — Lorlen respondeu. — Se ele estava dizendo a verdade, mandamos exatamente o nosso melhor aliado para as mãos do inimigo.

O Rei assentiu.

— Mesmo assim, isso tinha de ser feito. Espero realmente que ele sobreviva, Administrador, e não apenas porque podemos precisar dele. Eu também o tinha na conta de um bom amigo.

Dor foi a primeira sensação que Sonea percebeu ao acordar. Era pior nas pernas e nas costas, mas os ombros e os braços estavam igualmente machucados e doloridos. Concentrando-se na dor, ela se deu conta de que era na musculatura não acostumada a exercícios e cãibras em outra, e tentou firmar-se sobre a superfície irregular em que estava deitada.

Recorrendo à própria força, ela curou o desconforto. Quando a dor cedeu, ela se surpreendeu com uma fome torturante. Tentou lembrar-se da última vez que tinha comido e as lembranças da noite anterior tomaram conta dela.

“A última coisa de que lembro é de estar numa caverna com Akkarin.”

Sonea abriu ligeiramente os olhos. Duas paredes de pedra se estendiam acima dela, aproximando-se até se encontrarem. A caverna. Mantendo os olhos semicerrados, olhou na direção da entrada. Akkarin estava sentado a poucos passos de distância. Enquanto observava, ele olhou para ela e seus lábios se retorceram naquele quase sorriso, meio amargo, tão conhecido dela.

“Ele está sorrindo para mim.”

Sonea não sabia se ele podia ver que ela estava acordada e ela não queria que ele parasse de sorrir, então ficou ali quieta. Ele continuou a fitá-la, depois desviou o olhar, suspirou e o sorriso foi tomado por uma expressão de preocupação.

Ela fechou os olhos novamente. Ela tinha de se levantar, mas não queria se mover. Quando o fizesse, o dia começaria e haveria mais caminhada, mais escaladas e mais fugas do ichani. E Akkarin ficaria frio de novo.

Sonea abriu os olhos por completo e voltou a olhar para ele. A pele do rosto parecia retesada e machucada sob os olhos. A sombra da barba por fazer acentuava os ângulos do maxilar e dos ossos da face. Ele parecia magro e cansado. Será que tinha dormido? Ou teria ficado a noite inteira observando-a?

Os olhos dele se depararam com os dela e sua expressão adquiriu um ar de reprovação.

— Então, acordou finalmente — disse, pondo-se de pé. — Levante-se. Precisamos aumentar o máximo possível a distância entre nós e a Passagem.

“Bom dia para você também”, Sonea pensou. Ela se levantou e ficou de pé, sem muita firmeza.

— Que horas são?

— Está quase anoitecendo.

Ela tinha dormido o dia inteiro. Pensou novamente nas olheiras sob os olhos dele.

— Você dormiu?

— Fiquei vigiando.

— Devíamos revezar.

Ele não respondeu. Sonea dirigiu-se até a entrada da caverna. O fosso do desfiladeiro fez sua cabeça revirar. Ele colocou uma das mãos no seu ombro e ela sentiu a vibração da magia sob os pés.

— Deixe-me fazer isso — ela ofereceu.

Ele a ignorou. A magia elevou-os do chão da caverna. Sonea observou o rosto dele enquanto subiam, percebendo a tensão em sua face. Decidiu, então, que na noite do dia seguinte, ela insistiria em fazer a primeira vigília. Claramente, ela não conseguia acreditar que Akkarin a acordaria para que ele pudesse dormir.

Ao atingirem o topo do penhasco, ele retirou a mão do ombro de Sonea. Ela o seguiu quando ele começou a examinar o chão. Imaginando que ele estivesse procurando por sinais da passagem dos ichanis, ela se deteve um pouco. Depois de subir pela elevação por uns cem passos, ele parou, voltou passando por ela e tomou o rumo contrário.

Virando-se para seguir, ela olhou para cima e soltou um suspiro de admiração. As terras desoladas se descortinavam à sua frente. Apesar da luz calma do entardecer, as cores da terra ainda se mostravam vigorosas.

Um solo escuro, de coloração avermelhada, varria o sopé das montanhas. Porém, nos lugares onde a erosão causada pelos rios levara embora a terra, faixas negras e de um amarelo pálido eram visíveis. Se ela olhasse mais de perto, poderia ver manchas de vegetação rasteira na superfície e, aqui e acolá, bosques desordenados com árvores retorcidas pelo vento.

Era uma paisagem desoladora, embora houvesse nela uma beleza selvagem. As cores eram muito intensas e estranhas. Até mesmo o azul do céu se mostrava diferente.

— Aconteceu como eu temia. Ele continuou em direção ao sul, em vez de descer na direção dos desertos.

Ela piscou, surpresa, ao ver que Akkarin vinha andando na direção dela de novo. Ele passou por ela e continuou encosta acima novamente. Ela suspirou e apressou-se em acompanhá-lo.

Seguiu-se uma escalada cheia de sacrifício. Akkarin pareceu relutante em levitar, preferindo subir pelos andares de rocha. Ele não parou para descansar e, quando os últimos raios de sol deixaram as montanhas acima, ela estava novamente dolorida e exausta.

Logo Sonea estava ávida para parar um pouco. Ou apenas para ter condições de acompanhar os passos largos dele. Talvez, se falasse com ele, ele diminuísse a velocidade por um pouquinho de tempo.

— Para onde estamos indo?

Akkarin hesitou, mas não parou nem se virou.

— Para longe da Passagem.

— E depois?

— Para algum lugar seguro.

— Você tem algum em mente?

— Um lugar distante de Sachaka e das terras Aliadas.

Sonea estancou e olhou para as costas dele. Longe de Sachaka e Kyralia? Não tinha ele a intenção de ficar por perto de forma que pudesse ajudar o Clã quando os ichanis invadissem? Certamente, ele não ia *abandonar* Kyralia.

Fazia sentido, no entanto. O que mais poderiam fazer? Não eram fortes o suficiente para lutar contra os ichanis. Nem tampouco contra o Clã. E o Clã não aceitaria a ajuda deles, de qualquer forma. Qual o sentido de ficar?

Ainda assim ela não acreditava que ele desistiria tão facilmente. Ela não poderia desistir tão facilmente. Lutaria, mesmo que significasse uma provável perda.

Mas e se isso significasse deixar Akkarin...?

Akkarin fitou-a de volta.

— Na verdade, pretendo encontrar o grupo de Kariko e fazer um pouquinho de espionagem por minha conta — disse ele. — Quando encontrá-los, enviarei imagens do que eu vir para o Clã.

Sonea piscou e balançou a cabeça em seguida. Ele a estivera testando, então. A constatação trouxe-lhe alívio e raiva ao mesmo tempo. Em seguida, ela pensou sobre o que ele estava dizendo e sentiu o sangue esfriar.

— Os ichanis vão ouvi-lo. Vão saber que você os está observando — ela disse. — Eles vão...

Ele parou e virou-se para olhá-la.

— Por que você veio, Sonea?

Ela olhou fixo para ele, cujos olhos cintilavam perigosamente. Sentiu uma ponta de mágoa, e a seguir uma raiva crescente.

— Você precisa de mim mais do que o Clã — disse-lhe ela.

Os olhos dele se estreitaram.

— Preciso de você? Eu não preciso de uma aprendiz desobediente e ainda não totalmente treinada para me proteger.

“Desobediente. Então é por isso que ele está tão zangado.” Ela se aprumou.

— Se esse malfadado plano que acaba de me contar é o que realmente pretende seguir, então é óbvio que precisa *mesmo* de mim — ela rebateu.

O olhar dele vacilou, mas a expressão não se abrandou.

— Malfadado ou não, por que deveria eu incluir você em meus planos quando se mostra tão avessa a me seguir?

Ela encarou-o firme.

— Só estou avessa a seguir planos que o levem à morte.

Ele piscou e fixou o olhar nela de forma intencional. Ela sustentou o olhar dele. De repente, Akkarin virou-se e retomou a subida.

— Sua presença complicou as coisas. Não posso fazer o que pretendia. Terei de reconsiderar o que eu... o que *nós* faremos agora.

Sonea acrescentou rapidamente:

— Você não tinha de fato intenção de espionar os ichanis e comunicar o que tinha visto ao Clã, tinha?

— Sim e não.

— Se eles o escutarem, poderão descobrir onde está se escondendo.

— Claro — respondeu ele.

E se o capturassem, não o escravizariam. Eles o matariam. De repente, Sonea compreendeu o que ele pretendera mostrar ao Clã. Um calafrio percorreu-lhe o corpo.

— Bem, acho que mostrar-lhes *isso* vai convencer o Clã definitivamente de que os ichanis existem.

Ele fez uma pausa e aprumou-se.

— Eu não quis dizer que pretendia me sacrificar — disse ele duramente. — Os ichanis não vão escutar nada se eu me comunicar através de Lorlen.

O anel de Lorlen. Ela sentiu o rosto esquentar.

— Entendo — ela respondeu.

"Sou uma idiota", ela pensou. "Bem, eu apenas cuidei para que soasse assim, de qualquer forma. Talvez fosse melhor ficar de boca fechada."

Mas, à medida que continuaram a subir, ela pensou sobre o plano dele. Não havia razão pela qual não pudessem tentar experimentá-lo ainda. Ela olhou para as costas dele e pensou se deveria voltar a tocar no assunto, mas decidiu esperar. Quando eles parassem novamente, ela lhe perguntaria se o plano ainda poderia funcionar.

Assim que a escuridão progrediu e começou a dificultar-lhes a visão do caminho, eles chegaram à base de um penhasco escarpado. Akkarin parou e virou-se para observar a terra lá embaixo. Abaixou-se no chão e recostou-se contra o penhasco. Sentando-se ao seu lado, ela percebeu o sutil odor do suor dele. De repente, ela sentiu-se muito consciente de sua presença e do silêncio entre eles. Agora, era o momento de perguntar sobre a espionagem dos ichanis, embora ela não conseguisse pronunciar uma palavra.

"O que há de errado comigo?", ela se perguntou.

"Amor", sussurrou uma voz em sua mente.

“Não. Não seja ridícula”, ela respondeu. “Eu *não* estou apaixonada. E ele claramente não está. Sou uma aprendiz pouco treinada e desobediente. Quando mais cedo tirar essas ideias bobas da cabeça, melhor.”

— Temos companhia.

Akkarin levantou uma das mãos e apontou. Seguindo a direção do dedo, Sonea se viu procurando a terra que ela havia trilhado na noite anterior.

Uma forma escura destacou-se da sombra de uma rocha bem longe, lá embaixo. Era difícil calcular quão longe estava. Ela jamais precisara adivinhar tais distâncias na cidade.

Os movimentos distantes eram estranhos e com certeza não eram de humanos.

— É um animal — ela disse.

— Sim — respondeu Akkarin — Um yeel. São uma espécie de limek, menor e domesticada. Os ichanis os treinam para a caça e a tração. Veja, o dono o segue.

Uma silhueta apareceu sob o luar, atrás do limek.

— Outro ichani?

— Provavelmente.

Sonea se deu conta de que o coração batia acelerado, mas não por causa daquelas impressões bobas de amor. Um ichani à frente, outro atrás.

— Será que ele é capaz de nos rastrear?

— Se o yeel dela farejar nosso cheiro.

Dela? Sonea reparou na silhueta. Havia algo de feminino em seu caminhar, ela concluiu. Olhou para Akkarin. Ele tinha o cenho franzido.

— O que é agora?

Ele olhou o penhasco acima.

— Não me agrada desperdiçar força levitando, mas estaremos mais seguros mais ao alto. Temos de encontrar uma fenda ou reentrância no penhasco para nos

escondermos enquanto subimos.

— E aí?

— Vamos achar água e comida.

— Lá em cima? — ela perguntou em tom cético.

— Pode parecer desolado, mas é possível encontrar alguma vida se soubermos onde procurar. Quanto mais nos dirigirmos para o sul, mais fácil fica.

— Então, estamos indo para o sul?

— Sim. Para o sul.

Ele se levantou e estendeu-lhe a mão. Ela a segurou e deixou que ele a puxasse para ficar de pé. Ao virar-se, os dedos dele soltaram-se dos dela, deixando sua pele formigando onde a tinha tocado. Sonea olhou para a mão e suspirou.

Não ia ser fácil tirar aquelas impressões idiotas da cabeça.

***

Dannyl suspirou aliviado quando a porta de seu aposento se fechou. Sentou-se em uma das cadeiras da sala de visitas e reduziu a luz de seu globo para uma pequena luminosidade.

Enfim, ele estava sozinho. Entretanto, agora nessa condição, ele viu que não se sentia nem um pouco melhor. Perambulou pelo quarto sem parar, examinando a mobília e os quadros de mapas e planos que tinha colecionado e pendurado nas paredes fazia anos.

“Sinto falta de Tayend”, ele pensou. “Sinto falta de tomarmos uma garrafa de vinho e de conversarmos por horas. Sinto falta de ficar em nossa sala trabalhando nas pesquisas. Sinto falta... de tudo.”

Ele tinha vontade de contar a Tayend a história de Akkarin. O acadêmico faria uma investigação detalhada sobre ela, expondo significados ou inconsistências ocultas. Ele veria possibilidades que outros jamais tinham considerado.

Dannyl, porém, alegrava-se pelo acadêmico não estar ali. Se a história de Akkarin fosse mesmo verdadeira, Dannyl preferia que Tayend estivesse o mais longe possível do Clã.

Ele considerou tudo o que soubera sobre magia negra ao se preparar para o cargo de Embaixador, mais o que tinha aprendido no livro do Dem. Ao usá-la, um mago poderia extrair o poder mágico dos outros. Alguém dotado de talento mágico teria mais poder a ser retirado do que outro sem esse talento — mas isso não significava que um mago seria um alvo melhor. Um mago, uma vez derrotado, teria muito pouca magia de sobra para ser tomada. Era a pessoa dotada de talento mágico *sem ter sido treinada* para usá-lo que seria a vítima mais adequada.

Era exatamente o caso de Tayend.

Dannyl suspirou. Ele sentiu como se estivesse sendo puxado em duas direções. Embora quisesse muito voltar para Elyne para garantir que Tayend estivesse seguro, ele não queria abandonar nem Kyralia nem o Clã.

Pensou em Rothen e se sentiu incomodado. “Eu devia ter me associado a esse grupo de espiões, então. Agora, hesito, porque sei como me sentiria se Tayend partisse rumo a uma missão tão perigosa. Eu não faria isso com ele a não ser que não tivesse outra escolha.”

Sentando-se à mesa de trabalho, Dannyl pegou uma folha de papel, tinta e pena. Fez uma pausa para considerar o que poderia arriscar colocando por escrito.

“Para Tayend de Tremmelin:

Conforme, sem dúvida, deve ter ouvido, o Clã está em situação de sublevação. Tomei conhecimento de que o Lorde Supremo foi preso por usar magia negra. Você entenderá como foi infeliz a ocasião em relação ao nosso trabalho, mas, embora tenham surgido alguns problemas, nenhum se mostrou muito perturbador até agora.

Ele continuou relatando a história de Akkarin, e em seguida explicou que não poderia voltar a Elyne até que soubesse que o Clã estava a salvo.

Ficarei surpreso, e não pouco aborrecido, se não for liberado para voltar dentro dos próximos meses. Conquanto seja bom falar com Rothen novamente, não me sinto pertencente a este lugar agora. Pelo contrário, sinto-me como um visitante à espera de uma oportunidade para voltar para casa. Quando esse assunto tiver sido resolvido, vou perguntar a Lorlen se posso continuar no cargo de Embaixador do Clã em caráter permanente.

Com toda a minha amizade, Embaixador Dannyl.

Recostando-se em sua cadeira, Dannyl pensou cautelosamente sobre a carta. Estava mais formal do que ele gostaria, mas não se dispunha a colocar no papel nada mais pessoal. Se havia gente como Farand nas Terras Aliadas, empregadas para escutar as conversas mentais dos magos, deveria haver também pessoas empregadas para interceptar e ler o correio.

Ele se levantou e se espichou. Poderiam ser meses até que pudesse sair de Kyralia. Se as alegações de Akkarin se mostrassem verdadeiras, o Clã ia querer manter o maior número de magos possível em Kyralia. Ele poderia ficar retido ali por muito tempo.

“Se Akkarin estava dizendo a verdade”, ele pensou, estremecendo, “é possível que eu nunca mais volte a Elyne novamente.”

Capítulo 23

Espiões

Enquanto do lado de fora o calor do verão aumentava lentamente até atingir o máximo, as salas da Universidade ainda estavam agradavelmente frescas. Rothen relaxava em uma das cadeiras grandes e confortáveis no escritório do Administrador e observava seus companheiros. Lorde Solend, o historiador, parecia uma estranha escolha para um espião, mas quem suspeitaria que um homem idoso, com aparência sonolenta, estivesse coletando informações para o Clã? O outro espião, Lorde Yikmo, era o professor de Artes Guerreiras que treinara Sonea.

Solend era um elyne e Yikmo um vindo, o que fazia de Rothen o único mago kyraliano escolhido para a tarefa. Ele achava que isso ia lhe dificultar a obtenção de informações dos sachakanos — se eles realmente não gostassem dos kyralianos tanto quanto Akkarin afirmava.

Lorlen tamborilava no braço da cadeira. Estavam esperando para se encontrar com um espião profissional, enviado pelo Rei, que os instruiria na arte do disfarce e da coleta de informações antes de partirem para Sachaka em poucos dias. Ao baterem à porta, todos se viraram para ver quem entrava. Um mensageiro adentrou a sala a passos largos, fez uma reverência e informou a Lorlen que Raven da Casa de Tellen estava atrasado e apresentava suas desculpas.

Lorlen assentiu.

— Muito obrigado. Pode ir.

O mensageiro fez nova reverência, em seguida hesitou e olhou ao redor da sala.

— Nesta sala há sempre correntes de ar inexplicáveis, meu lorde?

Lorlen olhou para o homem de modo agressivo. Abriu a boca para responder, parou, então sorriu e se reclinou na cadeira.

— Raven.

O homem fez nova reverência.

— Onde conseguiu esse uniforme?

— Eu os coleciono.

"Então era assim que um espião profissional se parecia", pensou Rothen. Ele esperara alguém astucioso, que demonstrasse esperteza. Em lugar disso, a aparência de Raven era surpreendentemente comum.

— Um hábito útil, na sua profissão — comentou Lorlen.

— Muito. — O homem estremeceu. — Gostaria que eu encontrasse a origem dessa corrente de ar?

Lorlen assentiu. O espião atravessou a sala e começou a examinar as paredes. Parou, sacou um lenço e esfregou a moldura de uma pintura; então sorriu e deslizou a mão por trás dela.

Uma parte da parede se abriu.

— A fonte da sua corrente de ar — anunciou Raven. — Ele se virou para olhar Lorlen, e um quê de desapontamento surgiu em seu rosto. — Vejo, porém, que já sabia disso. — Raven moveu a mão novamente e o painel deslizou de volta para o lugar.

— Todos aqui sabem das passagens nas paredes da Universidade — disse Lorlen. — Entretanto, nem todos sabem onde elas estão. É proibido usá-las, apesar de eu suspeitar que o antigo Lorde Supremo muitas vezes ignorasse tal regra.

Rothen conteve um sorriso. Apesar do ar despreocupado de Lorlen, havia uma ruga entre as sobrancelhas, e ele continuava a olhar para a pintura. Rothen supôs que o administrador estivesse imaginando se Akkarin alguma vez o tinha espionado.

Raven se aproximou da mesa do Administrador.

— Por que seu uso é proibido?

— Por não serem seguras em determinados pontos. Se os aprendizes observassem os magos usando-as, poderiam ficar tentados a fazer o mesmo... antes de estarem aptos a se proteger contra desmoronamentos.

Raven sorriu.

— Esta, com certeza, é a sua razão oficial. Na realidade, você não quer os magos ou aprendizes espionando uns aos outros.

Lorlen encolheu os ombros.

— Estou certo de que essa possibilidade foi considerada pelo meu antecessor ao implementar essa lei.

— Você pode querer revogar essa lei, caso as previsões do antigo Lorde Supremo se tornem realidade.

Raven olhou para Solend, então para Yikmo. Ao receber o mesmo olhar inquisitivo, Rothen imaginou o que o espião achava dele. A expressão do homem não traía seus pensamentos.

— Elas podem representar rotas de fuga valiosas — acrescentou Raven. E virou o rosto para Lorlen — Examinei todos os livros, relatórios e mapas que me enviou. Confirmar a existência desses ichanis não deve ser difícil, particularmente se eles vivem conforme o antigo Lorde Supremo descreveu. Você não precisa enviar três magos a Sachaka.

— Quantos acha que devo enviar? — perguntou Lorlen.

— Nenhum, respondeu Raven. — Você não deve enviá-los. Se os ichanis de fato existirem e capturarem um dos magos, eles ficarão sabendo muito sobre vocês.

— Não mais do que saberão se capturarem Akkarin — ressaltou Lorlen.

— Parece-me que ele sabe o suficiente sobre Sachaka para saber se cuidar — respondeu Raven — Enquanto os outros magos não sabem.

— Esse é o motivo pelo qual o contratamos para treiná-los — Lorlen respondeu calmamente. — Há uma vantagem em enviar os magos. Eles podem nos comunicar suas descobertas em um instante.

— Se o fizerem, vão se revelar.

— Foram instruídos para se comunicarem apenas em último caso.

Raven assentiu lentamente.

— Então, devo fazer uma forte recomendação.

— Sim?

Ele deu uma olhada para Rothen.

— Envie apenas um desses, e escolha outros dois. Seus espiões não devem saber quem mais você enviou. Se alguém for capturado, ele revelará a identidade dos outros.

Lorlen assentiu lentamente.

— Quem você escolheria, então?

Raven virou-se para Yikmo.

— Você é um Guerreiro, meu lorde. Se eles o capturarem e lerem sua mente saberão demais sobre as habilidades de luta do Clã.

Virou-se, então, para Solend.

— Perdoe-me por dizer isso, meu lorde, mas você é muito velho. Nenhum mercador levaria um homem da sua idade com ele em uma viagem árdua pelas terras desoladas. — Ele olhou para Rothen e franziu o cenho. — Você é Lorde Rothen, estou certo?

Rothen assentiu.

— Se a sua antiga aprendiz fosse capturada e sua mente lida, os ichanis poderiam reconhecer você. No entanto, ela não sabe que você pretende entrar em Sachaka, e dessa forma provavelmente faz pouca diferença se ela o conhece há tanto tempo, desde que você não encontre o ichani que a capturou.

Ele fez uma pausa e então assentiu.

— Você tem um rosto que inspira confiança. Eu escolheria você.

Conforme Raven se virou para fitar Lorlen, Rothen fez o mesmo. O Administrador reparou nos três magos e no espião e assentiu.

— Seguirei seu conselho — ele olhou para Solend e Yikmo. — Obrigado por se oferecerem como voluntários. Falarei com vocês depois. Agora, o melhor é garantirmos que apenas Rothen ouça o que Raven tem a dizer.

Os dois magos se levantaram. Rothen buscou sinais de contrariedade em seus rostos, mas não viu nada além de desapontamento. Olhou-os enquanto se encaminhavam até a porta e partiam, em seguida virou-se para se deparar com Raven, que o observava atentamente.

— Então — começou Raven. — O que prefere? Retirar o grisalho dos cabelos ou ficar com a cabeça totalmente branca?

Ao parar para retomar o fôlego, Sonea olhou ao redor. O céu estava listrado com faixas finas de nuvens alaranjadas, e o ar se tornava progressivamente mais frio. Pensou que logo Akkarin decidiria descansar.

Por três noites desde que estavam fugindo do ichani, ela seguira Akkarin ao longo da cadeia de montanhas. Retomavam a caminhada todos os dias no crepúsculo, andavam até estar escuro demais para enxergar e aí descansavam até a lua aparecer. Prosseguindo o mais rápido que conseguiam, paravam apenas quando a lua sumia por entre os cimos.

Ao pararem com a chegada das horas mais escuras da segunda manhã, ela disse a Akkarin para pegar a força mágica que ela tinha recobrado. Ele hesitou antes de aceitar o poder. Mais tarde, ela disse a ele que poderia vigiar na primeira metade do dia. Quando ele começava a contra-argumentar, ela lhe disse abruptamente que não confiava nele para acordá-la quando chegasse seu turno. Os Curadores tinham ensinado aos aprendizes sobre os perigos do uso da magia para permanecer acordado por muito tempo e Akkarin parecia mais exausto e abatido a cada dia.

No início, quando ele não se deitava para dormir, ela presumia que essa era a sua forma de recusa. Sonea esperou até meio-dia antes de se entregar ao cansaço. Na manhã seguinte, quando ela ficou novamente na primeira vigia, ele adormeceu contra um rochedo arredondado, mas despertou de estalo novamente muito antes do meio-dia e permaneceu acordado.

Na terceira manhã, ela descobriu o verdadeiro motivo de sua resistência ao sono.

Ambos tinham se recostado em um paredão inclinado aquecido pelo sol. Ela notou que pouco depois ele estava cochilando e sentiu alguma satisfação e alívio por ele finalmente estar dormindo. Logo em seguida, entretanto, ele começou a mexer a cabeça lentamente de um lado para o outro, os olhos se movendo sob suas pálpebras. Sua face se contraiu em uma expressão de dor, de tal que modo que fez com que ela se arrepiasse. Então, ele acordou abruptamente, olhou para o terreno rochoso à sua frente e deu de ombros.

Um pesadelo, ela imaginou. Ela queria poder confortá-lo de alguma forma, mas pela sua expressão compreendeu que a última coisa que ele desejava era compaixão.

“Além disso”, pensou consigo mesma, “ele não cheira tão bem agora.” O odor de suor, que um dia fora agradável, transformara-se em um cheiro rançoso de um corpo sem banho. E ela estava certa de que ela mesma não cheirava melhor. Eles tinham encontrado uma ou outra poça d’água de onde beber, mas nunca grande o suficiente para se banhar. Ela pensava com desejo em banhos quentes e túnicas limpas, e frutas e vegetais — e raka.

Um som lancinante trouxe sua atenção de volta ao presente, e ela sentiu o coração saltar. Akkarin parou de andar e estava olhando para vários pássaros que voavam em círculos acima. Conforme observava, uma pequena forma caiu do céu.

Akkarin atingiu o pássaro com facilidade, e depois outro. Quando ela o alcançou, ele já tinha eliminado as penas e começado a parte menos agradável de retirar as vísceras. Ele era rápido e eficiente, mostrando que havia sido bem

treinado na tarefa. Era estranho vê-lo usar magia numa tarefa tão doméstica, mas até então ela nunca tinha visto um mago hesitar em usá-la para abrir e fechar portas ou mover objetos quando tinham preguiça de buscá-los.

Cada vez que ele capturava e assava um animal ou que ela purificava água estagnada, Sonea pensava como poderiam sobreviver naquele lugar sem usar magia. Para começar, eles não poderiam ter viajado tão rápido. Um homem ou mulher comum necessitaria contornar as profundas fendas que eles tinham encontrado e escalar penhascos íngremes em seus caminhos. Apesar de Akkarin evitar usar magia o máximo possível, sem levitação eles não poderiam ter se mantido à frente na perseguição da mulher ichani.

Quando Akkarin começou a assar as aves em um globo de calor, Sonea se deu conta de que podia ouvir leves batidas ali por perto. Afastando-se um pouco, andou ao longo do paredão do penhasco em direção ao som. Vendo uma mancha brilhosa na pedra, ela respirou fundo. Um filete de água escorria em uma rachadura na rocha, cercada de vários pássaros.

Ela correu para a encosta, espantando os pássaros e pôs as mãos em forma de concha sob a água. Ouvindo passadas atrás de si, virou-se e sorriu para Akkarin.

— É limpa.

Ele pegou as duas aves que tinha abatido, agora reduzidas a uma pequena porção fumegante de carne cozida.

— Estão prontos.

Ela assentiu.

— Só um momento.

Sonea procurou em volta até encontrar uma rocha adequada, e aí começou a trabalhar. Lembrando-se de suas lições de modelagem de pedras, transformou a rocha em uma grande tigela, então a colocou sob o filete de água para encher. Akkarin nada comentou sobre o uso da magia.

Sentaram-se para comer. As pequenas aves da montanha não tinham rendido muita carne, mas eram saborosas. Ela sugou os ossos finos das costelas, então

tentou ignorar a fome irritante que permanecia. Akkarin levantou-se, afastando-se. O céu rapidamente escurecera, evoluindo para um preto azulado profundo, e ela mal podia vê-lo. Sonea ouviu um respingo fraco e superficial e imaginou que ele estivesse bebendo da tigela de água.

— Hoje à noite, tentarei espionar nossos perseguidores — disse ele.

Sonea olhou para sua figura sombria, o pulso acelerando.

— Acha que ainda estão nos seguindo?

— Não sei. Venha cá.

Ela se levantou e se aproximou dele.

— Olhe para baixo e um pouco para a direita. Consegue ver?

O declive da montanha caía abruptamente a partir de onde estavam. No lugar onde começava a se dividir em sulcos e desfiladeiros, Sonea viu um pequeno ponto de luz. Algo se movia em torno da luz. Algo de quatro patas...

— Eles estão muito mais longe agora — ela observou.

— Sim — concordou Akkarin. — Acredito que perderam a nossa trilha. Por ora, estamos seguros.

Sonea se retesou conforme outra sombra se moveu próxima à luz distante.

— Agora são dois.

— Parece que o que quase pegou você encontrou-se com a mulher.

— Por que fizeram luz? — ela pensou alto. — Eles podem ser vistos em todas as redondezas. Acha que estão tentando nos atrair para chegarmos mais perto?

Ele parou.

— Duvido. É mais provável que não saibam que estamos tão acima deles. Eles pararam em um amontoado de pedregulhos. Se estivéssemos em um declive mais baixo, não teríamos visto a luz.

— Vai ser muito arriscado aproximarmo-nos deles apenas para mostrarmos a verdade a Lorlen.

— Sim — ele concordou. — Mas esta não é a única razão para isso. Também posso saber dos planos dos ichanis para entrar em Kyralia. A Passagem Norte está bloqueada pelo Forte, mas a Passagem Sul está aberta. Se eles entrarem pelo sul, o Clã não terá nenhum aviso quanto à sua aproximação.

— A Passagem Sul? — Sonea franziu o cenho. — O filho de Rothen mora próximo de lá. — Ela compreendeu que isso colocava Dorrien em considerável perigo.

— Próximo, mas não na estrada ou na Passagem. Os ichanis poderiam parecer um pequeno grupo de viajantes estrangeiros. Mesmo que fossem notados, Dorrien poderia não saber deles pela gente do lugar por um dia ou mais.

— A menos que Lorlen o instrua a ficar de olho na estrada e a interpelar os viajantes.

Akkarin não respondeu. Permaneceu em silêncio, observando os ichanis a distância. O céu brilhava além do horizonte, anunciando a lua que surgia. Quando o primeiro rasgo de claridade apareceu, ele falou novamente.

— Temos de nos aproximar a favor do vento ou o limek farejará nosso cheiro.

Sonea olhou para a tigela de água. Estava cheia até a borda e transbordava.

— Então, se temos tempo, há algo que devemos fazer primeiro, disse ela.

Ele a olhou enquanto ela andava em direção à tigela. Sonea esquentou a água com um pouco de magia, e aí olhou para ele.

— Vire-se de costas e nada de ficar espiando.

Um leve sorriso curvou-lhe os lábios. Akkarin virou-se de costas e cruzou os braços. Mantendo-o à vista, Sonea tirou a roupa, uma peça por vez, lavando-as e a si própria, e em seguida secando com magia. Ela tinha de esperar a tigela encher algumas vezes conforme suas roupas se encharcavam de água. Finalmente, esvaziou a tigela sobre a cabeça. Esfregou os cabelos e suspirou aliviada.

Esticando-se, retirou os cabelos dos olhos.

— Sua vez.

Akkarin virou-se e se aproximou da tigela. Afastando-se, Sonea sentou de costas para ele. Uma curiosidade perturbadora tomou conta dela enquanto esperava. Ela afastou os pensamentos e se concentrou em secar os cabelos com magia enquanto desfazia os nós com os dedos.

— Bem melhor — disse ele, por fim.

Olhando para trás, ela congelou ao ver a camisa dele no chão ao seu lado. Vendo seu peito nu, sentiu o rosto corar e virou para frente.

“Não seja ridícula”, disse para si mesma. “Você já viu vários peitos nus. Os trabalhadores nos mercados vestem pouco mais que shorts no calor do verão. Isso nunca embaraçou você antes.”

“Não”, uma voz no fundo da sua mente respondeu, “mas você poderia sentir de forma diferente em relação a esses trabalhadores se tivesse interesse por algum deles”.

Ela suspirou. Não queria se sentir assim. Isso tornava a situação ainda mais difícil do que precisava ser. Respirou fundo, expirou lentamente. Pela primeira vez, queria estar em movimento, de modo que toda sua atenção estivesse concentrada na travessia da difícil região das montanhas.

Ouviu passos atrás de si. Olhando para cima, viu com alívio que ele estava completamente vestido de novo.

— Então, venha — disse Akkarin.

Ela se ergueu e seguiu conforme ele começou a descer pelo declive da montanha. A viagem parecia, de fato, clarear sua mente. Eles avançaram rapidamente, tomando um rumo direto até os ichanis e sua luz. Após mais de uma hora, Akkarin diminuiu o passo e parou. Seus olhos estavam fixos em um ponto distante.

— O que foi? — ela perguntou.

— Lorlen colocou o anel — ele respondeu após uma longa pausa.

— Ele não o estava usando o tempo todo, então?

— Não. Até agora, isso permaneceu em segredo. Sarrin estava lendo os livros e poderia tê-lo reconhecido em sua finalidade. Lorlen geralmente o coloca algumas vezes todas as noites.

Ele começou a andar novamente.

— Eu queria ter um pedaço de vidro — murmurou. — Faria um anel para você.

Sonea assentiu, apesar de estar muito feliz por ele não ter. Um anel de sangue teria revelado muito dos seus pensamentos. Até ela conseguir se livrar da sua tola atração por ele, não queria que Akkarin soubesse o que se passava na sua mente.

Eles continuaram devagar. Após muitas centenas de passos, ele pressionou um dedo sobre os lábios dela. Eles rastejaram vagarosamente, parando por diversas vezes conforme Akkarin observava a direção do vento. Sonea vislumbrou uma luz entre dois blocos de rochas arredondadas à frente deles e viu que tinham chegado.

Os sussurros tornaram-se mais audíveis conforme ela e Akkarin se aproximavam dos pedregulhos. Eles pararam e se agacharam atrás das rochas. A primeira voz que Sonea ouviu foi a de um homem e com sotaque forte.

— ... melhor chance do que eu tive, com um yeel.

— Ela é uma moça inteligente — a mulher respondeu. — Por que você não tem uma, Parika?

— Eu tive uma vez. Ano passado, peguei uma nova escrava. Você sabe como as novas podem ser. Ela escapou de mim e, quando o yeel a encontrou, ela o matou. Ele dilacerou suas pernas. Assim, ela não foi muito longe depois disso.

— Você a matou?

— Não — Parika parecia resignado. — Foi tentador. É muito difícil achar bons escravos. Ela agora não pode correr, e assim não é mais problema.

A mulher fez um ruído baixo.

— Todos eles são problemáticos... mesmo quando são leais. Ou isso ou são tolos.

— Mas necessários.

— Hummm. Eu odeio viajar por minha conta, sem ninguém para me servir — disse a mulher.

— Embora seja mais rápido.

— Esses kyralianos poderiam ter me atrasado. Estou quase feliz por não encontrá-los. Não gosto da ideia de manter magos prisioneiros.

— Eles são fracos, Avala. Não causariam tanto problema.

— Dariam menos trabalho mortos.

Um arrepio percorreu a espinha de Sonea e a pele se encrespou. De repente, ela queria se afastar dali de qualquer maneira, o mais rápido possível. Não era um sentimento confortável saber que dois magos poderosos que a desejavam morta estavam sentados a uma distância de apenas uns doze passos.

— Ele os quer vivos.

— Por que ele mesmo não os caça?

O homem deu uma risadinha.

— Ele está provavelmente muito ansioso por isso, mas não confia nos outros.

— Eu não confio *nele*, Parika. Talvez tenha nos enviado para achar os kyralianos a fim de nos tirar do caminho.

O homem não respondeu. Sonea ouviu um farfalhar de tecido, então o som de passos.

— Eu fiz o possível para encontrá-los — declarou Avala. — Não serei excluída. Estou voltando para me juntar aos outros. Se ele quer esses dois, ele mesmo terá de caçá-los. — Ela fez uma pausa. — O que você vai fazer?

— Voltarei à Passagem Sul — respondeu Parika. — Tenho certeza de que

logo verei você novamente.

Avala deu um leve grunhido.

— Boa caçada, então.

— Boa caçada.

Sonea ouviu passos, cada vez mais silenciosos. Akkarin olhou para ela, virou a cabeça na direção da qual tinham vindo. Ela o seguiu lenta e silenciosamente para fora dos pedregulhos. Após terem andado várias centenas de passos, ele acelerou o ritmo. No lugar de rumar para os patamares mais altos da montanha, tomou a direção sul.

— Para onde estamos indo? — murmurou Sonea.

— Para o sul — respondeu Akkarin. — Avala estava ansiosa para reunir-se aos outros, como se temesse perder algo. Se ela está viajando de volta para encontrar Kariko sem Parika, que está indo em direção à Passagem Sul, isso sugere que Kariko pretende entrar pela Passagem Norte.

— Ainda assim, eles disseram que se encontrariam logo.

— Em Kyralia, mais provavelmente. Levamos quatro dias para chegar até aqui e Avala levará o mesmo tempo para retornar. Se corrermos, alcançaremos a Passagem Sul antes de Parika. Vamos torcer para que não esteja guardada por outro ichani.

— Então, estamos voltando para Kyralia?

— Sim.

— Sem a permissão do Clã?

— Sim. Entraremos secretamente em Imardin. Se pedirem minha ajuda, quero estar próximo o suficiente para agir rápido. Mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Economize as perguntas. Devemos tentar aumentar a distância entre nós e Parika esta noite.

— Eu acho que é tudo o que vamos conseguir — disse Lorlen. Ele retirou as

mãos das de Balkan e Vinara e recostou-se na cadeira. Quando a dupla soltou as mãos de Sarrin, os três magos se viraram para olhar Lorlen.

— Por que você não nos contou sobre esse anel antes? — perguntou Sarrin.

Lorlen tirou o anel e o colocou na mesa à frente dele. Ele olhou para o anel por um instante e suspirou.

— Eu não conseguia decidir sobre o que fazer em relação a isso — disse ele para os demais. — Isso pertence à magia negra, apesar de não causar danos e de ser a única forma segura de contatar Akkarin.

Sarrin pegou o anel e o examinou, tomando cuidado para tocar apenas no aro.

— Uma pedra de sangue. Magia estranha. Permite ao seu criador acessar a mente daquele que o usa. Ele vê, ouve e absorve o que a pessoa pensa.

Balkan franziu o cenho.

— Não me parece ser um objeto mágico inofensivo. Ele toma conhecimento de qualquer coisa que você saiba.

— Ele não pode vasculhar minha mente — disse Lorlen. — Apenas ler meus pensamentos superficiais.

— Ele pode causar danos suficientes, caso você pense em algo que ele não deveria saber. — O Guerreiro franziu o cenho. — Acho que você não deveria usar esse anel novamente, Lorlen.

Os outros concordaram, balançando cabeça. Lorlen assentiu de forma relutante.

— Muito bem, se todos vocês concordarem.

— Eu concordo — respondeu Vinara.

— Eu também — acrescentou Sarrin, devolvendo o anel. — O que faremos com ele?

— Vamos colocá-lo em local conhecido apenas por nós quatro — disse Balkan.

— Onde?

Lorlen sentiu um sinal de alarme. Se eles o trancassem, seria melhor que fosse num local onde pudessem pegá-lo rapidamente, caso precisassem chamar Akkarin.

— A biblioteca?

Balkan assentiu lentamente.

— Sim. O armário de planos e livros antigos. Vou escondê-lo quando voltar aos meus aposentos. Por ora — ele olhou para cada um deles —, vamos considerar essa conversa que Akkarin repassou para nós. O que aprendemos?

— Que Sonea está viva — respondeu Vinara. — Que ela e Akkarin ouviram uma mulher chamada Avala e um homem chamado Parika conversando sobre uma terceira pessoa.

— Kariko? — sugeriu Lorlen.

— Possivelmente — respondeu Balkan. — Os dois não mencionaram seu nome.

— É uma falta de atenção da parte deles — resmungou Sarrin.

— A dupla não visualizada discutia sobre escravos, de modo que o que se sabe sobre eles é verdade — disse Vinara.

— Eles também discutiram sobre caçada a kyralianos.

— Sonea e Akkarin?

— Provavelmente. A menos que seja um estratagema que Akkarin arranjou — disse Balkan. — Ele poderia ter contratado duas pessoas para terem aquela discussão, de modo a retransmiti-la para nós.

— Por que uma mensagem tão ambígua, então? — perguntou Sarrin. — Por que não mencionaram Kariko ou sua intenção de invadir Kyralia?

— Estou certo de que ele teve seus motivos. — Balkan bocejou e se desculpou em seguida. Vinara dirigiu-lhe um olhar fulminante.

— Você já dormiu desde que voltou?

O Guerreiro encolheu os ombros.

— Um pouco. — Ele deu uma olhadela para Lorlen. — Nossa reunião com o Rei foi até tarde ontem à noite.

— Ele ainda está pensando na ideia de pedir a um de nós para aprender magia negra? — perguntou Sarrin.

Balkan suspirou.

— Sim. Ele preferiria fazer isso a chamar Akkarin de volta. Akkarin mostrou-se não confiável ao quebrar as leis do Clã e o seu juramento.

— Mas se um de nós aprender isso, ele ou ela também estaria desobedecendo à lei e ao Juramento do Mago.

— Não se abrirmos uma exceção.

Sarrin disse zangado.

— Não deve haver exceções quando a magia negra estiver envolvida.

— Ainda assim, talvez não tenhamos escolha. Essa poderá ser a única forma de nos defendermos contra esses ichanis. Se um de nós fosse fortalecido voluntariamente por centenas de magos todo dia, esse mago estaria suficientemente fortalecido para combater dez ichanis em apenas duas semanas.

Sarrin deu de ombros.

— Ninguém seria confiável com tanto poder nas mãos.

— O rei sabe que você pensa assim — disse Balkan. — Por isso, ele acha que você seria o melhor candidato.

Sarrin olhou para o Guerreiro horrorizado.

— Eu?

— Sim.

— Eu não poderia. Eu... Eu teria de recusar.

— Recusar alguma coisa ao Rei? — perguntou Lorlen. — E assistir ao Clã e toda Imardin cair diante de um bando de magos bárbaros?

Sarrin olhou para o anel e sua face empalideceu.

— Esse não seria um fardo leve de carregar — disse Lorlen gentilmente —, e não deveria ser carregado, a menos que tenhamos certeza de não haver outra escolha. Os espiões devem partir dentro de alguns dias. Tomara que descubram, de uma vez por todas, se Akkarin disse a verdade.

Balkan assentiu.

— Devemos considerar o envio de reforços para o Forte também. Se essa conversa ouvida for real, ela sugere que essa mulher encontrará um grupo de ichanis ao norte.

— E a Passagem Sul? — perguntou Vinara. — Parika está voltando por lá.

Balkan franziu o cenho.

— Terei de levar isso em conta. Ela não está tão protegida quanto o Forte, mas a conversa sugere um agrupamento maior ao norte. No mínimo, deveríamos vigiar a estrada para a Passagem Sul.

O Guerreiro bocejou novamente. Era evidente que lutava contra o cansaço. Lorlen percebeu um olhar sugestivo de Vinara.

— É tarde — disse ele. — Vamos nos encontrar aqui, cedo, para continuar a discussão? — Os demais concordaram. — Obrigado a vocês por terem vindo tão prontamente. Eu os verei pela manhã.

Conforme o trio se levantou e lhe desejou boa noite, Lorlen não conseguiu livrar-se de uma sensação de desapontamento. Ele esperava que Akkarin lhes mostrasse algo que provasse a veracidade de sua história. A conversa entre os sachakanos não revelou muito, mas tinha apontado algumas falhas na defesa de Kyralia.

Agora, porém, fora-se o anel e, com ele, o seu único elo com Akkarin.

Capítulo 24

Segredos Revelados

O farfalhar das túnicas e o arrastar de botas era um ruído de fundo constante no Salão do Clã, mesmo durante o discurso curto de Lorlen. “Todos nós estamos inquietos”, refletiu Dannyl. “Pouquíssimas questões foram respondidas nesta Reunião.”

Houve um alívio coletivo quando Lorlen anunciou o encerramento do encontro.

— Haverá um pequeno intervalo antes do início da Audiência para julgar os rebeldes de Elyne — informou o Administrador.

Ante o anúncio, o estômago de Dannyl revirou. Ele olhou para Rothen.

— Hora de enfrentar os espalhadores de boatos.

Rothen sorriu.

— Você se sairá bem, Dannyl. Você ganhou um considerável ar de competência desde que partiu para Elyne.

Dannyl olhou surpreso para seu mentor. Competência?

— Você quer dizer que eu não tinha antes de partir?

Rothen deu um risinho.

— Claro que tinha, senão você não teria sido escolhido para o cargo. Só que agora está mais forte. Ou você trouxe de volta aquela terrível fragrância de Elyne com você?

Dannyl riu.

— Se você acha que o cheiro poderia me dar um ar de competência, deveria ter sugerido isso antes. Não que eu tivesse seguido seu conselho. Há alguns

hábitos que é melhor deixar para os elynes.

O mago mais velho assentiu em concordância.

— Bem, prossiga, então. Esteja lá embaixo antes que comecem sem você.

Dannyl se levantou e se encaminhou para a extremidade dos assentos. Enquanto se dirigia para a parte da frente do salão, observou que o Administrador Expatriado Kito estava descendo para o térreo, preparando-se para dirigir os trabalhos. O mago olhou para um lado, por onde a fila de homens e mulheres estava entrando escoltada por guardas. Dannyl reconheceu o grupo de amigos e colegas conspiradores do Dem Marane. Royend caminhava ao lado da esposa. Ele olhou para Dannyl e estreitou os olhos.

Dannyl devolveu com firmeza o olhar do homem. O ódio nos olhos de Royend era novo. O Dem ficara zangado na noite das prisões, mas durante a viagem para Kyralia e a espera para a Audiência a raiva devia ter evoluído para algo mais forte.

“Eu posso entender seu ódio”, pensou Dannyl. “Eu o enganei. Ele não se importa se eu estava agindo sob as ordens de Akkarin ou se ele estava infringindo a lei. Ele simplesmente me vê como o homem que arruinou seus sonhos.”

Farand ficou de pé, no outro extremo da sala, ao lado de dois Alquimistas. O jovem parecia nervoso, mas não amedrontado. Uma forte pancada chamou a atenção de todos para o fundo do salão, onde uma das grandes portas se abria. Seis elynes entraram no corredor. Dois eram os magos dos navios que tinham trazido os rebeldes para Kyralia, os Lordes Barene e Hemend. Os outros eram representantes do Rei de Elyne.

Enquanto Kito conduzia os recém-chegados aos assentos na frente da sala, Dannyl pensava sobre onde deveria se posicionar. Decidiu ficar de pé, próximo a Farand, sabendo que isso poderia ser tomado como um gesto de apoio ao jovem. Quando todos estavam acomodados, Lorlen fez soar um pequeno gongo, e rapidamente o local ficou em silêncio. Kito olhou em volta e meneou a cabeça.

— Convocamos esta Audiência hoje para julgar Farand de Darellas, Royend e

Kaslie de Marane, e seus colegas conspiradores...

Captando um ruído de uma direção inesperada, Dannyl olhou para a fileira de assentos mais altos reservados aos Magos Superiores. Piscou surpreso quando viu que um dos Conselheiros do Rei estava presente.

“Com certeza”, ele pensou, “nosso Rei deve querer estar seguro de que qualquer um vindo de outras terras, pego tentando iniciar seu próprio grupo de magos, seja devidamente punido.”

— ... Farand de Darellas foi acusado de aprender magia fora do Clã — continuou Kito. — Esses homens e mulheres foram acusados de tentar aprender magia. O Dem Marane também foi acusado de possuir conhecimentos de magia negra.

Kito fez uma pausa para olhar em volta da sala.

— As evidências que fundamentam essas acusações serão apresentadas para julgarmos. Convoco aqui o primeiro orador, Dannyl, Segundo Embaixador do Clã para Elyne.

Dannyl respirou fundo e caminhou em frente, colocando-se ao lado de Kito.

— Eu juro que tudo o que disser nesta audiência será a verdade. — Ele fez uma pausa. — Há sete semanas recebi ordens do antigo Lorde Supremo para encontrar e prender um grupo de rebeldes que estavam sendo procurados por aprender magia fora da influência e da orientação do Clã.

A plateia ficou em silêncio enquanto Dannyl contava sua história. Ele considerara por semanas o quanto deveria revelar quando fosse o momento de explicar como tinha convencido os rebeldes a confiarem nele. Por agora, todo o Clã teria provavelmente ouvido as reivindicações do Dem, então Dannyl não precisava entrar em muitos detalhes. Mas ele não podia evitar completamente essa parte da história.

Então, ele lhes disse que tinha arranjado um “falso segredo” para ser contado ao Dem de modo que o homem pensasse que poderia chantageá-lo. Ele, então, prosseguiu descrevendo seu encontro com Farand. Os semblantes dos cortesãos de Elyne ficaram tensos à medida que ele explicava que Farand tivera sua

entrada negada no Clã após ter sabido de algo que o Rei de Elyne queria que não viesse à tona. Dannyl explicou, em benefício deles, que Farand estivera à beira de perder o controle sobre seus poderes e que haveria consequências se tal coisa acontecesse.

Ele, então, descreveu o livro que Tayend havia tomado emprestado do Dem. Relatou como o conteúdo o havia convencido a prender os rebeldes imediatamente, em lugar de continuar a visita ao Dem na esperança de identificar mais deles. Finalmente, terminou com uma advertência de que poderia não ter encontrado todos os membros do grupo.

Kito virou-se para Lorde Sarrin, pedindo confirmação do conteúdo do livro, em seguida solicitou que Farand viesse adiante. O jovem foi conduzido à frente.

— Farand de Darellas, jura que falará a verdade durante esta Audiência? — perguntou Kito.

— Eu juro.

— A história do Embaixador Dannyl é verdadeira em relação ao seu papel nela?

O jovem assentiu positivamente.

— Sim.

— Como se tornou parte do grupo rebelde do Dem Marane?

— Minha irmã é sua esposa. Ele pensou ser um desperdício o fato de que eu não pudesse me tornar um mago. Estimulou-me a ouvir conversas mentais novamente.

— E foi assim, eu entendo, que você aprendeu a liberar sua magia.

— Sim. Eu escutei uma conversa sobre isso.

— Antes de experimentar o que eles disseram, você alguma vez hesitou?

— Sim. A princípio, minha irmã não queria que eu aprendesse magia. Mas depois ela começou a se preocupar porque não tínhamos conhecimento suficiente e poderia ser perigoso.

— Então, como superou sua hesitação?

— Royend disse que, uma vez que eu começasse, ficaria mais fácil.

— Há quanto tempo o Dem e seus cúmplices têm se encontrado com o objetivo de aprender magia?

— Eu não sei. Há mais tempo do que eu o conheço.

— Há quanto tempo você o conhece?

— Faz cinco anos. Desde que minha irmã ficou noiva dele.

— Há outros membros do grupo que estão ausentes hoje?

— Há outros, mas não sei quem são.

— Você acredita que o Dem Marane procurou aprender magia por conta própria?

Farand hesitou, em seguida os ombros caíram.

— Sim.

Dannyl sentiu uma ponta de compaixão pelo jovem. Ele tinha escolhido ajudar, sabendo que o Dem e seus amigos seriam punidos de qualquer forma, mas não era fácil.

— E os outros integrantes do grupo?

— Não tenho certeza. Alguns, provavelmente sim. Outros só se juntaram pela animação. Minha irmã estava lá por causa de Royend e de mim.

— Há algo mais que deseje acrescentar?

Farand balançou a cabeça negativamente.

Kito assentiu, então virou-se para encarar o salão.

— Desejo acrescentar que fiz a leitura da verdade de Farand e posso confirmar que tudo que ele revelou é verdade.

Houve um leve murmúrio. Dannyl olhou para Farand surpreso. Permitir a leitura da verdade era uma indicação de como ele desejava cooperar.

Kito virou-se para olhar os Magos Superiores.

— Algum comentário ou pergunta? — Todos balançaram a cabeça negativamente. — Volte ao seu lugar, Farand de Darellas. Agora, chamo Royend de Marane para ser inquirido.

O Dem avançou.

— Royend de Marane, você jura que falará a verdade durante esta Audiência?

— Eu juro.

— A história do Embaixador Dannyl é verdadeira em relação ao seu papel nela?

— Não.

Dannyl prendeu um suspiro e preparou-se para o inevitável.

— De que forma está incorreta?

— Ele diz que inventou essa história sobre o romance secreto com seu assistente. Eu acredito que seja verdade. Qualquer um que tenha visto os dois juntos saberia que há mais que apenas... uma encenação. Ninguém finge tão bem.

— Essa é a única parte da história dele que está incorreta?

O Dem encarou Dannyl.

— Até mesmo o Dem Tremmelin, pai de Tayend de Tremmelin, acredita que seja verdade.

— Dem Marane, por favor, responda à pergunta.

O Dem o ignorou.

— Por que você não pergunta a ele se ele é homossexual? Ele jurou dizer a verdade. Quero ouvir dele a negação disso.

Os olhos de Kito se estreitaram.

— Esta Audiência destina-se a julgar se a lei contra o aprendizado de magia fora dos domínios do Clã foi quebrada e não sobre se o Embaixador Dannyl

esteve envolvido em práticas desonrosas e perversas. Por favor, responda à pergunta Dem Marane.

Dannyl apenas procurou parar de tremer. Desonroso e perverso. Não havia dúvida de que a opinião do Clã a seu respeito — e sua história — mudaria completamente se soubessem a verdade. E o Dem sabia disso.

— Se ele mentiu sobre isso, pode ter mentido sobre tudo — o Dem desafiou. — Lembre-se disso, depois que você me sepultar. Não responderei às suas perguntas.

— Muito bem — disse Kito. — Volte ao seu lugar. Convoco Kaslie de Marane para ser interrogada.

A esposa do Dem estava nervosa, mas mostrou-se cooperativa. Ela revelou que os rebeldes estavam se encontrando havia dez anos, mas garantiu ao Clã que o interesse deles era puramente acadêmico. Quando os demais rebeldes foram interrogados, apenas pequenos detalhes sobre o grupo foram revelados. Todos alegavam que não tinham intenção de aprender magia, somente saber a respeito dela.

Houve a seguir uma pequena discussão sobre o envenenamento de Farand. Dannyl não estava surpreso em saber que as investigações dos magos de Elyne não tinham revelado o autor do envenenamento. Pelo olhar na face de *Lady* Vinara, Dannyl imaginava que o assunto não terminaria ali.

Kito pediu para que os acusados fossem fechados em uma barreira de silêncio enquanto o Clã discutia as punições. O salão se encheu de vozes. Após um longo intervalo, Kito solicitou a todos os magos que retomassem seus lugares e que a barreira de silêncio fosse levantada.

— É hora de darmos nosso veredicto — ele declarou. Esticou a mão e um globo de luz apareceu acima dele, flutuando para cima. Dannyl criou seu próprio globo e o enviou para se unir aos do resto do Clã.

— Vocês julgam que Farand de Darellas seja sem nenhuma dúvida culpado por aprender magia fora do Clã?

Todas as luzes dos globos se tornaram vermelhas. Kito assentiu.

— Tradicionalmente, a punição para esse crime é a execução — ele disse —, mas os Magos Superiores acham que, considerando as circunstâncias, uma alternativa deveria ser oferecida. Farand de Darellas é uma vítima das circunstâncias e foi manipulado por outros. Foi prestativo e se submeteu à leitura da verdade. Recomendo que seja oferecido um lugar a ele no Clã com a condição de que permaneça dentro dos limites deste pelo resto da vida. Por favor, mudem suas luzes para brancas se concordarem com minha recomendação.

Lentamente, as luzes mudaram para brancas. Apenas algumas permaneceram vermelhas. Dannyl deu um suspiro de alívio.

— Será oferecido um lugar no Clã a Farand de Darellas — anunciou Kito.

Olhando para Farand, ele viu que o jovem exibia um riso forçado de alívio e excitação. Mas, conforme Kito prosseguiu, seu sorriso desapareceu.

— Próximo: julgam que Royend de Marane seja, sem nenhuma dúvida, culpado de aprender magia e de possuir conhecimento de magia negra fora do Clã?

O salão do Clã se encheu com um brilho horripilante quando todas as luzes dos globos ficaram vermelhas.

— Novamente, os Magos Superiores sentem que devem oferecer uma alternativa à execução — disse Kito. — O crime é sério, no entanto, e acreditamos que nada menos que prisão perpétua seria apropriado. Por favor, mudem suas luzes para branco se desejarem reduzir a pena para prisão.

Dannyl mudou a luz do seu globo para branca, mas sentiu um arrepio conforme se deu conta de que menos da metade dos magos tinha feito o mesmo. “Faz muito tempo desde que o Clã executou alguém”, pensou ele.

— Royend de Marane será executado — anunciou Kito gravemente.

Os rebeldes suspiraram. Dannyl sentiu uma ponta de culpa e se forçou a olhar para o grupo. O rosto do Dem estava lívido. A esposa agarrava o braço dele com força. Os demais rebeldes pareciam pálidos e desconfortáveis.

Kito olhou para os Magos Superiores e, em seguida, virou-se para olhar o salão e anunciou o nome de outro rebelde. O restante recebeu punições menores de encarceramento. Claramente, o Clã viu o Dem Marane como o líder do grupo e queria fazer dele um exemplo. “Sua recusa em cooperar não o favoreceu em nada”, pensou Dannyl.

Quando foi a vez de Kaslie, Kito surpreendeu Dannyl ao falar em sua defesa. Ele encorajou o Clã a considerar seus dois filhos. Suas palavras deviam ter comovido suficientemente os magos, porque eles concederam o perdão à esposa do Dem, permitindo-lhe voltar para casa.

Os magos de Elyne, então, pediram permissão para comunicar mentalmente os julgamentos ao Rei de Elyne. Lorlen consentiu, contanto que nenhuma outra informação fosse passada. Em seguida, anunciou o encerramento da Audiência.

Finalmente liberado do seu papel, Dannyl sentiu um alívio tremendo. Procurou Rothen na multidão dos magos que desciam dos assentos, mas, antes que localizasse o amigo, uma voz pronunciou seu nome. Ele se virou para perceber o Administrador Kito se aproximando.

— Administrador — respondeu Dannyl.

— Ficou satisfeito com o resultado? — perguntou Kito.

Dannyl encolheu os ombros.

— Na maior parte, sim. Tenho de admitir que não achei que o Dem merecesse aquela punição. Ele é um homem ambicioso, mas duvido que conseguisse aprender magia numa prisão.

— Não — respondeu Kito —, mas acho que o Clã se ressentiu do ataque que ele fez à sua honra.

Dannyl fitou o mago. Certamente aquela não era a única razão para o Clã optar pela execução.

— Você acha isso perturbador? — perguntou Kito.

— Claro.

O olhar de Kito era inabalável.

— Seria particularmente perturbador se o que ele alega fosse verdade.

— Sim, poderia ser — respondeu Dannyl. — Ele estreitou os olhos para o homem. Estaria Kito testando-o?

Kito fez uma careta de desculpas.

— Sinto muito. Eu não pretendia insinuar que fosse verdadeiro. Você retornará logo para Elyne?

— A menos que Lorlen decida de outra forma, permanecerei aqui até que tenhamos certeza de que Sachaka não representa ameaça.

Kito assentiu, depois olhou para o outro lado assim que ouviu seu nome ser chamado.

— Falarei com você em breve, Embaixador.

— Administrador.

Dannyl viu o homem se afastar. Seria verdade o que Kito sugerira? O Clã teria votado pela execução por raiva da acusação feita pelo Dem Marane?

“Não”, ele pensou. “A rebeldia do Dem influenciara no voto. Ele tinha ousado procurar o que o Clã achava ser de direito exclusivo seu, e ele obviamente não sentiu respeito pelas leis ou autoridades.”

No entanto, Dannyl não tinha nenhum argumento próprio para concordar com o voto do Clã. O Dem não merecia morrer. Mas não havia nada que Dannyl pudesse fazer a respeito agora.

Andando de volta pelas passagens subterrâneas da Estrada dos Ladrões, Cery meditava sobre sua mais recente conversa com Takan. O antigo criado de Akkarin era difícil de decifrar, mas seus modos manifestavam tanto tédio quanto ansiedade. Infelizmente, Cery podia fazer pouco a cerca do primeiro item e nada sobre o segundo.

Cery sabia que ser mantido engaiolado em uma casa subterrânea, não

importando quão luxuosa fosse, era algo fadado a se tornar entediante e frustrante. Sonea vivera em local semelhante quando Faren concordou em escondê-la do Clã. Ela foi ficando irrequieta ao cabo de uma semana. Para Takan, era ainda mais frustrante, porque ele sabia que seu mestre estava enfrentando perigos em algum outro lugar e não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Cery também lembrava como a solidão e a impossibilidade de ajudar alguém com quem se importava transformara, certa vez, cada momento seu em uma tortura. Ele ainda sonhava, apesar de agora apenas ocasionalmente, com as semanas que passara aprisionado por Fergun sob a Universidade. Quando lembrava que Akkarin o achara e o libertara, ficava ainda mais determinado a auxiliar Takan do jeito que estivesse a seu alcance.

Ele tinha se oferecido para providenciar qualquer tipo de entretenimento que Takan desejasse — desde prostitutas a livros —, mas o homem havia declinado educadamente. Cery pedira aos guardas para que conversassem com seu convidado de vez em quando, e tentou visitá-lo todos os dias, assim como Faren tinha feito certa vez com Sonea. Entretanto, Takan não era homem de muita conversa. Evitava comentar sobre sua vida antes de se tornar empregado de Akkarin e falava pouco dos anos seguintes. Cery, por fim, contava algumas histórias engraçadas que os empregados gostavam de narrar sobre seus magos. Parecia que mesmo Takan fazia uma concessão quando se tratava de uma pequena fofoca.

Akkarin tinha se comunicado com Takan poucas vezes nos últimos oito dias. Ao fazê-lo, Takan sempre garantia a Cery que Sonea estava viva e bem. Cery estava satisfeito e grato pelas informações sobre o bem-estar de Sonea. Obviamente que o servo tinha sabido por Akkarin sobre o antigo interesse de Cery por Sonea.

“Isto é coisa do passado”, pensou ironicamente Cery. “Agora, tenho Savara para me lamentar a respeito. Quero dizer, tinha”, ele se corrigiu. Ele estava determinado a não ficar ansioso desta vez. “Somos ambos adultos sensatos”, disse para si mesmo, “com responsabilidades que não podem ser

negligenciadas.”

Eles chegaram ao início do labirinto das passagens em torno de seu aposento. Os tijolos sussurraram uns para os outros quando Gol abriu a primeira porta camuflada. Cery acenou com a cabeça para os guardas enquanto entrava a passos vagarosos.

“Ela disse que poderia voltar”, Cery se lembrou. “Para ‘visitar’.” Ele sorriu. “Aquele tipo de arranjo tinha suas vantagens. Sem expectativas. Sem compromissos...”

E ele tinha preocupações maiores. Imardin enfrentava uma provável invasão de magos estrangeiros. Cery tinha de considerar o que faria em relação a eles — se é que *podia* fazer alguma coisa nesse sentido. Além de tudo, se o Clã estava muito fraco para enfrentar os ichanis, que esperança teriam os que não eram magos?

“Não muita”, pensou. “Mas isso é melhor do que nada. Deve haver meios pelos quais pessoas comuns possam matar um mago.”

Cery pensou novamente em uma conversa que tivera com Sonea havia mais de um ano e meio. Eles haviam conversado, de brincadeira, sobre como se livrar de um aprendiz que a estava incomodando. Ele ainda estava pensando sobre isso quando um dos seus mensageiros o informou que uma visita estava à espera.

Entrando em seu escritório, Cery sentou-se, verificou se seu yerim ainda estava na gaveta, então mandou Gol chamar a visita. Quando a porta se abriu novamente, Cery olhou e sentiu o coração saltar. Ele levantou da cadeira.

— Savara!

Ela sorriu e se dirigiu até a mesa.

— Eu o surpreendi desta vez, Ceryni.

Ele se deixou cair na cadeira novamente.

— Pensei que tivesse ido embora.

Ela encolheu os ombros.

— Eu fui. Mas no meio do caminho para a fronteira meu povo conversou comigo. Eles decidiram, pressionados por mim, que alguém deveria ficar e testemunhar a invasão.

— Você não precisa da minha ajuda para isso.

— Não. — Savara sentou-se na beirada da mesa e inclinou a cabeça para um lado. — Mas eu disse que poderia visitar você se eu voltasse. Isso poderia ser em algum tempo antes da chegada dos ichanis, e talvez eu ficasse entediada enquanto estivesse esperando.

Ele sorriu.

— Não podemos deixar isso acontecer.

— Eu esperava que pensasse assim.

— O que está me oferecendo em troca?

As sobrancelhas dela se arquearam.

— Agora tem um preço para visitar você?

— Talvez. Só quero um pequeno conselho.

— Ah? Que conselho?

— Como pessoas comuns podem matar magos?

Ela deu uma risadinha.

— Elas não podem. Não se o mago for competente e vigilante.

— Como podemos saber se ele não é?

As sobrancelhas dela se arquearam.

— Você não está de brincadeira... é claro que não está.

Ele balançou a cabeça.

Ela crispou os lábios pensativamente.

— Desde que eu não comprometa meu povo com isso, não vejo razão para não ajudar. — Ela deu um sorriso malandro. — E tenho certeza de que você

encontrará uma forma, mesmo que eu não saiba qual. Entretanto, você pode morrer tentando.

— Preferia evitar isso — Cery lhe disse.

Ela sorriu meio forçado.

— Eu também preferiria que você tomasse cuidado. Bem, se você me mantiver informada sobre o que está acontecendo na cidade, eu lhe darei conselhos sobre como matar magos. Soa razoável?

— Sim.

Ela cruzou os braços e pareceu pensativa.

— No entanto, não tenho como lhe recomendar um modo certeiro de matar um ichani. Apenas posso dizer que eles não são diferentes das pessoas comuns e cometem erros. Você pode enganá-los, se souber como. Tudo isso exige coragem, blefes e alguns riscos consideráveis.

Cery sorriu.

— Parece o tipo de trabalho a que estou acostumado.

— Ouço o barulho de água.

Akkarin se virou para olhar Sonea, mas o rosto dele estava na sombra, e ela não podia ver sua expressão.

— Continue, então — ele respondeu.

Ela escutou cuidadosamente, em seguida partiu em direção ao som. Após tantos dias nas montanhas, agora podia reconhecer o mais débil ruído de água gotejando sobre a rocha. Atraídos para as sombras de uma reentrância no paredão de rocha pela qual vinham seguindo, ela olhou atentamente na escuridão e sentiu o caminho à frente.

Sonea viu um pequeno filete de água ao mesmo tempo que percebeu uma fenda na parede. Uma abertura estreita levava a um espaço aberto. A rocha arranhou-lhe as costas enquanto se espremia pela abertura. Ao chegar do outro

lado, deu uma pequena exclamação de surpresa.

— Akkarin — ela chamou.

Ela estava à beira de um pequeno vale. As laterais se inclinavam suavemente até paredes rochosas mais íngremes. Havia árvores atrofiadas, arbustos e grama ao longo de um córrego estreito que borbulhava alegremente para desaparecer em uma fenda a alguns passos adiante.

Ouvindo um grunhido, ela se virou e viu que Akkarin estava com alguma dificuldade, forçando-se a passar pela abertura no paredão de rocha. Livre do aperto, ele então se aprumou e olhou para o vale com satisfação.

— Parece um bom lugar para passar a noite... ou o dia — disse ela.

Akkarin franziu o cenho. Eles tinham continuado a andar em direção à Passagem Sul ao longo das manhãs pelos três últimos dias, conscientes do ichani que vinha atrás deles. Sonea estava constantemente preocupada com o fato de Parika poder alcançá-los, mas duvidava que pudesse viajar num ritmo tão massacrante a menos que tivesse uma boa razão.

— Pode ser um beco sem saída — observou Akkarin. Entretanto, ele não voltou para o lado da abertura. Em vez disso, começou a andar em direção às árvores.

Um ruído lancinante soou, ecoando pelo vale. Sonea deu um salto quando um grande pássaro branco caiu de uma árvore próxima. O pássaro de repente contorceu-se no ar. Ela ouviu um estalido, depois observou-o caindo velozmente em direção ao chão.

Akkarin deu uma risadinha.

— Acho que vamos ficar.

Ele avançou a passos largos e pegou o animal. Ao se deparar com os grandes olhos do pássaro, Sonea suspirou, surpresa.

— Um mullook!

— Sim — Akkarin sorriu. — Que ironia. O que o Rei diria se ele soubesse

que estamos comendo o incal da sua Casa?

Ele continuou córrego acima. Após várias centenas de passos, chegaram à extremidade do vale. A água pingava de um penhasco gigantesco que se projetava, indo depois formar o córrego.

— Vamos dormir sob aquilo — disse Akkarin, apontando para a parte projetada. Ele sentou perto do córrego e começou a arrancar as penas do pássaro.

Sonea olhou para baixo e viu a vegetação da primavera sob seus pés. Depois, mirou acima a pedra dura sob a projeção. Agachando-se, começou a arrancar punhados de relva. Ao levar as braçadas de relva para o local de dormir, sentiu o cheiro da carne assando e o estômago começou a roncar.

Depois de deixar o mullook cozinhando em um globo flutuante de calor, Akkarin dirigiu-se a uma das árvores. Olhou para os galhos, que começaram a balançar. Sonea ouviu uma pancada abafada, e aí viu Akkarin agachado, examinando o chão. Foi para o lado dele.

— Essas castanhas são duras de abrir, mas bem saborosas — disse ele, oferecendo-lhe uma. — Continue juntando-as. Acho que vi algo parecido com morangos mais adiante.

A lua estava baixa no céu. Na escuridão crescente, era difícil encontrar as castanhas. Ela tateou em volta até sentir a forma arredondada e suave sob os dedos. Juntando-as na parte da frente da blusa, carregou-as, em seguida, até o mullook em cozimento e conseguiu partir as cascas sem danificar o interior macio das castanhas.

Akkarin voltou logo depois carregando uma tigela de pedra bruta com frutas e alguns talos. As frutas estavam recobertas por espinhos de aparência repulsiva.

Enquanto descascava as castanhas, Sonea olhava como Akkarin erguia as frutas com mágica e cuidadosamente retirava as peles e os espinhos. Logo, a tigela estava cheia da polpa escura da fruta. Em seguida, ele começou a limpar os talos, tirando a camada fibrosa externa.

— Acho que estamos prontos para o nosso banquete — disse ele. Ele lhe deu dois dos talos. — Isto é shem. Não é nada especialmente saboroso, mas é

comível. Não é bom viver comendo só carne.

Sonea achou o interior dos talos prazerosamente suculento, e até saboroso. Akkarin dividiu o mullook, que continha mais carne do que quaisquer dos outros pássaros que tinham comido. As castanhas estavam deliciosas, conforme ele havia prometido. Akkarin amassou as frutas, acrescentando, em seguida, água à polpa para fazer uma bebida. Quando terminaram, Sonea se sentiu satisfeita pela primeira vez desde que tinham entrado em Sachaka.

— É surpreendente como algo tão simples como uma refeição pode ser tão bom. — Ela suspirou satisfeita.

O vale estava quase completamente escondido na escuridão.

— Imagino como este local deve parecer à luz do dia.

— Você descobrirá em cerca de uma hora — respondeu Akkarin.

Ele parecia cansado. Ela olhou para ele, mas o rosto estava na penumbra.

— Hora de dormir, então — disse ela. Ela reuniu poder de Cura suficiente para afugentar seu próprio cansaço, então estendeu as mãos. Ele não as pegou de pronto, e ela se perguntou se ele podia vê-la na escuridão. Foi aí que sentiu os dedos cálidos dele envolverem os dela.

Ela respirou fundo, enviando poder para ele, com cuidado para não se exaurir. Não era a primeira vez que Sonea imaginava se ele aceitara a decisão dela de fazer a primeira vigília para assegurar que ela não lhe desse poder demais. Se ela se exaurisse, não seria capaz de permanecer acordada.

Conforme sentiu seu poder diminuir, parou e retirou as mãos. Akkarin permaneceu quieto e silencioso, sem se dirigir à cama de relva que ela havia preparado.

— Sonea — ele disse de repente.

— Sim?

— Obrigado por vir comigo.

Ela prendeu a respiração e sentiu o coração encher-se de prazer. Ele

permaneceu em silêncio por vários minutos, depois deu um breve suspiro.

— Eu me arrependo de ter separado você de Rothen. Sei que ele era mais um pai do que um professor.

Sonea olhou para o rosto dele nas sombras, buscando seus olhos.

— Era necessário — ele acrescentou docemente.

— Eu sei — ela sussurrou. — Eu compreendo.

— Mas você não compreendeu na época — disse ele ironicamente. — Você me odiava.

Ela deu um risinho.

— É verdade. Não o odeio mais.

Ele não disse mais nada, porém, após uma pequena pausa, levantou-se e seguiu em direção à projeção e deitou-se na cama de relva. Por um longo tempo, Sonea ficou sentada no escuro. Por fim, o céu começou a clarear e as estrelas se apagaram e desapareceram. Ela não estava incomodada com a sonolência, sabia que seu poder de Cura não era o único responsável por aquilo. O agradecimento e as desculpas repentinos de Akkarin tinham provocado esperanças e desejos que ela vinha tentando abafar havia dias.

“Tolinha”, ela se repreendeu. “Ele está apenas sendo gentil. Só porque finalmente ele reconheceu sua ajuda e lamenta o que lhe causou, não significa que considere você o algo mais que uma companhia indesejável, porém útil. Ele não está interessado em você de outra forma, então, pare de se torturar.”

Mas não importava o quanto ela tentasse, não conseguia parar de sentir um arrepio sempre que ele a tocava ou mesmo olhava para ela. E continuar deparando com ele a observá-la não ajudava.

Ela envolveu os joelhos com os braços e tamborilou nas panturrilhas. Quando vivia nas favelas, presumia saber tudo o que precisava sobre homens e mulheres. Mais tarde, as lições de Cura lhe mostraram quão pouco havia realmente compreendido. Agora descobrira que nem mesmo os Curadores tinham ensinado algo de útil a ela.

Mas talvez não tivessem dito a ela como parar de se sentir dessa forma porque não era possível. Talvez...

Um leve ruído, como um rosnado, ecoou pelo vale. Sonea gelou, a mente de repente paralisada, e olhou dentro da escuridão. O som ecoou novamente, vindo de trás, ela se levantou e girou em um movimento. Ao dar-se conta de que o som tinha vindo de algum lugar próximo de onde Akkarin estava, sentiu um lampejo de medo. Seria algum animal noturno? Ela correu em frente.

Alcançando a projeção, espiou dentro da escuridão e não viu nenhum animal pronto para atacar. A cabeça de Akkarin rolava de um lado para o outro. Quando ela chegou mais perto, ele gemeu.

Ela parou e olhou para ele, consternada. Era outro pesadelo. Sonea encheu-se de alívio e preocupação. Pensou se devia acordá-lo, mas era evidente pela expressão dele depois de despertar que não gostava que ela presenciasse esses momentos de fraqueza.

“Quanto a isso”, ela pensou, “nem eu gosto.”

Ele deixou escapar outro gemido. Sonea recuou, já que o som ecoava alto no vale. O som foi longe nas montanhas, e não lhe agradava imaginar que pudessem estar ouvindo. Quando ele emitiu outro grito, ela tomou uma decisão. Não importava se ele ia gostar ou não, ela tinha de acordá-lo antes que ele atraísse atenção indesejável.

— Akkarin — murmurou com voz rouca. Ele silenciou e ela pensou que o tivesse acordado, mas aí ele ficou completamente tenso.

— *Não*!

Alarmada, Sonea chegou mais perto. Os olhos dele vagueavam sob as pálpebras. A face, contorcida pela dor. Foi em direção a ele, na intenção de sacudi-lo e acordá-lo.

O espinho de um escudo atingiu-lhe os dedos. Ela viu seus olhos abrirem, então sentiu uma força bater violentamente nela, jogando-a no ar. Algo duro bateu nas suas costas e em seguida ela caiu no chão. A dor tomou conta dos seus braços e pernas.

— Ai!

— Sonea!

Ela sentiu mãos virando-a sobre suas costas. Akkarin a fitou.

— Você está machucada?

Ela se examinou.

— Não, apenas uns arranhões, eu acho.

— Por que me acordou?

Ela olhou para as mãos dele. Mesmo na escuridão, ela podia ver que estavam tremendo.

— Você estava sonhando. Um pesadelo...

— Estou acostumado com eles, Sonea — disse ele lentamente, com voz calma e controlada. — Eles não são motivo para me acordar.

— Você estava fazendo muito barulho.

Ele parou e se aprumou.

— Vá dormir, Sonea — disse ele em voz baixa. — Vou vigiar.

— Não — disse ela irritada. — Você mal dormiu... e eu sei que não vai me acordar quando for seu turno de dormir.

— Eu vou. Dou minha palavra.

Ele se curvou para a frente e ofereceu a mão para ela. Pegando-a, ela deixou que ele a levantasse. Uma luz radiante a deslumbrou, e ela se deu conta de que o sol nascente estava apenas começando a atingir o topo do paredão de rocha na base do vale.

Akkarin se calou. Sentindo que algo tinha captado a atenção dele, olhou-o com olhos semicerrados, mas ele era uma forma escura contra a claridade. Instintivamente, ela o buscou mentalmente. De pronto, ela viu uma imagem.

Uma face, emoldurada por um cabelo brilhoso na manhã ensolarada.

“Olhos... tão escuros... pele pálida e perfeita...”

Era seu próprio rosto, diferente, porém, de qualquer reflexo que ela tivesse visto em um espelho. Seus olhos mantinham um brilho misterioso, os cabelos pareciam ondulados como se movidos por uma brisa, e seus lábios certamente não se curvavam tão convidativos...

Ele retirou a mão e deu um passo para trás.

“É assim que ele me vê”, ela pensou de repente. Não havia engano no desejo que ela pressentira. Ela sentiu o próprio coração acelerado. “Todo esse tempo, resisti porque pensava que era apenas eu”, pensou ela. “Assim como ele.”

Ela deu um passo em direção a ele, depois outro. Ele a olhou firmemente, franzindo o cenho. Ela desejava que ele visse além dos olhos dela, para sentir seus próprios pensamentos e saber que ela conhecia os dele. Os olhos de Akkarin se abriram surpresos quando ela chegou muito perto. Ela sentiu as mãos dele tomarem seus braços e, em seguida, a apertarem conforme ela se elevou na ponta dos pés e o beijou.

Ele ficou muito quieto. Recostando-se nele, ela sentiu o coração dele batendo rapidamente. Akkarin fechou os olhos e, aí, ele se afastou.

— Pare. Pare com isso — ele disse ofegante. Abriu os olhos e a encarou intencionalmente.

Apesar das palavras, as mãos dele ainda seguravam fortemente seus braços, como se relutasse em deixá-la ir. Sonea procurou olhá-lo no rosto. “Teria ela feito uma leitura errada? Não, ela tinha certeza do que sentira.”

— Por quê?

Ele franziu o cenho.

— É errado.

— Errado? — ela se ouviu perguntando. — Como? Ambos sentimos... sentimos...

— Sim — ele disse docemente. — Mas há algo além a se considerar.

— Como?

Akkarin soltou os braços dela e deu um passo atrás. — Não seria justo com você.

Sonea observou-o atentamente.

— Eu? Mas...

— Você é jovem. Eu sou doze... não, treze... anos mais velho do que você.

De repente sua hesitação fazia sentido.

— Isso é verdade — ela respondeu cuidadosamente. — Mas as mulheres nas Casas são prometidas para homens mais velhos a toda hora. Homens *muito* mais velhos. Algumas quando têm apenas dezesseis anos. Eu tenho quase vinte.

Akkarin parecia lutar consigo mesmo.

— Eu sou seu guardião — ele a lembrou gravemente.

Ela não pôde conter um sorriso.

— Não mais.

— Mas se retornarmos ao Clã...

— Causaremos um escândalo? — deu um risinho. — Acho que eles estão se acostumando com isso.

Ela esperou que ele sorrisse depois disso, mas ele apenas franziu o cenho. Sonea ficou séria.

— Você fala como se fôssemos voltar e tudo fosse ser o mesmo novamente. Mesmo se voltarmos, nada jamais será como era para nós. Eu pratico magia negra. Assim como você.

Ele recuou.

— Perdoe-me. Eu nunca deveria ter...

— Não se desculpe por *aquilo* — ela exclamou. — Eu *escolhi* aprender magia negra. E não fiz isso por você.

Akkarin olhou para ela em silêncio.

Ela suspirou e virou de costas.

— Bem, isto tornará as coisas embaraçosas.

— Sonea.

Ela olhou para trás e parou quando ele chegou mais perto. Akkarin tirou uma mecha de cabelos do seu rosto. Ela sentiu o pulso acelerar ao toque.

— Ambos podemos morrer nas próximas semanas — ele disse calmamente.

Ela assentiu.

— Eu sei.

— Eu ficaria mais feliz sabendo que você estava segura.

Ela estreitou os olhos olhando para ele. Ele riu.

— Não, não vou recomeçar essa discussão, mas... você testa as minhas lealdades, Sonea.

Ela franziu o cenho, sem compreender.

— Como?

Ele a alcançou e passou um dedo testa dela.

— Não importa. — O canto da sua boca se curvou para cima. — É tarde demais, de qualquer forma. Eu comecei a falhar no teste na noite em que você matou a ichani.

Ela piscou surpresa. “Então isso significava que...? por tanto tempo...?”

Ele sorriu. Ela sentiu as mãos dele deslizarem em torno dos seus quadris. Conforme ele a puxou para mais perto, ela decidiu que suas perguntas podiam esperar. Ela o alcançou e traçou uma curva nos seus lábios com a ponta do dedo. Ele se inclinou para a frente e sua boca encontrou a dela, e todas as perguntas foram esquecidas.

Capítulo 25

Um Encontro Fortuito

Os gorins, Rothen havia constatado, andavam tão devagar que chegava a ser frustrante. Os animais enormes eram os favoritos dos mercadores, no entanto. Além de fortes, mostravam-se dóceis e fáceis de lidar e de conduzir, bem como muito mais resistentes que cavalos.

Mas era impossível apressá-los. Rothen suspirou e olhou de novo para Raven, porém o espião estava cochilando entre os sacos de tecido na carroça, com um chapéu de aba larga cobrindo-lhe o rosto. Rothen se permitiu um sorriso e dirigiu a atenção de volta para a estrada. Na noite anterior, eles haviam alugado quartos em cima de uma boleria numa cidade chamada Pontefria. O espião, fingindo ser primo de Rothen, bebeu mais bol do que alguém deveria ser capaz, então passou a noite toda cambaleando da cama até o banheiro.

O que significava que Raven estava se saindo bem melhor do que ele na tarefa de representar um mercador. “Ou eu deveria ser o primo mais velho e sensato?”, pensou ele.

Rothen ajeitou a camisa. A vestimenta justa no corpo era bem menos confortável que a túnica. Ele estava agradecido pelo chapéu de viajante, no entanto. Embora fosse apenas o começo da manhã, o dia prometia ser quente.

Uma névoa de poeira pairava no ar sobre a estrada e borrava o horizonte. Nenhuma montanha tinha aparecido na distância, embora eles estivessem viajando havia dois dias. Rothen sabia que a estrada corria próxima de Calia, onde ela se bifurcava. Virando à esquerda, era possível pegar a rota norte para o Forte; virando à direita, seguia-se na direção nordeste para a Passagem Sul. Era para lá que ele e Raven se dirigiam.

Parecia estranho viajar na direção nordeste para uma passagem *sul*, Rothen

pensou. A rota provavelmente era nomeada por sua localização nas montanhas, não por sua posição geral em Kyralia. Ele tinha passado próximo dela uma vez, quando visitava o filho durante as férias de verão cinco anos atrás.

Ele franziu o cenho quando pensou em Dorrien. Seu filho estava vigiando a Passagem e um encontro seria inevitável. Rothen teria de explicar para onde estava indo e por que, e Dorrien não ia gostar daquilo.

“Ele provavelmente vai tentar se juntar a nós”, Rothen pensou. Depois, riu baixinho. “Essa é uma discussão que não estou ansioso em ter.”

No entanto, ainda faltavam muitos dias para ele encarar o filho. Raven disse que levava seis a sete dias para alcançar a Passagem Sul de carroça. “Até então, Sonea terá estado em Sachaka por quinze dias”, Rothen pensou. “Se ela permanecer viva todo esse tempo.”

Ele tinha ficado aliviado em ouvir de Lorlen que Akkarin contatara os Magos Superiores havia cinco dias. Sonea estava viva então. Lorlen também descrevera uma conversa ouvida entre dois sachakanos que perturbara bastante Rothen. Não importava se os estranhos fossem ichanis ou não, eles claramente queriam Akkarin e Sonea mortos.

“Eles o chamaram de ‘os kyralianos’”, Lorlen havia dito. “Espero que isso não signifique que eles tratem todos os kyralianos que entram em Sachaka da mesma forma. Os mercadores kyralianos têm feito essa jornada para Arvice e de volta com segurança por anos, no entanto, e dizem que não veem motivo para que isso tenha mudado recentemente. Só tenha cuidado.”

— Alguém está se aproximando — disse Raven. — Atrás de nós.

Rothen lançou um olhar para o espião. O homem havia mudado ligeiramente de posição, e um olho apareceu embaixo da aba do chapéu. Olhando para trás na estrada, detectou um movimento atrás da poeira levantada pela passagem deles. Cavalos e cavaleiros emergiram da nuvem e Rothen sentiu o pulso acelerar.

— Magos — ele disse. — Reforços de Balkan para o Forte.

— É melhor você dar passagem — Raven aconselhou. — E mantenha a cabeça baixa. Você não vai querer que o reconheçam.

Rothen puxou gentilmente as rédeas. Os gorins viraram a cabeça sem muita vontade e lentamente se deslocaram para o lado esquerdo da estrada. O som de cascos contra a estrada, parecendo tambores, ficou mais próximo.

— Sinta-se livre para olhar feito um bobo, no entanto. — Raven acrescentou. — Eles esperam isso.

O espião estava sentado agora. Rothen se virou e espiou por baixo da orla do chapéu para os magos que se aproximavam. O primeiro a passar foi Lorde Yikmo, o Guerreiro, que tinha sido um tutor especial de Sonea no ano anterior. O mago nem sequer olhou em direção a Rothen e Raven enquanto passava.

Os outros magos passaram estrondosos, jogando uma nuvem densa de poeira para trás. Raven tossiu e acenou com a mão.

— Vinte e dois — ele disse, subindo no assento ao lado de Rothen. — Isso vai dobrar o número no Forte. O Clã está mandando magos para a Passagem Sul?

— Eu não sei.

— Bom.

Rothen olhou para Raven, curioso.

— Quanto menos você souber, menos um ichani pode aprender de você — o espião disse.

Rothen concordou com a cabeça.

— Sei que a Passagem Sul está sendo vigiada. Se um ichani entrar por lá, o Clã será alertado. Aqueles no Forte terão tempo suficiente para cavalgar de volta a Imardin e se juntar ao Clã. A distância é aproximadamente a mesma, de ambas as passagens.

— Hummm. — Raven estalou a língua, um hábito que tinha quando pensava intensivamente em algo. — Se eu fosse os ichanis, usaria a Passagem Sul. Não há magos lá e nenhum Forte, então eles podem entrar sem gastar nenhum poder com lutas. Isso não é bom para nós, lamento. Embora... — ele franziu a testa. — Esses ichanis não sabem como lutar unidos. Se todo o Clã enfrentá-los, ele pode

ser capaz de matar um ou dois. Se o Clã estiver dividido, no entanto, não há perigo disso. O Forte pode ser a melhor opção.

Rothen deu de ombros e voltou a atenção para conduzir os gorins de volta, saindo da lateral da estrada. Raven passou um tempo num silêncio pensativo.

— É claro, os ichanis podem ser uma invenção do ex-Lorde Supremo — ele disse por fim —, criados apenas para convencer o Clã a deixá-los viver. E sua ex-aprendiz acreditou nele.

Vendo o olhar de soslaio do companheiro, Rothen fez uma careta.

— Você não para de me lembrar disso.

— Se vamos trabalhar juntos de maneira efetiva, preciso saber o que ocorre entre você, Sonea e o companheiro dela — Raven disse. Seu tom era respeitoso, mas determinado. — Sei que não foi simples lealdade ao Clã que o motivou a se voluntariar para esta missão.

— Não — Rothen suspirou. Raven ia continuar a bisbilhotar até ter certeza de que tinha obtido toda a informação que pudesse conseguir. — Ela significa para mim mais do que apenas qualquer aprendiz. Eu a tirei da favela e tentei lhe ensinar como se adaptar ao Clã.

— Mas ela nunca o fez.

— Não.

— Então, Akkarin a tomou como refém e você não pôde fazer nada a respeito. Agora, pode.

— Talvez. Seria bom se eu pudesse me infiltrar em Sachaka e trazê-la de volta. — Rothen olhou para o espião. — De alguma forma, não acho que vai ser tão simples assim.

Raven riu.

— Nunca é. Você acha que Sonea pode estar apaixonada por Akkarin?

Rothen sentiu uma pontada de raiva.

— Não. Ela o odiava.

— O suficiente para aprender magia proibida e o seguir no exílio para garantir que ele sobrevivesse o bastante para quando, como ela colocou, o Clã parasse com esse absurdo?

Respirando fundo, Rothen afastou um medo perturbador.

— Se ela acredita que esses ichanis existem, seria fácil para ele convencê-la a fazer todas essas coisas pelo bem do Clã.

— Por que ele faria isso, se os ichanis não forem reais?

— Para que ela o seguisse. Ele precisa dela.

— Para quê?

— Sua força.

— Por que ensinar magia negra a ela, então? Isso não seria vantagem nenhuma para ele.

— Eu não sei. Ela disse que pediu a ele. Talvez ele não pudesse recusar sem perder seu apoio.

— Então, agora ela é potencialmente tão poderosa quanto ele. Se ela descobriu que ele estava mentindo, por que não retornou a Imardin ou ao menos contou ao Clã?

Rothen fechou os olhos.

— Por que... só por que...

— Sei que isso desagradável — Raven disse em voz baixa. — Mas precisamos examinar todas as motivações e consequências possíveis antes de nos encontrarmos com eles.

— Eu sei — Rothen refletiu sobre a pergunta e fez uma careta. — Só por que ela aprendeu magia negra não significa que é poderosa. Magos negros se tornam mais fortes tomando energia de outros. Se ela não teve a oportunidade de fazer isso, Akkarin pode ser muito mais poderoso do que ela. Ele pode a estar mantendo fraca, tomando toda a força dela todos os dias... e pode ter ameaçado matá-la se ela se comunicar com o Clã.

— Entendo — Raven franziu a sobrancelha. — Isso não é bom para nós também.

— Não.

— Odeio dizer, mas espero que encontremos sua aprendiz nessa situação. A outra alternativa é bem pior para Kyralia. — Ele estalou a língua. — Agora, me fale sobre seu filho.

***

Quando Akkarin parou, Sonea deu um suspiro de alívio. Embora ela tivesse se acostumado aos longos dias de caminhada, todo descanso era bem-vindo. O sol da manhã estava quente e a fazia sentir sono.

Akkarin parou no alto de uma pequena rampa, esperando enquanto ela se arrastava para se juntar a ele. Chegando ao topo, Sonea viu que o caminho estava bloqueado por outra fissura. Essa era larga e rasa. Olhando para baixo, ela prendeu a respiração.

Um laço azul corria no meio da fissura. A água jorrava entre as pedras e cascateava em pequenas quedas no chão da ravina antes de fugir em direção às terras desoladas. Árvores e outras vegetações cobriam os bancos desse pequeno rio, e em alguns lugares se estendiam as paredes de pedra de cada lado.

— O Rio Krikara — Akkarin murmurou. — Se o seguirmos, vamos alcançar a estada para a Passagem Sul.

Ele olhou para as montanhas. Sonea seguiu seu olhar e notou que os intervalos entre os picos em ambos os lados da ravina eram bem mais largos que o resto. Sentiu uma pontada de excitação e saudade. Kyralia se encontrava além daquele intervalo.

— Quanto falta para a Passagem?

— Um longo dia de caminhada. — Ele franziu a testa. — Devemos nos aproximar o máximo possível da estrada e então esperar até anoitecer. — Ele olhou para a ravina. — Embora Parika deva estar ao menos um dia de viagem

atrás de nós agora, seus escravos estarão lá, vigiando em seu lugar.

Ele se levantou, em seguida virou-se para encará-la. Adivinhando o que ele pretendia fazer, ela agarrou-lhe as mãos.

— Deixe-me fazer isso — ela disse, sorrindo.

Invocando magia pelo uso da vontade, ela criou um disco embaixo dos pés deles e levantou ela e Akkarin sobre a ravina. Ela os fez baixar entre as árvores e eles pousaram num tufo de grama.

Erguendo os olhos, ela descobriu Akkarin a encará-la com atenção.

— Por que está me olhando desse jeito?

Ele sorriu.

— Nenhum motivo. — Ele se virou e começou a andar ao lado do rio. Sonea balançou a cabeça negativamente e o seguiu.

Depois de caminhar por bastante tempo nas rampas secas das montanhas, a visão de tanta água corrente limpa e de vegetação a animou. Ela imaginou chuva caindo do alto, juntando-se em riachos, depois em correntezas, todas se reunindo para formar o rio que fluía pela ravina. Olhando para trás, ela se perguntou onde ele terminava. Será que ele continuava pela terra desolada seca abaixo?

Porém, as árvores e os pequenos arbustos tornavam a jornada mais difícil. Akkarin se aproximou da sombra de uma parede, para que eles pudessem evitar a vegetação o máximo possível. Depois de uma hora, encontraram uma floresta densa, que parecia se espalhar de um lado da ravina ao outro, bloqueando o rio de vista. Numa fila única, abriram caminho por entre os arbustos e, enquanto andavam, o som de água chapinhando contra pedras ficou ainda mais alto. Quando emergiram na luz do sol de novo, descobriram que o caminho estava bloqueado por um grande lago.

Sonea respirou fundo. Acima deles, estava uma parede de pedra pela qual o rio caía em amplas cascatas e enchia o lago abaixo. O som dela era ensurdecedor depois do silêncio das rampas montanhosas. Ela se virou para Akkarin.

— Podemos parar? — perguntou ansiosa. — Podemos parar aqui, não

podemos? Não tomo um banho de verdade há *semanas*.

Akkarin sorriu.

— Acho que uma parada curta não vai fazer mal.

Ela sorriu para ele, sentou numa rocha próxima e tirou as botas. Quando colocou o pé na parte rasa do lago, soltou um gritinho.

— Está congelando!

Ela concentrou a mente e enviou calor para a água. Seus calcanhares começaram a se aquecer. Movendo-se lentamente, entrou mais para o fundo. Descobriu que podia manter a água ao redor dela confortavelmente aquecida desde que não se movesse de maneira muito abrupta nem remexesse contracorrentes de frio.

Conforme suas calças absorveram água, elas ficaram mais pesadas. Ela podia ver que o lago era bem mais fundo no meio. Quando a água chegou além da altura do joelho, ela parou e se sentou, submergindo até o pescoço.

O chão de pedra era um pouco lodoso, mas ela não se importou. Inclinando-se para trás, deixou lentamente a cabeça mergulhar abaixo da superfície. Quando se levantou para respirar, ouviu um barulho de água sendo agitada. Virou-se e viu Akkarin entrando na água. Ele encarou o lago intensamente, então mergulhou de repente abaixo da superfície. Um jato de água gelada a engolfou e ela praguejou.

Ela o observou deslizar embaixo d’água. Quando ele veio à tona, seu longo cabelo estava grudado no rosto. Ele o afastou com a mão e se voltou para encará-la.

— Venha aqui.

Ela podia ver os pés dele chutando embaixo da água. O lago era fundo. Balançou a cabeça dizendo não.

— Eu não sei nadar.

Ele deslizou para mais perto, depois deitou de costas boiando na água.

— Minha família costumava passar todos os verões próximo ao mar — ele

contou a ela. — Nós nadávamos todos os dias.

Sonea tentou imaginá-lo como um garoto, nadando no oceano e falhou.

— Eu vivi próximo do rio algumas vezes, mas ninguém nadava *naquilo*.

Akkarin riu.

— Não voluntariamente, você quer dizer.

Ele se virou de novo e nadou em direção à cachoeira. Quando chegou a ela, seus ombros emergiram da água e ele ficou de pé encarando a cascata. Ele passou a mão pela cortina de água, depois a atravessou.

Uma sombra tênue dele ficou visível por um momento, e então nada. Ela esperou que ele retornasse. Depois de alguns minutos, ficou curiosa. O que ele havia encontrado ali atrás?

Ela se levantou e andou ao redor do lago. A água estava pouco mais do que na altura do calcanhar de início, mas ia ficando cada vez mais funda conforme ela se aproximava da cachoeira. Quando ela chegou ao começo da cortina, o lago estava além da altura da cintura, mas ela podia sentir que a pedra se inclinava para cima embaixo da queda d'água.

Ela passou a mão pela água que caía. Era pesada e fria. Preparando-se, atravessou a cortina e sentiu os joelhos encostarem numa rocha.

Um peitoril havia se formado atrás da cachoeira, mais ou menos na altura do ombro. Akkarin estava sentado nele, com as costas contra a parede e as pernas cruzadas. Ele sorriu para Sonea.

— É bem isolado aqui, mesmo que um pouco apertado.

— E barulhento — ela acrescentou.

Suspendendo-se no peitoril, ela se virou e colocou as costas contra a parede. Os verdes e azuis do mundo exterior coloriam a cortina de água.

— É bonito — ela disse.

— Sim.

Ela sentiu dedos se enrolarem em volta de sua mão e olhou para baixo.

— Você está gelada — ele disse.

Ele levantou a mão dela e a cobriu com as dele. Seu toque provocou nela uma sensação de calor que lhe subiu pela espinha. Ela olhou para ele, notando que o começo de barba no queixo e na mandíbula havia engrossado. “Ele pode não ficar muito ruim com uma barba”, ela pensou. “E suas roupas com certeza deixam muito menos para a imaginação quando estão molhadas.”

Ele levantou uma sobrancelha.

— Por que você está me olhando desse jeito?

Ela deu de ombros.

— Nenhum motivo.

Ele riu, parou de encará-la, baixando depois o olhar. Ela sentiu o rosto corar quando percebeu que suas roupas também estavam grudadas contra o corpo. Fez um movimento para se cobrir, mas sentiu as mãos de Akkarin pressionarem as dela. Levantando os olhos, viu um brilho travesso no olhar dele e sorriu.

Ele riu e a puxou mais para perto.

Todo pensamento do tempo, dos ichanis e de roupas secas e decentes sumiram de sua mente. Questões mais importantes exigiam sua atenção: o calor de pele nua contra pele nua, o som da respiração, o prazer irrompendo como fogo pelo corpo e como era confortável estar ali, enrolados juntos no peitoril.

“A magia tem seus usos”, ela pensou. “Um espaço frio e apertado pode ficar quente e aconchegante. Músculos cansados de andar podem ser revividos. E pensar que uma vez eu teria desistido disso, por ódio aos magos.”

“Se eu tivesse feito isso não estaria com Akkarin agora.”

“Não”, ela pensou conforme a realidade lhe veio à mente de forma brutal, “eu seria uma favelada feliz em minha ignorância, alheia por completo ao fato de magos imensamente poderosos estarem prestes a invadir meu lar. Magos que fazem o Clã parecer humilde e generoso.”

Ela esticou a mão até a água que caía. Quando seus dedos se encontraram com a cortina, esta se partiu. Nessa lacuna, ela viu árvores e um lago lá fora... e uma pessoa.

Ela se enrijeceu e recolheu a mão de forma brusca.

Akkarin se mexeu.

— O que foi?

O coração dela estava disparado.

— Alguém está de pé do lado da piscina.

Ele se levantou apoiando-se nos cotovelos, então franziu a testa.

— Fique em silêncio por um instante — ele murmurou.

O som abafado de vozes chegou até eles. Sonea sentiu o sangue gelar. Akkarin esquadrinhou a parede de água, os olhos parando numa lacuna natural na cortina um pouco distante do peitoril. Ele lentamente deu um impulso apoiando-se nas mãos e nos joelhos e rastejou até a lacuna.

Quando chegou até ela, fez uma pausa e seu rosto se endureceu numa careta. Virou-se para ela e sussurrou uma palavra: Parika.

Esticando a mão para pegar a camisa e a calça, Sonea se enfiou nelas. Akkarin parecia estar ouvindo. Ela rastejou até ele.

— ... não tem problema. Só quis estar pronto para seu retorno — uma mulher disse num tom humilde. — Veja, colhi bagas-ferrão e nozes tiro.

— Você não devia ter deixado a Passagem.

— Riko está lá.

— Riko está adormecido.

— Então, aplique um castigo a Riko.

Houve um protesto sem palavras, depois o barulho de um golpe.

— Perdoe-me, mestre — a mulher choramingou.

— Levante-se. Não tenho tempo para isso. Não durmo faz dois dias.

— Nós vamos direto para Kyralia, então?

— Não. Não até Kariko estar pronto. Quero estar bem descansado antes disso.

O silêncio se seguiu. Pela cortina de água, Sonea viu movimento. Akkarin se afastou da lacuna em direção a ela. Ela sentiu o braço dele rodear-lhe a cintura e ela se reclinou contra o calor de seu peito.

— Você está tremendo — ele observou.

Sonea deu um enorme suspiro, estremecendo.

— Essa foi por muito pouco.

— Sim — ele disse. — Sorte que escondi nossas botas. Algumas vezes, compensa ser cauteloso demais.

Sonea tremeu. Um ichani tinha ficado parado a menos de vinte passos de distância. Se ela não tivesse decidido tomar um banho e Akkarin não tivesse descoberto a alcova atrás da cachoeira...

— Ele está à nossa frente agora — ela disse.

Akkarin a apertou um pouco mais.

— Sim, mas parece que Parika é o único ichani na Passagem. Também parece que Kariko planeja começar a invasão nos próximos dias. — Ele suspirou. — Tentei contatar Lorlen, mas ele não está usando o anel. Ele não o coloca há dias.

— Então nós esperamos até Parika entrar em Kyralia e o seguimos?

— Ou podemos tentar passar sem sermos vistos por ele hoje à noite, enquanto ele dorme. — Ele fez uma pausa e a empurrou um pouco para longe para poder encará-la. — A costa não fica longe daqui. Dali seriam apenas alguns dias de cavalgada para Imardin. Se você fosse por esse caminho, enquanto eu...

— Não — Sonea ficou surpresa com a força de sua própria voz. — Não vou deixá-lo.

A expressão dele ficou severa.

— O Clã precisa de você, Sonea. Eles não têm tempo de aprender magia negra a partir dos meus livros. Precisam de alguém que possa treiná-los e lutar por eles. Se nós dois formos pela Passagem, podemos ambos ser capturados e mortos. Ao menos, se você for para o sul, um de nós pode alcançar Kyralia.

Sonea se afastou dele. Fazia sentido, mas ela não gostava. Ele se moveu para a frente dela e começou a se vestir.

— Você precisa da minha força — ela disse.

— Mais um dia de sua força não vai fazer diferença. Eu nunca poderia conseguir poder suficiente nessas últimas semanas para encarar um ichani. Precisaria de dez ou vinte de você.

— Não seria mais um dia. Vai levar mais quatro ou cinco dias para ir da Passagem até Imardin.

— Quatro ou cinco dias não vão fazer diferença. Se o Clã aceitar minha ajuda, terei centenas de magos para extrair energia. Se eles não aceitarem, estarão perdidos de qualquer maneira.

Ela balançou a cabeça negativamente, bem devagar.

— É você que é valioso. Você tem o conhecimento e a habilidade, e o poder que nós coletamos. Você deve ir para o sul. — Ela olhou para ele e franziu a testa. — Se é mais seguro, por que nós dois não vamos para o sul?

Akkarin pegou a camisa e suspirou.

— Porque eu não chegaria lá a tempo.

Ela o encarou.

— Então, eu não iria chegar também.

— Não, mas se eu fracassasse, você poderia ajudar o que restasse do Clã a reconquistar Kyralia. O resto das Terras Aliadas não ia gostar de ter magos negros sachakanos como vizinhos Eles iriam...

— Não! — ela exclamou. — Não vou ficar longe até a batalha estar encerrada.

Akkarin puxou a camisa sobre a cabeça, levantou os ombros nas mangas, então se pôs ao lado de Sonea. Pegou-lhe a mão e a encarou com intensidade.

— Seria mais fácil para mim enfrentar os ichanis se eu não tivesse que me preocupar com o que eles fariam com você caso eu venha a falhar.

Ela o encarou de volta.

— Você acha que é mais fácil para mim...? — ela perguntou com delicadeza. — Mesmo eu sabendo o que eles vão fazer com você?

— Ao menos um de nós ficaria seguro se você fosse para o sul.

— Por que você não vai, então? — ela retrucou. — Eu fico e conserto o probleminha ichani do Clã.

Ele apertou a mandíbula, mas sua boca se abriu num sorriso e ele riu.

— Não posso. Tenho que ir com você para ver isso com meus próprios olhos.

Ela sorriu, em seguida ficou séria de novo.

— Não vou deixar você lutar sozinho e correr todos os riscos. Nós vamos encará-los juntos. — Ela fez uma pausa. — Bem, nós devemos provavelmente evitar o contato com esse ichani na Passagem. Tenho certeza de que, juntos, podemos pensar numa alternativa.

O monte de cartas na mesa de Lorlen tombou lentamente. Osen as pegou a tempo e dividiu-as em duas pilhas.

— Essa proibição de comunicação mental vai gerar mais empregos para os mensageiros — o jovem mago observou.

— Sim — Lorlen concordou. — E para os fabricantes de canetas. Eu provavelmente vou gastá-las duas vezes mais rápido agora. Quantas cartas mais temos que responder?

— Essa é a última — Osen disse.

Lorlen a assinou com um floreado, depois passou a limpar a caneta.

— É bom tê-lo de volta, Osen — ele disse. — Não sei como ia conseguir gerenciar tudo sem você.

Osen respondeu.

— Você não iria. Não com as responsabilidades tanto de Administrador como de Lorde Supremo para se ocupar. — Ele fez uma pausa. — Quando vamos eleger um novo Lorde Supremo?

Lorlen suspirou. Era um assunto que ele estava evitando. Ele simplesmente não conseguia imaginar outra pessoa além de Akkarin no cargo. Mas mesmo assim este teria que ser preenchido em algum momento... e quanto antes melhor, se as previsões de Akkarin se mostrassem verdadeiras.

— Agora que lidamos com os rebeldes elynes, candidatos provavelmente serão indicados na próxima Reunião.

— Daqui a um mês? — Osen fez uma careta e olhou para a pilha de cartas. — Você não pode começar isso antes?

— Talvez. Nenhum dos Magos Superiores sugeriu que lidemos com a questão mais cedo, no entanto.

Osen concordou com a cabeça. Ele tinha estado extraordinariamente distraído naquela manhã, Lorlen notou.

— O que o está incomodando?

O jovem mago olhou para Lorlen, em seguida franziu a testa.

— O Clã vai reinstalar Akkarin como Lorde Supremo se sua história se mostrar verdadeira?

Lorlen fez uma careta.

— Eu duvido. Ninguém ia querer um mago negro como Lorde Supremo. Não tenho certeza se Akkarin iria mesmo ser aceito de volta no Clã.

— E quanto a Sonea?

— Ela desafiou o Rei. Se o Rei permitir um mago negro no Clã, vai querer alguém que ele sabe que o Clã ou ele podem controlar.

Osen fez uma carranca e desviou o olhar.

— Então, Sonea nunca vai terminar seu treinamento.

— Não. — Ao dizer isso, Lorlen percebeu que era verdade, sentindo uma pontada de tristeza.

— Bastardo! — Osen bradou, levantando da cadeira. Ele fez uma pausa. — Eu lamento. Sei que ele era um amigo e que você ainda tem algum respeito por ele. Mas ela poderia ter sido... algo incrível. Sei que ela estava infeliz. Era óbvio que ele estava entre as razões disso, mas eu não fiz nada.

— Você não poderia ter feito — Lorlen disse.

Osen balançou negativamente a cabeça.

— Se eu soubesse, eu a teria levado para longe. Sem ela como refém, o que ele poderia ter feito?

Lorlen olhou para sua mão, para o dedo em que o anel havia repousado.

— Tomado o controle do Clã? Matado você e Rothen? Não se torture, Osen. Você não sabia e não poderia tê-la ajudado se soubesse.

O jovem mago não respondeu.

— Você não está mais usando aquele anel — ele disse de forma súbita.

Lorlen olhou para ele.

— Não. Cansei-me dele. — Ele sentiu uma pontada de ansiedade. Será que Osen havia ouvido o suficiente sobre joias de sangue para imaginar o que era o anel? Se isso tivesse acontecido e ele lembrasse que Lorlen tinha usado o anel por um ano e meio, poderia perceber que ele estivera ciente do segredo de Akkarin por bem mais tempo que admitira.

Osen pegou as duas pilhas de cartas e deu um sorriso torto.

— Você não precisa que eu comece a lamentar o passado. Acho que vou fazer algo de útil e arranjar mensageiros para essas cartas.

— Sim. Obrigado.

— Volto assim que fizer isso.

Lorlen observou o assistente andar pela sala. Quando a porta se fechou, ele novamente encarou a mão sem o anel. Por muito tempo ele havia desejado se livrar dele. Agora, o queria de volta desesperadamente. Ele estava trancado bem seguro na Biblioteca dos Magos, no entanto. Poderia pegá-lo a qualquer momento...

Poderia? Ele sabia o que Balkan ia dizer. Que era perigoso demais. Os outros Magos Superiores concordariam.

Mas Balkan, ou os outros, tinham que saber?

“É claro que tinham. E eles estão certos: é perigoso demais. Eu só queria saber o que está acontecendo.

Suspirando, Lorlen dirigiu a atenção de volta para os pedidos e cartas na sua mesa.

Capítulo 26

A Passagem Sul

Quando eles se aproximaram de uma das saídas das salas de Cery, Gol fez uma pausa e olhou para trás.

— Você acha que deve contar aos outros Ladrões sobre esses magos?

Cery suspirou.

— Eu não sei. Não tenho certeza se vão acreditar em mim.

— Talvez mais tarde, quando você tiver provas.

— Talvez.

O homenzarrão subiu uma escada até a escotilha no teto. Destravou-a e a empurrou para cima, cauteloso. O som de vozes chegou aos ouvidos de Cery. Gol continuou subindo e fez um sinal de que era seguro para Cery segui-lo.

Eles entraram num pequeno depósito de bol. Dois homens estavam sentados na mesa, jogando dominó. Eles cumprimentaram educadamente Cery e Gol com um aceno de cabeça. Embora tivessem sido contratados para guardar uma das entradas da Estrada dos Ladrões, não sabiam que ela levava ao covil de um Ladrão.

A jornada que se seguiu foi curta, mas Cery parou no padeiro e em algumas outras lojas de artesões no caminho. Os donos não conheciam a identidade de seu cliente, da mesma forma que os guardas. Cery fez algumas perguntas sutis sobre se estavam felizes com o arranjo com “o Ladrão” e todos, com exceção de um, se expressaram de maneira favorável.

— Arranje alguém para conferir o que está acontecendo com o tapeceiro quando tivermos terminado — Cery falou para Gol ao descerem para as passagens subterrâneas de novo. — Ele não está feliz com algo.

Gol concordou com a cabeça. Quando chegaram a seu destino, deram um passo à frente para puxar uma pesada porta de metal. Um homem magro estava sentado no corredor curto depois dela.

— Ren, como está nosso convidado? — Cery perguntou.

O homem se levantou.

— Ele está andando de um lado para o outro no quarto. Preocupado, me parece.

Cery franziu a testa.

— Abra a porta, então.

Ren parou e agarrou uma corrente no chão. Puxou-a e uma vibração percorreu o assoalho. A parede distante deslizou para o lado, revelando um quarto luxuoso.

Takan, parado a alguns passos de distância, foi avisado pelo som da chegada deles. Parecia tenso e ansioso. Cery esperou até a porta ter se fechado atrás de Gol antes de falar.

— O que é?

O sachakano expirou o ar.

— Akkarin falou comigo. Pediu para eu explicar algumas coisas para você.

Cery piscou surpreso, depois apontou para as cadeiras.

— Vamos sentar, então. Eu trouxe comida e vinho.

Takan passou para a cadeira de convidados e se empoleirou na ponta do assento. Cery se sentou em frente a ele, enquanto Gol desaparecia dentro da cozinha para pegar pratos e copos.

— Você sabe que esses assassinos que Akkarin contratou para encontrar são magos sachakanos — Takan começou. — E sabe que Akkarin e Sonea foram exilados por usar magia negra.

Cery concordou com a cabeça.

— Os assassinos eram ex-escravos — Takan explicou. — Enviados por seus

mestres para espionar Kyralia e o Clã... e matar Akkarin se tivessem a chance. Seus mestres eram magos poderosos conhecidos como ichanis. Eles usam magia negra para extrair poder mágico de seus escravos... ou de suas vítimas. As pessoas no meu país chamam isso de magia superior e não há nenhuma lei contra seu uso.

— Essa magia os torna mais fortes? — Cery perguntou. Embora soubesse disso tudo por Savara, tinha que fingir que era algo novo para ele.

— Sim. Akkarin aprendeu magia negra no meu país. Vim para Kyralia com ele, e ele tem tomado minha força para poder lutar contra os espiões.

— Você era um escravo?

Takan concordou com a cabeça.

— Você diz que esses assassinos, espiões, já foram escravos. Mas eles usavam magia negra também.

— Eles foram ensinados sobre o segredo da magia superior para poderem sobreviver por tempo suficiente para juntar informações sobre as defesas de Kyralia.

Cery franziu a testa.

— Se eles estavam livres, por que continuar a fazer o que seus mestres queriam?

Takan olhou para o chão.

— A servidão é um hábito difícil de romper, especialmente se você nasceu nela — ele disse baixinho. — E os espiões temiam o Clã tanto quanto temiam os ichanis. Eles viam apenas duas escolhas: esconder-se na terra do inimigo ou retornar a Sachaka. Até Akkarin e Sonea serem exilados publicamente, a maioria dos sachakanos acreditava que o Clã ainda usava magia superior. Todos os espiões anteriores tinham sido mortos. Sachaka parecia um lugar mais seguro. Os perigos eram familiares. Mas eles sabiam que os ichanis os matariam se retornassem sem completar sua missão.

Gol voltou trazendo vinho, copos e um prato cheio de pães saborosos

recheados com carnes. O homenzarrão ofereceu a Takan um copo de vinho, mas o criado balançou a cabeça negativamente.

— Os ichanis sabem que o Clã não usa magia superior agora — Takan continuou. — Sabem que são mais fortes. Seu líder, um homem chamado Kariko, tem tentado uni-los por anos. Agora, ele teve sucesso. Akkarin me contatou essa manhã e me disse para contar isso a você: eles planejam entrar em Kyralia nos próximos dias. Você precisa avisar o Clã.

— E eles vão acreditar em mim? — Cery perguntou duvidoso.

— A mensagem deve ser anônima, mas quem recebê-la vai saber a partir do conteúdo de quem ela é. Akkarin me disse o que ela deve conter.

Cery concordou com a cabeça. Em seguida, se refestelou na cadeira e tomou um gole de vinho.

— Quanto o Clã sabe sobre isso?

— Tudo, com exceção dessa notícia mais recente. Eles não acreditam em nada disso, mas Akkarin espera que se preparem para o caso de isso se mostrar verdadeiro. — Takan hesitou. — Você não parece alarmado em saber que seu país está prestes a enfrentar uma guerra.

Cery deu de ombros.

— Oh, eu estou. Mas não estou surpreso. Eu tinha a sensação de que algo grande estava prestes a acontecer.

— Você não está preocupado?

— Por quê? É assunto dos magos.

Os olhos de Takan se arregalaram.

— Eu gostaria, para o seu bem, que fosse assim. Mas quando esses ichanis tiverem derrubado o Clã e o Rei, eles não vão deixar pessoas comuns continuarem sua vida como se nada tivesse acontecido. Aqueles que eles não escravizarem, eles vão matar.

— Eles vão ter que nos encontrar primeiro.

— Eles vão fazer ruir seus túneis e destroçar suas casas. Seu mundo secreto não vai sobreviver.

Cery sorriu quando pensou nas sugestões de Savara para matar magos.

— Eles não vão achar isso tão fácil quanto pensam — disse num tom sombrio. — Não se eu tiver algo para dizer a respeito.

Dannyl entrou na Universidade e estudou o pátio lotado. O intervalo havia acabado de começar, e os arredores estavam cheios de aprendizes que desfrutavam o calor do verão. Ele decidiu seguir-lhes o exemplo e fazer uma caminhada pelos jardins.

Quando entrou nos caminhos para pedestres cobertos pela sombra, pensou na sua entrevista com Lorde Sarrin. Agora que o destino dos rebeldes havia sido decidido e Rothen havia partido para Sachaka, Dannyl tinha pouco para fazer, então se apresentou como voluntário para ajudar a construção da nova Torre de Observação. O Chefe dos Alquimistas tinha ficado surpreso com a proposta de Dannyl, como se tivesse se esquecido completamente do projeto.

— A Torre de Observação. Sim. É claro — Sarrin disse distraído. — Isso vai nos manter ocupados a não ser... mas não vai importar. Sim — ele repetiu, num tom mais firme. — Você pode perguntar a Lorde Davin como ajudá-lo.

No caminho para fora da Universidade, Dannyl havia vislumbrado Lorde Balkan deixando o escritório do Administrador. O Guerreiro parecia preocupado. Isso era de esperar, mas seu jeito sugeria que tinha algo novo em mente.

“Eu queria saber o que está acontecendo”, Dannyl pensou. Olhou ao redor, notando as expressões tensas de um grupo de aprendizes que havia se reunido ali perto. “Parece que não sou o único.”

Ele virou uma esquina e notou um aprendiz solitário sentado num assento do jardim. O garoto era mais velho, talvez do quinto ano, muito magro e de aparência doentia. Parecia estranhamente familiar.

Dannyl parou quando percebeu que não era nenhum garoto. Era Farand. Ele

saiu do caminho e se aproximou do assento do jardim.

— Farand.

O jovem olhou para ele, dando um sorriso embaraçado.

— Embaixador.

Dannyl se sentou.

— Vejo que lhe arranjaram uma túnica. Você já começou a treinar?

Farand fez que sim com a cabeça.

— Lições particulares por enquanto. Espero que eles me poupem da humilhação de me juntar aos aprendizes mais novos.

Dannyl riu.

— E perder toda a farra?

— Pelo que eu ouvi, as coisas não foram fáceis para você na sua época de aprendiz.

— Não — Dannyl ficou sério. — Não nos primeiros anos. Mas não deixe minhas experiências desencorajá-lo. Ouvi alguns magos dizerem que seus anos na Universidade foram os mais agradáveis que tiveram.

O jovem franziu as sobrancelhas.

— Eu esperava que as coisas fossem ficar mais fáceis a partir de agora, mas estou começando a me perguntar se vão mesmo. Ouvi dizer que o Clã está encarando uma guerra. Vamos lutar contra Akkarin ou contra magos sachakanos. Seja o que for, ninguém está certo sobre quem vai ganhar.

Dannyl concordou com a cabeça.

— Você pode ter se juntado ao Clã no pior momento possível, Farand. Mas, se não tivesse feito isso, não teria escapado dos problemas por muito tempo. Se Kyralia tombar para qualquer um desses inimigos, Elyne logo vai cair também.

— Melhor eu estar aqui, então. Prefiro poder ajudar a conquistar alguns meses de segurança em casa. — Farand fez uma pausa, em seguida deu um suspiro. —

Só tenho um arrependimento, no entanto.

— O Dem Marane.

— Sim.

— É meu único arrependimento também — Dannyl admitiu. — Eu esperava que o Clã fosse mais clemente.

— Acho que talvez esse problema com o Lorde Supremo tenha influenciado a decisão. O Clã deveria ter percebido que seu líder havia aprendido magia negra. Ele não percebeu, assim não quis cometer o mesmo erro duas vezes. E deveria ter executado Akkarin, mas não pôde. Assim, o Clã aplicou a punição total para o próximo homem a quebrar essa lei, para mostrar para si mesmo e para o mundo que não tolera tais crimes. — Farand fez uma pausa. — Não estou dizendo que todos os magos estão cientes disso, só que a situação pode ter influenciado seu raciocínio.

Dannyl olhou para Farand, surpreso com o discernimento do jovem.

— Então, temos que culpar Akkarin.

Farand balançou a cabeça negativamente.

— Para mim, basta de culpar os outros. Eu estou aqui, onde deveria estar. As pessoas esperam que eu deixe todas as questões políticas para trás e é isso que eu vou fazer. — Ele hesitou. — Embora eu não tenha certeza se poderia fazê-lo caso minha irmã não tivesse sido perdoada.

Dannyl concordou com a cabeça.

— Você a viu antes de ela partir?

— Sim.

— Como ela está?

— De luto, mas os filhos vão dar a ela algo para se segurar. Sinto falta de todos eles — ele olhou para cima quando o gongo sinalizando o fim do intervalo tocou. — Hora de ir. Obrigado por parar para conversar comigo, Embaixador. Vai voltar para Elyne logo?

— Não ainda. O Administrador Lorlen quer que tantos magos quanto possível permaneçam aqui até ele saber mais sobre Sachaka.

— Então, espero que tenhamos uma oportunidade de conversar de novo, Embaixador. — Após fazer uma reverência, Farand foi embora a passos largos.

Dannyl observou o jovem partir. Farand tinha passado por muita coisa e encarara a possibilidade de morte por três vezes: pela perda de controle, pelo envenenamento e pela possível execução. De alguma forma, ele conseguia lidar com tudo aquilo sem ressentimento.

Isso fazia uma pessoa se sentir humilde. E suas ideias sobre o motivo para a execução do Dem Marane eram interessantes.

"Ele pode se tornar um bom Embaixador algum dia", Dannyl pensou. "Se tiver a chance."

Mas, por enquanto, o Clã só podia prosseguir como sempre tinha seguido. Dannyl suspirou, levantou-se e foi procurar Lorde Davin.

Algo roçou nos lábios de Sonea. Ela piscou para conseguir abrir os olhos e encarou o rosto pairando acima dela. Akkarin.

Ele sorriu e a beijou de novo.

— Acorde — ele murmurou. Em seguida, aprumou-se, tomou-lhe a mão e a puxou para ajudá-la a ficar de pé. Ela olhou ao redor. Uma meia-luz lúgubre havia deixado tudo cinza. O céu estava coberto de nuvens, mas ela imaginou que ainda era cedo demais para o sol já ter caído abaixo do horizonte.

— Precisamos encontrar a estrada agora, antes de o sol se pôr — Akkarin disse. — Vai ficar bem escuro até a lua nascer e não podemos nos dar ao luxo de parar.

Sonea bocejou e olhou para cima no espaço entre os dois picos. Eles haviam deixado a cachoeira depois da visita do ichani naquela manhã e continuado pela ravina tão longe quanto ousaram ir. Um pequeno espaço entre algumas rochas e a parede de pedra havia proporcionado abrigo suficiente para escondê-los

enquanto dormiam. Embora não fosse tão escondido quanto o peitoril atrás da cachoeira, não havia motivo para o ichani ou seus escravos visitá-lo.

Agora, conforme a ravina se estreitava e a luz desaparecia, o caminho se tornava cada vez mais difícil. O pequeno rio preenchia a maior parte da ravina e as margens eram polvilhadas de rochas gigantescas. Depois de mais ou menos uma hora, Akkarin parou e apontou para a parede da ravina. Na luz enfraquecida, Sonea só podia ver que uma rampa de pedra íngreme continuava logo depois do topo. Sonea piscou surpresa quando discerniu os degraus de pedra talhados na parede.

— A estrada segue ao lado da ravina a partir daqui — Akkarin murmurou.

Ele começou a andar em direção às escadas. Eles alcançaram a base e começaram a subir. Quando finalmente chegaram ao alto, a escuridão era como uma fumaça grossa ao redor de tudo, e Akkarin era uma sombra quente dentro dela.

— Seja tão silenciosa quanto possível — ele murmurou no ouvido de Sonea. — Coloque uma das mãos na parede de pedra. Se quiser falar, pegue minha mão para podermos nos comunicar mente a mente sem os ichanis nos ouvirem.

Um vento constante batia contra eles agora que estavam fora do abrigo da ravina. Akkarin andava na frente, mantendo um ritmo constante. Ela deixou sua mão direita roçar a parede de pedra e tentou manter as passadas leves. De vez em quando, uma pedra fazia barulho se movendo pelo chão quando ela e Akkarin a tiravam do lugar andando, mas o som era abafado pelo vento.

Depois de um longo tempo de caminhada, Sonea descobriu que podia discernir outra parede várias centenas de passos a sua esquerda. Ela se perguntou como podia vê-la e olhou para cima. Os picos acima estavam brilhando de maneira tênue, banhados na luz da lua que escapava por entre as nuvens.

A ravina havia desaparecido e a estrada continuava pelo chão de um vale estreito. Sonea colocou-se ao lado de Akkarin e eles continuaram num passo firme. Conforme as horas passavam, a parede ao lado da mão esquerda se aproximou e então sumiu de vista de novo. Ele retornou e a parede da mão

direita retrocedeu. A lua se levantou mais no céu, então caiu em direção aos picos.

Muito mais tarde, a estrada começou a dar voltas. Eles passaram a seguir a curva de uma ladeira rochosa. Quanto mais subiam, mais escarpada ficava a ladeira, e logo estavam andando com uma parede de desfiladeiro de um lado e um precipício do outro. Mesmo assim, continuaram.

Ela ouviu um barulho tênue e Akkarin parou. O som se fez ouvir novamente.

Um espirro.

Moveram-se devagar até a próxima curva na estrada. Akkarin esticou o braço e apertou a mão de Sonea.

— *Esse deve ser Riko* — Akkarin enviou com a mente.

Na luz tênue da lua, Sonea discerniu a forma escura de um homem sentado numa pedra ao lado da estrada. Ela podia ouvi-lo tiritar. Enquanto ele esfregava os braços, algo brilhou em seu dedo. Um anel de sangue, ela supôs.

— *Parika provavelmente tirou a roupa de cima dele para garantir que permaneça acordado* — Akkarin acrescentou.

— *Isso torna as coisas difíceis* — Sonea respondeu. — *Como vamos escapar da vista do escravo e do mestre ao mesmo tempo? Enganamos ambos?*

— *Sim e não. O escravo pode ser nossa isca. Você está pronta?*

— *Sim.*

Não era fácil se forçar a dar um passo virando a curva na estrada, sabendo que o homem podia vê-lo. Riko estava envolvido demais em sua infelicidade para enxergá-la de início. Então, levantou os olhos, se pôs em pé e fugiu.

Akkarin parou, xingou alto e empurrou Sonea para trás.

— Um escravo! — ele disse alto o suficiente para Riko ouvir. — Deve haver alguém na Passagem. Venha.

Eles correram pela estrada. Akkarin diminuiu o passo e encarou as paredes de pedra em ambos os lados. Puxou Sonea para que parasse. Ela sentiu o chão

mudar e eles estavam se elevando no ar.

Aceleraram pelo penhasco e depois diminuíram o ritmo, escondendo-se numa sombra. Sonea sentiu os pés tocarem a rocha sólida. A saliência onde Akkarin os havia pousado mal era larga o suficiente para as botas dela. Ela se encostou na parede, o coração disparado.

Um longo silêncio se seguiu no qual o único som era a respiração deles. Então, uma figura apareceu abaixo, andando cuidadosamente na esquina da estrada. Ela parou. A mão de Akkarin apertou a dela.

— *Ele precisa de um pouco de encorajamento* — Akkarin observou.

Da distância veio o som de uma rocha deslizando contra a estrada. A figura deu um passo à frente e uma luz surgiu intensa, preenchendo a área. Sonea segurou a respiração. O homem estava vestido numa capa elegante e suas mãos brilhavam com joias e metais preciosos.

— *Ótimo* — ela respondeu. — *Agora ele só tem que olhar para cima e vai nos ver.*

— *Ele não vai.*

Um homem magro e curvado se mexeu agitado atrás do ichani.

— Eu vi...

— Eu sei o que você viu. Volte e fique com...

O ichani de repente começou a andar apressado. Olhando mais à frente na estrada, Sonea viu que uma luz era visível atrás da próxima curva, várias centenas de passos à frente na estrada. Ela estava desaparecendo como se estivesse se afastando. Ela olhou para Akkarin, adivinhando que ele era a fonte da luz. Sua testa estava vincada com o esforço da concentração.

O ichani acelerou, passou a curva e desapareceu. Quando Sonea olhou para baixo de novo, o escravo havia partido. Akkarin respirou fundo.

— *Nós não temos muito tempo. Vamos torcer para que Riko obedeça a seu mestre imediatamente.*

Eles desceram a estrada, apressando-se em direção à Passagem. Em cada passo, Sonea tinha certeza que iam alcançar o escravo, mas só várias centenas de passos depois viram o homem à frente deles.

Logo depois, notaram uma luz trêmula à distância. Uma fogueira, Sonea viu com alívio. Ela havia temido que eles fossem descobrir outro ichani. Riko chegou até o fogo e se sentou ao lado de uma mulher mais nova.

Akkarin e Sonea se aproximaram, mantendo-se nas sombras. A fogueira iluminava paredes de pedra íngremes em ambos os lados da estrada.

— *Não podemos escapar deles sem que percebam* — Akkarin enviou. — *Você está pronta para correr?*

Sonea concordou com a cabeça.

— *Tão pronta quanto conseguir.*

Akkarin não se moveu, no entanto. Ela olhou para ele e viu que estava franzindo a testa.

— *O que é?*

— *Eu deveria usar essa oportunidade para privar Parika de seus escravos. Eles vão ser usados contra nós mais tarde.*

— *Mas não temos tempo...*

— *Melhor ser rápido, então.*

Ele largou sua mão e começou a andar à frente.

Ela reprimiu um protesto. Matar os escravos fazia sentido. A força deles seria usada para matar kyralianos. Mas mesmo assim parecia cruel acabar com a existência de pessoas que tinham sido vítimas durante toda a vida. Eles não haviam escolhido ser ferramentas dos ichanis.

A mulher foi a primeira a notar Akkarin. Ela se pôs de pé num pulo e voou para trás quando uma força se chocou contra ela. Aterrissou no solo e ficou imóvel.

Riko havia corrido pela estrada. Quando Akkarin começou a correr, Sonea

arrancou atrás dele. Em algum lugar atrás deles, Parika havia visto o ataque pelo anel de sangue do escravo. Ela só parou para olhar para a mulher. Seus olhos encararam sem visão o céu.

“Ao menos foi rápido”, Sonea pensou.

Uma luz reluziu acima da cabeça de Akkarin e ele apressou o passo. A estrada se contorcia, mas se inclinava numa descida agora. Sonea não captou vislumbres do escravo correndo à frente deles. Ela não podia evitar torcer para que ele permanecesse fora de vista. Akkarin não podia matar quem ele não podia ver.

Então, eles ouviram um grito na estrada à frente. Akkarin se deteve e correu ainda mais rápido. Passou bem à frente de Sonea com facilidade, virando a próxima esquina várias passadas antes dela. Quando ele chegou na curva, ela viu que a estrada adiante serpenteava de forma aguda. Ela deixava as paredes confinadoras da Passagem e se colava ao lado íngreme de uma montanha. Akkarin estava parado na curva, olhando o precipício. Ela deteve-se ao lado dele, mas só podia ver escuridão lá embaixo.

— Ele caiu?

— Acho que sim — ele disse ofegante. Ele olhou a estrada à frente. Ela se curvava seguindo a lateral da montanha por várias centenas de passos antes de sumir de vista. — Nenhum lugar... para se esconder. Ele não... estava tão à frente. — Ele olhou para trás e seu rosto se fechou. — Nós precisamos... continuar. Se Parika seguir... vamos ficar expostos.

Ele voltou a andar. Eles seguiram pela estrada num ritmo forte. Ao passarem a curva seguinte, o alívio de Sonea virou desalento quando ela viu outro longo pedaço de estrada exposta. Eles continuaram correndo. Suas costas formigavam, e ela resistiu à vontade de olhar por trás do ombro.

O tempo parecia se demorar enquanto eles corriam. Eles desceram a estrada num ritmo constante. A sensação de urgência e medo desapareceu. O cansaço cresceu até dominar todos os pensamentos dela. Ela usou os poderes para curar o cansaço.

“Com certeza, podemos parar agora”, ela pensou, de novo e de novo. “Parika

não nos seguiria até Kyralia, seguiria?”

Mas Akkarin continuava.

Quando Akkarin finalmente diminuiu o ritmo para o de uma caminhada, ela deu um grande suspiro de alívio. Ele riu, depois colocou o braço em volta do ombro dela. Ela olhou ao redor e percebeu que estavam andando entre árvores. A lua havia sumido. Akkarin reduziu seu globo de luz para um brilho tênue. Eles andaram ainda por uma longa hora ou mais, e Akkarin a encaminhou para fora da estrada.

— Acho que nos distanciamos o suficiente — ele murmurou.

— E se ele nos seguir?

— Ele não vai. Ele não vai entrar em Kyralia até Kariko entrar.

Ela sentiu o terreno macio e desigual embaixo dos pés. Eles andaram por vários minutos, e Akkarin parou e se sentou, com as costas para uma árvore. Sonea se deixou cair ao lado dele.

— E agora? — ela perguntou, encarando as árvores ao redor deles.

Akkarin a puxou para perto do peito e a envolveu em seus braços.

— Durma, Sonea — ele sussurrou. — Eu vou ficar de vigia. Nós vamos decidir o que fazer amanhã.

Capítulo 27

Um Encontro Inesperado

“Não. É cedo demais para acordar”, Sonea pensou. “Ainda estou muito cansada.”

Mas uma sensação de inquietação não a deixava cair no sono de novo. Suas costas estavam encostadas em algo quente; ela estava sentando quase ereta. Respirou fundo e sentiu o peso de braços ao redor dela. Os braços de Akkarin. Ela sorriu e abriu os olhos.

Quatro pernas magras e cobertas de pelos se encontravam diante dela. Pernas de cavalo. Seu coração parou por um instante quando levantou o olhar.

Olhos azuis familiares a estavam encarando. Túnicas verdes, meio cobertas por uma pesada capa negra, brilhavam na luz do sol do final da manhã. Ela sentiu o coração se preencher com felicidade e alívio.

— Dorrien! — ela disse ofegante. — Não tem ideia de como é bom ver você.

A expressão dele era fria, no entanto. O cavalo ajeitou a posição e balançou a cabeça. Sonea ouviu o bufar de outro cavalo próximo. Ela olhou para o lado e viu que mais quatro cavaleiros estavam esperando a alguns passos de distância, vestidos com roupas simples.

Akkarin se mexeu, então respirou fundo.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Dorrien disse exigente.

— Eu... nós... — Sonea balançou a cabeça negativamente. — Não sei por onde começar, Dorrien.

— Nós estamos aqui para avisá-lo. — Akkarin respondeu. Ela sentiu a vibração da voz dele contra suas costas. — Os ichanis planejam entrar em Kyralia nos próximos dias.

As mãos dele seguraram os ombros de Sonea e ele a empurrou para diante com delicadeza. Ela se levantou e saiu da frente enquanto ele se punha de pé.

— Vocês são exilados — a voz de Dorrien era baixa. — Não podem retornar para esta terra.

Akkarin levantou as sobrancelhas.

— Não podemos? — ele perguntou, se aprumando e cruzando os braços.

— Você pretende lutar comigo? — Dorrien perguntou, exibindo um brilho de perigo nos olhos.

— Não — Akkarin respondeu. — Pretendo ajudá-lo.

Dorrien estreitou os olhos.

— Não precisamos de sua ajuda — ele disse ríspido. — Precisamos da sua *ausência*.

Sonea encarou Dorrien. Ela nunca o tinha visto daquele jeito, tão frio e cheio de raiva. Ele parecia um estranho. Um estranho tolo e bravo.

Então ela se lembrou de como ele era entusiasmado quando se tratava de cuidar das pessoas na sua vila. Ele iria arriscar tudo para protegê-las. E se ele ainda nutrisse os mesmos sentimentos por ela, encontrá-la dormindo nos braços de Akkarin não o deixaria no melhor dos humores.

— Dorrien — ela disse. — Não teríamos voltado se não achássemos que era preciso.

Dorrien olhou para ela e fez uma careta.

— Quer vocês precisem ou não voltar, isso é algo que compete ao Clã decidir. Recebi ordens para vigiar a estrada e mandá-los de volta se tentassem voltar — ele disse. — Se pretendem permanecer, vão ter que me matar primeiro.

O coração de Sonea parou por um instante. A lembrança do escravo morto passou por sua mente. Com certeza, Akkarin não iria...

— Eu não tenho que matá-lo — Akkarin respondeu.

— Nós vamos voltar — Sonea disse rapidamente. — Mas ao menos nos deixe transmitir nossas notícias primeiro. — Ela colocou a mão sobre o braço de Akkarin.

— Ele está pensando com o coração. Se dermos tempo a ele para refletir sobre isso, talvez ele seja mais razoável.

Akkarin franziu o cenho olhando para ela, mas não discutiu. Ela se virou para ver Dorrien, que os encarava com atenção.

— Muito bem — ele disse com uma relutância óbvia. — Diga quais são as notícias.

— Você está vigiando a passagem, então sem dúvida Lorlen o informou sobre a ameaça de Sachaka. Ontem de manhã, Sonea e eu evitamos por pouco sermos capturados por um ichani chamado Parika — Akkarin disse. — A partir de sua conversa com seu escravo, descobrimos que Kariko e seus aliados planejam entrar em Kyralia nos próximos dias. Sonea e eu pretendíamos permanecer em Sachaka até o Clã se convencer de que os ichanis eram reais e constituíam uma ameaça, mas o tempo está se esgotando. Se o Clã quer que nós voltemos e auxiliemos na batalha que está por vir, precisamos estar perto o suficiente de Imardin para alcançá-lo antes dos ichanis.

Dorrien encarou Akkarin impassível.

— Isso é tudo.

Sonea abriu a boca para contar a ele sobre o ichani na Passagem Sul, mas então imaginou Dorrien cavalgando até as montanhas para investigar por si mesmo. O ichani iria matá-lo. Ela engoliu as palavras.

— Ao menos nos deixe descansar aqui hoje — ela suplicou. — Estamos exaustos.

Os olhos de Dorrien se desviaram para Akkarin e se estreitaram, e ele olhou por cima do ombro para os outros cavaleiros.

— Gaden. Forren. O Clã pode tomar emprestados seus cavalos por um dia?

Sonea encarou os homens por sobre o flanco do cavalo de Dorrien. Eles

trocaram olhares, então começaram a desmontar.

— Não tenho autoridade para conceder que fiquem um dia ou mesmo uma hora em Kyralia — Dorrien disse inflexível, enquanto os homens conduziam os cavalos para a frente. — Vou escoltá-los até a Passagem.

Os olhos de Akkarin reluziram com um brilho perigoso. Sonea sentiu que ele ficava tenso. Ela apertou ainda mais seu braço.

— Não! Deixe-me conversar com ele no caminho. Ele vai me escutar.

Ele virou-se para encará-la, a expressão cética. Sonea sentiu seu rosto se aquecer.

— Nós fomos quase íntimos uma vez. Acho que está bravo porque você me levou para longe.

Akkarin levantou as sobrancelhas. Encarou Dorrien com um olhar de avaliação.

— Verdade? Então, veja o que pode fazer. Mas não leve tempo demais.

Quando os homens se aproximaram, Akkarin deu um passo à frente e agarrou as rédeas que estavam sendo oferecidas. O homem se encolheu, olhando nervoso para Dorrien. O jovem mago não disse nada quando Akkarin subiu na sela. Sonea se aproximou do outro cavalo e conseguiu se içar para o dorso dele. Akkarin se virou para trás para encarar Dorrien.

— Você primeiro — o Curador disse.

O cavalo de Sonea seguiu quando Akkarin virou a montaria e a incitou em direção à estrada. Eles viajavam em fila única, tornando impossível uma conversa em particular. Durante todo o caminho na floresta, ela podia sentir os olhos de Dorrien nas suas costas.

Ao chegarem à estrada, Sonea puxou as rédeas para o cavalo diminuir o passo. Quando ele estava andando ao lado do cavalo de Dorrien, ela olhou para o Curador, mas de repente não conseguia pensar no que dizer. Seria muito fácil enraivecê-lo ainda mais.

Ela relembrou os dias que havia passado com ele no Clã. Parecia tanto tempo atrás. Será que ele havia esperado reconquistar seu interesse algum dia? Embora ela não tivesse feito nenhuma promessa, sentiu uma pontada de culpa. O coração dela era de Akkarin. Ela nunca havia sentido algo tão forte por Dorrien.

— Eu não acreditei em Rothen de início quando ele me contou — Dorrien murmurou.

Sonea se virou para olhar para ele, surpresa de que houvesse quebrado o silêncio.

Ele estava observando Akkarin.

— Eu ainda não posso — ele franziu bem a testa. — Quando ele me contou o motivo de Akkarin ter tomado sua guarda dele, entendi por que você colocou uma distância entre nós. Você achou que eu poderia ver quão infeliz estava e começar a fazer perguntas. — Ele olhou para ela. — Era isso, não era?

Ela concordou com a cabeça.

— O que aconteceu? Quando ele a afastou de nós?

Ela sentiu outra pontada de culpa.

— Cerca... de dois meses atrás ele me pediu para ir com ele para a cidade. Eu não queria ir, mas achei que poderia aprender algo que o Clã pudesse usar contra ele. Ele me levou para ver um homem... um homem sachakano... e me ensinou como ler a mente do homem. O que eu vi só poderia ser a verdade.

— Você tem certeza? Se o homem acreditasse em coisas que eram erradas, você...

— Eu não sou boba, Dorrien. — Ela o encarou nos olhos. — As memórias do homem não podiam ser falsas.

Ele franziu a sobrancelha.

— Prossiga.

— Uma vez que soube desses ichanis, e que seu líder apenas precisava provar que o Clã era fraco para juntar aliados suficientes para invadir, eu não podia ficar

parada e deixar Akkarin fazer todo o trabalho. Eu pedi... não, eu insisti... para que ele me deixasse me juntar a ele.

— Mas... *magia negra,* Sonea. Como você pôde aprender tal coisa?

— Não foi uma escolha fácil. Eu sabia que era uma responsabilidade terrível e um grande risco. Mas se os ichanis atacassem, o Clã seria destruído. Eu provavelmente iria morrer de qualquer forma.

Dorrien torceu o nariz como se tivesse sentido um cheiro ruim.

— Mas é maligna.

Ela balançou negativamente a cabeça.

— O Clã antigo não achava isso. Eu não tenho certeza de que acho também. Por outro lado, não ia querer que o Clã começasse a usá-la de novo. Se eu imagino Fergun ou Regin utilizando esse tipo de poder... — ela estremeceu. — Não é uma boa ideia.

— Mas você se considera digna?

Ela franziu a testa. A pergunta ainda a perturbava.

— Eu não sei. Espero que sim.

— Você admitiu usá-la para matar.

— Sim. — Ela suspirou. — Você acredita que eu faria algo assim só para me tornar mais forte? Ou acha que eu tinha um bom motivo?

Ele desviou o olhar para Akkarin.

— Eu não sei.

Ela seguiu seu olhar. O cavalo de Akkarin estava andando vinte passos à frente.

— Mas você acha que Akkarin mataria por poder, não é?

— Sim — Dorrien admitiu. — Ele confessou ter matado muitas vezes antes.

— Se ele não tivesse feito isso, ainda seria um escravo em Sachaka... ou estaria morto... e o Clã teria sido atacado e destruído anos atrás.

— Isso se ele estiver falando a verdade.

— Ele está.

Dorrien balançou a cabeça negativamente e olhou para a floresta.

— Dorrien, você precisa contar ao Clã que os ichanis estão vindo — ela insistiu. — E... nos deixar permanecer neste lado das montanhas. Os ichanis sabem que atravessamos ontem à noite. Se voltarmos, vamos ser mortos.

Ele se virou para encará-la, a expressão oscilando entre temor e descrença.

Então, uma figura surgiu na estrada na frente deles.

Sonea reagiu instintivamente, mas o escudo que formou ao redor dela e de Dorrien foi destruído por um poderoso ataque de força. Ela sentiu que era jogada para trás, e o chão expulsou o ar de seus pulmões. Ela ouviu Dorrien praguejar próximo, em seguida cascos soaram altos em volta dela e ela lançou outro escudo. Um relincho estridente foi seguido pelas rápidas batidas de cascos, que foram ficando cada vez mais distantes conforme os cavalos fugiam.

“Levante-se”, ela falou para si mesma. “Levante-se e encontre Akkarin!”

Ela rolou o corpo e se esforçou para se pôr de pé. Pelo canto do olho, viu Dorrien agachado próximo. Akkarin estava parado a vários passos de distância.

Entre ela e Akkarin, encontrava-se Parika.

Sonea sentiu o estômago embrulhar e revirar de medo. Akkarin não era forte o suficiente para enfrentar um ichani. Nem mesmo a ajuda dela e de Dorrien faria alguma diferença.

O ar reluziu conforme Akkarin atacou o ichani. Parika retaliou com ataques poderosos.

— Sonea.

Ela olhou para Dorrien enquanto ele se movia para seu lado.

— Esse é um ichani?

— Sim. Seu nome é Parika. Você acredita em mim agora?

Ele não respondeu. Ela agarrou o pulso dele.

— Akkarin não é forte o suficiente para lutar contra ele. Nós temos que ajudar.

— Muito bem. Mas eu não vou matar, a não ser que tenha certeza de que ele é o que você diz que é.

Eles atacaram juntos, atingindo o escudo do ichani. O ichani fez uma pausa, depois olhou por sobre o ombro. Seus lábios se curvaram numa expressão de desdém conforme seu olhar caiu sobre Dorrien. Então, seus olhos passaram para Sonea. O desdém se transformou num sorriso malicioso. Ele virou as costas para Akkarin e começou a andar em direção a ela.

Sonea recuou. Ela investiu com ataque após ataque, porém eles não pareciam deter seu avanço. Rajadas vieram de Dorrien, mas seus esforços pareciam não ter efeito também. Akkarin continuou a golpear o escudo de Parika, porém o ichani o ignorou.

Dorrien começou a se afastar dela, e Sonea percebeu que ele estava esperando desviar a atenção de Parika. O ichani o ignorou por completo. Conforme os ataques dele ficavam mais poderosos, ela permitiu que ele a afastasse da estrada.

“Pense”, ela falou para si mesma. “Deve haver um jeito de sair dessa. Lembre-se das lições de Lorde Yikmo.”

Ela atacou o escudo de Parika por todas as direções e viu que ele permanecia inteiro e impenetrável. Ela pensou em todo tipo de ataques falsos e truques que havia usado em aulas, mas a maioria se baseava na possibilidade de o adversário tentar economizar poder enfraquecendo seu escudo. Tudo que ela podia fazer era enganá-lo para que gastasse sua força.

Então, Dorrien se posicionou entre ela e o ichani. A expressão de Parika se fechou. Ele parou e enviou várias rajadas de poder contra o Curador. Dorrien cambaleou para trás, o escudo oscilando. Sonea se apressou para a frente e estendeu o escudo dela sobre o dele. Quando ela fez isso, sentiu seus próprios poderes começarem a diminuir. Dorrien pegou seu braço.

— Ele é muito forte!

— Sim, e eu não posso fazer isso por muito mais tempo.

— Nós temos que fugir daqui — ele agarrou o braço dela e a puxou para trás na estrada.

— Mas Akkarin...

— Está indo bem o suficiente. Não podemos fazer mais nada.

— Ele não é forte o suficiente.

— Então, estamos todos perdidos.

Outra rajada a sacudiu. Ela deixou Dorrien puxá-la para correrem. O próximo ataque os jogou para a frente. Ela puxou mais poder de si e sabia que era o fim de sua força.

Quando o ataque seguinte estraçalhou seu escudo, ela arfou. Olhando por cima do ombro, viu Parika andando em direção a ela. Akkarin estava se apressando atrás deles. Ela começou a correr.

Então, uma força atingiu sua lateral. Ela viu o ar ser expulso dos pulmões e sentiu o chão colidir com o ombro. Por um instante, só conseguiu ficar deitada de costas, atordoada pelos dois choques. Em seguida, forçou-se a se erguer apoiando-se nos cotovelos.

Dorrien se encontrava a vários passos de distância, parado e pálido. Alarmada, tentou se levantar, mas outro golpe a deixou estatelada. Ela sentiu a ferroada de um escudo deslizando sobre ela e seu coração congelou de medo. Uma mão agarrou seu braço e a puxou para que ficasse de joelhos. Parika a encarou, a boca se contorcendo num sorriso cruel. Ela o encarou de volta cheia de horror, sem acreditar em sua situação.

“Não pode terminar assim!”

O escudo do ichani vibrou conforme era atingido repetidas vezes. Ela vislumbrou Akkarin parado a apenas alguns passos de distância, a expressão terrível. O ichani deixou de agarrar seu braço para agarrar o pulso, depois enfiou a outra mão na capa.

Quando ela viu a faca curvada que ele retirou, sua mente ficou branca de medo. Ela se debateu inutilmente. Então, a dor da lâmina cortando a pele trouxe uma memória de outro corte que ela havia feito.

— Cure-se — Akkarin instruiu. — Sempre se cure sem atraso. Mesmo cortes semicurados são uma quebra na sua barreira.

Ela não tinha nenhum poder restante, mas, enquanto ainda estava viva, havia sempre um pouco à disposição. E curar um corte tão pequeno exigia apenas... *isso!*

Parika parou. Ele encarou o braço dela. A lâmina desceu e tocou a pele de novo. Ela concentrou sua vontade e sentiu a dor sumir. Os olhos do ichani se arregalaram. Ele a cortou de novo, mais fundo, e fez um barulho de quem não estava acreditando conforme a ferida selava-se diante de seus olhos.

“Eles não sabem como curar.” Ela sentiu-se vitoriosa por um instante, mas a sensação sumiu rápido. Não podia continuar se curando para sempre. Com o tempo, ia ficar exausta demais para fazer aquilo.

Mas talvez houvesse outra maneira de usar aquela habilidade para sua vantagem?

“É claro que havia”.

Ele estava segurando seu pulso. Pele contra pele. Isso o tornava tão vulnerável aos seus poderes de cura quanto ela era à magia negra. Fechando os olhos, enviou sua mente para fora, para seu braço. Ela quase perdeu a concentração quando sentiu a ardência de outro golpe. Fazendo uma pausa apenas para curar a si mesma, ela mergulhou mais fundo no corpo dele. Para o ombro. Para o peito. Ela sentiu a dor de outro corte...

“Ali”, ela pensou em triunfo. “Seu coração”. Com o resto de suas forças, ela o pegou e torceu.

O ichani deu um meio grito, meio soluço e a largou. Ela caiu para trás e lutou para se afastar ao mesmo tempo que ele tombava de joelhos, agarrando o peito.

Ele permaneceu congelado. Às portas da morte. Ela observou, fascinada,

quando seu rosto lentamente ficou azul.

— Afaste-se dele!

Sonea pulou de susto com o grito de Akkarin. Ele se jogou para a frente e pegou a faca do ichani de onde o homem a havia largado. Com um movimento do braço, cortou a nuca do homem e pressionou a mão contra a ferida.

Percebendo o que ele estava fazendo, Sonea relaxou. Não havia problema em Akkarin tomar o poder remanescente de Parika. Os ichanis iam morrer de qualquer jeito, e ele podia até ter bastante força restante.

Então, o significado das palavras de Akkarin foi entendido por ela. Se Parika morresse com magia ainda dentro dele, esse poder iria consumir seu corpo e provavelmente explodir tudo ao redor. Ela se pôs de pé apressada e se afastou.

Akkarin se endireitou. Ele soltou a faca e deixou Parika cair ao chão. Alguns passos depois, ele estava puxando Sonea para junto de si, seus braços espremendo o ar para fora dos pulmões dela.

— Eu achei que havia perdido você — ele suspirou numa voz rouca. Respirou fundo, estremecendo ao fazê-lo. — Você devia ter corrido assim que ele apareceu.

Ela sentia-se contundida e exausta, mas magia de cura fluiu de Akkarin e ela sentiu sua força retornar.

— Eu lhe disse. Não vou deixá-lo. Se for para morrermos, vamos morrer juntos.

Ele se afastou um pouco e olhou para ela, achando graça.

— Isso é muito lisonjeiro, mas e quanto a Dorrien?

— *Dorrien!*

Ele praguejou e se voltou para encarar Dorrien, deitado a vários passos de distância. Eles correram para o lado do Curador. Os olhos de Dorrien estavam abertos e sem foco de dor.

Akkarin colocou uma mão na cabeça do Curador.

— Você está bem machucado — ele disse. — Fique parado.

Os olhos de Dorrien se voltaram para Akkarin.

— Economize sua força — ele sussurrou.

— Não seja ridículo — Akkarin respondeu.

— Mas...

— Feche os olhos e me ajude — Akkarin disse severo. — Você conhece essa disciplina melhor do que eu.

— Mas...

— Você é mais útil para mim vivo do que morto, Dorrien — Akkarin disse seco, com uma pitada de tom de comando. — Você pode repor a força que eu usar para ajudá-lo mais tarde, se quiser.

Dorrien arregalou os olhos ao compreender o que ele estava dizendo.

— Oh — ele fez uma pausa, depois olhou para Sonea. — O que aconteceu com o sachakano?

Sonea sentiu o rosto esquentar. Usar o poder de cura para matar parecia o pior abuso dessa disciplina.

— Ele está morto. Eu lhe conto mais tarde.

Dorrien fechou os olhos. Observando-o de perto, Sonea viu a cor lentamente voltar ao rosto dele.

— Deixe-me adivinhar — Akkarin disse baixinho. — Você parou o coração dele.

Ela levantou os olhos e viu que ele a observava. Ele acenou com a cabeça para Dorrien. — Ele está fazendo toda a cura agora. Só estou fornecendo a força. — Ele olhou para o sachakano. — Estou certo?

Sonea olhou para Dorrien e concordou com a cabeça.

— Você disse que Parika não ia entrar em Kyralia.

Akkarin franziu a sobrancelha.

— Talvez ele quisesse vingança pela morte de seus escravos. Escravos fortes são raros e os ichanis ficam bravos se um é morto ou tomado deles. É como perder um cavalo puro-sangue. Eu não sei por que ele se importou, no entanto. Faz horas desde que chegamos e ele devia saber que seria difícil nos encontrar uma vez que deixássemos a estrada.

Dorrien se mexeu e abriu os olhos.

— Isso basta — ele disse. — Eu sinto como se tivesse sido esmagado em pedacinhos e então montado de novo, mas vou viver.

Ele cuidadosamente se apoiou nos cotovelos. Seu olhar se desviou para o ichani morto. Um calafrio passou por ele e ele olhou para Akkarin.

— Eu acredito em você. O que quer que eu faça agora?

— Afaste-se da Passagem. — Akkarin ajudou Dorrien a se levantar. — E mande um aviso ao Clã. Você em algum...

— *Lorlen!*

— *Makin?*

— *Estranhos estão atacando o forte!*

Sonea encarou Akkarin. Ele olhou de volta para ela. Uma imagem de uma estrada passou pela mente de Sonea, vista de cima. Ela a reconheceu como a estrada no lado sachakano do forte. Vários homens e mulheres, vestidos em roupas semelhantes às de Parika, estavam num fileira. O ar fulgurava com seus ataques.

— Tarde demais para avisos — Dorrien murmurou. — Eles já estão aqui.

Capítulo 28

Começa a Invasão

Quando olhou ao redor para a multidão, Cery sentiu uma pequena pontada de inveja. Os dois Ladrões cujo território incluía o Mercado, Sevli e Lime eram homens bem ricos, e naquele dia não era difícil ver por quê. A luz brilhante do sol reluzia de uma torrente infindável de moedas passadas dos clientes para os donos das barracas e uma pequena parte dessa renda recebida em troca de serviços rapidamente se mostraria uma fortuna.

Um garçom se aproximou da mesa e colocou duas xícaras. Savara tomou um gole da dela, fechou os olhos e suspirou.

— Vocês têm raka boa aqui — ela disse. — Quase tão boa quanto a nossa.

Cery sorriu.

— Eu devia conseguir alguma de Sachaka, então.

Ela levantou uma sobrancelha como aviso.

— Isso seria caro. Não muitos mercadores arriscam viajar pelas terras desoladas.

— Não? Por que isso acontece?

Ela fez um gesto apontando para os arredores.

— Nós não temos nada como isso. Nenhum mercado. Cada ashaki tem muitas centenas de escravos...

— Ashaki?

— Homens livres poderosos. Escravos providenciam quase tudo que eles precisam. Eles cuidam dos campos, fazem roupas, cozinham, limpam, entretêm, fazem quase tudo o que o ashaki precisa. Se um escravo tem um talento especial,

como fazer belas cerâmicas, ou o ashaki é dono de uma mina ou produz mais de uma colheita do que pode usar, ele vai negociar com outros ashakis.

— Então, por que mercadores se dão ao trabalho de ir lá?

— Se conseguem atrair um comprador, eles podem ter um lucro considerável. Vendendo artigos de luxo, em geral.

Cery pensou no tecido da barraca ao lado. Ele havia aparecido nos mercados um ano atrás, depois que um dos artesões inventara uma maneira de tornar a superfície do tecido lustrosa.

— Parece que não há vantagem para sachakanos em inventarem uma maneira melhor de fazer algo.

— Não, mas um escravo pode inventar, se tiver ambição ou se quiser ser recompensado. Ele pode tentar atrair atenção criando algo belo e incomum.

— Então, só coisas boas ficam melhores.

Ela balançou negativamente a cabeça.

— Maneiras de processar ou de fazer produtos comuns melhorarem, se a mudança for simples. Um escravo pode pensar numa maneira mais rápida de colher raka se seu mestre quiser que isso seja feito mais rápido. E este vai bater nele se ele falhar.

Cery franziu a testa.

— Eu gosto mais do nosso jeito. Por que bater em alguém, quando a ganância ou a necessidade de alimentar uma família vai fazer um homem trabalhar de maneira mais inteligente e rápida?

Savara riu baixinho.

— Essa é uma opinião interessante, vinda de um homem na sua posição. — Ela ficou séria. — Gosto mais da maneira de vocês também. Você não vai beber sua raka?

Cery fez que não com a cabeça.

— Você teme que alguém vá reconhecê-lo e colocar veneno.

Ele deu de ombros.

— Ela já esfriou de qualquer forma. — Ela se levantou. — Vamos continuar.

Eles andaram até o fim da fileira de barracas, onde ela parou numa mesa repleta de jarras e garrafas.

— Para que é isso?

O recipiente que ela tinha pegado continha dois sevlis em conserva, flutuando num líquido verde.

— Uma chave para as portas do prazer — o dono da barraca respondeu. — Um gole e você terá a força de um lutador. — Ele abaixou a voz. — Dois, e você vai sentir prazeres que duram um dia e uma noite. Três, e os sonhos que você terá...

— Vão se tornar pesadelos, que não vão parar por dias — Cery terminou. Ele tirou a jarra da mão dela e colocou-a de volta na banca. — Nem que me pagasse eu iria... Savara?

Ela estava encarando um ponto distante, o rosto pálido.

— Começou — ela disse, tão baixinho que ele mal a ouviu. — Os ichanis estão atacando o Forte.

Ele sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Pegando o braço dela, puxou-a para longe da barraca e de qualquer um que pudesse ouvir aquilo.

— Você consegue ver?

— Sim — ela disse. — Os magos do Clã estão enviando imagens mentais. — Ela fez uma pausa e seus olhos se concentraram além do mercado. — O primeiro portão acabou de cair. Podemos ir para algum lugar tranquilo para eu poder assistir sem ser interrompida? Algum lugar próximo?

Cery olhou para Gol e descobriu seu subordinado parado próximo, comendo um pachi. Fez um sinal rápido na língua de sinais dos Ladrões. Gol concordou com a cabeça e começou a ir em direção à Marina.

— Eu tenho o lugar perfeito — Cery falou a Savara. — Acho que você vai

gostar. Já esteve num barco?

— Você tem um *barco?* — ela sorriu. — É óbvio que você ia ter.

Uma imagem de oito homens e mulheres ricamente vestidos, vistos de cima, relampejou na mente de Dannyl. Cada um estava atacando um ponto em algum lugar abaixo de Lorde Malkin, o mago que enviava a mensagem.

A cena mudou para além dos atacantes até uma multidão de homens e mulheres parados vários passos atrás deles. Eles estavam vestidos com roupas simples e gastas e alguns seguravam cordas amarradas aos colares de pequenos animais semelhantes a limeks.

“Essas pessoas são os escravos dos quais Akkarin falou?”, Dannyl se perguntou.

A cena ficou borrada, os atacantes estavam à vista de novo. Eles haviam parado de atacar o Forte e se aproximavam com cautela.

— O Capitão diz que o primeiro portão foi destruído. Os sachakanos estão entrando no forte. Nós estamos descendo para nos opor a eles.

Na pausa que se seguiu ao chamado de Makin, as imagens pararam e Dannyl ficou ciente dos seus arredores de novo. Ele olhou em volta na sala. Durante a última hora, havia se entretido com uma discussão entre Lorde Peakin, Chefe de Estudos Alquímicos, e Lorde Davin, o mago que tinha sugerido reconstruir a Torre de Vigia. Os dois estavam encarando um ao outro com desespero, a briga esquecida.

— Nós estamos em posição — Makin reportou. — *Eles estão atacando a porta interior agora.*

A imagem que se seguiu foi a de um corredor escurecido bloqueado por uma parede de pedra. O corredor vibrou com o som de dois impactos. Makin e os guerreiros ao lado dele mantinham um escudo preparado.

Então, a parede explodiu para dentro. O escudo recebeu uma saraivada de escombros, em seguida foi coberto por uma nuvem de fumaça. No meio da

neblina, vieram ataques e outra explosão castigou o corredor.

— *Nós atacamos os sachakanos por baixo usando um chão falso* — Makin explicou.

Imagens confusas se seguiram. Flashes de luz iluminaram a poeira além do escudo, mas não revelaram nada. Uma sombra apareceu em meio à nuvem e o ataque ao escudo dos Guerreiros continuou. Dois magos cambalearam para trás, claramente exaustos.

— *Retrocedam. Para a porta!*

Os Guerreiros fugiram apressados por um conjunto de portas de metal. Makin deu um impulso às portas para que se fechassem e usou magia para atrair enormes ferrolhos das paredes para trancá-las.

— *Reportem* — Makin ordenou.

Uma mistura de imagens e mensagens desordenadas se seguiu.

— *A maioria de nós está morta... eu posso ver cinco... não, seis corpos e...*

— *Eles estão dentro do Forte!* — uma imagem de uma porta pendurada por uma dobradiça só invadiu a mente de Dannyl e ele viu um sachakano andando rápido por um corredor em direção a ele.

— *Corra!*

— *Voltem! Eu estou preso!*

Mãos se esticaram na poeira. Numa delas havia uma lâmina curvada. Uma sensação de pânico incontrolável se seguiu... e então nada.

Os nomes dos Guerreiros foram chamados, conforme amigos e familiares no Clã ignoravam a proibição de comunicação mental. Uma confusão de vozes mentais se seguiu.

— *Por favor, fiquem em silêncio!* — Balkan gritou acima do pânico. — *Não posso ajudá-los se não puder ouvi-los. Makin?*

Uma imagem de portas de metal penetrou por entre as outras comunicações dos magos. Elas estavam brilhando vermelhas, enchendo o corredor de calor.

Lentamente, o centro se derreteu.

— *Para trás* — Makin ordenou. — *Para trás da parede. Deixe-os desperdiçarem sua força.*

Os Guerreiros se apressaram em ir para além de uma parede que estava bloqueando metade do corredor. Eles se reuniram atrás dela. A tábua de pedra começou a se mover. Ela deslizou para se enfiar numa lacuna na parede. Ouviu-se um baque alto quando o mecanismo dentro das paredes laterais se encaixou.

Os magos esperaram.

— *Se eles passarem por isso* — Makin enviou —, *vamos atingi-los com tudo que nos resta.*

Chamados mentais de outros magos pontuavam o silêncio tenso do corredor. Dannyl estremeceu quando, um por um, os três magos remanescentes no Forte foram mortos.

Então, sem aviso, a parede de pedra estourou. Os Guerreiros haviam deixado o escudo sumir para economizar força. A comunicação de Makin oscilou quando algo acertou sua têmpora, mas se fortaleceu de novo quando ele gastou um pouco de poder de cura consigo mesmo. Ele se juntou àqueles que haviam levantado um escudo, então olhou ao redor e viu que dois dos Guerreiros estavam deitados no chão.

O ataque ao seu escudo não tinha sido nem um pouco mais fraco do que antes. Os Guerreiros cambalearam para trás conforme cada um sucumbia à exaustão. Makin sentiu uma terrível sensação de descrença quando sua própria força falhou. O escudo foi destroçado e mais dois magos caíram devido a ataques.

— *Fujam!* — Balkan gritou. — *Vocês fizeram tudo que podiam.*

Figuras vieram andando da nuvem de poeira. Makin saiu do caminho quando a primeira o alcançou. O homem lançou um olhar desdenhoso para ele e passou direto.

— *Se a guarda tivesse seguido as ordens, a última porta devia ter sido trancada quando o primeiro tombou* — Makin enviou.

O líder sachakano parou diante da porta. Mais seis sachakanos passaram por Makin para se juntar à luz do sol.

— Bem-vindos a Kyralia — o líder disse, olhando para os companheiros. Então, virou-se e encarou o corredor. Seus olhos se voltaram abruptamente para Makin. — Você. É você que está enviando essas imagens.

Uma força invisível puxou Makin para a frente. Dannyl sentiu o medo de Makin, em seguida a comunicação do mago parou de forma repentina.

Dannyl piscou e se descobriu encarando o ambiente ao seu redor de novo. Peakin cambaleou até uma cadeira e se deixou cair nela.

— É verdade — ele disse sem ar. — Akkarin estava certo. — Houve um estalido de papel. Dannyl olhou para Davin. O mago estava encarando sua planta enrolada. Ela estava esmagada no meio onde ele havia apertado com força. Ele a desenrolou e a desamassou, depois deixou que ela voltasse a ser um rolo de papel meio amassado.

Vendo o brilho de lágrimas nos olhos do Alquimista, Dannyl desviou o olhar. O homem havia trabalhado por anos para ter seus métodos de previsão do tempo aceitos. Que sentido havia em construir a Torre de Vigia agora?

Dannyl olhou para fora da janela. Aprendizes e magos estavam parados sozinhos ou em grupos nos jardins abaixo, congelados feito estátuas. Apenas alguns criados ainda andavam por ali, desconcertados e ao mesmo tempo perturbados pelo estranho comportamento dos magos.

Então, uma nova imagem do Forte chegou àqueles que tinham o dom de vê-la.

Quando a comunicação de Makin se encerrou, Lorlen se descobriu agarrando a grade da sacada com força. Seu coração estava disparado reagindo ao último momento de terror do Guerreiro.

— Administrador?

Lorlen se virou para encarar o Rei. O homem estava pálido, mas seu rosto se mostrava duro de raiva e determinação.

— Sim. Majestade?

— Convoque Lorde Balkan.

— Sim, Majestade.

Balkan respondeu ao chamado mental de Lorlen imediatamente.

— *O Rei quer que você venha ao Palácio.*

— *Eu pensei que ele iria querer isso. Já estou a caminho.*

— Ele está vindo — Lorlen disse.

O Rei balançou a cabeça positivamente. Virou-se e andou de volta para a torre do Palácio. Lorlen o seguiu, depois congelou quando uma nova imagem do Forte apareceu em sua mente. Ele sentiu algo duro contra sua garganta. Forçando a atenção de volta aos arredores reais, viu que os Conselheiros do Rei haviam ambos colocado a mão na garganta.

O rei olhou para os três.

— O que foi?

— Lorde Makin ainda está vivo — Lorde Rolden respondeu.

O Rei agarrou a mão do mago e a pressionou contra sua testa.

— Mostre-me — ele ordenou.

A imagem que Makin estava enviando era do Forte de novo, mas vista de fora. Uma pequena multidão de sachakanos vestidos com roupas simples apressava-se em sair do prédio, alguns guiando pequenos animais semelhantes a limeks.

Uma voz falou no ouvido de Makin.

— Isso mesmo. Diga isso a eles. Eu vou...

— Kariko! Veja o que encontrei — uma mulher chamou.

A voz veio de dentro do Forte. Um mago do Clã cambaleou do corredor e caiu de joelhos. Lorlen reconheceu Lorde Fergun no mesmo instante. “É claro”, ele pensou. “Fergun foi mandado para longe...”

Makin sentiu surpresa e em seguida raiva. O ataque havia acontecido tão rápido que ele não tinha percebido a ausência do Guerreiro desonrado.

Uma mulher sachakana numa capa brilhante entrou no prédio. Ela parou ao lado de Fergun e olhou para Makin.

— Bonito, não?

— Você não pode ficar com ele, Avala — disse a voz no ouvido de Makin.

— Mas ele é *fraco*. Eu não acredito que eles se deram ao trabalho de ensiná-lo. Ele provavelmente não consegue fazer água ferver.

— Não, Avala. Ele pode ser fraco, mas sabe enviar informações.

A mulher esticou a mão e passou os dedos pelo cabelo de Fergun, então puxou a cabeça dele para trás.

— Eu podia quebrar seus ouvidos. Ele não ia ser capaz de nos ouvir.

— E queimar seus olhos bonitos também?

Ela fez uma careta.

— Não. Isso iria estragá-lo.

— Mate-o, Avala. Você vai encontrar outros homens bonitos em Imardin.

Avala fez biquinho e deu de ombros. Pegou uma faca e cortou a garganta de Fergun. Seus olhos se arregalaram e ele tentou se afastar, mas estava claro que era fraco demais para conseguir se soltar. Ela colocou uma das mãos sobre o corte e Fergun ficou flácido. Depois de um instante, a mulher o soltou e ele caiu no chão.

Ela pulou por cima do corpo dele e se aproximou de Makin, embora seus olhos estivessem fixos no sachakano atrás dele.

— Então, para onde vamos agora?

— Imardin — Kariko respondeu. Ele pressionou a faca com mais força contra a garganta de Makin. — Agora escute, mago. Conte a seu Clã que vou vê-los em breve. Se abrirem os portões para mim, posso deixá-los viver. Bem, alguns deles,

de qualquer forma. Espero enormes boas-vindas. Presentes, escravos. Ouro...

A faca se moveu. Houve uma pontada de dor.

Lorlen arfou quando sua percepção voltou de maneira abrupta aos seus arredores. “Acabamos de perder vinte magos em menos de uma hora! Vinte dos nossos melhores Guerreiros...”

— Sente-se, Administrador.

Lorlen olhou para o Rei. Sua voz era inesperadamente gentil. Ele se permitiu ser conduzido para uma cadeira. O Rei e seus Conselheiros tomaram assentos em ambos os lados.

O governante esfregou a testa e suspirou.

— Essa não é a maneira que eu teria escolhido para descobrir que as afirmações de Akkarin eram verdadeiras.

— Não — Lorlen concordou. Memórias da batalha ainda lampejavam por seus pensamentos.

— Eu preciso fazer uma escolha — o Rei continuou. — Ou deixo um ou mais magos aprender magia negra ou peço a Akkarin para voltar e nos ajudar. O que você escolheria, Administrador?

— Eu chamaria Akkarin de volta — Lorlen respondeu.

— Por quê?

— Nós sabemos que ele falou a verdade.

— Sabemos? — o Rei perguntou baixinho. — Ele pode ter nos dado apenas parte da verdade. Ele pode ter formado uma aliança com esses magos.

— Por que ele enviaria uma mensagem avisando do ataque?

— Para nos enganar. Ele disse que atacariam em alguns dias, não hoje.

Lorlen concordou com a cabeça.

— Eu acho que ele pode simplesmente ter se enganado. — Ele se inclinou para a frente e encarou o olhar do monarca. — Eu acredito que Akkarin é

honrado. Acredito que ele partiria de novo depois de nos ajudar, se pedíssemos. Por que fazer um de nós aprender magia negra, alguém que não poderíamos mandar para longe depois, já que não teríamos justificativa para isso, quando podemos chamar alguém que já tem essa habilidade?

— Porque eu não confio nele.

Lorlen sentiu os ombros caírem. Não havia como discutir com isso.

— Eu fiz essa pergunta aos Chefes das Disciplinas — o Rei disse. — Eles concordaram comigo. Lorde Sarrin é minha preferência, mas não vou tomar essa decisão pelo Clã. Faça uma votação.

Ele se levantou e andou até a porta aberta da sacada.

— Há outro motivo mais prático para minha escolha — ele continuou. — Akkarin está em Sachaka. Ele pode não ser capaz de nos alcançar a tempo. Lorde Sarrin acredita que Sonea aprendeu magia negra em uma semana, apesar de aulas e outras atividades tomarem seu tempo. Se um mago dedicar-se totalmente a essa tarefa, deve aprender mais rápido. Eu... — uma batida na porta o interrompeu. — Entre.

Um garoto se apressou em entrar e se pôs de joelhos.

— Lorde Balkan para vê-lo, Majestade.

O Rei concordou e o garoto saiu. Balkan entrou e se ajoelhou diante do Rei.

— À vontade. — O Rei deu um sorriso sério. — Chegou bem na hora, Lorde Balkan.

— Achei que poderia querer falar comigo, Majestade — Balkan respondeu enquanto se levantava. Ele olhou para Lorlen e cumprimentou com a cabeça educadamente. — Ficou sabendo que o Forte foi tomado?

— Sim — o Rei respondeu. — Decidi que um mago receberá permissão para aprender magia negra. O Clã vai nomear candidatos e escolher um por votação. Se os sachakanos chegarem perto de Imardin antes de o mago que você selecionar ter aprendido magia negra, os reforços que você enviou ao Forte vão enfrentá-los.

Lorlen encarou o monarca. Ele estava mandando esses magos para a morte.

— Precisamos deles aqui, Majestade, para que o mago que for escolhido possa aumentar sua força tão rápido quanto possível.

— Você não vai ordenar que eles ataquem os sachakanos até ficar claro que vamos precisar atrasar o inimigo. — O Rei se voltou para Balkan. — Você sugere alguma estratégia que possa de outra forma retardar ou enfraquecer o inimigo?

O Guerreiro fez que sim com a cabeça.

— Nós podemos tirar vantagem das defesas da cidade. Todo obstáculo que os sachakanos tiverem que superar vai usar parte da força deles.

— E quanto à Guarda? Eles podem ser usados?

Balkan balançou a cabeça negativamente.

— Temo que sejam facilmente usados contra nós.

O Rei franziu a testa.

— De que maneira?

— Qualquer não mago com poder mágico latente é uma fonte de força potencial. Recomendo manter todos os não magos bem longe do caminho.

— Talvez eu deva mandá-los para fora de Imardin.

Balkan fez uma pausa e em seguida concordou com a cabeça.

— Se for possível.

O Rei deu uma risada curta.

— Depois de a notícia de que vários magos negros sachakanos estão prestes a atacar Imardin se espalhar, a cidade vai se esvaziar sem nenhum pedido meu. Eu vou empregar a Guarda para manter a ordem e para garantir que todos os navios que deixem a Marina carreguem um número razoável de pessoas evacuadas. Então, vou mandá-los para longe. Você tem alguma outra recomendação?

Balkan balançou a cabeça negativamente.

— Fique comigo. Quero que discuta fortificações com a Guarda. — O rei se virou para encarar Lorlen. — Administrador. Retorne ao Clã e organize a seleção de um mago negro. Quanto mais cedo ele ou ela começar, mais bem preparados estaremos.

— Sim, Majestade.

Lorlen se levantou, ajoelhou-se e saiu da sala.

***

— O que faremos agora?

Rothen se virou para encarar Raven. A expressão do espião era severa.

— Eu não sei — Rothen confessou. — Obviamente, não preciso entrar em Sachaka agora.

— Mas descobrir se os ichanis existiam não era seu único motivo para ir. Você ainda pode procurar Sonea.

— Sim. — Rothen desviou o olhar para o nordeste. — Mas o Clã... Kyralia... vai precisar de todos os magos que tem para lutar contra esses sachakanos. Sonea... Sonea pode precisar da minha ajuda, mas ajudá-la não vai salvar Kyralia.

Raven observou Rothen em silêncio e ansioso. Rothen sentia uma dor no peito, como se seu coração estivesse sendo puxado em duas direções.

“Os ichanis existem”, ele pensou. “Akkarin não estava mentindo. Sonea não foi enganada.” Ele sentiu uma torrente de alívio nesse momento, sabendo que as decisões que ela havia tomado tinham sido por boas razões, mesmo que não fossem as certas.

“Sonea está em Sachaka. Os ichanis estão aqui. Ela está segura, talvez, por enquanto. Se eu ajudar o Clã, talvez ela tenha um lar para o qual retornar.”

— Eu vou ficar — ele disse em voz alta. — Vou retornar a Imardin.

Raven assentiu com a cabeça.

— Podemos trocar a carroça e a mercadoria em Calia por dois cavalos descansados... se os reforços não tiverem tomado todos.

Os reforços. Lorde Yikmo e os outros não teriam chegado ao Forte ainda. Eles provavelmente iriam voltar a Imardin para se juntar ao resto do Clã.

— Talvez seja melhor eu esperar em Calia e me juntar aos reforços na sua volta — Rothen disse.

O espião concordou.

— Então, vamos nos separar ali. Foi uma honra trabalhar com você, Lorde Rothen.

Rothen conseguiu dar um sorriso tênue.

— Eu apreciei sua companhia e suas lições, Raven.

O espião riu com o comentário de Rothen.

— Você mente bem, Lorde Rothen. — Ele deu de ombros. — Mas, afinal, eu o treinei. Uma pena que essas lições não venham a ser colocadas em prática. Mas agora você precisa fazer o que foi treinado para fazer como mago. — ele olhou para Rothen. — Defender Kyralia.

Quando uma casinha minúscula apareceu entre as árvores, Sonea presumiu que era outra cabana de fazendeiro, mas, ao deixarem a estrada, Dorrien apontou orgulhoso para a construção.

— Meu lar.

Ele prendeu as rédeas do cavalo diante da casa. Os outros cavaleiros observaram nervosos quando Akkarin e Sonea desmontaram. Sonea guiou sua montaria para um dos homens.

— Obrigado pelo empréstimo — ela disse.

Eles lançaram um olhar desconfiado antes de tomar as rédeas. Ela voltou para o lado de Akkarin e observou quando Dorrien agradeceu aos homens e os mandou embora.

— Eles estão preocupados — Dorrien disse quando voltou. — Num instante, estou escoltando-os para fora de Kyralia, no seguinte, há um sachakano morto na estrada e eu mudei de ideia quanto a vocês.

— O que você falou a eles? — Akkarin perguntou.

— Que fomos atacados e você nos salvou. Que eu decidi que você merece uma noite de descanso e uma refeição em troca e que eu apreciaria se guardassem segredo disso.

— Eles vão guardar?

— Eles não são tolos. Sabem que algo importante está acontecendo, mesmo que não saibam os detalhes. Mas vão fazer o que pedi.

Akkarin balançou a cabeça positivamente.

— Nós estamos em dívida com eles. Se eles não tivessem pego os cavalos e voltado para nós, ainda estaríamos andando. Isso exigiu coragem.

Dorrien concordou com a cabeça.

— Entrem. A porta está destrancada. Se estiverem com fome, há um pouco de pão fresco e uma panela de resto de sopa. Vou me juntar a vocês assim que cuidar do meu cavalo.

Sonea seguiu Akkarin pela porta da cabana. Eles entraram numa sala tão larga quanto a construção. Uma bancada e estantes se encontravam num lado. Pelas cestas de verduras e frutas, assim como pelas panelas e utensílios espalhados, Sonea imaginou que era onde ele preparava as refeições. Várias cadeiras de madeira e uma grande mesa baixa preenchiam o resto da sala. Prateleiras cobriam as paredes e cada espaço era cheio de jarras, garrafas, caixas e livros.

Duas portas levavam a outros quartos. Uma estava aberta, permitindo um vislumbre de uma cama desarrumada.

Enquanto Akkarin passava para a área de cozinhar, Sonea sentou-se em uma das cadeiras e olhou tudo ao redor. “É tão desarrumado”, ela pensou. “Nem um pouco parecido com os aposentos de Rothen.”

Ela sentiu-se estranhamente calma. As imagens que Makin tinha enviado do Forte a haviam enchido de horror, mas agora, horas mais tarde, ela só se sentia entorpecida e cansada. Também experimentava um alívio peculiar.

“Eles sabem”, ela pensou. “O Clã... Rothen... todo mundo... sabe que nós falamos a verdade”.

“Não que vá ajudar agora.”

— Com fome?

Ela olhou para Akkarin.

— Pergunta boba.

Ele pegou duas tigelas, despejou sopa da panela nelas, então partiu dois pedaços de pão de um grande filão na bancada. Enquanto ele carregava as tigelas para a mesa, estas começaram a fumegar.

— Comida de verdade — Sonea murmurou quando Akkarin colocou a tigela em sua mão. — Não que eu não gostasse dos seus pratos — ela acrescentou. — Mas você estava meio limitado quanto aos ingredientes.

— Sim, não tenho os dons de Takan.

— Nem Takan teria feito melhor.

— Você ficaria surpresa. Por que acha que Dakova o manteve por tanto tempo?

Eles comeram em silêncio, saboreando a refeição simples. Dorrien entrou na sala bem quando Sonea havia colocado sua tigela vazia na mesa. Olhou para ela e sorriu.

— Boa?

Ela concordou com a cabeça.

Ele se jogou numa cadeira.

— Você devia dormir um pouco — Akkarin disse.

— Eu sei — Dorrien respondeu. — Mas não acho que consigo. Tenho

perguntas demais. — Ele balançou negativamente a cabeça. — Aquele mago... como vocês atravessaram a Passagem se ele a estava vigiando?

— Um pequeno logro — Akkarin respondeu. Quando ele começou a explicar, Sonea o observou com atenção. Ele parecia modificado. Não indiferente e distante. — Eu achei que Parika havia entrado em Kyralia com a intenção de nos encontrar, mas, quando o Forte foi atacado, vi que era parte da invasão.

— Ele era muito forte — Dorrien olhou para Sonea. — Como você o deteve?

Ela sentiu o calor marcar suas bochechas.

— Eu parei seu coração. Com magia de cura.

Dorrien pareceu surpreso.

— Ele não resistiu?

— Os ichanis não sabem curar, então ele não sabia que eu podia fazer isso com ele. — Ela estremeceu. — Nunca pensei que faria isso com alguém.

— Eu teria feito o mesmo no seu lugar. Afinal, ele estava tentando matá-la. — Ele olhou para Akkarin. — Parika era o único sachakano na passagem?

— Sim. Isso não significa que outros não aparecerão mais tarde, no entanto.

— Então, devo avisar os moradores.

Akkarin concordou.

— Os ichanis vão caçar pessoas que não sejam magos, em especial aqueles com talento mágico latente. — O Curador arregalou os olhos.

— Então, eles vão caçar fazendeiros e moradores das vilas do Forte até Imardin.

— Se o Clã for sensato, vai evacuar todas as vilas e fazendas na estrada. Kariko não vai deixar outros ichanis desperdiçarem tempo demais na jornada, no entanto. Ele vai estar preocupado com a possibilidade de o Clã mudar de ideia sobre mim e permitir que Sonea e eu voltemos a tempo de eu me fortalecer para enfrentá-lo.

Dorrien fez uma pausa e encarou Akkarin. Ele parecia estar digladiando consigo mesmo, então olhou para Sonea.

— O que vai acontecer se o Clã não o chamar de volta? O que eles podem fazer?

Akkarin balançou a cabeça negativamente.

— Nada. Mesmo que eles me chamem de volta e me permitam usar magia negra, não tenho tempo suficiente para me tornar tão forte quanto oito ichanis. Se eu fosse o Lorde Supremo agora, faria com que o Clã deixasse Imardin. Ensinaria magia negra a algumas pessoas selecionadas, então voltaria e tomaria Kyralia de volta.

Dorrien o encarou com horror.

— Abandonar Kyralia?

— Sim.

— *Tem* de haver outra maneira.

Akkarin balançou a cabeça negativamente.

— Mas você voltou. Por que faria isso se não pretende lutar?

Akkarin deu um sorriso fraco.

— Eu não espero ganhar.

Os olhos de Dorrien passaram para Sonea. Ela quase podia ouvi-lo pensar: “E você está nessa também?”

— O que você vai fazer? — ele perguntou baixinho.

Akkarin franziu a testa.

— Eu não decidi. Esperava voltar a Imardin em segredo e esperar o Clã me chamar.

— Ainda podemos fazer isso — Sonea interrompeu.

— Nós não temos cavalos nem dinheiro. Sem isso, não podemos alcançar Imardin antes dos ichanis.

Dorrien deu um sorriso fino.

— Eu posso ajudar com isso.

— Você vai desobedecer às ordens do Clã?

O Curador concordou.

— Sim. O que você vai fazer uma vez que chegar à cidade?

— Esperar o Clã me chamar de volta.

— E se eles não fizerem isso?

Akkarin suspirou.

— Então, não posso fazer nada. Eu consegui algum poder de Parika hoje, mas não o suficiente para enfrentar um ichani.

Sonea balançou a cabeça negativamente.

— Nós não éramos fortes o suficiente para enfrentar um ichani esta manhã também, mas conseguimos matar um. Por que não fazemos a mesma coisa com os outros? Podemos fingir estar exaustos, deixar que nos capturem, daí usar nossos poderes de cura para matá-los.

Akkarin fechou o rosto.

— Isso seria muito perigoso. Você nunca sentiu a extração do poder. Uma vez que ele começa, você não consegue usar sua magia. Você não seria capaz de se curar.

— Então, teremos que ser rápidos.

A expressão de Akkarin ficou ainda mais sombria.

— Os outros ichanis vão ver o que você fez. Mesmo que eles não entendam, terão cuidado. Basta uma barreira na pele para evitar que você use seu poder de cura neles

— Então, precisamos estar seguros de que eles não vejam. — Sonea se inclinou para a frente. — Nós os pegaremos quando eles estiverem sozinhos.

— Eles podem permanecer juntos.

— Temos de usar algum truque para que eles se separem.

Akkarin parecia pensativo.

— Eles não estão acostumados com os arredores da cidade e a favela é um verdadeiro labirinto.

— Podemos recrutar a ajuda dos Ladrões.

Dorrien olhou para ela e estreitou os olhos.

— Rothen disse que você havia quebrado todas as conexões com eles.

Ela estremeceu quando ouviu o nome de Rothen.

— Como ele está?

— Não tive notícias dele desde antes da ordem de Lorlen cessar comunicações mentais — Dorrien respondeu. Ele olhou para Akkarin. — Ele ficaria aliviado em saber que Sonea ainda está viva. Se contarmos ao Clã que vimos vocês, posso dizer que você está disposta a ajudar.

— Não. — A expressão de Akkarin era distante e pensativa. — Se Sonea e eu vamos emboscar os ichanis na cidade, eles não podem saber que estamos aqui. Se souberem, vão se juntar e nos caçar.

Dorrien se aprumou.

— O Clã manteria sua presença um...

— Os ichanis vão ler essa informação na mente do primeiro mago que matarem. — Akkarin olhou para Dorrien, os olhos sombrios. — Onde você acha que aprendi esse truque?

Dorrien empalideceu.

— Ah.

— O Clã não deve saber que estamos na cidade — Akkarin disse, um indício de determinação surgindo em sua voz. — Então, você não deve dizer que nos encontrou nem falar sobre seu encontro com Parika hoje. Quanto menos pessoas souberem do nosso retorno, menor a chance de os ichanis descobrirem o que

planejamos.

— Então, temos um plano agora? — Sonea perguntou.

Akkarin sorriu para ela.

— O início de um, talvez. Sua sugestão pode funcionar, embora talvez não com Kariko. Dakova aprendeu cura comigo, mas manteve o segredo para si mesmo. Não tenho certeza se ele algum dia ensinou a habilidade a seu irmão, mas, mesmo que não tenha feito, Kariko tem mais chance de saber que a cura é possível e de ter pensado em como ela pode ser usada para machucar outra pessoa.

— Então, evitamos Kariko — ela disse. — Isso deixa sete ichanis para matarmos. Eu acho que isso vai nos manter ocupados por um tempo.

Dorrien riu.

— Parece que vocês têm mesmo um plano. Eu posso ser capaz de dar uma dica ou duas aqui e ali quando o Clã estiver debatendo estratégia. Se houver algo que você quiser que eu diga...

— Eu não imagino que algo que você diga vá persuadi-los a se esconder — Akkarin respondeu.

— Talvez eles o façam, depois de terem lutado e se exaurido — Sonea destacou.

Akkarin concordou com a cabeça.

— Sugira que eles concentrem seu poder em um ichani só. Os sachakanos não estão acostumados a ajudar e apoiar uns aos outros. Eles não sabem como montar um escudo juntos.

Dorrien fez que sim com a cabeça.

— Algo mais?

— Vou pensar no caminho. Quanto mais cedo partirmos, melhor.

O Curador se levantou.

— Vou colocar a sela no meu cavalo de novo e procurar cavalos para vocês.

— Você poderia conseguir algumas roupas limpas para nós também? — Sonea perguntou.

— Precisamos viajar disfarçados — Akkarin acrescentou. — Uniformes de criados seriam ideais, mas qualquer roupa simples vai servir bem.

Dorrien levantou as sobrancelhas.

— Vocês vão fingir ser meus criados?

Sonea balançou um dedo com um ar de aviso.

— Sim. Mas não vá se acostumar com isso.

Capítulo 29

O Legado do Passado

O Salão do Clã quedou-se completamente em silêncio quando Lorlen se levantou do assento.

— Convoquei essa reunião a pedido do Rei. Como todos devem saber, o Forte foi atacado e invadido por oito magos sachakanos ontem. Todos, com exceção de dois de vinte e um Guerreiros, foram mortos no Forte.

Ouviram-se cochichos na plateia. A descoberta que dois dos Guerreiros haviam escapado do Forte fora a única boa notícia que Lorlen recebera no último dia.

— Parece que algumas das afirmações e previsões do antigo Lorde Supremo estavam certas. Fomos invadidos por magos sachakanos de imensa força. Magos que usam magia negra.

Lorlen fez uma pausa e olhou ao redor do salão.

— Não podemos evitar a possibilidade de que sejamos poucos e fracos demais para defender as Terras Aliadas. Nessas circunstâncias, o Rei pediu que deixemos de lado nossas leis. Ele pediu para escolhermos um de nós, um que consideremos confiável sem sombra de dúvida, para aprender magia negra.

O salão se preencheu de vozes. Lorlen observou uma reação mista da multidão. Alguns magos expressaram protestos, enquanto outros pareciam resignados.

— Peço agora que sugiram candidatos para essa função — ele gritou acima do barulho. — Pensem com cuidado. Regras estritas vão restringir as atividades desse mago. Ele vai precisar permanecer no território do Clã pelo resto da vida. Não poderá ter uma posição de autoridade no Clã. Ele não terá permissão para dar aulas. Essas regras podem se tornar mais restrtitivas, conforme pensarmos

nas consequências de criar esse cargo. — Lorlen estava feliz em não ver sinais de entusiasmo no rosto de nenhum mago. — Alguma pergunta?

— O Clã pode se recusar a isso? — uma voz gritou.

Lorlen balançou a cabeça negativamente.

— O Rei ordenou.

— O Conselho dos Anciões nunca concordaria com isso! — um mago lonmar declarou.

— Conforme o acordo dos Aliados, o Rei de Kyralia é obrigado a realizar quaisquer medidas necessárias para a proteção das Terras Aliadas de ameaças mágicas — Lorlen respondeu. — Os Magos Superiores e eu discutimos isso com o Rei muitas vezes. Acredite-me, ele não tomaria tal decisão se não sentisse que não há melhor opção.

— E quanto a Akkarin? — outro mago bradou. — Por que não chamá-lo de volta?

— O Rei considera esse o caminho mais sábio — Lorlen respondeu duramente.

Não houve mais nenhuma pergunta. Lorlen acenou com a cabeça.

— Vocês têm meia hora para pensar. Se quiserem indicar alguém, por favor falem com Lorde Osen.

Ele observou conforme os magos deixaram seus assentos e se reuniram em pequenos grupos para discutir a ordem do Rei. Alguns abordaram Lorde Osen diretamente. Os Magos Superiores estavam silenciosos de forma atípica. O tempo parecia estar mais lento. Quando a meia hora terminou, Lorlen se levantou e bateu no gongo ao lado do assento.

— Por favor, sentem-se.

Enquanto os magos voltavam a seus lugares, Osen subiu as escadas até Lorlen.

— Isso vai ser interessante — o Diretor Jerrik murmurou. — Quem eles

consideram dignos dessa dúbia honra?

Osen levantou os ombros.

— Não há surpresas. Eles sugerem Lorde Sarrin, Lorde Balkan, *Lady* Vinara ou... — ele olhou para Lorlen. — O Administrador Lorlen.

— Eu? — Lorlen exclamou, antes que pudesse se controlar.

— Sim — Osen parecia achar graça. — Você é bem popular, sabia? Um mago sugeriu que um Conselheiro do Rei deveria assumir o fardo.

— Ideia interessante — Balkan riu, enquanto olhava de maneira bem deliberada a fileira mais alta das cadeiras. Lorde Mirkan piscou para ele, o rosto mudando de uma expressão de vigilância para uma de súbita ansiedade. — Deixe o Rei lidar com quaisquer consequências a que isso leve.

— Ele encontraria outro Conselheiro para si mesmo em menos de um dia. — Vinara disse num tom categórico. Ela olhou para Lorlen. — Vamos terminar com isso de uma vez.

Lorlen concordou e se voltou para o Salão.

— As indicações para o papel de... mago negro são as seguintes: Lorde Sarrin, Lorde Balkan, *Lady* Vinara e eu mesmo. — "Com certeza, eles não vão me escolher", ele pensou. "E se eles escolherem?" — Os candidatos não vão votar. Por favor, criem suas luzes.

Centenas de globos de luz flutuaram até o teto. O coração de Lorlen estava batendo rápido demais. Ele não parava de ouvir o comentário de Osen se repetindo em sua mente. "Você é bem popular, sabia?". A possibilidade de ele perder seu cargo como Administrador e ter que se forçar a aprender o que Akkarin havia admitido ser uma magia maligna transformou seu sangue em gelo.

— Aqueles a favor de Lorde Sarrin, mudem as luzes para roxo — ele ordenou. — Aqueles a favor de Lorde Balkan, escolham vermelho. Para *Lady* Vinara, escolham verde. — Ele fez uma pausa e engoliu em seco. — Para mim, azul.

Alguns dos globos de luz começaram a assumir a cor antes de ele terminar de falar, conforme os magos antecipavam que Lorlen ia sugerir a cor da túnica de

cada candidato. Lentamente, os globos de luz remanescentes mudaram de cor.

“É uma disputa apertada”, Lorlen pensou. Ele começou a contar...

— Sarrin — Balkan disse.

— Sim, eu também cheguei a esse resultado — Vinara confirmou. — Embora você tenha sido a segunda escolha.

Lorlen soltou um suspiro de alívio quando percebeu que eles estavam certos. Olhou para Sarrin e sentiu um ataque de compaixão. O velho mago parecia pálido e enjoado.

— Lorde Sarrin será nosso defensor — Lorlen anunciou. Olhando de perto para a plateia, ele viu uma aceitação relutante na maioria dos rostos. — Ele vai abandonar seu cargo como Chefe de Alquimia e começar a aprender magia negra imediatamente. Declaro encerrada a Reunião.

— Acorde, pequena Sonea.

Sonea notou o espaço a sua volta com um susto. Ela viu com surpresa que seu cavalo havia parado. Olhando ao redor, descobriu Dorrien observando-a com um olhar estranho no rosto. Eles haviam parado próximo a uma estrada que levava a uma casa e Akkarin não era visto em lugar nenhum.

— Ele foi conseguir um pouco de comida para nós — Dorrien explicou.

Ela balançou a cabeça afirmativamente, bocejou e esfregou o rosto. Quando olhou para Dorrien de novo, ele ainda a estava observando atenciosamente.

— O que você está pensando? — ela perguntou.

Ele desviou o olhar e deu um sorriso torto.

— Estou pensando que devia ter raptado você do Clã enquanto ainda tinha chance.

Ela sentiu uma pontada de culpa familiar.

— O Clã não teria deixado você fazer isso. Eu não teria deixado.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Não?

— Não. — Ela evitou o olhar dele. — Foi preciso muita coisa antes de eu realmente decidir ficar e aprender magia. Seria preciso acontecer muito mais para eu mudar de ideia.

Ele fez uma pausa.

— Você... você acha que teria se sentido tentada?

Ela pensou no dia em que tinham ido para a fonte juntos e em seu beijo, e não pode evitar sorrir.

— Um pouco. Mas eu mal o conhecia, Dorrien. Algumas semanas não é tempo suficiente para ter certeza sobre ninguém.

Seus olhos se desviaram para cima do ombro dela. Ela se virou e viu Akkarin cavalgando em direção a eles. Com a barba curta e as roupas simples, ela duvidava que ele fosse reconhecido. Qualquer um que olhasse com atenção iria perceber que ele cavalgava com habilidade demais, no entanto. Ela ia apontar isso para ele.

— E você tem certeza agora.

Ela se virou para Dorrien.

— Sim.

Ele soltou um longo suspiro e concordou com a cabeça. Sonea olhou para Akkarin de novo. Sua expressão era dura e severa.

— Embora tenha tido muito trabalho para *convencê-lo* — ela acrescentou.

Dorrien deu uma risadinha. Ela se virou, xingando a si mesma por fazer um comentário tão impensado, o que levou Dorrien a cair na gargalhada.

— Pobre Akkarin! — ele disse, balançando a cabeça. Ele olhou com a cabeça torta para ela e balançou a cabeça de novo. — Você vai ser uma mulher formidável algum dia.

Sonea o encarou, então sentiu o rosto ficar quente. Tentou pensar numa réplica mordaz, mas as palavras se recusavam a surgir. Então, Akkarin os alcançou e ela desistiu.

Enquanto entregava a ela um pãozinho, Akkarin a olhou de perto. Ela sentiu o rosto corar de novo. Ele levantou a sobrancelha e olhou para Dorrien de forma especulativa. O Curador sorriu, bateu os pés contra o flanco do cavalo e começou a seguir adiante.

Eles seguiram em frente, comendo enquanto cavalgavam. Uma hora mais tarde, chegaram a uma pequena vila. Ela e Akkarin desmontaram e entregaram as rédeas dos cavalos a Dorrien, e o Curador partiu para encontrar montarias descansadas.

— Então, o que você e Dorrien estavam discutindo antes? — Akkarin perguntou.

Ela se virou para encará-lo.

— Discutindo?

— Perto da casa de fazenda quando fui comprar comida.

— Oh. Lá. Nada.

Ele sorriu e balançou a cabeça afirmativamente.

— Nada. Incrível assunto esse. Produz reações tão fascinantes nas pessoas.

Ela o encarou com uma expressão fria.

— Talvez seja uma maneira educada de dizer que não é da sua conta.

— Se você diz.

Ela sentiu um ataque de irritação com o olhar de quem sabia tudo no rosto dele. Ela era tão fácil de se ler? “Mas se eu consigo adivinhar seus estados de humor agora, ele deve conseguir ler os meus com a mesma facilidade.”

Ele bocejou e fechou os olhos. Quando os abriu de novo, parecia mais alerta. “Quando foi a última vez que dormimos?”, ela pensou. “Na manhã depois que fugimos pela Passagem. Antes disso? Algumas poucas horas de sono todos os

dias. E pela primeira metade de nossa jornada, Akkarin não dormiu nem um pouco...”

— Você não teve mais pesadelos — ela disse de repente.

Akkarin franziu a testa.

— Não.

— Com o que sonhava?

Ele lançou a ela um olhar afiado e ela imediatamente se arrependeu da pergunta.

— Desculpe — ela disse. — Não devia ter perguntado.

Akkarin respirou fundo.

— Não, eu devo contar para você. Sonho com eventos que aconteceram quando era um escravo. Na maior parte, eventos relacionados a uma pessoa. A escrava de Dakova.

— A que o ajudou no começo?

— Sim — ele disse baixinho. Ele fez uma pausa e desviou o olhar. — Eu a amava.

Sonea piscou surpresa. Akkarin e a escrava? Ele a *amava*? Ele havia amado *outra*? Ela sentiu uma incerteza crescente, depois irritação, depois culpa. Ela estava com ciúmes de uma mulher que havia morrido anos atrás? Isso era ridículo.

— Dakova sabia disso — Akkarin continuou. — Nós não ousávamos tocar um ao outro. Ele nos teria matado se tivéssemos feito isso. Do jeito que as coisas eram, ele adorava nos atormentar de qualquer maneira que conseguisse. Ela era sua... sua escrava sexual.

Sonea sentiu um calafrio quando começou a entender como deveria ter sido aquilo. Sempre ver um ao outro, mas nunca poder se tocar. Observar enquanto o outro era atormentado. Ela não podia imaginar o que Akkarin havia sentido, sabendo o que a garota tivera que aguentar.

Akkarin suspirou.

— Eu costumava sonhar com a morte dela todas as noites. Nos meus sonhos, dizia a ela que ia distrair Dakova para ela poder escapar. Dizia que ia impedi-lo de encontrá-la. Mas ela sempre me ignorava. Ela sempre ia até ele.

Ela esticou o braço e tocou as costas da mão dele. Seus dedos se enrolaram ao redor dos dela.

— Ela explicou para mim que os escravos consideravam uma honra servir a um mago. Ela disse que o senso de honra dos escravos tornava sua vida mais fácil. Eu conseguia entender que eles pudessem se permitir pensar assim quando não tinham escolha, mas não quando tinham... ou quando sabiam que seu mestre pretendia matá-los.

Sonea pensou em Takan e em como ele havia chamado Akkarin de “mestre”, e na maneira peculiar como ele havia entregado a faca ichani para Akkarin sobre seus pulsos virados para cima, como estivesse oferecendo algo além da lâmina. Talvez ele estivesse.

— Takan nunca parou de pensar dessa maneira, não é? — ela perguntou baixinho.

Akkarin olhou para ela.

— Não — ele disse. — Ele não pode largar uma vida inteira de hábitos. — Parou um instante para rir. — Acho que nos últimos anos ele persistiu com os rituais só para me irritar. Sei que nunca voltaria para aquela vida voluntariamente.

— Mas mesmo assim ele ficou com você e não o deixou ensinar magia.

— Não, mas havia motivos práticos para isso. Takan não podia se juntar ao Clã. Isso levantaria perguntas demais. Mesmo que inventássemos um passado para ele, seria difícil evitar essas aulas que envolvem comunicação mental. Seria arriscado demais ensinar-lhe magia em segredo. Se tivesse retornado a Sachaka, ele não teria sobrevivido, a não ser que soubesse magia negra. Não acho que confiasse em si mesmo com esse conhecimento, naquele lugar. Em Sachaka, só há mestres e escravos. Para se sobreviver como mestre, ele precisaria ter os

escravos dele.

Sonea estremeceu.

— Parece um lugar maligno.

Akkarin deu de ombros.

— Nem todo mestre é cruel. Os ichanis são párias. Eles são os magos que o Rei baniu da cidade... e não só por serem ambiciosos demais.

— Como o Rei faz com que eles partam?

— Seus poderes são consideráveis e ele tem partidários.

— O Rei de Sachaka é um mago!

— Sim. — Akkarin sorriu. — Só as Terras Aliadas têm leis que impedem magos de reinar ou de ter influência demais na política.

— Nosso Rei sabe disso?

— Sim, embora ele não saiba quão poderosos os magos sachakanos são. Bem, ele sabe agora.

— O que o Rei de Sachaka acha de os ichanis invadirem Kyralia?

Akkarin franziu as sobrancelhas.

— Eu não sei. Se ele soubesse do plano de Kariko, não ia gostar, mas provavelmente acreditaria que nunca fosse funcionar. Os ichanis estão sempre ocupados demais lutando uns contra os outros para pensar em formar uma aliança. Será interessante ver o que o Rei de Sachaka vai fazer quando tiver uma terra vizinha governada pelos ichanis.

— Ele vai nos ajudar?

— Ah, não. — Akkarin deu uma risada amarga. — Você esquece o quanto os sachakanos odeiam o Clã.

— Por causa da guerra? Mas foi há tanto tempo.

— Para o Clã, sim. Os sachakanos não conseguem esquecer, não com metade de seu país sendo uma terra desolada. — Akkarin balançou a cabeça

negativamente. — O Clã nunca deveria ter ignorado Sachaka depois de ter ganhado a guerra.

— O que ele deveria ter feito?

Akkarin virou a cabeça e olhou para as montanhas. Sonea acompanhou-lhe o olhar. Apenas alguns dias antes, eles haviam estado do outro lado daquela linha irregular.

— Foi uma guerra entre magos — Akkarin murmurou. — Nunca houve razão para mandar exércitos de não magos contra magos, em especial magos que usavam magia negra. Sachaka foi conquistada por magos kyralianos, que prontamente voltaram para suas ricas casas. Eles sabiam que o império sachakano ia se recuperar algum dia e se tornar um perigo de novo; então, criaram a terra desolada para manter o país pobre. Se em vez disso alguns dos magos do Clã tivessem estabelecido residência em Sachaka, libertado os escravos e mostrado que magos podem usar seus poderes para ajudar pessoas, os sachakanos poderiam ter sido guiados para se tornar uma sociedade mais pacífica e livre e talvez não estivéssemos encarando essa situação hoje.

— Entendo — Sonea disse devagar. — Mas também posso ver por que isso nunca aconteceu. Por que o Clã ajudaria sachakanos comuns quando ele não ajuda kyralianos comuns?

Akkarin a encarou com um ar contemplativo.

— Alguns ajudam. Dorrien, por exemplo.

Sonea o encarou nos olhos.

— Dorrien é uma exceção. O Clã poderia fazer bem mais.

— Não podemos fazer nada se ninguém se voluntariar.

— É claro que podemos.

— Você forçaria magos a trabalhar contra a vontade deles?

— Sim.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Duvido que cooperassem.

— Talvez sua renda pudesse ser reduzida se não o fizessem.

Akkarin sorriu.

— Isso os faria sentir que são tratados como criados. Ninguém vai querer que seus filhos se juntem ao Clã se isso significa que têm que trabalhar como plebeus.

— Ninguém das Casas — Sonea o corrigiu.

Akkarin piscou e riu.

— Eu sabia que você seria uma influência perturbadora no momento em que o Clã se propôs a ensiná-la. Eles deviam ficar agradecidos por eu tê-la levado para longe.

Ela abriu a boca para responder, mas parou quando percebeu que Dorrien se aproximava. Ele estava montado num novo cavalo e guiando outros dois.

— Eles não são os melhores — ele disse, entregando as rédeas —, mas vão ter que servir. Magos do país todo estão correndo para Imardin, então a oferta de cavalos descansados nas estalagens está diminuindo com rapidez.

Akkarin deu um sorriso sem humor.

— Então, temos que nos apressar ou o suprimento de cavalos vai acabar. — Ele passou para o lado de um cavalo e se pôs na sela com um impulso. Sonea subiu no outro cavalo. Quando colocou a outra bota no estribo, ela observou Akkarin de perto. Ele a havia chamado de uma influência perturbadora, mas isso não significava que a desaprovasse. Ele podia até concordar com ela.

Isso importava? Em alguns dias, poderia não haver um Clã, e os pobres iam descobrir que havia coisas piores para se suportar do que a Purificação.

Sonea tremeu e expulsou esse pensamento da mente.

***

O corredor dos Aposentos dos Magos estava quase tão cheio quanto a

Universidade durante o intervalo, Dannyl pensou. Ele andou com Yaldin por várias aglomerações de magos, suas esposas, maridos e filhos. Todos estavam discutindo a reunião.

Quando Yaldin alcançou a porta de seus aposentos, o velho mago olhou para ele e suspirou.

— Quer entrar para uma xícara de sumi? — perguntou.

Dannyl concordou com a cabeça.

— Se Ezrille não se importar.

Yaldin riu.

— Ela gosta de falar para as pessoas que eu é que mando, mas você e eu... e Rothen... sabemos que não é assim.

Ele abriu a porta e conduziu Dannyl até a sala de visitas. Ezrille estava sentada em uma das cadeiras, vestida com um vestido de um tecido azul reluzente.

— Essa foi uma reunião rápida — ela disse, franzindo a testa.

— Sim — Danny respondeu. — Você está linda hoje, Ezrille.

Ela sorriu, a pele ao redor de seus olhos se enrugando.

— Você devia vir para casa com mais frequência, Dannyl — ela balançou a cabeça negativamente. — Com bons modos como os seus, fico impressionada que ainda não tenha encontrado uma esposa. Sumi?

— Sim, por favor.

Ela se levantou e se ocupou com xícaras e água. Dannyl e Yaldin se sentaram. O velho mago enrugou a testa.

— Não acredito que eles decidiram permitir magia negra.

Dannyl concordou com a cabeça.

— Lorlen disse que *algumas* das afirmações de Akkarin provaram ser verdadeiras

— As piores.

— Sim, mas eu me pergunto se isso significa que algumas de suas afirmações não provaram ser *mentira*.

— Quais afirmações?

— Obviamente não aquelas sobre magos negros sachakanos invadindo Kyralia — Ezrille disse enquanto colocava uma travessa na mesa diante das cadeiras. — O que Rothen vai fazer? Ele não precisa ir para Sachaka agora.

— Ele provavelmente vai voltar. — Dannyl pegou a xícara que ela ofereceu e tomou um gole da bebida fumegante.

— A não ser que ele decida continuar na esperança de encontrar Sonea.

Dannyl franziu a testa. “Era bem possível que Rothen fizesse isso...”

Eles levantaram os olhos com a batida na porta. Yaldin fez um gesto com a mão e a porta se abriu. Um mensageiro fez uma reverência, olhou ao redor da sala, então entrou quando viu Dannyl.

— Embaixador. Um homem está aqui para vê-lo. Todos os lugares para se receber visitantes estão em uso, e eu o levei a seus aposentos. Seu criado estava presente e o recebeu.

Um visitante? Dannyl colocou a xícara na mesa e se levantou.

— Obrigado — ele disse ao mensageiro. O homem fez uma reverência e saiu da sala.

Dannyl deu um sorriso de desculpas a Yaldin e Ezrille.

— Obrigado pelo sumi. É melhor eu descobrir quem é meu visitante.

— É claro — Ezrille respondeu. — Você precisa voltar mais tarde e nos falar sobre ele.

O corredor estava um pouco mais tranquilo agora que a maioria dos magos havia retornado a seus aposentos ou obrigações depois da Reunião. Dannyl foi até sua porta e a abriu. Por um instante, Dannyl não o reconheceu, pois ele estava vestido na moda mais sóbria preferida pelos kyralianos.

Ele se apressou a entrar e deixou a porta se fechar.

— Saudações, Embaixador Dannyl — Tayend sorriu. — Sentiu minha falta?

Capítulo 30

Atrasando o Inimigo

De início, Imardin parecia uma sombra contra o amarelo-esverdeado dos campos. Então, conforme eles se aproximaram, a cidade se espalhou por ambos os lados da estrada como braços esticados a recebê-los de volta. Agora, horas mais tarde, mil lamparinas queimavam diante deles, iluminando o caminho em meio à chuva e à escuridão até os Portões do Norte.

Quando eles se aproximaram o suficiente para ouvir a chuva batendo contra o vidro da primeira lamparina, Dorrien fez seu cavalo parar e olhou de novo para Akkarin e Sonea. Seus olhos se desviaram para as outras pessoas que usavam a estrada. Eles precisavam fazer suas despedidas rápido e tomar cuidado com o que iam dizer. As pessoas achariam estranho se ele falasse com seus companheiros “plebeus” com excessiva familiaridade.

— Boa sorte — ele disse. — Tomem cuidado.

— A casa vai cair mais para você do que para nós, meu Lorde — Sonea respondeu, falando com o típico sotaque de favela. — Obrigada pela ajuda. Não deixe esses magos estrangeiros te pegarem.

— Você também — ele respondeu, sorrindo com seu sotaque. Acenou com a cabeça para Akkarin e então se virou e incitou o cavalo a continuar.

O estômago de Sonea se revirou de ansiedade enquanto ela o observava cavalgar em direção aos portões. Depois de ele desaparecer, ela olhou para Akkarin. Ele era uma sombra alta, o rosto escondido no capuz da capa.

— Mostre o caminho — ele disse.

Ela conduziu o cavalo para fora da estrada principal, rumo a uma rua estreita. Favelados observaram eles e seus cavalos desgrenhados. “Não tentem nada”, ela falou em pensamento. “Podemos parecer pessoas do campo simplórias que não

conhecem os perigos da cidade, mas não somos. E não podemos deixar que chamem a atenção para nós.”

Depois de percorrerem a favela por meia hora, eles chegaram aos vendedores de cavalos na ponta do Mercado. Pararam em frente a uma placa com a pintura de um cavalo nela. Um homem magro, mas musculoso, mancou pela chuva em direção a eles.

— Saudações — ele disse numa voz rouca. — Estão querendo vender seus cavalos?

— Talvez — Sonea respondeu. — Depende do preço.

— Deixe-me dar uma olhada. — Ele acenou para que se aproximassem. — Entrem e saiam da chuva.

Eles seguiram o homem até um grande estábulo. Baias tinham sido construídas em ambos os lados e algumas estavam ocupadas. Eles desmontaram e observaram quando o homem examinou seus cavalos.

— Qual é o nome desse?

Ela fez uma pausa. Eles haviam mudado de cavalo três vezes e ela tinha desistido de lembrar seus nomes.

— Ceryni — ela disse. — Em homenagem a um amigo meu.

O homem se aprumou e a encarou.

— Ceryni?

— Sim. Você o conhece?

De uma das baias veio um som de risada.

— Você deu o *meu* nome para um cavalo?

A porta do estábulo se abriu e um homem baixo numa capa cinza entrou, seguido por Takan e um grande homem musculoso. Sonea olhou com atenção para a pessoa que falava e riu quando a reconheceu.

— Cery!

Ele sorriu.

— *Hai!* Bem-vindos de volta. — Ele se virou para o vendedor de cavalos e o sorriso desapareceu. — Você não viu isso.

— N-não — o homem concordou. Seu rosto estava branco.

— Pegue os cavalos e vá embora — Cery ordenou.

O homem agarrou as rédeas dos cavalos e Sonea observou, confusa, enquanto ele se apressava em partir. Akkarin havia dito que Takan estava se escondendo com um Ladrão. Se Cery também estava trabalhando para esse Ladrão, então era o Ladrão Faren, ou Cery havia começado a trabalhar para outro? De qualquer forma, parecia que ele havia conquistado alguma influência nos últimos anos, a julgar pela reação do vendedor de cavalos. Sonea se virou para ver Takan se quedar de joelhos diante de Akkarin.

— Mestre.

A voz de Takan estava carregada de emoção. Akkarin tirou o capuz e suspirou.

— Levante-se, Takan — ele disse baixinho. Embora sua voz fosse toda de comando e tolerância, Sonea reconheceu sinais de embaraço em seu rosto. Ela reprimiu um sorriso.

O criado se levantou.

— É bom vê-lo de novo, mestre, embora eu tema que você tenha retornado para uma situação perigosa e impossível.

— Mesmo assim, nós vamos fazer o que pudermos — Akkarin respondeu. Ele se voltou para Cery. — Takan explicou o que pretendemos fazer?

Cery fez que sim com a cabeça.

— Vai haver uma reunião dos Ladrões amanhã. Parece que a maioria deles soube que algo está acontecendo, mesmo que seja só que todas as Casas estão fazendo as malas e deixando a cidade. Você precisa me dizer o quanto quer que eles saibam.

— Tudo — Akkarin respondeu. — Se não for prejudicar sua posição entre

eles.

Cery deu de ombros.

— Não vai, a longo prazo... e eu tenho a sensação de que não vai restar uma cidade para realizarmos nossos negócios se os magos sachakanos ganharem. Agora, antes de discutirmos os detalhes da coisa, vou levá-los a um lugar melhor que um estábulo. Tenho certeza que vão querer um pouco de comida também.

Enquanto ele andava de volta para a baia de onde tinha saído, Sonea o observou com atenção. Havia uma segurança na maneira como ele se portava que ela não tinha visto antes. Ele não expressou nada do medo ou da reverência por Akkarin que ela havia esperado. Eles falaram como se tivessem lidado um com o outro antes.

“Sem dúvida, ele era um dos homens que ajudavam Akkarin a encontrar os espiões. Mas por que Akkarin não me disse que Cery estava envolvido?”

Cery destravou um alçapão no fundo da baia e o segurou aberto.

— Mostre o caminho, Gol.

O grande homem silencioso se curvou e deu um passo para dentro do alçapão, começando a descer uma escada. Takan o seguiu e Akkarin foi atrás. Sonea fez uma pausa para olhar para Cery. Ele deu um sorriso largo.

— Pode ir. Podemos conversar quando chegarmos à minha propriedade.

Ela desceu a escada para uma passagem mais larga. Gol segurava uma lamparina. Odores familiares trouxeram velhas memórias da Estrada dos Ladrões. Quando Cery se juntou a eles, acenou para Gol com a cabeça e começaram a andar pela passagem.

Eles avançaram por vários minutos, depois passaram por uma grande porta de metal chegando a uma sala de visitas mobiliada de maneira luxuosa. Uma mesa baixa no centro estava coberta com várias travessas de comida, copos e garrafas de vinho.

Sonea se jogou numa cadeira e começou a se servir de uns bocados de comida. Akkarin sentou-se ao lado dela e pegou uma das garrafas. Ele levantou

as sobrancelhas.

— Você vive melhor do que os magos, Ceryni.

— Ah, eu não moro aqui — Cery disse, ocupando um dos outros assentos. — Esse é um dos meus lugares para convidados. Takan tem ficado aqui.

— O Ladrão tem sido generoso — Takan disse baixinho, acenando positivamente para Cery.

"O Ladrão?" Sonea engasgou, engoliu, depois encarou Cery. Notando seu olhar, ele sorriu.

— Só percebeu agora, hein?

— Mas... — ela balançou a cabeça negativamente. — Como isso é possível?

Ele abriu os braços.

— Trabalho duro, boas jogadas, boas conexões... e um pouco de ajuda do seu Lorde Supremo.

— Então, você é o Ladrão que ajudava Akkarin a encontrar os espiões?

— Isso mesmo. Comecei depois que ele ajudou a mim e a você com Fergun — Cery explicou. — Ele queria alguém para encontrar os assassinos para ele. Alguém com as conexões e influências certas.

— Entendo.

"Então, Akkarin sabia disso desde minha Audiência de guarda".

Ela se virou para olhar feio para ele.

— Por que não me contou?

Akkarin curvou os lábios num sorriso tênue.

— De início, eu não podia. Você teria achado que eu forçara Cery a me ajudar ou o enganara com esse objetivo.

— Você podia ter me dito depois que descobri a verdade sobre os ichanis.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Eu sempre temia revelar mais do que precisava. Se você fosse capturada pelos ichanis, eles poderiam descobrir a conexão de Cery comigo ao ler sua mente. Do jeito que as coisas ficaram, eu preciso que a associação permaneça em segredo. — Ele se virou para Cery. — É importante que nossa presença em Imardin não se torne do conhecimento de todos. Se os ichanis lerem isso na mente de alguém, nossa única chance de vencer a batalha será perdida. Quanto menos pessoas souberem que estamos aqui, melhor.

Cery concordou com a cabeça.

— Apenas Gol e eu sabemos que você está aqui. Os outros Ladrões acham que apenas vamos falar sobre o que está deixando a cidade em polvorosa. — Ele sorriu. — Eles vão ficar surpresos ao vê-lo.

— Você acha que vão concordar em manter nossa presença em segredo?

Cery deu de ombros.

— Quando souberem o que está acontecendo e verem que vão perder tudo que têm se os sachakanos ganharem, eles vão se preocupar com você como se fosse filho deles.

— Você disse a Takan que tem pensado em maneiras de matar magos — Akkarin disse. — O que você...

— *Balkan?*

Sonea se aprumou no assento. A voz mental pertencia a...

— *Yikmo?* — Balkan respondeu.

— *Os sachakanos estão se aproximando de Calia.*

— *Eu vou orientá-lo em breve.*

— O que foi, mestre? — Takan perguntou.

— Uma comunicação — Akkarin respondeu. — Lorde Yikmo reportou que os ichanis estão se aproximando de Calia. Ele deve estar lá.

Sonea sentiu um calafrio percorrer a espinha.

— Com certeza, o Clã não foi encontrá-los. — ela olhou para Cery. — Você teria ouvido se eles tivessem deixado a cidade.

Cery balançou a cabeça negativamente.

— Ninguém reportou algo assim.

Akkarin franziu a testa.

— Eu queria que Lorlen usasse o anel.

— Cerca de vinte magos deixaram a cidade quatro dias atrás — Gol interrompeu. — De manhã.

— *Yikmo?*

— *Balkan.*

— *Tomem o tempo que for preciso.*

— *Nós iremos*.

Sonea franziu a testa olhando para Akkarin.

— O que isso significa?

Sua expressão se fechou.

— Sem dúvida, um código pré-arranjado para uma instrução. Eles não podem dizer a Yikmo e a seus homens o que fazer sem entregar suas intenções para os ichanis.

— Mas o que isso significa?

Ele tamborilou as pontas dos dedos uns contra os outros.

— Vinte magos. Quatro dias atrás. Eles partiram antes de os ichanis atacarem o Forte. Qual propósito teriam?

— Uma guarda para a Passagem Sul? — Sonea sugeriu. — Balkan deixou nossa escolta no Forte. Talvez ele tenha achado que a Passagem Sul também precisasse ser vigiada.

Akkarin balançou a cabeça negativamente.

— Teríamos passado por eles na estrada. Eles deviam estar ao norte de Calia, onde a estrada se bifurca. Qualquer que seja o motivo, eles não poderiam ter ido tão longe antes do ataque que já não pudessem ter voltado a Imardin. Eles permaneceram em Calia por um motivo.

— Para reportar a posição dos ichanis? — Cery sugeriu.

— Todos os vinte? — Akkarin franziu ainda mais a testa. — Espero que o Clã não esteja planejando algo tolo.

— Isso não seria surpresa — Takan afirmou seco.

Cery olhou para baixo.

— Melhor comermos isso, antes que esfrie. Alguém quer vinho?

Sonea abriu a boca para responder, mas congelou conforme uma imagem relampejou em sua mente. Três carroças percorriam a rua principal da vila. Vários homens e mulheres cavalgavam em cada carroça, alguns deles com roupas esplendidamente elegantes.

Os cavalos que puxavam a primeira carroça pararam e seu cocheiro lentamente se virou para encarar a pessoa que via a cena. Sonea reconheceu Kariko com um calafrio. Ele entregou as rédeas para um homem sentado ao lado dele, em seguida pulou para o chão.

— Apareçam, apareçam, magos do Clã — ele gritou.

Um ataque brilhou da janela de uma casa no outro lado da rua, seguido por vários outros de ambos os lados. Eles visavam um escudo invisível ao redor de cada carroça.

— Uma emboscada — Sonea ouviu Akkarin murmurar.

Kariko deu uma volta completa, examinando as casas e a rua, depois olhou para seus aliados.

— Quem quer caçar?

Quatro dos ichanis desceram das carroças. Eles se separaram e começaram a andar em direção às casas em ambos os lados. Dois trouxeram yeels com eles, os

animais ganindo de excitação.

Então, a visão mudou. Ela captou um vislumbre de uma moldura de janela, uma sala e um mago do Clã.

— Rothen! — ela disse sem ar. As imagens pararam e ela encarou Akkarin com horror. — Rothen está com eles!

“Faz anos demais desde que tive uma aula de Artes Guerreiras ou uma luta na Arena”, Rothen pensou enquanto se apressava pelo pátio para a porta dos fundos da casa.

A estratégia de Yikmo era simples. Se os sachakanos não pudessem ver seus atacantes, não iam poder revidar. Os magos do Clã iriam atacar de lugares escondidos, então mudar de posição e atacar de novo. Quando não tivessem mais forças, deveriam se esconder e descansar.

Rothen correu tão rápido quanto pôde pela casa até a sala da frente. Os moradores da vila haviam sido mandados para longe horas atrás e as portas e janelas estavam todas destrancadas em preparação para a emboscada. Espiando, ele viu um homem sachakano alcançar a porta da casa ao lado. Lançou um poderoso ataque e ficou feliz em ver o homem se deter.

Então, seu coração parou quando o homem se virou e começou a andar em sua direção. Ele tropeçou numa cadeira e correu para fora da sala.

A cidade era grande e as casas eram em geral construídas próximas umas das outras. Rothen se esgueirou por ela, observando os sachakanos e atacando quando estavam longe o suficiente para ele ter tempo de escapar deles. Duas vezes, ele prendeu a respiração quando um deles passou a apenas alguns passos de seu esconderijo. Outros magos do Clã tiveram menos sorte. Um dos animais guiou um sachakano a um jovem Guerreiro que se escondia num estábulo. Embora Rothen e outro Alquimista emergissem para atacar o sachakano, o homem os ignorou. O Guerreiro lutou até estar fraco demais para ficar de pé. Então, quando o sachakano tirou sua faca, Rothen ouviu o som de passos se aproximando de outra direção próxima e foi forçado a fugir.

Dali em diante, Rothen estava assustadoramente ciente de que suas tentativas de salvar o jovem Guerreiro haviam esgotado a maior parte de sua força. Não toda, no entanto. Depois de passar por mais dois corpos meia hora mais tarde, ele decidiu que iria atacar um sachakano mais uma vez antes de escapulir para se esconder.

Mais de uma hora se passara desde que as carroças haviam chegado, e ele estava longe da rua principal. As ordens de Balkan eram de atrasar os sachakanos tanto quanto possível. Ele não tinha certeza quanto tempo o inimigo iria continuar a caçar magos do Clã.

“Não à noite toda”, ele pensou. “Vai chegar uma hora em que eles irão embora. E não vão esperar que ninguém esteja lá para atacá-los.”

Rothen sorriu. Lenta e cautelosamente, percorreu o caminho de volta à rua principal. Entrando em uma das casas, observou cuidadosamente, buscando o som de outros movimentos dentro. Tudo estava em silêncio.

Andando até uma janela na frente da casa, viu que as carroças ainda estavam no mesmo lugar de antes. Vários dos sachakanos andavam próximo a elas, esticando as pernas.

Um escravo estava inspecionando uma das rodas.

“Uma roda quebrada os iria atrasar”, Rothen pensou. Ele sorriu para si mesmo. “Melhor ainda seria algumas carroças quebradas.”

Ele respirou fundo e acessou seu poder restante.

Então, ouviu uma tábua do chão ranger atrás dele e sentiu o sangue gelar.

— Rothen — uma voz sussurrou.

Ele se virou e soltou o ar de uma vez só.

— Yikmo.

O Guerreiro foi até a janela.

— Ouvi um deles se gabando de ter matado cinco de nós — Yikmo disse num tom amargo. — O outro afirma ter derrotado três.

— Eu estava prestes a atacar as carroças — Rothen murmurou. — Eles teriam que substituí-las, e acho que a maioria dos veículos aqui foi levada pelos moradores da vila.

Yikmo concordou com a cabeça.

— Eles estavam protegendo-as antes, mas podem não estar ago...

Ele se quedou silencioso abruptamente quando dois sachakanos apareceram caminhando perto das casas no outro lado da rua. Uma mulher os chamou.

— Quantos, Kariko?

— Sete — o homem respondeu.

— Eu consegui cinco — o companheiro acrescentou.

Yikmo respirou fundo.

— Não pode ser. Se os dois que eu ouvi nesse lado estão dizendo a verdade, somos os únicos restantes.

Rothen estremeceu.

— A não ser que estejam exagerando.

— Vocês pegaram todos eles? — a mulher perguntou.

— A maioria — Kariko respondeu. — Eles eram vinte e dois.

— Eu posso mandar meu rastreador atrás deles.

— Não, nós já desperdiçamos tempo demais aqui. — Ele se aprumou e Rothen se enrijeceu quando ouviu a voz mental do homem.

— *Voltem já*.

Yikmo se virou para encarar Rothen.

— Essa é nossa última chance de atingir essas carroças.

— Sim.

— Eu ataco o primeiro. Você fica com o segundo. Preparado?

Rothen concordou com a cabeça e puxou o resto do seu poder.

— Vamos.

Seus ataques reluziram em direção às carroças. A madeira se estilhaçou, e então seres humanos e cavalos gritaram. Vários dos sachakanos em roupas simples caíram no chão, cortados e sangrando por causa das lascas de madeira. Um cavalo chutou até se libertar e galopou para longe.

Os magos sachakanos giraram para olhar em direção a Rothen.

— Corra! — Yikmo gritou, a respiração penosa.

Rothen conseguiu atravessar metade da sala antes de a parede atrás dele explodir. A força o atingiu nas costas e o atirou para a frente. Quando ele bateu contra a parede, a dor se espalhou pelo seu peito e braços.

Ele caiu no chão e ficou parado, atordoado demais para se mover.

“Levante-se!” — disse a si mesmo. “Você tem que escapar!”

Mas, quando ele ia se mover, a dor lancinante atingiu-lhe o ombro e o braço. “Algo está quebrado”, ele pensou. “E não tenho força restante para cura.” Ele arfou e, com grande esforço se forçou a levantar com um cotovelo e depois com os joelhos. A poeira enchia seus olhos e ele tentou removê-la piscando. Sentiu uma mão agarrar seu outro braço. “Yikmo”, ele pensou. Foi tomado pela gratidão. “Ele ficou para ajudar.”

A mão o puxou para que se colocasse de pé, mandando ondas de agonia pela parte superior do corpo. Ele olhou para seu ajudante e a gratidão se transformou em pavor.

Kariko o encarou, o rosto contorcido de raiva.

— Vou fazê-lo se arrepender muito por ter feito isso, mago.

Uma força empurrou Rothen contra a parede e o segurou lá. A pressão fez com que a dor se espalhasse pelo ombro. Kariko agarrou a mão de Rothen com ambas as mãos.

“Ele vai ler minha mente!”, Rothen pensou, sentindo o pânico dominá-lo.

Instintivamente lutou para bloquear a invasão, mas não sentiu nada. Por um instante, perguntou-se se a leitura da mente era a intenção de Kariko, mas uma voz retumbou em sua mente.

— Qual é seu maior medo?

O rosto de Sonea surgiu na mente de Rothen. Ele o afastou, mas Kariko o pegou e enviou a imagem de volta para ele.

— Quem é ela, então? Ah, alguém a quem você ensinou magia. Alguém com quem você se importava. Mas ela se foi. Enviada para longe pelo Clã? Onde? Sachaka! Ah! Então essa é quem é ela. A companheira de Akkarin. Que garota levada, quebrando as regras do Clã.

Rothen tentou acalmar a mente, não pensar em nada, mas Kariko começou a mandar imagens tentadoras de Akkarin na mente de Rothen. Ele viu um Akkarin mais jovem, em roupas como a dos escravos nas carroças, se encolhendo diante de outro sachakano.

— Ele era um escravo — Kariko lhe disse. *— Seu nobre Lorde Supremo já foi um escravo patético e desprezível que servia meu irmão.*

Rothen sentiu uma pontada de compaixão e arrependimento quando percebeu que Akkarin havia falado a verdade. O resto da raiva que ele havia sentido pelo "corruptor" de Sonea se desfez. Ele sentiu um orgulho melancólico. Ela tinha tomado a decisão certa. Uma decisão difícil, mas a certa. Ele queria poder dizer isso a ela, mas sabia que nunca ia ter a chance. "Ao menos eu fiz tudo que eu podia", ele pensou. "E ela está bem longe de todo esse perigo, agora que os ichanis deixaram Sachaka".

— Longe do perigo? Eu ainda tenho aliados lá — Kariko enviou mentalmente. *— Eles vão encontrá-la e trazê-la para mim. Quando eu a tiver, vou fazê-la sofrer. E você... você estará vivo para ver isso, matador de escravos. Sim, eu não vejo problema nisso. Você está fraco e seu corpo está quebrado, então não vai alcançar sua cidade a tempo de ajudar o Clã.*

Rothen sentiu as mãos contra sua cabeça deslizarem, soltando-o. Kariko estava olhando para o chão. Então, deu um passo para trás e se curvou para

pegar um pedaço de vidro quebrado.

Aproximando-se de novo, passou a ponta do fragmento na bochecha de Rothen. O toque do vidro foi seguido por uma dor aguda, depois pela sensação de um filete de sangue escorrendo por seu rosto. Kariko dobrou a mão como uma cuia embaixo do queixo de Rothen e a tirou. Sua palma tinha uma pequena poça de sangue.

Kariko manteve o fragmento de vidro no ar. A ponta lentamente começou a brilhar e se derreter, até que um pequeno glóbulo se formou. Ele caiu da ponta do fragmento na palma de Kariko.

Kariko dobrou os dedos ao redor do glóbulo e fechou os olhos. Algo se mexeu na fronteira dos pensamentos de Rothen. Ele sentiu outra mente e captou um vislumbre do que o estranho ritual significava. Sua mente agora estava ligada ao vidro e a qualquer um que o tocasse. Kariko pretendia fazer um anel e...

De repente o elo se quebrou. Kariko sorriu e se afastou. Rothen sentiu a força que o mantinha preso contra a parede se dissipar. Ele perdeu o fôlego quando seu ombro foi tomado pela dor. Levantando os olhos, observou sem conseguir acreditar enquanto o sachakano se afastava atravessando a frente arruinada da casa em direção às carroças quebradas.

“Ele me deixou viver.”

Rothen pensou na pequena esfera de vidro. Ele lembrou-se do relatório de Lorde Sarrin sobre os usos de magia negra e percebeu que Kariko havia acabado de fazer uma joia de sangue.

O som de vozes lá fora mandou um calafrio por suas veias. “Preciso escapar agora”, ele pensou, “enquanto eu ainda posso.” Virando-se, caminhou apressadamente pela casa até a porta de trás e cambaleou na noite.

Olhando para Sonea, Cery se descobriu inesperadamente calmo.

Ele achava que ia se sentir atormentado por emoções conflitantes à primeira visão dela. Não houve o *frisson* de empolgação e admiração, como nos primeiros

dias, nem o doloroso anseio que havia persistido depois que ela se juntara ao Clã. Na maior parte do tempo, ele sentia um afeto... e preocupação.

“Desconfio que sempre vou me preocupar com ela por um motivo ou outro.” Observando-a agora, notou que a atenção dela constantemente retornava a Akkarin. Ele sorriu. De início, havia presumido que isso era porque Akkarin era seu ex-guardião e ela estava acostumada a obedecer todas as ordens dele, mas agora ele não tinha tanta certeza. Ela não havia hesitado em confrontá-lo sobre ele esconder a posição de Cery. E Akkarin não pareceu muito incomodado com a rebeldia dela também.

“Eles não são mais magos do Clã”, Cery lembrou a si mesmo. “Provavelmente tiveram que abandonar todo esse lance de guardião-aprendiz.”

Mas ele estava começando a suspeitar que tinha mais coisa ali do que só isso.

— Você está com minha faca? — Akkarin perguntou ao criado.

Takan fez que sim com a cabeça, levantou-se e desapareceu dentro de um dos quartos. Voltou com uma faca na bainha pendurada num cinto e a ofereceu a Akkarin fazendo uma reverência com a cabeça.

Akkarin a pegou de maneira solene. Colocou o cinto sobre os joelhos, e de repente olhou para a parede mais distante. Na mesma hora, Sonea inspirou com força.

A sala ficou silenciosa. Cery observou o par concentrar a visão num ponto distante. As sobrancelhas de Akkarin se juntaram e ele balançou a cabeça negativamente, e os olhos de Sonea se arregalaram.

— Não! — ela arfou. — Rothen! — seu rosto estava exaurido de toda cor, e ela enterrou-o entre as mãos e começou a chorar.

Cery sentiu o peito apertar de preocupação e ele viu a mesma emoção no rosto de Akkarin. O mago colocou o cinto do seu lado e saiu da cadeira para se ajoelhar ao lado dela. Ele a trouxe para próximo de si e a segurou firme.

— Sonea — ele murmurou. — Eu lamento.

Claramente, algo terrível havia acontecido.

— O que foi? — Cery perguntou.

— Lorde Yikmo acabou de reportar que todos os seus homens foram mortos — Akkarin disse. — Rothen, o guardião de Sonea antes de mim, estava entre eles. — Ele fez uma pausa. — Yikmo está bastante machucado. Ele disse algo sobre atrasar os ichanis de forma bem-sucedida. Acho que esse pode ter sido o motivo pelo qual eles realizaram uma emboscada contra os ichanis, mas não sei por que o Clã precisa de atraso.

O som do choro de Sonea mudou. Era óbvio que ela estava tentando parar. Akkarin olhou-a, depois lançou um olhar para Cery.

— Onde podemos dormir?

Takan apontou um quarto.

— Por aqui, mestre.

Cery notou que o criado havia indicado o quarto com a maior cama.

Akkarin se levantou, puxando Sonea para que ela ficasse de pé.

— Venha, Sonea. Nós não dormimos uma noite inteira há semanas.

— Eu não vou conseguir dormir — ela disse.

— Então, deite-se lá e aqueça a cama para mim.

“Bem, isso não deixa dúvida”, Cery pensou.

Eles foram para o quarto. Depois de um instante, Akkarin retornou. Cery se levantou.

— É tarde — Cery disse. — Volto amanhã cedo, para podermos conversar sobre a reunião.

Akkarin concordou com a cabeça.

— Obrigado, Ceryni. — Ele voltou ao quarto, fechando a porta atrás de si.

Cery encarou a porta fechada. “Akkarin, hein? Uma escolha interessante.”

— Eu espero que isso não o perturbe.

— Esses dois? — Cery deu de ombros. — Não.

Takan concordou com a cabeça.

— Eu achei que não, já que agora você está ocupado com outra mulher.

Cery sentiu o sangue gelar. Ele lançou um olhar para Gol, que estava franzindo o rosto.

— Como você soube disso?

— Ouvi um de meus guardas comentar — Takan olhou de Cery para Gol. — Isso era para ser segredo?

— Sim. Não é sempre seguro ser amigo de um Ladrão.

O criado parecia genuinamente preocupado.

— Eles não sabiam o nome dela. Espera-se que um jovem como você tenha uma mulher, ou muitas mulheres.

Cery conseguiu dar um sorriso desgostoso.

— Talvez você esteja certo. Vou examinar esses rumores. Boa noite.

Takan concordou com cabeça.

— Boa noite, Ladrão.

Capítulo 31

Preparativos para a Guerra

O guia conduziu Lorlen até uma sala espaçosa. A luz do sol das primeiras horas da manhã adentrava pelas enormes janelas em um dos lados. Um pequeno ajuntamento de homens circundava uma mesa ampla, no centro. O Rei ocupava o meio do grupo, Lorde Balkan à sua esquerda e o Capitão Arin, seu conselheiro militar, à direita. O restante era composto de capitães e cortesãos, alguns conhecidos, outros não.

O Rei reconheceu Lorlen com um olhar e um gesto de cabeça, em seguida voltou a atenção para um mapa da cidade, feito à mão, aberto à sua frente.

— E quanto tempo até que os reforços do portão da Muralha Exterior estejam concluídos, Capitão Vettan? — ele perguntou a um homem grisalho.

— Os Portões do Norte e do Oeste estão prontos. O do Sul estará pronto esta noite — respondeu o Capitão.

— Uma pergunta, Majestade? — inquiriu um jovem ricamente trajado, do outro lado da mesa.

O Rei ergueu o olhar.

— Sim, Florin?

Lorlen observou o jovem, surpreso. Era o primo do Rei, pouco mais velho do que um novo aprendiz, e possível herdeiro do trono.

— Por que estamos fortificando os portões se a Muralha Exterior já não mais protege o entorno do Clã? — o rapaz perguntou. — Os sachakanos só precisam mandar olheiros circundarem a cidade para descobrir isso.

O Rei deu um meio sorriso, preocupado.

— Esperamos que os sachakanos não tentem fazer isso.

— Estamos esperando que eles nos ataquem maciçamente — disse Balkan a Florin. — E como esses escravos são fonte de poder para eles, duvido que se arrisquem a enviá-los como olheiros.

Lorlen percebeu que Balkan não mencionara a possibilidade de que os sachakanos tivessem lido essa fraqueza na mente dos Guerreiros no Forte ou em Calia. Talvez o Rei tivesse pedido a ele para não expressar a verdadeira precariedade da posição deles para o primo.

— Você acredita que essas fortificações detenham os sachakanos? — Florin perguntou.

— Não — respondeu Balkan. — Talvez possam atrasá-los, mas não detê-los. O propósito delas é forçar os sachakanos a esgotar parte de sua força.

— O que acontecerá uma vez que estiverem dentro da cidade?

Balkan olhou de relance para o Rei.

— Vamos continuar lutando contra eles, o máximo que pudermos.

O Rei voltou-se para um dos outros capitães.

— As Casas foram evacuadas?

— A maioria dos moradores delas já partiu — respondeu o homem.

— E o restante da população?

— Segundo as sentinelas do portão, o número de pessoas que está saindo da cidade quadriplicou.

O Rei olhou novamente para o mapa e suspirou.

— Gostaria que esse mapa incluísse as favelas — e olhou para Lorde Balkan. — Será que constituirão problema durante a batalha?

O Guerreiro franziu o cenho.

— A menos que os sachakanos decidam se esconder ali.

— Se o fizerem, poderíamos tocar fogo nas construções — sugeriu Florin.

— Ou queimá-las agora, para garantir que não as utilizem a seu favor — outro cortesão acrescentou.

— Elas vão arder por dias — o Capitão Arin advertiu. — A fumaça ajudará a esconder o inimigo, e as brasas dos escombros podem incendiar o resto da cidade. Recomendo que as favelas fiquem como estão, a não ser que não tenhamos escolha.

O Rei assentiu. Ele aprumou-se e, em seguida, olhou para Lorlen.

— Deixem-me — ordenou. — Administrador Lorlen e Lorde Balkan, podem ficar.

A guarda prontamente saiu da sala. Lorlen percebeu que os dois Conselheiros do Rei permaneceram.

— Vocês têm boas notícias para mim? — o Rei perguntou.

— Não, Majestade — respondeu Lorlen. — Lorde Sarrin não conseguiu descobrir como usar a magia negra. Pede desculpas e diz que continuará tentando.

— Ele sente que, ao menos, está próximo?

Lorlen suspirou e meneou a cabeça.

— Não.

O Rei olhou o mapa e franziu o cenho, zangado.

— Os sachakanos estarão aqui em um dia, dois se tivermos sorte. — Ele olhou para Balkan. — Você o trouxe?

O Guerreiro afirmou com a cabeça. Ele retirou de dentro da túnica uma pequena sacola, abriu-a e sacudiu seu conteúdo em cima da mesa. Lorlen deu um pequeno suspiro ao reconhecer o anel de Akkarin.

— Você pretende chamar Akkarin de volta?

O Rei confirmou.

— Sim. É um risco, mas que diferença fará se ele nos trair? Vamos perder essa

batalha sem ele de qualquer maneira. — Ele pegou o anel pelo aro e estendeu-o a Lorlen.

— Chame-o de volta.

O anel era frio. Lorlen deslizou-o no dedo e fechou os olhos.

— *Akkarin!*

Ele esperou, mas não houve resposta. Depois de contar até cem, chamou novamente. Nenhuma resposta ainda. Ele balançou a cabeça.

— Ele não está respondendo.

— Talvez haja algo de errado com o anel — disse o Rei.

— Vou tentar de novo.

— *Akkarin!*

Nenhuma resposta. Lorlen tentou mais algumas vezes, depois suspirou e retirou o anel.

— Talvez ele esteja dormindo — disse. — Eu poderia tentar novamente dentro de uma hora.

O Rei franziu o cenho. Ergueu o olhar para as janelas.

— Chame-o sem o anel. Talvez ele responda.

Balkan e Lorlen trocaram olhares de desagrado.

— O inimigo vai nos ouvir — sinalizou o Guerreiro.

— Eu sei. Chame-o.

Balkan assentiu e fechou os olhos.

— *Akkarin!*

Seguiu-se um silêncio. Lorlen fez o seu chamado.

— *Akkarin! O Rei pede que volte.*

— *Ak...*

— *AKKARIN! AKKARIN! AKKARIN! AKKARIN!*

Lorlen arquejou no momento em que outra mente atingiu a sua como um golpe de martelo. Ele ouviu outras vozes mentais gritando o nome de Akkarin, ridicularizando-o antes que ele se esquivasse com um calafrio.

— Bem, isso foi desagradável — Balkan resmungou, esfregando as têmporas.

— O que aconteceu? — o Rei perguntou.

— Os sachakanos responderam.

— Com golpe mental — acrescentou Lorlen.

O Rei franziu o cenho contrariado, e aí se afastou da mesa, cerrando os punhos. Deu alguns passos por uns minutos e em seguida voltou-se para Lorlen.

— Tente novamente em uma hora.

Lorlen aquiesceu.

— Sim, Majestade.

***

A casa para onde as indicações de Tayend conduziam Dannyl era uma mansão com design típico de um mago. Sacadas incrivelmente frágeis davam para a rua. Até mesmo a porta era obra de magia — uma lâmina de vidro delicadamente esculpida.

Longos momentos se passaram até que houvesse alguma resposta à batida de Dannyl. Ele ouviu passos que se aproximavam e uma silhueta enevoada surgiu por trás do vidro. A porta se abriu. No lugar de um porteiro, Tayend saudou Dannyl com um sorriso largo e uma reverência.

— Desculpe pelo serviço demorado — disse ele. — Toda a criadagem de Zerrend partiu para Elyne, portanto não há ninguém aqui, mas... — Ele franziu o cenho. — Você está com um aspecto horrível.

Dannyl concordou.

— Fiquei acordado a noite inteira. Eu... — Ele parecia chocado, a emoção

tomando conta e cortando-lhe as palavras.

O acadêmico apressou-se em colocar Dannyl para dentro e fechou a porta.

— O que aconteceu?

Dannyl engoliu com dificuldade e piscou quando os olhos começaram a lacrimejar. Conseguira se controlar por toda a noite, confortando Yaldin e Ezrille, e depois Dorrien. Mas agora...

— Rothen está morto — ele continuou. Ele sentiu as lágrimas saltarem dos olhos. Tayend arregalou os olhos, e aí se aproximou e abraçou Dannyl.

Dannyl gelou e odiou-se por estar fazendo aquilo.

— Não se preocupe — disse Tayend. — Conforme lhe falei, não há ninguém aqui a não ser eu. Nem mesmo os criados.

— Desculpe — disse Dannyl. — Eu só...

— Preocupação por sermos vistos juntos, eu sei. Estou tendo cuidado.

Dannyl engoliu com dificuldade.

— *Odeio* ter de ser assim.

— Eu também — disse Tayend. — Ele reclinou-se e olhou para Dannyl. — Mas é como tem de ser. Seríamos idiotas de pensar de outra forma.

Dannyl suspirou e enxugou os olhos.

— Olhe só para mim. Sou um idiota.

Tayend pegou a mão dele e puxou-o pela sala de visitas.

— Não, não é não. Você acaba de perder um velho amigo querido. Zerrend tem um remédio para isso, embora meu caro primo em segundo grau, ou terceiro, deva ter levado as melhores poções com ele.

— Tayend — disse Dannyl —, Zerrend partiu por uma boa razão. Os sachakanos estão a apenas um dia ou dois daqui. Você não pode ficar.

— Não vou voltar para casa. Vim para cá para acompanhá-lo ao longo dessa situação e assim farei.

Dannyl interpelou Tayend.

— Estou falando sério, Tayend. Esses magos matam para se fortalecer. Eles vão combater primeiro o Clã, por ser seu oponente mais forte. Em seguida, procurarão por vítimas para recompor a energia que tiverem perdido. Os magos serão inúteis para eles, já que teremos exaurido nossas forças lutando contra eles. Seu alvo são pessoas comuns, especialmente aquelas com capacidade de magia não desenvolvida.

Os olhos do acadêmico se esbugalharam.

— Mas eles não chegarão a esse ponto. Você disse que eles combateriam o Clã primeiro. O Clã vai vencer, não vai?

Dannyl fitou Tayend e balançou a cabeça.

— Pelas instruções que recebemos, não creio que alguém acredite que sejamos capazes disso. Poderemos matar um ou dois deles, mas não todos. As ordens são para que abandonemos Imardin assim que estivermos desgastados.

— Ah. Você vai precisar de ajuda para fugir, se estiver exaurido. Eu vou...

— Não — Dannyl segurou Tayend pelos ombros. — Você precisa partir *agora*.

O acadêmico balançou a cabeça.

— Não sairei daqui sem você.

— Tayend...

— Além disso — disse o acadêmico —, os sachakanos vão invadir Elyne em seguida. Prefiro passar alguns dias aqui com você e arriscar uma morte prematura, do que voltar para casa e me odiar por abandoná-lo em troca de alguns meses a mais de segurança. Vou ficar e você vai ter de aceitar isso do jeito que puder.

Depois da escuridão das tubulações, a luz do sol era de cegar a vista. Ao subir e sair pelo tampão, Sonea sentiu algo sob a bota e tropeçou, ouvindo uma

reclamação abafada.

— Era o meu pé — resmungou Cery.

Ela não conseguiu conter o riso.

— Desculpe, Cery, ou devo chamá-lo de Ceryni agora?

Cery murmurou algo com desgosto.

— Tenho tentado a vida toda fugir desse nome e agora *tenho* de usá-lo. Tenho certeza de que alguns de nós gostaríamos de dizer poucas e boas para o Ladrão que decidiu que deveríamos ter nomes de animais.

— Sua mãe deve ter previsto o futuro ao escolher seu nome — disse Sonea. Ela pôs-se de lado ao ver Akkarin saindo do túnel.

— Ela podia dizer num relance quais gigolôs iam sair de fininho sem pagar a conta — disse Cery. — E ela sempre disse que meu pai ia se meter em algum tipo de encrenca.

— Minha tia deve ter o mesmo dom também. Ela sempre disse que você era *problema*. — Ela fez uma pausa. — Você viu Jonna e Ranel recentemente?

— Não — disse ele, curvando-se para recolocar a tampa do túnel no lugar —, já faz meses.

Ela suspirou e sentiu a consciência da morte de Rothen como um peso alojado em algum lugar dentro do corpo.

— Gostaria de vê-los. Antes que tudo isso...

Cery ergueu a mão fazendo um sinal de silêncio e em seguida puxou Sonea e Akkarin para dentro de um portal recuado. Gol voltou correndo da entrada da viela para juntar-se a eles. Dois homens entraram pela viela e se dirigiram silenciosamente na direção deles. Ao se aproximarem, Sonea reconheceu a mais escura das duas faces. Ela sentiu uma mão empurrá-la suavemente pelas costas.

— Ande — Cery cochichou no seu ouvido. — Dê-lhe “aquele” susto.

Sonea fitou-o de volta e reparou que os olhos dele brilhavam, maliciosos. Ela esperou até que os dois homens chegassem à mesma altura em que estava e aí

interceptou-lhes a passagem e retirou o capuz.

— Faren.

Os dois homens se agacharam e olharam-na fixamente, então um deles tomou fôlego.

— *Sonea?*

— Você ainda me reconhece, depois de tanto tempo.

Ele franziu o cenho.

— Mas pensei que você...

— Tivesse saído de Kyralia? — ela cruzou os braços. — Decidi voltar e acertar umas contas.

— Contas? — Ele olhou, nervoso, para o companheiro. — Então, você não tem nada a acertar comigo.

— Não? — Ela chegou mais perto dele e gostou de vê-lo dar um passo atrás. — Acho que me lembro de uma pequena combinação que tivemos um dia. Não me diga que se esqueceu, Faren?

— Como poderia esquecer? — ele resmungou. — Lembro-me de que você nunca cumpriu sua parte do trato. Na verdade, você incendiou mais de duas de minhas casas enquanto eu a protegia.

Sonea encolheu os ombros.

— Suponho que não tenha me mostrado assim tão útil. Mas não creio que algumas casas queimadas justificassem vender-me para o Clã.

Faren deu outro passo atrás.

— Isso não foi ideia minha. Não tive escolha.

— Não teve escolha? — ela exclamou. — Pelo que soube, você lucrou bastante. Diga-me, os outros Ladrões ganharam comissão a partir da recompensa? Soube que você ficou com ela toda.

Faren engoliu em seco ruidosamente e moveu-se para trás ainda mais.

— Como remuneração — disse com voz entrecortada.

Sonea deu mais um passo na direção dele, mas aí ouviu-se um burburinho vindo da entrada. Rapidamente, aquilo virou uma gargalhada.

— Sonea — disse Cery. — Eu devia contratar você como mensageiro. Você sabe muito bem amedrontar quando quer.

Ela ensaiou um sorriso malicioso.

— Você não é o único a me dizer isso ultimamente. — Pensar em Dorrien, porém, só fez com que se lembrasse de novo de Rothen. Ela sentiu mais uma vez a dor do pesar e lutou para livrar-se dele. “Não posso pensar nisso agora”, disse consigo mesma. “Há muito que fazer ainda.”

Faren estreitou os olhos ao fitar Cery.

— Eu devia saber que você estaria por trás dessa pequena emboscada.

Cery sorriu.

— Oh, apenas sugeri que ela se divertisse um pouco com você. Ela merece. Afinal de contas, você a entregou para o Clã.

— Vai levá-la para a reunião, não vai?

— Certo. Ela e Akkarin têm muito a contar a eles.

— Akkarin...? — Faren repetiu com voz sumida.

Sonea ouviu som de passos atrás dela e virou-se vendo que Akkarin e Gol surgiam na entrada. Akkarin havia raspado a barba curta e amarrado o cabelo atrás e parecia-se com sua imagem imponente de antes.

Faren deu outro passo para trás.

— É *Faren*, não é? — disse Akkarin suavemente. — Negro, com oito pernas e venenoso?

Faren balançou a cabeça, afirmando.

— Sim — disse ele. Exceto pelas pernas.

— Prazer em conhecê-lo.

O Ladrão aquiesceu novamente.

— Igualmente. — Ele olhou para Cery. — Bem, essa reunião deve ser divertida. Sigam-me.

Faren dirigiu-se ao final da viela, seu acompanhante olhou Sonea e Akkarin de modo curioso antes de apressar-se em segui-lo. Cery olhou Sonea, Akkarin e Gol de relance e acenou, chamando-os. Eles o seguiram por uma passagem estreita entre dois prédios ao final da viela. No meio do trajeto, um homem grande se interpôs, bloqueando o caminho de Faren.

— Quem são esses? — o homem perguntou, apontando Sonea e Akkarin.

— Convidados — Cery respondeu.

O homem hesitou e, em seguida, passou, relutante, por um portal. Faren o seguiu entrando no prédio. Seguiram por um pequeno corredor e depois por uma escadaria. No topo, Faren parou do lado de fora da porta, voltou-se e fitou Cery.

— Você deveria perguntar primeiro, antes de deixá-los entrar.

— E permitir que fiquem discutindo sobre o assunto por horas? — Cery balançou a cabeça. — Não temos tempo.

— Bem, eu o avisei.

Faren abriu a porta. Ao seguir a dupla, Sonea adentrou um ambiente luxuoso. Havia cadeiras estofadas dispostas num círculo mal formado. Ela contou sete cadeiras ocupadas. Os sete homens postados por trás de cada uma eram os protetores dos Ladrões, ela imaginou.

Não era difícil adivinhar quem era quem ali. O homem magro e calvo era obviamente Sevli. A mulher de nariz pontudo e cabelo vermelho era provavelmente Zill e o homem barbudo de sobrancelhas grossas tinha de ser Limek. Olhando em volta, Sonea ficou imaginando se as semelhanças físicas com os animais teriam produzido os nomes dos Ladrões ou se eles haviam tomado a forma das criaturas que preferiam. Talvez um pouco de ambos, ela concluiu.

Os ocupantes das cadeiras olhavam fixamente para ela e para Akkarin, alguns

com expressão de raiva e revolta, outros com perplexidade. Um rosto era familiar. Sonea sorriu ao cruzar o olhar de Ravi.

— Quem são essas pessoas? — perguntou Sevli.

— São amigos de Cery — disse Faren, que se dirigiu a um dos assentos vazios e sentou-se. — Ele insistiu em trazê-los.

— Esta é Sonea — respondeu Ravi, em nome dos demais Ladrões. Seus olhos se voltaram para Akkarin. — O que significa que você deve ser o antigo Lorde Supremo.

A revolta e a perplexidade se transformaram em surpresa e choque.

— É uma honra conhecê-los todos afinal — Akkarin respondeu. — Especialmente você, Lorde Senfel.

Sonea olhou para o homem por trás da cadeira de Ravi. O velho mago tinha raspado a barba, provável razão pela qual ela não o tinha reconhecido de pronto. Desde a última vez que o vira, quando Faren tinha tentado chantageá-lo por ensinar magia a ela, ele deixara crescer uma longa barba branca. Ela tinha sido medicada, numa tentativa frustrada de controlar sua magia e pensou que havia sonhado sobre o encontro até que Cery falou na reunião mais tarde. Ele olhou fixamente para Akkarin, com o rosto pálido.

— Então — disse ele —, você finalmente me encontrou.

— Finalmente? — Akkarin ergueu os ombros. — Tenho sabido de você há *muito* tempo, Senfel.

O velho homem piscou, surpreso.

— Você *sabia*?

— Claro — respondeu Akkarin. — Sua falsa morte não foi muito convincente. Ainda não estou certo da razão pela qual nos deixou.

— Achava suas regras... sufocantes. Por que não fez nada?

Akkarin sorriu.

— Agora, como isso poderia ter feito meu antecessor parecer? Ele nem

mesmo se apercebeu de que você estava faltando. Você não estava causando mal algum aqui, assim, decidi deixá-lo ficar.

O velho mago vociferou de forma curta, desagradável.

— Você e seu velho hábito de quebrar as regras, Akkarin de Delvon.

— E eu estava esperando até que viesse a precisar de você — acrescentou Akkarin.

Senfel acalmou-se.

— O Clã tem chamado por você — disse ele. — Parece que estão *precisando de você.* Por que não responde?

Akkarin observou o círculo de Ladrões.

— Porque o Clã não deve saber que estamos aqui.

Os olhos dos Ladrões aguçaram-se, interessados.

— Por que isso? — perguntou Sevli.

Cery adiantou-se.

— A história de Akkarin não é breve. Podemos ter mais algumas cadeiras?

O homem que os havia encontrado à porta saiu da sala e voltou, em seguida, com duas cadeiras simples de madeira. Quando todos se sentaram, Akkarin olhou em volta o círculo de rostos e respirou fundo.

— Primeiro, deixe-me contar-lhes como encontrei os sachakanos — ele começou.

Ao descrever rapidamente o encontro com Dakova, Sonea observou os rostos dos Ladrões. De início, eles escutaram com calma, mas quando ele descreveu os ichanis, as expressões mudaram para preocupação e alarme. Ele lhes contou sobre os espiões e como tinha recrutado Cery para caçá-los; a essa altura, eles olharam para o velho amigo de Sonea com surpresa e interesse. Depois, quando falou sobre o exílio deles em Sachaka, Sevli exclamou com enfado.

— O pessoal do Clã é tolo — disse ele. — Deviam ter mantido vocês aqui até

que soubessem que os ichanis eram reais.

— Pode ter sido uma sorte não terem feito isso — disse Akkarin. — Os ichanis não sabem que estou aqui e isso nos coloca em vantagem. Embora eu seja mais forte do que qualquer mago do Clã, não sou suficientemente forte para derrotar oito ichanis. Sonea e eu poderíamos derrotar um deles, caso estivesse separado dos outros. No entanto, se os ichanis souberem que estou aqui, vão se juntar, nos perseguir e nos capturar.

Ele olhou em volta do círculo.

— Essa é a razão pela qual não respondi aos chamados do Clã. Se o Clã souber que estou aqui, os ichanis vão ler isso na mente do primeiro mago que capturarem.

— Mas você permitiu que *nós* soubéssemos disso — observou Sevli.

— Sim. É um risco, mas não tão grande. Espero que as pessoas aqui nesta sala se mantenham bem longe do caminho dos sachakanos. Quaisquer outros rumores sobre nossa presença que cheguem até à população comum poderão ser descartados como pensamento fantasioso.

— Então, o que quer de nós? — perguntou Ravi.

— Eles querem que os ajudemos a separar um sachakano dos outros — respondeu Zill.

— Sim — confirmou Akkarin. — E dar-nos acesso e guias para a Estrada dos Ladrões pela cidade toda.

— Mas os prédios estão quase todos vazios — disse Zill. — Estão trancados, porém podemos dar um jeito nisso.

Sonea franziu o cenho.

— Por que os prédios estão vazios?

A mulher olhou para Sonea.

— O Rei ordenou que as Casas saíssem de Imardin. Estávamos tentando entender por que, até Senfel nos contar, agora mesmo, sobre a derrota no Forte e

em Calia.

Akkarin meneou a cabeça.

— O Clã terá se dado conta de que todos em Imardin são fontes em potencial de magia para os ichanis. Terão aconselhado o Rei a esvaziar a cidade.

— Mas ele ordenou que apenas as Casas partissem, não foi? — disse Sonea. — Conforme os Ladrões confirmaram, ela sentiu uma ponta de raiva. — E o restante do povo?

— Com a saída das Casas, todos deduziram que estava acontecendo alguma coisa. — Cery disse a ela. — Pelo que eu soube, centenas de pessoas juntaram suas coisas e partiram para o interior.

— E quanto aos dwells? — ela perguntou.

— Eles vão se entrincheirar — Cery lhe assegurou.

— Nas favelas, fora dos muros da cidade, onde os ichanis chegarão primeiro. — Ela meneou a cabeça. — Se os ichanis decidirem parar e se fortalecer, os dwells não terão chance. — Ela sentiu a raiva aumentar.

— Acredito que o Rei pudesse ser idiota desse jeito, mas não o Clã. Deve haver centenas de magos em potencial nas favelas. *Eles* são os que deveriam ser evacuados em primeiro lugar.

— Magos em potencial? — Sevli franziu o cenho. — O que quer dizer?

— O Clã só procura por potencial de magia entre as crianças das Casas — Akkarin disse. — O que não significa que aqueles pertencentes a outras classes não tenham potencial de magia. Sonea é prova disso. Ela só foi autorizada a juntar-se ao Clã porque seus poderes eram tão fortes que se desenvolveram sem apoio. Provavelmente, há centenas de magos em potencial nas classes inferiores.

— E são vítimas mais atraentes para os ichanis do que os magos — Sonea acrescentou. — Os magos exaurem seus poderes ao lutarem em sua defesa; assim, ao serem derrotados, não têm mais poder a ser retirado.

Os Ladrões trocaram olhares.

— Pensávamos que seríamos ignorados pelos invasores — resmungou Ravi. — Agora, é como se fossemos ser colhidos como uma espécie de safra mágica.

— A menos que... — Sonea prendeu a respiração e olhou para Akkarin. — A menos que alguém lhes retire o poder antes dos ichanis.

Ele arregalou os olhos ao se dar conta do que ela estava sugerindo, mas, em seguida, franziu o cenho.

— Será que concordariam com isso? Não vou retirar o poder de nenhum kyraliano à força.

— Acho que a maioria sim, se compreendesse por que desejávamos aquilo.

Akkarin balançou a cabeça.

— Mas seria impossível de organizar. Teríamos de testar centenas de pessoas e explicar o que estávamos fazendo a todas elas. Podemos ter apenas um dia para preparar.

— Está pensando naquilo que acho que está pensando? — Senfel perguntou.

— Que é o quê? — Sevli parecia confuso. — Se está entendendo isso, Senfel, explique-me.

— Se encontrarmos os favelados que têm magia em potencial, Akkarin e Sonea podem tirar o poder deles — disse Senfel.

— Além de roubarmos a colheita dos ichanis, nossos magos ficam mais fortes — disse Zill, aprumando-se no seu lugar.

“Nossos magos?” Sonea segurou um sorriso. “Parece que os Ladrões nos aceitaram.”

— Mas será que os dwells vão concordar com isso? — Akkarin perguntou. — Eles não têm grandes simpatias por magos.

— Eles o farão se *nós* pedirmos a eles — disse Ravi. — Não importa o que os dwells pensem de nós, eles reconhecem que lutamos por eles durante e depois da primeira Purificação. Se pedirmos por ajuda na luta contra os invasores, teremos milhares de voluntários ao final do dia. Podemos dizer a eles que temos alguns

magos do nosso lado. Se pensarem que vocês não são do Clã, é ainda mais provável que concordem em ajudá-los.

— Vejo um problema — disse Sevli. — Se assim o fizermos, milhares de dwells vão vê-los. Mesmo que não saibam quem são, terão visto seu rosto. Se os ichanis lerem as mentes deles...

— Nisso eu posso ajudar — disse Senfel — Vou testar todos os voluntários. Apenas aqueles que tiverem potencial verão Sonea e Akkarin. O que significa que só uns cem saberão que estão aqui.

Cery sorriu.

— Está vendo, Senfel? Você acabou sendo útil.

O velho mago dirigiu um olhar fulminante para Cery, depois olhou para Akkarin novamente.

— Se estimularmos esses voluntários a ficarem em um lugar... um esconderijo com camas confortáveis e um suprimento generoso de comida... eles recuperarão suas forças e amanhã vocês poderão aumentar novamente o poder de vocês.

Akkarin fitou o mago e assentiu.

— Obrigado, Senfel.

— Não me agradeça ainda — Senfel respondeu. — Eles podem olhar para mim e sair correndo.

Sevli deu uma gargalhada.

— Você tem de tentar ser agradável ao menos uma vez, Senfel. — Ele ignorou o olhar furioso e olhou em volta do círculo. — Agora que sabemos a natureza desses ichanis, percebo que as sugestões que eu ia fazer para lutar contra eles não funcionariam. Devemos ficar fora do caminho tanto quanto possível.

— Sim — Faren concordou. — E alerte os dwells para ficarem fora de vista também.

— Melhor ainda — disse Ravi. — Traga os dwells para dentro das passagens. Vai ficar meio apertado e o ar um pouco mais rarefeito, mas... — ele olhou de

relance para Senfel — batalhas entre magos não duram muito tempo, até onde eu sei.

— Como vamos atrair um ichani para longe do grupo principal? — perguntou Zill.

— Ouvi dizer que Limek tem um bom alfaiate — disse Cery, dirigindo um olhar significativo para o Ladrão de cabeleira farta e encaracolada.

— Fantasiarem-se com túnicas? — o homem falou com voz grave.

— Oh, eles nunca acreditariam que um mago pudesse ser tão pequeno — Faren zombou.

— Ei! — protestou Cery, apontando para Sonea. — Existem magos pequenos.

Faren meneou a cabeça.

— Acho que você ficaria bem convincente numa túnica de aprendiz.

Sonea sentiu alguma coisa esbarrando no braço e olhou para baixo, percebendo que Akkarin tocava suavemente na pele dela.

— *Essa gente é mais corajosa do que eu imaginava* — ele mentalizou. — *Parecem compreender como os ichanis são perigosos e poderosos, e ainda assim continuam querendo lutar contra eles.*

Sonea sorriu e enviou para ele uma imagem etérea de dwells atirando pedras em magos durante a Purificação, e em seguida do sistema de tubulações subterrâneas que tinha permitido a entrada deles na cidade, conduzidos por Cery.

— *Por que não o fariam? Eles têm combatido magos e "passado a perna" neles por anos.*

Capítulo 32

Um Presente

Algo provocava uma coceira nas narinas de Rothen. Ele aspirou com força e, em seguida, abriu os olhos.

Encontrava-se deitado de barriga para baixo sobre a relva seca. Ao rolar sobre o próprio corpo, sentiu uma pontada de dor no ombro. As lembranças da noite anterior voltaram: as carroças chegando, o jovem guerreiro encurralado por um ichani, Lorde Yikmo na janela da casa, explosão às carroças, Kariko, a pedra de sangue, ele partindo às pressas...

Olhando em volta, viu que estava em um celeiro. Pelo ângulo dos feixes de luz entre as ripas de madeira, devia ser quase meio-dia.

Ao colocar-se sentado, sentiu uma dor mais forte. Deslizando a mão sob a túnica, tocou no ombro. Este estava mais alto do que o normal. Fechando os olhos, voltou a mente para dentro do corpo e viu o ombro com preocupação. Enquanto dormia, seu corpo tinha usado os poderes que retornavam para começar a Cura dos ossos quebrados no braço e no ombro. Mas algo não estava bem.

Ele suspirou. A Autocura inconsciente era um dom inerente aos magos, mas não era um reflexo confiável. Os ossos se haviam colado tortos, em ângulos errados. Um Curador experiente poderia quebrá-los e uni-los novamente, mas por ora ele teria que suportar o desconforto e o movimento restrito.

Ao levantar-se, sentiu um acesso de tontura e fome. Encaminhou-se para a porta do celeiro e espiou. Havia casas em torno do celeiro, mas estavam todas em silêncio. A construção mais próxima lhe parecia familiar. Sentiu um arrepio quando se deu conta de que era a casa onde confrontara Kariko.

Sentiu uma forte relutância em deixar a proteção do celeiro. Os sachakanos

ainda podiam estar na vila, procurando por outros veículos de reposição. Deveria esperar até o cair da noite, depois fugir sob a proteção da escuridão.

Foi então que viu o mago estendido na porta de trás da casa. Não havia corpo algum ali na noite anterior. Só poderia ser um mago: Lorde Yikmo.

Rothen saiu à luz do sol e correu para a figura de túnica vermelha. Agarrando Yikmo pelos ombros, virou-o. O olhar do mago era sem expressão, voltado para o céu.

Havia filetes de sangue coagulado no queixo do Guerreiro. Sua túnica estava rasgada e coberta de sujeira. Pensando no que acontecera, Rothen lembrou o momento no qual a frente da casa explodira para dentro. Ele presumira que Yikmo tinha escapado. Em vez disso, parecia ter sido fatalmente ferido na explosão.

Rothen balançou a cabeça. Yikmo era respeitado e admirado no Clã. Apesar de não ser forte em termos de magia, sua mente astuta e a habilidade para ensinar os aprendizes com dificuldade de aprendizado tinham feito com que merecesse a alta consideração tanto de Balkan quanto de Akkarin.

“Esse fora o motivo pelo qual Akkarin o escolhera para professor de Sonea”, pensou Rothen. “Acho que ela gostava de Yikmo. Vai sofrer quando souber da morte dele.”

O restante do Clã sentiria da mesma forma. Ele pensou em transmitir as notícias, mas algo o fez hesitar. O Clã deveria saber, pelo silêncio após a batalha, que todos tinham perecido. Os sachakanos podiam não ter certeza. “Melhor não dizer nada que já não saibam”, pensou ele.

Colocando-se de pé, Rothen dirigiu-se à casa. Entrou com cuidado e se aproximou da sala da frente. Abrira-se um enorme buraco na estrada. Os estilhaços restantes de duas carroças formaram pilhas no centro da passagem. “Eles foram embora.”

Havia três corpos no meio da bagunça. Rothen olhou atentamente para as casas em ambos os lados, e, em seguida, saiu com cautela.

— Mago!

Rothen se virou, relaxando em seguida, quando viu um adolescente correndo em sua direção. Ele se lembrou do garoto quando da evacuação da vila. Yikmo tivera de usar algumas palavras duras para dissuadir o jovem de ficar para ver a luta.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Rothen.

O rapaz parou e fez uma reverência inesperada quase cômica de tão desajeitada.

— Voltei para ver o que aconteceu, meu lorde — respondeu.

Os olhos dele desviaram-se para as carroças.

— Aquele é o inimigo?

Rothen dirigiu-se aos corpos e os examinou. Todos eram sachakanos. Ele observou numerosas cicatrizes nos braços deles.

— Escravos — disse. Olhou com mais atenção. — Parece que se machucaram gravemente na colisão das carroças. Estão muito feridos, mas nada que não pudesse ter sido curado, e nada que pudesse tê-los matado rapidamente.

— Você acha que os sachakanos mataram sua própria gente?

— Talvez. — Rothen aprumou-se e olhou de um sachakano morto para outro. — Sim. Esses cortes nos seus pulsos não foram das lascas de madeira.

— Acho que não queriam que seus escravos os atrasassem — disse o menino.

— Você olhou no entorno da vila? — perguntou Rothen.

O menino assentiu com a cabeça.

— Viu outros magos do Clã?

O menino concordou novamente, em seguida abaixou os olhos.

— Porém, todos mortos.

Rothen suspirou.

— Sobrou algum cavalo?

O menino sorriu.

— Não aqui, mas posso arranjar um. Meu pai treina cavalos de corrida para a Casa Arran. A propriedade não é muito longe. Posso correr até lá e voltar em meia hora.

— Então, vá buscar um cavalo. — Rothen olhou em volta das casas. — E também traga alguns homens para cuidarem dos corpos.

— Onde quer colocá-los? No cemitério de Calia?

Um cemitério. Rothen pensou no misterioso cemitério na floresta atrás do Clã, em seguida lembrou-se das alegações de Akkarin afirmando que a magia negra era comum antes de ser banida. De repente, o motivo para a existência das covas estava muito claro.

— Por agora — respondeu Rothen —, permanecerei para identificá-los e depois cavalgarei para a cidade.

Assim como tantas outras pessoas antes dela, a mulher que entrou na sala hesitou ao ver Sonea.

— Eu sei, o véu está demais — disse Sonea, falando com o sotaque das favelas. — Eles dizem que tenho de usar isso, assim ninguém distingue os magos dos Ladrões. O véu tinha sido ideia de Takan. Usar o véu significava que mesmo tendo retirado o poder de quase uma centena de magos em potencial, eles não a veriam. Akkarin, que estava reunido com pessoas em outra sala, usava uma máscara.

— Sonea? — A mulher sussurrou.

Sonea sentiu uma ponta de alarme. Ela olhou mais detidamente, depois retirou o véu ao reconhecer a mulher.

— Jonna!

Sonea correu em volta da mesa e deu um abraço apertado na tia.

— É você mesma — disse Jonna, se afastando para olhar Sonea. — Pensei

que estivesse fora do Clã.

— Eles me mandaram embora. — Sonea sorriu. — Voltei. Não podemos deixar esses sachakanos bagunçarem nossa cidade, podemos?

Diferentes emoções passaram pelo rosto da mulher. Preocupação e medo seguidos de um sorriso amarelo.

— Com certeza, você sabe como entrar em encrenca. Ela olhou em volta da sala. — Eles me fizeram esperar por horas. Pensei que fosse cozinhar ou outra coisa, mas me disseram que eu tinha alguma habilidade para magia e deveria ajudar seu mago.

— Mesmo? — Sonea levou a tia até a cadeira, depois voltou para seu lugar, do outro lado da mesa. — Devo ter herdado minhas habilidades do lado de minha mãe. Me dê sua mão.

Jonna estendeu-lhe a mão. Sonea a pegou e sentiu. Detectou uma pequena fonte de força.

— Não muita. É por isso que fizeram você esperar. Como está Ranel e meus priminhos?

— Kerrel está crescendo rápido. Hania é chorona, mas vivo me dizendo que logo ela vai crescer e essa fase vai passar. Se Ranel soubesse que está aqui, teria vindo, mas achou que não seria útil por ser manco.

— Adoraria vê-lo. Talvez depois disso tudo... Farei um pequeno corte nas costas de sua mão, se você concordar.

Jonna deu de ombros. Sonea abriu uma caixa na mesa e retirou uma faquinha que Cery lhe dera. Ele argumentou que uma lâmina pequena não amedrontaria os favelados tanto quanto uma lâmina grande. Aquela era tão pequena que merecera umas risadas.

Sonea fez um pequeno corte nas costas da mão de Jonna com a faca e, em seguida, colocou um dedo sobre o corte. Como todos os favelados anteriores, Jonna relaxou quando Sonea puxou sua energia. Depois que Sonea parou e curou o corte, a mulher se aprumou.

— Senti... muito estranho — disse Jonna. — Não podia me mexer, mas sentia tanta sonolência que nem queria fazê-lo.

Sonea assentiu.

— É assim que a maioria diz que parece. Não estou certa se poderia fazer isso se soubesse que era desagradável. Agora, me diga o que você e Ranel têm feito nos últimos tempos.

Os problemas que Jonna relatou pareciam maravilhosamente simples e comuns. Sonea ouviu, e aí contou para a tia tudo que acontecera desde o último encontro delas, incluindo alguns de seus medos e dúvidas. No final da história, Jonna a olhou de forma especulativa.

— É difícil acreditar que aquela criancinha que tive de criar se transformou numa pessoa tão importante — disse ela. — E você com esse Akkarin, o Lorde Supremo do Clã.

— Ele não é mais — Sonea lembrou.

Jonna acenou com a mão.

— Mesmo assim. Você confia nele? Você acha que vai se casar?

Sonea sentiu o rosto enrubescer.

— Eu... eu não sei. Eu...

— Você concordaria?

Casamento? Sonea hesitou, mas lentamente assentiu.

— Mas vocês não conversaram sobre isso, conversaram? — Jonna franziu a testa inclinando-se para a frente. — Você está tomando precauções? — ela murmurou.

— Hummm... — Sonea engoliu. — Sei que há formas, com magia, de ter certeza que uma mulher não... É uma das vantagens de ser maga. Akkarin não desejaria isso. — Sentiu o rosto corar ainda mais. — Não agora, de qualquer forma. Não seria sábio, com toda a guerra.

Jonna assentiu e bateu de leve na mão de Sonea.

— Com certeza. Talvez mais tarde. Quando tudo isso terminar.

Sonea sorriu.

— Sim. E quando eu estiver pronta. O que não seria imediatamente.

A mulher suspirou.

— É bom ver você, Sonea. É um alívio saber que está de volta. — Ela se conteve. — Mas também não é. Eu gostaria que você estivesse em algum lugar distante e seguro. Queria que não tivesse de lutar contra esses sachakanos. Você... você tomará cuidado?

— Com certeza.

— Não tente nenhuma tolice.

— Não tentarei. Não me agrada muito a ideia de morrer, Jonna. O que ajuda bastante a não fazer tolices.

Uma batida à porta as interrompeu.

— Sim? — respondeu Sonea.

A porta se abriu, e Cery entrou carregando uma grande sacola. Ele sorria de orelha a orelha.

— Colocando as coisas em dia? — disse ele.

— Você arranjou isso? — perguntou Sonea.

— Talvez sim — respondeu Cery timidamente.

— Obrigada.

Ele encolheu os ombros. Jonna se levantou.

— Está tarde. Tenho de voltar para minha família — disse. — Já estou fora há muito tempo.

Sonea se levantou e rodeou a mesa para abraçar a tia novamente.

— Cuide-se — disse ela. — Dê um beijo em Ranel por mim. E diga a ele para não falar nada sobre estarmos aqui. Para ninguém.

Jonna assentiu, depois virou-se e saiu da sala.

— Esta foi a última — disse Cery. — Vou levá-la de volta a seus aposentos.

— E Akkarin?

— Está aguardando por você lá. Venha.

Dirigindo-se à porta na parte de trás da sala, ele a conduziu por um corredor. Ao final dele, entraram em um pequeno armário. Cery desamarrou uma corda pendurada em um orifício no teto e, conforme a deixou escorregar por suas mãos, o chão do armário lentamente desceu.

— Vocês formam um belo par — disse Cery.

Sonea virou-se e franziu a testa para ele.

— Eu e Jonna?

Ele sorriu e balançou negativamente a cabeça.

— Você e Akkarin.

— Você acha?

— Espero que sim. Não tenho certeza se gosto de vê-lo arrastar você para toda essa encrenca, mas ele parece tão preocupado com sua sobrevivência quanto eu.

O chão parou diante de outra porta. Cery a empurrou abrindo-a e eles entraram por uma passagem familiar. Poucos passos mais à frente passavam por uma grande porta de metal que dava na sua sala de visitas. Akkarin estava sentado diante de uma mesa repleta de pratos com comida fresca e um copo de vinho na mão. A seu lado, estava sentado Takan.

Akkarin olhou para Sonea e sorriu. Ela notou que Takan a olhava atentamente e começou a imaginar o que estariam conversando antes de ela chegar.

— Ceryni — disse Akkarin. — Mais uma vez você nos recebeu com generosidade. — Ele levantou o copo. — Anuren tinto, não menos.

Cery encolheu os ombros.

— Não se economiza nos gastos com os defensores da cidade.

Sonea sentou e começou a comer. Apesar de estar faminta, a comida caía como pedra em seu estômago e quase perdeu o apetite quando começaram a discutir os planos para o dia seguinte. Eles ainda não tinham falado muito quando Akkarin parou e a olhou atentamente.

— O seu poder é perceptível — ele disse calmamente. — Preciso ensiná-la a escondê-lo.

Akkarin estendeu a mão. Conforme ela a pegou, sentiu sua presença crescer forte no limite da sua mente. Ela fechou os olhos.

— Isto é o que eu posso sentir.

Imediatamente ela sentiu o poder dentro dele se irradiando, como uma névoa reluzente.

— Eu o vejo.

— Você está deixando o poder transbordar pela barreira que cerca sua área natural de influência mágica. Precisa fortalecer a barreira. Assim.

O brilho foi esmaecendo até acabar. Concentrando-se no próprio corpo, sentiu a energia armazenada dentro dela. Não tinha tido a oportunidade de considerar quanta força tinha conseguido dos favelados. Tentou contabilizar os voluntários, mas perdeu a conta depois de trinta.

Agora, ela se maravilhava com o imenso poder que acumulara, contido pela barreira na sua pele. Mas aquela barreira só era forte o suficiente para conter seu nível natural de energia. Ela teria de usar alguma da magia extra para fortalecê-la. Concentrando, começou a enviar um filete contínuo de poder para a barreira.

— É isso.

Em vez de recuar, a mente de Akkarin permaneceu.

— Olhe para mim.

Ela abriu os olhos. Um arrepio percorreu-lhe o corpo ao dar-se conta de que podia vê-lo e senti-lo ao mesmo tempo. A expressão dele era pensativa, a mesma que sempre tinha quando ela o pegava olhando para ela... e agora ela sabia com

certeza no que ele estava pensando nesses momentos. Sentiu o rosto corar e o canto da boca dele curvou-se para cima.

Em seguida, a mente dele perdeu a força e ele soltou a mão de Sonea. Quando Akkarin desviou o olhar, ela sentiu uma leve decepção.

— Devíamos fazer pedras de sangue para ambos. Haverá horas em que precisaremos nos comunicar com privacidade nos próximos dias.

Pedras de sangue. A decepção dela se esvaiu e mudou para interesse.

— Precisamos de vidro. — Ele olhou para Takan. O criado se levantou, foi até a cozinha e voltou balançando a cabeça.

— Nada por lá...

Akkarin pegou um copo de vinho e olhou para Cery. — Se importa se eu quebrar este?

Cery encolheu os ombros.

— Não. Fique à vontade para espatifá-lo.

O copo estilhaçou quando Akkarin o bateu contra a mesa. Ele pegou um caco e deu para Sonea, então pegou outro para si. Cery a tudo assistia, claramente ardendo de curiosidade.

Juntos, Sonea e Akkarin derreteram os fragmentos de vidro, formando pequenas esferas. Akkarin pegou outro caco de vidro e cortou a palma da mão. Ela seguiu suas instruções sobre como aplicar o sangue e a magia ao vidro quente.

Quando as pedras esfriaram, Takan colocou um pequeno quadrado de ouro na mesa. Ele se elevou e pairou diante da face de Akkarin, em seguida retorceu-se, dividindo-se em dois anéis. Ao colocar sua pedra de sangue na base do anel, Sonea colocou a dela no outro. Ela percebeu como a pedra se projetava para dentro do aro, tocando na pele do usuário.

As garras de ouro das bases se fecharam sobre as pedras. Akkarin retirou os dois anéis do ar, segurando-os pelos aros, então virou-se, contemplando Sonea

solenemente.

— Com estes anéis, poderemos ver a mente um do outro. Isto tem algumas... desvantagens. Às vezes, ouvir e saber exatamente como a outra pessoa o vê pode ser uma experiência desagradável. Pode terminar amizades, transformar amor em resentimento e destruir o amor-próprio. — Ele fez uma pausa. — Mas também pode aprofundar a compreensão. Não devemos usar os anéis mais do que o estritamente necessário.

Sonea pegou seu anel e considerou aquelas palavras. Transformar amor em ressentimento? Mas ele nunca havia dito que a amava. Ela pensou nas palavras de Jonna: "Mas vocês não conversaram sobre isso, conversaram?"

"Nós não precisamos", disse para si mesma. "Apenas um olhar de relance em seus pensamentos já foi suficiente."

"Ou não foi?"

Ela olhou para o anel e viu-se entre duas possibilidades: ou ele a amava e tinha medo que os anéis pudessem estragar tudo ou não a amava e tinha medo que os anéis revelassem a verdade.

Entretanto, quando a mente dele demorou-se havia pouco, ela tivera certeza de que ele havia sentido mais do que apenas desejo.

Sonea pôs o anel sobre a mesa. Amanhã poderiam precisar deles. Amanhã descobririam o quanto lhes custaria. Por agora, ela não precisava ver mais do que vira de relance na mente de Akkarin.

Cery levantou-se de repente.

— Gostaria de ficar, mas tenho outras coisas para resolver. — Parou e mostrou a sacola que havia deixado na cadeira. — Mais roupas. Achei que serviriam melhor do que as que vocês estão usando.

Akkarin assentiu.

— Obrigada.

— Boa noite.

Depois que Cery se retirou, Takan também se levantou.

— É tarde — disse. — Se não forem mais precisar de mim...

Akkarin balançou a cabeça negativamente.

— Não. Vá dormir, Takan. — Olhou para Sonea. — Também devemos descansar.

Ele se levantou e foi para o quarto. Sonea começou a segui-lo, depois parou ao ver a sacola na cadeira. Pegou-a e levou-a para o quarto.

Akkarin olhou para a sacola quando ela colocou em cima da cama.

— Que disfarce Cery terá arranjado?

Sonea abriu a sacola e virou-a de cabeça para baixo. De dentro da sacola, caiu uma cascata de tecido preto. Ela olhou para Akkarin e em seguida espalhou as roupas sobre a cama.

Eram túnicas. Túnicas de *Magos*.

Akkarin olhou para elas e sua expressão ficou séria.

— Não podemos vesti-las — disse ele calmamente. — Não somos magos do Clã. É crime.

— O Clã vai estar muito ocupado juntando pessoas para lutar contra os ichanis amanhã — disse ela. — Haverá centenas de não magos nas ruas vestindo túnicas, tentando atrair os sachakanos para separá-los.

— Isso é... diferente. Fomos banidos. E estas são negras. Eles não vão nos confundir com magos comuns.

Sonea olhou para a sacola. Ainda estava pela metade. Vasculhando o interior, puxou dois pares de calças compridas e duas camisas. Ambos de um tamanho avantajado.

— Estranho. Por que nos daria dois conjuntos de roupas?

— Como alternativa.

— Ou devemos usar as túnicas sob estas roupas.

Os olhos de Akkarin se amiudaram.

— E retirar a roupa de cima em um momento específico?

— Talvez. Você tem de admitir, poderia ser amedrontador. Dois magos negros...

Ela inspirou, olhou para a cama e sentiu um estranho arrepio ao se dar conta de que estava olhando para dois conjuntos de túnicas longas — túnicas de um mago graduado.

— Não posso vesti-las! — ela protestou.

Akkarin deu uma risada.

— Agora que você concorda comigo, vejo que minha mente está mudando. Acho que, talvez, seu amigo esteja sendo sutil e inteligente como eu esperava. — Ele se curvou para passar a mão sobre o tecido. — Nós não exibiríamos estas túnicas a menos que nossas identidades fossem descobertas. Mas, uma vez que tenham sido, pode parecer aos sachakanos que o Clã nos aceitou. As implicações disso serão motivo para Kariko fazer uma pausa.

— E o Clã?

Ele franziu o cenho.

— Se realmente quiserem que voltemos, terão de aceitar tudo o que somos — murmurou. — Afinal, não podemos desaprender aquilo que aprendemos.

Ela olhou para baixo.

— Então, estas são túnicas negras para magos negros.

— Sim.

Ela franziu o cenho. A ideia de desfilar de túnica negra na frente de Rothen... ela sentiu uma pontada aguda de tristeza. “Mas Rothen está morto.”

Suspirou.

— Gostaria mais se chamassem a magia negra de magia superior, mas se algum dia o Clã nos aceitasse, imagino que não poderiam nos chamar de Magos

Superiores. Esse termo já é usado.

Akkarin balançou a cabeça negativamente.

— Não, e magos negros devem ser desestimulados a pensar que são superiores aos outros.

Sonea olhou atentamente para ele.

— Você acha que eles nos aceitarão?

As sobrancelhas de Akkarin se uniram.

— Mesmo que sobreviva, o Clã nunca será o mesmo. — Ele juntou as túnicas e as pendurou no encosto da cadeira. — Por agora, devemos dormir. Podemos não ter outra chance por algum tempo.

Conforme ele começou a tirar a roupa, Sonea sentou-se na beira da cama e pensou sobre as palavras dele. O Clã já tinha mudado. Com tantos mortos... Ela sentiu a garganta apertar novamente ao pensar em Rothen.

— Nunca vi ninguém dormir bem sentada — disse Akkarin.

Sonea se virou e o viu entrando debaixo das cobertas. Ela sentiu uma estranha mistura de excitação e timidez. Acordar ao seu lado numa cama naquela manhã mudara algo. “Era certamente, mais confortável que a pedra”, ela refletiu, “mas estar aqui, juntos, parece muito mais... calculado.”

Ela colocou a sacola e o restante das roupas de lado, em seguida se despiu e entrou debaixo das cobertas. Os olhos de Akkarin estavam fechados e a respiração tinha o ritmo constante e profundo do sono. Ela sorriu e desligou a lamparina.

Apesar da escuridão e do longo dia, ficou acordada. Ela criou um globo de luz pequeno e fraco e revirou-se para ver Akkarin, satisfeita apenas em examinar os detalhes e contornos de seu rosto.

Então, os olhos dele se abriram e olharam dentro dos dela. Uma pequena ruga se formou na testa dele.

— Você deveria estar dormindo — ele murmurou.

— Não consigo dormir — ela lhe disse.

Seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Quando foi que ouvi isso antes?

Ao entrar em seus aposentos, Cery respirou fundo. Havia um odor cálido e aromático no ar. Sorriu e seguiu o aroma até a sala de banho, onde encontrou Savara relaxando numa banheira.

— No banho de novo? — ele perguntou.

Ela sorriu timidamente.

— Não quer se juntar a mim?

— Por ora, ficarei a uma distância segura.

O sorriso dela se abriu.

— Então, me diga o que perdi.

— Vou pegar uma cadeira.

Ele voltou à sala de visitas, parou no centro e respirou fundo várias vezes.

Mais uma vez, sentia um forte desejo de lhe contar tudo. Tinham feito um acordo: mantê-la informada em troca de sugestões sobre como matar ichanis. Parte dele tinha certeza de que podia confiar nela, mas outra sussurrava um alerta.

Quanto ele realmente sabia sobre ela? Ela era sachakana. Tinha procurado e identificado seus compatriotas — homens e mulheres — para ele, sabendo que poderiam ser mortos. Entretanto, isso não significava que ela tivesse em mente os melhores interesses de Kyralia. Ela lhe dissera que trabalhava para outra “facção” da sociedade dos sachakanos e estava claro que sua lealdade era para com seu povo.

Tinham um acordo, e até então ela havia mantido a parte dela...

Mas ele não podia lhe contar que Akkarin e Sonea tinham retornado. Caso as

notícias de sua chegada e os preparativos vazassem, os ichanis poderiam vencer. Se ele confiasse em Savara, e ela os traísse, a culpa pela queda de Kyralia repousaria nos ombros dele.

E Sonea talvez fosse morta. Ele se sentia vagamente culpado por ocultar informações da nova mulher de sua vida em benefício da antiga. “Mas, se colocasse em perigo a vida da antiga por confiar erradamente na nova”, refletiu ele, “eu me sentiria muito pior do que agora.”

Mas Savara descobriria no final. O coração de Cery acelerou com um estranho e desconhecido medo ao considerar como ela reagiria.

“Ela vai compreender”, disse para si mesmo. “Que tipo de Ladrão eu seria se tão facilmente traísse segredos confiados a mim? E não é como se ela fosse ficar por muito tempo. Uma vez que esteja acabado, ela me deixará de qualquer forma.”

Respirando fundo, ele pegou a cadeira e a levou para o banheiro. Ela cruzou os braços sobre a borda da banheira e descansou o queixo sobre eles.

— O que os ladrões decidiram?

— Eles gostaram das nossas ideias — ele lhe contou. — Limek colocou seu pessoal trabalhando na confecção das túnicas.

Ela riu.

— Espero que essas pessoas possam trabalhar rápido.

— Eles usarão a Estrada dos Ladrões para fugir novamente. Também arranjamos pessoas para procurar bons locais para colocar armadilhas.

Ela assentiu.

— O Clã enviou uma chamada mental para Akkarin hoje.

Ele fingiu surpresa.

— O que ele disse?

— Ele não respondeu.

Cery franziu o cenho.

— Você não acha que ele esteja...?

— Morto? — ela ergueu os ombros levemente. — Eu não sei. Ou talvez seja muito perigoso responder. Ele poderia atrair o tipo errado de atenção.

Ele assentiu e achou muito fácil parecer preocupado. Descruzando os braços, ela acenou, chamando-o.

— Venha aqui, Cery — murmurou. — Você me deixou aqui o dia todo, sozinha. Uma garota pode ficar entediada.

Ele se levantou e cruzou os braços.

— O dia todo? Eu ouvi quando você escapuliu para o Mercado.

Ela deu um risinho.

— Pensei que você ouviria. Queria pegar algo que pedi para um joalheiro fazer para mim. Veja.

Havia uma pequena caixa sobre a borda da banheira. Ela a pegou e deu a ele.

— Um presente para você — ela disse. — Feito com algumas pedras das minhas facas.

Levantando a tampa, Cery prendeu a respiração quando viu o estranho pingente de prata dentro da caixa. Asas rebuscadas, cheias de ranhuras brotavam do corpo alongado. Duas pedras amarelas brilhavam formando os olhos do inseto e havia pedras verdes salpicadas no rabo curvo. O abdômen era um rubi grande e liso.

— No meu país é considerada boa sorte quando um inava pousa em você pouco antes de uma batalha — ela lhe disse. — É também um mensageiro de amantes separados. Observei que os homens kyralianos não usam joias, mas você pode mantê-la sob a roupa. — Ela sorriu. — Junto à sua pele.

Ele sentiu uma pontada de culpa. Retirando o pingente de dentro da caixa, deslizou a corrente por cima da cabeça.

— É lindo — disse ele. — Obrigado.

Ela desviou o olhar por um momento, como se estivesse de repente envergonhada pelo sentimentalismo do seu presente. Sorriu maliciosamente.

— Que tal vir aqui e me agradecer do jeito certo?

Cery riu.

— Tudo bem. Como poderia recusar isso?

Capítulo 33

A Chegada dos Ichanis

O sol da manhã movia-se lentamente por sobre o horizonte como se relutasse em encarar o dia que começava. Os primeiros raios tocaram as torres do Palácio, pintando-as de um tom vívido de amarelo alaranjado. Aos poucos, a luz dourada se espalhou por cima dos telhados, começando pela extremidade da cidade e se aproximando mais da Muralha Exterior, até banhar os rostos dos magos postados ao longo do topo.

Eles tinham saído do Clã tão logo os olheiros informaram que os sachakanos estavam avançando. Subindo no alto da Muralha Exterior, espalharam-se formando uma linha extensa. Era uma visão descomunal, centenas e centenas de magos reunidos — diferente das duas carroças sobrecarregadas que rodavam lentamente em direção à cidade. Lorlen tinha de manter em mente que os ocupantes daquelas carroças já haviam exterminado mais de quarenta dos melhores Guerreiros do Clã e que eram muito mais fortes do que os magos no Muro.

Os ichanis tinham arranjado substituição para as carroças que os homens de Yikmo haviam destruído. Isso, porém, os atrasara por meio-dia. Entretanto, o Clã não tinha se beneficiado do sacrifício dos Guerreiros. Todas as tentativas de Sarrin de aprender magia negra tinham falhado. O velho mago dissera que para ele as descrições e instruções de magia negra contidas nos livros quase não faziam sentido. Sua aflição crescia de forma incrível a cada dia que passava. Lorlen sabia que a probabilidade de que Yikmo e seus homens tivessem morrido em vão pesava na consciência de Sarrin tanto quanto seu fracasso em se tornar o salvador de Kyralia.

Lorlen olhou de relance para o Alquimista, que estava de pé a vários passos de distância. Sarrin parecia extenuado e cansado, mas reparou no inimigo que

avançava com firme determinação. Lorlen, então, olhou para Balkan, que estava de braços cruzados, tentando parecer, de alguma forma, confiante e à vontade. *Lady* Vinara mostrava-se calma, porém determinada.

Lorlen observou novamente as carroças se aproximando. Os olheiros tinham informado a localização do inimigo na noite anterior. Os sachakanos haviam invadido uma casa de fazenda abandonada ao lado da estrada, a apenas uma hora de viagem da cidade. Quando pareceu que pretendiam atrasar o ataque até o dia seguinte, o Rei ficou satisfeito. Ele ainda tinha esperanças de que Sarrin fosse bem-sucedido.

Um dos conselheiros do Rei tinha dito que os ichanis não descansariam a menos que necessitassem. Lorlen reconheceu o conselheiro como Raven, espião profissional que acompanhara Rothen nos primeiros dias de sua missão abortada.

— Se eles quiserem dormir, vamos impedi-los — disse Raven — Você não precisa mandar magos. Homens comuns podem não ser úteis em confrontos de magia, mas que não subestimem nossa capacidade de sermos irritantes.

Então, um punhado de guardas se infiltrou pela noite para liberar enxames de mosca da seiva dentro da casa da fazenda, despertaram os sachakanos com muito barulho e, finalmente, puseram fogo no prédio. Essa última ação foi realizada com satisfação maior que a de costume, depois que os ichanis capturaram um dos guardas. O que fizeram com o homem não foi um bom presságio para os habitantes que ainda não tinham saído de Imardin.

Olhando por sobre o ombro, Lorlen observou a cidade. As ruas estavam vazias e silenciosas. A maior parte dos membros das Casas tinha partido de navio para Elyne, levando consigo família e empregados. Nos últimos dois dias, uma fila de carroças seguia pelo Portão Sul, já que o resto da população tinha fugido em direção a vilarejos mais distantes. Os guardas tinham mantido a ordem o melhor que podiam, mas não havia número suficiente para restringir algumas das pilhagens que haviam ocorrido. Assim que o sol se recolhera na noite anterior, os Portões tinham sido fechados e as fortificações assentadas no lugar.

Certamente, os ichanis poderiam ignorar os portões. Talvez fossem direto até a abertura na Muralha Exterior onde uma vez este já cercara o território do Clã.

O Clã nada podia fazer para evitar isso. Já sabiam que perderiam a batalha. Esperavam apenas matar um ou dois ichanis.

Ainda assim, Lorlen odiava pensar na destruição que poderiam sofrer nos grandes prédios antigos. Lorde Jullen tinha empacotado e despachado a maioria dos livros e registros mais preciosos e lacrou o restante numa sala sob a Universidade. Os pacientes que estavam nos Aposentos de Cura, suas famílias e empregados tinham sido evacuados da cidade.

No Palácio, haviam sido tomadas precauções semelhantes. Lorlen virou-se para olhar as torres, visíveis apenas por cima do Muro Interno. Os muros da cidade tinham sido construídos para proteger o edifício central. Ao longo dos séculos, o Palácio fora modificado para agradar aos gostos e caprichos da realeza de Kyralia, mas o muro em torno permaneceu intacto. A guarda de elite aguardava dentro, pronta para lutar se o Clã fosse derrotado.

— Eles alcançaram as favelas — murmurou Olsen.

Olhando o norte novamente, Lorlen olhou para as favelas abaixo. Um labirinto de ruas não planejadas se espalhava diante dele. Tudo estava deserto. Imaginava para onde as pessoas teriam ido. Para longe, ele esperava.

As carroças tinham alcançado os primeiros prédios e os ocupantes agora eram figuras diminutas. Enquanto Lorlen observava, eles deram uma parada. Seis homens e uma mulher saíram dos veículos e começaram a caminhar em direção aos Portões do Norte. Os escravos levaram as carroças para o lado das favelas.

“Um ichani foi com eles”, observou Lorlen. “Um a menos para nos enfrentar. Não que faça muita diferença”.

— O Rei chegou — murmurou Olsen.

Lorlen se virou para ver o monarca se aproximando. Os Magos se ajoelharam e rapidamente levantaram-se de novo à passagem do Rei. Lorlen seguiu o protocolo.

— Administrador.

— Majestade — respondeu Lorlen.

O Rei olhou para os sachakanos avançando.

— Você tentou contatar Akkarin outra vez?

Lorlen assentiu.

— A cada hora, desde a sua primeira solicitação.

— Nenhuma resposta?

— Nenhuma.

O Rei assentiu.

— Então, nós os enfrentaremos sozinhos. Vamos torcer para que ele esteja errado quanto à força deles.

Sonea nunca tinha visto o Portão Norte fechado. As enormes placas de metal tinham estado sempre manchadas de ferrugem e as ornamentações obscurecidas pelos séculos de sujeira e fuligem. Agora, eram de um preto polido, restaurado, sem dúvida, fruto de orgulho e desafio.

Havia uma fileira de magos postados por cima do muro. Túnicas marrons se misturavam a vermelhas, verdes e roxas. Sonea sentiu uma ponta de compaixão por seus companheiros de classe. Deviam estar apavorados.

Os ichanis entraram no campo de visão na estrada embaixo. O coração de Sonea acelerou e ela ouviu Akkarin prender a respiração. Eles estavam apenas a uns cem passos ou mais e, dessa vez, ela não os via pelos olhos de outro mago.

Ela, Akkarin, Cery e Takan estavam observando de uma casa ao lado da Estrada do Norte. Cery os levara para lá porque o prédio tinha uma saleta na torre acima do segundo andar e possuía a melhor vista da área antes dos portões.

— O da frente é Kariko — murmurou Akkarin.

Sonea assentiu.

— E a mulher deve ser Avala. E quanto ao resto?

— Lembra-se do assassino cuja mente você leu? O alto é Harikava, mestre

dele. Os dois na parte de trás são Inijaka e Sarika. Eu os vi na mente dos espiões que li. Os outros dois, Rikacha e Rashi, são velhos aliados de Kariko.

— Há sete — disse ela. — Está faltando um.

Akkarin franziu o cenho.

— Sim.

Os ichanis deram vários passos além da casa e pararam. Fitaram a fila de silhuetas de túnicas dispostas ao longo do alto da Muralha Exterior.

A voz que ecoou era desconhecida.

— Não avancem, sachakanos. Vocês não são bem-vindos em minhas terras.

Olhando as figuras dos magos no muro por cima do portão, Sonea viu um homem finamente trajado em pé ao lado do Administrador Lorlen.

— Aquele... é o Rei?

— Sim.

Ela sentiu uma admiração hesitante pelo monarca. Ele permanecera na cidade, quando poderia ter fugido com as Casas.

Kariko abriu os braços.

— É assim que os kyralianos tratam seus convidados? Ou um viajante cansado?

— Um convidado não mata familiares nem empregados de seus anfitriões.

Kariko riu.

— Não. Bem-vindo ou não, estou na sua terra. E quero sua cidade. Abram os portões e permitirei que vivam e me sirvam.

— Preferiria morrer a servir pessoas da sua espécie.

O coração de Sonea disparou ao reconhecer a voz de Lorlen.

— Esse é um daqueles que se intitula “mago”? — disse Kariko rindo. — Desculpe-me. O convite não era para você ou para seu Clã. Eu não mantenho

magos. O único modo pelo qual seu Clã pode me servir é morrendo. — Ele cruzou os braços. — Abra os portões, Rei Merin.

— Abra você mesmo — respondeu o Rei. — E veremos se meu Clã é tão patético quanto você diz.

Kariko virou-se para olhar seus aliados.

— Bem, estas serão as boas-vindas que teremos. Vamos logo quebrar a casca e nos banquetearmos com o ovo.

Os movimentos deles foram displicentes ao se disporem em uma fila. Faixas brancas de luz se espalharam em direção aos portões, acertando as laterais e o centro. Sonea ouviu Cery prender a respiração quando o metal começou a faiscar. Centenas de golpes foram desferidos sobre as silhuetas lá embaixo. Todos eles se fragmentaram contra os escudos dos ichanis.

— Veja as fraquezas deles, Lorlen! — vaiou Akkarin. — Concentre-se em um!

Sonea pulou quando o som de algo se rasgando encheu a sala. A mão de Akkarin repousava sobre a tela de papel ao lado da janela. Ele retirou os dedos do papel amassado e agarrou o peitoril.

— É isso! — ele disse.

Olhando novamente para fora, Sonea viu que os golpes do Clã visavam apenas um único ichani. Ela prendeu a respiração, esperando que os demais sachakanos unissem seus escudos, mas não o fizeram.

— Aquele homem — Akkarin apontou com um dedo em direção ao ichani que estava sendo atacado. — Ele será nosso primeiro.

— Se ele se destacar do grupo — Cery acrescentou.

Kariko deu uma olhada em direção a seu aliado que caía e, em seguida, voltou o olhar para o muro acima. Um facho de luz saía na direção das pessoas por cima do portão, mas foi bloqueado pelo escudo conjunto do Clã.

Foi então que uma nuvem branca irrompeu dos portões. Um buraco radiante

se formara no metal e mais nuvens se formavam por trás.

— As Casas devem ter sido incendiadas do outro lado — disse Cery com gravidade.

Akkarin balançou a cabeça.

— Ainda não. Isso é vapor, não é fumaça. A Guarda está jogando água nas fortificações de madeira para evitar que queimem.

Parecia uma tentativa ridiculamente débil para deter os ichanis, mesmo assim a cada obstáculo a superar os sachakanos usavam parte de seu poder. Sonea olhou para cima do muro de novo. O Rei e os magos sobre o portão corriam para ambos os lados, para fora das nuvens de vapor que surgiam.

Então, um dos portões se moveu. Cery resmungou uma maldição conforme ele se vergou para frente. Ouviu-se o trincar de várias rachaduras antes que o portão se soltasse das dobradiças e tombasse no chão. Mais além, um andaime de madeira e ferro preenchia a abertura. Quando os guardas correram para escalar a estrutura, o segundo portão caiu.

Kariko olhou para os companheiros.

— Eles pensam que podem nos parar com isso? — Ele riu e virou para olhar as fortificações.

O ar se propagou, e o andaime se vergou para dentro como se esmurrado por enormes punhos invisíveis. O estalido de madeira partindo e de metal retorcido ecoou pela abertura no muro e as fortificações ruíram no chão.

Olhando para cima, Sonea notou que todos os magos que estavam no muro tinham desaparecido. Viu quando os ichanis entraram na cidade. Os ataques vieram das Casas de ambos os lados, mas os sachakanos os ignoraram. Eles avançaram decididos em direção ao Muro Interno.

Akkarin deu um passo, afastando-se da janela e virou-se para Cery.

— Precisamos entrar rapidamente na cidade — disse ele.

Cery sorriu.

— Sem problemas. Basta me seguir.

Não demorou muito para que Farand arfasse por ar. Dannyl pegou o braço do jovem e diminuiu o ritmo para um passo rápido. O jovem olhou para trás, com expressão atemorizada.

— Eles não nos seguirão — Dannyl assegurou-lhe. — Eles pareciam ter a mente voltada para o Círculo Interno.

Farand assentiu. O jovem mago apareceu ao lado de Dannyl no muro, talvez procurando a segurança de um rosto familiar. Os magos à frente prosseguiram para mais longe e, por fim, sumiram de vista.

— Nós... chegaremos lá... a tempo? — Farand ofegava ao alcançarem os Aposentos do Oeste.

— Espero que sim — respondeu Dannyl. Olhando para cima na direção do Muro Interno, pôde ver que alguns magos já se apressavam ao longo do topo. Ele olhou para Farand, que ainda estava pálido, mas lutando bravamente. — Talvez não.

Ele virou na próxima rua. O muro estava logo à frente. Quando o alcançaram, Dannyl segurou Farand pelos ombros. Ele criou um disco de força sob seus pés, e elevou-se tão rápido quanto podia. A subida repentina fez seu estômago revirar de forma constrangedora.

— Pensei que não era para usarmos magia a não ser durante a batalha — disse Farand arfando.

Eles alcançaram o alto do muro e Dannyl os fez pousar.

— É óbvio que você ainda está muito fraco para correr — disse ele. — Melhor chegarmos aqui cedo o suficiente para eu passar algum poder para você, do que não chegar aqui na hora de forma alguma.

Um mago correu em direção a eles, o rosto corado pelo esforço e os seguiu ao longo do muro. Olhando para baixo no Círculo Interno, Dannyl sentiu uma ponta de ansiedade. Tayend estava lá embaixo. Embora a mansão em que o Acadêmico

estava escondido ficasse em um local do outro lado do Palácio, ela não serviria de proteção tão logo os ichanis começassem a explorar.

Ao chegarem à linha de magos formada ao longo do muro, Dannyl enviou seu poder para juntar-se ao escudo do Clã. Olhou para baixo na direção dos ichanis. Estavam juntos na frente do portão, conversando.

— Por que não atacaram? — perguntou Farand.

Dannyl olhou atentamente.

— Não sei. Há apenas seis. Está faltando um.

A mulher sachakana saiu de uma rua lateral. Ela dirigiu-se aos ichanis. O líder cruzou os braços e deu um passo à frente para encontrá-la. Dannyl observou seus lábios se movendo. A mulher sorriu, mas quando o líder se virou sua expressão mudou para um sorriso com desdém.

— Ela é uma rebelde — Farand disse. — Isto pode ser útil mais tarde.

Dannyl assentiu e sua atenção voltou-se para os ichanis conforme eles atacaram. Os golpes explodiram no ar e ele sentiu uma vibração sob os pés.

— Estão atacando o muro — exclamou um Curador que estava ali por perto.

A vibração aumentou rapidamente transformando-se em um tremor. Dannyl olhou em frente. Os magos mais próximos ao portão lutavam para manter o equilíbrio. Alguns tinham se abaixado, agachando-se. Conforme o escudo do Clã se fragmentou, alguns dos magos foram arremessados para longe do muro.

— *Atacar!*

Respondendo à voz mental de Balkan, Dannyl se aprumou. Seu próprio golpe juntou-se às centenas que choveram sobre os sachakanos. A mão de Farand tocou seu ombro e ele sentiu o poder dele somando-se ao seu próprio.

O tremor e o ruído cessaram abruptamente. Os ichanis se retiraram dos portões. Dannyl sentiu um pouco de esperança, apesar de não fazer ideia por que estariam recuando.

Os portões, então, tombaram para a frente, caindo no chão aos pés dos ichanis.

Os escombros do muro arruinado caíram por cima dele. Kariko olhou para os magos de ambos os lados e riu com óbvia satisfação.

— *Saiam do muro* — Balkan comandou.

Imediatamente os magos correram para as escadas de madeira que tinham sido construídas na parte de dentro do muro. Dannyl e Farand aceleraram o passo pelas ruas de baixo.

— Qual será o próximo passo? — disse Farand, arfando conforme eles chegaram o chão.

— Nós encontraremos Lorde Vorel.

— E então?

— Não sei. Vorel nos dará informações, imagino.

Algumas ruas adiante, Dannyl encontrou o Guerreiro aguardando no local de reunião pré-combinado com vários outros magos. Todos estavam calmos e desanimados.

— *Reagrupar.*

Vorel assentiu ao comando de Balkan. Olhou para cada um deles, com expressão sóbria e carrancuda.

— Isso significa que devemos nos aproximar deles, sem sermos vistos. Quando a próxima ordem vier, atacaremos imediatamente, focando nossos golpes em um sachakano. Sigam-me.

Quando Vorel apressou-se em sair, Dannyl, Farand e os outros magos do grupo o seguiram. Nem uma palavra foi pronunciada. “Todos sabem que será o último confronto”, pensou Dannyl. “Depois disso, se ainda estivermos vivos, abandonaremos a cidade.”

Cery observou Sonea e Akkarin que desapareciam pela passagem escura, atrás do seu guia. Respirando fundo, ele começou a andar na outra direção. Takan seguiu logo atrás.

Ele tinha muito a fazer. Os outros ladrões precisavam saber que Akkarin e Sonea haviam chegado ao Círculo Interno. Os falsos magos podiam se perder nas ruas. Os escravos precisavam ser encontrados e cuidados. E ele... ele precisava de uma bebida forte.

A viagem pelo Círculo Interno foi apavorante, mesmo para quem estivesse acostumado com as passagens da Estrada dos Ladrões. O teto havia ruído sob o muro, deixando apenas espaço suficiente para se espremer em alguns lugares. Sonea o havia assegurado de que ela e Akkarin seriam capazes de manter o teto com magia caso começasse a ruir novamente, mas cada vez que respirava poeira era fácil para Cery imaginar-se esmagado e soterrado.

Ele chegou a um trecho da passagem que corria paralelo a uma viela. Havia grades no alto na parede que permitiam avistar a rua lá fora. Ouvindo o som de alguém correndo, Cery parou e observou quando um mago passou velozmente. O homem derrapou e parou.

— Ah, não — ele choramingou.

Curvando-se próximo a uma grade, Cery percebeu que a ruela era sem saída. O mago era um aprendiz — um jovem, apenas. Tinha a túnica coberta de poeira.

Então, de algum lugar logo depois da entrada da rua, veio uma voz de mulher.

— Onde está você? Onde você está, pequeno mago?

O sotaque da mulher era tão parecido com o de Savara que por um momento Cery pensou que fosse ela. Mas a voz era mais aguda e a risada que a acompanhava era cruel.

O jovem procurou, mas tratava-se do Círculo Interno, e não havia caixotes nem entulho atrás dos quais pudesse se esconder. Cery correu pela passagem até a grade mais próxima do menino e, em seguida, empurrou-a para abrir.

— Ei, Mago! — ele sussurrou.

O menino pulou, e então virou-se para olhar Cery.

— Entre aqui — Cery chamou. — Venha.

O jovem deu uma olhada na direção da entrada da viela e em seguida mergulhou pela abertura. Primeiro, caiu no início da passagem principal, tombando sem jeito, e aí rolou e se levantou rapidamente meio cambaleante. Ante nova aproximação da voz feminina, ele se encostou contra a parede mais distante, ofegante de terror.

— Aonde você foi? — a mulher chamava conforme avançava pela ruela. — Isso não conduz a lugar algum. Você deve estar dentro de uma dessas casas. Vamos dar uma olhada.

Ela testou algumas portas e depois escancarou uma delas. Conforme desapareceu em seu interior, Cery virou-se e forçou um riso para o aprendiz.

— Agora você está a salvo — disse-lhe. — Ela vai levar horas procurando em todas as casas. Provavelmente ficará entediada e vai procurar presa mais fácil.

O arfar do jovem tinha diminuído para uma respiração intencional mais longa. Ele se endireitou e se afastou da parede.

— Muito obrigado — disse. — Você salvou a minha vida.

Cery encolheu os ombros.

— Sem problemas.

— Quem é você? Por que está aqui? Pensei que todos tinham sido evacuados.

— Meu nome é Ceryni — Cery lhe disse. Ceryni dos Ladrões.

O jovem piscou surpreso e sorriu meio forçado.

— Sinto-me honrado em conhecê-lo, Ladrão. Sou Regin de Winar.

O ritmo da marcha do cavalo comandava tudo. Sua respiração resfolegava em compasso com as batidas repetidas dos cascos. A dor no ombro de Rothen era pior a cada solavanco. Ele podia amenizá-la com um pouco do poder de Cura, mas não queria usar mais do que o necessário da sua força. O Clã precisava de cada sobra de magia para lutar contra os ichanis. Ele nem mesmo usara energia para afugentar o cansaço que sentia devido à cavalgada durante toda a noite.

À frente, a cidade reluzia como um tesouro resplandecente espalhado sobre uma mesa. Cada prédio brilhava como ouro na luz da manhã. Ele a alcançaria em uma hora, talvez menos.

Uma casa queimada ainda fumegava em um campo carbonizado. Pequenos grupos de pessoas, principalmente famílias, corriam pela estrada carregando bolsas, caixas e cestos. Eles o viam passar sentindo um misto de esperança e medo em seus rostos.

Quanto mais perto chegava da cidade, mais numerosos eles eram, até se tornarem uma linha ininterrupta de seres humanos deixando Imardin.

Nada disso era um bom presságio para o destino do Clã. Rothen praguejava sob a respiração. As únicas chamadas mentais que ouvira tinham sido as ordens de Balkan. Ele não ousava chamar Dorrien nem Dannyl.

Uma imagem passou como um lampejo diante de seus olhos. Um relance sobre uma rua da cidade, em seguida um rosto sachakano. Kariko. Piscou várias vezes, mas a imagem não desapareceu.

“Tenho desejado tanto saber o que está acontecendo que começo a ter alucinações”, pensou Rothen. “Ou será falta de sono?”

Ele entregou os pontos e enviou um pequeno poder de Cura para seu corpo, mas a visão permanecia. Um sentimento de terror assolou Rothen, mas não vinha dele. Viu de relance túnicas verdes e pressentiu uma identidade. Lorde Sarle.

O Curador estava enviando aquilo? Não parecia intencional.

Kariko estava segurando uma faca. Ele sorriu e se aproximou.

— Veja isso, matador de escravos.

Rothen sentiu uma pontada de dor, em seguida um sentimento distante, mas terrível de paralisia e medo. Devagar, o senso da mente de Lorde Sarle foi desaparecendo até se extinguir, e Rothen se sentiu repentinamente aliviado.

Ele arfou e olhou à sua volta. O cavalo estava parado. Homens e mulheres ao lado da estrada passavam correndo, olhando nervosamente para ele.

“A pedra de sangue”!, pensou Rothen. “Kariko deve ter colocado o anel em Lorde Sarle.” Ele encolheu os ombros e deu-se conta de que sentira a morte de Sarle. “Ele vai me mostrar a morte de cada mago que exterminar.”

E da próxima vez poderá ser Dorrien ou Dannyl.

Batendo os calcanhares nos flancos do cavalo, Rothen seguiu a galope em direção à cidade.

Capítulo 34

Começa a Caçada

As ruas da cidade ainda estavam enevoadas de poeira devido à destruição do muro. Era só vazio e desolação, embora aqui e acolá Lorlen percebesse um ligeiro movimento na quina de um prédio ou através de uma janela. Alguns minutos antes, ele e Osen tinham invadido uma das casas em frente ao Palácio. Agora, estavam à espera da chegada dos ichanis e da ordem de Balkan para atacar.

Ele não sabia quantos magos haviam sobrevivido ou quanto poder ainda lhes restava, mas ia descobrir isso cedo o suficiente.

— Aqui. Sente-se — murmurou Osen.

Lorlen desviou o olhar da janela e viu o assistente segurando uma cadeira antiga. Quando Osen pousou a cadeira, Lorlen ensaiou um sorriso irônico.

— Obrigado. Tenho dúvidas se vou usá-la por muito tempo.

O olhar do jovem mago voltou-se novamente para a rua, lá fora.

— Não vai. Eles estão aqui.

Olhando de novo pela janela, Lorlen distinguiu seis figuras emergindo da poeira. Os sachakanos passaram andando lentamente em direção ao Palácio. Kariko observou o muro acima.

“Não, não vamos dar a vocês outra chance de estourar a pedra sob os nossos pés”, pensou Lorlen, dirigindo-se para a porta.

— *Atacar!*

Ao comando de Balkan, Lorlen empurrou a porta, abrindo-a e pisando do lado de fora, seguido por Osen. Outros magos apareceram, formando um semicírculo

em volta dos sachakanos. Lorlen incrementou o escudo deles com sua força e, em seguida, golpeou os ichanis.

Os sachakanos giraram nos calcanhares para encará-los. Uma imagem de um dos ichanis relampejou na mente de Lorlen. De pronto, o Clã atacou o homem. A força dos golpes deles atirou o ichani para trás aos trambolhões em direção ao muro do Palácio, até que os golpes de defesa dos sachakanos forçaram o Clã a se concentrar novamente no fortalecimento dos escudos.

Foram terríveis as rajadas que atingiram o escudo do Clã. Lorlen teve um acesso de medo e ansiedade quando o semicírculo de magos recuou. O Clã se enfraqueceria rapidamente se tivesse de suportar esse tipo de ataque de novo.

— *Retirar.*

Sob a ordem de Balkan, os magos do Clã recolheram-se para dentro das casas e das vielas de onde tinham surgido. Os ichanis começaram a avançar.

— Temos de pegar ao menos *um* deles — disse Osen, arfando.

— Você coloca o escudo, eu golpeio — respondeu Lorlen. — Vamos apenas nos aproximar da casa.

Lentamente, foram para perto da porta. Quando a alcançaram, Lorlen se deteve.

— Agora!

Abandonando seu escudo, Lorlen lançou todo o poder que lhe restava num golpe sobre o ichani enfraquecido. O sachakano cambaleou e o Clã desferiu outros golpes ao perceber a fraqueza do homem. Ele soltou um grito — um grito indescritível de raiva e medo — quando seu escudo falhou. O golpe seguinte atirou-o de volta contra o muro do Palácio, que ruiu em torno dele. Ele sucumbiu, caindo por terra.

As ovações vieram de todos os cantos, mas cessaram de repente quando os ichanis retaliaram com rajadas poderosas. Osen emitiu um som abafado.

— Sigam... de volta... para dentro... — murmurou Osen com os dentes cerrados.

Lorlen seguiu o olhar de Osen e sentiu o estômago revirar de medo ao perceber que o líder dos ichani, Kariko, caminhava na direção deles, lançando golpes e mais golpes contra o escudo de Osen. Segurando Osen pelo braço, Lorlen o guiou de volta para dentro da casa. Madeira e tijolos se espatifaram sob os golpes de Kariko, que ultrapassaram a entrada. Foi então que o escudo de Osen estremeceu.

— Não — Osen ofegou. — Ainda não.

Agarrando Osen pelos ombros, Lorlen puxou-o para o lado. Houve um estrondo e a parede da frente da casa ruiu para dentro. As rachaduras se espalharam pelo teto. Lorlen sentiu algo bater nos seus ombros e caiu sobre os joelhos.

Então, foi jogado ao chão. O telhado tinha despencado, ele imaginou. Um peso o empurrava para baixo, vindo de cima. Ele comprimiu o ar dos seus pulmões. Em seguida, quando finalmente a calma voltou, ele se deu conta da dor. Direcionou sua mente para dentro e gelou ao ver os ossos quebrados e os órgãos perfurados, percebendo o que isso significaria.

Havia apenas uma coisa a fazer.

Poeira e escombros caíram à sua volta ao mover a mão lentamente na direção do anel dentro do bolso.

As passagens sob o Círculo Interno estavam silenciosas. Aqui e acolá, havia voluntários esperando próximos às saídas. O guia de Akkarin e Sonea parou ao surgir um mensageiro que correu até eles.

— O mago sachakano... ficou com... os escravos — o homem gaguejou. — Estão nas... favelas. Ao Norte.

— Então, um deles já deve ter se separado dos outros — observou Sonea. — Deveríamos encontrá-lo primeiro?

— Vai demorar até chegarmos lá — disse Akkarin. — Ele olhou na direção do Palácio. — Gostaria de ver como o Clã está se saindo, mas... esse ichani isolado

pode tentar reencontrar Kariko quando souber que o Clã foi derrotado. — Ele assentiu suavemente e virou-se para o guia. — Sim, leve-nos até às favelas.

— Vou informá-los que vocês estão indo — disse o mensageiro e saiu disparado.

O guia levou-os de volta pela passagem subterrânea. Alguns minutos mais tarde, foram interceptados por uma mulher de meia-idade.

— O túnel desabou — ela contou. — Não podem ir naquela direção.

— Qual o caminho alternativo mais rápido?

— Há outro túnel perto do muro do Clã — disse-lhes o guia.

Akkarin olhou para cima.

— A fenda no muro está quase acima de nós.

— Isto seria mais rápido — disse o guia, dando de ombros. — Mas vocês poderão ser vistos.

— O Clã e os ichanis estão do lado de fora do Palácio. Para qualquer um, pareceremos dois outros imardianos fugindo da cidade. Leve-nos até uma saída o mais perto possível do muro.

O guia acedeu e levou-os embora. Depois de algumas voltas, parou numa escada chumbada na parede e apontou para um alçapão.

— Isto os levará a um depósito. Há uma porta para uma viela. — Ele os instruiu sobre como encontrar uma entrada para as passagens do outro lado do muro. — Vocês encontrarão guias lá. Eles conhecem o Bairro do Norte melhor do que eu.

Akkarin começou a subir. Seguindo-o, Sonea se viu num grande aposento cheio de gêneros alimentícios. Eles empurraram uma porta que dava num beco estreito, sem saída. Akkarin caminhou a passos ágeis e parou na entrada. Seguindo ao seu lado, Sonea viu que estavam do outro lado da estrada que seguia o Muro Interno. O coração dela pesou ao se deparar com as ruínas.

Uma rajada de vento varreu para longe a poeira e ela avistou cores familiares

por entre o entulho. Ao olhar mais de perto, percebeu que eram túnicas de magos.

— O caminho está livre — Akkarin murmurou.

Quando saíram da viela, ela deu um passo em direção aos magos e sentiu a mão de Akkarin em seu braço.

— Estão mortos, Sonea — disse ele suavemente. — O Clã não os teria deixado se não estivessem.

— Eu sei — disse ela. — Só quero saber quem são.

— Não ainda. Terá tempo para isso mais tarde.

Akkarin conduziu-a em direção à abertura no muro. O chão, recoberto de escombros, forçava-os a diminuir o passo ao se aproximarem da abertura. Assim que chegaram à base dos portões tombados, ele parou. Sonea olhou para ele e sentiu uma pontada de pânico. A face de Akkarin estava pálida e ele fitava um ponto em algum lugar bem distante no chão.

— O que é?

— Lorlen. — Ele se virou de repente para encarar o Círculo Interno. — Preciso encontrá-lo. Continue em frente. Ache esse ichani, mas não faça nada até eu chegar.

— Mas...

— Vá — ele disse, voltando-se para fitá-la com um olhar frio. — Preciso fazer isso sozinho.

— Fazer o quê?

— Apenas faça como estou dizendo, Sonea.

Ela não conseguiu evitar uma ponta de mágoa e de raiva com a impaciência contida no tom das palavras dele. Aquela não era uma boa hora para ser misterioso e reservado com ela. Se eles se separassem, como se reencontrariam? Foi então que ela se lembrou do anel.

— Será que devo colocar seu anel de sangue agora? Você disse que

deveríamos usar se nos separássemos.

Um ar de pânico tomou-lhe o rosto, em seguida a expressão se abrandou.

— Sim — disse ele —, mas não colocarei o seu ainda. Eu não mostraria a você o que eu temo que possa ver na próxima hora.

Ela olhou para ele de volta. O que aconteceria que ele não desejava que ela visse? Teria alguma coisa a ver com Lorlen?

— Tenho de ir — disse ele. Ela assentiu e observou-o ir embora.

Depois que ele havia desaparecido, ela correu para o Bairro Norte. Sonea buscou a sombra de uma viela, tirou o anel dele do bolso e observou-o. A advertência que ele tinha feito na noite anterior martelava na cabeça.

“Às vezes ouvir e saber exatamente como a outra pessoa vê pode ser uma experiência desagradável. Pode terminar amizades, transformar amor em ressentimento...”

Entretanto, eles tinham de ter condições de entrar em contato quando estivessem separados. Ela pôs de lado suas dúvidas e colocou o anel no dedo. Nenhum sentimento da presença dele, nem na fímbria de seus pensamentos. Ela buscou, mas nada sentiu. Talvez não estivesse funcionando.

“Não”, ela pensou, “o criador controla o quanto o usuário sente.” O criador, porém, não parava de sentir os pensamentos e experiências do usuário. Ou seja, Akkarin estava sintonizado com todo e qualquer pensamento dela agora.

“Alô?”, ela pensou.

Nenhuma resposta. Ela sorriu e deu de ombros. O que quer que estivesse fazendo, ele não gostaria que ela o distraísse — e a última coisa que ela queria era distraí-lo quando o que ele mais precisava era de concentração.

Ela seguiu as orientações do guia e encontrou facilmente a entrada da passagem. Para surpresa de Sonea, Faren estava esperando do lado de dentro. Seu subalterno, o homem silencioso que a havia observado abordar o Ladrão apenas um dia atrás, estava do lado.

— O Clã matou um ichani — Faren disse a ela, animado. — Queria contar a você pessoalmente.

Sonea sorriu e sentiu seu ânimo ficar um pouco mais leve.

— Agora, *essas* são boas notícias. E o resto dos ichanis?

— A mulher está perambulando por aí sozinha. O outro com os escravos ainda estava ao Norte, segundo o último relato. Presumo que o restante esteja se dirigindo para o Palácio. Onde está seu companheiro de sempre?

Ela franziu o cenho.

— Ele teve de resolver algo pessoal. Eu preciso encontrar os ichanis com os escravos e esperar.

Faren forçou um riso.

— Então, vamos encontrá-lo.

Depois de um curto trajeto, emergiram numa rua estreita. Ele a conduziu até uma pilha alta de caixas e passaram através de uma abertura estreita. No centro havia um espaço apertado. Ele se agachou e raspou algo metálico.

Sonea abafou um gemido quando uma tampa se abriu e um cheiro desagradável saiu de dentro.

— Os esgotos, de novo.

— Temo que sim — respondeu Faren. — É o caminho mais direto para fora da cidade.

Eles desceram em meio à escuridão. Um homem de rosto largo estava ao lado da escada, com uma lamparina na mão e outro com uma poça de luz em torno dos pés. O Ladrão pegou a lamparina e seguiu pela saliência que acompanhava um dos lados do túnel. Passaram por vários vigias de alçapão. Em determinado ponto, Faren disse a ela que eles tinham acabado de passar por baixo da Muralha Exterior. Ao subirem e saírem do esgoto, ela se viu numa parte familiar das favelas. Rapidamente, Faren conduziu-a de volta para a Estrada dos Ladrões através de uma grade no muro.

Um garoto que esperava do lado de dentro informou-os de que o ichani solitário e os escravos estavam a apenas algumas ruas dali.

— Eles partiram para a estrada principal — falou o menino.

— Diga a todos para se aprontarem e volte para dar notícias.

O menino concordou e saiu correndo.

Depois de um curto trajeto, eles entraram numa casa e subiram por uma escadaria frágil até o segundo andar. Faren levou-a até a janela. Olhando o exterior, Sonea viu que os escravos sachakanos estavam na rua logo abaixo. O ichani observava enquanto dois deles saíam da padaria carregando tabuleiros de pães. Vários dos animais semelhantes a limeks lutavam em torno de uma carcaça de reber. As carroças estavam fora do alcance visual.

O garoto da Estrada entrou na sala. Os olhos dele faiscavam de excitação.

— Está tudo pronto — ele anunciou.

Sonea olhou para Faren, inquirindo-o.

— Para quê?

— Colocamos algumas armadilhas para os sachakanos — Faren explicou. — Foi ideia de Cery.

Ela sorriu.

— Claro. Qual é o plano?

Ele se dirigiu até uma janela lateral. Abaixo, os fundos de um pequeno pátio murado davam para uma viela estreita. Dois homens fortes e troncudos seguravam uma lança comprida de metal com a ponta afiada contra a parede. Eles olharam de relance para a janela em cima com ansiedade. Faren fez um sinal para “esperar”.

— Há outros dois na entrada da viela — Faren disse a ela. — Há um buraco em cada muro, preenchido com argamassa falsa. Um de nossos falsos magos atrairá o ichani para a viela. Quando ele estiver no lugar certo, os homens o atingirão com as lanças.

Sonea encarou-o em descrédito.

— É *esse* o seu plano? Nunca irá funcionar. O escudo do ichani o protegerá.

— Talvez ele seja preguiçoso e pense que os muros são proteção suficiente.

— Talvez — disse ela —, mas há apenas uma chance mínima para isso. Você está assumindo um risco enorme.

— Você acha que nossos auxiliares não sabem disso? — disse Faren baixinho. — Eles sabem que há grandes chances de não funcionar. A determinação deles em lutar contra os ichanis é tão grande quanto a sua.

Ela suspirou. Estava claro que os favelados queriam lutar, mesmo que isto significasse um risco enorme.

— Bem, se não der certo, tenho de estar lá embaixo para...

— Tarde demais — disse o subalterno de Faren. — Vejam!

Dirigindo-se para a janela que dava para a rua, Sonea constatou que o ichani e seus escravos estavam se aproximando. Do outro lado da rua, um grupo de jovens correu até a frente deles e começou a atirar pedras. Quando o ichani se encaminhou para eles, Sonea ouviu um grito abafado e viu um homem de túnica sair para a rua de algum lugar diretamente abaixo dela. Ele caminhou a passos largos na direção do ichani, então parou na entrada da ruela. Ao ver o falso mago, ele sorriu.

Um golpe zuniu pelos ares. O falso mago esquivou-se, mal conseguindo evitá-lo e saiu correndo viela adentro.

Sonea apressou-se até a janela lateral. Os dois homens com a lança estavam a postos, prontos para a ação. Com certeza, não ia funcionar... mas se funcionasse... Ela sentiu um sinal de alarme ao se dar conta do que estava para acontecer.

— Faren, tenho de ir lá embaixo.

— Não há mais tempo — ele lhe disse — Olhe.

O ichani entrou pela viela. O homem de túnica tinha parado. Sonea conseguia

ver o pálido reluzir de uma barreira bloqueando seu caminho. Quando o ichani estava a um passo dos homens escondidos, o falso mago berrou alguma coisa. As lanças atravessaram a parede...

...e fincaram-se profundamente no corpo do ichani. O sachakano gritou de surpresa e de dor.

— Deu certo! — festejou Faren. Sonea ouviu gritos de triunfo semelhantes do lado de fora, abafados pela janela. Ela tremeu de compaixão ao ver a agonia no rosto do ichani. Quando o corpo dele começou a ceder contra as lanças, ela viu que não teria tempo de chegar até ele antes que morresse.

Mesmo assim, quebrou a janela e berrou para os homens lá embaixo.

— Afastem-se dele!

Eles olharam para cima e ficaram surpresos ao vê-la.

Em seguida, tudo ficou branco.

Ela criou um escudo em volta dela, de Faren e de seu assistente. Momentos depois, a parede da sala explodiu para dentro. Um calor abrasador irradiou-se pelo seu escudo, obrigando-a a fortalecê-lo ainda mais. Sonea sentiu o chão se inclinar e desaparecer gradualmente; ela teve a sensação de cair. Ao aterrissar, viu-se de joelhos depois do tombo.

Foi então que, de repente, a magia liberada pelo ichani morto se extinguiu. Ela viu que estava agachada no topo de uma pilha de tijolos e de madeira fumegante. Pôs-se de pé e viu que estava cercada por um círculo de ruínas.

Tudo o que estava a cerca de cem passos, em qualquer direção, era agora entulho carbonizado e fumegante. Sonea olhou para o lado da viela, mas não havia sinal dos homens que tinham atirado as lanças. Sentiu uma tristeza horrível. “Eu poderia tê-los salvado, se tivesse sabido o que haviam planejado.”

Faren e o assistente ficaram de pé e observaram, consternados, a destruição à sua volta.

— Cery tinha dito que algo do tipo podia acontecer — disse Faren. — Ele mencionou que todos deviam fugir o mais depressa possível, mas não falou que

viria até tão longe.

— O que aconteceu? — perguntou o assistente com voz sumida.

Sonea tentou falar, mas a garganta estava muito tensa. Ela engoliu e tentou de novo.

— O que sempre acontece quando um mago morre — ela conseguiu dizer. — Qualquer quantidade de magia que ele ainda tiver é liberada.

Ele arregalou os olhos para ela.

— Isso vai... vai acontecer com você também?

— Temo que sim. A não ser que esteja exaurida ou que os ichani retirem toda a minha força.

— Oh! — o homem estremeceu e desviou o olhar.

— Tivemos sorte por você estar aqui — Faren disse baixinho. — Se não estivesse, estaríamos como aqueles escravos lá embaixo.

Sonea seguiu a direção do olhar dele para a rua. Várias formas escuras jaziam no chão. Ela estremeceu. Pelo menos, a morte deles tinha sido rápida.

Faren deu uma risada.

— Bem, não precisamos descobrir o que fazer com eles agora, precisamos?

— Socorro!

Dannyl olhou para cima, desperto de seu atordoamento pela súplica. Lorde Osen encontrava-se dentro de uma fenda na lateral da casa. Ele estava coberto de poeira e tinha o rosto marcado pelas lágrimas.

— Lorlen está soterrado — Osen ofegou. — Algum de vocês teria alguma força ainda?

Dannyl olhou para Farand e balançou a cabeça.

— Então... então, pelo menos me ajudem a desenterrá-lo.

Eles seguiram Osen por dentro da casa. Um grande amontoado de escombros enchia o interior. A luz entrava abundante por cima, através da poeira. Olhando o alto, Dannyl viu que o andar acima e o telhado estavam faltando.

— Ele está aqui, eu acho — disse Osen, parando perto da porta frontal parcialmente soterrada. Ele caiu de joelhos e começou a cavar com as próprias mãos.

Dannyl e Farand juntaram-se a ele. Nada mais tinham a fazer. Jogavam o entulho para o lado, mas o progresso era lento. Dannyl se cortou ao encontrar cacos de vidro na poeira. Começara a imaginar como alguém poderia ter sobrevivido estando completamente soterrado, quando o monturo como um todo se moveu de repente. Tijolos, pedaços de madeira e vidro estilhaçado começaram a rolar na direção da parede mais distante da casa.

Osen balançou a cabeça como se quisesse clareá-la e olhou em volta do aposento. Os olhos dele se fixaram num ponto em algum lugar por trás de Dannyl e aí se arregalaram.

Virando-se, Dannyl viu que havia alguém dentro do buraco na parede lateral da casa, desenhado contra o brilho da luz que vinha de fora. Ele pôde perceber que o homem usava roupas comuns, mas o rosto do estranho estava escondido pela sombra.

O som do entulho em movimento se extinguiu num silêncio.

— Você voltou.

A voz era familiar, porém fraca. Dannyl virou de costas e sentiu o coração se encher de esperança ao ver que Lorlen tinha sido encontrado. A túnica do Administrador estava coberta de poeira. Tinha o rosto machucado, porém os olhos brilhavam.

— Sim. Eu voltei.

Dannyl engoliu o fôlego ao reconhecer a voz. Voltou-se para fitar Akkarin. O mago exilado entrou na sala.

— Não! — disse Lorlen. — Não venha... mais perto.

Akkarin parou.

— Você está morrendo, Lorlen.

— Eu sei. — A respiração de Lorlen era difícil. — Eu não... não permitirei que você desperdice sua força comigo.

Akkarin deu mais um passo.

— Mas, seria...

— Pare ou estarei morto antes que você me alcance — Lorlen arquejou. — Só há um restinho de força, mantendo-me consciente. Tudo o que tenho a fazer é usá-la toda mais depressa.

— Lorlen — disse Akkarin. — Bastaria apenas um pouco de magia. O suficiente para mantê-lo vivo até...

— Até que os ichanis venham para dar cabo de mim.

Os olhos de Lorlen se fecharam.

— Lembre-se, eu era um Curador e sei o que seria necessário para me consertar. Magia demais. Você precisará de tudo para detê-los.

Ele abriu os olhos e encarou Akkarin.

— Eu entendo por que fez isso. Por que mentiu para mim. A segurança de Kyralia era mais importante do que a nossa amizade. E ainda é. Só quero saber uma coisa. Por que não respondeu quando eu o chamei?

— Eu não podia — disse Akkarin. — Se o Clã soubesse que eu estava aqui, os ichanis ficariam sabendo disso a partir da leitura mental de sua primeira vítima. Permaneceriam juntos. Sozinhos, tornam-se vulneráveis.

— Ah — Lorlen sorriu debilmente. — Compreendo.

Os olhos dele se fecharam novamente. Akkarin deu mais um passo na direção do amigo. Os de Lorlen abriram, trêmulos.

— Não, não faça — ele sussurrou. — Fique aí. Fale-me... Fale-me de Sonea.

— Ela está viva — disse Akkarin — Ela está...

Embora Akkarin não tivesse terminado a frase, a boca de Lorlen tremeu num sorriso torto.

— Que bom — ele disse.

Em seguida, seu rosto relaxou e ele soltou um longo suspiro. Akkarin adiantou-se correndo e agachou-se. Tocou a testa de Lorlen e uma expressão de dor tomou-lhe o rosto. Pegando a mão de Lorlen, baixou a cabeça e retirou um anel.

— Lord Osen — disse ele.

— Sim?

— Você, o Embaixador Dannyl e... — ele olhou para Farand — e seu companheiro não devem contar a ninguém que estou aqui. Se os ichanis descobrirem que Sonea e eu estamos aqui, qualquer chance que tivermos de derrotá-los estará perdida. Entenderam?

— Sim — Osen disse baixinho.

— Todos os ichanis estão no Palácio, exceto um. Saiam da cidade enquanto ainda podem.

Akkarin levantou-se, virando-se bruscamente.

Ele se dirigiu até o buraco na parede. Por um momento, antes de pisar do lado de fora, Dannyl percebeu o rosto dele de relance. Embora a expressão fosse dura e imóvel, os olhos cintilavam com a luz do sol.

A algumas centenas de passos dos arredores das favelas, Rothen saiu da estrada. Ele podia ver o espaço aberto onde estavam os Portões do Norte. Por ele, tinha visto a abertura maior no Muro Interno.

No entanto, ele não precisava entrar na cidade dessa forma. Havia sempre a abertura na Muralha Exterior em torno das terras do Clã.

Ficava imaginando por que os ichanis tinham optado por desperdiçar força destruindo os portões da cidade. Deviam ter sabido da brecha na Muralha

Exterior pela leitura da mente dos magos que haviam capturado e morto no Forte e em Calia. Talvez tivessem querido demonstrar uma força superior à do Clã. E talvez pretendessem repor a magia que haviam perdido capturando cidadãos imardianos comuns.

De qualquer forma, eles deviam se certificar de que sua força ou a capacidade para repô-la lhes garantiria a conquista de Kyralia. Ao incitar o cavalo na direção da colina coberta de floresta, por trás das terras, ele sentiu um pavor crescente. Será que chegaria tarde demais? Será que encontraria o Clã destruído e os ichani à espera? Devia acercar-se das terras com cautela.

Ele deixou o cavalo diminuir o passo ao alcançar as primeiras árvores. A floresta adensou-se rapidamente, até que se viu obrigado a desmontar e a conduzi-lo. Uma imagem pipocou diante dos olhos dele. “Não de novo...”

Ele continuou andando conforme a experiência da morte acercou-se dele. Dessa vez, era um guarda do Palácio. Quando a visão desapareceu por completo, Rothen suspirou aliviado.

“Quantos teriam sido?”, ele pensou. “Vinte? Trinta?”

A encosta ficou mais íngreme. Ele tropeçou na vegetação rasteira, por sobre troncos, pedras e buracos. Ao chegar a um trecho de terra nua, olhou para cima e viu nesgas de branco através das copas das árvores.

Encheu-se de alívio e felicidade ao avistar as edificações. Apressou-se, seguindo adiante até atingir o limiar da floresta. Dezenas de casinhas preenchiam uma clareira abaixo. Parecia uma pequena aldeia.

Uma aldeia deserta, corrigiu. Embora Rothen tivesse morado a apenas algumas centenas de passos desse lugar, só o havia visto uma vez antes, quando ainda era aprendiz. A coleção de casas era conhecida como Bairros dos Criados.

Ele começou a descer em direção às construções. Ao fazê-lo, uma porta se abriu. Um homem uniformizado de criado correu para encontrá-lo.

— Meu lorde — o homem disse, ensaiando uma ligeira reverência. — Como está a batalha?

— Não sei — Rothen respondeu. — Acabei de chegar. Por que você ainda está aqui?

— Ofereci-me como voluntário para vigiar as casas até que todos voltassem.

Rothen deu uma olhada para o seu cavalo.

— Há alguém dos estábulos ainda por aqui?

— Não, mas posso cuidar do seu cavalo para o senhor.

— Obrigado.

— Rothen entregou as rédeas ao criado. Se ninguém voltar até o final do dia, vá embora. Leve o cavalo, se quiser.

O homem parecia surpreso. Ele se inclinou, fez um carinho no focinho do cavalo e levou-o embora. Rothen virou-se e seguiu pelo caminho que ia para o Clã.

***

Fazia três horas que Cery havia partido com Sonea e Akkarin. Ele tinha recebido notícias de que ela fora para as favelas para cuidar do ichani isolado. Akkarin tinha desaparecido no Círculo Interno e Takan não podia dizer o que seu amo estava fazendo.

Um esconderijo de contrabandistas sob o Círculo Interno tinha sido escolhido como local de reunião. Era uma sala ampla, cheia de mercadorias até o teto. Quando três vultos começaram a descer pelo corredor entre as prateleiras, Cery sorriu e caminhou em frente para encontrá-los.

— Seu Clã matou um dos ichanis — ele disse. — Um morto, faltam sete.

— Não — Sonea sorriu. — Dois mortos, faltam seis.

Ele olhou para Faren.

— Aquele das favelas?

— Sim, embora nenhuma das mortes tenha sido obra minha.

Ele riu e sentiu uma onda de prazer.

— Uma de minhas armadilhas funcionou?

— Acho que deveria dar uma olhada no que restou das favelas antes de sair se gabando por aí sobre isso — Faren respondeu secamente. Seu subalterno meneou a cabeça, concordando.

— O que aconteceu? — perguntou Cery, olhando para Sonea.

— Faren pode explicar melhor mais tarde. — Ela olhou por sobre o ombro e ele virou-se para ver que Takan se aproximava.

— Será que algum de vocês sabe onde Akkarin está? — ela perguntou.

O servo balançou a cabeça.

— Não tenho notícias dele há duas horas.

Sonea franziu o cenho. Cery percebeu no rosto de Takan a mesma expressão e imaginou que o que quer que Akkarin estivesse fazendo, era sua intenção mantê-lo em segredo. O que seria tão importante para Akkarin esconder de seus dois companheiros mais próximos?

— Onde estão os outros ichanis? — perguntou Faren.

— Cinco no Palácio, um circulando por aí — Cery disse a eles.

— Deixe-me adivinhar — disse Sonea. — O errante é a mulher.

— Sim.

Ela suspirou.

— Suponho que eu deva esperar aqui até que Akkarin volte.

Cery sorriu.

— Tenho alguém escondido aqui que quero que você conheça.

— Oh, quem poderia ser?

— Um mago. Eu o salvei da mulher ichani. Ele ficou muito agradecido. Na verdade, ficou tão agradecido que se ofereceu para servir de isca na próxima

armadilhazinha que montarmos.

Cery a conduziu, contornando uma pilha de caixas até um pequeno espaço repleto de cadeiras. O aprendiz estava sentado em uma delas. Ele ergueu a vista quando eles apareceram e, então, levantou-se, sorrindo.

— Meus cumprimentos, Sonea.

Sonea olhou-o fixamente, desalentada. Como ele esperava, ela respondeu cerrando os dentes.

— Regin.

Capítulo 35

Pegos na Armadilha

— Sente-se, Sonea — insistiu Cery. — Fiquem aqui os dois, enquanto vou buscar algo para comer.

Sonea encarou Cery. Sem dúvida, ele não tinha a menor ideia da história entre ela e Regin. Então, ele deu uma piscadela e Sonea compreendeu que ele *tinha* se lembrado de quem Regin era.

— Continue — ele disse. — Tenho certeza de que vocês têm muitos assuntos para pôr em dia.

Sonea sentou-se, relutante. Olhou para Faren, mas o Ladrão tinha atravessado a sala e conversava baixinho com seu assistente. Takan estava andando por outras bandas. Regin olhou para ela, desviou o olhar, esfregou as palmas das mãos, aí pigarreou.

— Então — ele disse —, você já matou algum desses sachakanos?

Sonea resistiu ao desejo de rir. Era estranha, ainda que de alguma forma apropriada, aquela forma de começar um diálogo com o antigo inimigo.

— Dois — disse ela.

Ele assentiu.

— Aquele das favelas?

— Não. Um na Passagem do Sul e outro antes, na cidade.

Ele olhou para o chão.

— Foi difícil?

— Matar alguém? — Ela fez uma careta. — Sim e não. Acho que a gente não pensa sobre isso, quando está tentando evitar que a outra pessoa o mate. Só se

pensa nisso mais tarde.

Ele deu um leve sorriso.

— Quero dizer, eles são difíceis de matar?

— Ah. — Ela desviou o olhar. — Provavelmente. Só fui bem-sucedida com aqueles dois porque os enganei.

— Provavelmente? Você não sabe quão fortes eles são?

— Não. Nem mesmo sei com certeza quão forte sou. Imagino que descobrirei quando tiver que lutar com um.

— Então, como você sabe se pode vencer uma batalha?

— Não sei.

Regin olhou para ela, com expressão de incredulidade. Depois, corou e desviou o olhar.

— Todos deram trabalho a você — disse em voz baixa. — Lorde Fergun, eu e os aprendizes, e todo o Clã, quando descobrimos que você aprendera magia negra. Mas ainda assim você voltou. Ainda deseja arriscar sua vida para nos salvar. — Ele balançou a cabeça. — Se soubesse o que estava acontecendo, não teria sido tão grosseiro com você naquele primeiro ano.

Sonea o encarou e se viu pega entre a descrença e a surpresa. Seria aquilo uma desculpa?

Os olhos dele encontraram os dela.

— Eu apenas... Se eu sobreviver a tudo isso, tentarei compensar você. — Ele deu de ombros. — Se sobreviver a isto, é o mínimo que posso fazer.

Ela assentiu. Agora era ainda mais difícil pensar em algo para lhe dizer. Ela foi salva quando uma silhueta alta ficou à vista entre as pilhas de caixas.

— Akkarin! — Ela se levantou do lugar e correu para encontrá-lo. Ele sorriu sem jeito ao vê-la.

— Sonea.

— Viu o que os favelados fizeram?

— Sim, vi pelo anel, e vi as consequências.

Ela franziu a testa. A expressão dele estava séria, como se estivesse escondendo a dor de um ferimento.

— O que está errado? — ela sussurrou. — O que aconteceu?

Seu olhar relanceou por sobre os ombros dela em direção a Regin. Pegando-a pelo braço, ele a levou para o corredor, olhou para baixo e suspirou pesadamente.

— Lorlen está morto.

“Lorlen? Morto?”

Ela olhou para ele horrorizada. Então, quando percebeu a dor na sua face, sentiu uma onda de compaixão por ele. Lorlen fora o amigo mais próximo, ainda que Akkarin tivesse sido forçado a mentir para ele, a chantageá-lo e a controlá-lo pelo anel. Os últimos tempos haviam sido terríveis para ambos. O peso que sentia desde que soubera da morte de Rothen de repente se tornou insuportável.

Ela colocou os braços em torno da cintura de Akkarin e repousou a testa em seu peito. Ele a puxou mais para perto e a segurou com força. Após um momento, respirou fundo e a soltou lentamente.

— Vi Dannyl e Osen — ele disse calmamente. — Estavam com Lorlen, então sabem da nossa presença aqui. Avisei-os para não contar isso aos outros e eu... eu peguei o anel de Lorlen.

— E sobre o resto do Clã?

— Duvido que reste algum que não esteja exausto ou próximo disso — ele disse. — Os Ladrões levaram alguns para as passagens. Outros voltaram para as terras do Clã.

— Quantos estão mortos?

— Não sei. Vinte. Cinquenta. Talvez mais.

— Tantos. O que faremos agora?

Akkarin segurou-a um pouco mais e, em seguida, empurrou-a até uma distância equivalente ao comprimento de seu braço.

— Kariko está no Palácio com outros quatro. Avala ainda vagueia pelas ruas, sozinha. Devemos encontrá-la antes que volte a se juntar aos demais.

Sonea assentiu.

— Gostaria de ter sabido o que os Ladrões planejavam fazer ao ichani na favela. Se um de nós estivesse por perto, poderia ter ficado com todo o poder dele.

— Sim, mas, agora, há um ichani a menos para cuidarmos. Ele a soltou, depois voltou para o corredor. — Seu amigo Cery tem algumas ideias interessantes. Penso que, se Kyralia sobreviver, o Clã vai achar que a Purificação se tornou um exercício perigoso.

Sonea sorriu.

— Pensei que eu os tivesse convencido disso.

— Não tanto como da forma que os amigos de Cery poderiam fazer.

Ao chegarem à extremidade da sala, Sonea viu que Cery tinha retornado com a comida prometida. Takan comia avidamente, sem parecer preocupado como antes. Regin olhava para ela e para Akkarin com olhos brilhantes de interesse.

— Regin de Winar — disse Akkarin. Sonea reconheceu uma ponta de desgosto na voz dele. — Soube que foi resgatado pelos Ladrões.

Regin se levantou e fez uma reverência.

— Eles salvaram a minha vida, meu Lorde. Espero poder retribuir esse favor.

Akkarin assentiu e deu uma olhadela para Takan.

— Acho que talvez você possa ter sua chance muito em breve.

— Onde estamos indo?

Dannyl olhou para Farand. O jovem mago ficara calado durante a última meia

hora. Tinha seguido Dannyl sem perguntas até então.

— Tenho de encontrar um amigo — Dannyl respondeu.

— Mas o seu ex-Lorde Supremo disse que devíamos deixar a cidade.

Dannyl assentiu.

— Ele disse que os ichanis estão no Palácio. Tenho de encontrar Tayend agora, enquanto ainda é possível. Ele poderia nos dar algumas roupas comuns também.

— Tayend? Ele está em Imardin?

— Sim.

Dannyl checou a próxima rua, encontrando-a vazia. Farand o seguiu até a esquina. A mansão onde Tayend estava situava-se apenas umas doze casas adiante. Dannyl sentiu o pulso acelerar com a expectativa.

— Mas ele não esteve na Audiência — disse Farand.

— Não, ele só chegou poucos dias atrás.

— Isso foi mal calculado.

Dannyl deu um risinho.

— Certamente que foi.

— Por que ele não partiu de novo?

Estavam agora na metade do caminho para a casa. Dannyl procurou por uma resposta. “Porque Tayend tem uma ideia louca que pode me ajudar a sobreviver à batalha. Porque não quer que eu encare a destruição do Clã sozinho. Porque se importa comigo mais do que com sua própria segurança.”

Dannyl suspirou.

— Porque ele não compreende quão perigosos esses ichanis são — disse para Farand. — E não pude convencê-lo de que os não magos corriam tanto risco quanto os magos. Será que todos os elynes são assim tão obstinados?

Farand riu baixinho.

— Pelo que sei, é uma característica nacional.

Alcançaram a porta da casa. Dannyl tirou uma chave e procurou pela fechadura... e gelou.

A porta estava aberta.

Ele permaneceu olhando para o espaço entre a porta e o batente, seu coração de repente disparou, Farand tocou no ombro dele.

— Embaixador?

— Está aberta. Tayend não a deixaria aberta. Alguém esteve aqui.

— Devemos ir, então.

— Não! — Dannyl respirou fundo algumas vezes e virou para olhar Farand. — Tenho de saber se ele está bem. Você pode vir comigo ou pode esperar em algum lugar próximo até que eu volte, ou pode me deixar e pegar o caminho para fora da cidade.

Farand olhou para a mansão. Respirou fundo e endireitou os ombros.

— Vou com você.

Dannyl escancarou a porta. A sala de visitas interna estava vazia. Lenta e cuidadosamente, entrou na casa, um cômodo por vez, sem encontrar nenhum sinal do acadêmico a não ser a mala de viagem no quarto e vários copos sujos de vinho.

— Talvez tenha saído para pegar alguma comida — sugeriu Farand. — Se esperarmos, ele pode voltar.

Dannyl balançou a cabeça.

— Ele não sairia a menos que fosse forçado. Não hoje. — Entrou na cozinha, onde havia um copo de vinho pela metade e uma garrafa em cima de uma grande mesa. Há algum lugar que eu não tenha verificado?

Farand apontou para uma porta.

— A adega?

A porta dava para uma escadaria, que descia até um grande depósito cheio de garrafas e alguns comestíveis. A sala estava vazia. Dannyl voltou para a cozinha. Farand fez um gesto indicando a taça de vinho pela metade.

— Ele saiu às pressas — murmurou. — Desta sala. Então, se eu estivesse aqui e algo me fizesse fugir de casa, aonde eu iria? Ele olhou para Dannyl. — A entrada de serviço é a mais próxima.

Dannyl assentiu.

— Então vamos por este caminho também.

O Clã estava tão vazio e calmo que pareciam as férias de meio do ano. Entretanto, o silêncio era total. Mesmo durante as poucas semanas do ano em que as aulas eram suspensas e a maioria dos magos aproveitava a oportunidade para visitar a família, não era tão quieto assim.

Ao entrar na Universidade, Rothen começou a imaginar se o Clã seria o melhor lugar para estar. Ao longo de todo o caminho para Imardin, só pensava em alcançar vizinhanças familiares. Mas, agora que tinha chegado, encontrara o Clã desprovido do esperado sentimento de segurança que o trouxera ali.

Sabia pelas mentes das vítimas de Kariko que o Clã havia confrontado os ichanis uma última vez fora do Palácio. Eles tinham matado um sachakano, mas haviam se exaurido no processo. Depois disso, as vítimas de Kariko foram os guardas do Palácio, então Rothen podia presumir que os ichanis ainda estavam no centro da cidade. Aonde os ichanis poderiam ir uma vez que assumissem o controle do Palácio? Rothen parou na entrada do Grande Salão e seu sangue gelou.

As terras do Clã.

“Balkan sabe disso”, ele pensou. “Ele terá dito a todos para fugirem da cidade. Vai querer que nos reunamos em outro local, para recobrarmos as forças e, então, planejarmos a retomada de Imardin. Devo sair daqui e tentar me juntar a eles.”

Rothen olhou para o grande teto do salão e suspirou gravemente. Não havia

dúvidas de que aquilo seria destruído dali a um ou dois dias. Ele balançou a cabeça com tristeza e virou-se para sair.

Então, congelou ao ouvir vozes por trás dele.

Seu primeiro pensamento foi que os ichanis tivessem chegado, e aí sentiu um choque quando reconheceu as vozes. Virando de costas, saiu do salão.

Balkan e Dorrien estavam em frente ao Salão do Clã. Eles discutiam, mas Rothen não parou para ouvir. Ambos olharam para cima quando ele apareceu.

— Pai! — Dorrien disse sobressaltado.

Rothen sentiu-se invadir por uma onda de alívio e afeição. “Ele está vivo”. Dorrien correu para ele e o abraçou. Rothen se enrijeceu ao sentir uma fisgada de dor se espalhar pelo ombro.

— Dorrien — disse ele. — O que está fazendo aqui?

— Lorlen convocou todos para virem para Imardin — disse Dorrien. — Seus olhos focaram na cicatriz onde Kariko tinha cortado a face de Rothen. — Pai, pensamos que estava morto. Por que não nos contatou? — Ele franziu o cenho olhando para o ombro de Rothen. — Você está machucado. O que houve?

— Não estava seguro se poderia arriscar uma comunicação mental. Havia a proibição e... — Rothen hesitou em dizer a Dorrien sobre o anel. — Fraturei o ombro e o braço na luta e fui curado incorretamente enquanto dormia. Mas você não me respondeu... ou talvez eu não esteja fazendo a pergunta certa. Por que estão aqui nas terras? Certamente é para cá que os ichanis virão em seguida.

Dorrien olhou para Balkan.

— Eu... eu não lutei com o resto dos magos. Escapuli na primeira oportunidade.

Rothen olhou surpreso para o filho. Não poderia imaginar Dorrien fugindo a uma luta. Ele não era um covarde.

Um olhar de intensa frustração passou pela face de Dorrien.

— Tenho motivos — ele disse. — Não posso dizer quais são. Jurei sigilo.

Você apenas tem de confiar em mim quando digo que não posso arriscar ser pego pelos ichanis. Se lerem minha mente, nossa última chance de matá-los estará perdida.

— Nossa última chance veio e se foi — disse Balkan. E aí seus olhos se estreitaram. — A menos...

Dorrien balançou negativamente a cabeça.

— Não especule. Eu já falei demais.

— Se você está tão preocupado que os ichanis leiam sua mente, por que está aqui, no Clã, onde provavelmente será o próximo lugar aonde virão? — Rothen perguntou.

— Tenho uma clara visão dos portões a partir do Salão de Entrada — respondeu Dorrien. — Verei quando estiverem vindo, e sairei pela floresta. Se eu entrar na cidade, as chances de ser pego aumentam.

— Por que não partir agora? — Balkan perguntou.

Dorrien se virou para olhá-lo.

— Não vou partir até que eu seja obrigado. Se o segredo que guardo for descoberto por outros meios, estarei livre para ajudar.

Balkan franziu o cenho.

— Certamente, se partirmos com você, poderá correr o risco de nos contar esse segredo.

A expressão de teimosia no rosto de Dorrien era muito familiar. Rothen balançou a cabeça.

— Não gosto das oportunidades que tem para enrolá-lo, Balkan. Entretanto, acho que devemos sair ao primeiro sinal de aproximação dos ichanis. O que me leva a imaginar por que você está aqui.

A fisionomia do Guerreiro mudou de cara fechada para cenho franzido.

— Alguém precisa testemunhar o destino de nossa casa.

Rothen assentiu.

— Então, nós três ficaremos até o final.

— Erva de sangue doce — murmurou Faren, segurando uma garrafinha. — Quase indetectável no vinho ou nos pratos doces. Age rapidamente, então estejam prontos.

Sonea olhou para o Ladrão e revirou os olhos.

— O quê? — ele perguntou.

— De algum modo não me surpreende que você saiba tanto sobre venenos, Faren.

Ele sorriu.

— Preciso admitir, comecei aprendendo sobre eles de brincadeira para imitar o meu xará. O conhecimento foi útil, algumas vezes, mas não tanto quanto você pensa. Seu amigo aprendiz parece particularmente interessado no assunto.

— Ele não é meu amigo.

Sonea pressionou o olho contra a vigia de novo. A maior parte do quarto à frente era preenchida por uma grande mesa de jantar. Talheres de prata cintilavam levemente sob a luz filtrada proveniente de duas pequenas janelas. Uma refeição pela metade repousava fria e endurecida nos pratos refinados.

Eles estavam no interior de uma das maiores mansões do Círculo Interno. A sala de jantar era pequena, íntima, com duas portas de serviço além da entrada principal. Sonea e Faren ficaram atrás de uma porta e Akkarin atrás de outra.

— Cery achava que vocês dois tinham um relacionamento especial — Faren continuou a provocar.

Sonea bufou de leve.

— Ele se ofereceu para matar Regin uma vez. Foi tentador.

— Ah — respondeu.

Sonea olhou para os copos sobre a mesa. Eles continham diferentes níveis de vinho. Ao centro, havia garrafas abertas e fechadas. Todas tinham sido contaminadas com veneno.

— O que nosso voluntário fez para inspirar tão generosa oferta de Cery?

— Nada que seja da sua conta.

— Não é? Que interessante.

Sonea teve um sobressalto quando a porta principal da sala de jantar foi escancarada. Regin pulou para dentro, e então fechou a porta novamente. Correu em torno da mesa e depois para a porta dos empregados, atrás da qual Akkarin estava esperando. Agarrando a maçaneta, ele parou.

A porta principal foi novamente aberta. Regin fingia lutar contra a maçaneta. Sonea começou a sentir o coração acelerar quando um dos ichanis entrou na sala. Ele olhou para Regin, e dele para a mesa.

— Então, imagino que você não esteja muito ansiosa para salvá-lo se o ichani não morder a isca — Faren cochichou.

— Certamente que vou salvá-lo — murmurou ela em resposta. — Regin pode ser um... um... o que quer que seja, mas não merece morrer.

Conforme o ichani encarou Regin de novo, o garoto pressionou as costas contra a porta, o rosto completamente pálido. O ichani se moveu em torno da mesa. Regin deslizou em torno da parede, mantendo a mesa entre ele e o sachakano.

O ichani deu um risinho. Estendendo o braço, pegou um dos copos e o levou aos lábios. Bebericou e fez uma careta. Dando de ombros, atirou para longe o copo, que se estilhaçou contra a parede, deixando um respingo vermelho.

— É suficiente? — Sonea murmurou.

— Duvido — respondeu Faren. — Mas ele pegou a ideia e pode tentar algo mais inovador.

O ichani começou a andar em torno da mesa. Regin se moveu de forma

hesitante. De repente, pulou para a frente e agarrou uma garrafa de vinho pelo gargalo. O ichani riu quando Regin a brandiu de forma ameaçadora. Ele fez um gesto rápido. Regin cambaleou para a frente como que abatido por um forte golpe por trás e bateu com o rosto na mesa.

O ichani agarrou Regin por trás do pescoço e o segurou, abaixando-o. Sonea apertou a maçaneta da porta, mas Faren a segurou pelo pulso.

— Espere — ele murmurou.

O sachakano pegou a garrafa da mão de Regin e a olhou. A rolha lentamente se soltou e caiu no chão. Ele levou a garrafa aos lábios e bebeu em grandes goles. Ao lado de Sonea, Faren soltou um suspiro de alívio.

— Isto é suficiente? — Sonea sussurrou.

— Ah, sim.

Regin se contorceu sobre a mesa, batendo nos pratos e nos talheres que voavam conforme ele tentava se desgarrar do ichani. O sachakano deu outro trago na garrafa e, em seguida, jogou-a contra a mesa. Com a extremidade quebrada, ele se encaminhou para Regin.

— Isso não é bom — disse Faren. — Se ele cortar Regin o veneno vai...

A porta por trás do ichani se abriu. Sonea sobressaltou-se, mas Akkarin não agiu impulsivamente. O corredor lá fora estava vazio. Ouvindo o barulho, o ichani se virou. Ele olhou para a porta aberta.

— Bom. Isso o atrasará um pouco — Faren murmurou.

Sonea prendeu a respiração. A maçaneta da porta estava escorregadia devido ao suor na sua mão. Se ela e Akkarin se revelassem ao ichani, ele poderia chamar por Kariko. Seria muito melhor se em vez disso o homem sucumbisse à droga.

— Aqui vamos nós — Faren disse calmamente.

De repente, o ichani soltou Regin e cambaleou para longe da mesa. Conforme ele pressionava o estômago, Regin livrou-se dele e correu para a porta principal.

— *Kariko!*

— *Rikacha?*

— *Eu fui... Eu fui envenenado!*

Kariko não respondeu. O ichani caiu de joelhos, rolando no chão. Um gemido longo e baixo escapou-lhe da boca, e então ele vomitou um líquido vermelho. Sonea estremeceu ao se dar conta de que era sangue.

— Quanto tempo até ele morrer? — ela perguntou.

— De cinco a dez minutos.

— Você chama isso de rápido?

— Poderia ter usado roin. É mais rápido, mas é amargo.

Akkarin apareceu no vão da porta aberta. Encarou o homem e, em seguida, tirou a camisa.

— O que ele está fazendo? — Faren perguntou.

— Eu acho... Sonea meneou a cabeça quando Akkarin deu um passo à frente e amarrou a camisa em torno da cabeça do homem. O ichani gritou surpreso e tentou retirar a camisa.

— *Sonea*.

A voz mental de Akkarin soou diferente — mais clara através do anel. Ela abriu a porta e correu para o lado dele.

— *Segure aqui para mim.*

Ela segurou e manteve a camisa apertada. O homem continuou a lutar, mas não havia força em seus movimentos. Akkarin tirou sua faca, cortou o braço do homem e pressionou sua mão no ferimento.

Sonea sentiu o ichani partir. Não demorou muito antes que Akkarin o soltasse. Ao soltar a camisa, o homem morto despencou no chão. Ela sentiu uma onda de náusea.

— *Isso foi horrível.*

Akkarin olhou para Sonea.

— *Mas pelo menos foi rápido.*

— Funcionou. Que bom.

Ambos olharam quando Regin entrou na sala. Ele olhou para o ichani morto com satisfação.

— Sim — Sonea concordou. — Mas não poderemos fazer de novo. O outro ichani o ouviu dizer que o vinho estava envenenado. Eles não vão cair no mesmo truque.

— Mas sua ajuda é bem-vinda — acrescentou Akkarin.

Regin deu de ombros.

— Valeu a pena ver um desses bastardos receber o que merecia. — Ele pôs a mão na garganta e fez uma careta. — Mas não estou triste em saber que não terei que fazer isso de novo. Ele quase quebrou meu pescoço.

***

"Cada homem deve ter uma ambição", Cery disse para si mesmo ao passar entre os portões quebrados. "A minha é bem simples: só quero entrar em todos os locais importantes de Imardin."

Ele estava orgulhoso pelo fato de, apesar de ainda não ter vinte anos, ter conseguido entrar em quase todo prédio importante na cidade. Tinha sido bem fácil insinuar-se nas áreas exclusivas do curso de Corrida disfarçado de empregado e suas habilidades de arrombador haviam facilitado a entrada em algumas das mansões dentro da Cidade Interior. Graças a Sonea, ele estivera dentro do Clã, embora tivesse preferido ser bem-sucedido por suas próprias habilidades e não por ter sido aprisionado por um mago intolerante e intrometido.

Conforme atravessava o pátio, não podia deixar de rir. O Palácio era o local mais importante que restava em Imardin dentro do qual ele jamais fora capaz de se infiltrar. Agora, com a Guarda derrotada e os portões pesados do Palácio

dependurados em seus suportes, ninguém iria impedi-lo de explorar.

Nem mesmo os ichanis. De acordo com os observadores colocados pelos Ladrões, os sachakanos tinham deixado o Palácio uma hora atrás. Haviam estado no interior do prédio por apenas uma ou duas horas, e não poderiam ter destruído tudo naquele período de tempo.

Ele passou por cima dos corpos carbonizados dos guardas e espiou pelas portas quebradas do prédio. Um amplo salão de entrada se estendia à frente. Delicadas escadarias se erguiam rumo aos níveis mais altos. Cery suspirou deslumbrado. Entrando, imaginou por que os ichanis não as haviam destruído. Talvez não quisessem desperdiçar seus poderes. Ou talvez tivessem um pouco de bom senso poupando as escadas de modo a poderem acessar os andares superiores.

Cery olhou para o símbolo do mullook no chão. Ele duvidava que o Rei ainda estivesse no Palácio. Provavelmente, o governante teria deixado Imardin quando o Muro Interno ruiu.

— Avala será um problema.

— Provavelmente. Ela gosta de andar sem rumo. Espero que vá logo para longe de Kyralia.

— Suspeito que ela esteja de olho em Elyne.

Cery girou nos calcanhares. As vozes, que ecoavam além da entrada do Palácio, eram claramente de sachakanos. Ele procurou correr em direção ao arco na parte de trás do salão. Logo depois de ter passado por ele, ouviu o eco das passadas no piso do recinto.

— Todos nós ouvimos Rikacha chamando por Kariko — disse uma terceira voz. — Sabemos como ele morreu. Ele foi tolo ao comer a comida deles. Não vejo por que temos de voltar aqui para discutir o erro dele, e Avala e Inijaka provavelmente concordam.

Cery sorriu. Então, o truquezinho nojento de Faren tinha funcionado.

— Porque já perdemos três — respondeu Kariko. — Mais algum e isso pode

ser mais do que má sorte.

— Má sorte? — o primeiro ichani zombou. — O Clã pegou Rashi porque ele era fraco. E Vikara ainda pode estar viva. Só temos certeza de que nossos escravos estão mortos.

— Talvez — concordou Kariko. Ele parecia distraído. — Mas há outra coisa que quero lhes mostrar. Veem essas escadas? Parecem frágeis, não parecem? Como se não fossem capazes de suportar seu próprio peso. Vocês sabem como eles evitam que caiam?

Não houve resposta.

— Eles colocam magia nelas. Veja isso.

Houve um silêncio, seguido de um tilintar. O som cresceu de intensidade, até que o salão de repente se encheu de estrondos e estilhaços. Cery suspirou e espiou através do arco.

As escadas estavam ruindo. Conforme Kariko tocava em um corrimão após o outro, as bonitas estruturas se deformavam e desmoronavam, espalhando fragmentos por toda parte. Um foi em direção a Cery. Um ichani deu uma olhadela em direção ao arco, e Cery rapidamente saiu do alcance da vista dele.

Inclinando-se contra a parede, Cery fechou os olhos. Seu coração sofria por ver algo tão bonito ser destruído negligentemente. Ele podia ouvir a risada de Kariko vindo do salão.

— Eles chamam isso de “feito com magia” — disse o ichani. — Colocam magia nas construções para fortalecê-las. Metade das casas do centro da cidade é construída dessa forma. O que importa se a cidade está deserta? Podemos reunir toda a magia de que precisamos a partir das construções. — Sua voz abaixou. — Deixem os outros vagarem por enquanto. Se tivessem voltado aqui, conforme instruí, saberiam disso também. Venham comigo e veremos quanto poder o Clã deixou para nós. As passadas seguiram, então pararam. — Harikava?

— Vou dar uma olhada aqui em volta. Esse local provavelmente está cheio de estruturas fortalecidas por meio de magia.

— Só não coma nada — falou o terceiro ichani.

Harikava deu um risinho.

— Claro que não.

Cery ouviu os passos recuarem e sumirem. Um grupo permaneceu, entretanto, e ele começou a se preocupar quando se deu conta de que estavam ficando mais nítidos.

“Estão vindo para cá.”

Olhando em volta, viu que estava em uma ampla sala. Vários arcos cruzavam as paredes à esquerda e à direita. Ele correu para a mais próxima. Um corredor seguia paralelamente à sala e uma passagem o cruzava no lado oposto a cada arco. Cery espiou cuidadosamente.

O ichani permaneceu dentro da sala. Olhou em torno e depois na direção de Cery. Ao dirigir-se para o arco, Cery sentiu a boca seca.

“Como ele sabe que estou aqui?”

Ele não ficou esperando para descobrir. Saiu do arco e disparou para o interior do Palácio.

Capítulo 36

Um Salvador Improvável

Uma explosão distante ecoou pela passagem. Akkarin trocou olhares com Sonea, e então se dirigiu até uma grade de ventilação fixada na parede. Ela olhou pela viela à frente e ouviu com atenção. Normalmente, se ouviria um burburinho constante de atividade, mas em lugar disso havia apenas um silêncio assustador.

Akkarin franziu o cenho e em seguida fez sinal para o guia continuar. Por algum tempo, os únicos barulhos eram o som suave de respiração e o ruído de botas no chão. Akkarin parou abruptamente e fixou o olhar ao longe.

— Takan diz que os mensageiros estão informando que Kariko deixou novamente o Palácio. Os ichanis estão destruindo os prédios.

Sonea pensou na explosão que ouvira ao longe e assentiu.

— Estão gastando suas forças.

— Sim. — Ele sorriu e seus olhos cintilaram com uma luz predatória antiga e familiar.

O som de passos que se aproximavam chamou a atenção para uma silhueta sombria mais abaixo nas passagens.

— Procurando pelo estrangeiro? — A voz era feminina e idosa. — Acabou de invadir uma casa perto daqui.

Akkarin dirigiu-se à idosa.

— O que tem a me dizer sobre o local?

— Pertence à Casa Arran — disse ela. — Tem um grande estábulo e um pátio na frente e uma casa no outro lado. Muros ao redor. Sem passagens sob a casa. Tem que entrar pela rua.

— São quantas as entradas?

— Duas. A principal, na frente, e o portão de acesso ao pátio. O estrangeiro entrou pela frente.

— Qual é a mais próxima?

— O portão.

Akkarin olhou para Sonea.

— Iremos por esse caminho.

A idosa assentiu.

— Sigam-me

Conforme se insinuaram pelas passagens de novo, Sonea tocou o anel no dedo.

— O que está planejando?

— Ainda não tenho certeza. Mas acho que pode estar na hora de usar o seu método.

— Meu método? Você quer dizer a Cura?

— Sim.

— Então, eu devo fazê-lo. Provavelmente, ele o reconhecerá, mas não a mim.

Akkarin franziu o cenho, porém não respondeu. A mulher conduziu-os até uma pequena porta, onde eles se espremeram, um a um, para passar. Do outro lado, havia uma sala cheia de barris.

— Estamos dentro da casa do outro lado da rua — a mulher explicou. — Apenas subam essas escadas e, ao abrirem a porta, chegarão à extremidade do salão — ela deu um sorriso meio atravessado. — Boa sorte.

Seguindo as instruções da mulher, Sonea e Akkarin alcançaram uma porta de serviço maciça. A fechadura estava quebrada. Akkarin espiou e empurrou a porta, em seguida. Saíram numa rua típica do Círculo Interno. Do outro lado da rua, havia uma parede branca interrompida apenas por um grande portão de

madeira de duas folhas. Akkarin se encaminhou rapidamente até ele e olhou através de uma pequena abertura entre as portas.

— Há duas entradas para a casa pelo pátio — disse ele. — Vamos usar a mais próxima.

Olhou para a fechadura e abriu. Sonea o seguiu, fechando o portão atrás de si. Um grande pátio retangular se apresentava diante deles. À esquerda, havia um prédio alto com várias portas largas — o estábulo.
À direita, uma casa de dois andares. Akkarin correu para a casa, empunhou o fecho da porta, e eles se esgueiraram para dentro.

Havia um corredor estreito adiante. Akkarin fez um gesto de silêncio. O som de um rangido e de passos no andar de cima alcançou-lhes os ouvidos.

Percebendo um movimento com o canto do olho, Sonea espiou por uma pequena janela ao lado da porta. Ela prendeu a respiração quando viu dois magos e um homem ricamente vestido correndo em direção aos estábulos.

Akkarin foi para o lado dela. Os três homens alcançaram uma das grandes portas do estábulo. O acompanhante dos magos escancarou a porta, obviamente esperando que fosse mais pesada do que era. Sonea prendeu a respiração quando a porta se estatelou contra a parede.

Passos apressados ecoaram acima dela. Os três homens desapareceram dentro do estábulo deixando a porta aberta. Seguiu-se um silêncio. Sonea sentiu a boca seca quando soaram mais passos acima. Houve uma pausa, e então uma porta se fechou e um ichani entrou a passos largos no pátio. Ele parou no meio do pátio e olhou cuidadosamente em volta. Percebendo a porta do estábulo aberta, tomou sua direção.

— Isto não me agrada, mas você está certa. Inijaka vai me reconhecer — murmurou Akkarin. Ele olhou para Sonea. — Não temos tempo para criar um plano melhor.

Ela sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Agora, era com ela. Todas as formas possíveis de insucesso do truque de Cura passaram por sua mente. Se o ichani usasse um escudo e ela não conseguisse tocá-lo, então não seria capaz de

usar seus poderes de Cura e...

— Você ficará bem?

— Sim — Sonea respondeu. Ela olhou para fora e viu o ichani desaparecer dentro do estábulo.

Akkarin respirou fundo e em seguida abriu a porta para ela.

— Estarei olhando. Se não funcionar, use o escudo. Lutaremos abertamente com ele.

Sonea assentiu e então entrou no pátio e correu em direção à entrada do estábulo. Espiando lá dentro, tentou entender alguns detalhes no interior escurecido. Uma silhueta descia pela ala entre as baias. O ichani, ela imaginou. Ele entrou por uma porta na parede mais distante e sumiu de vista.

Ela penetrou no interior. Ao começar a descer pela ala, três figuras saíram de uma baia. Eles a viram e gelaram. Ao mesmo tempo, Sonea viu a face do homem ricamente vestido e sentiu um choque pela constatação e pelo desgosto.

— *Você não me disse que era o Rei!*

O Governante de Kyralia olhou para ela de cima a baixo, seus olhos se arregalaram ao reconhecê-la. Observando-o, ela sentiu um desgosto e uma raiva crescentes. Ocorreu-lhe uma lembrança do Salão do Clã. O Rei endossando a punição pelo exílio decidida pelo Clã. Ela pensou na Purificação e nos tios sendo expulsos das favelas. Pensou nos favelados se escondendo nas passagens, nunca avisados da invasão próxima.

“Por que eu arriscaria minha vida por esse homem”?

No momento em que a pergunta passou por sua mente, ela se odiou por perguntar. Não podia abandonar ninguém para os ichanis, não importava o quanto não gostasse deles. Aprumando-se, deu um passo para o lado.

— Vão — ela lhes disse.

Os três homens passaram apressadamente. Ao ficarem fora de visão, Sonea ouviu um ruído na sala além da parede mais distante. Virando-se, viu o ichani

voltando. Os olhos dele se encontraram com os dela e ele sorriu.

Não foi difícil fingir terror conforme ele partiu na direção dela. Sonea andou para trás em direção à entrada da porta e sentiu a picada de uma barreira. O ichani acenou com a mão e ela sentiu uma força empurrá-la para frente. Resistindo ao desejo de fazer algo para se libertar, ela se permitiu cambalear em direção a ele. Quando ele só estava a um passo dela, ele a olhou de cima a baixo.

— Então, *tem* algumas mulheres kyralianas aqui — disse.

Sonea lutou enquanto a força a envolvia, mantendo os braços junto ao corpo. O coração começou a acelerar conforme o ichani se aproximava mais, até que ela pôde sentir a respiração dele no seu rosto. Ele deslizou as mãos por dentro da blusa dela. Ela se contraiu alarmada e aterrorizada enquanto a expressão do ichani mudava para um sorriso libidinoso.

Uma onda de pânico a invadiu. Ela não podia se mover, portanto não podia tocá-lo. Se não podia tocá-lo, não podia usar os poderes de Cura sobre ele. E se ele seguisse em frente, descobriria as túnicas pretas sob as roupas comuns.

— *Ataque-o* — Akkarin a impeliu à ação.

Ela enviou uma onda de força. Os olhos do ichani se arregalaram surpresos ao ser empurrado longe. Seguindo-o a passos largos, ela o atacou rapidamente. Ele firmou os pés, ergueu as mãos e revidou com um golpe. Ela cambaleou para trás quando o golpe atingiu seu escudo.

Ele riu.

— Então, *foi* uma túnica que eu senti sob sua blusa. Fiquei imaginando para onde teriam ido todos os magos.

Sonea sentiu uma onda de esperança. Ele tinha pensado que ela era uma maga comum do Clã. Ela ainda podia tentar enganá-lo se fingisse enfraquecer por exaustão.

— *Estou do outro lado da porta* — Akkarin enviou. — *O que você quer que eu faça?*

— *Espere* — ela lhe disse.

Quando o ichani a atacou de novo, ela se deixou cambalear até suas costas encostarem na parede. Ele avançou, e ela se encolheu quando ele a golpeou de novo. No quarto golpe, ela deixou seu escudo oscilar. Ele sorriu maliciosamente quando ela caiu, tirou a faca e a prendeu entre os dentes.

Ela se mexeu fingindo se esquivar quando ele a tocou. Pegando o braço dela, ele empurrou suas costas e a pressionou contra a parede com uma mão. Ela agarrou o punho dele, fechou seus olhos e enviou sua mente para dentro do corpo dele.

Ela encontrou o coração dele ao mesmo tempo em que uma dor atravessou seu braço. Concluindo que não podia se curar e atingi-lo simultaneamente, concentrou-se no coração dele. Depois que parasse, o que ele poderia fazer?

Ele a segurou com mais força conforme ela exercia seu desejo. Ela o ouviu respirar com dificuldade devido à dor e abriu os olhos para ver o rosto dele ficar branco. Ele a fitou de forma acusadora. Uma mão pegou o braço dela.

Uma terrível letargia se espalhou do seu braço por todo o corpo. Embora ela tentasse se mover, nenhum músculo a obedecia. Ao mesmo tempo, sentia seu poder sendo drenado com uma velocidade aterradora. Um movimento no canto do olho chamou sua atenção, mas ela não podia nem mesmo reunir forças para mover seu olhar. Então, a drenagem cessou. A expressão do ichani tinha mudado de raiva para confusão e horror. Ela viu a faca cair da mão dele. Ele a soltou e pôs a mão no seu peito. Em um instante, o controle voltou para Sonea. Ela pegou a faca e cortou o pescoço dele. Conforme o sangue espirrou, ela agarrou-se à sua garganta e sugou sua força.

O poder a inundou, mas não tanto quanto ela ganhara de Parika. A luta com o Clã tinha enfraquecido o ichani. Conforme sua força ia diminuindo, ele caiu para trás e ficou inerte no chão.

Atrás dele, estava Akkarin. Ele olhou para ela com uma expressão peculiar. Ela olhou para suas roupas manchadas de sangue e deu de ombros com desgosto.

“Depois que tudo terminar”, Sonea pensou, “nunca mais usarei este poder de novo. Nunca.”

— Senti o mesmo quando retornei de Sachaka.

Ela olhou para ele. Ele lhe estendeu a mão.

— Deve haver algo dentro da casa que possa vestir — disse ele. — Venha, vamos limpar você.

Mesmo com a ajuda, foi difícil reerguer-se. Apesar de ela não estar cansada, as pernas se mostravam trêmulas. Sonea ficou em pé por um momento, procurando se equilibrar. Olhando para o ichani morto, sentiu o choque mudar para alívio. “Funcionou. E ele não teve chance de chamar Kariko.” Ela sobrevivera e tinha até poupado...

— O Rei? — ela perguntou.

— Eu o mandei para a casa do outro lado da rua, e Takan avisou Ravi para aprontar-se para recebê-lo.

Sonea sentiu o humor melhorar um pouquinho ao imaginar como seria o encontro.

— O Rei resgatado pelos Ladrões. Eis algo que eu gostaria de ver.

Akkarin retorceu o canto da boca.

— Tenho certeza de que haverá algumas consequências interessantes.

Cery desceu correndo por mais um corredor ainda e parou ao lado da porta. Testou a maçaneta. Trancada. Foi para a próxima. O mesmo. O som de passos ao longe foi se tornando mais alto. Ele disparou para a porta no final do corredor, suspirando aliviado quando a maçaneta girou.

Para além, havia uma grande sala com janelas que davam para os jardins no centro do Palácio. Cery passou correndo por cadeiras decoradas com ouro e tecidos suntuosos e chegou até a porta no final da sala. O pendente de Savara batia contra seu peito por baixo das roupas.

“Por favor, não esteja trancada”, ele pensou. “Por favor, não seja sem saída.”

Ele agarrou a maçaneta e a torceu, mas ela não girou. Uma praga lhe escapou

da boca e ele começou a procurar no casaco por seus pinos. Ele os pegou, feliz por nunca ter perdido o hábito de levá-los consigo. Selecionando dois, inseriu-os na fechadura e começou a sentir o mecanismo.

Atrás dele, um frágil som de passos tornou-se mais alto.

A respiração entrava e saía acelerada pela garganta. A boca estava seca e as mãos suadas. Depois de inspirar profundamente, ele expirou devagar e girou os pinos bem rápido.

Num clique, o fecho se abriu. Cery agarrou os pinos, abriu a porta e saiu correndo. Deu um puxão na porta atrás dele, parando-a apenas quando estava quase batendo e fechou-a o mais silenciosamente possível.

Numa rápida olhada, ele percebeu que estava em uma saleta cheia de espelhos e pequenas mesas e cadeiras. Um vestiário para recreadores, imaginou. Não havia outra porta nem entrada para a sala. Desviou a atenção para o fecho e começou a cerrá-lo de novo.

Era mais fácil acionar o mecanismo agora que conhecia o tipo. O trinco fechou com um clique de satisfação. Suspirando com alívio, Cery dirigiu-se para uma cadeira e sentou-se.

Ao ouvir passos do lado de fora da sala, o alívio evaporou-se. Se Harikava o estivesse seguindo, poderia imaginar que não havia outro lugar para ele ir, a não ser por aquela porta — trancada ou não. Levantando, Cery deu um passo em direção às pequenas janelas de um lado da sala. Ele tinha de sair de qualquer forma.

Então, o trinco deu um clique e o sangue dele gelou.

A porta abriu com um rangido débil. O ichani espiou dentro do cômodo. Quando viu Cery, ele sorriu.

— Aí está você.

Cery afastou-se da porta. Examinou os bolsos do casaco, sentiu os cabos das facas na palma das mãos. Agarrou-as com força.

“Isto não é bom”, ele pensou. Deu uma olhadela em direção às janelas. “Não

vou conseguir chegar até elas. Ele vai me deter.”

O ichani se aproximou.

“Se ele me pegar, vai ler minha mente e descobrirá sobre Sonea e Akkarin.”

Cery engoliu em seco e retirou as facas das bainhas. “Mas ele não pode ler a minha mente se eu já estiver morto.”

Quando o ichani deu outro passo, Cery sentiu sua determinação enfraquecer. “Não posso fazer isso. Não posso me matar.” Ele encarou o ichani. Os olhos do homem eram frios e destruidores.

“Qual a diferença? Vou morrer de qualquer forma.”

Ele inspirou rapidamente duas vezes e, com um movimento suave, ágil e rápido, retirou as facas.

“Não, Cery! Não!”

A voz na mente de Cery o fez gelar. Seria a voz do medo? Se fosse, tinha uma voz de mulher. Uma voz parecida...

Harikava se virou para olhar para fora da sala e olhos se arregalaram. Cery ouviu passos leves. Quando a mulher entrou pelo vão da porta, ele prendeu a respiração surpreso.

— Deixe-o, Harikava — disse Savara. Sua voz era de comando. — Este é meu.

O ichani se afastou dela.

— O que sua gente está fazendo aqui? — ele disse zangado.

Ela sorriu.

— Não estamos fazendo nossa própria reivindicação por Kyralia, como você provavelmente teme. Estamos apenas observando.

— Se assim você diz.

— Você não está em posição de me contradizer — ela respondeu, entrando na sala. — Se eu fosse você, partiria agora.

Conforme ela se encaminhou em direção a Cery, Harikava a observou cuidadosamente. Quando ela já estava a vários passos, afastada, ele se encaminhou para a porta e para fora da sala. Cery ouviu os passos do homem pararem do lado de fora.

— Kariko não aceitará sua gente aqui. Ele vai caçar vocês.

— Estarei longe antes que ele tenha tempo para isso.

As pisadas se afastaram, e ouviu-se o som da porta na próxima sala fechando. Savara olhou para Cery.

— Ele se foi. Esta foi por pouco.

Ele olhou para ela. Ela o havia salvado. De alguma forma, ela soubera que ele estava em perigo e apareceu justo na hora. Mas como era possível? Ela o seguira? Ou ela estava seguindo o ichani? O alívio passou para dúvida quando ele considerou suas palavras. O ichani tinha medo dela. De repente, ele teve certeza de que também deveria ter.

— Quem é você? — ele sussurrou.

Ela encolheu os ombros.

— Uma serviçal do meu povo.

— Ele... ele fugiu. De você. *Por quê?*

— Dúvida. Ele tinha usado uma grande quantidade de poder hoje, e talvez não tivesse certeza se me derrotaria. — Ela sorriu e se moveu em direção a ele. — O blefe é sempre a mais gratificante forma de vencer uma luta.

Cery recuou. Ela acabara de salvar sua vida. Ele deveria lhe agradecer. Mas havia algo muito estranho em tudo aquilo.

— Ele a reconheceu. Você sabe o nome dele.

— Ele reconheceu o que sou e não quem eu sou — ela corrigiu.

— O que é você, então?

— Sua aliada.

— Não, você não é. Você diz que quer nos ajudar, mas nada fará para deter os ichanis, mesmo que seja forte o suficiente para fazê-lo.

Seu sorriso sumiu. Ela o fitou com gravidade, em seguida a expressão dela endureceu.

— Estou fazendo tudo que posso, Cery. O que será necessário fazer para convencê-lo disso? Você confiaria em mim se eu dissesse que já faz um tempo que sei que Akkarin e Sonea voltaram? Obviamente, não disse isso aos ichanis.

O coração de Cery falhou por um instante.

— Como você soube disso?

Ela sorriu e seus olhos brilharam na direção do peito dele.

— Tenho minhas fontes.

Por que o olhar para seu peito? Ele franziu o cenho ao lembrar-se do pingente. Procurando sob a camisa, colocou-o para fora. Seus olhos cintilaram e seu sorriso sumiu.

Que tipo de propriedades mágicas aquilo tinha? Olhando para o rubi macio no centro, sentiu um arrepio percorrer-lhe as costas ao lembrar-se de Sonea e Akkarin fazendo anéis um para o outro. Anéis com enfeites de vidro vermelho...

“Com estes anéis, seremos capazes de ver a mente um do outro...”

Ele olhou para o rubi. Se fosse uma pedra de sangue, então Savara estava lendo sua mente... e ele passara a usar o pingente logo depois que Sonea e Akkarin tinham voltado.

De que outra forma ela poderia saber que eles estavam na cidade?

Tirando a corrente pela cabeça, ele colocou o pingente de lado.

— *Fui* um tolo de confiar em você — disse amargamente.

Ela olhou para ele com tristeza.

— Eu soube de Sonea e Akkarin desde que lhe dei o pingente. Eu os entreguei aos ichanis? Usei essa informação para chantagear você? Não. Não tirei

vantagem da sua confiança, Ceryni, você tirou vantagem de mim.

Ela cruzou os braços.

— Você disse que poderia me manter informada se eu o ajudasse a matar magos, mas você não me disse o que eu precisava saber. Meu povo está procurando por Akkarin e Sonea em Sachaka. Eles pretendem ajudar o ex-Lorde Supremo a recuperar Kyralia dos ichanis. Tal como você, não desejamos ver Kyralia governada por Kariko e seus aliados.

Cery a encarou.

— Como posso acreditar nisso?

Savara suspirou e balançou a cabeça.

— Só posso pedir que confie em mim. É muito difícil provar... mas acho que você atingiu o limite de sua confiança. — Ela sorriu pesarosamente. — O que faremos um com o outro?

Ele não sabia como responder. Olhando para o pingente, se sentiu com raiva, tolo e traído. Ainda assim, olhou para ela, viu uma tristeza e arrependimento em seus olhos que acreditava ser real. Ele não queria que se separassem com sentimentos ruins um pelo outro.

Mas talvez não fosse possível.

— Eu e você temos acordos e segredos que não podemos revelar, e pessoas que devemos proteger — disse ele lentamente. — Respeito você, mas você não me respeitou. — Ele olhou para o pingente de novo. — Você não devia ter feito isso comigo. Sei por que o fez, mas isso não o torna correto. Quando me deu isso, você me impossibilitou de cumprir minhas promessas.

— Queria proteger seu pessoal.

— Eu sei. — Ele conseguiu dar um sorriso de ironia. — Também posso respeitar isso. Enquanto nossas terras estão em guerra, não podemos colocar nossos sentimentos acima da segurança de nossos povos. Então, vamos ver como isso vai ficar. Quando tudo estiver terminado, talvez possa lhe perdoar por ter feito isso. Até lá, vou ficar do meu lado. Não espere mais nada.

De cabeça baixa, ela assentiu.

— Eu compreendo.

***

A porta de serviço da mansão de Zerrend dava para uma viela larga o suficiente para uma carroça de entrega passar. O fecho estava destrancado, mas a porta estava fechada. Ambas as extremidades da viela se mostravam vazias e silenciosas.

Não havia sinal de Tayend... nenhum sinal de quem quer que fosse.

— O que faremos agora? — Farand perguntou.

— Não sei — admitiu Dannyl. — Não quero ir embora, para o caso de ele voltar. Mas ele pode ter sido forçado a fugir da cidade.

“Ou ele pode estar jazendo morto em algum lugar.” Toda vez que Dannyl pensava sobre essa possibilidade, seu sangue gelava e ele ficava aterrorizado. “Primeiro Rothen, depois Tayend...”

“Não”, disse para si mesmo. “Nem mesmo considere isso. Não até que veja por você mesmo.”

A ideia de que pudesse ver o corpo de Tayend apenas dificultava que pensasse com clareza. Ele tinha de se concentrar para decidir aonde deveriam ir. Tinham três escolhas: ficar na mansão e esperar que Tayend finalmente retornasse, procurar por ele na cidade ou desistir e deixar a cidade.

“Não deixarei a cidade até que eu saiba.”

Então, sobrava ficar na mansão ou procurar. Nenhuma era muito justa para Farand.

— Vou procurar por Tayend — disse Dannyl. — Tentarei as ruas nos arredores e voltarei para verificar a casa de tempos em tempos. Você deve deixar a cidade. Não há sentido em ambos arriscarmos nossas vidas.

— Não — respondeu Farand. — Permanecerei aqui para o caso de ele voltar.

Dannyl olhou surpreso para Farand.

— Tem certeza?

O jovem mago assentiu.

— Não conheço Imardin, Dannyl. Não sei se acharia meu caminho de volta. E você precisa de alguém para permanecer aqui para o caso de Tayend voltar. — Ele encolheu os ombros, então deu alguns passos para trás. — Verei você quando retornar.

Dannyl observou Farand até que ele tivesse entrado na casa, em seguida voltou para a extremidade da viela e vasculhou a rua até o final. Tudo estava calmo. Ele caminhou apressadamente até a próxima viela.

A princípio, Dannyl só encontrou alguns caixotes de madeira nos becos e ruas. Em seguida, começou a encontrar os corpos dos magos. O medo pela segurança de Tayend ficou mais forte.

Ele pegou uma estrada circular, e quase tinha feito o caminho de volta para a mansão de novo quando um homem apareceu na sua frente. O coração dele deu um salto e começou a bater forte, mas era apenas um serviçal de aparência rude ou um artesão.

— Aqui — disse o homem, apontando para uma portinhola de lixo na parede.

— É mais seguro para vocês magos aqui embaixo.

Dannyl balançou a cabeça.

— Não, obrigado. — Quando ele passou, o homem pegou-o pelo braço.

— Os sachakanos estavam por perto faz pouco tempo. Você fica mais seguro fora de vista.

Dannyl soltou seu braço.

— Estou procurando alguém.

O homem encolheu os ombros e deu um passo atrás.

Continuando, Dannyl alcançou a extremidade da viela. A rua à frente estava

vazia. Ele entrou por ela e correu pela estrada em direção à viela do outro lado.

Quando tinha quase alcançado a viela, ouviu uma porta se fechar atrás dele. Ele se virou e sentiu o sangue gelar.

— Ah, agora está melhor. — A mulher que vinha em sua direção sorriu maliciosamente. — Estava começando a achar que não havia outros magos bonitos em Kyralia.

Ele se dirigiu rapidamente para a viela, mas bateu em uma barreira invisível. Chocado, retrocedeu, o coração acelerado.

— Não por esse caminho — disse a mulher. — Venha cá. Não vou matá-lo.

Dannyl respirou fundo várias vezes e voltou-se para encará-la. Conforme ela se aproximava, ele retrocedia rua abaixo. Havia um brilho malicioso nos olhos dela. Ele se deu conta de que já a vira antes. Ela era a ichani que queria “manter” Lorde Fergun para si.

— Kariko não deixará você me manter vivo — disse.

Ela moveu bruscamente a cabeça.

— Ele deveria, agora que nós estamos aqui e a maioria do seu Clã está morta.

— Por que você iria querer me poupar, de qualquer forma? — disse ele, ainda recuando.

Ela deu de ombros.

— Meus escravos estão mortos. Preciso de novos.

Ele devia estar chegando perto da próxima viela. Talvez, se continuasse falando, ela não se lembraria de bloquear.

— Poderia ser muito agradável para você. — Ela sorriu com malícia, mirando-o do pescoço aos pés dele. — Gosto de recompensar meus escravos favoritos.

Ele sentiu uma vontade louca de rir. “O que ela pensa que é?”, ele pensou. “Algum tipo de sedutora irresistível? Ela parece ridícula.”

— Você não faz meu tipo — ele lhe disse.

As sobrancelhas dela se arquearam.

— Não? Bem, não importa. Você fará como eu digo ou... — Ela parou e olhou em volta pela rua, surpresa.

De todas as portas e vielas em todos os lados surgiram magos do Clã. Dannyl olhou para eles. Não reconheceu nenhuma das faces. Então, uma mão pegou seu braço e o arrastou para seu lado.

Ele tropeçou pela porta, que se fechou atrás dele. Dannyl virou para ver seu salvador e sentiu o coração acelerar.

— Tayend!

O acadêmico sorriu para ele. Dannyl suspirou aliviado, puxou Tayend para si e apertou-o fortemente.

— Você deixou a casa. Por que saiu de lá?

— Aquela mulher entrou. Pensei que esperaria no beco até ela sair, mas ela saiu por lá. Os Ladrões me salvaram. Eu disse a eles que você me procuraria, mas eles não chegaram na casa a tempo.

Dannyl ouviu uma tosse abafada e gelou quando compreendeu que não estavam sozinhos. Ele se virou para encontrar um lonmar alto, que o olhava com curiosidade. O rosto gelou e em seguida esquentou.

— Vejo que são bons amigos — disse o homem. — Agora que se encontraram, nós deveríamos...

A porta balançou com um forte sopro. O homem acenou freneticamente.

— Rápido! Sigam-me.

Tayend segurou o pulso de Dannyl e o arrastou atrás do estranho. Por trás deles, veio um estrondo. O lonmar começou a correr. Descendo por uma escada, ele os levou a um porão e bateu a porta atrás deles.

— Aquilo não a fará parar — disse Dannyl.

— Não — respondeu o estranho. — Mas a retardará.

Ele correu entre suportes de garrafas de vinho até um armário na parede mais afastada. Abrindo a porta, puxou com vigor as prateleiras que continham as jarras de conservas. Essas prateleiras giraram para a frente, revelando outra porta. O estranho abriu a porta e saiu. Tayend e Dannyl examinaram a passagem. Um garoto estava por perto, segurando uma pequena lâmpada.

O lonmar seguiu e começou a puxar as prateleiras de novo para o lugar. Ouviu-se um som débil além da porta do porão, e aí uma explosão.

— Não há tempo — murmurou o lonmar. Ele deixou o armário montado pela metade e fechou a porta interna. Pegando a lâmpada do menino, começou a correr pela passagem. Dannyl e Tayend corriam atrás.

— Não é bom — o estranho murmurou para si mesmo. — Vamos esperar que ela...

De trás, veio outra explosão. Dannyl olhou para trás e viu um globo de luz sendo formado no lugar onde ficava a porta secreta. O lonmar respirou fundo.

— Corram!

Capítulo 37

Um Vislumbre do Inimigo

O vestido de criada que Sonea havia encontrado para substituir sua camisa e calças ensanguentadas devia ter pertencido a uma mulher mais alta. Eles cobriam bem sua túnica, mas as mangas eram tão compridas que ela teve que enrolá-las, e a bainha não parava de ir parar embaixo dos pés dela. Ela estava se equilibrando depois de pisar nela de novo quando um mensageiro apareceu na passagem diante deles. Ele os viu e acelerou o passo.

— Eu tenho... más notícias... — ele disse ofegante. — Um dos... sachakanos... encontrou as passagens.

— Onde? — Akkarin perguntou.

— Não muito longe.

— Leve-nos até lá.

O mensageiro hesitou, depois concordou com a cabeça. Começou a voltar pela passagem, sua lanterna lançando sombras distorcidas nas paredes.

— *Nós vamos tentar o mesmo truque* — Akkarin disse a Sonea. — *Dessa vez, cure-se quando o ichani a cortar. Se ele começar a tomar sua força, você não será capaz de usar seus poderes*.

— *Oh, eu não vou cometer esse engano de novo* — ela respondeu. — *Não agora que conheço a sensação*.

O guia prosseguiu pelas passagens, detendo-se rapidamente de vez em quando para fazer perguntas a ajudantes parados nas saídas. Eles encontraram pessoas fugindo, depois uma figura de pele escura apareceu. Era Faren.

— Vocês estão aqui — ele falou sem fôlego. — Bom. Ela está vindo para cá.

“Então, é a mulher”, Sonea pensou. “Avala.”

— Quão longe?

Faren apontou com a cabeça o caminho pelo qual tinha vindo.

— Cinquenta passos, talvez. Vire à esquerda na interseção.

Ele saiu da frente enquanto Akkarin prosseguia pela passagem. Sonea pegou a lanterna do guia e o seguiu, o coração batendo mais rápido a cada passo. Eles chegaram à interseção, pararam e Akkarin espiou a passagem da esquerda. Ele entrou nela e Sonea seguiu-o apressadamente. Na curva seguinte, pararam de novo.

— *Ela está vindo. Espere aqui. Deixe-a pensar que encontrou* você. *Não vou estar longe*.

Sonea concordou com a cabeça. Ela o observou andar de volta para a encruzilhada e desaparecer na passagem lateral. De trás dela, veio o som fraco de passos.

Aos poucos, os passos ficaram mais sonoros. Uma luz tênue começou a se refletir na curva. A luz ficou mais forte rapidamente e Sonea deu um passo para trás. Um globo de luz apareceu. Ela bloqueou o brilho com a mão, então suspirou fingindo horror.

A mulher ichani a encarou e sorriu.

— Então, é você. Kariko vai ficar feliz.

Sonea se virou para correr, mas, quando fez isso, seu pé se prendeu na bainha do vestido e ela caiu batendo as mãos e os joelhos. Avala riu.

“Essa teria sido uma atuação impressionante, se fosse de propósito”, Sonea pensou irônica enquanto se esforçava para levantar. Ela ouviu os passos chegarem mais perto e uma mão pegou seu braço. Foi preciso todo seu autocontrole para não lançar uma rajada na mulher e mandá-la para longe.

A ichani puxou Sonea para encará-la. Ela esticou uma mão em direção à cabeça de Sonea. Agarrando os pulsos da ichani, Sonea tentou enviar sua mente

para o corpo da mulher, mas encontrou resistência.

Avala estava usando um escudo.

A barreira se encontrava na superfície da pele da mulher. Sonea sentiu um momento de admiração pela habilidade de Avala, mas ele logo foi substituído pelo pânico.

Ela não ia conseguir usar seus poderes de cura na mulher.

— *Lute com ela* — Akkarin instruiu. — *Leve-a para além da interseção. Precisamos colocá-la entre nós para que não possa escapar.*

Sonea mandou uma onda de força. Avala arregalou os olhos ao mesmo tempo em que cambaleava para trás. Sonea levantou o vestido, girou o corpo e correu pela passagem.

Uma barreira foi criada diante dela. Sonea a esmagou com um ataque de força. Alguns passos depois, ela passou a interseção. Outra barreira apareceu. Ela parou e se virou para encarar a ichani.

A mulher sorriu triunfante.

— *Kariko. Olha o que eu encontrei*.

Sonea viu uma imagem de si mesma parecendo magra e pequena num grande vestido.

— *Que criatura patética ela é!*

— *Ah! A aprendiz de Akkarin* — Kariko respondeu. — *Examine a mente dela. Se um está aqui, o outro deve estar próximo... mas não a mate. Traga-a para mim.*

Sonea balançou a cabeça negativamente.

— *Eu vou decidir quando e aonde vamos nos encontrar, Kariko* — Sonea enviou.

— *Aguardo ansioso* — Kariko respondeu. — *Bem como o seu antigo mentor. Rothen, não é? Tenho uma pedra de sangue dele. Ele vai vê-la morrer.*

Sonea arfou. “Rothen?” Mas Rothen estava morto. Por que Kariko ia se dar ao trabalho de fazer uma joia do sangue de Rothen.

— Isso significa que Rothen está vivo?

— Provavelmente. Se ele tem uma joia de sangue — a voz mental de Akkarin sussurrou por meio do anel. *— Mas ele pode estar mentindo a fim de perturbá-la e distraí-la*.

Avala estava se aproximando. Quando passou a interseção, Sonea sentiu uma mistura de alívio e ansiedade. A mulher estava entre ela e Akkarin agora. Uma vez que Akkarin se mostrasse, no entanto, Avala o reconheceria.

— Kariko não vai ter certeza absoluta de que você está aqui até que seja visto por ele ou por outro ichani — ela disse a Akkarin. *— Nós podemos enganá-lo fazendo-o pensar que estou aqui sozinha. Se eu lutar com Avala sozinha...*

— Sim — Akkarin concordou. *— Se você enfraquecer, eu assumo. Apenas se mantenha longe do alcance dela.*

Quando a ichani atacou, Sonea montou um forte escudo, então retaliou com poderosos ataques dela mesma. Não havia estratégia nem truques nos ataques de Avala e, como na luta com Parika, Sonea percebeu que ela podia usar pouco do seu treinamento para conquistar uma vantagem. Era, ela concluiu, uma corrida brutal para ver quem acabava a força primeiro.

O ar ficou quente na passagem, e as paredes começaram a brilhar de maneira tênue. A mulher deu um passo para trás e de repente tudo virou um branco brilhante. Sonea piscou, mas estava ofuscada demais para conseguir ver algo.

“Ela me cegou!”

Sonea quase riu em voz alta quando percebeu que Avala havia usado o mesmo truque que ela utilizara para escapar da gangue de Regin anos atrás. Exceto que os aprendizes não haviam aprendido o suficiente sobre cura para...

Sua visão voltou de forma lenta, mas constante. Ela discerniu duas figuras na passagem diante dela. Avala era a mais próxima. Atrás dela, Akkarin. Ele estava atacando a ichani com uma selvageria implacável. Avala olhou de novo para

Sonea, a expressão temerosa. Seu escudo desapareceu de maneira abrupta, sua força se esgotou e o último ataque de Akkarin a jogou contra o escudo de Sonea. Com um estalo desagradável de se ouvir, a mulher caiu no chão.

Sonea observou, o coração ainda disparado, enquanto Akkarin se aproximava lentamente da mulher. Os olhos de Avala se abriram. Sua expressão mudou de dor e raiva para um sorriso de satisfação, então seu olhar passou para algum lugar além das paredes e ela soltou uma longa exalação final.

— É impressão minha ou ela parecia um pouco feliz demais de estar morrendo? — perguntou Sonea.

Akkarin se agachou. Passou um dedo embaixo do colarinho da blusa da mulher. Enquanto ele examinava as roupas, Sonea viu que uma das mãos de Avala estava relaxando lentamente. Quando os dedos se abriram, um pequeno globo vermelho caiu no chão.

— Uma joia de sangue — Sonea praguejou.

Akkarin suspirou e olhou para Sonea.

— Sim. De quem é, só podemos supor, mas acho que devemos assumir o pior: Kariko sabe que estou aqui.

Rothen piscou surpreso quando uma imagem de uma mulher surgiu em sua mente. Quando ele a reconheceu, sentiu uma felicidade intensa. “Ela está viva!”

— Sonea! — Balkan exclamou. — Ela está aqui!

— *Ah! A aprendiz de Akkarin. Examine a mente dela. Se um está aqui, o outro deve estar próximo... mas* não a mate. Traga-a para mim.

— *Eu vou decidir quando e onde vamos nos encontrar, Kariko.*

A resposta de Sonea foi desafiante e destemida. Rothen sentiu uma onda tanto de medo quanto de orgulho.

— *Aguardo ansioso* — Kariko respondeu. — *Bem como o seu antigo mentor. Rothen, não é? Eu tenho uma pedra de sangue dele. Ele vai vê-la morrer.*

De repente, Rothen não conseguia respirar. A imagem havia sido enviada pela mulher ichani. Que devia estar tentando capturar Sonea naquele exato momento. E se ela o fizesse...

— Rothen?

Ele olhou para Balkan e Dorrien e viu que o encaravam.

— Você fez uma pedra de sangue? — Balkan perguntou numa voz baixa.

— Kariko fez. Em Calia... — Rothen se forçou a respirar. — Ele leu minha mente e viu Sonea lá, em seguida fez a joia. — Ele estremeceu. — Desde então, tenho visto... e sentido as mortes de todo mundo que ele matou.

Balkan arregalou os olhos e fez uma careta de comiseração.

— O que é uma pedra de sangue? — Dorrien perguntou.

— Ela permite que a pessoa que a criou veja a mente de outra pessoa — Balkan explicou. — Embora tenha sido Kariko a fazê-la, ela está ligada a Rothen porque ele usou o sangue dele.

Dorrien encarou Rothen.

— Ele o capturou. Por que você não contou isso?

— Eu... — Rothen suspirou. — Eu não sei.

— Mas o que ele fez para você... você pode se furtar a ver essas mortes?

— Não, não tenho controle sobre isso.

O rosto de Dorrien estava pálido.

— E se eles capturarem Sonea...

— Sim. — Rothen olhou para o filho. — E esse é o segredo que você não podia nos contar, não é? Ela está aqui e Akkarin também.

Dorrien abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu dela. Olhou para Rothen e para Balkan com uma expressão de incerteza.

— Não faz diferença nos contar agora — Balkan disse. — Eles sabem sobre Sonea. Provavelmente adivinharam que Akkarin está com ela, assim como nós.

Dorrien deixou os ombros caírem.

— Sim, eles estão aqui. Cinco dias atrás Sonea e Akkarin vieram pela Passagem Sul. Eu os trouxe até a cidade.

Balkan franziu a testa.

— Por que não os mandou de volta para Sachaka?

— Eu tentei. Na verdade, eles estavam cooperando quando um ichani nos atacou. Quase não sobrevivemos. Então, o Forte foi atacado. Depois disso, eu sabia que tudo que Akkarin havia dito era verdade.

— Por que você não contou a ninguém sobre isso? — Rothen perguntou.

— Porque se o Clã soubesse que Akkarin estava aqui, os ichanis iam ler isso nas mentes de suas vítimas. Akkarin sabia que ele e Sonea tinham uma chance melhor de matá-los um por um, mas se os ichanis soubessem que eles estavam aqui, iriam permanecer juntos.

Balkan concordou com a cabeça.

— Ele sabia que seríamos derrotados. Então, o que ele...

Um estrondo veio da cidade. Rothen se virou e andou em direção ao Salão de Entrada, depois olhou para Balkan.

— Outro. E mais próximo também. O que acha que está acontecendo?

O Guerreiro deu de ombros.

— Eu não sei.

Uma nuvem de poeira se levantou de algum lugar do Círculo Interno.

— Podemos enxergar melhor se formos até o teto — Dorrien sugeriu.

Balkan lançou um olhar para Dorrien e começou a se dirigir para as escadas.

— Vamos lá, então.

O Guerreiro os guiou para o terceiro andar e depois pelas passagens até uma escadaria. Após uma curta subida, eles alcançaram a porta para o teto. Balkan os guiou até a frente da Universidade. Uma passarela elevada estreita lhes permitia

ver por cima das fachadas das casas do Círculo Interno.

— Eles observaram em silêncio. Depois de uma longa pausa, outra explosão ecoou do centro da cidade e mais poeira se elevou.

— Toda a frente daquela casa ruiu — Dorrien disse, apontando.

— Então, eles estão destruindo casas agora — Rothen disse. — Por que desperdiçar seu poder?

— Para forçar Akkarin a se revelar — Balkan respondeu.

— E se destruir o Círculo Interno não funcionar, eles virão para cá — Dorrien acrescentou.

Balkan concordou com a cabeça.

— É melhor estarmos prontos para partir assim que eles chegarem.

A jornada pelos túneis parecia interminável. Quanto mais eles andavam, maior era o espanto de Dannyl. Ele havia passado por passagens embaixo da favela anos atrás, quando negociara com os Ladrões a liberação de Sonea, e tinha presumido que eles não se estendiam além da Muralha Exterior. Agora, ele podia ver que os Ladrões não só haviam cavado embaixo dos Bairros, mas também tinham feitos túneis no Círculo Interno.

Ele olhou para trás, para seus companheiros. Tayend parecia tão animado quanto sempre. Farand mostrava expressão de assombro. O jovem mago não havia acreditado de início, quando Dannyl voltara à casa para dizer que o submundo de Imardin havia arranjado uma forma de tirá-los da cidade.

O guia parou diante de uma grande porta guardada por dois homens enormes. Com uma palavra de seu guia, um dos guardas bateu na porta. O som de travas pesadas deslizando para fora dos suportes se seguiu e as portas se abriram silenciosamente.

Um corredor curto se encontrava depois dela, ocupado por mais guardas. Ele terminava numa outra porta. Ela estava destravada e aberta para mostrar uma

grande sala lotada.

Dannyl olhou ao redor da sala e riu. Tinha tido surpresas demais nas últimas horas para experimentar outra sensação senão a de achar graça agora.

A sala estava cheia de magos. Alguns estavam deitados em camas improvisadas, com Curadores ao lado deles. Outros se serviam de bandejas de comida nas grandes mesas no centro da sala. Outros, ainda, relaxavam em cadeiras de aparência confortável.

“Então, quem sobreviveu?”, Dannyl pensou. Ele olhou ao redor e notou que, dos Magos Superiores, apenas o Diretor Jerrik, Lorde Peakin, *Lady* Vinara e Lorde Telano estavam presentes. Continuou a buscar, mas não conseguia ver Rothen em lugar nenhum.

“Talvez ele não tenha voltado para a cidade”, pensou. A breve comunicação mental entre o ichani e Sonea havia enchido o coração de Dannyl de esperança. Ele tinha encontrado Tayend, e poderia ainda encontrar seu mentor vivo também.

“A não ser que Kariko estivesse mentindo.”

Então, quando alguns magos se afastaram das mesas de comida, Dannyl viu um homem ricamente vestido sentado no fim da sala e descobriu que ainda era capaz de sentir surpresa.

“Então, foi aqui que o Rei veio parar”, ele pensou. Antes que pudesse decidir o que o protocolo exigia nessa situação, o monarca olhou para Dannyl, fez um aceno de cabeça e voltou para seu companheiro. Sua expressão claramente indicava que ele não queria ser interrompido.

O homem enorme com quem ele estava falando parecia familiar. Dannyl sorriu quando percebeu onde ele o tinha visto antes. Era Gorin, o Ladrão que havia negociado a liberação de Sonea.

“O Rei conversando com os Ladrões.” Dannyl riu para si mesmo. “Agora eu já vi de tudo.”

— Então? — Tayend disse. — Você vai me apresentar?

Dannyl olhou para o acadêmico.

— Acho que é bom. Devo começar com os Magos Superiores.

Ele começou a andar em direção a Lorde Peakin. O Alquimista estava conversando com Davin e Larkin.

— Embaixador — Peakin disse enquanto via Dannyl se aproximando — Você tem alguma notícia?

— De acordo com meu guia, todos os ichanis estão mortos, com exceção de três — Dannyl respondeu. Ele se voltou para Tayend. — Esse é Tayend de Tremmelin, que está visitando Imar...

— Você viu Sonea? Akkarin está com ela? — Davin perguntou com um entusiasmo mal reprimido.

— Não, eu não a vi — Dannyl respondeu cuidadosamente. — Não saberia se Akkarin está com ela. — E olhou para Farand, que concordou de maneira quase imperceptível com a cabeça. Akkarin os havia instruído para manter sua presença em segredo e Dannyl não ia revelar nada até que tivesse que fazê-lo.

Davin pareceu desapontado.

— Então, como é possível que tanto ichanis estejam mortos?

— Talvez seja trabalho apenas de Sonea — Larkin sugeriu.

Os outros magos pareceram céticos.

— Eu sei que os Ladrões mataram um deles sozinhos — Tayend disse. — Aquele chamado Faren me falou a respeito.

Peakin balançou a cabeça negativamente.

— Ladrões derrotando ichanis. *Isso* sim pode nos fazer parecer incompetentes.

— Alguma outra notícia? — perguntou Larkin.

Dannyl olhou ao redor da sala.

— Lorde Osen está aqui?

Os alquimistas balançaram a cabeça negativamente.

— Oh. — Dannyl olhou de um mago para o outro e suspirou. Eles não sabiam

sobre Lorlen. — Eu tenho notícias então, mas não boas.

O depósito zunia com as vozes. Uma pequena multidão havia se formado na última hora. Os dois Ladrões, Ravi e Sevli, tinham chegado depois da notícia de que a mulher ichani tinha entrado nas passagens. Logo depois, Senfel recitara uma curta comunicação mental entre a mulher, Kariko e Sonea. Eles estavam esperando num silêncio tenso por mais notícias, quando Takan anunciou que Akkarin e Sonea haviam matado a mulher.

Todo mundo havia se esquecido da presença do criado, mas, agora que ele havia os lembrado do seu elo com Akkarin, estava sendo submetido a uma torrente de perguntas que ele claramente não podia responder.

Cery notou Gol. Ele parecia chateado e infeliz. Cery sabia que era porque ele tinha escapulido para visitar o Palácio sozinho. Ele se sentiu um pouco culpado por isso. Gol deveria ser seu protetor.

Lembrando-se de seu encontro com a ichani, Cery pensou no que poderia ter acontecido se Gol estivesse com ele. Ele poderia ter ordenado a seu subordinado atrair a ichani para longe. Teria sido capaz de fazer isso, sabendo que ia levar à morte de Gol? Gol obedeceria, ou mesmo sugeriria isso? Cery sabia que Gol era leal, mas ele era tão leal assim?

“Perguntas interessantes”, Cery pensou. “Mas estou feliz por não ter que descobrir as respostas.”

Cery franziu a testa. “O que Gol pensaria de Savara se soubesse o que ela tinha feito?” Eles haviam se separado na frente dos portões do Palácio e ele não a vira desde então.

As vozes na sala de repente se quedaram silenciosas. Levantando os olhos, Cery viu que Sonea e Akkarin andavam a passos largos pela sala em direção a eles. Deu um passo à frente e sorriu.

— Takan acabou de nos contar que vocês pegaram a mulher.

— Sim — Akkarin respondeu. — Ela carregava uma joia de sangue, por isso

Kariko provavelmente sabe que estamos aqui.

— E também sabe sobre as passagens embaixo da cidade — Faren acrescentou. — Não estamos mais seguros aqui embaixo.

— Os outros ichanis vão entrar nas passagens? — Ravi perguntou.

— Provavelmente — Akkarin respondeu. — Vão tentar nos encontrar e nos matar tão rápido quanto possível.

Sevli cruzou os braços.

— Eles não vão encontrá-lo. Não conhecem os caminhos e ninguém mostraria para eles.

— Tudo de que precisam é capturar um guia e ler sua mente para aprenderem a andar por aqui — Akkarin os lembrou.

Os Ladrões trocaram olhares.

— Então, temos que mandar os ajudantes para longe — Cery disse. Ele olhou para Akkarin. — Eu vou guiá-los daqui para frente.

Akkarin balançou a cabeça em gratidão.

— Obrigado.

Sonea olhou para Akkarin.

— Se eles vierem aqui embaixo, podem se separar para nos encurralar. Podemos usar isso para nossa vantagem dando meia-volta e os atacando separadamente.

— Não — Akkarin balançou a cabeça negativamente. — Kariko não vai correr o risco de se afastar de seus aliados. — Ele olhou para Faren. — O que os ichanis estão fazendo agora?

— Conversando — Faren respondeu.

— Aposto que estão — Senfel retumbou.

— Não mais — uma nova voz disse.

Todos se viraram para encarar um mensageiro se apressando em direção a

eles.

— Eles voltaram a destruir prédios.

Akkarin franziu a testa.

— Você tem certeza?

O homem fez que sim com a cabeça.

— Você acha que eles estão nos tentando fazer sair e detê-los? — Sonea perguntou.

— Talvez — Akkarin respondeu.

“Akkarin não sabe o que os ichanis estão fazendo”, Cery pensou. “Mas eu sei.” Ele conteve um sorriso.

— Eles estão tomando a magia das construções que foram fortalecidas com ela.

Akkarin o encarou surpreso.

— Como descobriu isso?

— Eu ouvi Kariko e dois outros conversando quando estava no Palácio.

Faren engasgou.

— O Palácio? O que você estava fazendo lá?

— Só dando uma olhada.

— Só dando uma olhada! — Faren repetiu, sacudindo a cabeça.

Akkarin suspirou.

— Isso não é bom — ele murmurou.

— Quanto poder eles vão conseguir? — Sonea perguntou.

— Eu... não tenho certeza. Algumas casas têm mais magia nelas do que outras.

— Você poderia tomar essa magia também — Senfel sugeriu.

Akkarin estremeceu.

— Tenho certeza de que os donos não se importariam se seus lares fossem usados na defesa da cidade. — Cery acrescentou.

— Eles destruíram uma porção delas. Nem todo prédio na Cidade Interior é aprimorado com magia. Não devem restar muitos.

— Mas eles não chegaram ao Clã ainda — Senfel apontou.

Akkarin parecia aflito.

— A Universidade. Não apenas é a única estrutura aprimorada com magia no Clã, mas contém mais poder do que qualquer outra na cidade.

Sonea respirou fundo.

— Não, não é. A Arena tem que ser mais forte.

Senfel e Akkarin trocaram olhares de preocupação. O velho mago praguejou com veemência.

— Exato — Akkarin concordou.

Cery olhou para os três magos.

— Isso é ruim, não é?

— Ah, sim — Sonea respondeu. — A barreira ao redor da Arena é fortalecida por vários magos todos os meses. Ela tem que ser forte o suficiente para aguentar magias desgovernadas de sessões de treinamento de Artes Guerreiras... algumas delas bem vigorosas.

— Nós temos que impedir os ichanis de tomar esse poder — Akkarin disse. — Se fizerem isso, podemos entregar a cidade para eles porque qualquer coisa vai dar na mesma.

— Por que não tomamos esse poder para nós mesmos? — Sonea perguntou.

— Se precisarmos.

Sonea hesitou.

— E então... os confrontamos?

Ele levantou os olhos para encarar os dela.

— Sim.

— Somos fortes o suficiente?

— Nós tomamos o poder de quatro ichanis, se incluirmos Parika. Usamos pouco do nosso poder e tomamos força dos voluntários.

— E vocês podem fazer isso de novo — Senfel os lembrou. — Faz quase um dia que extraíram suas reservas. Eles terão recuperado a maior parte de sua força.

— E só restam três ichanis — Faren destacou.

Akkarin se aprumou.

— Sim, acho que é hora de os encararmos.

Sonea ficou um pouco pálida, mas concordou com a cabeça.

— Parece que é.

O grupo fez silêncio, e Ravi pigarreou.

— Muito bem — ele disse. — É melhor eu levá-los aos voluntários o mais rápido possível.

Akkarin concordou com a cabeça. Quando o Ladrão se dirigiu à porta, Cery olhou para Sonea com atenção. Ele segurou seu braço.

— É isso, então. Você está com medo?

Ela deu de ombros.

— Um pouco. Estou mesmo é aliviada.

— Aliviada?

— Sim. Nós finalmente vamos lutar contra eles para valer, sem venenos, ameaças ou mesmo magia negra.

— Tudo bem querer uma luta justa, contanto que eles também lutem limpo — Cery disse. — Só tenha cuidado. Não vou relaxar até isso ter se acabado e eu

saber que você está bem.

Ela sorriu, apertou a mão dele e em seguida se virou para seguir Akkarin para fora da sala.

Capítulo 38

Os Magos Negros

Durante a última hora, os mensageiros haviam relatado que os ichanis estavam lentamente se dirigindo para o Clã, destruindo casas conforme avançavam. Sonea e Akkarin foram apressadamente até os voluntários, que lidaram com sua rápida visita com uma tolerância e coragem admiráveis, e então correram de volta ao Círculo Interno. Durante a jornada, Sonea roía-se de impaciência, mas, quando passou pela porta secreta do escritório de Lorlen, ela começou a desejar que a jornada não tivesse passado tão rápido. De repente, seus joelhos ficaram fracos, as mãos estavam tremendo e ela sentia que havia algo que se esquecera de fazer.

Akkarin fez uma pausa por um momento para olhar ao redor do escritório. Suspirou e tirou a camisa. Sonea puxou o vestido por cima da cabeça e o jogou no chão. Ela olhou para si mesma e estremeceu. A túnica de mago de verdade... a túnica de um mago *negro*...

Ela olhou para Akkarin. Ele estava mais ereto, mais alto. Um calafrio de excitação percorreu-lhe a espinha, semelhante ao de medo que ele outrora lhe havia inspirado.

Akkarin olhou para ela e sorriu.

— Pare de me olhar desse jeito indecente.

Sonea piscou com inocência.

— Eu? Olhando de forma indecente?

Seu olhar se alargou e depois sumiu. Ele andou até ela e pressionou as mãos gentilmente contra as laterais do seu rosto.

— Sonea — ele começou —, se eu não...

Ela colocou um dedo sobre os lábios dele, em seguida puxou sua cabeça para baixo para poder beijá-lo. Ele pressionou os lábios com força contra os dela e a puxou para mais perto de si.

— Se eu pudesse mandá-la para longe, eu mandaria — ele disse. — Mas sei que se recusaria a ir. Só... não faça nada impulsivo. Eu assisti à morte da primeira mulher que amei e não acho que sobreviveria à perda da segunda.

Sonea inspirou surpresa e sorriu.

— Eu também o amo.

Ele riu e a beijou de novo, mas ambos congelaram quando uma voz mental retumbou.

— *Akkarin! Akkarin! Que lugar lindo você tem aqui.*

Uma imagem dos Portões do Clã e da Universidade relampejou na mente de Sonea.

— Eles estão aqui — Akkarin murmurou. Seus braços deslizaram dos ombros dela.

— A Arena?

Ele balançou negativamente a cabeça.

— Só no último caso. — Sua expressão era dura quando ele andou pela sala até a porta.

Sonea aprumou os ombros, respirou fundo e o seguiu.

— Então, eles finalmente chegaram — Balkan murmurou.

Rothen olhou para a cidade. O sol do final de tarde mandava sombras longas pelas ruas. Enquanto ele observava, três homens apareceram e começaram a andar em direção aos Portões do Clã.

— O que Akkarin e Sonea planejaram fazer quando os ichanis ficassem sabendo que eles estão aqui, Dorrien? — Balkan perguntou.

— Eu não sei. Eles nunca discutiram isso.

Balkan balançou a cabeça positivamente.

— Hora de partirmos, então.

No entanto, ele não se moveu, assim como Rothen e Dorrien. Ficaram parados e observaram enquanto os três ichanis passavam entre os portões e andavam em direção à Universidade.

Então, de baixo, veio um estrondo surdo.

— O que foi isso? — Dorrien exclamou.

Eles se inclinaram sobre a fachada e olharam para baixo. Rothen segurou a respiração quando viu o par nos degraus abaixo.

— Sonea! E Akkarin.

— Eles fecharam as portas da Universidade — disse Balkan.

Rothen estremeceu. As portas da Universidade não eram fechadas havia séculos.

— Devemos chamá-los e informá-los que estamos aqui? — Dorrien perguntou baixinho.

— Saber que vocês dois estão assistindo pode ser uma distração para Sonea — Balkan avisou.

— Mas eu posso usar meus poderes agora. Posso ajudá-los.

— E eu também — Rothen acrescentou. Dorrien olhou para ele surpreso e sorriu.

Balkan franziu a testa.

— Eu gostaria de comunicar a luta para o resto do Clã.

— Dorrien e eu vamos nos manter fora de vista até termos uma oportunidade de ajudar — Rothen sugeriu.

Balkan concordou com a cabeça.

— Muito bem. Apenas tome cuidado com o momento que escolherem.

A floresta que rodeava o Clã estava coberta de faixas de luz dourada. Ramos se rompiam sob os pés de Gol com tanta frequência que Cery começou a se perguntar se seu subordinado estava deliberadamente tentando fazer bastante barulho. Ele lançou um olhar para trás e não pôde deixar de sorrir ao ver a expressão tensa do homenzarrão.

— Não se preocupe — Cery disse. — Estive aqui antes. Acho que vai dar para assistirmos sem sermos vistos.

Gol concordou com a cabeça. Eles prosseguiram. Conforme Cery captou vislumbres de prédios entre as árvores à frente, ele acelerou o passo. Gol ficou um pouco para trás.

Então, Cery viu uma figura agachada ao lado do tronco de uma árvore na extremidade da floresta. Ele parou e sinalizou para Gol ficar onde estava e permanecer calado.

Pela maneira como Savara espiava cuidadosamente atrás da árvore, Cery sabia que ela não queria de forma alguma ser descoberta. “Tarde demais”, ele pensou. Esgueirou-se até ela. Quando estava a alguns passos dela, endireitou-se e cruzou os braços.

— Parece que não tem jeito de não trombarmos um com o outro, não é? — ele disse.

Foi gratificante vê-la pular de susto. Ela soltou um suspiro de alívio quando o viu.

— Cery — ela balançou a cabeça negativamente com um ar de desaprovação. — Não é esperto assustar um mago.

— Não é?

— Não.

— Você veio ver o show?

Ela deu um sorriso torto.

— Isso mesmo. Você se junta a mim?

Ele concordou com a cabeça. Chamando Gol com um aceno, Cery agachou-se próximo do tronco de outra árvore. Quando viu o que se encontrava à frente, sentiu o coração parar por um momento.

As portas da Universidade estavam fechadas e Sonea e Akkarin estavam parados nos degraus. Os três ichanis estavam a menos de uma centena de passos deles, avançando confiantes.

— Você e seus amigos foram bem — Savara murmurou. — Se isso é tudo que resta dos aliados de Kariko, talvez tenham uma chance no final das contas.

Cery deu um sorriso amargo.

— Talvez tenhamos. Vamos ver.

***

Sonea piscou quando uma imagem dela e de Akkarin, vista de cima, entrou em sua mente. Pelo ângulo de visão, o observador devia estar atrás deles, no topo da Universidade. Ela captou uma sensação da personalidade de Balkan, mas nenhum pensamento ou emoção.

— *Se podemos perceber isso, os ichanis também podem.*

— *Sim* — Akkarin respondeu. — *Bloqueie as imagens. Elas vão distraí-la.*

— *Mas elas vão nos alertar para qualquer truque que os ichanis usem.*

— *E avisar os ichanis dos nossos.*

— *Ah. Devemos dizer para Balkan parar?*

— *Não. O Clã deve ver isso. Eles podem aprender...*

— Akkarin.

A voz de Kariko ecoou pelo pátio.

— Kariko — Akkarin respondeu.

— Vejo que trouxe sua aprendiz. Você pretende trocar a vida dela pela sua?

Um calafrio percorreu a pele de Sonea quando o ichani olhou para ela. Ela o encarou de volta e ele deu um sorriso malicioso.

— Eu posso pensar em aceitá-la — Kariko prosseguiu. — Nunca apreciei o gosto de meu irmão por escravos, mas ele me mostrou que os magos do Clã podem ser surpreendentemente divertidos.

Akkarin começou a descer lentamente os degraus. Sonea o seguiu tomando cuidado para permanecer dentro da magia misturada do escudo deles.

— Dakova foi um tolo por me manter — Akkarin disse. — Mas ele sempre estava cometendo erros estúpidos. É difícil entender como um homem com tanto poder podia ter tão pouca compreensão de política ou estratégia, porém acho que era por isso que ele era um ichani... e por isso que ele me manteve prisioneiro.

Kariko estreitou os olhos.

— Você? Eu não acho. Se você é um tal mestre de estratégia, por que está aqui? Devia saber que vocês não podem vencer.

— Não podemos? Olhe ao seu redor, Kariko. Onde estão todos os seus aliados?

Ao mesmo tempo em que Akkarin e Sonea chegavam ao fim dos degraus, Kariko parou. Ele estava a vinte passos de distância.

— Mortos, imagino. E vocês os mataram.

— Alguns.

— Vocês devem estar esgotados. — Kariko lançou um olhar para os outros ichanis e então de volta para Akkarin. — Que fim perfeito para nossa conquista. Vou vingar a morte de meu irmão e ao mesmo tempo Sachaka finalmente terá sua vingança pelo que o Clã fez para nossa terra.

Ele levantou uma das mãos e os outros ichanis o imitaram. Ataques faiscaram em direção a Sonea e Akkarin. Ela sentiu a magia se chocar contra seu escudo, mais poderosa que qualquer ataque com que tinha se deparado. Akkarin enviou

um trio de ataques em resposta, e todos se curvaram para dentro para atacar Kariko.

Mais trocas de ataques se seguiram e o ar zunia com poder. Como Akkarin continuou atacando Kariko e ignorando os outros ichanis, o líder franziu a testa. Ele disse algo aos companheiros. Eles se moveram mais para perto, deixando apenas um intervalo estreito entre seus escudos.

— *Ataque Kariko por baixo* — Akkarin instruiu.

Sonea enviou um ataque de calor pela terra e Akkarin enviou mais ataques de cima para baixo em direção a Kariko. Os outros ichanis moveram seus escudos para aparar os ataques de Akkarin na mesma hora em que o chão começou a fumegar embaixo dos pés de Kariko.

Kariko olhou para baixo e disse algo baixinho. Seus companheiros aumentaram o ataque.

— *Continue atacando Kariko de todas as direções*.

Kariko parecia ter se resignado a ser o alvo principal. Ele se concentrou em manter o escudo enquanto os outros atacavam. Sonea conteve um sorriso. Isso era uma vantagem para ela e Akkarin. Defender-se gastava mais energia, por isso Kariko ia se cansar mais rápido.

Parecia que eles iam ficar parados e atacar um ao outro até um dos lados finalmente enfraquecer. Então, o chão se mexeu violentamente embaixo dela. Ela cambaleou e sentiu uma mão agarrar-lhe o braço. Olhando para baixo, viu um buraco escuro se formar embaixo dos pés dela e sentiu um disco de força.

— *Mantenha o escudo.*

Ela forçou sua atenção de volta para a barreira, tomando o impacto total do ataque dos ichanis para que Akkarin pudesse se concentrar em levitar. O ar estava cheio de grama, terra e ataques. Akkarin os moveu para trás, mas a área de terra em movimento os seguiu. No meio do ar cheio de terra, Sonea viu os ichanis marchando pelo chão remexido em direção a eles.

Akkarin enviou uma dúzia de ataques para os ichanis. Ao mesmo tempo, uma

dúzia de ataques mais fracos veio da direção dos portões. Os sachakanos olharam para o lado.

Sonea arfou quando viu a figura parada logo depois da entrada dos portões. A túnica azul esvoaçava ao redor do homem conforme ele avançava.

— Lorlen! — Sonea disse sem ar. Como era possível? Lorlen estava morto. Ou não estava...?

Kariko mandou uma rajada de energia em direção ao Administrador. Ela brilhou atravessando o mago e acertou os portões. As barras de metal se estilhaçaram, enchendo a rua com lanças e fragmentos brilhantes.

Lorlen havia sumido. Sonea piscou. Tinha sido uma ilusão. Ouvindo uma risadinha, ela olhou e viu Akkarin dando um sorriso selvagem. Kariko e seus companheiros pareciam não estar impressionados. Eles continuaram o ataque com maior ferocidade.

Akkarin lançou uma chuva de ataques contra Kariko, testando o escudo dos ichanis. Kariko enviou poderosas rajadas de volta. Akkarin enviou uma grande rede de ataques de calor, curvando para atingir Kariko de todos os lados, assim como Sonea havia feito na sua última luta contra Regin no Desafio. Sonea franziu a sobrancelha quando se lembrou daquela batalha. Na segunda luta, Regin havia economizado sua força levantando escudos só quando um ataque acertava. Será que ela podia fazer o mesmo? Ia ser preciso concentração...

Ela concentrou sua vontade e refinou seu escudo, deixando-o mais fraco atrás e acima, mas não tão fraco que ela não pudesse fortalecê-lo rapidamente se necessário.

— *Tenha cuidado, Sonea*.

Ela observou os ichanis atentamente, pronta para reagir se algum dos ataques mudasse de curso.

— OLHEM PARA OS PORTÕES!

A voz veio do alto da Universidade. Olhando para cima, ela viu Balkan no teto do prédio, apontando em direção aos portões. Virando seu corpo, ela deu um

passo involuntário para trás quando viu lanças negras quebradas e retorcidas voando em direção a ela... os restos dos portões. Eles se chocaram contra seu escudo e caíram no chão.

— *Quando eu disser, vá para a Arena. Eu vou segurá-los enquanto você toma o poder... espere...* — Ela olhou para ele e viu seus olhos semicerrados de tanta concentração.

— *Os ichanis estão enfraquecendo* — Akkarin enviou.

Sonea olhou para os ichanis. Kariko estava parado sorrindo. O resto dos ichanis não parecia menos confiante, mas os ataques contra seu escudo haviam se enfraquecido.

Akkarin deu um passo à frente e então outro. A expressão de Kariko se fechou. Sonea seguiu quando Akkarin começou a andar em direção a eles. Ela enviou seus próprios ataques para os ichanis e sentiu uma onda de satisfação quando eles recuaram.

Então, bem quando ela sentiu a terra fofa embaixo dos pés, algo se chocou contra sua mente. Ela empurrou para longe, mas voltou para incomodá-la.

— *Ataque mental. Bloqueie.*

— *Como?*

— *Dessa man...*

Algo lhe cortou a lateral da panturrilha. Sonea cambaleou e ouviu Akkarin arfar. Olhando para baixo, viu a perna de sua túnica esvoaçar e se abrir revelando um corte comprido. Akkarin agarrou seu braço.

Mas, em vez de apoiá-la, ele deixou todo seu peso arrastá-la para o chão. Ela caiu de joelhos, virou para olhar para ele e seu coração parou.

Ele se agachou ao lado dela, o rosto branco e contorcido de dor. Um vermelho brilhante atraiu os olhos dela para a mão de Akkarin, que estava envolvendo o cabo reluzente de uma faca sachakana.

A faca estava enterrada fundo no seu peito.

— Akkarin!

Ele caiu de lado e rolou para ficar de costas no chão. Ela se inclinou sobre ele, as mãos pairando acima da faca enquanto tentava decidir o que fazer. “Eu preciso curá-lo”, ela pensou. “Mas por onde começo?”

Ela tentou remover os dedos dele do cabo da faca. Ele largou e agarrou os pulsos dela.

— Não ainda — ele disse ofegante.

Seus olhos estavam cheios de dor. Ela tentou puxar o braço para que ele largasse, mas ele estava segurando forte.

Um riso, cruel e sem humor, cortou o silêncio.

— Então, foi *aí* que eu deixei minha faca — Kariko vociferou. — Que bom que a encontrou para mim.

Sonea entendeu de repente o que havia acontecido. Kariko havia deixado a lâmina cair na terra revolvida. Quando o escudo passou sobre ela, ele enviou a faca para cima. Uma armadilha. Um truque. Não diferente do que ela fizera para entrar no escudo da assassina.

Havia funcionado.

— Sonea — Akkarin arfou. Seus olhos se desviaram para além dela, e ela viu a Universidade refletida neles.

De algum lugar acima, ela ouviu gritos. Lampejos de magia iluminaram o rosto de Akkarin, mas ela não conseguia desviar os olhos.

— Eu vou curá-lo — ela disse a ele, lutando para escapar de suas mãos.

— Não — Akkarin apertou mais forte. — Se fizer isso, podemos perder. Lute com eles primeiro. Depois me cure. Eu posso continuar assim por enquanto.

Ela ficou fria.

— Mas e se...

— Nós vamos morrer de qualquer jeito — a voz de Akkarin era firme. — Eu

vou lhe enviar meu poder. Você precisa lutar. Levante os olhos, Sonea.

Ela olhou e sentiu seu coração parar. Kariko se encontrava a menos de dez passos de distância. Ele estava encarando a Universidade, de onde ataques caíam sobre ele. Olhando para cima, ela viu dois rostos familiares ao lado de Balkan.

— Você não está nem usando um escudo, Sonea — Akkarin sussurrou.

Ela sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Se Rothen e Dorrien não tivessem atacado, ela e Akkarin estariam ambos...

— *Tome meu poder. Ataque enquanto ele está distraído. Não deixe tudo que fizemos e sofremos não servir para nada.*

Ela concordou com a cabeça. Quando os ataques da Universidade diminuíram, ela respirou fundo. Não havia tempo para táticas rebuscadas. Algo direto, então. Ela fechou os olhos e usou todo seu poder e toda sua raiva de Kariko pelo que ele havia feito a Akkarin e a Imardin. Ela sentiu Akkarin mandar sua força para juntar-se à dela.

Então, abrindo os olhos, ela concentrou tudo sobre Kariko e seus aliados.

O líder ichani deu um passo para trás. Por um instante, seu escudo se manteve, e depois sua boca se abriu num grito silencioso quando o ataque de calor queimou-lhe o corpo. O próximo homem recuou, mas conseguiu dar apenas alguns passos antes de a magia dela estilhaçar seu escudo e queimá-lo. Ela experimentou uma onda de triunfo. O último ichani manteve-se firme. Ela sentiu sua força diminuindo. Ele começou a avançar e ela sentiu uma torrente de medo. Um último punhado de poder veio até ela e ela o enviou contra o ichani. Este arregalou os olhos quando seu escudo oscilou. Então, quando a última porção de sua magia fluiu, ele caiu. O ataque de calor o trespassou e ele prostrou-se no chão.

Tudo estava silencioso. Sonea encarou os três corpos caídos diante da Universidade. Uma onda de exaustão tomou conta dela. Ela não sentiu nenhum triunfo. Nenhum prazer. Só o vazio. Voltou-se para Akkarin.

Um sorriso se mostrava nas pontas dos lábios dele. Seus olhos estavam abertos, mas fixados num ponto além dela. Quando ela se moveu, as mãos que

agarravam seus pulsos se soltaram e caíram.

— Não — ela sussurrou. — Akkarin! — Agarrando suas mãos, ela mandou sua mente para dentro dele. Nada. Nem mesmo a menor faísca de vida.

Ele tinha dado poder demais para ela.

Ele tinha dado tudo para ela.

Com as mãos trêmulas, Sonea passou os dedos sobre o rosto dele e se inclinou, beijando-lhe a boca sem vida.

Então se enrolou em volta dele e começou a chorar.

Capítulo 39

Uma Nova Posição

Rothen alcançou o final do corredor e levantou os olhos. Depois da devastação da cidade, a majestade não danificada do Grande Salão era tanto encorajadora como de certa forma vergonhosa. A Invasão Ichani, como eram chamados agora os cinco dias de morte e destruição, tinha sido uma batalha entre magos. Parecia errado que nada dentro do território do Clã houvesse sido danificado quando o Círculo Interno estava em ruínas.

Poderia ter sido bem pior para imardianos comuns, Rothen lembrou a si mesmo. Tinha havido poucas mortes de não magos. O Clã, no entanto, possuía quase metade de seu tamanho anterior. Havia rumores de que os Magos Superiores estavam pensando em recrutar gente de famílias mercantes ricas fora das Casas.

Ele cruzou o Salão do Clã e atravessou a porta. Durante a semana depois da Invasão, as reuniões dos Magos Superiores tinham ocorrido em um das pequenas salas de preparação na frente do salão. Até que um novo Administrador fosse eleito, era considerado inapropriado usar o escritório de Lorlen.

Alcançando a sala de preparação, Rothen bateu à porta. Ela se abriu. Quando ele entrou, notou os magos presentes, sabendo que estava vislumbrando os rostos da futura hierarquia de poder do Clã.

Lorde Balkan andava de um lado para o outro na sala. Era óbvio pela maneira como os outros tinham se voltado automaticamente para ele para ocupar a liderança que ele era um forte candidato a Lorde Supremo. Lorde Osen observou Balkan com calma. Embora, como era de esperar, ainda estivesse profundamente perturbado pela morte de Lorlen, ele havia ganhado um senso de propósito silencioso desde que recebera a tarefa de organizar a recuperação da cidade. Lorlen vinha treinando Osen como seu sucessor pelos últimos anos, então não

seria surpresa para ninguém se o jovem fosse eleito Administrador.

Tantos Guerreiros haviam morrido que apenas alguns candidatos restavam para Chefe dos Guerreiros. Lorde Garrel tinha estado presente nas últimas semanas, o que Rothen achava que não era um bom augúrio para o futuro. Balkan também estava trabalhando com a posição menor de Chefe de Estudos de Artes Guerreiras, mas Rothen havia ouvido o homem sugerir que a posição seria preenchida por outro numa data futura; então talvez o jeito furtivo e tacanho de Garrel fosse contrabalançado por um Guerreiro de caráter mais sensato.

Lady Vinara iria permanecer como Chefe dos Curadores. O Diretor Jerrik não fez nenhuma indicação de que quisesse mudar de cargo e ninguém sugeriu isso. Lorde Telano provavelmente iria permanecer como chefe de Estudos de Cura. Nenhuma menção havia sido feita para escolher alguém para o cargo de Administrador Expatriado até o momento.

Lorde Peakin provavelmente iria substituir Lorde Sarrin. Um dos professores mais velhos iria receber o cargo de Chefe de Estudos Alquímicos, Rothen supôs. Ele não podia evitar de pensar, de vez em quando, em quem seria seu superior direto, mas a maior parte do tempo estava preocupado com questões mais importantes. Como Sonea.

E ela era claramente o motivo pelo qual os Magos Superiores o haviam convocado. Quando Balkan notou a entrada de Rothen, parou de andar.

— Como ela está?

Rothen suspirou e balançou a cabeça negativamente.

— Nenhuma melhora. Vai levar tempo.

— Nós não temos tempo — Balkan murmurou.

— Eu sei. — Rothen desviou o olhar. — Mas temo o que vá acontecer se a pressionarmos.

Vinara franziu a sobrancelha.

— O que quer dizer?

— Não tenho certeza de que ela queira se recuperar.

Os ocupantes da sala trocaram olhares de preocupação. Vinara não parecia surpresa.

— Então, você precisa convencê-la do contrário — Balkan disse. — Nós precisamos dela. Se oito párias podem causar tantos danos, o que um exército poderia fazer? Mesmo que o Rei Sachakano não tire vantagem de nossa fraqueza, bastaria mais um desses ichanis para nos arruinar. Precisamos de um mago negro. Precisamos dela... ou que ela ensine um de nós.

Era verdade, mas injusto com Sonea. Só fazia uma semana desde a morte de Akkarin. Seu luto era natural. Compreensível. Ela tinha passado por coisas demais. Por que eles não podiam deixá-la sozinha por um tempo?

— E quanto aos livros de Akkarin? — ele perguntou.

Balkan balançou a cabeça negativamente.

— Sarrin não foi capaz de aprender a partir deles. Eu não tive mais sorte...

— Então, *você* precisa falar com ela — Vinara disse ao Guerreiro. — E, quando o fizer, precisa ser capaz de dizer exatamente qual é a posição dela entre nós. Não podemos pedir para que viva para nosso bem se o futuro dela for incerto.

Balkan concordou com a cabeça e soltou um forte suspiro.

— Você está certa, é claro. — Ele olhou para os outros magos ao redor. — Muito bem, precisamos ter uma Audiência para discutir sua posição e suas restrições.

— Nós já as discutimos, quando Sarrin foi escolhido — Peakin destacou.

— As restrições precisam ser refinadas — Garrel disse. — No momento, as únicas restrições são que ela não pode deixar o território do Clã, não pode ter uma posição de autoridade e não pode ensinar. Devemos tornar claro que ela não deve usar seus poderes a não ser se pedido por nós todos.

Rothen conteve um sorriso. *Nós* todos? Garrel estava certamente confiante de

que ia conquistar o cargo de Balkan.

— Bem, precisamos mudar a regra contra ensinar, para começar — Jerrik acrescentou.

Vinara olhou para Rothen.

— O que sugere, Rothen?

Ele fez uma pausa, sabendo que eles não iam gostar do que tinha para dizer.

— Não acho que ela vá concordar com nenhuma restrição que a mantenha no território do Clã.

Balkan franziu a testa.

— Por que não?

— Ela sempre quis usar seus poderes para ajudar os pobres. Era parte do motivo pelo qual decidiu se juntar a nós e isso deu a ela algo para se manter firme... — ele olhou de soslaio para Garrel — ... em tempos difíceis. Se querem que ela viva, não tirem isso dela.

Vinara deu um sorriso fino.

— E suponho que se propusermos que ela realize algum tipo de trabalho de caridade na cidade, isso lhe daria motivo para permanecer conosco.

Rothen concordou com a cabeça.

Balkan cruzou os braços. Ele tamborilou os dedos contra a manga.

— Isso também nos ajudaria a reconquistar o apoio do povo. Nós não provamos ser defensores especialmente eficientes. Ouvi dizer que alguns até mesmo nos culpam pela invasão.

— Com certeza, não! — Garrel exclamou.

— É verdade — Osen disse baixinho.

Garrel fez uma careta.

— Favelados ingratos.

— Na verdade, foram certos membros das Casas que expressaram essa opinião no seu retorno à cidade — Osen acrescentou. — Incluindo membros da Casa Paren, se me lembro corretamente.

Garrel piscou surpreso, depois corou.

— Nós devemos estender a área de confinamento para a cidade? — Telano sugeriu.

— A ideia do confinamento era garantir que nosso mago negro não tivesse acesso a um grande número de vítimas, caso ele ou ela ficasse faminto por poder — Peakin disse. — Para que ter uma área de confinamento, quando ela inclui a maior densidade populacional do país?

Rothen riu.

— E vocês teriam que persuadir o Rei a redefinir o que é considerado parte da cidade. Não acho que Sonea pretenda restringir sua ajuda àqueles dentro da Muralha Exterior.

— O confinamento é obviamente impraticável — Vinara disse. — Sugiro um acompanhante.

Todos os olhos se viraram para ela. Balkan balançou a cabeça aprovando.

— E se a ajuda que ela quer dar é cura, ela ainda tem muitos anos de treinamento para completar. — Vinara olhou para Rothen.

Ele concordou com a cabeça.

— Tenho certeza de que ela está ciente disso. Meu filho expressou desejo de ensiná-la. Ele achou que isso poderia revivê-la, mas, talvez, se ele for ajudá-la nesse trabalho, isso possa ser um arranjo mais oficial.

Ela franziu os lábios.

— Não seria apropriado que ela voltasse às aulas. Mas não é bom para um Curador ter só um professor, no entanto. Vou auxiliá-la também.

Rothen concordou com a cabeça, de repente tomado demais por gratidão para conseguir falar. Ele ouviu enquanto os outros continuaram o debate.

— Ainda vamos chamá-la de a “Maga Negra”? — Peakin perguntou.

— Sim — Balkan respondeu.

— E qual será a cor da túnica dela?

— Negra — Osen disse baixinho.

— Mas a túnica do Lorde Supremo é negra — Telano destacou.

Osen concordou com a cabeça.

— Talvez seja a hora de mudar a túnica do Lorde Supremo. O negro vai sempre lembrar as pessoas de magia negra. Ainda que não queiramos encorajar ninguém a considerar isso completamente bom e desejável. Precisamos de algo novo e limpo.

— Branco — Vinara disse.

Osen concordou com a cabeça.

— Sim.

Enquanto os outros expressavam concordância, Balkan fez um barulho sufocado.

— Branco! — ele exclamou. — Vocês não podem estar falando sério. Não é prático e é impossível de se manter limpo.

Vinara sorriu.

— Bem, em que um Lorde Supremo estaria envolvido que pudesse manchar sua túnica branca?

— Um pouco de consumo de vinho em excesso, talvez? — Jerrik murmurou.

Os outros riram.

— Branco, então — Osen disse.

— Esperem — Balkan olhou para cada rosto, depois balançou a cabeça negativamente. — Estou vendo que já tomaram a decisão e que não vou ganhar uma discussão sobre isso de jeito nenhum?

— É um bom sinal — Vinara disse. — E sugere que escolhemos um conjunto forte de pessoas para serem nossos Magos Superiores. — Ela olhou ao redor do grupo e sorriu quando seus olhos encontraram os de Rothen. — Você ainda não adivinhou, não é, Lorde Rothen?

Ele a encarou, confuso pela pergunta súbita.

— Adivinhei o quê?

— É claro, vai ser preciso votar isso, mas não acho que ninguém vá protestar.

— Protestar sobre o quê?

Ela alargou o sorriso.

— Parabéns, Rothen. Você vai ser nosso novo Chefe de Estudos Alquímicos.

Do topo da casa de dois andares, era possível ver que os escombros formavam um círculo perfeito. Era uma visão que dava o que pensar.

“Mais uma para acrescentar à minha lista”, Cery pensou. “Junto com as ruínas dos muros da cidade, as longas filas de corpos que o Clã arranjou sobre o gramado na frente da Universidade, e o olhar que Sonea carregava no rosto quando Rothen finalmente a persuadiu a deixar o corpo de Akkarin.”

Ele estremeceu e se forçou a olhar para baixo de novo. Centenas de trabalhadores estavam realizando buscas entre os escombros. Algumas pessoas haviam sido encontradas vivas, enterradas nas extremidades da destruição. Era impossível saber quantos estavam se escondendo nas casas quando elas foram explodidas em pedacinhos. A maioria provavelmente estava morta.

Tudo por causa dele. Ele deveria ter prestado mais atenção aos avisos de Savara sobre o que aconteceria quando um ichani morresse. Mas estava preocupado demais em encontrar uma maneira de matar um mago para pensar sobre como seu povo poderia sobreviver às consequências.

— De novo aqui?

Braços se enrolaram em volta de sua cintura. Um aroma forte e familiar

preencheu-lhe os sentidos. Seu coração ficou leve por um instante, então começou a doer de novo.

— Você precisa ir? — ele sussurrou.

— Sim — Savara respondeu.

— Podíamos usar sua ajuda.

— Não. Você não precisa de mim. Com certeza não como uma maga sachakana. E você tem uma porção de voluntários para fazer trabalho que não envolve magia.

— Eu preciso de você.

Ela suspirou.

— Não, Cery. Você precisa de alguém em quem possa confiar, de maneira completa e incondicional. Eu nunca vou ser essa pessoa.

Ele concordou com a cabeça. Ela estava certa.

Mas isso não tornava a separação mais fácil.

Ela apertou os braços em volta dele.

— Vou sentir sua falta — ela acrescentou baixinho. — Se... se eu for bem-vinda, posso aparecer sempre que minhas obrigações me trouxerem para estes lados.

Ele se virou para encará-la e levantou uma sobrancelha como se estivesse refletindo a respeito.

— Eu ainda devo ter algumas garrafas de Anuren escuro.

Ela deu um sorriso largo e ele não pôde evitar se sentir melhor, mesmo que só por um instante. Desde a batalha final, ele havia experimentado um terrível sentimento de perda, e tentara impedi-la de partir. Mas Savara não se encaixava em Kyralia. Não agora. E ele estava deixando as exigências do seu coração sobrepujarem o bom senso. Era algo que um Ladrão nunca deveria fazer.

Colocando um dedo curvado embaixo do queixo dela, ele levantou-lhe a

cabeça e a beijou, lenta e firmemente. Então, recuou.

— Vá, então. Vá para casa. Não gosto de despedidas longas.

Ela sorriu e se virou para partir. Ele a observou andar tranquila até a escotilha no telhado, e depois descer para o teto abaixo. Quando ela partiu, ele se virou para encarar os trabalhadores de novo.

Muito havia mudado. Ele tinha que estar pronto para as consequências. Fragmentos de informações haviam chegado até ele, e ele provavelmente não era o único a perceber a que isso poderia levar. Se o Rei de fato pretendia acabar com a Purificação anual, haveria um motivo a menos para os Ladrões trabalharem juntos. E existiam rumores de certos negócios já sendo feitos entre os outros líderes do submundo.

Ele sorriu e aprumou os ombros. Havia se preparado para o dia em que o apoio de Akkarin se encerrasse. Negócios haviam sido feitos com pessoas úteis e poderosas. Riqueza havia sido armazenada e informações adquiridas. Sua posição era forte.

Logo ele descobriria se o era o suficiente.

A carruagem balançou suavemente sobre as molas. Lá fora, campos infindáveis e a ocasional casa de fazenda passavam devagar. Dentro, Dannyl e Tayend levantaram taças de vinho.

— Um drinque a Lorde Osen, que decidiu que você poderia servir melhor o Clã como Embaixador em Elyne — Tayend disse. — E por nos deixar viajar por terra.

— A Osen — Dannyl respondeu. Ele tomou um gole de vinho. — Você sabe que eu teria ficado se ele tivesse me pedido para isso.

Tayend sorriu.

— Sim, e eu teria ficado com você, mas estou feliz por não ter precisado. Os kyralianos são tão sufocantemente *conservadores*... — Ele trouxe a taça aos lábios, desviou o olhar e sua expressão ficou séria. — Ele é inteligente de

mandá-lo de volta, no entanto. Um monte de gente vai questionar a autoridade do Clã agora. Ele se mostrou mal preparado para guerra.

Dannyl riu.

— Só um pouco.

— Mais pessoas ficarão inclinadas a pensar como o Dem Marane. — Tayend disse. — Você vai precisar convencer essas pessoas que o Clã ainda está no controle, quando se trata de magia.

— Eu sei.

— E tem a questão da magia negra. Você vai ter que garantir às pessoas que o Clã não tem escolha senão aprendê-la de novo. Ah, as coisas podem ficar intensas nos próximos meses.

— Eu sei.

— Pode levar anos até. — Tayend sorriu. — Mas, é claro, não há motivo para você não poder permanecer em Elyne, uma vez que seu tempo como Embaixador esteja encerrado, não é?

— Não — Dannyl sorriu. — Osen me concedeu o cargo por um período indefinido

Tayend arregalou os olhos e sorriu.

— Ele fez isso? Que maravilha!

— Ele disse algo sobre Elyne combinar mais comigo do que Kyralia. E disse que eu não devia deixar preocupações com rumores me impedirem de apreciar e desfrutar de nossa amizade.

O acadêmico levantou as sobrancelhas.

— Ele disse isso mesmo? Você acha que ele sabe sobre nós?

— Eu também me pergunto. Ele não parecia desaprovar. Mas posso estar lendo mais nos comentários dele do que ele pretendia dizer. Ele acabou de perder um bom amigo e mentor — Dannyl hesitou. — Embora isso me faça perguntar quanto realmente iria mudar as coisas se as pessoas soubessem.

Tayend franziu a testa.

— Nem venha com ideias estúpidas quanto a isso. Se você contar ao Clã, e eles ficarem escandalizados e o mandarem para longe, eu ainda vou segui-lo. E, quando encontrá-lo, vou lhe dar um bom chute por você ser tão idiota. — Ele fez uma pausa, seguida de um sorriso. — Eu o amo, mas também amo o fato de você ser um mago importante do Clã.

Dannyl riu.

— Isso é bom. Eu posso mudar a parte de ser importante, e até a parte de ser do Clã, mas a parte de ser mago não é uma opção.

Tayend sorriu.

— Ah, duvido que algum dia vá mudar de ideia quanto a você. Acho que você vai ter que me aguentar por muito tempo.

Epílogo

A maga de túnica negra saiu pelos recém-reparados Portões do Norte. Como sempre, as pessoas pararam para encarar e as crianças gritaram seu nome e começaram a segui-la.

Rothen observou Sonea com atenção. Embora ele estivesse agindo como Acompanhante hoje, sua obrigação não causava preocupações. Ela não tinha parecido tão pálida assim desde que havia se trancado pela primeira vez nos quartos. Sentindo seu olhar, ela olhou para ele e sorriu. Ele relaxou um pouco. Como ele havia previsto, ela ganhara muito com o trabalho que tinha começado na favela. Um pouco de vida retornara aos seus olhos e dera algum propósito aos seus passos.

O hospital próximo dos portões havia sido construído em poucos meses. Ele havia esperado que fosse levar algum tempo para os favelados superarem sua raiva e desconfiança dos magos, mas uma multidão deles havia aparecido na inauguração, e todos os dias desde então.

Sonea era o motivo. Eles a amavam. Ela saíra do meio deles, tinha salvado a cidade e retornara à favela para ajudá-los.

Dorrien tinha estado ao seu lado desde o início. Seu conhecimento maior de cura fora essencial, e a experiência em conquistar a confiança de fazendeiros e silvicultores também o ajudara a obter a confiança dos favelados. Outros Curadores se juntaram a eles. Parecia que Sonea não era a única maga que acreditava que a cura não devia ser um serviço oferecido apenas para as Casas ricas.

Quando ela chegou ao hospital e entrou, Lorde Darlen veio cumprimentá-la.

— Como foi o turno da noite? — ela perguntou.

— Movimentado. — Ele deu um sorriso triste. — Mas quando não é? Ah, eu encontrei outra recruta potencial. Uma garota de quinze anos, chamada Kalia. Ela vai voltar mais tarde com o pai dela, se ele permitir que ela se junte a nós.

Sonea concordou com a cabeça.

— E os nossos suprimentos?

— Baixos, como sempre — Darlen respondeu. — Vou conversar com *Lady* Vinara quando voltarmos.

— Obrigado, Lorde Darlen — Sonea disse.

Darlen concordou com a cabeça e se dirigiu para a porta. Sonea fez uma pausa para observar a sala. Seguindo seu olhar, Rothen examinou a multidão de pacientes que esperava, o punhado de guardas que tinham sido empregados para tomar conta deles e os curandeiros que haviam sido contratados por seu conhecimento de medicina para lidar com casos menores. Sonea de repente respirou fundo e se virou para um guarda parado próximo.

— A mulher ali com a criança enrolada numa manta verde. Traga-a até mim em minha sala.

— Sim, minha *lady*.

Rothen começou a procurar pela mulher, mas Sonea já estava se afastando. Ele a seguiu até uma pequena sala mobiliada com uma mesa, uma cama e várias cadeiras. Ela se sentou e tamborilou os dedos na mesa. Rothen puxou uma cadeira ao lado dela.

— Você conhece essa mulher?

Ela olhou para ele.

— Sim. É... — Ela parou quando ouviu a batida na porta. — Entre.

Ele reconheceu a mulher instantaneamente. A tia de Sonea sorriu e tomou um assento no outro lado da mesa.

— Sonea. Eu estava esperando que fosse você.

— Jonna — Sonea respondeu, com um sorriso afetuoso... mas cansado, Rothen notou. — Eu queria vê-la, mas estive tão ocupada... Como está Ranel? Como estão meus primos?

Jonna olhou para o bebê.

— Hania está com uma febre terrível. Eu tentei de tudo...

Sonea colocou uma mão gentilmente na cabeça do bebê. Ela franziu a testa.

— Sim. Ela está com o começo da doença de máculas azuis. Eu posso dar uma ajuda a ela. — Ela ficou quieta por um instante. — Aqui. No entanto, temo que você vá ter que ter paciência e esperar passar. Dê a ela bastante líquido. Um pouco de suco de marin misturado também vai ajudar. — Sonea olhou para a tia. — Jonna, você iria... você iria morar comigo?

A mulher arregalou os olhos.

— Lamento, Sonea. Eu não posso.

Sonea abaixou os olhos.

— Sei que você não se sente confortável no meio de magos, mas... por favor, pense a respeito. Eu iria... — ela olhou para Rothen. — Eu acho que é hora de você saber também, Rothen. — Ela olhou para Jonna de novo. — Eu gostaria de ter alguém familiar e comum por perto. — Ela acenou com a cabeça para a criança. — Trocaria todos os Curadores do Clã só por seus conselhos práticos.

Jonna encarou Sonea, a expressão refletindo a confusão de Rothen. Sonea fez uma careta e colocou a mão sobre o estômago. Jonna arregalou os olhos.

— Oh.

— Sim — Sonea concordou com a cabeça. — Eu estou assustada, Jonna. Não planejei isso. Os Curadores vão cuidar de mim, mas não podem curar meu medo. Eu acho que você poderia.

Jonna franziu a testa.

— Você me disse que os magos têm suas próprias maneiras de cuidar dessas coisas.

Para o espanto de Rothen, Sonea ficou muito vermelha.

— Parece que é melhor se as mulheres fizerem... esse tipo de cuidado. Aparentemente, os homens só aprendem essa habilidade se pedirem — ela disse. — Garotas aprendizes são chamadas tão logo os Curadores sentem que elas vão

começar a mostrar interesse em garotos, mas eu era tão impopular que ninguém pensou em me ensinar. Akkarin — Sonea fez uma pausa e engoliu em seco — deve ter achado que eu tinha aprendido. E eu presumi que *ele* estava cuidando das coisas.

Quando a compreensão veio, Rothen encarou Sonea. Ele se descobriu contando os meses desde seu exílio. Três e meio, talvez quatro. A túnica esconderia bem...

Ela olhou para ele e fez uma careta, como a se desculpar.

— Eu lamento, Rothen. Eu ia lhe contar, num momento melhor, mas quando vi Jonna, tinha que tirar vantagem de...

Ambos pularam quando Jonna caiu na risada. Ela estava apontando para Rothen.

— Eu não vejo uma cara dessas desde que contei a Ranel que estava esperando nosso primeiro filho! Eu acho que esses magos não são tão espertos quanto dizem ser. — Ela sorriu para Sonea. — Você vai ter um bebê. Eu não posso imaginar uma criança crescendo bem da cabeça rodeada por magos.

Sonea deu um sorriso torto.

— Nem eu. Você vai repensar?

Jonna hesitou e então fez que sim uma vez com cabeça.

— Sim. Nós vamos ficar um tempo.

Guia de Lorde Dannyl para as gírias das favelas

Cagueta — alguém que trai os Ladrões.

Chapa — os mais próximos de um Ladrão ou aqueles em quem ele mais confia.

Cliente — pessoa que deve obrigações a um Ladrão ou que tem um acordo com ele.

Dinheiro de sangue — pagamento por assassinato.

Estilo — modo de realizar negócios.

Faca — assassino/assassino contratado.

Firmeza — alguém confiável.

Hai! — chamada de atenção ou expressão de surpresa ou interrogação.

Ladrão — líder de um grupo criminoso.

Mandar a letra — contar algo a alguém.

Mensageiro — gângster que entrega ou executa uma ameaça.

Mina de ouro — homem que prefere garotos.

Parada/lance — fato/situação.

Passado — perplexo/desorientado.

Penetra — espião, normalmente disfarçado.

Sacar — reconhecer/entender.

Trampo — trabalho.

Vacilão — alguém que se comporta de modo errado, frustrante.

Vazar — sair às pressas.

Vigia — colocado para observar algo ou alguém.

Visitante — assaltante.

Glossário

ANIMAIS

Anyi — mamífero marinho com espinhas curtas.

Ceryni — pequeno roedor.

Enka — animal doméstico cornudo, criado por causa de sua carne.

Eyoma — sanguessugas-do-mar.

Faren — termo geral para aracnídeos.

Gorin — grande animal doméstico usado como alimento e também para puxar barcos e carroças.

Harrel — pequeno animal doméstico criado por causa de sua carne.

Limek — cão selvagem e predador.

Mosca da seiva — inseto de florestas.

Mullock — ave selvagem noturna.

Rassook — ave doméstica usada como alimento. As penas também são aproveitadas.

Ravi — roedor maior que o ceryni.

Reber — animal doméstico criado por causa de sua lã e carne.

Sevli — lagarto venenoso.

Squimp — criatura parecida com o esquilo que rouba comida.

Traças aga — pestes que comem roupas.

Yeel — pequena raça domesticada de limek usada para rastrear.

Zill — mamífero pequeno e inteligente, às vezes criado como animal de estimação.

PLANTAS/COMIDA

Vinhas Anivope — planta sensível à projeção mental.

Bol — (também significa “escuma do rio”) bebida alcoólica forte feita a partir de tugors.

Brasi — vegetal de folhas verdes com pequenos brotos.

Chebol — molho de carne rico feito a partir de bol.

Crots — feijões grandes de cor púrpura.

Curem — especiaria macia e com sabor de nozes.

Curren — grão redondo com sabor robusto.

Dall — fruta comprida com polpa cor de laranja e cheia de sementes.

Gan-gan — arbusto florido de Lan.

Iker — droga estimulante, conhecida pelas propriedades afrodisíacas.

Jerras — feijões amarelos e compridos.

Kreppa — erva medicinal com cheiro desagradável.

Marin — fruto cítrico vermelho.

Monyo — bulbo.

Myk — droga que afeta a mente.

Nalar — raiz de sabor picante.

Nemmin — remédio indutor do sono.

Pachi — fruto doce e revigorante.

Papea — especiaria parecida com a pimenta.

Piorres — pequeno fruto em forma de sino.

Raka/suka — bebida estimulante feita a partir de grãos torrados, originalmente de Sachaka.

Shem — planta comestível semelhante ao junco.

Sumi — bebida amarga.

Telk — semente da qual se extrai um óleo.

Tenn — grão que pode ser cozinhado tal como é, quebrado em pedacinhos ou moído para fazer farinha.

Tugor — raiz parecida com a pastinaca.

Vare — bagas das quais a maior parte do vinho é produzida.

ROUPAS E ARMAMENTO

Incal — símbolo quadrado, não muito diferente de um brasão de família,

costurado na manga ou no punho.

Kebin — barra de ferro com gancho para apanhar a faca de um agressor, usada por guardas.

Casaco longo — casaco de comprimento até o joelho.

CASAS PÚBLICAS

Casas de banho — estabelecimento que vende instalações de banho e outros serviços de beleza.

Boleria — estabelecimento que vende bol e hospedagem de curto prazo.

Fábrica de fermentação — casa de bol.

Buraco — prédio construído de materiais catados na rua.

Hospedaria — edifício que aluga um quarto por família.

POVOS DE TERRAS ALIADAS

Elyne — o mais próximo de Kyralia em localização e cultura, desfruta de um clima mais ameno.

Kyralia — lar do Clã.

Lan — terra montanhosa povoada por tribos guerreiras.

Lonmar — terra deserta, lar da rígida religião Mahga.

Vin — nação insular conhecida pelos conhecimentos náuticos.

OUTROS TERMOS

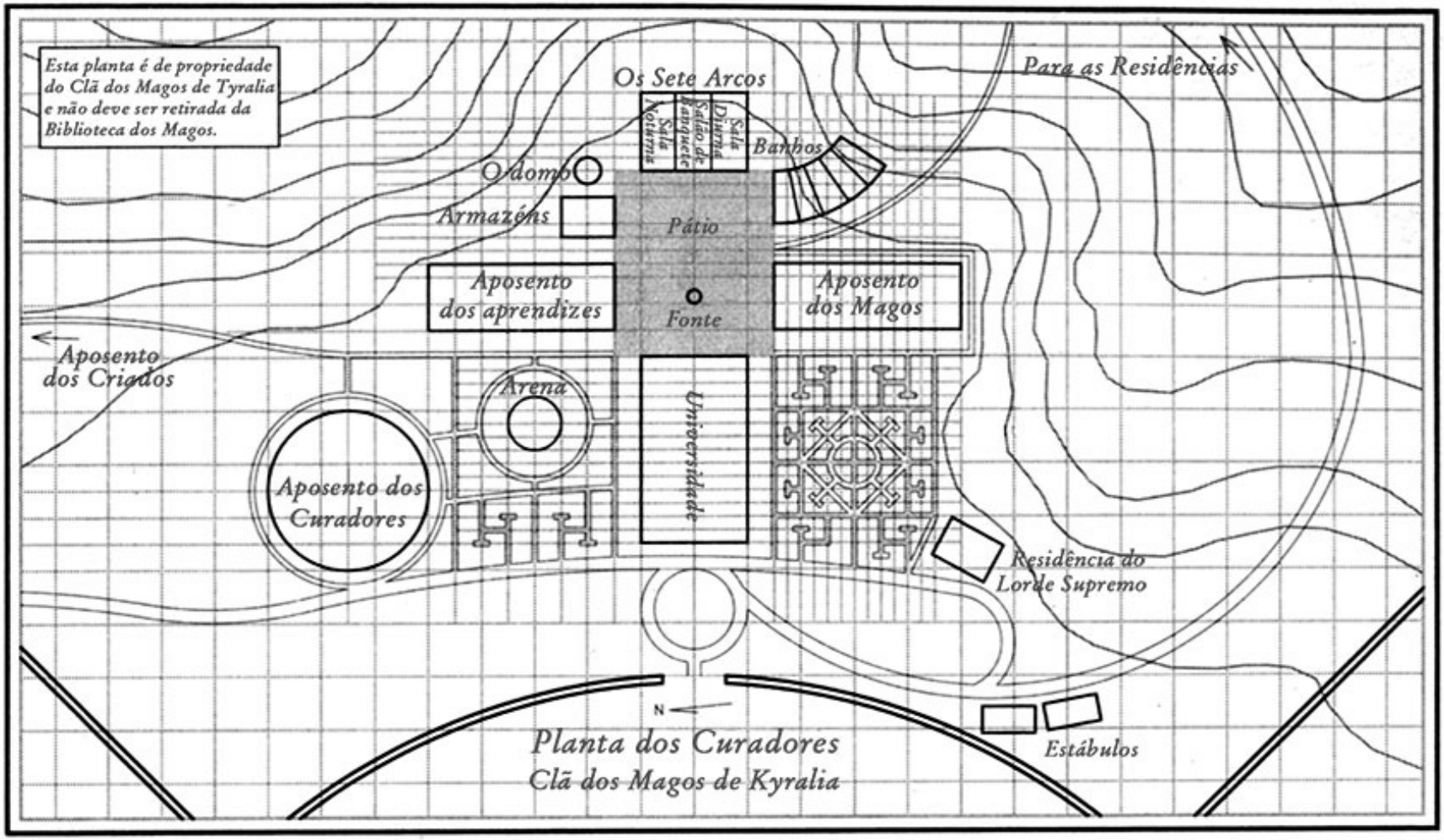
Cap — moedas enfileiradas em um espeto conforme o valor da próxima denominação mais elevada.

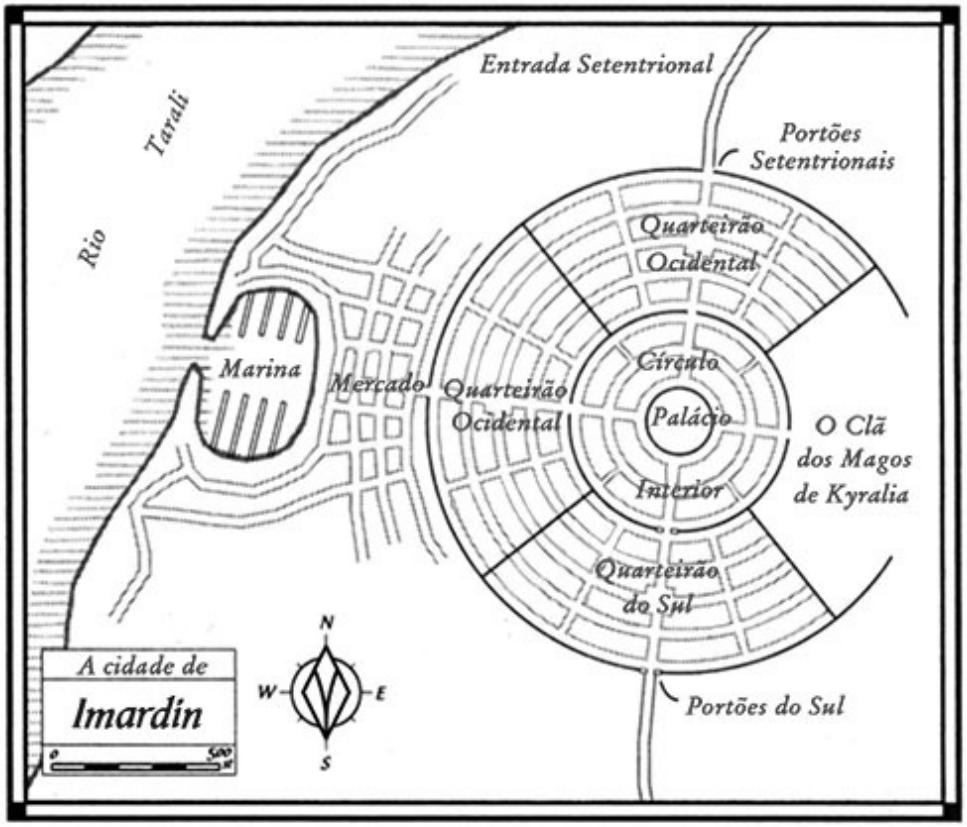
Festim da aurora — café da manhã.

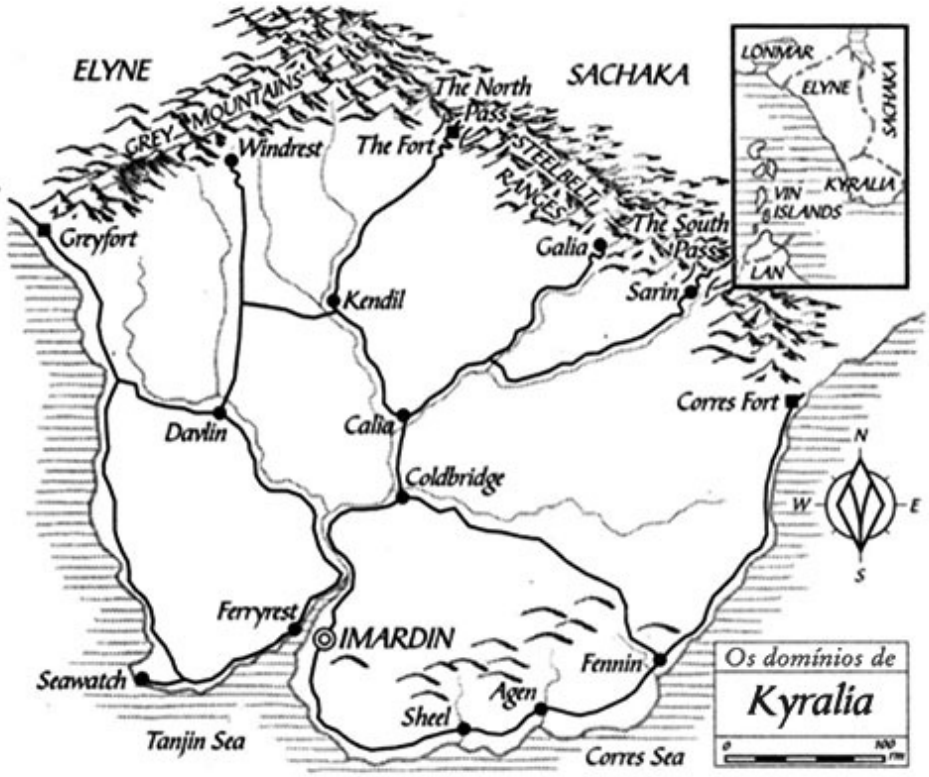
Pausa do meio-dia — almoço.

Esteiras simba — esteiras tecidas a partir de bambu.

MAPAS


Esta planta é de propriedade do Clã dos Magos de Tyralia e não deve ser retirada da Biblioteca dos Magos.
Os Sete Arcos
Sala Diurna
Salão de Banquete
Sala Noturna
Banhos
Para as Residências
Odomo
Armazéns
Pátio
Aposento dos aprendizes
Fonte
Aposento dos Magos
Aposento dos Criados
Arena
Aposento dos Curadores
Principal
Residência do Lorde Supremo
N
Planta dos Curadores
Clã dos Magos de Kyralia
Estábulos


Entrada Setentrional
Tarali
Rio
Portões Setentrionais
Quarteirão Ocidental
Círculo
Marina
Mercado
Quarteirão Ocidental
Palácio
O Clã dos Magos de Kyralia
Interior
Quarteirão do Sul
Portões do Sul
N
W
E
S
A cidade de
Imardin


ELYNE
SACHAKA
GREY MOUNTAINS
The North Pass
Windrest
The Fort
STEELBELT RANGES
The South Pass
Greyfort
Galia
Kendil
Sarin
Davlin
Calia
Coldbridge
Corres Fort
Ferryrest
IMARDIN
Fennin
Seawatch
Agen
Sheel
Tanjin Sea
Corres Sea
N
W
E
S
LONDMAR
ELYNE
SACHAKA
KYRALIA
VIN ISLANDS
LAN
Os domínios de
Kyralia

O Lorde Supremo

Quando a aprendiz supera o mestre, é apenas o começo de um grande embate.

TRUDI CANAVAN

A Trilogia do Mago Negro – Livro 3

Editora Novo Conceito